

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO

TIAGO WEIZENMANN

***“Sou, como sabem...”*: Karl von Koseritz e a imprensa em Porto Alegre no século XIX (1864-1890)**

Porto Alegre

2015

TIAGO WEIZENMANN

“Sou, como sabem...”: Karl von Koseritz e a imprensa em Porto Alegre no século XIX (1864-1890)

Tese apresentada como requisito para a obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. René Ernaini Gertz

Porto Alegre

2015

W415s Weizenmann, Tiago.
 “Sou, como sabem...” : Karl von Koseritz e a imprensa
 em Porto Alegre no século XIX (1864-1890) / Tiago
 Weizenmann. – Porto Alegre, 2015.
 369f. : il.

 Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências
 Humanas. Programa de Pós-Graduação em História,
 PUCRS.

 Orientação: Prof. Dr. René Ernaini Gertz.

 1. História – Porto Alegre – Século XIX. 2. Imprensa –
 Porto Alegre – Século XIX. 3. Koseritz, Carlos von. I.
 Título.

CDD 981.65

TIAGO WEIZENMANN

“Sou, como sabem...”: Karl von Koseritz e a imprensa em Porto Alegre no século XIX (1864-1890)

Tese apresentada como requisito para a obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. René Ernaini Gertz – Orientador

Prof. Dr. Marçal de Menezes Paredes – PUCRS

Profa. Dra. Rosane Marcia Neumann – UPF

Prof. Dr. Martin Norberto Dreher – UNISINOS

Prof. Dr. Marcos Antônio Witt – UNISINOS

Felix est non aliis qui videtur, sed sibi.
Aos meus pais, João Nélio e Maria Vera.
As minhas preciosidades, Sara e Jamile.

AGRADECIMENTO

Materializar algumas palavras, neste momento, torna-se indispensável para reafirmar o reconhecimento e o agradecimento a pessoas e a instituições que, de forma direta ou indireta, tem relação ao que se apresenta ao longo das páginas seguintes. Assim, pretendo deixar o registro, através desta manifestação.

Agradeço ao professor René Ernaini Gertz, que, desde o princípio, demonstrou interesse pela minha pesquisa. Como orientador, sempre dirigiu olhar especial para as minhas considerações e ponderações sobre a pesquisa, permitindo que eu a executasse com autonomia. A ele, expresso admiração pela sua inteligência e pelo seu profundo conhecimento sobre a história da imigração alemã no Brasil. Declarar-se orientando do professor Gertz tem valor insubstituível. Sobre a pesquisa, destaco, ainda, de forma pública, o nome do professor Martin Norberto Dreher, o primeiro a incentivar-me a realizar um estudo sobre a figura histórica de Karl von Koseritz. À memória da professora Núncia Santoro de Constantino, que me indicou sugestões no momento de qualificação da tese.

Igualmente, manifesto gratidão ao Programa de Pós-Graduação em História, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pela excelente qualidade de trabalho. Desde os funcionários, até os qualificados professores, o meu reconhecimento. Sem esquecer, também, dos colegas das disciplinas, com os quais tive valiosos momentos para refletir, pensar e descontraír.

Às instituições de ensino e às pessoas que dão vida à educação – aos colegas do Colégio Evangélico Alberto Torres, da Escola Irmã Branca e da Univates –, registro o meu obrigado especial. Da mesma forma, a todos os alunos que têm reforçado o significado que a docência representa para mim. Aos amigos, pela preocupação, pelo incentivo e pelo apoio. Manifesto agradecimento aos locais de pesquisa, e aos seus responsáveis e colaboradores.

Agradecimentos não seriam suficientes para expressar toda a gratidão a pessoas especiais. Mas o faço como demonstração de amor. À minha esposa, Jamile, pela presença incondicional, pela atenção e apoio, além de compreender minha ausência e minhas dificuldades. À minha filha, a pequena Sara, que recorrentemente consultava-me sobre o tal do “trabalho muito difícil”, que deixou seu pai por longas horas, de porta fechada, em um escritório. Ao meu pai João Nélio, ao seu exemplo, entusiasta da imigração alemã, que nunca negou acesso à educação a seus três filhos. Sei que o orgulha muito ver-me Doutor em História. À minha mãe Maria Vera, zelosa e afetuosa, seu olhar e sua atenção sempre confortantes. Meus irmãos André e Marina, com os quais compartilho os valores de berço. Obrigado, também, à Marcela, ao sobrinho Lucas, estendido aos queridos Heitor, Rosaura e Henrique.

Enfim, escrever esta tese não foi tarefa simples. Exigiu dedicação, empenho, compartilhamentos, alegrias, escolhas e renúncias. Qualificar-se, neste país, é um desafio. Combinar, ao mesmo tempo, sala de aula, pesquisa, e redação sistemática, exigiu disciplina. Sou grato pela concessão da bolsa, pela Fundação CAPES – Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –, que criou condições fundamentais de acesso aos estudos de doutoramento.

Após quatro anos, apresenta-se esta tese como resultado final de um trabalho que qualifica a minha visão como historiador. A todos que compartilharam esta história, obrigado!

Du sprachst ein großes Wort gelassen aus!
Tu articulaste com sumo sossego uma grande palavra!

Ifigênia entre os Tauros, Wolfgang Goethe

Figura 1: Karl von Koseritz



Fonte: DILLENBRUG, Sérgio Roberto. *Grandes nomes da comunicação*: Carlos von Koseritz. Porto Alegre: Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa/IEL/CORAG, 1998, p. 3.

RESUMO

Karl von Koseritz é um dos personagens mais importantes para a história da imprensa oitocentista do Rio Grande do Sul. Sua atuação, nesse contexto, revela a riqueza de um pensamento singular. Nesta tese, tem-se como propósito analisar e compreender as possibilidades criadas por Koseritz, a partir da atuação em diversos empreendimentos tipográficos de Porto Alegre, entre os anos de 1864 e 1890. O período entre sua chegada à Capital da província e sua morte configurou o momento de maior produção intelectual, enquanto jornais, álbuns ilustrados, folhas literário-científicas e almanaques constituíram os instrumentos fundamentais de divulgação das ideias de Koseritz. A partir da combinação entre o existir e o pensar, demonstram-se as múltiplas facetas do livre-pensador em relação à imprensa, e as frentes de atuação que assumiu como homem público, ligado aos interesses e às necessidades do elemento teuto-brasileiro, aos ideais do liberalismo, ao empenho pelo mundo das letras, das vanguardas literárias, da racionalidade filosófica e da cientificidade moderna. Da mesma forma, esse conjunto permite visualizar as interfaces e os itinerários políticos, sociais e culturais no Brasil, de uma das figuras mais influentes da segunda metade do século XIX.

Palavras-chave:

Karl von Koseritz. Imprensa. Século XIX. Porto Alegre.

ABSTRACT

Karl von Koseritz is, definitely, an outstanding and important person to the history of the nineteenth century press in Rio Grande do Sul. His performance, in this context, has shown the richness of his ideas and a unique way of thinking. The aim of this study is to analyze and fully understand the possibilities of Koseritz's successful typographic venture he brought up in Porto Alegre, from 1864 to 1890. The time of the greatest intellectual production happened after his arrival to the Capital of the province until his death. It was a period when newspaper, illustrated album, literary and scientific journal, and almanacs were the fundamental tools used to publicize Koseritz's ideas. At the moment existing and thinking were mixed together, it was possible to show the multifaceted characteristics of this free-thinker, concerning not only the press but everything he took on as a public man. He was always engaged in the interests and needs of the Teutonic-Brazilian component, the liberalism ideals, the commitment to the world of words, the literary vanguard, the philosophic rationality and the modern scientism. Therefore, it is possible to have a detailed view of the different features, as well as political, social and cultural itinerary in Brazil, of one of the most influent men in the second half of the nineteenth century.

Keywords:

Karl von Koseritz. The press. The nineteenth century. Porto Alegre.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Karl von Koseritz	8
Figura 2 – Ilustrações de Eduardo Antônio de Araújo Guerra	85
Figura 3 – Calungas de Eduardo Antônio de Araújo Guerra	102
Figura 4 – Imagem do Imperador D. Pedro II	175
Figura 5 – Anúncio de propaganda do livro <i>Bilder aus Brasilien</i>	219
Figura 6 – Cabeçalho da folha humorística <i>A Lanterna</i>	285

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A ERA KOSERITZ	25
1.1 O desafio biográfico: a vida de Karl von Koseritz no Brasil	30
1.2 Koseritz, um pensamento original	47
2 ATUAÇÃO DE KOSERITZ NA IMPRENSA DE PORTO ALEGRE (1864-1890)..	50
2.1 A imprensa no Rio Grande do Sul	50
2.2 Atuação de Koseritz na imprensa porto-alegrense	61
2.3 A imprensa de língua alemã	71
2.4 A imprensa de língua portuguesa	93
3 KOSERITZ, IMPRENSA E INTELECTUALIDADE: CENÁRIOS DO BRASIL ...	105
3.1 A questão étnica	105
3.2 O engajamento político	138
3.3 Leituras do Brasil	180
4 PENSAMENTO CRÍTICO E ORIGINAL	223
4.1 Por uma cultura livre: maçonaria, anticlericalismo e <i>Kulturkampf</i>	223
4.2 Movimento literário no Rio Grande do Sul	255
4.3 A cientificidade no século XIX	281
4.4 A repercussão da morte de Koseritz na imprensa	328
CONCLUSÃO	342
REFERÊNCIAS	352
FONTES DOCUMENTAIS	367

INTRODUÇÃO

*E, pois, embora o diário lidar da imprensa periódica
me tenha gasto a imaginação, tenha cortado as asas
à minha fantasia, embora a realidade da vida material
tenha, uma por uma, destruído as minhas ilusões
poéticas da primeira juventude, em que
me extasiava a vista de verdejante prado, de argênteo
riacho, o doce trinar do rouxinol;
embora esse santo tempo de enlevos poéticos
já vá longe, digo, ainda me fala à alma a
majestade do oceano e, onde a doce poesia
já não acha eco, o ribombar da tempestade
ainda desperta simpatias,
ainda me inspira.*

Karl von Koseritz¹

Ao chegar ao Brasil e fixar aqui sua nova morada, no ano de 1851, Karl von Koseritz não esperava que sua trajetória de vida fosse tão revolta quanto o mar que havia atravessado. Jovem na época, aprendeu o idioma da pátria que o acolheu, conheceu e passou a compartilhar os hábitos culturais dos habitantes locais, adaptou-se a novos círculos sociais, formou família, engajou-se política e intelectualmente, polemizou, articulou, disputou. Continuou a preservar a cultura de sua terra natal, sem deixar de mostrar lealdade ao Brasil.

Parafraseando Marc Bloch, Koseritz deixou suas marcas no tempo. Voz imponente, esbravejante e polêmica. Em 1890, o homem de sessenta anos lamentava afastar-se da luta que o motivara a não se calar frente aos opositores. Diante de um cenário político instável, abriu mão do seu dever como cidadão, para proteger sua família. Negava abandonar, definitivamente, o posto de combate, embora a conjuntura assim o exigisse, mas comprometia-se a retomá-lo

¹ Trecho da obra de Karl von Koseritz. *Um drama no mar*, de 1862. Cf. VAZ, Artur Emílio Alarcon; MELLO, Juliane Cardozo de. *Carlos von Koseritz*. Novelas. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Corag, 2013.

prontamente, logo que as circunstâncias o permitissem. Não pôde, no entanto, fazê-lo. Um dos mais importantes intelectuais da província silenciava, em maio de 1890, vitimado por um ataque cardíaco, momentos depois de deixar escritas suas últimas palavras. Sua morte repentina fez calar uma das vozes oitocentistas mais ativas do século do Rio Grande do Sul.

As disputas, para alguns opositores, não terminariam com sua morte. Parte delas continuava a existir, e sua memória, minimizada, deveria restringir-se à lembrança de uma simples existência, por mais importante que fossem os seus legados. A história fez seu trabalho. Embora citado até os dias de hoje, pelo engajamento que promoveu a favor do elemento teuto-brasileiro, pela sua luta na imprensa e no campo de atuação da política provincial, grande parte de sua obra, de seu pensamento, e de sua atuação como intelectual do século XIX permanecem pouco estudados.

* * *

Cabe a pergunta: por que Karl von Koseritz? Qual o valor histórico que se pode atribuir à vida de uma pessoa, ao ato de escrever sobre sua vida? Em poucas palavras, apropriando-se das considerações de François Dosse, podemos afirmar que Karl von Koseritz foi único e excepcional.² Dessa forma, resgatar e escrever sobre sua importância para a imprensa oitocentista, aliado à sua grande produção, é determinar, ao mesmo tempo, o seu trajeto intelectual, procurando combinar a dimensão racional e a dimensão existencial presentes em seu tempo – o século XIX.

Fazê-lo compreender é, certamente, uma tarefa difícil, que, desde o princípio, mobiliza, em diferentes graus e escalas, frentes de pesquisa variadas. Analisá-lo, historicamente, como objeto de estudo, não é colocar o historiador como detentor de uma chave de interpretação, mas sim confrontar-se sistematicamente com uma complexidade que encontramos no indivíduo Karl von Koseritz. Ao tomar essa postura, poderemos reconhecer que as casualidades na história não funcionam, pois elas são redutoras e empobrecedoras. A escrita da história de Karl von Koseritz na imprensa gaúcha, portanto, responderá a grande parte das questões que poderão ser levantadas ao longo desta tese, propondo-se a encontrar a pluralidade de pontos de vista ligadas à sua existência e ao seu pensamento.

² DOSSE, François. *O desafio biográfico*. Escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 371.

O nome de Koseritz tem um peso inquestionável para o século XIX. José Fernando Carneiro chegou a mencionar certo paralelismo entre as vidas de Karl von Koseritz, no Brasil, e Karl Schurz, nos Estados Unidos.³ Schurz engajou-se pelas propostas liberais nos movimentos revolucionários de 1848, na cidade de Bonn, antiga Prússia, migrando, após o fracasso das agitações sociais, para a América do Norte. Ao longo do tempo, dedicou-se à imprensa dos Estados Unidos, engajando-se em questões políticas que o tornaram o primeiro alemão naturalizado americano a assumir o cargo de senador do país. Como demonstraremos ao longo das páginas seguintes, entre Koseritz e Schurz existem, certamente, algumas aproximações e alguns paralelismos, que ocorrem, por exemplo, pela importante atuação política do elemento germânico que ambos desempenharam nos países que os abrigaram, bem como pelo envolvimento com a imprensa local. Além dos pontos comuns, por outro lado, poderíamos destacar considerações que os afastam, dadas as especificidades locais de cada região, o que envolveria um estudo pontual, e mais minucioso.

Diante da riqueza desenhada pelas conjunturas históricas, a respeito de Koseritz, abriram-se as possibilidades para revisitar uma história dita “esquecida”, ou que, pelo menos, merece mais apontamentos por parte dos estudiosos, ligados à história da imigração. Por outro lado, observações como a do historiador René Gertz⁴ na apresentação à coletânea de textos produzidos pelo teuto-brasileiro, continuam a reforçar a ausência de um estudo biográfico alimentado por novas teorias do campo historiográfico. Tudo isso se constituiu como motivação para propor esse estudo, dirigido à atuação desse personagem histórico, em relação direta com a imprensa do Dezenove brasileiro. Trata-se, portanto, de um recorte temático específico, interessado em demonstrar as relações que se estabelecem, a partir das oficinas tipográficas de Porto Alegre, com os diferentes espaços sociais, fossem eles políticos, étnicos ou de conotação cultural. Nesses ambientes, pode-se encontrar Karl von Koseritz, um expoente da imprensa gaúcha. Sem a pretensão de recuperar a dimensão global para a construção de uma biografia, a presente tese tem como objetivo revelar questões fundamentais sobre seu pensamento, sua originalidade, seus limites, e seus mais diversos engajamentos. Dessa forma, será possível apresentar novas considerações a seu respeito, especialmente aquelas que se encontram em escritos de jornais, em almanaques, em álbuns humorísticos e em

³ CARNEIRO, José Fernando. *Karl von Koseritz*. Porto Alegre: IEL, 1959, p. 55.

⁴ GERTZ, René Ernaini (org.). *Karl von Koseritz*. Seleção de Textos. Porto Alegre: Edipucrs, 1999, p. 16.

folhas científico-literárias. Enfim, a maneira de compreendê-lo e reconhecer a importância desse intelectual se faz, necessariamente, pela sua passagem na imprensa. É nela que se materializaram as dimensões que o tornam uma das figuras históricas mais interessantes do seu período, indicando, inclusive, uma efervescência cultural ainda pouco conhecida no Rio Grande do Sul.

Por fim, a definição temporal dessa tese, que propõe o intervalo entre 1864 e 1890, relaciona-se, sobretudo, ao período do intelectual em Porto Alegre. Dessa forma, a chegada de Koseritz à Capital da província, na segunda metade do século XIX, coincide com a presença expressiva de teutos, se comparada ao núcleo de São Leopoldo, comprovada pela formação de grupos socialmente enriquecidos, através da produção manufatureira ou da atividade comercial, assim como um segmento médio diversificado, numericamente importante, e visível no cotidiano da cidade.⁵ Magda Gans faz um balanço dessa presença alemã em Porto Alegre, demonstrando dados demográficos de uma população distribuída em diferentes espaços urbanos, em níveis sociais distintos, e presente em vários espaços de produção de capital e do mercado de trabalho. De maneira geral, a historiadora aponta para um bom padrão de vida para a maioria dos alemães fixados em Porto Alegre, sendo eles atores importantes da transformação da paisagem urbana, e fazendo-se presentes em vários espaços da cidade, como no Caminho Novo [Rua Voluntários da Pátria], na Rua Sete de Setembro, na Rua da Praia, na Rua General Silva Tavares [Rua Marechal Floriano], no Beco Rosário [Avenida Otávio Rocha], na Rua Santa Catarina [Rua Dr. Flores], Rua Senhor dos Passos, entre outros. É dentro desse contexto que Gans reconhece a construção de limites étnicos pelos teutos de Porto Alegre, valendo-se de discursos intelectuais, como os que foram feitos por Koseritz, para a construção da identidade teuto-brasileira “em meio à constelação de diferentes discursos que buscavam interpelar aquela comunidade”.⁶ Nesse sentido, valem as considerações de Rosane Marcia Neumann, ao reforçar que a imprensa, juntamente com a Escola e a Igreja, tornaram-se elementos para preservar a germanidade, entre imigrantes e descendentes.⁷

⁵ GANS, Magda Roswita. *Presença Teuta em Porto Alegre no Século XIX (1850-1889)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 21-94.

⁶ GANS, *Presença Teuta em Porto Alegre...*, op. cit., p. 132.

⁷ NEUMANN, Rosane Marcia. Correio Serrano: órgão dos interesses regionais. In: DREHER, Martin Norberto; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo. *Imigração & Imprensa*. Porto Alegre: EST / São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004, p. 190.

Se há um discurso voltado para a comunidade étnica, haverá, no entanto, uma ligação estreita de Koseritz com o grupo luso-brasileiro, construindo relações sociais por meio da imprensa, da política e dos movimentos culturais presentes na Capital gaúcha. Desse modo, a receptividade a suas ideias ocorreu, também, de maneira muito expressiva pela elite nativa, reconhecendo em Koseritz um expoente importante para os quadros da erudição local.

Como se fará ver, a vinda de Koseritz à Capital da província, em 1864, proporcionou impactos significativos para a imprensa de língua alemã e portuguesa, experimentados, também, ao longo das décadas seguintes. Tornou-se uma figura pública, conhecida pela grande maioria de sua comunidade étnica, bem como pelos patrícios de sua segunda pátria.

José Fernando Carneiro nomeia o período como a “era Koseritz”, indicando que se trata do período de maior riqueza e pluralidade, se levarmos em consideração toda a sua produção no Brasil, desde sua chegada ao Brasil, em 1851.⁸ De fato, como se demonstrará ao longo dos capítulos desta tese, a obra de Koseritz, para o período em questão, é, surpreendentemente, copiosa. Ela permite, como já dissemos, encontrar as múltiplas facetas desse pensador-livre, que se ocupou em apresentar uma posição e uma atitude totalmente distantes das correntes confessionais que predominavam nos quadros da imigração alemã para a província. Dessa forma, não foram poucas as resistências que alimentou ao falar sobre postulados cientificistas, em total oposição aos dogmas religiosos dominantes. Sem esquecer, ainda, da dimensão política, onde se fez ouvir em prol dos interesses e das necessidades do elemento teuto-brasileiro, ao mesmo tempo em que se dedicou a analisar os problemas e a propor alternativas que pudessem potencializar as capacidades da província e do país. Não menos importante é sua contribuição para o campo da ciência, da literatura, finalmente, da manifestação letrada e erudita, de ruptura e construção de visões de mundo. Esse espaço temporal delimita os ambientes em que Koseritz se fez presente, sem esquecer-se das mobilizações sociais ali presentes, que atuaram para definir os parâmetros de sua relevância nos diferentes campos de atuação. Assim, será possível enxergar as condições que proporcionaram a formação de redes políticas e culturais, de interfaces de trocas e diálogos, e de aproximações e rupturas presentes ao longo das décadas de 1860,

⁸ CARNEIRO, José Fernando. *Karl von Koseritz...*, op. cit., p. 55.

1870 e 1880. A apreensão desse universo dar-se-á pela análise, interpretação e compreensão de diferentes periódicos, sobretudo, a partir dos materiais produzidos por Koseritz. Em diferentes momentos, será possível confrontar alguns de seus textos com outros impressos, permitindo discutir os alcances do seu pensamento.

* * *

François Dosse citou, em entrevista sobre a publicação de sua obra *O desafio biográfico*, que o historiador é transportado por uma espécie de empatia ao indivíduo que se torna objeto de estudo. Para tanto, segundo ele, somos levados a reconhecer o outro, não apenas pelo percurso intelectual que por ele foi traçado, mas, também, pelos afetos que desenvolvemos em relação a ele. Sem perder de vista a imparcialidade que a escrita histórica exige para a ciência que ela se propõe a fazer, escolher Karl von Koseritz e na relação com a imprensa de Porto Alegre é reconhecer alguns de seus pontos de vista, seus posicionamentos, e suas polêmicas, identificados através das consultas às fontes primárias dos arquivos, às leituras de seus textos, à tradução de alguns de seus escritos, à reconstrução de seus percursos sociais, políticos e intelectuais.⁹ Como destaca Carlo Ginzburg, o ponto de vista que se constrói sobre o real, “além de ser intrinsecamente seletivo e parcial, depende das relações de força que condicionam, por meio da possibilidade de acesso à documentação, a imagem total que uma sociedade deixa de si”.¹⁰ Dessa forma, identificar comportamentos e reações demonstradas por Koseritz, por meio de periódicos do século XIX, é colocar em evidência as características dos principais personagens históricos do seu tempo, das discussões, tensões e dos dilemas que mobilizaram a sociedade. Além disso, é importante considerar o papel desempenhado por uma imprensa considerada doutrinária, diante dos círculos leitores, por exemplo, que se formam a partir de um jornal.

Nesse sentido, a interpretação e a compreensão das fontes primárias operam de maneira distinta daquela que foi realizada por leitores do século XIX. Ao historiador, diante dos documentos históricos, interessam as leituras intensivas, concentradas em indicadores que podem ser capazes de oferecer qualidade na

⁹ As traduções, quando não indicada outra procedência, foram construídas livremente pelo autor deste trabalho, preservando o sentido mais próximo das ideias presentes nos textos redigidos em língua alemã.

¹⁰ GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 43.

análise.¹¹ Destarte, a apreciação minuciosa das fontes de imprensa deve considerar as condições de produção de artigos e notícias, incluindo a dimensão da subjetividade.¹² A partir dessa perspectiva, as palavras utilizadas por Koseritz, para descrever sua realidade, carregavam sentidos de intencionalidade. Dito isso, torna-se evidente reconhecer que sua imprensa refletiu o complexo campo político ideológico. Essa constatação requer que se façam, fundamentalmente, observações importantes para traçar as principais características das oficinas tipográficas onde Koseritz esteve presente, e que produziram centenas de páginas impressas, ao longo de quase três décadas.¹³

Apreciar essas condições possibilita produzir uma compreensão capaz de demonstrar nuances de um olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito.¹⁴ Portanto, é preciso levar em consideração que nos textos de imprensa encontram-se materializados e cristalizados conflitos históricos, sociais e culturais. É na formação discursiva que se localizam condicionantes e elementos de um pensamento, percebendo, ao mesmo tempo, a intencionalidade presente na utilização de palavras, expressões e frases.¹⁵

Por outro lado, não se deve perder de vista as especificidades de recepção, embora não seja esse o objetivo dessa tese. Uma vez que os textos de Koseritz eram dirigidos a pessoas situadas em contextos-históricos próprios, pelo meio de comunicação mais importante do século XIX.¹⁶ Nesse sentido, conforme Thompson, “essas pessoas veem as mensagens dos meios com graus diferenciados de concentração, interpretam-nas ativamente e dão-lhes sentido subjetivo, relacionando-as a outros aspectos de suas vidas”.¹⁷

A partir das fontes documentais consultadas, foi possível pontuar a relação que se estabeleceu entre Koseritz e a imprensa. Essa ideia vai ao encontro das proposições levantadas por Jean François Sirinelli acerca da revista como fonte

¹¹ ELMIR, Cláudio Pereira. Armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos PPG em História da UFRGS*. Porto Alegre, n. 13, dez., p. 21-22, 1995.

¹² DALMÁZ, Mateus. *A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1939-1945)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 11-20.

¹³ Idem, ibidem.

¹⁴ MANGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes/Ed. da UNICAMP, 1993, p. 11.

¹⁵ Idem, p. 22.

¹⁶ O sentido da expressão dos meios de comunicação de massa, segundo Thompson, não deve ser considerado em termos estritamente quantitativos, mas sim, à disposição de uma pluralidade de receptores. THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 287.

¹⁷ THOMPSON, *Ideologia e cultura moderna*..., op. cit., p. 287.

histórica, estendida a outros meios impressos, inclusive aos jornais, como espaço de fermentação intelectual e ponto de encontro de itinerários individuais em torno de um credo comum.¹⁸ Assim, será possível entender que a imprensa de Porto Alegre, nos anos entre 1864 a 1890, possibilitou que movimentos intelectuais regionais, nacionais e internacionais estabelecessem pontos de contato, aproximando ideias, produções e pessoas. No interior desse processo, Koseritz teve um papel importante, como se compreenderá a partir da presença de arranjos culturais, como o *Partenon Literário*, a *Escola do Recife*, e os movimentos cientificistas europeus do século XIX.

A identificação dos traços característicos da obra de Koseritz, e da reconstrução das dinâmicas do seu tempo, foi possível a partir da composição de um corpus documental bastante diversificado, formado, especialmente, por periódicos de língua vernácula e de língua alemã.¹⁹ O acesso às fontes primárias ocorreu através da consulta a diferentes arquivos, que continuam a preservar importantes acervos de imprensa do século XIX. A maior parte da produção tipográfica, ligada ao nome de Koseritz, encontra-se, atualmente, em dois ambientes de conservação histórica de Porto Alegre, como o Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa – para a imprensa de língua portuguesa –, e o Acervo Benno Mentz, localizado no Espaço de Documentação e Memória Cultural *Delfos*, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Neste último, é possível encontrar uma série de coleções documentais, bem como algumas das produções periodistas, em língua alemã, mais importantes de Porto Alegre – *Deutsche Zeitung*, *Koseritz' Deutscher Volkskalender* e *Koseritz' Deutsche Zeitung*. A respeito da imprensa, é importante assinalar que os escritos de Koseritz encontram-se dispersos em uma quantidade muito grande de jornais, almanaques, álbuns ilustrados e livros, o que confirma, num primeiro momento, uma produção única e de grande valor cultural.

A consulta a diversas fontes de pesquisa teve como resultado o levantamento de uma grande quantidade de materiais impressos. Essa numerosa coleção, formada por inúmeros textos e diferentes temas, foi essencial para que se

¹⁸ SIRINELLI apud LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanesi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 140.

¹⁹ Não foi possível localizar um arquivo pessoal de Karl von Koseritz. Alguns familiares, com os quais pude ter contato, desconhecem qualquer informação a respeito. Nos diferentes arquivos do Rio Grande do Sul, especialmente em Porto Alegre, não há indícios sobre tais materiais.

definissem as abordagens presentes para esta investigação. Sem ter a pretensão de esgotar, definitivamente, as possibilidades de estudo que a partir desses escritos se pode realizar, a seleção e a escolha de fontes primárias, em detrimento de outras, foi imprescindível para que se delimitassem o recorte temporal e alguns temas de sua pauta para a imprensa da província do Rio Grande do Sul.

Nesse sentido, as fontes primárias utilizadas para a presente tese correspondem ao propósito levantado por Carlo Ginzburg, no sentido de apresentar as chamadas “zonas privilegiadas”, onde se encontram sinais e indícios, que criam condições para decifrar a realidade, da qual também Koseritz foi um agente histórico.²⁰ Além disso, a proposta interpretativa sobre os resíduos e os dados marginais em seus artigos demonstra elementos reveladores. Alguns textos de Koseritz, em seus aspectos pormenores, aparentemente considerados sem importância, permitem apresentar a chave de acesso aos “produtos mais elevados do espírito humano”, como os que estão presentes no intelectual teuto-brasileiro.²¹ Dessa maneira, o conhecimento histórico indireto, indiciário e conjectural, como presente nesse trabalho, preocupa-se com o controle qualitativo e minucioso, capaz de revelar “uma realidade talvez ínfima, para descobrir pistas de eventos não diretamente experimentáveis pelo observador”.²² Segundo Ginzburg, esses procedimentos condizem a disciplinas, sobretudo, qualitativas, “que têm por objetivo casos, situações e documentos individuais, enquanto individuais, e justamente por isso alcançam resultados que têm uma margem ineliminável de casualidade”.²³ A distinção da individualidade de Koseritz para a imprensa do século XIX, pela abordagem qualitativa e individualizante, permitirá destacar sua importância para o contexto, bem como demonstrar as dinâmicas, as relações, os interesses e as negociações presentes na complexa teia cultural, social e política oitocentista.

Portanto, retrazar a história de Koseritz na imprensa é também reencontrá-lo nas diversas questões que se tornaram o trunfo dos embates da segunda metade do século XIX. Em alguns casos, poderão não existir respostas, mas, unicamente, hipóteses, conciliando suas convicções, como livre-pensador, e os modelos interpretativos voltados à compreensão da política, da sociedade, das artes e das ciências. A identidade de Koseritz, no universo da imprensa encontra-se

²⁰ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*: morfologia e história. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 177.

²¹ Idem, p. 149-150.

²² GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*..., op. cit., p. 152-153; 156-157; 171.

²³ Idem, p. 156.

confrontada com a travessia do tempo, e sofre nesse percurso alterações múltiplas que suscitam uma incessante alteração das linhas segundo ritmos não lineares, a partir de quebras temporais, de fenômenos tardios e de um futuro do passado que ultrapassa os limites biológicos da finitude da existência.²⁴

* * *

A presente tese a respeito da figura de Karl von Koseritz, e sua relação com a imprensa do século XIX, em especial, ao período compreendido entre os anos de 1864 e 1890, encontra-se dividida em quatro capítulos. Para cada um dos tópicos, definiu-se um eixo temático, que abordará as especificidades de sua atuação e de seu pensamento, presentes em periódicos produzidos em Porto Alegre, levando em conta sua apresentação como homem público, ligado aos interesses e às necessidades do elemento teuto-brasileiro, e ao empenho pelo mundo das letras, das vanguardas literárias e da cientificidade moderna.

Dessa forma, o primeiro capítulo irá traçar algumas considerações mais amplas sobre a vida de Koseritz, o *Brummer* que se estabeleceu no Brasil a partir do ano de 1851. A partir de uma breve exposição biográfica, pretende-se dar conta das marcas temporais e dos espaços sociais ao longo das décadas, e contextualizar sua chegada, em 1864, à capital da província gaúcha, bem como as repercussões que se fazem sentir a partir desse momento, ao desenvolver um pensamento tido como original. A partir dessa discussão, é possível propor reflexões iniciais sobre a combinação entre o existir e o pensar para o caso de Koseritz, demonstrando sua capacidade como livre-pensador, voltada a correntes de pensamento típicas do século XIX, como foi o caso do liberalismo.

No segundo capítulo, circunstanciada pelo recorte temporal e espacial, encontra-se a perspectiva sobre o contexto da imprensa gaúcha. Nesse quadro, marcado por condicionantes e características singulares, serão analisados aspectos gerais da ligação de Koseritz com os prelos tipográficos do período, fossem eles responsáveis pela produção noticiosa em língua portuguesa ou alemã, locais, nacionais ou estrangeiros. A partir dessas primeiras proposições, será possível compreender a importância do papel que jornais e outras folhas exerceram para a divulgação do programa de ideias e de concepções, materializadas nas páginas

²⁴ DOSSE, *O desafio biográfico*..., op. cit., p. 377-378; 407.

produzidas por redatores e tipografias de Porto Alegre. Da mesma maneira, será possível visualizar a riqueza da imprensa oitocentista, através das suas mais diversas formas de manifestação, incluindo almanaques, revistas, jornais, álbuns humorísticos, folhetos, etc. Além disso, alguns sucessos editoriais na imprensa de Koseritz deram origem a livros, com destaque para as análises econômicas, aos relatos de viagem, e aos estudos voltados ao livre-pensamento.

O pensamento intelectual de Koseritz, para os diferentes campos de atuação, faz-se redescobrir pelas páginas dos periódicos em que teve participação. Assim, o terceiro capítulo encontra-se dividido em três eixos temáticos – a questão étnica, o engajamento político e as leituras do Brasil. Com base na expressiva quantidade de notícias e artigos editoriais, que pode ser reunida para cada um dos tópicos, foi possível propor categorias de análise mais abrangentes, que sustentam, em grande parte, o pensamento e a obra de Koseritz na imprensa. Nesse momento, será possível enxergar a imagem do homem político, construindo discursos que contribuíram para a constituição de uma identidade teuto-brasileira, reivindicando uma crescente inserção do imigrante teuto e de seus descendentes, no cenário político do Império, sem perder, contudo, os laços culturais com a pátria europeia. A reivindicação pelo exercício pleno da cidadania para os teuto-brasileiros é, também, acompanhada pelo olhar atento que Koseritz empreendeu sobre o país, demarcando entraves e problemas que comprometiam o seu desenvolvimento, bem como as inúmeras potencialidades de um país ainda muito jovem. Seus registros na imprensa permitem observar, igualmente, as transformações e as agitações que ocorriam no campo político, econômico e social brasileiros, em especial, movimentos como o republicanismo e o abolicionismo.

O quarto capítulo estará atento às dinâmicas culturais do período, centrado, mais uma vez, na perspectiva intelectual de Koseritz. Além do habilidoso personagem político que demonstrou ser, seu mérito reside, também, na expressão de um pensamento crítico e radical, para um período em que se construíram rupturas e mudanças ideológicas. Essas questões estiveram presentes em diferentes ambientes, como em lojas maçônicas, em sociedades literárias, em interfaces filosóficas e científicas de alguns movimentos. Foram divulgadas e reproduzidas, sistematicamente, pelas tipografias, que se encarregavam de difundir novas concepções, acerca da natureza, dos seres humanos, e do mundo. Como se poderá constatar, a estreita relação entre imprensa e a atuação de Koseritz criaram

condições para que ele se tornasse uma das figuras intelectuais mais proeminentes do seu tempo.

Por fim, a repercussão da morte de Koseritz, em 1890, será analisada pelos registros deixados na imprensa, como notas, textos e artigos, publicados em diferentes jornais do Rio Grande do Sul e do Brasil. O exame sobre as reações e os impactos provocados imediatamente após seu falecimento, permitirão indicar, entre outras coisas, algumas impressões deixadas por aliados e opositores, naquilo que diz respeito a sua imagem e a sua representação social.

Por conseguinte, a presente tese pretende contribuir para uma reescrita acerca de Karl von Koseritz, e da importante relação que estabeleceu com a imprensa oitocentista. Como bem lembra François Dosse, o existir e o pensar de um personagem histórico devem ser retomados de maneira paralela, sintonizados em seus respectivos recortes. Tal procedimento não oferece uma harmonização linear entre a obra e a vida. Ele pode estar associado, ao mesmo tempo, às discordâncias, às “zonas de opacidade ou de escapatória, pela escrita e pensamento, da vida real”. Enfim, resgatar a imprensa para o caso de Karl von Koseritz é começar pela observação e a descrição do vínculo com o mundo real. É ingressar na estrutura “endógena da obra com tudo quanto ela ostenta de símbolos e ideias, mas também resgatar aquilo que o texto evoca a fim de magnificar ou combater o mundo social externo”.²⁵

“Por hora é a imprensa a nossa arena [...]”.²⁶

²⁵ DOSSE, *O desafio biográfico...*, op. cit., p. 369-370.

²⁶ *Gazeta de Porto Alegre*, 4/3/1879.

1 A ERA KOSERITZ

A partir de um inventário historiográfico, pode-se constatar que, ao longo do século XX, alguns estudiosos já se ocuparam com a tarefa de escrever sobre Karl von Koseritz. Todos eles preocupados em resgatar a importante personalidade que foi este *Brummer*. Segundo Imgart Grützmann²⁷ os estudos a seu respeito podem ser reunidos em duas vertentes distintas. Uma delas relacionada à combinação da vida de Koseritz ao papel de líder dos teuto-brasileiros e suas repercussões para os diferentes campos sociais. Muitos desses trabalhos tornaram-se referência para pesquisas posteriores, aspecto no qual reside o mérito dessa produção. Por outro lado, a maioria desses estudos dedica-se à figura histórica de Koseritz sem contemplar e aprofundar a importância do seu pensamento e de sua inserção no contexto político, social e cultural do século XIX.

Uma das primeiras biografias de Koseritz foi apresentada no *Almanaque Literário e Estatístico*. Foi escrita em 1891, um ano após a morte do intelectual, por Alfredo Ferreira Rodrigues, proprietário do periódico, e baseava-se em uma descrição laudatória sobre o personagem.²⁸ Damasceno Viera, o intelectual que conviveu com Koseritz, realizou um estudo semelhante, construindo uma biografia para o *Anuário do Estado*, no ano de 1892.²⁹ Por outro lado, o primeiro a empreender uma análise específica sobre Koseritz foi Reinhard Koehne, em 1937. Sob o título *Karl von Koseritz und die Anfaenge einer deutsch-brasilianischen Politik*³⁰, Koehne apresentou sua tese à Faculdade de Filosofia e Ciências Naturais da Universidade de Münster, para a obtenção do título de doutor. Neste estudo, Koehne “considera Koseritz o construtor de uma identidade étnica-nacional alemã [...] em prol da manutenção da germanidade dos imigrantes e seus descendentes, [...] seu esforço em prol da integração ao Estado brasileiro”.³¹

²⁷ GRÜTZMANN, Imgart. Intelectuais de fala alemã no Brasil do século XIX: o caso Karl von Koseritz (1831-1890). *História Unisinos*, v. 11, n. 1, janeiro/abril. 2007, p. 131.

²⁸ Alfredo Ferreira Rodrigues dedicou-se a escrever diversas biografias ao longo dos anos, marca característica de sua produção. Cf. ALVES, Francisco das Neves. Fazendo História no Rio Grande do Sul à virada do século XIX: o trabalho de Alfredo Ferreira Rodrigues. *Historiae*, Rio Grande, v. 2 n. 1, p. 9-24, 2011, p. 16.

²⁹ Constam, também, escritos com dados biográficos sobre Koseritz de Oskar Canstatt e Viktor Hantzsch, produzidas na Alemanha. Cf. BARRETO, Abeillard. *Bibliografia Sul-Riograndense*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1976, p. 765-772.

³⁰ Karl von Koseritz e os primórdios de uma política teuto-brasileira.

³¹ GRÜTZMANN, op. cit., p. 131.

Carlos Henrique Oberacker escreveu *Karl von Koseritz und der Kampf des brasilianischen Deutschtums um seinen staats-und volkspolitischen Standort im Kaiserreich Brasilien*³², publicado em Leipzig, Alemanha, em 1938. Nessa obra, Oberacker, influenciado pela corrente intelectual do germanismo, colocou o *Brummer* como importante representante dos alemães e de seus descendentes. Por outro lado, teceu críticas a sua atuação e ao seu liberalismo, especialmente pelo viés étnico-racial, ao afirmar que Koseritz não reconheceu a importância da raça e do sangue na elevação do grupo de origem alemã à esfera pública. Já em 1961, o mesmo autor escreveu *Carlos von Koseritz*, uma obra biográfica, da qual descartou suas afirmações étnico-raciais feitas em 1938. Embora Oberacker reconheça, naquele momento, a falta de uma biografia circunstanciada, uma lacuna que sua obra não pretendeu preencher, segundo suas palavras, sua análise acabou não privilegiando o diálogo entre a atuação política e a sua ação intelectual.

Ao tomar o mesmo eixo, José Fernando Carneiro concentrou sua análise em *Karl von Koseritz* na tarefa de colocá-lo como representante das áreas de colonização alemã.³³

Embora Carneiro enumere a produção intelectual de Koseritz, não lhe dá a devida atenção, chegando a considerá-la pouco representativa, julgamento este que deve ser relativizado em função dos propósitos de Carneiro: destacar apenas sua atividade intelectual em prol dos imigrantes e de seus descendentes. Embora estes trabalhos evidenciem uma faceta representativa de Koseritz, não dão conta do conjunto de sua obra e nem de sua ação no contexto brasileiro da segunda metade do século XIX.³⁴

Da mesma forma, podemos destacar outros textos e pesquisas que de alguma maneira exploram a figura de Koseritz, vinculados, por exemplo, ao episódio dos *Mucker*. Entre eles, podemos destacar o texto de João Guilherme Biehl³⁵, *Jammerthal. O vale da lamentação. Crítica à construção do messianismo Mucker*, no qual aborda a questão anticlerical construída a partir do caso *Mucker*. Maria Amélia

³² Karl von Koseritz e a luta da população de origem alemã por sua posição político-estatal e étnico-política no Império Brasileiro.

³³ CARNEIRO, José Fernando. *Karl von Koseritz*. Porto Alegre: IEL, 1959.

³⁴ GRÜTZMANN, Intelectuais de fala alemã..., op. cit., p. 131.

³⁵ BIEHL, J. G. *Jammerthal. O vale da lamentação. Crítica à construção do messianismo Mucker*. Santa Maria, RS. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Maria, 1991.

Schmidt Dickie³⁶, analisou as representações negativas sobre os *Mucker*, construídas pelo discurso empreendido por Koseritz.

A historiadora Magda Gans contempla a importância de Koseritz no processo de formação identitário teuto-brasileiro – *Presença Teuta em Porto Alegre – 1850-1889*.³⁷ Já Ana Elisete Motter, em *As relações entre as bancadas teuto e luso-brasileira na Assembleia Provincial Riograndense – 1881-1889*³⁸ constrói uma análise sobre o papel político de Koseritz, a partir dos pronunciamentos feitos na Assembleia, destacando os debates acerca da questão étnica, da defesa dos não-católicos, da instalação de escolas e a reformulação tributária para as regiões coloniais. *O liberalismo e a situação religiosa: notas a partir da vida e obra de Carl von Koseritz*, de Luís H. Dreher, propõe uma análise direcionada ao liberalismo alemão tardio que embasou o pensamento do intelectual³⁹. Ainda constam trabalhos como o de Maria de Simone Ferreira⁴⁰, a partir do qual faz um estudo sobre os relatos e leituras de Koseritz sobre os museus do Rio de Janeiro, que estão presentes na obra *Imagens do Brasil*, bem como o de Juliane Cardozo de Mello⁴¹, que faz um importante estudo sobre as novelas de Koseritz, valendo-se de uma perspectiva especialmente literária para resgatar alguns de seus escritos, que por um longo tempo permaneceram desaparecidos. Estes trabalhos, embora bem sucedidos nos recortes temáticos e temporais que propõem estudar, não dão conta de uma dinâmica mais ampla e mais abrangente, no tocante ao projeto, obra e vida de Karl von Koseritz. Breves artigos – como o de Aristeu Elisandro Machado Lopes⁴², que procura apresentar uma breve introdução à trajetória na imprensa do

³⁶ DICKIE, Maria Amélia Schmidt. *Afetos e circunstâncias*. Um estudo dos *Mucker* e de seu tempo. São Paulo: USP. Tese (Doutorado em Antropologia Social), FFLCH, Universidade de São Paulo, 1996.

³⁷ GANS, Magda Roswita. *Presença Teuta em Porto Alegre no Século XIX (1850-1889)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

³⁸ MOTTER, Ana Elisete. *As relações entre as bancadas teuta e luso-brasileira na Assembleia Legislativa Provincial Rio-Grandense (1881-1889)*. São Leopoldo: Unisinos, 1998. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação e História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1998.

³⁹ DREHER, Luís H.. O “liberalismo” e a situação religiosa: notas a partir da vida e obra de Carl von Koseritz. *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 87-102. 1999.

⁴⁰ FERREIRA, Maria de. *Da viagem aos museus e seus relatos: Imagens do Brasil na narrativa de Carl von Koseritz (1883-1885)*. Rio de Janeiro: PUCRJ, 2009. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

⁴¹ MELLO, Juliane Cardozo de. *Carlos de Koseritz: reiluminando sua biografia e suas obras românticas esquecidas*. Rio Grande: FURG, 2013. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) Instituto de Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2013; VAZ, Artur Emílio Alarcon; MELLO, Juliane Cardozo de. *Carlos von Koseritz*. Novelas. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Corag, 2013.

⁴² LOPES, Aristeu Elisandro Machado. “Não vos peço aplausos, a vós que pensais de maneira diversa”: uma breve introdução à trajetória do imigrante alemão Karl von Koseritz (1830 -1890). In: DREHER, Martin

imigrante alemão no século XIX, bem como sua atuação para inserir os imigrantes e os descendentes no mundo sociopolítico da Província, e o texto de Marinês Dors⁴³, *O líder dos imigrantes: por uma biografia a Karl von Koseritz (1834-1890)*, que sugere a necessidade de realizar-se uma reconstrução da vida de Koseritz, a partir de uma biografia intelectual – constituem espaços de discussão que validam a importância de compreender, com mais profundidade, esse intelectual.

Uma segunda vertente, assim como ressalta Grützmann⁴⁴, engajou-se em perceber e analisar Koseritz como agente da imprensa, literato e crítico literário. Não se trata de obras monográficas, mas se ocupam com temáticas importantes e com investigações de assuntos mais abrangentes. Podemos aqui destacar Guilhermino César, que analisou Koseritz, por exemplo, em *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*, bem como *Koseritz e o Naturalismo*. Embora tenha ressaltado as influências do darwinismo, do liberalismo e do naturalismo, assim como a influência de Karl von Koseritz para expansão do Realismo no Rio Grande do Sul, não se trata de uma análise aprofundada. Da mesma forma, a relação com a *Escola de Recife* é mencionada, mas o autor não discute o teor das ideias que Koseritz e o movimento pernambucano têm em comum. Igualmente, Carlos Alexandre Baumgarten – *A crítica literária no Rio Grande do Sul: do romantismo ao modernismo*⁴⁵, vale-se somente de dois textos de Koseritz, escritos em língua portuguesa, para destacar as concepções científicas da segunda metade do século XIX. Outrossim, cabe destacar um levantamento da produção bibliográfica de Koseritz, bastante densa por sinal, realizada por Abeillard Barreto e publicada em *Imagens do Brasil* e em sua obra *Bibliografia Sul-Riograndense*, que merece total atenção para qualquer trabalho sobre o tema.⁴⁶ Não menos importante é a obra de Sérgio Roberto Dillenburg⁴⁷, que lança um estudo considerado ao mesmo tempo biográfico, e preocupado em dar destaque ao importante homem da imprensa do

Norberto; TRAMONTINI, Marcos Justo (orgs.). Leituras e interpretações da imigração na América Latina: XVI Simpósio de História da Imigração e Colonização. *Anais*. São Leopoldo: OIKOS, 2007. p. 204-210.

⁴³ DORS, Marinês. O Líder dos Imigrantes: por uma biografia a Karl von Koseritz (1834-1890). In: XVII Simpósio de História da Imigração e da Colonização, 2006, São Leopoldo. *Anais*. Imigração e Relações Interétnicas. São Leopoldo: Oikos, 2008.

⁴⁴ GRÜTZMANN, Intelectuais de fala alemã..., op. cit., nota 1, p. 132.

⁴⁵ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul: do romantismo ao modernismo*. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 1997.

⁴⁶ BARRETO, Abeillard. *Bibliografia Sul-Riograndense*..., op. cit., p. 765-772.

⁴⁷ DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Grandes nomes da comunicação: Carlos von Koseritz*. Porto Alegre: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa/IEL/CORAG, 1998.

século XIX. Muitas das referências de Dillenburg estão diretamente ligadas às obras de Athos Damasceno Ferreira, que tratou em resgatar as folhas humorísticas e literárias de Porto Alegre, tornando-se material indispensável para falar sobre a vida de Koseritz na imprensa.⁴⁸

Há que se ressaltar que a descrição feita até aqui buscou apresentar as produções que envolvem, de maneira geral e específica, a personalidade política e intelectual de Karl von Koseritz. Reconstruir sua vida é, de fato, um grande desafio, pois não implica unicamente saber quem foi, que fez e que legado deixou, mas reconhecer a importância de uma história de uma vida, trazendo ao público a complexa combinação entre o existir e o pensar.

A biografia de um pensador implica reaver, à maneira de Starobinski, a unidade do gesto que é o seu, próprio de seu ser, sabendo que este é suscetível de múltiplas alterações e modificações. Ademais, o significado de uma vida nunca é unívoco, só pode declinar-se no plural, não apenas pelo fato de as mudanças que a travessia do tempo implica, mas também pela importância a conceder à recepção do biografado e de sua obra que é correlativa do momento considerado do meio que deles se apropria. A isso cumpre ainda ajuntar que o biógrafo não pode pretender, mesmo ao preço de uma pesquisa tão exaustiva quanto possível, a nenhuma chave que viria saturar o significado de seu relato de vida. A psicanálise nos ensina que, mesmo por um longo trabalho sobre si, não se chega verdadeiramente a mais acesso à verdade. O biógrafo em posição sempre exterior, apesar de sua empatia, não pode conseguir melhor, tanto que o sentido permanece sempre aberto às questões ulteriores, no tempo futuro. As hipóteses que se fazem no presente pelo biógrafo são sempre reconsideradas pelas gerações futuras, o que explica, aliás, por que se pode escrever indefinitivamente novas biografias sobre as mesmas personagens.⁴⁹

Pela sua representatividade, Koseritz foi uma das personalidades históricas ainda pouco analisada pelos historiadores da imigração, frente à importância que assumiu como agente pensador, polemizador e formador, assim como líder político, homem das artes, das ciências. Não se trata, portanto, em debruçar-se sobre a quantidade de textos que até então foram produzidos sobre Koseritz, mas em reconhecer as lacunas que atualmente se apresentam no conjunto de sua obra

⁴⁸ FERREIRA, Athos Damasceno. *Jornais críticos e humorísticos de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1944; FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962; FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 1975.

⁴⁹ DOSSE, François. *O desafio biográfico*. Escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 375.

intelectual, seja pela sua atuação como filósofo, escritor e crítico literário, redator de periódicos ou político. Diante disso, é que alguns estudiosos afirmam, de forma pontuada, que Koseritz merece uma atenção especial por parte dos pesquisadores. Neste sentido, René Gertz destacou que “uma biografia de Koseritz ainda está por ser escrita”.⁵⁰

1.1 O desafio biográfico: a vida de Karl von Koseritz no Brasil

Sentado à mesa de uma restauração⁵¹, Karl von Koseritz fartava-se com o pedido de porção de carne que havia feito e que repetira outras três vezes, acompanhadas por uma garrafa de *Médoc*. Logo depois, pediu que lhe trouxessem um charuto, e, assim, tomou um café com a sensação de que era ele um verdadeiro *gentleman*. Não levava em suas mãos, no entanto, algo que de fato um *gentleman* gostasse. Mas isso era superficial. “Gott sei Dank!” era a frase que varria seus pensamentos. Tinha, pois, a percepção de ter se tornado ser humano novamente.⁵²

Foi por meio dessas palavras autobiográficas que Karl von Koseritz descreveu parte do seu retorno a Hamburgo, em março de 1851, após a sua primeira experiência marítima a bordo do grande barco *Diana*, com destino à Bahia, no Brasil. A viagem atendia à vontade do jovem prussiano em transferir-se para o serviço de marinha de um país estrangeiro. Porém, a experiência fora para ele um desencanto, ao recordar-se das dificuldades e dos fardos da vida no mar, bem como lembrar-se das comodidades e do aconchego do lar que havia deixado.

Seu desgosto com o primeiro ensaio marítimo e o retorno à Europa não o impediram de retornar ao Brasil. No dia 22 de junho de 1851, colocou-se a bordo de uma embarcação que transportava mercenários ao Brasil. Sem conhecer o futuro que se desenharia nas décadas seguintes, ficaria ele distante por mais de trinta anos de sua terra natal. A partir dessas notas biográficas que se encontram em texto publicado em seu almanaque anual, cabe compreender a conjuntura que integrou Karl von Koseritz ao Brasil.

⁵⁰ GERTZ, René (org). *Karl von Koseritz*. Seleção de Textos. Porto Alegre: Edipucrs, 1999, p. 7.

⁵¹ Na descrição feita por Koseritz, a palavra *Restauration*, denominação bastante usual para a época, pode ser tratada como sinônimo de restaurante, já que esta é uma palavra que deriva originalmente da palavra latina “restaurare” ou “restauratio”, ou seja, por referir-se a locais em que a força física era restaurada por meio da alimentação.

⁵² A descrição é encontrada no texto “Ut mine Matrosentild II”, *Koseritz’ Deutscher Volkskalender*, 1890, p. 98.

O jovem Karl Julius Christian Heinrich Ferdinand von Koseritz nasceu em 3 de fevereiro de 1830⁵³, em Dessau, ducado de Anhalt⁵⁴ e era filho do Barão Karl Johann Friederich von Koseritz, major e diretor do real correio prussiano, e de Wilhelmina Caroline Stedingk von Koseritz. Em Dessau, frequentou o colégio *Philantrophium*, e quando adolescente, dedicou-se aos estudos de política, chegando, inclusive, a participar dos movimentos liberais na cidade de Berlim. Segundo Sérgio Roberto Dillenburg, em consequência disso, tornou-se aluno interno do colégio *Wittenberg*, repesália aplicada por seus pais.⁵⁵ Não se adaptou, no entanto, à disciplina rígida, e, após quatro semanas, abandonou o local. A partir de então, passou a dedicar-se à leitura de clássicos, entre eles Schiller, e outras obras cujo tema se concentrava em episódios de guerra e de revoluções, bem como livros que narravam a vida exótica em países e lugares distantes. Mais tarde, em 1848, o redemoinho revolucionário, segundo Oberacker, parece ter empolgado Koseritz, arremessando-o para fora da trajetória preestabelecida.⁵⁶

Do outro lado do oceano, as agitações políticas da metade do século XIX envolviam a fronteira entre o Império brasileiro e as nações platinas – Argentina e Uruguai. Essa tensão diplomática promoveu a chegada de mercenários ao Brasil, que conseqüentemente, somada a outros fatores, fez com que o jovem Karl von Koseritz adotasse o país como sua segunda pátria e sua morada definitiva. A tarefa atribuída por D. Pedro II ao Tenente Coronel Sebastião do Rego Barros⁵⁷, que se dirigiu à Europa, resultou na obtenção de armamentos e de equipamentos, bem como na contratação de uma organização militar, que já se encontrava formada desde 1848 para defender os interesses do ducado de Schleswig e do condado de Holstein⁵⁸, e que foi dissolvida em janeiro de 1851. Os resultados do

⁵³ Há controvérsias sobre a data de nascimento. Oberacker destaca o ano de 1834, atestada pela existência de uma cópia da certidão de nascimento de Koseritz, no *Instituto Martius-Staden*, em São Paulo, além de apresentar a Igreja e Castelo de St^a Mary como local do batismo, em 16 de março de 1834. Por outro lado, Imgart Grützmann, a partir de um texto de Koseritz, vale-se do ano de 1830 para o seu nascimento, sustentado pela afirmação autobiográfica de que em 1852, tinha Koseritz vinte e dois anos de idade. Optamos em utilizar o ano de 1830, pela confirmação da idade feita pelo *Deutsche Zeitung*, em nota sobre a morte de Koseritz, dizendo que ele teria alcançado sessenta anos, em 1890. Cf. *Deutsche Zeitung*, 3/6/1890.

⁵⁴ Encontra-se no arquivo do Instituto Martius-Staden, em São Paulo, fotocópia da certidão de nascimento de Karl von Koseritz, bem como a cópia da certidão de emigração, em 1857.

⁵⁵ DILLENBURG, *Grandes nomes da comunicação...*, op. cit., p. 5.

⁵⁶ OBERACKER JR, Carlos H. *Carlos von Koseritz*. São Paulo: Anhambi, 1961, p. 20.

⁵⁷ Foi Ministro da Guerra, em 1837.

⁵⁸ Os mercenários contratados haviam lutado contra a Dinamarca nas batalhas de Idstedt (24 e 25 de julho de 1850) e Friedrichsstadt (4 de outubro de 1850). Cf. DREHER, Martin Norberto. *Wilhelm Rotermund*. Seu tempo – Suas obras. São Leopoldo: Oikos, 2014, p. 22. Datada em 6 de novembro de 1850, a Lei do Orçamento nº 586 permitiu que o Poder Executivo do Brasil arrematasse estrangeiros para a 1^o Linha do Exército, para

empreendimento militar foram significativos: entre abril e setembro de 1851, dirigiu-se ao Brasil um grupo composto por mais de 1.700 soldados, entre eles 50 oficiais, tecnicamente e intelectualmente qualificado para a guerra.⁵⁹ As despesas com a vinda do contingente eram de responsabilidade do Império. Os mercenários, ao ingressarem no batalhão, passavam a receber 25 táleres⁶⁰ da moeda pátria. Ao final dos confrontos, entre as diferentes possibilidades oferecidas, prometia-se a doação de terras (cada soldado poderia receber 22.500 braças quadradas de terras coloniais), a oferta de prêmio em dinheiro ao final de quatro anos (período de validade do contrato), a viagem de regresso gratuita a qualquer porto europeu, ou receber 80\$000 em ouro⁶¹.

Em agosto de 1851 aportava no Rio de Janeiro⁶² o veleiro *Heinrich*. Trazia consigo parte dos soldados e dos oficiais que pertenciam à “Legião Alemã” que o Império brasileiro mandara buscar para empreender a luta contra Rosas. O comandante Boyen – o “velho prussiano com a peruca despenteada” – estava acompanhado por um efetivo formado de 156 homens, pertencentes ao agrupamento de Infantaria. Ao chegar ao Rio de Janeiro, os mais de cem homens gritavam de maneira entusiasmada: “Sie leben hoch, hoch lebe sie, die brumsilianische Artillerie!” Koseritz encontrava-se no alto da verga do Royal-Sails, de onde avistava o Pão-de-Açúcar, o Corcovado, a Tijuca, etc. Sua calça de couro e sua camisa azul podiam destoar dos trajes oficiais da embarcação, mas as expectativas pela nova terra eram, certamente, as mesmas dos demais homens que ali se encontravam.⁶³

serem empregados nas fronteiras. A ação fazia parte dos preparativos para a mobilização para a Guerra contra Oribe e Rosas, consistente em elevar-se a 1º do Exército ao efetivo de 26.000 homens. Cf. BENTO, Cláudio Moreira. *Estrangeiros e Descendentes na História Militar no Rio Grande do Sul de 1635 a 1870*. Porto Alegre: A Nação/DAC/SEC, 1976.

⁵⁹ A primeira embarcação, o veleiro *Hamburg* sob orientações do comandante Henrichsen, partiu no dia 7 de abril e chegou ao Rio de Janeiro em 25 de maio, transportando um efetivo de 270 homens, distribuídos em 1ª e 3ª Companhia. No total, deslocaram-se da Europa para o Brasil 10 embarcações que trouxeram homens, artilharia e equipamentos de guerra. Idem

⁶⁰ Moeda de prata.

⁶¹ MARQUES, Luiz Alberto de Souza. Memórias de um de um professor: a instigante história de vida do professor Frederico Michaelson - de imigrante contratado como soldado mercenário na guerra contra Rosas em 1851 (Argentina) a professor primário em colônia alemã do Rio Grande do Sul. *História da Educação*, Pelotas, v. 14, n. 30, p. 181-205, jan.-abr. 2010, p. 187.

⁶² As datas foram estimadas por Cláudio Moreira Bento, com base na viagem de Caesar Godeffroy, de 47 dias. BENTO, *Estrangeiros e Descendentes na História Militar...*, op. cit., loc. cit.

⁶³ Os detalhes dessa chegada de Koseritz ao Brasil são resgatados na obra *Bilder aus Brasilien* (Imagens do Brasil).

O primeiro alojamento dos soldados, a caserna da Praia Vermelha, foi construído aos pés do Pão-de-Açúcar. Para Koseritz, o serviço militar estava concluído, e uma nova etapa se abria ao jovem alemão. Na manhã seguinte, os companheiros de viagem Jansen e Wedel buscaram-no e levaram-no à terra firme. Tornava-se soldado, sendo incorporado como mercenário ao 2º Regimento da Reserva da Cavalaria montada a pé.⁶⁴ Mais tarde, ele e uma parte dos mercenários foi deslocada para o sul do Império, à cidade portuária de Rio Grande, onde Koseritz limitou-se aos serviços de caserna.

Embora sua chegada ao Brasil estivesse vinculada a um projeto militar do Império, Karl von Koseritz logo abandonou a tropa, assim como outros o fizeram. Conforme Hilda Flores⁶⁵, a maior parte dos legionários permaneceu como força reserva, e somente 80 artilheiros e algumas centenas de sapadores⁶⁶ engajaram-se na Batalha de *Monte Caseros*⁶⁷, cuja luta resultou na derrota de Rosas.

O grupo de soldados europeus era constituído por um corpo de homens bastante heterogêneo, marcado pela ausência de um real conteúdo que os unisse e que justificasse a mobilização que os levaria para uma grande travessia, do Velho para o Novo Mundo.⁶⁸ Problemas como o desconhecimento em relação ao país, a subestimação do grau de instrução dos soldados, desentendimentos provocados por diversos motivos com as autoridades militares brasileiras, bem como descontentamentos com autoridades oficiais da Legião, somado ao espírito aventureiro, dispersaram um bom número de homens para outras direções. Em pouco tempo, a Legião foi dissolvida, e alguns soldados retornaram à Europa, enquanto outros aqui permaneceram e passaram a exercer papéis distintos daqueles que inicialmente os trouxeram ao país. Alguns deles desempenharam influência política, econômica e social, sendo conhecidos, também, como *Brummer*. Karl von Koseritz foi um desses personagens que continuou a fazer sua vida no Brasil.

Brummer, em alemão, significa “zumbidor”, “rezingão”, “murmurador”, descontente com a sua sorte. Um dos *Brummer* relatava que chamavam assim as

⁶⁴ A descrição do momento de chegada ao Brasil foi retomada por Koseritz na importante obra *Bilder aus Brasilien*, 1885, p. 19.

⁶⁵ FLORES, HILDA. Prefácio. In: *Memórias de Brummer*. Porto Alegre: EST, 1997, p. 8.

⁶⁶ Soldados encarregados de abrir fossos, trincheiras ou galerias subterrâneas.

⁶⁷ Em 3 de fevereiro de 1852, ocorria a mais importante batalha contra a aliança Oribe-Rosas, que foi derrotada por tropas oriundas do Brasil, do Uruguai e das províncias argentinas de Entre Ríos e Corrientes.

⁶⁸ Conferir "Zur Geschichte der Brummer". *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, 1874, p. 111-118.

moedas graúdas de cobre que recebiam os soldados como soldo, passando a expressão a denominar os próprios mercenários⁶⁹. *Brummer* de destaque: Barão von Kahlden, além de Karl von Koseritz, Wilhelm ter Brügggen e Frederico Hänsel, que foram membros da Assembleia Provincial do Rio Grande do Sul; Herrmann Rudolf Wendroth, pintor que registrou em aquarelas a vida da província naqueles tempos; Franz Lothar de la Rue, primeiro diretor da colônia de Teutônia; Carl Otto Brinckmann, atuou na imprensa em Santa Maria; Carlos Jansen, jornalista em Porto Alegre.

A tarefa como mercenário foi, de fato, efêmera. Koseritz não se envolveu nas batalhas para as quais alguns de seus companheiros foram levados. Desertou, e passou a construir uma trajetória de vida no Rio Grande do Sul, alinhada às principais questões que marcaram sua época. Conforme Carneiro⁷⁰, do gesto de desistência desculpar-se-ia mais tarde, lembrando que havia deixado a Legião antes mesmo do juramento à bandeira, ou a qualquer pagamento que pudesse vir a receber.

Assim, estabeleceu-se na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, permanecendo primeiramente na cidade de Rio Grande, e, mais tarde, em 1852, fixou-se em Pelotas. Foi cozinheiro, trabalhador jornalheiro e portuário. Segundo Oberacker⁷¹, os primeiros momentos de sua vida foram difíceis, como as noites de inverno, quando buscava abrigo debaixo de um forno de pão, para poder contornar as dificuldades nas quais se encontrava. Resultado da sua situação miserável, debilitado pela fome e pelo reumatismo, foi recolhido à Santa Casa de Misericórdia da cidade, quando então conheceu o jornalista francês Telêmaco Bouliech⁷², engajado em ações de caridade, bem como no quadro maçônico da localidade, fato que sugere o primeiro contato que Koseritz tivera com a maçonaria brasileira. Permaneceu internado durante algumas semanas, e, depois que se encontrava novamente restabelecido, rumou à região da Campanha, onde foi contratado como professor particular e de piano, e vagou, também, como tropeiro. Nesse momento, pelo ano de 1855, casou-se com a filha de um estancieiro da região, Zeferina Maria

⁶⁹ OBERACKER, *Carlos von...*, op. cit., p. 17.

⁷⁰ CARNEIRO, *Karl von...*, op. cit., p. 9.

⁷¹ OBERACKER, op. cit., p. 22.

⁷² Segundo Elaine Colussi, Bouliech aparece indicado como dirigente maçônico da loja Honra e Humanidade de Pelotas, desde 1855. Cf. COLUSSI, Elaine Lúcia. *Plantando ramos de acácia*: a maçonaria gaúcha na segunda metade do século XIX. Porto Alegre: Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, 1998. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1998, p. 319.

de Vasconcelos. Suas habilidades pessoais e o domínio crescente da língua portuguesa levaram-no gradativamente a uma posição de destaque, o que incluía, mais tarde, uma carreira na área da imprensa.

Casado, mudou-se para Rio Grande, em 1855. Segundo alguns de seus relatos, chegou à cidade com sua esposa, sem qualquer bem material. Dedicou-se à atividade de contador nos negócios comerciais de José Maria Perry de Carvalho. O leiloeiro, que negociava mobílias, porcelanas e também escravos⁷³, enxergava em Koseritz a possibilidade de continuidade aos negócios. Porém, não era esse o desejo do jovem alemão. Percebia-se, naquele momento, como um homem voltado muito mais para as atividades literárias, elaborando, no escritório do senhor Carvalho, alguns planos, como a redação de suas memórias e a produção de poesias. Quanto ao primeiro projeto, desistiu. O segundo foi abandonado depois que enviou o caderno com os seus versos à sua mãe, que opinou dizendo que ele havia escrito coisas interessantes, mas, no geral, a leitura se tornara algo incompreensível.

As tentativas de Koseritz quanto à busca de um ofício que valorizasse o seu talento para a escrita não cessaram. Ele redigiu uma carta a Jansen, que dirigia o jornal *Einwanderer*, em Porto Alegre, porém, sem sucesso, já que o amigo não necessitava de grandes auxílios na tipografia. Passou a investir na produção de artigos para jornais brasileiros, pois acreditava já ter um domínio completo sobre a língua do país. Sendo assim, apresentou um projeto de 80 páginas, intitulado *Crime de Guerra*, que foi rejeitado pelo proprietário do jornal *Diário do Rio Grande*, Antônio Estevão, alegando que não havia espaço suficiente para publicar algo tão extenso como aquilo que havia escrito. Sem desistir do seu objetivo, foi apresentar o mesmo projeto a Bernardino Berlink, do jornal *Rio Grandense*. A receptividade ao texto do jovem escritor foi a mesma. Berlink, no entanto, desafiou Koseritz a escrever algo sobre outro tema. Após uma longa conversa, segundo o relato de Koseritz, foi contratado como ajudante. Nesta tipografia, Koseritz pouco recebia pela produção de alguns artigos, mas o valor real do ofício manifestava-se pelo aprendizado proporcionado para dominar melhor a língua local, para reconhecer o conteúdo e o

⁷³ Cf. CARATTI, Jônatas Marques. *O solo da liberdade*: as trajetórias da preta Faustina e do pardo Anacleto pela fronteira rio-grandense em tempos do processo abolicionista uruguaio (1842 – 1862). São Leopoldo: Unisinos, 2010. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2010, p. 49.

tom adotados pelas técnicas da imprensa, bem como para iniciar uma aproximação ao público leitor do *Rio Grandense*.

No final do mesmo ano, assumiu a função de professor no *Collegio União*, em Pelotas, decisão que o fez mudar de cidade. Em 1856, publicou o seu primeiro livro, pela tipografia de Luís José de Campos. Segundo Koseritz, a obra foi utilizada pelos seus alunos, diante da ausência de materiais dessa natureza, além de auxiliar “aos respectivos Senhores Professores na sua, mais que árdua tarefa de ensinar a História Universal sem compêndio português algum”.⁷⁴

Koseritz relata que, na época de sua chegada a Pelotas, existia um pequeno periódico, que circulava duas vezes por semana e que era redigido por Telemeco Bouliech. Em 27 de setembro de 1856, entrou para a redação dessa folha. Dedicou-se a fazer análises da política europeia, bem como a noticiar importantes fatos locais. Ao mesmo tempo, auxiliou na criação do gênero crítico no folhetim de Pelotas, usando os pseudônimos *Vigia* e *Cosmopolita*. Koseritz acreditava que, de fato, o seu ponto forte era a crítica teatral, ao reconhecer que integrava uma capacitada comunidade dramática na cidade. Para tanto, destacava os nomes de Joaquim Augusto e Dona Rosina de Souza.

Foi em Pelotas que Koseritz também reencontrou Herrmann Rudolf Wendroth⁷⁵, também *Brummer*, pintor de importantes telas e cenas sobre o Rio Grande do Sul. Tanto em Rio Grande quanto em Pelotas, ambos acabaram excedendo-se em seus encontros, com farras e bebidas. Em registro escrito no almanaque, Koseritz escreveu que “para a decoração local, os anteriores ocupantes (principalmente Wendroth) preocuparam-se em encher as paredes com caricaturas e produções literárias”⁷⁶, fazendo alusão ao espaço da sela na qual Wendroth teria ficado preso, e mais tarde o próprio Koseritz. Além disso, passou a fazer parte de outros espaços sociais, que incluíam expoentes literários, como Lobo da Costa⁷⁷ e

⁷⁴ Citação presente no periódico *O Brado do Sul*, 15 de junho de 1859, p. 3. Cf. MELLO, Juliane, Cardozo de. Carlos de Koseritz. In: *Dicionário de autores de Rio Grande do século XIX*. Disponível em <http://www.fontes.furg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4&Itemid=2> Acesso em 17 de abr. de 2013.

⁷⁵ Integrante da Legião Alemã, após o fim da guerra para a qual foi contratado, Wendroth teve passagem em Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre, Rio Pardo e Lavras do Sul.

⁷⁶ Koseritz' *Deutscher Volkskalender*, 1881, p. 87.

⁷⁷ Jovem, aos doze anos, Lobo da Costa dedicava-se a escrever poesias. Alguns de seus poemas foram publicados em jornais da cidade de Pelotas. Dedicou-se, também, ao ofício da imprensa.

Bernardo Taveira Junior⁷⁸, que exemplificam o gosto de Koseritz pela arte de escrever.

Ao final do ano de 1857, retirou-se do *Collegio União* e fundou o seu próprio estabelecimento de ensino, associando-se a Emil Grauert. O empreendimento tornou-se um espaço conhecido para a cidade, e Koseritz pôde garantir a si uma vida mais tranquila e segura. No entanto, dizia que a imprensa não o deixava em paz, mesmo que tivesse abandonado as atividades como redator do jornal *O Noticiador*, para assumir a função de professor.

Com o passar do tempo, deixou de lado as atividades da escola para dedicar-se a um caderno mensal de ficção. Não era uma imprensa política, e tinha lá suas vantagens, uma vez que esse tipo de escrita não despertava inimizades, como acontecera em outros periódicos ao longo de sua atuação na imprensa. Mais seguro e com condições econômicas confortáveis, Koseritz comprou uma pequena oficina em Jaguarão, montou-a numa casa vizinha a sua, e nomeou o tipógrafo Lourenço da Motta, como sócio, deixando a ele a responsabilidade pelos negócios. Não pretendia enriquecer com a atividade. O seu desejo era escrever. Nascia, então, o *Ramalhete Rio Grandense*, que resultou na circulação de três ou quatro cadernos de periodicidade mensal, nos quais Koseritz experimentava o gênero da novela. O material era complementado com textos científicos e de crítica. Já para a parte poética, contava com alguns colaboradores. Com o passar do tempo, renovou os materiais de impressão, e assim que a tipografia pode ser montada, animou-se para mais um desafio: apresentou o *Brado do Sul* como o primeiro periódico diário de Pelotas. Enquanto o jornal alcançava sucesso, a sociedade com Emil Grauert no *Collegio União* era rompida. A atividade jornalística absorvia totalmente o seu tempo, e Koseritz já fazia nome na imprensa local. Era, também, agente de alguns jornais, como *A Pátria*, do Rio de Janeiro e de propriedade de Carlos Bernardino de Moura, o literário *O Guayba*, e o *Deutsche Einwanderer*, ambos de Porto Alegre.⁷⁹

Seu estilo incisivo, irônico e tempestuoso se fez sentir nas páginas do seu jornal, envolvendo-se tão cedo em polêmicas políticas, em especial, a partir de 1859. Era, conforme Koseritz, a sua natureza e o ar que respirava. Citava sem receio os

⁷⁸ Intelectual da cidade de Pelotas, foi professor, tradutor, escritor, com participação na imprensa do local, e defensor do abolicionismo e da república.

⁷⁹ MELLO, Juliane Cardozo. *Carlos de Koseritz*: reiluminando sua biografia e suas obras românticas esquecidas. Rio Grande: Furg, 2013. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande, 2013, p. 31.

seus opositores, contestando autoridades locais, inclusive. Envolveu-se, assim, em questões políticas, manifestando-se contra o governo da província, dirigindo críticas ao presidente Ângelo Moniz da Silva Ferraz e ao seu “progressismo”. No contexto local, criticou Isidoro Paulo de Oliveira, professor do *Collegio União* e redator do jornal *O Noticiador*. Nesse rol, encontravam-se, também, o delegado Alexandre Vieira da Cunha e seu suplente, Dr. Maia. Crescentemente, as relações tornavam-se tensas, o que resultou, por exemplo, na criação de uma portaria pelo delegado da cidade, a qual suspendia as atividades do jornal *Brado do Sul*, até que um brasileiro assumisse as tarefas da redação. A medida causava reação de alguns colegas, em defesa de Koseritz. Assim fizeram, por exemplo, embora sem efeito, José da Costa Azevedo, do jornal *Povo*, e P. B. de Moura, do jornal *Echo do Ultramar*. Grande parte das manifestações polarizou-se nos periódicos *O Noticiador* e *Brado do Sul*, e as acusações a Koseritz incluíam supostos plágios na composição dos seus dramas literários.

Em resposta às calúnias com que o Sr. de Koseritz pretendeu enxovalhar-me na Pacotilha; como represália ao desprezo que voto ao miserável plagiário, resta-me a satisfação de que esse infame rabiscador não é capaz de provar perante a justiça o que a meu respeito inventou, assim como eu vou provar diante de todo o mundo que o coitado do Koseritz é um plagiário, um Quixote [palavra ininteligível], tanto no físico como no moral.

Isidoro Paulo da Fonseca
O Noticiador, 25 fev. 1860, p. 3.⁸⁰

As acusações a Koseritz alcançaram espaço no jornal *Diário do Rio Grande*, em 1860, apresentando-o aos leitores como o “Dom Quixote do jornalismo”, sujeito a ameaças, como a passagem que diz “meter-lhe o relho, até pô-lo em estado de levar freio e suportar arreios. É o que faremos”.⁸¹ Para proteger-se, Koseritz procurou auxílio, em Rio Grande, de Bernardino de Senna, ao qual denominava de “testa de ferro”. Porém, nem a sua ajuda evitou que as agressões atingissem a dimensão física. Ao deixar sua tipografia, foi agredido por mulatos, que o espancaram. Segundo afirmações feitas por Koseritz, o ataque fora orquestrado pelo Dr. Maia, com garantias do presidente Ferraz de que não haveria repressão ao caso. Salvo

⁸⁰ Cf. MELLO, Carlos de Koseritz..., op. cit., loc. cit.

⁸¹ Idem, loc. cit.

pela esposa, a “heroína rio-grandense”, que presenciara a cena de violência, Koseritz permaneceu oito dias em recuperação mais séria.

Em parceria com Domingos José de Almeida, charqueador e ao qual o teuto denominava de “verdadeiro líder da Revolução”, homem de honra e patriota, o jornal pôde reabrir e dar continuidade às suas atividades.

Almeida, este “fez publicar uma declaração, dizendo constituir-se a partir daí, e sempre que necessário, editor de todo e qualquer jornal redigido pelo intelectual germânico, que não podia assumir aquele cargo, tendo em vista a sua condição de estrangeiro”.⁸²

Com Domingos José de Almeida, homem dedicado a recolher documentos, redigir e publicar os fatos históricos da Guerra dos Farrapos, nas páginas do *Brado do Sul*, Koseritz viu aumentar as agressões que lhe eram dirigidas, além de iniciar disputas públicas com *O Conciliador* de Caldre e Fião⁸³. Em outra frente, Koseritz também retomou as tarefas tipográficas, e para demonstrar novamente a sua utilidade como expoente da imprensa, cobriu a batalha eleitoral de Canguçu. Na mesma noite, os vidros das janelas de sua casa foram apedrejados, enquanto do lado de dentro sua sogra encontrava-se no leito de morte.

Os desafios e a tensão local eram, certamente, grandes. Mesmo que o delegado Alexandre Vieira da Cunha e o Dr. Maia tivessem sido demitidos, e que Koseritz pudesse atuar de maneira mais tranquila no cenário político, no final de 1861, o jornal pelotense encerrava as suas atividades, em função das dívidas. Koseritz transferiu-se, então, para Rio Grande, onde trabalhou como redator do *Echo do Sul*, o jornal de maior circulação local, além de assumir o cargo de professor da escola de José Vicente Thibaut, e, posteriormente, como diretor de uma nova instituição, o *Ateneu Rio-Grandense*.

Em 1862, "se encarrega de fazer quaisquer traduções dos idiomas alemão, inglês, francês e italiano para a língua vernácula" (ECO DO SUL, 1º fev. 1862). Também traduz novelas para serem publicadas como folhetim para o jornal Eco do Sul. No mesmo periódico publica uma série de artigos intitulada "Sobre Instrução", no período de 5 de fevereiro a 13 de março de 1862, nos quais fala de reformas na

⁸² MAGALHÃES, Mário Osório. *Pelotas Toda a Prosa*. Vol. 1 e 2. Pelotas: Armazém Literário, 2000, p. 171.

⁸³ GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. *Entre tinteiros e bagadus*: memórias feitas de sangue e tinta. A escrita da história em periódicos literários porto-alegrenses do século XIX (1856-1879). Porto Alegre: UFRGS, 2012. Tese (Doutorado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012, p. 170.

instrução, escrevendo com interesse "no país e no seu futuro", pois "o futuro do nosso, como de todos os povos depende do desenvolvimento da Instrução, que é sacerdotisa da civilização" (ECO DO SUL, 5 fev. 1862, p. 1). Ressalta-se nesses textos o intuito de contribuir para o desenvolvimento do país, pois os artigos correspondem a um programa de ensino a ser adotado tanto em escolas públicas quanto em particulares, abordando o papel do professor e dos pais de família, ou seja, os homens, que, segundo o autor, muitas vezes contribuem para a degradação da instrução por sua condescendência à vontade dos filhos, assim como trata do regime dos colégios e da divisão das matérias de ensino, e acerca das habilidades que julga importantes serem desenvolvidas nos alunos.⁸⁴

Em Rio Grande, não deixou de polemizar com as autoridades locais, assim como ocorrera em Pelotas. Koseritz retraiu-se a ponto de evitar saídas de sua casa a fim de evitar novas provocações. Intrigas⁸⁵ surgiram em relação ao colégio, como destaca Juliane Cardozo de Mello⁸⁶, verificadas nos jornais locais. O *Diário do Rio Grande*, de 8 de novembro de 1863, na seção "A pedido", Koseritz é delatado por Cherubim Correa de Araújo por corromper a juventude em seu colégio *Ateneu Rio-Grandense*, pois, segundo ele, o seu filho de 10 anos havia sido "violentado pelo SEU PRÓPRIO MESTRE, o referido Sr. Carlos de Koseritz", o mestre teria praticado com o menino atos "ignóbeis e infames, que o respeito ao público manda calar, mas que os homens sensatos bem saberão compreende-los!". De toda forma, para Luis Borges, a questão que motivou tantas desavenças esteve ligada às retaliações políticas encabeçadas pelos pais dos alunos diante da divulgação de ideias liberais pelo professor.⁸⁷ Este, por sua vez, defendeu-se ao escrever

Urdiu-se contra mim uma intriga tão grave, que de momento é impossível destruí-la, porque um juiz, meu inimigo pessoal, espontaneamente tomou conhecimento do fato, e cortou-me os meios de justificar-me perante autoridade imparcial. Resta-me pedir ao público, que suspenda o seu juízo a respeito deste fato, até que eu tenha destruído a trama infame que contra mim foi urdida para o que

⁸⁴ Cf. MELLO, Carlos de Koseritz..., op. cit., loc. cit.

⁸⁵ Conforme MELLO, "no Diário, do dia 9 e 10 de novembro de 1863, na seção "Rio Grande", há o esclarecimento de que as autoridades escolares já estavam processando Koseritz pelo crime de sodomia, a vítima já havia sido interrogada e tinha apontado novas vítimas, que também inquiridas tudo confessaram (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 9-10 nov. 1863, p. 1); após os depoimentos, o responsável pela instrução pública já havia mandado fechar o colégio Ateneu Rio-Grandense. Koseritz, no jornal Eco do Sul, de 10 de novembro, defende-se, na seção 'A Pedido' [...]". Cf. MELLO, Carlos de Koseritz..., op. cit., loc. cit.

⁸⁶ MELLO, Juliane Cardozo de. *Novelas de Carlos de Koseritz: resgate e análise*. In: II Seminário Interinstitucional de Pesquisa, 2012, Pelotas. *Anais*. Pelotas: UFPel/Centro de Letras e Comunicação/Grupo de Pesquisa ÍCARO, 2012, p. 181.

⁸⁷ BORGES apud MELLO, Carlos de Koseritz..., op. cit., 20.

disponho de todos os elementos, logo que tenha de haver-me com um juiz imparcial e alheio ao trabalho de que sou vítima.

Rio Grande, 9 de Novembro de 1863.

Carlos de Koseritz.⁸⁸

Ao final do ano de 1863, a escola foi fechada pelo delegado Henrique Bernardino Lopes Canarin. Nesse contexto, alguns jornais da cidade continuaram a ser espaços de intenso ataque à figura de Koseritz, que passou a evitar saídas de sua residência.⁸⁹

Após um mês da última publicação, no jornal dos dias 21 e 22 de dezembro de 1863, há a informação de que depois das acusações sofridas e do processo ao qual estava submetido, Koseritz "foi domingo próximo passado o primeiro dia que esse homem apareceu em lugar público, indo com a mulher até o Tivolly de Mr. Bernardo" (Diário do Rio Grande, 21-22 dez. 1863, p. 1), sofrendo na saída do estabelecimento um ataque [...].⁹⁰

Já em março de 1864, Koseritz dirigia-se a Porto Alegre, no intuito de, diante das severas acusações, preservar sua honra. Procurou pelo Conselho Escolar Secundarista e conseguiu recuperar o posto de diretor da escola. A ida à Capital da província, no entanto, pode ser compreendida como uma possibilidade de afastar-se das acusações que sofria na cidade de Rio Grande, que passavam a ter uma grande repercussão na localidade. Tal impressão pode justificar-se pela própria omissão de Koseritz em apresentar em um de seus textos autobiográficos⁹¹, aspectos das polêmicas que o envolveram na cidade de Rio Grande, em 1863. Em sua justificativa para deixar a cidade apenas destaca a saudade que tinha da vida alemã, o que poderia reencontrar em Porto Alegre.

Em 1864, instalou-se em Porto Alegre. A cidade, que acolhia um número expressivo de alemães e de descendentes, tornou-se o espaço social de grande e importante articulação. A família von Koseritz também crescera na Capital gaúcha, com o nascimento das quatro filhas do casal – Carolina von Koseritz (1864)⁹²,

⁸⁸ MELLO, Novelas de Carlos de Koseritz..., op. cit., p. 181.

⁸⁹ Entre os jornais de Rio Grande que noticiaram polêmicas em relação a Koseritz, destacam-se *O Diário do Rio Grande* e *O Comercial*.

⁹⁰ Cf. MELLO, Juliane, Cardozo de. Carlos de Koseritz. In: *Dicionário de autores de Rio Grande*..., op. cit., loc. cit.

⁹¹ Koseritz, em 1881, fez um relato da sua atuação na imprensa.

⁹² Estudos sobre a filha de Karl von Koseritz foram apresentados por Hilda Flores. Cf. FLORES, Hilda Agnes Hübner. Carolina von Koseritz. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 9, n. 1-2, p. 100-110, 1983. Outra

Adelaide Elisa Aurora von Koseritz (1868), Zelinda Lúdia Esmeralda Conradina von Koseritz (1870) e Zeferina von Koseritz (1872). Entre as fontes consultadas, há indicação no jornal *A Reforma*⁹³ quanto ao endereço da família von Koseritz, junto à Rua Olaria, número 55.⁹⁴

Em artigo publicado no periódico prussiano *Globus – Illustrierte Zeitschrift für Länder und Völkerkunde*⁹⁵, no ano de 1866, Koseritz dedicou uma análise sobre a paisagem geográfica e social de Porto Alegre, afirmando que

nenhuma cidade do continente sul-americano está em tão digno grau de interesse do público alemão como a capital da província brasileira Rio Grande do Sul, Porto Alegre, nenhuma outra se contenta com o forte desenvolvimento da germanidade como esta. Porto Alegre é uma cidade construída, em grande parte, por alemães, ela deve o seu desenvolvimento e o seu acelerado florescimento exclusivamente às colônias alemãs, que estão localizadas às margens do Caí, Rio dos Sinos e Taquari até a encosta da Serra Geral.

Em alguns de seus escritos, Koseritz deixou explícita a sua simpatia pela Capital da província. Nela projetou caminhos bem sucedidos na imprensa, fosse ela nacional brasileira ou étnica alemã, bem como nas letras, nas artes, na política e nas ciências. Em Porto Alegre, Koseritz passou a construir uma trajetória profissional, social, política e intelectual bastante dinâmica, inclusive de grande repercussão histórica. Nesse sentido, podemos nos referir a Hans Gehse, em sua tese de doutorado de 1931⁹⁶, como a José Fernando Carneiro⁹⁷, em sua biografia sobre Koseritz, quando afirmam que os anos de 1864 a 1890 constituem a chamada “era Koseritz”. Transitou por diferentes ambientes, articulou engajamentos políticos e sociais, expressou um pensamento ligado às concepções do liberalismo, mobilizou pessoas para debates cientificistas, polemizou sobre pensamentos, exerceu, mesmo sem formação, a atividade de advogado, colocou-se a favor de projetos que

obra, porém de cunho literário, é o romance *Carola*, de autoria de Silvia Meirelles Kaercher, que reúne algumas histórias da tradição oral, uma vez que Carolina von Koseritz é trisavó da autora.

⁹³ *A Reforma*, 17/9/1884.

⁹⁴ Eloy Terra destaca que a rua Olaria era habitada, em sua maioria, por açorianos ou seus descendentes. Alguns deles eram proprietários de escravos, utilizando tal mão de obra para os serviços domésticos. Hoje denomina-se de rua General Lima e Silva, localizada na Cidade Baixa. Cf. TERRA, Eloy. *As ruas de Porto Alegre*. Porto Alegre: Age, 2001, p. 103.

⁹⁵ *Globus – Revista Ilustrada sobre Países e Folclore*. Apresentava crônicas de viajantes e caracterizava-se como periódico geográfico. Em suas diferentes edições, podemos encontrar relatos de diferentes regiões do mundo, incluindo cada área continental do mundo. Era editada e organizada pelo geógrafo Karl Theodor Andree. Exerceu atividades na imprensa, e atuou como cônsul alemão.

⁹⁶ GEHSE, Hans. *Die Deutsche Presse in Brasilien von 1852 bis zur Gegenwart*. Münster in Westfalen: Aschendorfsche Verlagsbuchhandlung, 1931.

⁹⁷ CARNEIRO, *Karl von...*, p. 14.

pretendiam atender aos interesses dos imigrantes e descendentes alemães no Brasil, promoveu as artes, engajou-se na política, atuou expressivamente no âmbito da maçonaria, entre outros aspectos.⁹⁸

A partir dessa perspectiva e do recorte temporal proposto, não se pretende esgotar a escrita biográfica de Koseritz nesse momento. Ela passará a ser articulada com a atuação desse personagem na imprensa, a propósito desta tese, de maneira que ela possa contextualizar no tempo e no espaço as especificidades e particularidades de sua produção e de seu engajamento. Dessa forma, a escrita sobre o período compreendido entre os anos de 1864 e 1890 privilegiará uma abordagem que se concentrará numa tentativa de compreender a complexidade presente em Karl von Koseritz, demarcando episódios relevantes para definição de seu pensamento e de sua relação com a imprensa em Porto Alegre, sem prender-se a uma trajetória de vida linear e fechada em si mesma, mas associada a diferentes círculos e circuitos sociais, a histórias de vida, à formação de interfaces intelectuais, a rivalidades e ânimos exaltados, a desentendimentos e aproximações, a duras críticas e, até mesmo, aos limites de um pensamento original.

Para finalizar essas considerações iniciais, é possível avançar para os últimos anos da vida de Karl von Koseritz, na província e chegar às datas de 2 e 3 de fevereiro de 1889.⁹⁹ Na ocasião, toda a família encontrava-se em veraneio no litoral gaúcho, em Cidreira, como fizera no verão do ano anterior. Tratava-se da praia mais próxima a Porto Alegre, e para onde muitas famílias da Capital costumavam deslocar-se, durante o verão. Naquele local, certa desconfiança poderia surgir em meio à pressa do chefe do balneário, João Diehl, pela freguesia, também aos cochichos, aos encontros depois do silêncio noturno, bem como às idas ao rancho do senhor Christoffel, onde eram entoadas músicas e cânticos. A intenção daquelas pessoas que se encontravam naquele balneário era surpreender Koseritz com uma festa. Tratava-se do momento de comemoração pela passagem de seu aniversário. A primeira ideia era reunir um grande grupo, incluindo visitantes de outras localidades no Capão da Capororoca, localizado entre duas lagoas de Cidreira – a música viria de Conceição do Arroio [Osório] e liberais daquele distrito se fariam presentes, com suas famílias, entre eles o Coronel Saraiva, o Tenente-Coronel Pompeu, o Capitão Horácio, entre outros. No entanto, a intensa chuva dos dias

⁹⁸ Aspectos dessa trajetória serão analisados em outras seções deste trabalho.

⁹⁹ Koseritz' *Deutsche Zeitung*, 23/2/1889.

anteriores havia prejudicado a ideia inicial, mas a disposição daquelas pessoas dirigiu-se à organização de uma manifestação. Às vésperas do dia 3 de fevereiro, seguiu à cabana de Koseritz, em frente à Praça São João, um comboio de aproximadamente 200 pessoas, à luz de algumas chamas, ao crepitar de fogos e ao som de guitarra, flauta, gaita e acordeão. Estariam presentes homens como Friedrich e Jacob Christoffel, João e Fritz Diehl, A. Wallau, Carl Huber, Carl Daudt, Adolf Rabinger, von Kopy, entre outros. Músicas foram entoadas pelo coral, seguindo com os cumprimentos a Koseritz. Acompanhado de sua esposa e de suas filhas, ainda seria saudado por oradores, na língua nacional, pela passagem do seu aniversário, acrescentando elogios à forma de sua atuação na tribuna na Assembleia, como na imprensa, e que os filhos da província também pudessem reconhecer os benefícios de seu engajamento. Aproveitava-se a ocasião para congratulá-lo pelo reconhecimento que o governo imperial fizera ao elevá-lo a *Oficial das Rosas*, uma condecoração oferecida a militares e civis pelos serviços prestados ao Império e pela fidelidade dirigida ao Imperador. Seguiram-se vivas ao nome de Koseritz, uma declamação do poema em alemão redigido pelo Barão von Kopy, pela menina Elfrieda Diehl, a entrega de flores e a fala de agradecimento de Koseritz. No dia seguinte, data do aniversário, outros festejos deram continuidade às comemorações, com a chegada da banda de Conceição do Arroio, que se encarregou da serenata, estendendo-se para o baile e a polonesa à noite, reunindo grande parte dos habitantes de Cidreira. Às 11 horas daquela noite, cantava-se o tradicional “Boa-noite”, e com música, Koseritz e sua família foram conduzidos a sua moradia.

Depois de tão longa descrição, deve surgir a pergunta: o que ela tem a mostrar de tão importante sobre Koseritz? A resposta mais apropriada seria: muitas coisas! Assim, estaríamos diante de uma passagem que pode resumir alguns dos aspectos mais importantes que ao longo desse trabalho procurar-se-á evidenciar. Vejamos, pelo viés indiciário, as primeiras questões. Façamos em partes.

Entre as possibilidades de escrita, o pesquisador atento e consciente sobre as múltiplas facetas do seu personagem histórico, lembrará que Koseritz, em sua vasta produção, descreveu o artefato arqueológico de um sambaqui, que recebera de Luiz Brauer, o crânio de Cidreira¹⁰⁰, revelando-o ao público, a propósito das concepções

¹⁰⁰ KOSERITZ, Carlos von. *Bosquejos etnológicos*. Porto Alegre: Gundlach & Comp., 1884, p. 80-83.

de cientificidade e de racionalidade do século XIX, com auxílio dos naturalistas Theodoro Bischoff e Hermann von Ihering. Destarte, a representação de Cidreira possibilita projetar a localidade a um universo mais amplo e significativo, e um ponto em comum diante da interface intelectual que era constituída naquele momento. Da mesma forma, poderá chamar a atenção a presença de liberais do distrito e da atuação junto à tribuna, elementos que se reportam ao envolvimento e à importância de Koseritz ao campo político. Ou ainda poderia ser aceitável indicar a maneira como se fez presente e reconhecido na imprensa vernácula e de língua alemã. Se estas são respostas possíveis, ainda devemos apontar as dinâmicas sociais, que não se restringiram somente ao seu grupo étnico, mas projetaram-se para a comunidade luso-brasileira. Mas é preciso estar atento, e não deixar escapar a figura de um Friedrich Christoffel, por exemplo, proprietário de uma fábrica de cerveja em Porto Alegre, que teve publicado anúncios de propaganda em periódicos de Koseritz, além de participar da *Exposição Brasileira-Alemã*, que rendeu a seu estabelecimento industrial uma medalha de ouro pela importância de sua cervejaria e pela superioridade dos seus produtos. Portanto, é fundamental observar os extratos sociais que se aproximavam a Koseritz, e pensar sobre a importância dessas redes sociais. Ainda assim, a presença de Carlos Huber deve chamar a atenção, pelas suas relações amistosas com Júlio de Castilhos e com a maçonaria de Porto Alegre, e fazer lembrar as questões sobre o republicanismo e a ligação de Koseritz ao movimento maçônico da província. Não menos importante é constatar as variantes de sua relação com a monarquia brasileira, e analisá-las ao final dos anos de 1880, às vésperas da Proclamação da República. Ainda assim, 1889 será o ano em que Koseritz comemoraria, publicamente, os vinte e cinco anos de atuação na imprensa de língua alemã. Em meio a tantos resquícios sobre o passado, finalmente os aspectos de ordem cultural igualmente poderiam ser estudados, no sentido de compreender as manifestações de uma identidade étnica caracterizada pela presença da festa, da música, da poesia e da língua, bem como o significado do seu deslocamento a outras áreas geográficas.

Como se pode perceber, tais considerações permitem construir uma associação entre os diferentes indícios e as múltiplas perspectivas históricas para o estudo de Karl von Koseritz. Portanto, atestar ao longo das páginas seguintes a riqueza do seu itinerário é demonstrar a importante atuação que o tornou uma das lideranças políticas e intelectuais mais importantes da província do Rio Grande do

Sul, na segunda metade do século XIX. Como propõe François Dosse¹⁰¹, o grande desafio em resgatar, pelo viés histórico, a figura de uma pessoa de grande importância, é colocar em questão “o problema do vínculo entre o existir e o pensar”. Dessa forma, os caminhos percorridos por Karl von Koseritz, e que levaram a que se convencionasse nomear o intervalo de tempo entre 1864 e 1890 de “era Koseritz”, serão analisados pelo viés da imprensa, destacando aspectos importantes de suas obras, do seu engajamento político, cultural e científico, das suas redes sociais, que o projetaram como intelectual de grande influência. O desafio de escrever sobre a vida de Koseritz na imprensa é grande. O mérito residirá nas possibilidades de analisar e compreender este personagem histórico, revivendo sua pluralidade, retrazando os labirintos de encontros e desencontros, para além dos seus traços textuais, no contexto periodista, e concentrar-se, de sobremaneira, nos traços essenciais que ele deixou para a história. Como intelectual de seu tempo, os sentidos de uma vida de si também se leem no olhar dos outros,

não como fidelidade restituída por algum espelho, senão como recriação constante, obra no trabalho, mundo do texto tornado fonte de identidade. É na sucessão dos lugares de sua memória [...] e dos seus grupos de pertencimento [...] que se desenha uma identidade a um tempo plural pelo fato das apropriações que ela suscita e unitária pela coerência sempre preservada de uma vida feita obra.¹⁰²

A trajetória intelectual e histórica de Koseritz na imprensa contemplará uma investigação centrada em um indivíduo, mas que, fundamentalmente, se projetará para uma procura por dimensões plurais e complexas. Essa pluralização, a partir das reflexões propostas por Dosse¹⁰³, permite que se levem em conta as próprias mudanças constatadas em Koseritz, que não está imobilizado em uma estrutura atemporal de partida, “na qual já se desenhasse o itinerário ulterior”. É, portanto, provocar um engajamento de investigação histórica que ostente a importância que Karl von Koseritz representa para o movimento intelectual do Dezenove brasileiro.

¹⁰¹ DOSSE, François. *O desafio biográfico...*, op. cit., p. 363.

¹⁰² Idem, p. 376.

¹⁰³ Idem, op. cit., p. 376.

1.2 Koseritz, um pensamento original

Ich bin, wie Jedermann weiss, kein deutscher Staatsangehöriger und ebenso ist männiglich bekannt, dass ich Brasilien liebe, wie ein zweites Vaterland und voll und ganz Brasilianer bin, – aber meine Wiege hat in Deutschland gestanden, die ersten Laute, die an mein Ohr geschlagen, waren deutsche Laute und jetzt, wo ich hier weile, umfängt mich wieder der ganze Zauber der Heimath, unbeschadet meiner Liebe zu Brasilien und speciell zu meiner herrlichen Provinz Rio Grande do Sul.¹⁰⁴

Reconhecer, a partir da definição de Robert Darnton¹⁰⁵, a história intelectual de Koseritz é colocar em evidência a história das ideias (o estudo do pensamento sistemático), a história intelectual propriamente dita (o estudo dos pensamentos informais, das correntes de opinião e das tendências literárias) e a história cultural (o estudo da cultura no sentido antropológico, abordando as visões de mundo e as mentalidades coletivas). François Dosse¹⁰⁶ propõe, ao traçar a trajetória plural da história intelectual, bem como as suas perspectivas contemporâneas, um regresso à história dos intelectuais como espaço de investigação, para clarificar figuras que, paradoxalmente, acumulam um poder de fascinação e de opróbrio. Seguindo, para Dosse, a história intelectual, sem intenção imperial, deve ter como ambição

o fazer que se expresse ao mesmo tempo às obras, seus autores e o contexto que as viu nascer, de maneira que rechaça a alternativa empobrecedora entre uma leitura interna das obras e uma aproximação externa que priorize unicamente as redes de sociabilidade. A história intelectual pretende dar conta das obras, dos percursos, dos itinerários, mais além das fronteiras disciplinares.¹⁰⁷

Ao partir dessa perspectiva, ressalta-se que as características desse processo não impõem um condicionante que se limite unicamente às ações das

¹⁰⁴ "Eu sou como todo o mundo sabe, nenhum cidadão alemão, e, mesmo assim, é do conhecimento de todos, que eu amo o Brasil como uma segunda pátria e sou completamente e totalmente brasileiro, - mas meu berço encontrava-se na Alemanha, os primeiros sons que soaram em meus ouvidos foram sons alemães, e agora, neste momento, me envolve novamente o encanto da pátria mãe, sem prejuízo do amor que tenho pelo Brasil, e, especialmente, pela minha bela província Rio Grande do Sul". KOSERITZ, Karl von. *Reise Briefe*. Porto Alegre: Gundlach & Comp., 1887, p. 455-456.

¹⁰⁵ DARNTON apud DOSSE, François. *La marcha de las ideas*. Historia de los intelectuales, historia intelectual. Valência: PUV, 2007, p. 15.

¹⁰⁶ Idem, p. 11.

¹⁰⁷ Idem, p. 14.

peessoas. Certamente, a atuação revela uma ampla possibilidade de conhecer e compreender o ser humano. Mas há que se considerar como importante e fundamental os escritos, pois são vestígios de uma visão de mundo que se apresentou como legítima, e que buscou, por vários caminhos e instrumentos, fazer valer o seu princípio de existência, bem como a tentativa de construir um perfil de veracidade e de objetividade. É, portanto, assinalar que, por definição, o homem de ideias se deixa ler por publicações, não por seu cotidiano.¹⁰⁸ Compreender a figura de Koseritz por meio dos seus escritos na imprensa, a mesma proposição compartilhada por Magda Gans¹⁰⁹, é ultrapassar a noção de organização semântica de um texto, para alcançar perspectivas sociais mais amplas, “um conjunto de posições e ideias articuladas com certa coerência, disputando espaços na sociedade”. Nesse mesmo sentido, podemos nos referir aquilo que Jean-François Sirinelli¹¹⁰ destacou, quando disse que a história dos intelectuais tornou-se um campo histórico autônomo, “que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural”.

Franklin L. Baumer, que se propôs a discutir a formação e as características do pensamento europeu moderno, entende a história das ideias vinculada ao ideário dos homens, no mundo interior do pensamento, enquanto eles habitam em grande parte o mundo exterior da ação. Parte-se de um pensamento privado para um pensamento público. Neste sentido, o interesse dessa história não reside somente nos pensadores criativos, mas também nos popularizadores, que se preocupavam com a disseminação do conhecimento a um público mais vasto.¹¹¹

As considerações propostas por Dosse, Gans e Baumer tornam-se importantes para a realização de uma reflexão sobre a atuação de Karl von Koseritz, no cenário da imprensa da segunda metade do século XIX. A análise de sua produção, como intelectual, que passa por diferentes escritos, sejam obras literárias, revistas, almanaques, jornais ou obras impressas, revela o contexto político, cultural e social do seu tempo, articulado, ao mesmo tempo, a outros sujeitos históricos que pactuaram ou que, inclusive, se opuseram ao seu ideário. Da mesma forma, é salutar compreender que a dimensão intelectual do século XIX, de maneira geral,

¹⁰⁸ DOSSE, *O desafio biográfico...*, op. cit., p. 361.

¹⁰⁹ GANS, *Presença Teuta em Porto Alegre...*, op. cit., p. 113.

¹¹⁰ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996, p. 231.

¹¹¹ BAUMER, Franklin Le Van. *O pensamento Europeu Moderno*. Volumes II – Séculos XIX e XX. Lisboa: Edições 70, 1977, p. 21.

esteve associada à atividade política¹¹², o que significa dizer que não havia um campo intelectual autônomo no Brasil imperial, passando a existir claramente apenas no período republicano.

Falar, portanto, de Karl von Koseritz requer que se resgate a complexidade do seu pensamento, religando diferentes saberes – especialmente os de caráter filosófico, científico, econômico e político, áreas para as quais redigiu análises consistentes, que permearam as concepções por ele propostas aos seus contemporâneos. Esta tentativa, assim como orienta Edgar Morin¹¹³, deve ser operada de forma dialógica, pois integra os erros, as incertezas e os contrários, sem excluí-los.¹¹⁴ O pensamento de Koseritz, analisado a partir desta perspectiva, abre possibilidades para resgatar a riqueza de suas ideias, sem parti-las em dimensões compartimentadas, fragmentadas e isoladas. Assim, ter-se-á condições de escolher especificidades para compreendê-las, dentro de um mundo mais extenso e dinâmico, já que sua importância não se reduz ao papel de diretor e editor de imprensa, mas, também, como um grande expoente intelectual, pioneiro nas discussões temáticas, como o evolucionismo. Destarte, como intelectual, suas ideias manifestaram-se no campo científico, filosófico, literário, religioso, político e econômico, dialogando, ao mesmo tempo, com outros pensadores contemporâneos, fossem eles brasileiros ou estrangeiros. Reside aí uma importante complexidade a ser compreendida. Enfim, o desafio reside na tarefa de interrogar de forma diferente os percursos intelectuais, tentando pensar em conjunto a dimensão racional e a dimensão existencial presentes em seu século.¹¹⁵

¹¹² ALONSO apud ARAÚJO, Rodrigo Cardoso Soares de. Laços de identidade numa leitura de Karl von Koseritz. *Revista de História UEG*, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 65 – 85, jan.-jun. 2012, p. 72.

¹¹³ MORIN, Edgar. *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 55.

¹¹⁴ Uma das contradições apontadas por alguns historiadores é referida pela atuação e pelo engajamento de Koseritz pelo fim da escravidão, embora fosse ele também proprietário de escravos. Da mesma forma, alguns de seus opositores também se ocuparam em falar de contradições, especialmente quando Júlio de Castilhos apontou posturas antimonarquistas de Koseritz, para mostrar as suas incoerências, durante as disputas políticas que envolviam a manutenção do Império ou a instalação da República no Brasil.

¹¹⁵ DOSSE, *O desafio biográfico...*, op. cit., p. 364.

2 ATUAÇÃO DE KOSERITZ NA IMPRENSA DE PORTO ALEGRE (1864-1890)

2.1 A imprensa no Rio Grande do Sul

A imprensa na província do Rio Grande do Sul, durante o século XIX, guarda as suas particularidades. As primeiras manifestações¹¹⁶ ocorreram por conta das mudanças que o decreto de D. Pedro I trazia, ao determinar o fim da censura, em 1827, especialmente com o surgimento da publicação do *Diário de Porto Alegre*.¹¹⁷ Tal situação provocou o desenvolvimento dos periódicos locais, assim como ocorrera em outras províncias brasileiras.¹¹⁸ Antonio Hohlfeldt destaca que esta primeira fase possui como características a efemeridade, justificada pela falta de qualidade das publicações, excluindo-se algumas exceções, e pela relação de propriedade/editoria de seus responsáveis, estendendo-se até 1835.¹¹⁹

Desde a década de 1830, apresentava-se um segundo momento para a imprensa, que esteve ligado aos conflitos relacionados à Guerra dos Farrapos. A partir do Período Regencial, como assinala Francisco das Neves Alves¹²⁰, o jornalismo passou por um novo impulso. Inicialmente, boa parte dos periódicos exaltava os sentimentos dos revoltosos. Já em 1845, os jornais manifestavam uma maior divisão entre si, seguiam contrários ou favoráveis ao movimento deflagrado dez anos antes. Dentro desse contexto, a orientação política prevalecia, externando uma dimensão doutrinária e ideológica.

Nas décadas seguintes ao fim do conflito, houve um crescimento e uma diversificação quase que contínuos de jornais. Ao lado do aumento de folhas que passaram a circular nas diferentes regiões da província, a especialização de

¹¹⁶ Utilizaremos aqui a imprensa em seu sentido estrito, vinculada às publicações periódicas informativas ou opinativas. Esta noção é importante, pois se torna balizador para a história da imprensa no Rio Grande do Sul. Segundo Antonio Hohlfeldt, pensar a imprensa no sentido lato aponta para a existência de prelos gaúchos antes mesmo da independência do Brasil. Cf. HOHLFELDT, Antonio. A imprensa sul-riograndense entre 1870 e 1930. Dezembro, 2006. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. Disponível em <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/118/117>>. Acesso em 17 de maio de 2012, p. 2.

¹¹⁷ Tratava-se de um boletim oficial, destinado a apresentar os atos da administração governamental, bem como se colocava como instrumento de publicidade do governo provincial. Seu lançamento foi patrocinado pelo presidente da província, Salvador José Maciel. (Cf. RÜDIGER, 1993, p. 13; ALVES, 2006, p. 353).

¹¹⁸ O francês Claude Dubreuil foi responsável pela introdução da tipografia na província, em 1827. Cf. RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1993, p. 17.

¹¹⁹ HOHLFELDT, op. cit., loc. cit.

¹²⁰ ALVES, Francisco das Neves. A imprensa. In: PICOLLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira. *Império*. História Geral do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Méritos, 2006. Volume 2, p. 353.

determinados periódicos proporcionou uma ampliação dos gêneros da imprensa gaúcha, com destaque aos literários, caricatos e pasquins. Suas especificidades e particularidades estão presentes na formação discursiva de suas páginas, representando, enfim, o seu princípio editorial, “uma vez que foi inerente à sua ação a reprodução de uma dada faceta da realidade ocorrida, quer seja, a sua versão para os fatos. Ao construir um discurso, cada jornal construía a sua própria verdade [...]”.¹²¹ Desse modo, os jornais oitocentistas permitem identificar as formas sociais, culturais e políticas difundidas por eles, buscando influenciar maneiras de agir e de pensar, bem como padrões de comportamento.

Além disso, a segunda metade do século XIX é marcada pela imprensa partidária ou panfletária civil (1850-1900). Entre as características, pode-se destacar o estabelecimento de relações entre imprensa e partidos políticos, alinhando proprietários e editores a propostas partidárias, o que, inclusive, garantia a sobrevivência financeira do jornal, uma vez que as arrecadações com a publicidade – anúncios de diferentes naturezas – ainda não se apresentavam como suficientes para cobrir os gastos criados com a impressão dos periódicos. Como destaca Francisco das Neves Alves,

Tanto os jornais diários quanto a pequena imprensa serviriam assim muito a contento para difundir os enfrentamentos partidários. As estratégias discursivas é que variaram na exposição das convicções. Muitos dos diários, normalmente considerados como representantes da imprensa denominada de séria, expunham-se mais abertamente em períodos mais ou menos específicos, notadamente durante processos eleitorais ou à época de inversões partidárias, buscando manter certo equilíbrio entre a manifestação mais explícita de suas convicções e seus interesses de sustentação financeira. Mesmo assim, o engajamento partidário esteve latente e pronto para vir à tona, havendo diários mais diretamente partidários e outros que intentavam mesclar seu partidarismo com suposta e/ou propalada independência e neutralidade. Já a pequena imprensa daria vazão natural às discussões de cunho partidário, opinando sem peias diante das realidades políticas que encontrava pela frente.¹²²

Para Francisco Ricardo Rüdiger, a forma político-partidária ganhava força, “tornando-se meio de formação doutrinária da opinião pública”, cujos termos e

¹²¹ ALVES, Francisco das Neves. O periodismo gaúcho no século XIX: breves impressões históricas. *Biblos*, Rio Grande, v. 23, n. 2, p. 137-166, 2009.

¹²² Idem, p. 153.

medidas dependiam de cada partido.¹²³ Destarte, assumia-se a concepção de que o periódico deveria ser essencialmente opinativo.

Sobre os anúncios, os valores arrecadados pela publicidade não davam conta das despesas que uma tipografia reunia. De modo geral, encontravam-se avisos sobre casas comerciais, livrarias, drogarias, serviços, produtos, atividades industriais, entre outros. Normalmente, ocupavam parte da penúltima página, ao lado de pequenas sessões – policiais, reclames, a pedidos, notas bibliográficas, óbitos – e ainda a última página do jornal. Num período posterior a 1870, muitos jornais passaram a utilizar um formato maior para as folhas, o que ampliou, conseqüentemente, o espaço para a publicidade, restringindo-a a um terço de cada exemplar.

Há que se ressaltar, no entanto, que esta imprensa já não era mais exclusivamente partidária, pois se desenvolvia também a imprensa literária, que provocou um salto de qualidade, pelo lançamento de revistas literárias, humorísticas, e até mesmo científicas, almanaques, publicações com caricaturas e com forte crítica social. Como destaca Ana Luiza Martins, ampliavam-se as “funções como prestadora de serviços, num quadro econômico e social mais complexo, que permitiram a alguns de seus órgãos transformarem-se em empresas”.¹²⁴ Dessa forma, editores passaram a observar os gostos de seus leitores e a preocuparam-se em utilizar algumas práticas já presentes na imprensa dos grandes centros do Brasil. Tal constatação pode ser verificada, por exemplo, a partir da publicação dos folhetins, que animavam os leitores dos jornais a acompanharem regularmente os capítulos de longas histórias. De maneira geral, como sugere Hohlfeldt, essa dinâmica ressaltava a preocupação que os editores e proprietários dos periódicos demonstravam em relação aos leitores.¹²⁵

Da mesma forma, o desenvolvimento da imprensa na passagem do século XIX para o XX esteve associado à luta política que se configurava na província, bem como o aprimoramento das tecnologias empregadas na confecção dos jornais, que passaram de uma estrutura majoritariamente partidária para o modelo industrial.¹²⁶ O formato predominantemente utilizado pelas tipografias, a partir de 1870, reporta

¹²³ RÚDIGER, *Tendências...*, op. cit., p. 25.

¹²⁴ MARTINS, Ana L. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. Contexto: São Paulo, 2011, p. 45.

¹²⁵ HOHLFELDT, *A imprensa sul-riograndese...*, op. cit., p. 2.

¹²⁶ Idem, *ibidem*.

ao modelo *standard*.¹²⁷ O processo de produção já envolvia técnicas mais sofisticadas, permitindo uma melhoria na qualidade gráfica, e o aumento da tiragem de cada exemplar. Porém, a atividade ligada à produção de impressos continuava precária, pois o número de leitores ainda era limitado pelas condições de escolaridade e de baixo poder aquisitivo, o que provocava, em alguns casos, a efemeridade de determinado periódico.¹²⁸ A montagem de uma tipografia e o lançamento de um jornal não eram tarefas difíceis, se comparadas aos custos de manutenção das publicações – papel, matéria-prima importada e mão de obra.¹²⁹ O desafio ainda era complementado pelas expectativas a que cada impresso deveria atender ao ser lançado ao público leitor.¹³⁰

Para uma imprensa mais liberal nesse período, destaca-se o jornal de língua alemã *Koseritz' Deutsche Zeitung*, assim como *A Reforma*.¹³¹ Ambos veicularam, em especial, ideias do liberalismo, “mesmo contra as posições polêmicas e contraditórias dos Ministérios [liberais] que se sucediam no Rio de Janeiro”.¹³² Em relação ao órgão oficial do Partido Liberal, por exemplo, pode-se encontrar certo discurso favorável à centralização do Império brasileiro, ao mesmo tempo em que os interesses do setor latifundiário agrícola e pecuário do Rio Grande do Sul eram defendidos, ou em outras frentes, como a proposição ao debate sobre o direito ao voto dos não-católicos, bandeira reivindicatória do liberal Gaspar Silveira Martins.

Em 1885, constavam 85 jornais em circulação em Porto Alegre.¹³³ Já se desenhava um cenário com uma expressiva diversificação dos impressos, incluindo o desenvolvimento de folhas e críticos literários e humorísticos. Citam-se alguns nomes, como *Jornal do Comércio* (1865-1912), *A Federação* (1884-1937), *Deutsche Zeitung* (1861-1917), *Revista do Parthenon Literário* (1869-1879), *O século* (1880-1893) e *Koseritz' Deutsche Zeitung* (1881-1906).

¹²⁷ No formato *standard*, a área gráfica da página mede em torno de 52,5 por 29,7 centímetros.

¹²⁸ É preciso lembrar, segundo Hohlfeldt e Rausch, a inexistência da publicidade paga, capaz de sustentar uma publicação. Tal perspectiva passa a ser diferente somente em 1895, com a criação do *Correio do Povo* e, de sobremaneira, pelo desgaste dos partidos políticos após a Revolução de 1893, uma vez que o Partido Republicano Rio-Grandense passou a controlar a dinâmica partidária de província. Cf. HOHLFELDT, Antonio; RAUSCH, Fábio Flores, op. cit., loc. cit.

¹²⁹ RÜDIGER, *Tendências...*, op. cit., p. 19.

¹³⁰ A noção moderna de jornalista ainda não encontrava estatuto definido. Em meados do século XIX, usava-se a expressão escritor público, mais adequado ao significado político-literário da imprensa na época. Cf. RÜDIGER, op. cit., loc. cit.

¹³¹ Sua primeira edição consta de 16 de junho de 1869, sendo fundado por Gaspar Silveira Martins.

¹³² HOHLFELDT, Antonio; RAUSCH, Fábio Flores, op. cit., loc. cit.

¹³³ HOHLFELDT, *A imprensa sul-riograndese...*, op. cit., p. 8.

Essa relação revela que os periódicos produzidos para as comunidades de imigrantes e seus descendentes também passaram a ocupar um espaço de destaque na imprensa gaúcha do século XIX. Sua contribuição está no papel que desempenharam quanto à identificação social, à preservação e à valorização da cultura teuto-brasileira no Brasil. René Gertz¹³⁴ lembra que as publicações do contexto da imigração alemã estão ligadas a três propostas diferentes, ao referir-se aos almanaques, aos jornais¹³⁵ e às revistas. Essas produções tipográficas ofereciam a um público específico a possibilidade de leitura de diferentes gêneros e temáticas, entre “informações de cunho prático, notícias locais, nacionais e internacionais, matérias de temática variada e publicidade”¹³⁶, além de permitir a divulgação de textos literários, entre contos e romances, no estilo *feuilleton* – as famosas histórias de rodapé, além de conteúdos políticos, filosóficos, econômicos, religiosos, culturais, humorísticos, educacionais, legislatórios, entre outros.

De modo geral, a imprensa de língua alemã produziu periódicos de importante repercussão, e já se manifestava, a partir de 1836, por meio do bissemanário *O Colono Alemão*, editado por Hermann von Salisch¹³⁷, um revolucionário e adversário fervoroso do diretor da colônia de São Leopoldo, Johann Daniel Hillebrand. Sua existência foi muito curta, tendo em vista ter sido publicado em língua nacional, o que impediu que a maioria dos recém-chegados colonos alemães o pudesse ler e compreender. Já o primeiro jornal da província em língua alemã, segundo Klaus Becker¹³⁸, foi a folha *Der Deutsche Auswanderer*, em 1836.¹³⁹ Somente após a guerra civil, finda em 1845, surgiram novos empreendimentos tipográficos, citando-se o primeiro deles, *Der Colonist* – mais tarde redefinido para *Der Kolonist*, lançado em Porto Alegre em 10 de agosto de 1852, e de propriedade de José Cândido Gomes¹⁴⁰, também dono do jornal *O Mercantil*, tipografia onde o jornal para os

¹³⁴ GERTZ, René. Imprensa e imigração alemã. In: DREHER, Martin; RAMBO, Blásio; TRAMONTINI, Marcos. *Imigração & imprensa*. Porto Alegre: EST, 2004.

¹³⁵ Os jornais políticos foram os que tiveram o maior destaque na imprensa de língua alemã.

¹³⁶ GRÜTZMANN, Imgart. Jornais de diversas tendências. In: GRÜTZMANN, Imgart; DREHER, Martin Norberto; FELDENS, Jorge Augusto. *Imigração Alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Oikos/Unisinos, 2008, p. 36.

¹³⁷ Com a imigração, chegaram à província alguns impressores, que assumiram a atividade tipográfica nas colônias.

¹³⁸ Cf. BECKER, Klaus. Imprensa em língua alemã (1852-1889). In: BECKER, Klaus (org.) *O Rio Grande Antigo*. Enciclopédia Rio-Grandense. Canoas: Editora Regional Ltda., 1956, p. 265-282.

¹³⁹ Não existem referências ou estudos específicos sobre esse periódico. Nome homônimo encontra-se em outros jornais da Alemanha.

¹⁴⁰ À época, José Cândido Gomes era considerado um renomado homem da imprensa. Segundo Klaus Becker, Gomes justificaria a fundação do jornal pelos pedidos dos alemães presentes na província, além de explicar a

alemães era impresso. Tratava-se de um jornal, inicialmente, bilíngue, passando a ser editado, posteriormente, somente em alemão, dedicado aos interesses do comércio, da indústria e da agricultura, cujos textos apareciam no vernáculo, e eram traduzidos por um alemão chamado Lindenberg.¹⁴¹ Sua existência estendeu-se até 30 de junho de 1853, data do seu último número.

Além dos jornais alemães que eram produzidos na província, é importante destacar que outros títulos circulavam no Rio Grande do Sul, impressos em outras cidades do Império, como o carioca *Der Deutsche Einwanderer*. Foi fundado em 1853, e no ano seguinte a tipografia transferiu-se para Porto Alegre, onde foi adquirida por Theobaldo Jaeger¹⁴² e sua editoração aos cuidados de Carlos Jansen, até 1855. *Der Deutsche Einwanderer* foi editado até 8 de julho de 1861, quando desapareceu, por descontentamentos pela orientação editorial, em especial a Otto Stieher¹⁴³, e pelas dificuldades financeiras. Da mesma forma, periódicos, revistas e almanaques produzidos na Europa eram encontrados entre os leitores das colônias. Contudo, o seu conteúdo afastava-se da realidade brasileira na qual os colonos alemães se encontravam. Esse motivo levou Koseritz, por exemplo, a criar o seu próprio almanaque, argumentando que em suas páginas haveria temas ligados ao contexto da população teuto-brasileira no Brasil.

Na imprensa de língua alemã ainda é possível encontrar *Der hinkende Teufel* – *O diabo coxo*, quinzenário humorístico lançado em 1855, cujo redator acredita-se ter sido Carlos Jansen¹⁴⁴, e o *Der neue hinkende Teufel* – *O novo diabo coxo*, de

razão pela edição em duas línguas: “Se fosse só em português, mais da metade dos alemães que estão no Rio Grande não acharão prazer em lê-lo, porque muitas vezes não entenderão bem, e poderão mesmo entender o contrário do que quisessem dizer... Também escrever em alemão o jornal não era útil, pois muitas intrigas haviam de levantar... Será, pois, em alemão e em português o novo jornal; por essa forma se conciliarão todas as razões”. GOMES apud BECKER, *Imprensa em língua alemã...*, op. cit., p. 269.

¹⁴¹ Há referência sobre o Lindenberg no livro de Johann Jacob von Tschudi, viajante que esteve em Porto Alegre, e cita, entre outros jornais, *Der Colonist*. Cf. TSCHUDI, Johann Jacob. *Reisen durch Südamerika*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1867, p. 11; SCHRÖDER, Ferdinand. *A imigração alemã para o Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Unisinos/Edipucrs, 2ª edição, 2003, p. 161.

¹⁴² Fazia parte da primeira geração de brasileiros de origem teuta, foi o primeiro desse grupo a terem empreendimento gráfico e dedicar-se às atividades como editor. Era tradutor, publicou obras didáticas e é um dos sócios fundadores da Sociedade Germânia, de Porto Alegre, fundada em 1º de junho de 1855. Nasceu em São Leopoldo, e faleceu em 1879, como renomado médico em Santa Maria. Cf. BECKER, op. cit., p. 271.

¹⁴³ Foi o célebre correspondente de Koseritz, no jornal *Deutsche Zeitung*, durante a Guerra do Paraguai. Fundou o primeiro jornal em língua alemã de São Paulo, em 1878, como o nome de *Germania*.

¹⁴⁴ Becker supõe que ocorreu um desentendimento entre Jansen e Jaeger justamente em torno do quinzenário alemão. Carlos Jansen trouxe ao público folha com o mesmo nome, em 1858, e ainda é criador de outras pequenas folhas alemãs, sob a razão de Carlos Jansen & Co., impressas na Tipografia Brasileira-Alemã. BECKER, op. cit., p. 270.

1856, de autoria de Theobaldo Jaeger. Além desses, cita-se o jornal *Vorwärts – Avante* (1880), fundado por Hans von Franckenberg.

Cabe lembrar, igualmente, que a partir de 1850 deu-se início a uma crescente diversificação da imprensa, com a fundação de jornais em diversas localidades da província, fossem eles jornais na língua nacional ou étnica. Fora da Capital, a colônia de São Leopoldo também presenciou o surgimento de periódicos importantes. O primeiro a ser lembrado nas regiões de colonização alemã, com circulação entre 1867 e 1879, é *Der Bote – O Mensageiro*, sendo o seu idealizador e redator Julius Curtius, um tipógrafo que havia chegado da Europa em 1855. Esse jornal tornou-se opositor ao *Deutsche Zeitung* em questões sobre colonização, embora se aproximassem ao tratarem sobre uma pauta anticlerical, voltada a atacar o *Deutsches Volksblatt*, fundado em 1871 por padres jesuítas de São Leopoldo. Por outro lado, a partir de 1875, dificuldades crescentes levaram Julius Curtius a buscar auxílio junto a um pastor luterano que recentemente havia chegado à cidade. Dessa forma, esse pastor, Wilhelm Rotermund, tornou-se redator da folha, e passou a imprimir uma tendência luterana ao jornal, que não tardou a conflitar com Karl von Koseritz, redator do *Deutsche Zeitung*. Outro jornal, dirigido por Hans von Franckenberg, circulou entre 1879 e 1880. Tratava-se do *Die Neue Zeit – A nova Era*, cuja tipografia era muito bem equipada para serviços de impressão; além do jornal, também eram impressos livros e folhetos coloridos ou em bronze. Mais tarde, a instalação foi comprada por Wilhelm Rotermund, fato que permitiu a ele criar seu próprio jornal, o *Deutsche Post – Correio Alemão*. Editado duas vezes por semana, apareceu efetivamente ao público leitor em 1880. Mais ao sul da província, em Pelotas, no ano de 1881, Julius Curtius daria início a outra empreitada, lançando o jornal em língua alemã *Deutsche Presse – Imprensa Alemã*, que deixou de existir após dois anos em circulação.

Certamente, a criação do *Deutsche Zeitung*, no início da década de 1860, inseriu novo fôlego ao empreendimento tipográfico dirigido à comunidade teuto-brasileira na província. Esse bissemanário tem sua origem associada à iniciativa de importantes comerciantes alemães de Porto Alegre, entre eles Lothar de la Rue, Frederico Haensel, Julius Wollmann, Richard Huch, Jakob Rech, Emil Wiedemann e Wilhelm ter Brüggen, que adquiriram os prelos de *Der Deutsche Einwanderer*, dando vida ao primeiro número em 10 de agosto de 1861. O primeiro editor, ter Brüggen, assumiu o cargo provisoriamente até a chegada de Theodor Oelckers, um editor

profissional europeu, que permaneceu na função por apenas cinco meses. Foi então que passa a se destacar o nome de Theodor Freiherr von Varnbühler¹⁴⁵, que por questões políticas foi afastado do cargo de chefe-editor em 1863, em virtude do seu posicionamento na imprensa favorável à Inglaterra na *Questão Christie*¹⁴⁶, e que resultou em interrogatório do governo local aos membros do conselho administrativo do jornal. Diante da crise editorial, abria-se o cargo, que, a partir de 1º de julho de 1864, passou a ser ocupado por Karl von Koseritz, que recentemente havia chegado à capital da província.

A partir de Koseritz, consolidou-se de forma notável o desenvolvimento do *Deutsche Zeitung*. Aliado a isso, como redator-chefe, sua importância para o meio intelectual e político cresceu consideravelmente, o que fez com que se tornasse um dos homens mais influentes do seu tempo. Seu programa de atuação facilmente pode ser encontrado nas páginas desse periódico, até o ano de 1881, quando deixou o jornal, pelas divergências com um dos proprietários, ter Brügggen, motivado pelas críticas dirigidas à *Exposição Brasileira-Alemã*. Sua saída do jornal abriu espaço para um novo redator, brevemente ocupado por Hermann von Ihering, sucedido por Hans von Franckenberg, que permaneceu até 1886, então substituído por Wilhelm Schweitzer, ao qual se atribui a recuperação de parte do prestígio dessa folha. Na década de 1880, alguns de seus proprietários ainda se desfizeram de suas quotas, como ter Brügggen, o que permitiu a ascendência do tipógrafo Cäsar Reinhardt, ao mesmo tempo em que o número de leitores do *Deutsche Zeitung* encontrava-se em declínio, motivado pela circulação de um novo jornal concorrente. A partir do dia 29 de dezembro de 1881, o *Koseritz' Deutsche Zeitung* entrava em circulação.

Sobre os almanaques, é possível pontuar algumas considerações a respeito desse formato impresso, que recebeu importante destaque no contexto da imprensa de língua alemã no Rio Grande do Sul. Aos moldes do gênero confeccionado na Alemanha¹⁴⁷, os almanaques publicados no Brasil, surgiram a partir da segunda

¹⁴⁵ Em meio a polêmicas e declarações em artigos no jornal *Deutsche Zeitung*, Varnbühler deu sua versão sobre a sua saída do cargo de redator, e fez um contraponto às justificativas dadas pelo periódico, tendo em vista a péssima qualidade da redação do jornal e a situação econômica da empresa. *Deutsche Zeitung*, 14/5/1864.

¹⁴⁶ Conflito diplomático entre o Brasil e a Inglaterra, após o naufrágio da embarcação inglesa *Prince of Wales*, na costa do Rio Grande do Sul, e do saque de sua carga. Somava-se a isso um incidente envolvendo marinheiros ingleses no Rio de Janeiro. O diplomata inglês exigia o pagamento de uma indenização pela carga do navio, bem como medidas punitivas aos policiais brasileiros responsáveis pela prisão dos marujos ingleses.

¹⁴⁷ Os almanaques na Alemanha surgiram no século XV, inspirados nos calendários impressos, presos à parede, após o surgimento da tipografia. Cabe citar que a denominação *Kalender* também significa calendário. Esse

metade do século XIX. Foi com grande força que esse material impresso também atingiu grande prestígio, tornando-se o melhor veículo da poesia, do conto e do estudo histórico, como bem lembra Guilhermino César.¹⁴⁸ Esse tipo de imprensa adquiriu certa popularidade em áreas de imigração, incluindo o Brasil, a Argentina e o Chile, embora nos dois últimos países o surgimento dos almanaques se desse no século XX, especialmente durante a Primeira Guerra Mundial. Segundo César, “algumas dessas publicações chegaram a exercer influência na vida mental, pois que se constituíram em repositório de pesquisas e ensaios da maior importância”.¹⁴⁹

Conforme Greicy Weschenfelder¹⁵⁰, os almanaques circularam com mais força nas regiões coloniais, e por muito tempo “foram os únicos meios de comunicação que deixavam o colono conectado com o mundo, contribuindo, intensamente, para a manutenção da germanidade no Rio Grande do Sul, além de sua preocupação em informar e instruir”. Dentre os calendários de língua alemã que circularam no Rio Grande do Sul, no século XIX, estão *Deutscher Kalender, Koseritz’ Deutscher Volkskalender, Kalender der Serra-Post, Kalender für die Deutschen in Brasilien*, entre outros. Com predominância do almanaque popular – *Volkskalender*¹⁵¹, encontravam-se, também, calendários com temáticas específicas, alguns com teor religioso (protestante ou católico), outros com abrangência mais regional. Além disso, alguns editores de jornais dedicaram-se à produção de anuários, como Rotermund, Koseritz e Metzler. Rotermund e Metzler, um pastor evangélico e o outro militante católico, ligado aos jesuítas, eram fiéis opositores à imprensa de Koseritz. Nesse sentido, Martin Norberto Dreher expõe que Wilhelm Rotermund, para opor-se ao “iluminismo de Feuerbach e Haeckel, difundido por Karl

significado vincula-se ao fato de que traziam a página do calendário, como cerne e parte constante desse tipo de periódico, encontrando a divisão e ordenação do ano em curso. Além do calendário, essas publicações traziam, em linguagem acessível, conhecimentos astronômicos, medicinais e meteorológicos.

¹⁴⁸ César dá destaque a almanaques como *Anuário da Província do Rio Grande do Sul*, cujo editor-chefe fora Graciano A. de Azambuja, o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, produzido por Alfredo Ferreira Rodrigues na cidade de Rio Grande, o pelotense *Almanaque Popular Brasileiro*, editado por Echenique & Irmão, o *Almanaque Enciclopédico Sul-Rio-Grandense*, sob editoração de Augusto Porto Alegre. Além desses almanaques, o *Koseritz’ Deutscher Volkskalender* é o único citado para o universo da língua alemã. CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. Porto Alegre: Globo, 2ª edição, 1971, p. 370.

¹⁴⁹ Idem, *ibidem*.

¹⁵⁰ WESCHENFELDER, Greicy. *A imprensa alemã no Rio Grande do Sul e o romance-folhetim*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010, p. 39.

¹⁵¹ GRÜTZMANN, Imgart. Almanaque de múltiplas orientações e confissões. In: GRÜTZMANN, Imgart; DREHER, Martin Norberto; FELDENS, Jorge Augusto. *Imigração Alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Oikos/Unisinos, 2008, p. 38.

von Koseritz e seus adeptos, publicou, desde 1881, o *Kalender für die Deutschen in Brasilien*. Com isso, pretendia educar o povo a partir da fé cristã¹⁵².

Antes disso, em Porto Alegre, na década de 1850, apresentava-se ao público de fala alemã o primeiro exemplar de *Der neue hinkende Teufel. Deutscher Volkskalender für die Provinz S. Pedro do Sul*, editado entre os anos de 1856 e 1858. No entanto, foi a partir do almanaque *Kalender für die Deutschen in Brasilien*¹⁵³ que este modelo de imprensa atingiu uma importância significativa. Segundo Imgart Grützmann¹⁵⁴, este almanaque era editado em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, e circulou entre os anos de 1881 e 1918, depois novamente entre 1920 e 1941, sendo que em 1923 ele atingiu uma tiragem anual de trinta mil exemplares. Pelo *Deutsche Zeitung* foi publicado o *Deutscher Volkskalender*, entre os anos de 1862 e 1870. Mas a consolidação do gênero ocorreu somente com o lançamento do *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, a partir de 1874, impresso pela tipografia de Walther Kühn. Na década seguinte, Cäsar Reinhardt tornava-se proprietário majoritário do jornal *Deutsche Zeitung*, e passou a produzir, também, o almanaque *Musterreiter's neuer historicher Kalender*.

A periodicidade dos almanaques de língua alemã seguia um padrão comum, ou seja, edição anual. Sua circulação entre as populações de imigração alemã iniciava no último trimestre do ano anterior e eram comercializados a preços acessíveis.¹⁵⁵ Ao lado dos jornais, foram veículos importantes para a difusão do texto impresso em alemão, incluindo ao mesmo tempo informações temáticas e de gêneros variados, proporcionando aos leitores também o entretenimento, com espaços dedicados à literatura nacional e internacional, bem como páginas que tratavam sobre humor. Os leitores dos almanaques encontravam-se tanto nas principais áreas urbanas, com a presença de importantes comunidades germânicas, a exemplo de Porto Alegre, quanto também em áreas rurais, onde os colonos aguardavam anualmente a edição de cada novo exemplar.

¹⁵² Livreiro, editor, escritor e homem da imprensa. Foi fundador do Sínodo Riograndense. Tem seu nome ligado à criação do jornal *Deutsche Post*, também utilizado para manifestar-se contra Koseritz. Cf. DREHER, Martin Norberto. *Igreja e germanidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 84.

¹⁵³ Tratava-se de um almanaque de orientação evangélica, criado, em São Leopoldo, por Wilhelm Rotermund, como veremos mais adiante.

¹⁵⁴ Cf. GRÜTZMANN, Imgart. Almanagues em língua alemã na América Latina (1895-1941): aproximações teórico-metodológicas ao tema. *Espaço Plural*, Toledo, n. 14, p. 14-17, 2006, p. 14; GRÜTZMANN, Imgart. Almanaque de múltiplas orientações..., op. cit. Loc. cit..

¹⁵⁵ BRAUN, Felipe Kuhn. *O jornalismo de almanaque como fonte de conhecimento*: um retrato das colônias alemãs no começo do século XX. Novo Hamburgo: Feevale. Trabalho de Conclusão (Licenciatura em História), Universidade Feevale, 2010, p. 38.

Ao mesmo tempo, ao atribuir destaque aos impressos alemães desse período, deve-se destacar também a importância de redatores e proprietários de tipografias, fosse pelo engajamento, pela orientação editorial ou pelo estilo de escrita, contribuindo para uma maior visibilidade desse tipo de imprensa no Rio Grande do Sul. Em meio aos vários empreendimentos, como se pode perceber pelo conteúdo até aqui apresentado, ao final do século XIX quatro grandes projetos teriam, enfim, vingado: *Deutsche Zeitung*, *Koseritz' Deutsche Zeitung*, *Deutsches Volksblatt* e *Deutsche Post*. Nesses espaços, é possível encontrar igualmente os redatores mais influentes, e, sobremaneira, como pretende mostrar este estudo, a proeminência de Karl von Koseritz, sem restringi-lo unicamente à imprensa étnica, mas pensá-lo a partir do conjunto de sua obra. Significa dizer que Koseritz esteve presente na imprensa de língua portuguesa numa mesma escala de importância que sua imprensa de língua alemã.

Para finalizar, deve-se considerar as especificidades para a imprensa ao final do Dezenove. Se há um momento propício para o desenvolvimento da imprensa étnica durante o século XIX, com o surgimento de jornais e de almanaques, restrições também puderam ser sentidas na passagem da Monarquia para a República, com o cerceamento da liberdade de expressão às produções dessas tipografias. As mudanças instituídas a partir de 1889, com a Proclamação da República, representariam um ponto de inflexão, segundo Francisco das Neves Alves. Adaptados ao jogo político do Império, simpáticos a um ou a outro partido e valendo-se do pressuposto da liberdade de expressão, os jornais da província passaram a adaptar-se às novas exigências de um governo autoritário, pelas quais a liberdade de manifestação passava a ser controlada e vigiada. Algumas lideranças republicanas no poder, antes defensoras da crítica ao Império, passaram a defender uma legislação rígida, sem diálogo e sem crítica, em nome da “salvação republicana”. Já em dezembro de 1889, seriam baixadas as primeiras leis da República que restringiam a atuação da imprensa, ampliando as formas de intimidação a pessoas consideradas opositoras, desde a censura, a vigilância das autoridades, até aos constantes interrogatórios aplicados por autoridades policiais a redatores de jornais e às ameaças, aos aprisionamentos, assassinatos e empastelamentos. Em reação, “muitas folhas não se conformavam com aquele tratamento, manifestando-se abertamente contra as determinações restritivas, no

que se convencionou denominar de ‘lei da rolha’”.¹⁵⁶ Seriam dias muito difíceis para aqueles que abertamente se opuseram às novas determinações, e que, de alguma maneira, representassem ameaças às autoridades vigilantes.

2.2 Atuação de Koseritz na imprensa porto-alegrense

Foi na Capital da Província que Koseritz passou a construir uma trajetória social, política e intelectual bastante dinâmica, inclusive de grande repercussão histórica. Assumiu um importante papel da imprensa. Como já assinalado, tornou-se um grande expoente intelectual. Koseritz defendia princípios liberais, que se manifestavam no campo filosófico, literário, religioso, político e econômico. De maneira incisiva, tornou-se porta-voz dos projetos e das necessidades dos imigrantes alemães e de seus descendentes no Rio Grande do Sul, valendo-se da imprensa como instrumento de divulgação e alargamento do seu ideário.

Instalado definitivamente em Porto Alegre a partir de 1864, foi contratado, inicialmente, para assumir a redação do jornal de língua alemã *Deutsche Zeitung*, a partir do dia 1º de julho de 1864. Concomitantemente, sobrevivia com aulas particulares. Tornou-se redator do órgão do partido conservador, o jornal *A Ordem*, espaço no qual sustentou polêmica com Felix da Cunha¹⁵⁷, proprietário do jornal *O Mercantil*, sobre a *Missão Saraiva*¹⁵⁸ e a Guerra do Paraguai. Desempenhou essa função até a morte do conservador Luís Alves Leite de Oliveira Bello¹⁵⁹, em 1865. Como o próprio Koseritz reconhecia, as polêmicas o tornavam cada vez mais conhecido em Porto Alegre.

Com o fechamento do jornal *A Ordem*, Koseritz foi nomeado por Francisco Xavier da Cunha agente intérprete da colonização no Rio Grande do Sul. Após a morte de Felix da Cunha, irmão de Francisco da Cunha, assumiu a redação da folha *O Mercantil*, além dos trabalhos que exercia como advogado, na *Associação Teuta de Proteção Jurídica*, o *Deutscher Rechtsschutzverein*, mesmo sem possuir

¹⁵⁶ ALVES, O periodismo gaúcho..., op. cit., p. 158.

¹⁵⁷ Felix da Cunha atuou na imprensa, foi advogado, político e homem das letras. Foi deputado da província pelo Partido Liberal.

¹⁵⁸ A Missão Saraiva reivindicava, por parte do governo imperial brasileiro, que o presidente uruguaio Atanásio Aguirre revogasse as leis que restringiam a presença dos estancieiros gaúchos no Uruguai, bem como uma nova delimitação para as fronteiras.

¹⁵⁹ Dr. Luís Alves Leite de Oliveira Bello foi presidente da província, e também deputado provincial.

formação acadêmica.¹⁶⁰ *O Mercantil* teve estreia no dia 3 de março de 1874. Estava ligado, originalmente, ao Partido Conservador, e defendeu a campanha abolicionista, mas chocava-se, abertamente, contra o ideário republicano, o que representava apoio aberto à manutenção da monarquia.¹⁶¹

Suas tarefas na imprensa local eram ampliadas gradativamente. Assumiu, ainda na década de 1860, a redação do *Jornal do Comércio*, publicando nesta folha artigos de cunho mais popular, referentes à economia, bem como se envolveu em polêmicas com os jesuítas e as instâncias religiosas de Roma. Nesse mesmo tempo, foi colaborador na folha *A Sentinela do Sul*¹⁶², que existiu entre julho de 1867 e janeiro de 1869, pertencente a Júlio Timóteo de Araújo e Manuel Felisberto Pereira da Silva, e impresso na Tipografia Imperial, de propriedade de Emil Wiedemann, destacando-se pela publicação de caricaturas. Koseritz, no entanto, desligou-se da função de colaborador, devido aos desentendimentos com Eudoro Brasileiro Berlink¹⁶³, também autor de textos para o mesmo jornal. Em artigo no *Deutsche Zeitung*, “O Discurso do Senhor Eudoro Berlink”, Koseritz escreveu comentários sobre as divergências, dizendo que Berlink “odiava o elemento alemão e é o principal opositor da colonização..., ele é inimigo da colonização alemã”.¹⁶⁴

Envolveu-se em novas disputas, como exemplifica a reação dos liberais, entre eles Koseritz, contra o conservador e presidente da província Antônio da Costa Pinto e Silva. Além disso, em 1869, o proprietário do *Jornal do Comércio*, Luís Francisco Cavalcanti de Albuquerque, rompeu com o Partido Liberal, e Koseritz passou a dedicar alguns escritos ao jornal *A Reforma*, tipografia onde conviveu com Caldre e Fião, Florêncio de Abreu, Timóteo Pereira da Rosa, Félix da Cunha e Eleutério de Camargo. Nesse periódico, sua participação inicial foi breve, uma vez que a Guerra Franco-Prussiana o opunha ao proprietário – Gaspar Silveira Martins, um declarado francófilo, embora nos anos de 1880, de acordo com a conjuntura política,

¹⁶⁰ GANS, Magda Roswita. *Presença Teuta em Porto Alegre no Século XIX (1850-1889)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 135.

¹⁶¹ Cf. HOHLFELDT, Antonio; RAUSCH, Fábio Flores. *A imprensa sul-rio-grandense...*, op. cit., loc. cit.

¹⁶² Faziam parte do quadro de redatores Júlio Timóteo de Araújo, Manuel Felisberto Pereira da Silva, Inácio Weingärtner, Karl von Koseritz e Eudoro Berlink. Cf. FERTIG, André. Valentes vingadores: os guardas nacionais riograndenses como símbolo do Império do Brasil. *Escritas*, Araguaína, v. 2. 2010.

Disponível em <<https://revistahistoriauft.files.wordpress.com/2012/04/valentes-vingadores-os-guardas-nacionais-riograndenses-como-siccc81mbolos-do-impecc81rio-do-brasil.pdf>> Acesso em 30 de abr. de 2012.

¹⁶³ Atuou no jornal *Rio-Grandense*, do Partido Conservador, e no *Maçom*, entre 1873 e 1875 (jornal maçônico que antecedeu *A Acácia*).

¹⁶⁴ *Deutsche Zeitung*, 11/8/1869.

retornasse aos quadros do Partido Liberal e voltasse a redigir para *A Reforma*. Retornou às atividades do *Jornal do Comércio*, no qual permaneceu até 1872. Dedicou-se a avaliar os debates da Assembleia Provincial, como a reforma educacional e a viabilidade do porto de Torres, aproximando-se a velhos conhecidos seus, integrantes da ala conservadora, como o Visconde da Graça, Borges Fortes e Silva Nunes.¹⁶⁵ Koseritz afirmava que suas discussões e polêmicas contemplavam certas questões que nunca haviam sido tratadas, nem mesmo pelos próprios liberais. Para esse contexto, existem, ainda, indicações de que Koseritz teria sido preso, em 1870, por ter cometido delito de imprensa.¹⁶⁶ A questão é reforçada pela publicação da nota de agradecimento redigida por Koseritz, no jornal *Deutsche Zeitung*, em agosto de 1870, pela qual agradeceu a amigos e cidadãos locais pelas visitas que recebeu durante o cativeiro.¹⁶⁷

No ano de 1872, com as incompatibilidades criadas entre o partido conservador e Eudoro Berlink, Koseritz foi consultado para assumir a direção do órgão oficial partidário, o jornal *Rio Grandense*. Logo depois, em 1873, a tipografia foi vendida a Koseritz, e ele passou a ser, oficialmente, jornalista, ao lado de Carvalho de Moraes, Azevedo Castro, Araripe e Faria Lemos. Nessa folha, dedicou-se a tratar dos interesses dos alemães e seus descendentes, polemizou novamente a partir da questão religiosa, e publicou, inclusive, neste órgão conservador, propaganda pelo darwinismo e pela visão mecânica de funcionamento do mundo.

Sua permanência no periódico *Rio Grandense* se deu até 1878, quando se desencadeou uma crise que opôs Koseritz a todo o partido conservador. Segundo o próprio Koseritz, ao retomar sua história na imprensa brasileira em relato no ano de 1881, considerava o tempo que havia permanecido na redação do jornal como os seis anos mais difíceis e duros da sua vida até então, e a batalha contra o Partido Liberal e os ataques à *Reforma* tornavam-se, aos seus olhos, algo que nem mais poderia ser chamado de decente. Na política, Koseritz percebia-se como a alma do partido, campo que despertou nele a “raiva e a brabeza”. Suas lembranças mostravam que não se tratava de uma tarefa fácil, pois lidava com as conferências partidárias, com correspondências a subchefes do partido, com as mais diversas

¹⁶⁵ Silva Nunes era Conselheiro de Estado.

¹⁶⁶ O fato carece de fontes para compreender as razões pelas quais Koseritz foi acusado pelo delito de imprensa. A indicação encontrada sobre a prisão de Koseritz, em 1870, encontra-se em Cf. KARL von Koseritz. <<http://www.caiozip.com/koseritz.htm>>. Acesso em 9 de jan. de 2015.

¹⁶⁷ *Deutsche Zeitung*, 10/8/1870.

intrigas partidárias, e com as dificuldades econômicas para manter o empreendimento – “era um verdadeiro inferno de trabalho, de irritações e de responsabilidades”.¹⁶⁸

Porém, sua maior queixa remetia às relações que mantinha com José Bernardino da Cunha Bittencourt¹⁶⁹, membro do partido conservador, com o qual mantinha discussões ferrenhas quanto à questão religiosa. Os conflitos se deram também no campo político, e Koseritz acusou Bittencourt de tê-lo riscado do pleito eleitoral pelo partido conservador, no ano de 1876. A alternativa foi apresentar-se como candidato avulso, e o resultado o deixara satisfeito: Bittencourt havia alcançado quarenta votos a menos que Koseritz.

Face à crise do partido conservador ao final da década de 1870, e ao afastamento de pessoas importantes do partido, Koseritz mantinha-se desanimado e permanecia no *Rio Grandense*, como sinal de amizade ao presidente Francisco de Faria Lemos. No entanto, alguns episódios o colocaram na oposição do partido conservador, como atestam, também, as polêmicas sustentadas contra Antonio Antunes Ribas.¹⁷⁰ Dedicou-se à publicação de dois novos projetos, como a fundação da folha com caricaturas *A Lanterna*, que perdurou por meio ano, e o periódico maçônico *A Acácia*.

Ao evitar novos confrontos com Bittencourt, além das dificuldades financeiras do *Rio Grandense*, que se amontoavam a cada dia, a tipografia foi fechada, e Koseritz lamentou a perda de grande parte do capital investido até aquele momento. Dessa forma, desligou-se da imprensa, por um curto espaço de tempo, sem redigir qualquer artigo para a imprensa brasileira, entre outubro e dezembro de 1878, momento em que passou a dedicar-se às atividades como advogado, colhendo experiências em outras localidades, como em São Sebastião do Caí e São Leopoldo.

Em 1º de janeiro de 1879, passou a dirigir a redação do jornal *Gazeta de Porto Alegre*, momento a partir do qual julgou poder viver sem preocupações, pois a folha estava acima dos partidos. Podia, enfim, redigir livremente as suas críticas, dedicar-se a temas úteis, explorar sua visão de mundo, divulgar os intelectuais

¹⁶⁸ Koseritz' *Deutscher Volkskalender*, 1881, p. 136.

¹⁶⁹ José Bernardino da Cunha Bittencourt era membro do Partido Conservador, médico, católico e, frequentemente, apontado por muitos conhecidos como “ultramontano” e “jesuítico”.

¹⁷⁰ Antonio Antunes Ribas destacou-se como magistrado, chefe de polícia (atividade para a qual foi nomeado à época das polêmicas com Koseritz), maçom, político liberal, advogado e colaborador em jornais de Porto Alegre, como *A Reforma*.

contemporâneos Tobias Barreto e Silvio Romero, investir na campanha do neo-criticismo, contra a teoria da criação teológica. Sem dúvida, *Gazeta de Porto Alegre* passou a valorizar a figura de Karl von Koseritz, uma vez que seu nome ascendia, definitivamente, para o rol de pessoas mais influentes da imprensa de língua portuguesa da segunda metade do século XIX.

Além da imprensa vernácula, sua passagem também se deu por periódicos de língua alemã, redigidos a partir de programas interessados em defender os interesses das comunidades e colônias alemãs. Como já apresentado anteriormente, Koseritz dirigira-se a Porto Alegre, onde atuou, inicialmente, no jornal *Deutsche Zeitung*. A ele é atribuído, inclusive, um rápido desenvolvimento da folha alemã na Capital da província. A posição anticlerical e anticatólica, assumida com firmeza, provocou a reação dos jesuítas, que fundaram o jornal *Deutsches Volksblatt*, em 1871. Mais tarde, em virtude dos desentendimentos provocados pela *Exposição Brasileira-Alemã*, da qual Koseritz era organizador, grandes rivalidades se construíram entre ele e Wilhelm ter Brüggen, um dos administradores da tipografia alemã. Após a publicação de um artigo que criticava o evento, autoria atribuída a ter Brüggen¹⁷¹, Koseritz pediu demissão, e dedicou-se à criação do seu próprio jornal. Assim nascia o *Koseritz' Deutsche Zeitung*¹⁷², em fins do ano de 1881, alinhado aos interesses dos liberais e aos propósitos e interesses das regiões coloniais alemãs no Rio Grande do Sul.

A partir dos escritos autobiográficos, é possível perceber que Koseritz nunca se arrependeu quanto à escolha de sua carreira, ligada à imprensa e ao mundo da tipografia. Como ele próprio julgava, seu temperamento não era adequado para carreiras ditas “normais”, pois necessitava ser desacomodado, além de projetar-se, com grande gosto, para “campos de batalha” desafiadores.¹⁷³ Da mesma forma, Koseritz deixou textos pelos quais é possível identificar suas concepções acerca da imprensa. Apresentava uma concepção de imprensa que se relacionava a um viés doutrinário, um poderoso instrumento de orientação. Como quarto poder, o objetivo

¹⁷¹ Wilhelm ter Brüggen foi, assim como Koseritz, mercenário contratado pelo império brasileiro na guerra contra Rosas e Oribe, enfim, um *Brummer*. Foi um dos fundadores do jornal *Deutsche Zeitung*. Também destacou-se pela atuação como deputado provincial. Desentendeu-se com Koseritz, a partir da oposição que fez em relação à *Exposição Brasileira-Alemã*.

¹⁷² Em subcapítulo específico, o jornal *Koseritz' Deutsche Zeitung* será analisado de maneira específica, procurando destacar aspectos próprios dessa imprensa no contexto intelectual de Koseritz. Assim também se procederá com o almanaque em língua alemã editado por Koseritz, o *Koseritz' Deutscher Volkskalender*.

¹⁷³ *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, 1881, p. 140.

era o de instruir e guiar a opinião, além de torná-la apta a formar juízo sobre os fatos.

A imprensa tem por principal missão doutrinar a opinião, esclarecê-la, guiá-la, dar-lhe conhecimento dos fatos que ocorreram e habilitá-la a formar juízo sobre eles.

Sua missão é das mais graves, ela representa, na frase de Canning, o 4º poder do Estado e sua influência sobre os destinos das nações é quase ilimitada, nas terras em que é um sacerdócio e não um simples meio de especulação.

É ela o mais poderoso elemento da ordem, da liberdade e da civilização e a fonte de luzes para os indivíduos e as sociedades;

É o fiel da balança que estabelece a igualdade entre o débil e o poderoso;

[...].

É o mais precioso dos direitos e a primeira garantia do homem e do cidadão, segundo a constituinte francesa de 1791;

É o 6º sentido dos povos, na opinião de Seyès; [...].

É finalmente, segundo Jony, em sua 'Moral aplicada à política', o verdadeiro milagre de Pentecostes, que em línguas de fogo fez baixar a verdade dos céus sobre as cabeças dos apóstolos!¹⁷⁴

Os seus discursos inflamados em defesa de uma concepção liberal do progresso agrediam e desafiavam setores historicamente influentes. Não parece estranho, portanto, afirmar que sua atuação também despertou grandes inimizades e adversários. Os seus jornais estabeleceram debates polêmicos e tempestuosos com outros periódicos, os quais demonstravam uma hostilidade recíproca acerca do seu pensamento e posicionamento. Além do mais, a imprensa da segunda metade do século XIX mostrava-se bastante agressiva de maneira geral, na qual se davam ataques pessoais e retaliações de diferentes naturezas. É frequente encontrar artigos ou notas que se desdobravam em novas respostas e replicações, que poderiam arrastar-se durante várias semanas. Embora estivesse frequentemente envolvido em polêmicas, cujo instrumento de ataque ou de defesa era a imprensa, Koseritz manifestou seu descontentamento diante da postura que repetidamente era utilizada pelos periódicos brasileiros.¹⁷⁵ Para tanto, destacou ressalvas ao comportamento da imprensa brasileira – mesmo dizendo-se livre e neutra, ela adaptava-se aos gostos do público e aos negócios. Era esse o fator, segundo Koseritz, que despertava o interesse periodista por todos os tipos de escândalo, as acusações pessoais e as insinuações, especialmente aquelas que atingiam pessoas

¹⁷⁴ *Gazeta de Porto Alegre*, 11/6/1879.

¹⁷⁵ *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 11/5/1887.

socialmente destacadas, a repercussão era, conseqüentemente, maior, bem como o aumentado da venda de jornais.

Quase todos os homens públicos da época foram vítimas de ataque vis, por parte dessa imprensa. É uma experiência por que passaram o Barão do Rio Branco, Dantas, Silveira Martins, Osório, Otaviano e muitos outros.

Só quando o anjo da morte leva a alma do atingido é que se começa a fazer justiça ao homem. Antes estava preso a mil vícios, mas depois de morto seus vícios são imediatamente esquecidos. Entre em cena o princípio da terra: “Dos mortos não se diz senão o que é bom”.

O próprio D. Pedro II foi vítima dessa tendência. Não foi poupado de nenhuma das injustiças vulgarmente feitas contra alguém. D. Pedro II é uma espécie de “bode expiatório” dos partidos políticos.¹⁷⁶

Frente às divergências que se constituíram na imprensa, momentos mais tensos puderam ser sentidos na queda da monarquia para a instituição do modelo republicano. A mesma “liberdade” de imprensa não foi estendida a todos os homens ligados às casas tipográficas. Koseritz, por suas convicções políticas e pelas suas inimizades, sentiu de forma direta o peso da restrição à qual foi submetido. Tudo isso o levou a um isolamento por parte dos opositores, como bem se percebe às vésperas de sua morte, no final de maio de 1890, quando foi mantido incomunicável, durante oito dias, em uma residência, em Pedras Brancas, por doze homens enviados pela polícia. Protestou aos colegas de imprensa e representantes do republicanismo, como o fez na carta aberta dirigida a Quintino Bocaiúva, a quem chegou a chamar de “príncipe dos jornalistas brasileiros”.¹⁷⁷ Essa carta, publicada nos jornais *A Reforma* e *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, questionava Bocaiúva, dizendo seu autor não compreender como alguém, filho da imprensa, em cinquenta dias no poder, seria capaz de apagar as suas memórias do passado, as lutas travadas por Bocaiúva com outros homens da imprensa, lembrando-o igualmente, que sua luta contra o adversário nunca fora solitária, engajando-se “também contra a miséria, a privação exposta, como todos os que neste país veem a imprensa como sacerdócio”.

¹⁷⁶ Koseritz’ *Deutsche Zeitung*, 11/05/1887. Tradução de STEYER, Egon Frederico. *Aspirações da população de origem alemã, no Rio Grande do Sul, segundo a imprensa teuto-brasileira*. Porto Alegre: PUCRS, 1979. Dissertação (Mestrado em História da Cultura), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1979, p. 102.

¹⁷⁷ KOSERITZ, Carl von. *Imagens do Brasil*. São Paulo: Martins, Editora da USP, 1972, p. 55.

O Governo Provisório, ao qual V.S.^a pertence, quer cercear a liberdade de imprensa? Quer oprimir pela prepotência? O sr. não pode espezinhar aqueles que fizeram do sr. o que agora é.

O sr. não pode quebrar a gloriosa arma, não pode tirar-lhe o fio, depois que com ela abriu a vereda que o levou à fama e ao poder. Como pode o sr. permitir que a imprensa seja algemada, ela que é seu elemento, força e poder? O sr. é inteligente e conhece a História e sabe, portanto, que as ideias não são passíveis de assassinato.

Pode-se matar homens, mas não se pode matar ideias. A imprensa é o dragão da fábula. Morto o dragão, do seu sangue surgem dezenas de novos dragões.

O Império, que se deixou vencer pacificamente, jamais cortou a liberdade de imprensa. Todos faziam propaganda aberta de suas ideias. A monarquia, que na opinião dos republicanos era o símbolo da opressão, dos privilégios, da corrupção, de um governo oligárquico, nunca proibiu a liberdade de imprensa.¹⁷⁸

As críticas dirigidas ao colega Quintino Bocaiúva refletiam parte das mudanças que estavam ocorrendo também no campo da imprensa, deslocando Koseritz para outros extremos, pouco privilegiados. Seus adversários tinham, certamente, a noção da importância e da influência que poderia exercer sobre uma considerável parte da população da província do Rio Grande do Sul.

Foi igualmente nesse intuito que fora chamado à delegacia em janeiro de 1890, como a descrição que se encontra no jornal *A Reforma*¹⁷⁹, reescrito no jornal do Rio de Janeiro, *O Paiz*¹⁸⁰, e no jornal de Recife, *A Província*¹⁸¹, sob o título “Liberdade de Imprensa”. O texto não traz comentários ou observações acerca do ocorrido, valendo-se, exclusivamente, de citações diretas do jornal de Porto Alegre. No entanto, basta observar o título para compreender que se tratava de um ato para denunciar a problemática sobre a questão da liberdade de expressão¹⁸² na imprensa. O que chama a atenção também é a repercussão do ocorrido, e sua projeção para as regiões sudeste e nordeste, o que pode demonstrar a representatividade de Koseritz para o cenário da imprensa nacional, assim como faz ao destacar os cerceamentos à expressão na imprensa no período posterior à Proclamação da República. A reportagem faz uma exposição sobre o “convite” entregue por Castro Matto, empregado da secretaria de polícia, a Koseritz, para que

¹⁷⁸ Koseritz’ *Deutsche Zeitung*, 25/1/1890. Tradução de STAYER, *Aspirações da população de origem alemã...*, op. cit., p. 102-103.

¹⁷⁹ *A Reforma*, 28/1/1890. Koseritz, segundo a reportagem, foi chamado no sábado anterior à publicação, o que corresponde ao dia 25 de janeiro de 1890.

¹⁸⁰ *O Paiz*, 8/2/1890. Esse jornal autodeclarava-se como a folha de maior tiragem e de maior circulação na América do Sul.

¹⁸¹ *A Província*, 22/2/1890.

¹⁸² É possível supor que outros jornais do Brasil também possam ter publicado a mesma notícia.

se apresentasse ao chefe de polícia. Foi acompanhado pelo coronel Salgado e pelo tenente-coronel Joaquim Vasquez, que se dirigiram ao gabinete do chefe de polícia, ao senhor Camargo, que justificou a presença do redator, dizendo que gostaria de “preveni-lo que não era conveniente a atitude que havia assumido na imprensa brasileira e alemã”, especialmente depois das transcrições da tradução do jornal em alemão, feitas pela *Federação*. A descrição em diálogo seguia com a ponderação de Koseritz, lembrando às autoridades ali presentes que seus artigos até poderiam apresentar algumas críticas ao governo, “mas em nada podiam perturbar a tranquilidade e a ordem pública, que ele fora o primeiro a aconselhar aos seus concidadãos das colônias, e fazia timbre em perseverar no mesmo propósito”. Acrescentava afirmando que o delegado de polícia atribuía muita importância a trechos incompletos, fato que comprometeria uma análise segura, já que também o senhor Camargo não havia feito a leitura das contestações no jornal *A Reforma*, com a publicação dos trechos supostamente suprimidos. O texto ainda dá conta do diálogo reconstruído pelo jornal liberal, pela insistência de ambas as partes sobre a maneira de analisar a situação, atribuindo ao chefe de polícia certa intransigência sobre o caso, e reforçando sua postura alheia à questão da imprensa, “parecendo desconhecer os seus altos intuitos e o auxílio que presta à administração pública em todo o mundo; falava como autoridade, e até não queria ser contestado, irritava-se, não queria discussão”.¹⁸³ Pelo que se pode perceber, o tom da conversa tornou o ambiente bastante tenso, diante das divergências entre as partes.

O Sr. chefe de polícia fez ligeiras reflexões para justificar a opinião que havia manifestado, acrescentando que julgava inconveniente a atitude do jornal alemão, porque os colonos não liam outras folhas, e não podiam assim apreciar devidamente os fatos, estabelecendo afinal como ideia capital e perigosa o conselho dado aos colonos de conservarem as tradições de seus antepassados.

O senhor Koseritz defendeu-se em poucas palavras, mostrando a improcedência dos argumentos do Sr. chefe de polícia, especialmente quanto ao ponto capital, que apenas referia-se às tradições de língua, costumes e literatura.

O Sr. Chefe de polícia não se deu por convencido; e o Sr. Koseritz declarou que, visto a insistência de julgar-se inconveniente a linguagem da folha alemã, deixaria de fazer a crítica dos atos do governo, como declararia aos leitores no primeiro número do seu periódico.

¹⁸³ *O Paiz*, 8/2/1890.

Perante as exigências levantadas pela autoridade policial, que apontavam questões políticas e culturais para aplicar restrições aos seus escritos, Koseritz via-se forçado a assumir e a reconsiderar as críticas ao governo republicano. Como também o jornal *A Reforma* fora mencionado, justificou dizendo que essa folha estava subordinada à direção política de outras pessoas, situação pela qual não poderia responder. O coronel Salgado, presente nas orientações apontadas ao editor, reconhecia que *A Reforma* era um jornal de orientação política, e que a liberdade de imprensa ainda existia, mas deveria preservar a mesma atitude demonstrada desde o dia 15 de novembro, “apreciando como entendesse de seu dever os atos da administração pública e concorrendo para que a ordem e tranquilidade públicas não fossem perturbadas”. Koseritz lembraria, então, que a liberdade de imprensa não poderia ser coagida, valendo-se de pronunciamento do ministro da agricultura, Demétrio Nunes Ribeiro¹⁸⁴, publicado no *Diário Oficial* da República, questão ainda reforçada pela presença de renomados jornalistas brasileiros, Quintino Bocaiúva e Rui Barbosa, no núcleo central do novo governo. Os ânimos da conversa podem ser percebidos a partir da intransigência dos personagens, embora o artigo atribuísse certa intolerância às autoridades policiais, uma vez que, originalmente, o texto havia sido publicado no jornal *A Reforma*.

Embora se chamasse a atenção do Sr. chefe de polícia para as publicações que aparecem na imprensa da Capital Federal e na dos outros estados, sem o menor reparo do governo provisório, a autoridade encastelou-se no seu direito de pensar pelo modo por que se havia exprimido, apelando para a gravidade da situação, que exigia a maior moderação na análise dos atos do governo, e que não podia agora comportar a liberdade do regime passado.¹⁸⁵

Enfim, dentre todos os aspectos apresentados, é significativo perceber a importância da figura histórica de Karl von Koseritz relacionada ao contexto da imprensa do século XIX, na província do Rio Grande do Sul. Sua contribuição ultrapassa a imagem de um simples diretor e editor de periódicos, tendo em vista que reconheceu a imprensa do seu tempo como instrumento importante de doutrinação, na tentativa de concretizar as suas expectativas como intelectual engajado, fossem questões políticas, econômicas, culturais ou científicas.

¹⁸⁴ Demétrio Nunes Ribeiro foi um dos fundadores do Partido Republicano Rio-Grandense. Foi editor do jornal *A Federação* nos anos de 1890 e 1891. Cf. SEGA, Rafael Augustus. Getúlio Vargas e o Partido Republicano Rio-Grandense. *Fronteiras*, Dourados, v. 10, n. 18, jul.-dez., p. 195-210, 2008, p. 197.

¹⁸⁵ *O Paiz*, 8/2/1890.

2.3 A imprensa de língua alemã

Ao estabelecer-se em Porto Alegre, Karl von Koseritz foi indicado para assumir o cargo de chefe da redação do *Deutsche Zeitung*, a partir do dia 1º de julho de 1864, tendo em vista a grande polêmica que se instalou com seu antecessor, Theodor Freiherr von Varnbühler. Koseritz não tinha, até então, uma grande experiência como redator de uma folha alemã. No entanto, sua habilidade permitiu que ascendesse no campo da imprensa, ao mesmo tempo em que o jornal projetasse índices de popularidade crescente.

Antes mesmo de ser anunciado como redator, nos meses de maio e junho, a assinatura de Koseritz já era encontrada em textos do jornal. Citado como correspondente, publicaram-se artigos sobre germanidade, primeira estrada de ferro, condições financeiras da província, ducados europeus, igreja alemã. No dia 2 de julho de 1864, em artigo editorial, Koseritz comunicava aos leitores sobre sua entrada como redator do *Deutsche Zeitung*. Já nesse primeiro momento, Koseritz anunciava seu compromisso em relação ao propósito e aos serviços do jornal, sérios e pesados, segundo o seu julgamento, de contribuir para o desenvolvimento e a elevação da germanidade¹⁸⁶ local. De qualquer forma, garantia ser um confiável defensor para os interesses da população teuta e teuto-brasileira na província. Ao rejeitar hostilidades e posicionar-se de maneira independente a casos de cisões ou de sistemas partidários, tinha somente um único objetivo e uma única direção em sua conduta como redator: elevar a germanidade local, a salvaguarda de seus direitos e interesses, e lutar pela condição do seu progresso. Em terras provincianas, declarava que o jornal não estaria ao lado de qualquer partido político, mas estaria atento às questões que pudessem causar implicações para os teutos, no que dizia respeito às leis e às injustiças. Os temas noticiados estariam relacionados a assuntos como colonização, agricultura, indústria e comércio, bem como textos sobre noticiários locais. Ainda, não faltariam produções literárias, desconhecidas pelo público, no espaço dedicado aos folhetins. Koseritz propôs participação efetiva dos seus leitores, fosse por meio de reclamações, ou pelas perguntas dirigidas à redação da folha.¹⁸⁷

¹⁸⁶ A palavra “germanidade”, neste caso, não está entendida no sentido de ideologia, mas refere-se, como destaca René Ernaini Gertz em sua obra *O perigo alemão*, à população de origem alemã. Cf. GERTZ, René Ernaini. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1991, p. 34 et. seq..

¹⁸⁷ *Deutsche Zeitung*, 2/7/1864.

A partir das fontes primárias, é possível perceber que Koseritz tornou-se o mais importante porta-voz dos anseios e das necessidades dos colonos teuto-brasileiros, coerente com aquilo que anunciou em seu programa. Não era, portanto, diferente da conclusão levantada pelo viajante Johann Jakob von Tschudi, ao ler um dos números do *Deutsche Zeitung*, e constatar, por meio de um comentário, o ânimo de seu editor, que era dirigido aos interesses dos colonos alemães.¹⁸⁸

A notoriedade de Koseritz logo se fez presente. Depois de meio ano à frente como redator-chefe, articulou a execução de uma empreitada militar, que arregimentasse alemães da província para a proteção das fronteiras ao sul, tendo em vista o eminente conflito entre o Brasil e as nações vizinhas, incluindo o Uruguai e o Paraguai.¹⁸⁹ Lembrava, em texto publicado em 17 de dezembro de 1864, que quarenta mil alemães tinham feito do Rio Grande do Sul a sua nova pátria, e que, certamente, todos eles não gostariam que a história lembrasse aos seus filhos que, enquanto a pátria era invadida por inimigos, eles estiveram de braços cruzados.¹⁹⁰ Nessa mobilização, a Koseritz é atribuída a ideia de organizar esses corpos de defesa, convocando uma reunião no Hotel Drügg, em Porto Alegre, em 1º de janeiro de 1865, sob a presidência de Heinrich Born.¹⁹¹ A discussão deu-se em torno de uma formação militar pelos alemães de diferentes núcleos, o que gerou apoio por parte de alguns e rejeição por outros. Os presentes que se opuseram à proposta valiam-se das memórias da Guerra dos Farrapos, que havia dividido alemães da colônia de São Leopoldo em tropas imperiais e farrapas. Dias depois, Koseritz criticou a decisão pela neutralidade, destacando a diferença entre os momentos da guerra civil, que haviam sido motivados por questões internas, e a situação de "agressão pelo Uruguai", um fato propriamente voltado à política externa. Ainda diria: "Não se enganem os defensores da chamada atitude de neutralidade pois, esse inimigo, não respeitará qualquer nacionalidade estrangeira".¹⁹² Reunidos novamente no dia 15 de janeiro daquele ano, as teses divergentes voltariam à tona. Concluída a discussão, Koseritz sentiu-se satisfeito pela aprovação da criação do Corpo de Defesa, o qual seria constituído em torno de 150 membros locais. Fato é que, em torno desse grande entusiasmo empreendido pela defesa dos interesses nacionais,

¹⁸⁸ TSCHUDI, Johann Jacob. *Reisen durch Südamerika*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1867, Volume 4, p. 12.

¹⁸⁹ Cf. BECKER, Klaus. *Alemães e descendentes do Rio Grande do Sul na Guerra do Paraguai*. Canoas: Hilgert PAH & Filhos Ltda, 1968.

¹⁹⁰ *Deutsche Zeitung*, 17/12/1864.

¹⁹¹ Heinrich Born também foi um *Brummer*.

¹⁹² *Deutsche Zeitung*, 7/1/1865.

sua figura tornou-se mais pública e admirada.¹⁹³ Durante o ano de 1865, foram frequentes os seus discursos pelo alistamento nas unidades militares, chamadas de "Voluntários da Pátria", embora defendesse, igualmente, os colonos alemães que se encontravam em situações mais vulneráveis, como pais de família, filhos únicos de viúvas e viúvos com filhos menores. Chegou a denunciar a convocação forçada, junto à presidência da província, valendo-se da realidade local de muitas regiões coloniais, como as péssimas condições financeiras de muitos homens, que recentemente haviam iniciado o cultivo da terra, encontrando sérias dificuldades nas primeiras colheitas.¹⁹⁴

Nesse mesmo momento, o *Deutsche Zeitung* passava a noticiar as principais ocorrências em relação à recém deflagrada *Guerra do Paraguai*. Para a cobertura dos fatos, Koseritz enviou o colaborador Otto Stieher, para ser o correspondente do jornal, a fim de objetivar as informações do conflito, ao contrário daquilo que, para ele, fazia a imprensa nacional, um discurso excessivamente tendencioso. A ele pode ser atribuída a autoria dos artigos editoriais sobre o conflito sul-americano. Nos anos de guerra, os textos de Stieher foram sendo publicados, e forneciam um panorama das batalhas e das consequências devastadoras que elas deixavam para trás. Conforme Klaus Becker, esse correspondente "fazia bons relatos da campanha para Carlos von Koseritz, e o público leitor do 'Deutsche Zeitung'. No final de suas cartas sempre transmitia notícias sobre a situação dos alemães e descendentes".¹⁹⁵ Para Koseritz, a salvação e o futuro do grande Império dependiam dessa grande batalha, ao mesmo tempo em que o Brasil detinha importantes vantagens para vencê-la, como resistência, conhecimento e energia.¹⁹⁶ Ao longo de cinco anos, a pauta de considerável parte dos números ocupou-se com a *Guerra Grande*, que se encerrou definitivamente, em 1870. O seu desfecho poderia trazer tempos de paz, mas para os mais críticos, o saldo não era nada animador para o Brasil, como as observações de Koseritz acerca do término da guerra. Com considerações pessimistas, mesmo com a vitória do Brasil, anunciava o jornal: "A guerra então está acabada e as tropas

¹⁹³ BECKER, Imprensa em língua alemã..., op. cit., p. 274-275.

¹⁹⁴ *Deutsche Zeitung* 15/7/1865; 30/8/1865. Nesse jornal, Koseritz expôs o nome de 39 colonos convocados para a Guerra do Paraguai, todos eles com mais de um filho menor, entre eles Mathias Rockenbach (3), Johann Ludwig (5), Franz Bastian (2), Peter Martin (4), Peter Kuhn (2), Nikolaus Weizmann [*sic*] (3), entre outros. Mais tarde, pela atuação de Koseritz, os homens foram liberados, e uma nota de agradecimento foi publicada ao presidente provincial. Cf. *Deutsche Zeitung*, 27/09/1865; 4/10/1865.

¹⁹⁵ BECKER, Klaus. *Alemães e descendentes...*, op. cit., p. 87.

¹⁹⁶ *Deutsche Zeitung*, 3/12/1864.

retornam para casa. Porém, em virtude dela nós ainda não temos a paz, pois somente agora começa a luta contra a ruína e a miséria".¹⁹⁷ Eram constatações duras para um país que se envolvera em desgastantes batalhas ao longo de cinco anos. "Lutou-se por nada", dizia Koseritz, uma vez que o país retornava do Paraguai mais pobre do que antes, e deixava como dívida ao Império a ruína e a perda da honra. Por outro lado, não desmereceu a atuação de alemães e teuto-brasileiros na Guerra do Paraguai, mesmo que reclamasse da demora na composição das forças brasileiras. Elogiou a organização das festividades realizadas em São Leopoldo, quando da chegada do Imperador D. Pedro II, para reforçar a formação de novas fileiras por voluntários, bem como ao retorno do Batalhão Nº 39, em 1870.¹⁹⁸ Composto por aproximadamente quinhentos homens, esse grupo contava com um número expressivo de pessoas de origem alemã. A eles, Koseritz fez referências enaltecidas, publicando grande parte dos nomes na edição de 4 de maio de 1875, do *Deutsche Zeitung*.

Sem esmiuçar e esgotar aqui as possibilidades de análise, interpretação e compreensão da produção de Koseritz na imprensa, o que se fará nos capítulos a seguir, vale lembrar que a pauta do redator do *Deutsche Zeitung* contemplou aspectos sobre a germanidade, em especial às reivindicações da população teuta e teuto-brasileira nas colônias da província, dedicou escritos à agricultura, ao modelo de colonização norte-americana envolvendo alemães, e abriu seções para descrever as condições das regiões coloniais, como a colônia de Santa Maria da Soledade, colônia de São Pedro d'Alcântara, colônia de São Leopoldo, colônia de Monte Alverne, colônia de Santa Fé, colônia de Conventos, colônia de São Lourenço, colônia de Santa Cruz, entre tantas outras. Ainda, redigiu artigos para tratar sobre política, em especial sobre o processo de naturalização dos imigrantes, os direitos aos não-católicos, a formação dos ministérios e as rixas partidárias.

Já na década de 1860, também surgiram os primeiros textos que se dedicavam a censurar a atuação dos jesuítas. Tal aspecto intensificou-se nos anos de 1870, quando foram recorrentes as críticas dirigidas à *Companhia de Jesus*. Para tanto, basta lembrar o episódio dos *Mucker* do Ferrabraz, e do posicionamento crítico de Koseritz frente aos jesuítas, a partir desse incidente, dos textos que condenavam a religiosidade e a Igreja – católica e protestante – ou a mobilização

¹⁹⁷ *Deutsche Zeitung*, 8/1/1870.

¹⁹⁸ BECKER, Klaus. *Alemães e descendentes...*, op. cit., p. 57.

que empreendera em prol da maçonaria. Enfim, é na década de 1870 que o *Deutsche Zeitung*, pela redação de Koseritz, passou a assumir um posicionamento fortemente marcado pelo anticlericalismo. Aliado a esse tema que tão bem define uma de suas frentes de atuação, os textos sobre a cientificidade – filosofia, monismo, Tobias Barreto, Silvio Romero, estudos etnográficos – igualmente, aparecem com destaque na mesma década. Há, de fato, uma grande produção, ao mesmo tempo em que é múltipla e, portanto, heterogênea.

Em 1874, esse mesmo programa passava a ser ampliado, apresentando-se ao público leitor o *Koseritz' Deutscher Volkskalender*¹⁹⁹, um almanaque que conquistou significativo destaque, sob direção de Karl von Koseritz até 1890. A análise aqui apresentada contemplará alguns aspectos de alguns dos exemplares editados entre os anos de 1874 e 1890, correspondendo ao ano da primeira edição e ao momento do último exemplar apresentado ao público antes da morte de seu idealizador, respectivamente. Dentro dessa perspectiva, a intenção é promover uma historicização dessa fonte impressa, reconhecendo os elementos e as condições técnicas de sua produção, averiguando os temas a serem publicados e as suas motivações, bem como as funções sociais do impresso.²⁰⁰ Neste mesmo sentido, Maria Helena Rolim Capelato²⁰¹ sugere que a compreensão da participação de um jornal na história passa necessariamente por algumas indagações, que possam ajudar a reconhecer os proprietários, o público ao qual o periódico se dirigia, os objetivos, e também os recursos utilizados para garantir certa fidelidade em relação aos leitores.

O primeiro exemplar do almanaque *Koseritz' Deutscher Volkskalender* foi publicado no ano de 1874. Karl von Koseritz partia da constatação de que os almanaques vindos da Europa, escritos para os alemães europeus, não preenchiam as aspirações dos teuto-brasileiros. Assim, apresentava a um público específico uma espécie de “livro” para toda a família, com o “objetivo de falar sobre as relações e agir profundamente sobre a vida das pessoas” para as quais ele se destinava. Segundo as suas palavras, reconhecia nos almanaques a vantagem e a capacidade de influência que poderiam exercer, fosse nos povoados ou no próprio seio familiar.

¹⁹⁹ O *Koseritz' Deutscher Volkskalender* circulou entre os anos de 1874-1918 e 1921-1938.

²⁰⁰ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanesi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, p. 111-153, 2006, p. 132.

²⁰¹ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 1988, p. 13-14.

Eram essas as principais motivações que o levaram a publicar o seu próprio calendário. Ao justificar o nome escolhido para o impresso, Koseritz assim escreveu na primeira edição, em 1874:

Não foi por arrogância e vaidade que dei meu nome para esta publicação. Eu fiz isso para deixar claro, desde o início, a tendência que ele vai assumir. Assim esse livro chama-se Koseritz' Deutscher Volkskalender, e cada um saberá qual a direção que ele tomará. Se já no primeiro ano me foi permitido dar uma feição, o que não é tarefa fácil, os leitores avaliarão. Eu fiz tudo para elaborar este almanaque. Espero para os próximos anos brindar os leitores com mais variedades.

O almanaque irá receber e levar adiante, nos próximos anos, somente trabalhos originais, trazendo relatos da vida alemã local, como matérias sobre a germanidade na província, biografia de homens que se destacaram, estudiosos destacados, ensaios, dissertações, artigos esclarecedores sobre agricultura, indústria rural, humor, interesses comunitários. A parte estatística deste livro, que para o nosso público é uma necessidade, será engrandecido e trabalhado com muita dedicação, de forma que o almanaque, ao mesmo tempo, seja um livro estatístico desta província. Também, os pontos de distribuição, que atualmente abrangem 35 locais desta província, serão melhorados e aumentados com a preocupação e a necessidade de ir ao encontro do público alemão.²⁰²

As edições consultadas do *Koseritz' Deutscher Volkskalender* seguiam as linhas gerais de todos os almanaques de língua alemã publicados na província. Apresentavam-se “dados de referência à cronologia e o calendário civil dividido em meses, acompanhado do calendário lunar, natural e de festividades profanas e religiosas”²⁰³, até mesmo dados sobre o nascente e o poente do sol para os dias do ano. As páginas iniciais eram seguidas, então, por textos, artigos, contos, instruções práticas sobre o dia a dia nas cidades e nas colônias, como tabelas com pesos e medidas, taxas postais e telegráficas, listagem de serviços e comércio nas principais colônias alemãs e orientações gerais que correspondiam à lida com os animais e com a agricultura. Em outros momentos, até informações jurídicas passaram a estar dispostas e comentadas em seções finais do almanaque.

A cada nova edição, o almanaque apresentava-se como guia prático aos leitores, instruindo, de maneira especial, os imigrantes alemães e seus descendentes. É neste propósito que Koseritz lançava o almanaque de sua própria

²⁰² Koseritz' *Deutscher Volkskalender*, 1874, p. III-IV.

²⁰³ GRÜTZMANN, Imgart. Almanques em língua alemã na América Latina (1895-1941): aproximações teórico-metodológicas ao tema. *Espaço Plural*, Toledo, n. 14, p. 14-17, 2006, p. 14

autoria e seus esforços manifestavam-se, positivamente, no intuito de consolidá-lo no contexto da imprensa da província.

Almejo ter a graça de ser fiel ao público do meu calendário para que nos próximos anos possa com ânimo e amor trabalhar na sua elaboração. Eu tenho enorme desejo de dar aos teuto-brasileiros um verdadeiro e merecido livro da família, e isto vai acontecer [...].

Meus queridos colaboradores, agradeço muito pela ajuda e entrego ao público o 1º ano do meu calendário, com a esperança de que isto, ainda durante longos anos, seja um amigo em todos os lares alemães da província, onde é seu lugar, com todos os esclarecidos, independentes e homens pensantes.

Porto Alegre, em setembro de 1873
K. von Koseritz.²⁰⁴

A circulação entre os habitantes teuto-brasileiros dependia, inicialmente, dos 35 locais mencionados por Koseritz, dispostos em diferentes áreas coloniais e urbanas, e listados nas últimas páginas do almanaque. Normalmente, eram locais ligados a casas comerciais ou a pessoas específicas de representação social na colônia alemã, pelos quais o leitor encomendava o número e, mais tarde, retirava o seu exemplar. Com o passar dos anos, é possível constatar que houve uma expansão em relação ao número de locais que se apresentavam como referência de distribuição do impresso.

A composição física do almanaque aproximava-se ao formato de um livro. Essa constatação pode ser encontrada, inclusive, nas referências que Koseritz fazia aos seus exemplares, chamando-os frequentemente de “livro da família”. Em média, eram apresentadas ao público em torno de 220 páginas, ocupadas com as mais diferentes informações, textos e anúncios. A editora responsável pela impressão está marcada na capa dos almanaques, relacionada ao nome da *Verlag Walther Kühn*. Koseritz cita-o na primeira publicação, ao relatar que o editor não economizou esforços e custos para dar uma ampla visibilidade ao almanaque, referindo-se a Kühn. Walther Kühn estava ligado à expedição do jornal alemão, também editado em Porto Alegre, conhecido como *Deutsche Zeitung*.²⁰⁵ Nesse jornal, também podem ser encontradas as propagandas anunciando a edição de um novo

²⁰⁴ Koseritz' *Deutscher Volkskalender*, 1874, p. IV.

²⁰⁵ Na primeira década de existência do almanaque, é possível identificar várias chamadas comerciais do jornal *Deutsche Zeitung*. Em um dos anúncios (1875), apresentou-se uma divulgação da tipografia deste jornal, oferecendo serviços de impressão – placas, faturas, tabelas, circulares, programas, cartões de banco, etc., produzidos com tipografia veloz e escrita moderna, execução rápida e limpa, a preços populares.

número.²⁰⁶ Como Koseritz era diretor deste jornal desde 1864, é possível reconhecer um projeto de imprensa comum, que se manifestava a um público específico por meio do jornal e do almanaque.

Tânia Regina de Luca ressalta que para o estudo dos impressos é fundamental perceber as características envolvidas para a composição de materialidade, bem como dos seus suportes, no intuito de estabelecer os parâmetros históricos para a sua existência.²⁰⁷ Neste sentido, cabe reconhecer que a utilização de recursos tipográficos mais aprimorados, nessa época, envolvia custos mais elevados. A bibliografia sobre o assunto aponta que a imprensa do século XIX envolvia poucas pessoas, e o trabalho era realizado de maneira artesanal e por prelos simples. Assim, é possível apontar essas mesmas características ao almanaque de Koseritz, uma vez que a paginação do calendário anual apresentava uma estrutura simples e primária, resultado do trabalho manual dos operadores de linotipos.

Koseritz reforçava, igualmente, que as preocupações com as características do impresso seriam uma constante, expressas pelo uso do papel de melhor qualidade e pela presença de suplementos com ilustrações, como forma de garantir a expansão do calendário. A mesma ideia está registrada na contracapa do almanaque de 1874, numa manifestação aos leitores, assinada por Kühn. No entanto, a constatação que se pode encontrar nos exemplares subsequentes demonstra que o uso do papel não variou, e que foram poucas as ilustrações incorporadas ao impresso, visualizadas como exceção, nas edições de 1877 e 1888, na seção de humor.

Inicialmente, a repercussão provocada pela circulação do novo almanaque atingiu as intenções de Koseritz, que comemorava com entusiasmo os resultados do primeiro ano, pois, segundo ele, mais que o dobro das despesas havia sido coberto com a quantidade de pedidos solicitados para aquisição do almanaque. Lamentava, no entanto, que pelo menos a metade dos pedidos não pôde ser atendida, comprometendo-se a atender todas as solicitações. Por outro lado, anunciava-se, antecipadamente, a elevação para o número de dez mil exemplares para o segundo ano do almanaque, com o objetivo de cumprir com todos os pedidos.

²⁰⁶ Nas propagandas sobre o lançamento de uma nova edição, apresentavam-se, preliminarmente, o seu conteúdo, estratégia para despertar o interesse dos leitores. Cf. *Deutsche Zeitung*, 13/6/1874.

²⁰⁷ LUCA, História dos, nos e por meio dos periódicos ..., op. cit., p. 132.

A manutenção e os custos para a publicação advinham do valor das aquisições de cada exemplar, assim como dos anúncios que estavam dispostos nas páginas finais do almanaque. Entre eles, podemos evidenciar chamadas comerciais de produtos de diferentes espécies, armazéns, drogarias, vestuário, itinerários de barcos a vapor, serviços de advocacia, consultórios médicos, hotéis, entre outros. Assim como todo o almanaque era destinado a um público de leitores de língua alemã, os anúncios também obedeciam a essa mesma característica. Em sua maioria, correspondiam a lojas comerciais de Porto Alegre, de propriedade de teuto-brasileiros. Outros anúncios, em menor proporção, correspondiam a localidades como Pelotas, Passo Fundo e São Leopoldo. De maneira singular, é possível verificar as relações que Koseritz mantinha com setores distintos e dinâmicos das comunidades teuto-brasileiras, incluindo médicos, advogados e comerciantes, instituindo uma reciprocidade em relação aos interesses: Koseritz dependia do apoio dessas pessoas para garantir credibilidade aos seus discursos, além dos fundos financeiros vindos da arrecadação dos anúncios que cobriam os gastos de cada edição; por outro lado, os anunciadores esperavam uma repercussão que incidisse positivamente sobre suas atividades, gerando uma procura crescente dos seus negócios.

Outro aspecto relevante refere-se ao estilo de escrita empregado no almanaque. Todas as edições consultadas foram produzidas a partir da tipografia gótica²⁰⁸, a partir de um padrão simplificado e conhecido como rotundo. A escrita gótica tem origem no século XII, na Alemanha, e apresenta um aspecto condensado e angular, com a constante ausência de curvas. Segundo Miguel Sousa²⁰⁹, este estilo permitia colocar um maior número de letras em cada página, otimizando o seu espaço. Não se tratava de uma exclusividade do *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, pois toda a imprensa alemã valia-se dos tipos góticos para a impressão dos periódicos.²¹⁰ Dessa forma, é importante salientar que o uso do caráter rotundo, que consiste numa simplificação do gótico, correspondia ao elemento cultural vinculado ao público leitor, uma vez que esse era o estilo de escrita difundido entre os alemães e seus descendentes, ensinado e aprendido nas escolas das áreas coloniais.

²⁰⁸ A escrita gótica foi utilizada por Gutenberg. Com ela, compôs a conhecida Bíblia de 42 linhas, simulando o tipo de letra usado pelos copistas da época. SOUSA, Miguel. *Guia de tipos*. p. 105. Disponível em <http://www.infoamerica.org/museo/pdf/guia_de_tipos05.pdf> Acesso em 16 de maio de 2012.

²⁰⁹ Idem, ibidem.

²¹⁰ A letra gótica também foi empregada no jornal *Koseritz' Deutsche Zeitung*. Porém, nos jornais escritos em língua portuguesa, nos quais Koseritz era editor, os tipos utilizados não eram de estilo gótico.

Tratava-se de estabelecer e reforçar o vínculo cultural por meio de uma impressão específica, que, naquele momento, se constituía como um padrão simbólico e de reconhecimento social e cultural aos leitores do almanaque de língua alemã.²¹¹

Se o caráter de escrita empregado no *Koseritz' Deutscher Volkskalender* indica a difusão de representações de identidade alemã, é importante destacar que o mesmo se pautava pela utilização da língua alemã em sua forma padrão, conhecida na Alemanha como *Hochdeutsch*. A heterogeneidade construída a partir dos diferentes dialetos era resolvida com a adoção desta escrita, que uniformizava pronúncia, sintaxe e vocabulário.

Ao contrário da realidade brasileira do século XIX, com elevado número de analfabetos, o almanaque encontrava grande circulação entre os imigrantes e seus descendentes das áreas coloniais, chegando às mãos de homens e mulheres alfabetizados. Como destaca Weschenfelder²¹²,

o hábito da leitura estava bastante enraizado. Os descendentes de alemães eram, em sua maioria, suficientemente letrados para ler em sua língua. Considerando as dificuldades da época e o quase isolamento em que viviam, o índice era muito bom, ainda mais que as famílias eram numerosas e tinham muitos filhos pequenos, ainda não alfabetizados, além da inexistência de escolas em lugares mais afastados do interior. Em praticamente todas as casas havia alguém que soubesse ler.²¹³

Discussões contemporâneas à sua época, publicou textos abordando temáticas variadas: tratou sobre o movimento *Mucker*, ocorrido em 1874 na proximidade do morro Ferrabraz, localizado no atual município de Sapiranga, em “O embuste Mucker na colônia alemã”²¹⁴ e “O processo Mucker”²¹⁵, assim como do tema abolição, em um artigo no qual expôs positivamente a libertação dos escravos no Brasil, intitulado “Por perguntas sobre a emancipação dos escravos”.²¹⁶ A presença de textos que privilegiam histórias individuais de nomes ligados à política e à sociedade também compõem parte do repertório de alguns exemplares. Em 1881, o almanaque apresentava em uma de suas primeiras páginas um retrato de Gaspar Silveira Martins, sendo que nas páginas seguintes encontrava-se um texto dedicado

²¹¹ Cf. STRAUB, Ericson. *A tipografia gótica e sua identidade*. Disponível em <<http://abcdesign.com.br/por-assunto/teoria/a-tipografia-gotica-e-sua-identidade/>> Acesso em 27 de junho de 2012.

²¹² WESCHENFELDER, *A imprensa alemã no Rio Grande do Sul e o romance-folhetim...*, op. cit., p. 42.

²¹³ Idem, *ibidem*.

²¹⁴ *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, 1875.

²¹⁵ *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, 1879.

²¹⁶ *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, 1884.

a este político liberal. Koseritz construiu uma narrativa marcada pela exaltação da figura de Silveira Martins, dispensando frequentes elogios a sua atuação, denominando-o, ao final do texto “apóstolo dos alemães no Brasil”.²¹⁷ A construção de uma imagem positiva sobre a figura pública correspondia à visão e às concepções políticas de Koseritz, como adepto do Partido Liberal e pelas conquistas políticas que eram atribuídas à atuação de Silveira Martins. Outros exemplos de retratos de vida podem ser destacados, entre eles Alfredo Escagnolle Taunay²¹⁸, Julio Issle²¹⁹, Kaiser Wilhelm II, Bismarck e o General Graf von Moltke²²⁰.

Como anunciou na primeira edição do calendário anual, o almanaque deveria ser dirigido às famílias e, portanto, é possível reconhecer a preocupação em dirigir orientações práticas e cotidianas aos teutos e teuto-brasileiros. Dessa forma, encontram-se produções dirigidas às atividades agropecuárias (“Criação de porcos”²²¹), à indústria rural (“Fabricação de telhas”²²²), à economia (“O futuro da província do Rio Grande do Sul – com considerações especiais sobre os interesses do comércio e da indústria alemã”²²³) e à legislação brasileira imperial (“Processo civil brasileiro”²²⁴). Suas orientações também contemplavam sugestões que incidiam sobre as relações entre os membros da família, quando publicou o texto “Educação das crianças”.²²⁵

Ao mesmo tempo, divulgavam-se textos literários, dando destaque a contos, novelas e poemas ligados à literatura alemã. O almanaque contava com a colaboração de outros escritores. Destaca-se, por exemplo, a publicação de Emil Schlabit²²⁶, importante colaborador para outros impressos, morador de uma das colônias alemãs do Vale do Taquari, frequentemente citado como autor em alguns dos exemplares editados nas décadas de 1870 e 1880. Encontravam-se, também, em grande parte dos exemplares consultados, espaços para seções de humor,

²¹⁷ A expressão também aparece em outros periódicos. Cf. *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, 1881, p. 85.

²¹⁸ Embora pudessem ter divergências literárias, Koseritz e Taunay atuaram pela consolidação da *Sociedade Central de Imigração*, criada em 1883. Cf. *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, 1885.

²¹⁹ Membro da sociedade Germânica de Porto Alegre, era comerciante de secos e molhados (1873-1889), na Rua Bragança, em Porto Alegre (depois chamada Rua General Silva Tavares e atualmente Rua Marechal Floriano). *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, 1888.

²²⁰ *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, 1890.

²²¹ *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, 1874

²²² Idem.

²²³ *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, 1880.

²²⁴ *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, 1887.

²²⁵ *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, 1885.

²²⁶ É possível encontrar também textos de Emil Schlabit no jornal *Koseritz' Deutsche Zeitung*. Ao tratar sobre as questões literárias, serão propostas mais algumas considerações sobre os seus escritos.

composto por anedotas, adágios e ditos populares. No almanaque de 1888, por exemplo, sob o título “Ferreiro e diabo”, foram dispostas ilustrações para cada sentença de frases rimadas, em torno do inusitado encontro entre o ferreiro e o diabo. De maneira geral, pelas características apresentadas, a cada novo exemplar, o calendário buscava conciliar uma variedade de temas, desde a crítica cultural, social e política, passando pelas orientações práticas do dia a dia, finalizando com dados estatísticos, seção de humor, prestação de serviço e os anúncios comerciais.

Faziam-se valer, portanto, as intenções do idealizador do *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, ao trazer ao público teuto-brasileiro um almanaque que pudesse caracterizar-se pela riqueza e pela utilidade de informações. Como homem da imprensa do século XIX, com destaque para vários tipos e formatos de publicações, Koseritz fez do calendário anual um dos seus impressos de maior alcance social, através de uma circulação que atendeu a espaços urbanos e, principalmente, rurais. Do ponto de vista ético, como ressalta Helenice Rodrigues²²⁷, o intelectual é, antes de qualquer coisa, portador de valor, de engajamento e de missão. É nesse propósito que sua voz se fez ouvir, como intelectual, nos mais diferentes locais e espaços sociais da província gaúcha, buscando, por meio do almanaque, alimentar o apoio e o engajamento em relação aos seus projetos e anseios dirigidos à comunidade étnica alemã.

Após a morte do seu principal mentor, em 1890, o *Koseritz' Deutscher Volkskalender* passou por mudanças que deram novos rumos editoriais à produção. Como bem lembra Walter Koch²²⁸, as inovações que foram introduzidas pelos sucessores de Koseritz corroboraram um interesse crescente sobre temas considerados verdadeiramente germânicos, contribuindo, inclusive, para a elevação do seu nível literário. A partir disso, destacavam-se personagens distintos daqueles que antes ocupavam as páginas do almanaque, como as biografias de Pestalozzi, Treitschke e Melanchton, por exemplo, bem como os contos dos autores alemães Rosegger, Gotthelf e Anzengruber. Isso demonstra que até 1890 a escrita do almanaque previa orientações editoriais diferentes, visto que os contos eram de

²²⁷ RODRIGUES, Helenice. François Dosse. La Marche des Idées – Histoire des Intellectuels. Histoire Intellectuelle. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, n. 48, p. 355-358, 2004.

²²⁸ KOCH, Walter. O Brasil, sua terra e sua gente, nos contos do *Koseritz's Deutscher Volkskalender* für die Provinz Rio Grande do Sul (1874-1890). In: I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, 1963, Porto Alegre. *Anais*. Porto Alegre: UFRGS, 1963.

autoria de Koseritz e de seus colaboradores, e as biografias versavam sobre outros nomes, entre eles Hillebrand, Gaspar Silveira Martins e Tobias Barreto.

Concomitante à trajetória em seu almanaque, Koseritz concluiu sua contribuição no jornal *Deutsche Zeitung* em 1881, diante das publicações depreciativas de Wilhelm ter Brüggem, no mesmo jornal, sobre a *Exposição Brasileira-Alemã*. A situação causou seu pedido definitivo de afastamento da redação. Para retomar o caso, que é um divisor de águas para a história de Koseritz na imprensa, cabe aqui um panorama mais amplo para essa situação.

Amplamente divulgada na imprensa local, a *Exposição Brasileira-Alemã*, realizada entre 4 outubro de 1881 e 5 de fevereiro de 1882, na propriedade de Carlos Trein Filho, tornou-se uma grande vitrine para o projeto de Koseritz, que era presidente da comissão organizadora, incluindo ainda os nomes de Ramiro Barcellos, Graciano de Azambuja, Gaspar Rechsteiner, entre outros. A *Sociedade Central de Geografia Comercial*, com filial em Porto Alegre, foi responsável pela divulgação do evento na Alemanha, e contava com apoio de alguns importantes membros alemães, como Robert Jannasch e Albrecht Wilhelm Sellin.²²⁹ Nela, expositores brasileiros e alemães apresentaram artigos ligados à agricultura, ao comércio e à indústria, aproximando os negócios de ambos os países, e abrindo possibilidades para que as colônias e empresas teuto-brasileiras apresentassem os seus produtos e, conseqüentemente, abrissem caminhos para o mercado na Alemanha. Nesse contexto, Porto Alegre era chamada por alguns de seus habitantes como “cidade alemã”, em razão da atuação de empresários alemães e teuto-brasileiros na cidade.²³⁰ Koseritz passou a noticiar o evento, e os anúncios de propaganda na imprensa, de casas comerciais e industriais teuto-brasileiras, passaram a usar o selo da exposição²³¹, inclusive nos anos seguintes ao evento. Paralelamente, encontrava-se uma parte artística, com peças de pintura, escultura, desenho, trabalhos manuais, e também uma exposição organizada por Koseritz, composta por artefatos etnológicos e arqueológicos, assim como coleções de zoologia, mineralogia e botânica.

²²⁹ Albrecht Wilhelm Sellin chegou ao Brasil em 1864, exercendo atividades como professor, e também como diretor da Colônia de Nova Petrópolis. Em 1878, retornou à Alemanha. Tem importante participação da Sociedade Central de Geografia Econômica Comercial de Berlim.

²³⁰ MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre e suas escritas*: história e memórias da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 197-198.

²³¹ O selo pode ser encontrado em várias propagandas do *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, bem como no *Koseritz' Deutsche Zeitung*.

Os destaques da exposição foram premiados com medalhas comemorativas e de honra²³², e neste ponto surgiram as acusações de que Koseritz teria dado vantagens a alguns participantes, justamente pela posição de presidente da comissão organizadora que ocupava, o que causou, inclusive, a devolução de prêmios recebidos. Ataques à exposição se fizeram presentes nas páginas de *O Mercantil*. Além disso, o valor dos produtos importados foi questionado, pois representavam custos menores aos que cotidianamente eram comercializados. Entre as discussões dos participantes e do júri, a exposição foi fechada nos primeiros dias de fevereiro. Ainda sofreria um duro golpe semanas mais tarde: em 23 de fevereiro de 1882, um incêndio considerado criminoso destruiu grande parte da construção, incluindo o acervo etnográfico de Koseritz.²³³

Figura 2: Ilustrações de Eduardo Antônio de Araújo Guerra, no jornal *O Século*, 1882.

²³² A fábrica de cerveja de Guilherme Becker, por exemplo, localizada à rua da Floresta, nº 3, em Porto Alegre, recebeu a medalha de ouro na Exposição Brasileira-Alemã de 1881.

²³³ CARNEIRO, José Fernando. *Karl von Koseritz*. Porto Alegre: IEL, 1959, p. 39-42.



Fonte: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

As confusões foram ilustradas na folha humorística e satírica *O Século*, retomando os eventos polêmicos em torno das premiações e das agitações em meio à *Exposição Brasileira-Alemã*. Koseritz apareceu representado nas três cenas, com descrições que se seguiam: 1- “A entrega dos prêmios Boca-rolhas do estanho, lápis de vintém, rótulos de garrafas, palitos, rabos de tatu, os pelias quebradas, pedaços de queijo petrificados”; 2- “O Zé-Povinho indignado por tanta bandalheira atira-se aos koseritz e desanca-os a páo”; e 3- “Parecia solfa escura. Por que as mãos nunca paravam. Nem no ar, nem no chão davam. Sempre em cima da figura”. As “Cenas do Galinheiro”, título bastante sugestivo, também apresentavam uma

legenda, demonstrando como homens da imprensa oposicionista tratavam toda a questão:

Os *koseritz* assim que libertaram-se do cacete do Zé deitaram a fugir levando com sigilo o que havia de melhor no galinheiro. O *Frederica* como o mais prudente, quando viu que a coisa cheirava a chamosco pôs-se a panos, montado num porco tremendo!

Graciano de Azambuja posicionou-se em defesa do presidente da comissão, o que pode ser constatado em 20 cartas transcritas pelo jornal *A Reforma*. Para José Fernando Carneiro, é possível afirmar “que havia realmente idealismo e desejo construtivo nos promotores da Exposição”.²³⁴ Por outro lado, Carneiro igualmente destaca que ela foi responsável em acentuar as rivalidades entre alemães e teuto-brasileiros. De certa maneira, esses antagonismos estiveram presentes nos anos que se seguiram. Depois de sua saída, em 1881, Koseritz não chegou a se reconciliar com o núcleo do *Deutsche Zeitung*, por exemplo.

Se estas polêmicas fizeram parte do desfecho do evento em Porto Alegre, antes mesmo de sua realização, ter Brügger, membro do Conselho Administrativo do *Deutsche Zeitung*, já havia manifestado sua discordância. Em textos e manifestações, discutia-se sobre a real necessidade e utilidade da Exposição. Ter Brügger, depois do texto noticiado em 15 de janeiro de 1882²³⁵, chegou a publicar uma carta do Cônsul alemão, Louis Fraeb, pela qual se constata que ambos eram contrários à Exposição.²³⁶ Nesse caso, as divergências não se deram unicamente contra Koseritz, mas também envolviam Robert Jannasch e Albrecht Wilhelm Sellin, membros da *Sociedade Central de Geografia Econômica* de Berlim, acusados de faltarem com a verdade e “estranhamente fugiam da verdade”²³⁷, quando, em momentos anteriores, haviam se colocado contra, e depois defender sua realização. Outro ponto que dividia opiniões era a contrariedade às subvenções públicas, situação pela qual alguns opositores entendiam que a Sociedade de Berlim buscava tão somente vantagens econômicas. Não é de estranhar, portanto, que o próprio *Deutsche Zeitung* passava a ser a arena, uma vez que diferentes posicionamentos eram noticiados ao mesmo tempo e no mesmo jornal, o que reforça as hostilidades

²³⁴ CARNEIRO, *Karl von*..., op. cit., p. 41. Ainda encontramos repercussões da *Exposição Brasileira-Alemã* na Assembleia Legislativa Provincial, como veremos mais adiante.

²³⁵ *Deutsche Zeitung*, 15/1/1881.

²³⁶ *Deutsche Zeitung*, 13/4/1881.

²³⁷ *Deutsche Zeitung*, 7/5/1881.

presentes naquele meio editorial. Em contrapartida às críticas, por exemplo, cita-se a manifestação do naturalista Germano von Ihering, que tivera sua carta publicada, em defesa da *Exposição Brasileira-Alemã*, pelos benefícios que sua realização poderia proporcionar para a divulgação de produtos naturais e industriais, para elevar as potencialidades de uma flora a ser explorada em laboratórios europeus ou também pela indústria local.²³⁸

O ano de 1881 foi certamente longo em meio a todas essas polêmicas. Enquanto Koseritz era criticado por homens contrários, outros se colocaram em apoio à comissão organizadora, o que não evitou, no entanto, a saída dele da redação do jornal, onde havia trabalhado dezessete anos. Avisos surgiram em outubro anunciando que estava aberta a vaga de redator do *Deutsche Zeitung*.²³⁹ Suas justificativas aos leitores foram publicadas em 5 de novembro de 1881²⁴⁰, em carta aberta. Nela, Koseritz expôs o peso da difícil decisão de separar-se do jornal, cujo formato teria ajudado a criar e que efetivamente havia contribuído para elevar o número de assinaturas ao longo dos anos.²⁴¹ Segundo suas palavras, desde janeiro daquele ano, a tendência do jornal havia se modificado pela influência dos sócios do Conselho Administrativo e isso teria causado mudanças na sua identificação com a redação do jornal, provocando uma ruptura imediata com todo o seu passado na imprensa. Assim, ele próprio se colocava diante de um dilema: ou aceitava as mudanças que se faziam perceber majoritariamente no Conselho Administrativo, o que poderia ter implicações para os interesses sociais e políticos da germanidade local, ou retirar-se da função. Decidindo-se pela abdicação ao cargo, anunciou igualmente que lançaria ao público, em 1º de janeiro de 1882, o *Deutsche Zeitung de Porto Alegre*, impresso pela tipografia *Gundlach e Comp.*, e nesta folha valer-se-ia da mesma tendência que o orientou durante os dezessetes anos.

Eu irei agora, assim como antes, lutar pelo esclarecimento e progresso, pela absoluta liberdade religiosa, pela igualdade política e social dos não-católicos e naturalizados com os católicos e nativos, pelo fortalecimento da imigração, pela grande naturalização e uma adesão interna do elemento alemão à vida política do Brasil, que

²³⁸ *Deutsche Zeitung*, 5/10/1881. A carta se apresenta sob o título “Brief eines Naturforschers über die Ausstellung” – Carta de um naturalista sobre a Exposição.

²³⁹ *Deutsche Zeitung*, 5/10/1881.

²⁴⁰ *Deutsche Zeitung*, 5/11/1881.

²⁴¹ Koseritz chegou a referir uma variação entre 320 (1864) e 1.000 (1881) assinaturas. Ao final do seu texto, há uma continuação com comentários escrita pela redação do jornal, questionando, entre outras coisas, os números apresentados, valendo-se do intervalo 459 e 866 (somente assinaturas pagas).

somente assim poderá chegar a ter valor e fazer-se respeitar; eu irei continuar a conduzir a luta contra os opositores do Brasil na Alemanha, contra a injusta pressão de impostos, contra a péssima administração de rendimentos dos municípios, e em toda parte, onde um alemão padeça de injustiças ou tocado for, eu irei, agora como antes, ao seu lado estar e defendê-lo.²⁴²

Ao lançar essas palavras, a reação do *Deutsche Zeitung* dava-se no mesmo espaço, com comentários sobre o escrito de seu antigo editor, refutando as considerações levantadas por Koseritz que diziam respeito ao programa do jornal e ao Conselho Administrativo, procurando desmentir a impressão de que possíveis interesses pessoais de alguns membros pudessem ter interferido no programa da redação, e, conseqüentemente, tê-lo levado a deixar a função que ocupava. Além disso, as observações lembravam que o título que Koseritz pretendia lançar para sua folha caracterizava aquilo que na Alemanha era conhecido como imitação de marketing, tendo em vista que *Deutsche Zeitung*, registrado na Junta do Comércio local, já era uma propriedade legal e moral, fato que não permitiria sua utilização ou imitação.

Anunciada, portanto, a renúncia, o novo redator passou a ser Hermann von Ihering, na edição de 12 de novembro de 1881, nome que não era desconhecido, em função dos textos que já havia publicado como colaborador. No entanto, sua permanência foi breve, e sua saída pode ter sido motivada pela sua percepção em reconhecer-se em meio às rugas entre ter Brüggem e Koseritz. Nesse sentido, a manifestação, em 1º de março de 1882, pode nos dar uma breve amostra, quando ter Brüggem escreveu, reagindo às declarações de Ihering, argumentando que a excitação popular e as ameaças dirigiram-se não à germanidade, mas especificamente à companhia que a organizara, bem como a dois outros homens naturalizados, cujos nomes não foram citados, mas supõe-se serem de Koseritz e Haensel.²⁴³ Não tardou para que o Conselho Administrativo²⁴⁴ publicasse a reação, oficializando o fim dos serviços de Ihering, em particular pelas suas declarações no jornal de Koseritz, classificadas por ter Brüggem como desentendimentos grosseiros, e também mentirosas. Ihering havia renunciado ao cargo no dia 27 de fevereiro, e, posteriormente, seu protesto sobre o caso foi publicado no jornal *Koseritz' Deutsche*

²⁴² *Deutsche Zeitung*, 5/11/1881.

²⁴³ A manifestação de ter Brüggem é seguida por um texto, atribuído a um “observador apartidário”, e que questionava a postura de Haensel em defesa da Exposição. *Deutsche Zeitung*, 1/3/1882.

²⁴⁴ A manifestação era assinada por Wilhelm ter Brüggem (presidente), Herm. Müller (tesoureiro) e Carlos de la Grange (secretário). *Deutsche Zeitung*, 4/11/1882.

*Zeitung*²⁴⁵, em circulação havia apenas dois meses. Nele, Ihering tentava justificar sua saída, diminuindo o peso que a questão sobre a *Exposição* ainda pudesse apresentar, não perdendo, no entanto, a oportunidade de revelar que o *Deutsche Zeitung* pretendia atribuir toda a culpa à comissão organizadora pelo incêndio e sua tarefa como editor era a de dar força a essa ideia, valendo-se de todos os meios para atacar Koseritz e prejudicá-lo em sua candidatura para deputado provincial. Ao considerar esses pontos, segundo Ihering, sua decisão foi pela renúncia ao cargo de redator. Posteriormente, na folha do dia 11 de março de 1882, Hans von Franckenberg passava a ter seu nome indicado como novo responsável.²⁴⁶

Koseritz cumpria suas múltiplas atividades – cuidava da *Exposição* que ocorria em meio a várias divergências, enquanto em seus jornais dava prosseguimento às tarefas de redação e de editoração, vencendo os prazos para que cada edição circulasse devidamente em seu dia da semana. Seu novo jornal também exigia atenção. O primeiro número entrou em circulação em 29 de dezembro de 1881. Autorizava-se a dizer que não seria necessário apresentar nenhum programa, pois o seu círculo de leitores já o conhecia há mais de dezessete anos, conservando a tendência de suas atividades na imprensa e de luta pelos mesmos interesses. Renunciava a polêmicas que pudessem surgir, embora na prática, com o passar do tempo, elas perdurassem como elemento característico de sua atuação. Ao dar início à publicação do *Koseritz' Deutsche Zeitung*, agradeceu a colaboradores, agentes e assinantes do seu periódico.²⁴⁷

Embora fosse um novo jornal em circulação, sua estrutura e organização seguiam um padrão semelhante ao *Deutsche Zeitung*. Era um bissemanário, em circulação nas quartas e domingos. Produzido em Porto Alegre, tinha distribuição para diferentes pontos da província. Contava com a colaboração de antigos amigos das diferentes regiões coloniais, especialmente dos seus correspondentes, que continuavam a compartilhar as notícias locais. Dentre os colaboradores mais frequentes estavam Hermann von Ihering e Wilhelm Breitenbach, que contribuíam com artigos de cunho científico-naturalista, Emil Schlabit, cujos textos versavam sobre aspectos da colonização e sobre a região colonial do Vale do Forqueta e

²⁴⁵ *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 1/3/1882.

²⁴⁶ Koseritz também se valeu dessa crise para republicar a questão noticiada em seu jornal no dia 15 de março de 1882, um ano depois, na data de 24 de abril de 1883. O texto chama a atenção dos leitores sobre a tentativa de ter Brüggem em prejudicar a Koseritz na eleição da Assembleia Provincial, bem como diminuir sua influência perante o público.

²⁴⁷ *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 29/12/1881.

Taquari, e também Theodoro Bischoff, entre questões políticas de Taquara do Mundo Novo e estudos científicos sobre a natureza. Além deles, ainda havia uma lista de agentes para o *Koseritz' Deutsche Zeitung*, atendendo localidades como São Leopoldo, Hamburgerberg [Hamburgo Velho], Campo Bom, Baumschneiss [Dois Irmãos], Picada 48, Triunfo, Bom Jardim [Ivoti], São Jerônimo, Taquari, Teutônia, Estrela, Conventos, Rio Pardo, Germânia [Candelária], Santa Cruz, São João do Monte Negro, Sebastião do Cai, Sebastião do Taquari, Maratá, Forromeco [São Vendelino], São José do Hortêncio, Neu Petrópolis, Mundo Novo [Taquara], Cachoeira, Santa Maria da Boca do Monte, Passo Fundo, Alegrete, Rio Grande, Pelotas, São Lourenço, Jaguarão, incluindo regiões fora do Império, como Montevideo, Buenos Aires e Europa (escritório da *Sociedade Central de Geografia Comercial*, em Berlim).²⁴⁸ Se os anúncios publicitários desse momento de criação também forem analisados, percebe-se que não houve uma migração do apoio financeiro. As propagandas noticiadas por Koseritz em sua nova folha referem-se a outros grupos, incluindo anúncios de estabelecimentos comerciais e industriais que apresentavam o selo de premiação alcançado durante a *Exposição Brasileira-Alemã*.

O contexto de abrangência era bastante amplo, o que permitiu que Koseritz continuasse a ser uma voz influente para alemães e teuto-brasileiros. A sua autoridade na década de 1880 consolidou-se ainda mais perante o público, pela combinação de suas atividades na imprensa, tanto no *Koseritz' Deutsche Zeitung* ou nos periódicos de língua portuguesa, com o engajamento a favor das necessidades de uma grande parte da população da província, como deputado provincial. Sem desaparecer, alguns de seus discursos perderam fôlego, como as divergências com os jesuítas, embora continuasse a insistir nas questões políticas com grande veemência, diante da tarefa como deputado provincial, investindo energia pela valorização do elemento teuto-brasileiro na vida política, e na materialização de uma estrutura que garantisse desenvolvimento e dignidade civil aos habitantes das regiões coloniais, bem como atento às circunstâncias atuais do país, fosse em relação à abolição da escravatura ou ao movimento republicano, dois amplos e importantes temas da década de 1880. Em grande parte, seu engajamento intelectual pela cultura científicista, filosófica e liberal também permaneceu presente em seu jornal, trazendo às páginas desse periódico diferentes informações acerca

²⁴⁸ *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 25/3/1882.

das novidades e descobertas científicas e dos expoentes filosóficos e científicos daquele momento.

Ao longo de quase dez anos, Koseritz ocupou-se em fazer do seu jornal o mais representativo entre todos os de língua alemã. Não há dados mais exatos para mensurar a perda de espaço que o jornal concorrente sofrera, o *Deutsche Zeitung*, mas fato é que Koseritz era inegavelmente o homem da imprensa mais importante entre os teuto-brasileiros, o que permite levantar a hipótese de que seu círculo de leitores devesse ser maior. Seu nome, em muitos casos, era citado pela imprensa de outras províncias, o que corrobora a percepção sobre o alcance de sua influência aos mais diversos lugares.

Prova disso foram as comemorações pelos vinte e cinco anos de sua presença na imprensa de língua alemã, em 1º de julho de 1889. Para tanto, uma festa nas salas da *Sociedade Germânia* foi organizada para marcar a data. O fato foi amplamente divulgado pelo seu jornal nos primeiros números do mês de julho, entre palavras de agradecimento e textos de enaltecimento pela sua atuação e pelo seu trabalho. Koseritz agradecia, publicamente, aos presentes, pelos votos de cumprimento alusivos à data jubilar, aos telegramas, às expressões de bondade, amor e amizade, e aos colaboradores que haviam organizado a comissão para preparar os festejos. Externava gratidão pelas demonstrações que a ele foram dirigidas, lembrando-se de que devia continuar a cumprir seu dever, para que seguisse a ser digno de tanto amor e tanta honra.²⁴⁹ Há notas de reconhecimento publicadas na primeira página²⁵⁰, provenientes de diversos locais, citando-se São Leopoldo, Pelotas, Santa Cruz, Bom Jardim [Ivoti], Taquara, Neuschneis [Linha Nova], Santo Ângelo [Agudo], São Sebastião do Caí. Representações de associações, localidades e manifestações particulares expressavam felicitações pela passagem da data, e muitas ainda referiam-se, como a declaração de Santa Cruz²⁵¹, aos serviços prestados por Koseritz em prol da germanidade na província, com o pedido de que continuasse a ser o seu representante na imprensa e na política, bem como defensor dos seus interesses. De São Sebastião do Caí, ainda viriam os poéticos versos de exaltação do “velho amigo” Friedrich Engel, dirigidas a Koseritz:

²⁴⁹ Koseritz' *Deutsche Zeitung*, 10/7/1889.

²⁵⁰ Cf. Koseritz' *Deutsche Zeitung*, 10/7/1889; 13/7/1889.

²⁵¹ A manifestação é acompanhada por uma listagem com o nome de vários moradores de Santa Cruz, entre eles Carlos Trein Filho, maçom e antigo diretor da colônia da mesma localidade. Koseritz' *Deutsche Zeitung*, 10/7/1889.

Du, Du liegst mir im Herzen,
 Du, Du liegst mir im Sinn
 Immer in Freude und Schmerzen
 Weißt nicht wie gut ich Dir bin!

Lang, lang wirke in Segen
 Hier noch mit fröhlichem Sinn!
 Wisse, daß Allerwegen
 Ich Dein Freund war und noch bin!²⁵²

Outrossim, alguns desses escritos ainda podem sugerir que ao longo de sua atuação na imprensa, algumas reconciliações mostraram-se possíveis. Se Koseritz recebera também congratulações do pastor luterano de São Sebastião do Cai, Conrad Heinrich Schreiber, e publicadas em seu jornal, tal aspecto pode indicar que aquele antigo discurso voraz dirigido ao clero tenha, no mínimo, se reinventado. Tal indício é muito próximo ao que se deu com o pastor luterano, Wilhelm Rotermund, como veremos mais adiante.

Seu compromisso e sua atuação junto às atividades do *Koseritz' Deutsche Zeitung* demonstraram-se alicerces fundamentais para assumir tão destacada importância pública. Ausentou-se da redação em duas oportunidades: uma em 1883, momento em que se tornou correspondente do seu jornal, ao permanecer durante alguns meses na Capital do Império, de onde enviou cartas descrevendo suas impressões sobre o Rio de Janeiro, e que eram publicadas em seus jornais. Mais tarde, em 1886, retornou à Europa, em visita a sua terra natal, Alemanha, e com passagens também pela Itália. Dessa viagem, Koseritz também redigiu cartas, que foram reescritas para o seu jornal, e, no ano seguinte, esses escritos foram reunidos para o lançamento da obra *Reisebriefe*, pela editora *Gundlach & Comp.*, em 1887, concomitantemente à obra *Impressões d'Itália*, composto em parte por artigos veiculados no *Jornal do Comércio*.

Koseritz permaneceu à frente da redação do *Koseritz' Deutsche Zeitung* até 17 de maio de 1890, diante das circunstâncias criadas pelo novo período político, que trouxera consigo, como destacado anteriormente, restrições ao exercício de sua

²⁵² “Tu, tu moras em meu coração,/ Tu, tu moras em meu pensamento/ Sempre nas alegrias e tristezas/ Não sei o quanto sou bom para ti!/ Por muito tempo vivas na prosperidade/ Ainda aqui com alegre pensamento!/ Saber que de todas as formas/ Eu fui e ainda sou teu amigo!”. *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 13/7/1889.

principal atividade. Foi substituído por Ernst Reinhold Ludwig, o qual permaneceu após a morte de Koseritz, em 30 de maio de 1890.

2.4 A imprensa de língua portuguesa

Se o nome de Karl von Koseritz é proeminente no contexto da imprensa oitocentista de língua alemã, no mesmo grau de importância se fez presente em periódicos de língua portuguesa, atuando como redator e colaborador dos principais periódicos da província, além de uma expressiva publicação de artigos em outros jornais do Brasil. Nesses espaços, sua assinatura passou a utilizar uma variante portuguesa para o seu próprio nome, assim como usualmente é mencionado ainda hoje – Carlos de Koseritz ou Carlos von Koseritz.

Em 1887, o jornal *O Paiz* reconhecia que Koseritz foi “talvez a pena mais valente e mais acerada do jornalismo brasileiro”. A declaração, surgida em meio à controvérsia entre dois periodistas do Império²⁵³, ainda destacaria que Koseritz, em meio a polêmicas, era formidável e implacável. Já os recursos de seu talento apavoravam os adversários, bem como sua ousadia. Por outro lado, sabia reconhecer publicamente os equívocos, mesmo que não tivesse motivos para dispensar temor ou complacência a seus adversários. Sem dúvida, a declaração anterior pode ser considerada uma caracterização pertinente aplicada a Koseritz na imprensa.

Dessa forma, a partir de 1864, ano de sua fixação em Porto Alegre, a participação de Koseritz em periódicos de língua portuguesa alcança uma projeção também crescente, marcando passagem por diferentes periódicos. Como colaborador ou editor, seus escritos permitiram uma maior visibilidade de sua imagem entre outros públicos, não se restringindo unicamente ao grupo étnico ao qual pertencia. Em outros casos, escreveu para obter renda e garantir sustento. No entanto, seu programa e sua pauta de artigos seguiam uma base homogênea, versando sobre aspectos de economia, ciências, política e religião, mesmo se um

²⁵³ Abria-se uma polêmica com o redator do *Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro), Luiz de Castro, diante de suas acusações ao redator de *O Paiz*, Quintino Bocaiúva. O nome de Koseritz foi citado pelo artigo como alguém que já havia levantado questões semelhantes em relação a Bocaiúva, quando este ainda era redator do jornal *O Globo*, mas Koseritz considerou-se satisfeito pelas declarações que recebera de Bocaiúva, travando “relações com ele e honra-o ainda hoje com a sua estima”. Cf. *O Paiz*, 7/5/1887.

determinado círculo de leitores apresentasse características e especificidades diferentes de outro público.

Ao mesmo tempo em que se vê o seu trabalho em uma imprensa independente, encontramos-lo engajado na imprensa partidária. Como já destacado, passou pela redação do órgão oficial do Partido Liberal, *A Reforma*, onde ingressou em 1869, ano de seu primeiro número, tendo se afastado, posteriormente, por um tempo, diante das desavenças com Gaspar Silveira Martins, retornando oficialmente ao periódico como responsável pela folha liberal em 25 de novembro de 1885.²⁵⁴ Enquanto esteve distante dos prelos desse jornal, ligou-se à editoração de jornais do Partido Conservador.²⁵⁵ Mesmo na *Gazeta de Porto Alegre* e no *Rio-Grandese*, não faltaram polêmicas e contestações com *A Reforma*, aliás, o jornal para o qual retornaria mais tarde. Este mesmo jornal ainda seria uma das principais arenas onde seriam travadas disputas políticas, às vésperas do dia 15 de novembro de 1889, entre Koseritz e o redator de *A Federação*, Júlio de Castilhos.

Além desses jornais, o nome de Koseritz está associado a periódicos como o *Jornal do Comércio*²⁵⁶, em circulação desde 1865, uma folha comercial, literária e noticiosa de Porto Alegre, simpatizante às ideias de Gaspar Silveira Martins, para o qual se tem indicações de que foi redator por anos.²⁵⁷ Os traços editoriais dessa folha eram muito semelhantes ao homônimo do Rio de Janeiro, e o jornal pode ser considerado uma das publicações mais significativas do Rio Grande do Sul.²⁵⁸ Durante sua viagem à Europa, em 1886, suas cartas escritas com objetivo de divulgar o seu itinerário na Itália foram publicadas no *Jornal do Comércio*, e, no ano seguinte, esse conjunto, formado por artigos dispersos, foram reunidos para dar origem ao livro *Impressões d'Itália*. Como dizem as palavras de Koseritz, ele próprio não havia pensado em escrever um livro, e “já estavam publicadas, em artigos destacados, duas terças partes deste volume, quando resolvi-me a colecionar os

²⁵⁴ A notícia do seu retorno encontra-se anunciada no *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 28/11/1885.

²⁵⁵ Koseritz é citado como “colega do Rio-Grandense”, em nota sobre achado de ossada em Piratini. Cf. *O Globo*, 12/6/1875.

²⁵⁶ *O jornal do Comércio* foi dirigido por Aquiles Porto Alegre, sogro de Caldas Junior. Cf. DUARTE, Luiz Antônio Farias. *Imprensa e poder no Brasil (1901-1915)*. Estudo da construção da personagem Pinheiro Machado pelos jornais Correio da Manhã (RJ) e A Federação (RS). Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007, p. 49.

²⁵⁷ Em breve nota sobre achados arqueológicos, Koseritz foi mencionado pelo jornal *O Paiz* como redator do *Jornal do Comércio*. *O Paiz*, 24/2/1886.

²⁵⁸ Cf. HOHLFELDT, Antonio; RAUSCH, Fábio Flores. *A imprensa sul-rio-grandense...*, op. cit., loc. cit..

escritos, que tinha, despertado um certo interesse no público”.²⁵⁹ Acrescentaria expondo que era um trabalho feito sem método e cuidado especial, pois as suas múltiplas atividades não haviam permitido que escrevesse uma obra de fôlego.

Outra folha de importante visibilidade foi *Sentinela do Sul*, que se autodeclarava como um “jornal ilustrado, crítico e jocoso” e para o qual igualmente se atribui a intervenção de Koseritz, segundo Sérgio Roberto Dillenburg²⁶⁰, por meio da tarefa de editoração. Ainda consta ao seu lado o nome de Eudoro Berlink, com quem se desentendeu posteriormente. As ilustrações de suas páginas tinham como autoria o colaborador Inácio Weingärtner.²⁶¹ De propriedade de Júlio Timóteo e Manoel Felisberto Pereira da Silva, era impresso na *Litografia Imperial*, onde também funcionava a redação, na Rua da Praia, em Porto Alegre. No propósito de fazer parte da “arena”, e dedicar-se a debater questões pelo viés jocoso-sério, declarava no primeiro número:

Armados de pena e de crayon, e dispostos a sustentar a luta com o indiferentismo do público e com a falta de assinaturas, estes dois inimigos principais que quase sempre perseguem as empresas desta ordem.

Estamos dispostos a maçar os nossos leitores os dias (com única exceção dos dias de semana e santificados) com 8 páginas mistas, isto é de textos e gravuras, nas quais abrangeremos, tanto quanto nos for possível, as ocorrências da respectiva semana.

A crítica é naturalmente o elemento principal da publicação que hoje encetamos, ela será manejada com discernimento, e nunca passaremos das raias da justiça e da honestidade.

Quando a “Sentinela” ferir, será com razão e nos limites da decência.²⁶²

Em seu programa, constava a existência de diversos redatores, permitindo que os colaboradores fossem todos em geral, que soubessem escrever ou

²⁵⁹ KOSERITZ, Carlos von. *Impressões d'Itália*. Porto Alegre: Gundlach & Cia., 1867, p. III.

²⁶⁰ DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Grandes nomes da comunicação*: Carlos von Koseritz. Porto Alegre: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa/IEL/CORAG, 1998, p. 9.

²⁶¹ Em 1867, com 22 anos de idade, Inácio Weingärtner já era conhecido em Porto Alegre como um talentoso litógrafo. Na *Litografia Imperial*, dedicava-se aos retratos e às charges, o que acabou fazendo com que alcançasse sucesso e popularidade. Mais tarde, fundou, com Emilio Wiedemann, outra litografia, mas que por pouco tempo vingou, levando-o a criar a sua própria oficina. Teve passagens pelos seguintes jornais: *O Mercantil*, *A Reforma*, *Jornal do Comércio*, *Correio do Povo*, entre outros. Cf. TIBURSKI, João C. A litografia no Brasil e no Rio Grande do Sul. In: *Boletim Informativo do MARGS*, n. 24, jan/fev de 1985. Disponível em <http://www.margs.rs.gov.br/ndpa_sele_alitografia.php>. Acesso em 2 de jan. de 2015.

²⁶² *A Sentinela*, 7/7/1867.

desenhar, e que quisessem “honrar com a sua coadjuvação”.²⁶³ Sua curta circulação aos domingos, do primeiro número de 7 de julho de 1867 ao último em 1869, não deixa desmerecer a sua importância para a história da imprensa gaúcha no século XIX.²⁶⁴

No álbum humorístico *A Lanterna*, lançado ao público em 3 de junho de 1877, Koseritz resgatava novamente o tom jocoso para a imprensa. Confeccionado pela *Tipografia Rio-Grandense*, chegava às mãos do público leitor aos domingos. Sem contar com colaboradores, Koseritz encarregava-se em redigir as quatro páginas de texto, que eram acompanhadas por outras quatro de ilustrações. Como destaca Dillenburg²⁶⁵, encontram-se traços particulares desse impresso, como a seção permanente *Revista Crítica*, na qual escrevia acerca da política e da sociedade, por exemplo. Nesse espaço, chegou a redigir uma observação sobre o cotidiano de sua atividade, dizendo que

ali se encontrava de pena na mão a dar tratos ao juízo para encher tirinhas de papel... tirinhas e mais tirinhas... [...] já lá se iam trinta anos bem contados que as enchia e que, se tudo quanto escrevera nas efêmeras páginas de jornal, pudesse ser coligido, acreditava dispor de matéria para 800 ou 1000 volumes!²⁶⁶

Por outro lado, tratar sobre humor não era uma tarefa simples, como aponta uma declaração confidenciada a um amigo luso-brasileiro – levantada por Athos Damasceno Ferreira²⁶⁷, pela qual Koseritz protestava não ter muito sucesso, na qualidade de alemão, em dedicar-se ao humor, admitindo a dificuldade em ajustar o espírito à índole local, que seria muito mais irreverente, expansiva e debochada, bem ao feitio dos lusos e afro-gaúchos. Nessa perspectiva, Augusto Franke Bier afirma que existem formas variadas de abordar o humor, e elas podem variar de cultura para cultura.²⁶⁸ Embora Koseritz apresentasse um jornal de pouca duração,

²⁶³ Não foi possível localizar artigos de autoria de Koseritz, uma vez que os textos não são identificados com autoria.

²⁶⁴ Em diferentes números, encontram-se caricaturas e textos que se referem aos acontecimentos relativos à Guerra do Paraguai.

²⁶⁵ DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Grandes nomes da comunicação...*, op. cit., p. 10.

²⁶⁶ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962, p. 45.

²⁶⁷ Idem, p. 44-61.

²⁶⁸ BIER, Augusto Franke. *Ítalo-gaúchos e teuto-gaúchos: o desenho de humor no resgate da identidade*. Disponível em

<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/074dd46788525735a6a61e3011ca19d8.pdf>>. Acesso em 2 de jan. de 2015.

ele pudera, de especial, ressaltar de maneira semelhante a outros periódicos a habilidade como escritor, fato que se materializa no conteúdo e na apresentação gráfica do impresso.²⁶⁹

Além de humorísticos e ilustrados, registra-se a participação de Koseritz como colaborador de periódicos literários de Porto Alegre, como *Álbum de Domingo*. Em circulação a partir de 1878, contava com outros nomes importantes da cultura local, como Apeles Porto Alegre, Apolinário Porto Alegre, Carlos Jansen, Aurélio de Bittencourt, Damasceno Vieira, muitos deles associados ao *Partenon Literário*. Incluía-se uma mobilização intensa pelo movimento literário renovador, em respeito ao naturalismo e parnasianismo, contrapondo-se ao romantismo. Mas nem sempre havia unanimidade. Enquanto grande parte voltava-se para os postulados da *Escola do Recife*, outros ainda demonstravam sua simpatia aos modelos literários tradicionais. Da mesma forma, Koseritz redigiu, para as colunas do *Álbum de Domingo*, textos que tratavam de temas ligados à orientação cientificista, intercalados por artigos de outros colaboradores, que nem sempre se ajustavam ao mesmo propósito, como era o caso do antimaterialista Carlos Jansen.²⁷⁰

Já a década de 1870 traz em evidência as crescentes incompatibilidades que Koseritz criou em relação ao universo e a influência religiosa sobre a sociedade. Como ressaltado, a constatação pode ser encontrada nos mais diversos artigos que publicou no jornal *Deutsche Zeitung* e no *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, bem como na imprensa de língua portuguesa. É nesse contexto que surge, em 1876, a organização do periódico maçom *A Acácia*, um semanário²⁷¹ de propriedade de Karl von Koseritz, pelo qual também passou a atacar o clero, representado, por exemplo, pela atuação dos padres jesuítas ou pelo Bispo Sebastião Dias Laranjeira. Em seu primeiro número, Koseritz anunciava a criação da folha no sentido de fomentar a doutrinação maçônica, já que “o boletim, que houver de publicar a Grande oficina provincial, não pode satisfazer essa necessidade, porque os boletins maçônicos por sua natureza só contêm uma pequena parte de doutrinaria”.²⁷² Dessa maneira, acreditava que sua folha pudesse tornar-se uma folha periódica capaz de doutrinar o

²⁶⁹ DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Grandes nomes da comunicação...*, op. cit., p. 11.

²⁷⁰ Cf. FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 1975, p. 104.

²⁷¹ Inicialmente, era distribuído nas quintas-feiras. A partir do mês de abril de 1876, a folha maçônica era publicada todos os domingos.

²⁷² *A Acácia*, 6/1/1876.

povo maçônico, promovendo a união e a ampla discussão sobre “todas as questões tendentes a nossa real arte”.

A *Acácia* tratará em escritos doutrinários de todos os assuntos que direta ou indiretamente interessem à maçonaria rio-grandense, dará notícia das principais ocorrências que se deem tanto nos orientais brasileiros quanto nos estrangeiros e conterà uma seção noticiosa, especialmente destinada a consignar em suas colunas toda a crônica escandalosa dos fanáticos padres que são os piores adversários da maçonaria, porque o são também de todas as virtudes que simbolizam a nossa real arte.

Obreiros convictos e sinceros do progresso saberemos sustentar com dignidade o lugar que ora vamos ocupar na tribuna da maçônica.

A *Acácia* não é uma especulação; é uma folha que vem satisfazer a uma necessidade geralmente sentida e não leva a mira em eventuais lucros.²⁷³

O seu editor ainda noticiava que as colunas de *A Acácia* encontravam-se abertas a todos os maçons que nela quisessem colaborar, embora “odiosos e rancores do mundo profano” devessem morrer à porta da oficina. Já as lojas maçônicas da Capital poderiam publicar os anúncios gratuitamente. No segundo exemplar em circulação foi divulgado que o semanário passava a ser o órgão oficial da Maçonaria rio-grandense, responsabilizando-se em publicar todos os atos da Grande Loja e das oficinas que a ela eram subordinadas.²⁷⁴ A partir desse momento, foram publicados, semanalmente, os boletins informativos da entidade. Ainda encontramos ao longo de sua breve existência a divulgação de sua obra, por meio de textos que expõem ideias de *Roma perante o Século*, obra fundamental para reconhecer o seu pensamento anticlerical, reforçando mais uma vez as críticas dirigidas à Igreja.

Sob a redação e de propriedade de Luiz Kraemer Walter²⁷⁵, Koseritz também participou como colaborador do lançamento e da circulação do *Eco do Ultramar*, periódico literário, cultural e científico, que se dedicou a conscienciosas traduções de produções – romances, biografias, viagens – que eram consideradas “modernamente avultadas” pelos seus organizadores, tendo como procedência diferentes países, entre eles a Inglaterra, a Alemanha e a Itália, sem desmerecer

²⁷³ *A Acácia*, 6/1/1876.

²⁷⁴ *A Acácia*, 13/1/1876.

²⁷⁵ O nome de Luiz Kraemer Walter encontra-se ligado à função de agente intérprete da colonização, na década de 1870. No âmbito cultural-literário, encontra-se como membro do *Partenon Literário* e integrante do corpo docente do Instituto Brasileiro, um estabelecimento educacional em funcionamento desde 1876, idealizado por Apolinário Porto Alegre.

assuntos nacionais ou locais, que pudessem apresentar afinidades com o programa, como era o caso da instrução pública. No primeiro número, Koseritz foi o tradutor do texto “O Rio Grande do Sul e as colônias alemãs”, de autoria de Miguel G. Mulhall.²⁷⁶ Localizado em Porto Alegre, sua distribuição era semanal, e era confeccionado pelos prelos da *Tipografia do Mercantil*. Ainda, objetivava-se vulgarizar as ideias mais influentes dos países “cujo o espírito de primeira plana, sem dúvida ainda por muito tempo e quiçá sempre, hão de servir de modelos, dignos de imitação a todos os nossos conterrâneos que sentirem a vocação de cultivar as letras, as ciências ou as artes”.²⁷⁷ Ao lançar-se na tarefa de contribuir na criação de um gosto literário na província, sustentado pelo viés dos intelectuais Tobias Barreto e Silvio Romero, assumia-se abertamente o contraponto feito à imitação literária de autores franceses. Por outro lado, ligados aos movimentos vanguardistas europeus, Reinaldo Araujo de Moura destaca a familiaridade existente entre os gaúchos e as publicações francesas, em especial autores como Emile Zola e Gustave Flaubert.²⁷⁸ Há que se ressaltar que esse empreendimento tipográfico pode ser considerado como um dos primeiros elos entre as atividades literárias e científicas e a *Escola do Recife* com o movimento intelectual de Porto Alegre.

Dentre as publicações que apresentaram uma orientação mais intelectual, Koseritz também esteve à frente da direção do jornal *O Combate*, ao lado de Argemiro Galvão, cujo primeiro número data de 10 de abril de 1886. Apresentava um pequeno formato, e voltava-se aos estudos etnológicos, ao mesmo tempo em que textos críticos dirigidos à Igreja e aos jesuítas ainda se faziam ler.²⁷⁹ O título do jornal é bastante adequado, e permite reconhecer alguns de seus propósitos. Seu primeiro editorial buscava enaltecer o progresso da ciência, engajado pela necessidade de criar uma consciência científica e histórica, através do conhecimento das leis físicas, etnográficas, antropológicas, psicológicas e sociais. Enfim, “sob tais auspícios, abrigando-se ao critério científico moderno, *O Combate* coloca-se ao lado

²⁷⁶ *A cidade do Rio Grande* é o primeiro subtítulo da publicação, e faz uma descrição de Rio Grande. Publicado em parte, o texto traduzido por Koseritz tomou as páginas de outros números do *Eco do Ultramar*, 31/3/1876.

²⁷⁷ *Eco do Ultramar*, 31/3/1876.

²⁷⁸ MOURA, Reinaldo Araujo de. *O alvorecer do Naturalismo na prosa do Rio Grande do Sul*: Paulo Marques e Vênus ou o dinheiro (1881). Rio Grande: FURG, 2009. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande, 2009.

²⁷⁹ DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Grandes nomes da comunicação...*, op. cit., p. 11.

da imprensa independente e como uma empresa bem intencionada conta com o apoio do público”.²⁸⁰

Como é possível perceber, a atuação de Koseritz na imprensa de língua portuguesa autoriza sustentar a afirmação sobre a importância que seu nome apresenta para a segunda metade do século XIX. Se parte do seu valor como editor periodista é atribuído aos diferentes espaços em que se fez encontrar, não obstante está uma de suas publicações jornalísticas mais significativas. Para Dillenburg²⁸¹, a criação da *Gazeta de Porto Alegre*, em 1879, representa, até então, o surgimento do melhor jornal no Rio Grande do Sul. Sua fonte de renda provinha da venda avulsa, das assinaturas e dos anúncios de propaganda: enquanto Koseritz dedicava-se exclusivamente à linha editorial do jornal, as finanças encontravam-se em mãos de um contabilista. O público leitor ampliou-se igualmente, e as suas apreciadas críticas podiam ser lidas por uma quantidade muito maior de pessoas. A proposta dessa folha era construir uma linha independente, sem vínculos partidários.

A *Gazeta* é órgão dos interesses do comércio, da lavoura e da indústria; em seus juízos não tem influência o espírito ou o interesse dos partidos que militam no país; não se encontrará em suas colunas uma só linha partidária, mas também não recuará ela ante a análise dos atos do poder, sempre que estes comprometerem os interesses reais que ela representa na imprensa da província.

Não deve haver equívoco sobre o caráter desta folha: É completamente independente e por isso mesmo elogia o que é digno de elogios e censura o que é digno de censuras.

O programa da *Gazeta* satisfaz sem dúvida alguma à exigência de jogo franco e pôs as cartas na mesa.

Este programa tem sido e será integralmente mantido, ainda mesmo na parte que exclui toda a polêmica.

O único juiz competente sobre o procedimento desta folha é a opinião pública e porque a ela nos sujeitamos e a respeitamos [...].²⁸²

Na *Gazeta de Porto Alegre*, Koseritz dedicou-se a diferentes temáticas, desde questões de comércio e agricultura a movimentos intelectuais e literários. Suas páginas também assistiram o nascimento das primeiras trocas de acusações com Júlio de Castilhos, por meio do jornal *A Federação*. O auge do jornal foi alcançado em 1883, quando Koseritz passou a publicar as “Cartas da Corte”, paralelamente noticiadas no jornal *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, oferecendo aos leitores de jornal

²⁸⁰ *O Combate*, 10/4/1886.

²⁸¹ DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Grandes nomes da comunicação...*, op. cit., p. 11.

²⁸² *Gazeta de Porto Alegre*, 9/1/1879.

descrições de sua estada no Rio de Janeiro, incluindo os encontros e as conversas com o D. Pedro II, que também era leitor desse mesmo periódico.²⁸³ Ao enfrentar dificuldades financeiras, a redação foi encerrada, em meio ao ano de 1884, o que representava o fim da circulação do jornal, embora tivesse alcançado bastante prestígio. Os leitores que possuíam a assinatura do jornal foram indenizados pelo recebimento de *A Reforma*²⁸⁴, consideração que sugere uma aproximação aos quadros do Partido Liberal, antes mesmo de reassumir novamente a redação no ano seguinte. Além disso, o pastor luterano de São Leopoldo Wilhelm Rotermund lamentou o encerramento das atividades da *Gazeta*, o que manifestou particularmente a todos os teutos, pois o seu redator era a única pessoa que na imprensa de língua portuguesa lutava pelos anseios da população colonial teuto-brasileira.²⁸⁵

Ainda assim, deve-se mencionar que os traços polêmicos de Koseritz na imprensa de língua portuguesa não deixaram de existir, e foi, em muitos casos, alvo de críticas, sujeito a contestações, acusações e, também, escárnio. Um dos jornais ilustrados mais polêmicos da Capital não poupou sua imagem, que foi retratada em caricaturas, que, tal como hoje as entendemos, eram bastante ofensivas. O jornal *O Século*, de propriedade de Miguel de Werna, constitui um exemplo. Impresso na tipografia do *Deutsche Zeitung*, a partir de 11 de novembro de 1880, o centro principal das ilustrações correspondia a políticos liberais, tendo em vista o desafeto do proprietário de *O Século* com o Partido Liberal.²⁸⁶ Para este elenco de chacotas, Koseritz também fez parte, representado pelas famosas calungas de Eduardo Antônio de Araújo Guerra.²⁸⁷

²⁸³ Cf. KOSERITZ, Carl von. *Imagens do Brasil*. São Paulo: Martins, Editora da USP, 1972. As cartas publicadas nos seus jornais deram origem à conhecida obra de Koseritz – *Bilder aus Brasilien* (Imagens do Brasil).

²⁸⁴ Consta uma nota assinada por Frederico Haensel, explicando o procedimento que seria encaminhado aos leitores de *Gazeta de Porto Alegre*, um ajuste negociado por Haensel com *A Reforma*. Cf. *A Reforma*, 8/8/1884.

²⁸⁵ DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Grandes nomes da comunicação...*, op. cit., p. 12.

²⁸⁶ Consta que havia desafetos consideráveis entre Miguel de Werna e Frederico Haensel. No humorístico *O Século*, Haensel era nomeado como “Ganzo”. Pelo seu acentuado sotaque alemão com que falava português, as sátiras dedicavam-se a forjar compridos pronunciamentos na Casa dos Aflitos, intercalados a tópicos indecentes. Não foi à toa, portanto, que Haensel teria pressionado o *Deutsche Zeitung* a fechar os prelos de sua tipografia para *O Século*, o que, de fato, veio a concretizar-se. Cf., FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962, p. 94-113.

²⁸⁷ Eduardo de Araújo Guerra foi trazido a Porto Alegre por Miguel de Werla, e no número de 10 de junho de 1881, já apresentava os seus traços para *O Século*, que imediatamente alcançou ainda mais popularidade. Araújo Guerra, antes de seu trabalho na Capital, morava em Pelotas, onde dirigia e ilustrava o *Cabron*. Cf. FERREIRA, op. cit., p. 98-99.

Figura 3: Calungas de Eduardo Antônio de Araújo Guerra, no jornal *O século*, 1881.



Fonte: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

Na imagem anterior, estão representados alguns estereótipos ligados à personalidade de Koseritz, seja pelo uso dos óculos e do bigode, pela caracterização como capitão, ou pela medalha fixada em seu peito, onde se encontra a inscrição *Exposição Brasileira-Alemã*. Publicada no ano de 1881,

certamente, fizeram-se referências aos momentos conturbados provocados pela realização do evento. A legenda sugere, igualmente, um tom debochado ao personagem principal – “Mim nom quer mais ser debotade. Céde minha lugar pro Karmargú pra faz vontade *Conselheirre Touca* [sic], monte meu amique. Minha prima Bismark mande chame mim pro fique faz dez delle. Tá monte velho e casado, coitado!” Junto às chacotas, ainda se percebe a alusão para a combatividade de Koseritz na imprensa, sua intervenção nos mais diversos assuntos, com a indicação de três imagens mais ao canto, lembrando-se das suas divergências de fundo anticlerical – “A ponte do Menino Deus – Padres construtores...”, “Uma lição no carrilhão de São Rafael” e “As carpideiras da hidráulica”. Frequentemente chamado pelo periódico de “Borrachon”, os adjetivos desagradáveis aplicados a Koseritz – o “charlata-mor”, nem sempre fizeram com que suportasse em silêncio as chacotas que recebia.²⁸⁸

Finalmente, diante de intensa participação em meio aos mais diversos periódicos da província, Koseritz tem seu nome registrado em um grande número de jornais do século XIX. Embora fosse um imigrante naturalizado, apresentava domínio completo sobre a língua nacional, aspecto que se corrobora pela escrita correta dos textos, e sua poderosa maneira de argumentar era igualmente eficiente tal como na imprensa de língua alemã. A inserção de expressões latinas, em muitos de seus artigos e noticiários, por exemplo, permitiu igualmente atribuir uma particularidade diferenciada para a sua redação. De maneira geral, procurou manter coerência aos seus pensamentos, embora em algumas situações fosse criticado e acusado pelos adversários pela falta dela. Defendeu seus programas e projetos, mesmo que montanhas fossem colocadas a sua frente por alguns adversários. Sua trajetória também apresentou equívocos – alguns deles reconheceu e passou a aceitar ideias diferentes das suas. Alguns diretores e proprietários de periódicos permitiam a Koseritz algumas liberdades. O que contava para eles era a assinatura do seu autor, Carlos von Koseritz, que poderia atribuir ao jornal prestígio ou até o aumento da venda de jornais, caso uma nova polêmica fosse levantada pelo renomado escritor.²⁸⁹

Para além disso, cabe lembrar as observações feitas por Athos Damasceno Ferreira, quando reconhece que Koseritz alcançou o que outros tantos escritores

²⁸⁸ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata...* op. cit., p. 104-105.

²⁸⁹ DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Grandes nomes da comunicação...*, op. cit., p. 11.

contemporâneos ao seu tempo não conquistaram, como Antônio Cândido Gomes, Felipe Neri, Cavalcante de Albuquerque, Cândido Gomes e Caldas Junior.²⁹⁰ Seria ele, portanto, o mais completo homem da imprensa do Rio Grande do Sul e a ele não seria possível comparar outro personagem do século XIX, em termos de coragem, astúcia, enfrentamento, multiplicidade de aptidões, trabalho e iniciativa.

²⁹⁰ FERREIRA, Athos Damasceno. *Jornais críticos e humorísticos de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1944, p. 5-33.

3 KOSERITZ, IMPRENSA E INTELECTUALIDADE: CENÁRIOS DO BRASIL

*“Sou, como sabem....”*²⁹¹

Destacar a atuação de Karl von Koseritz como um importante intelectual do século XIX requer que se compreenda o universo de produção e de engajamento com o qual se envolveu. A aposta nessa direção demonstra facetas que apontam para uma diversidade, que colocam Koseritz como uma das figuras intelectuais mais expressivas do pensamento crítico e original do Rio Grande do Sul e do Brasil, no século XIX.

A imprensa como fonte histórica, nesse sentido, revela as nuances do pensamento que se ocupou em discutir e abordar cenários simples e complexos, propondo diálogos e construindo interfaces entre mundos distintos. Jornais e demais periódicos tornam-se, dessa forma, documentos imprescindíveis para encontrar indícios reveladores para proporcionar a compreensão desse tempo histórico.

3.1 A questão étnica

Entre as análises que destacaram a figura de Koseritz como expoente intelectual e político está, certamente, aquela empreendida por Carlos Oberacker Junior. Seu estudo, entre outros pontos, demonstra o engajamento pela valorização do elemento teuto no Brasil, diante do contexto de imigração que se criara, a partir de 1824. Palavras pronunciadas por Koseritz, em 1889, confirmam essa afirmação, quando ressaltava sua condição como responsável pelo seu almanaque em língua alemã – “Tenho em vista apenas uma finalidade, uma diretriz na atuação como redator: a elevação do elemento teuto neste País, a defesa dos seus interesses e as condições de seu progresso”.²⁹²

A citação efetivamente reflete parte significativa da atuação que Karl von Koseritz realmente exerceu. Significa dizer, entre outras coisas, que ele tomou a linha de frente nas questões mais importantes que procuravam garantir a inserção e a atuação do imigrante alemão à realidade brasileira. Não é equivocado, inclusive,

²⁹¹ *A Reforma*, 11/1/1885.

²⁹² *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, 10/7/1889.

afirmar que foi ele que, pela primeira vez, projetou o tema e o debate da etnia para campos mais amplos e dinâmicos, encontrando ecos na província e também no Império. Tal condição, por exemplo, acabou sendo admitida pelo pastor Wilhelm Rotermund, ao dizer que Koseritz era o líder, embora agradável para alguns ou lamentável para outros, “podemos felicitar a coletividade por esse líder ou podemos cordialmente deplorar esta situação. O fato é que o senhor Koseritz, entre todos, é o que goza de maior confiança dos teutos na Província”.²⁹³

Na historiografia sobre a imigração alemã no Brasil, a discussão sobre a identidade teuto-brasileira tem reforçado e elucidado, ainda que não o suficiente, a contribuição de Karl von Koseritz para a temática. Nessa perspectiva, Martin Dreher²⁹⁴ refere-se a três distintos grupos que ofereceram, já no século XIX, orientações filosófico-religiosas para a população imigrante e para os seus descendentes estabelecidos no Brasil. Tal classificação, que define uma história intelectual para a imigração alemã no sul do Brasil, coloca em evidência duas importantes vertentes religiosas, sobretudo na figura dos pastores Wilhelm Rotermund e Hermann Dohms, para os teuto-brasileiros luteranos, e na figura dos jesuítas Theodor Amstad e Max von Lassberg, para o contingente católico. Finalmente, uma terceira orientação encontrar-se-ia vinculada à liderança de Karl von Koseritz, e reuniria, sobretudo, uma vertente de cunho liberal²⁹⁵, e, diferente das anteriores, desprendida dos movimentos religiosos. Nesse ponto, devemos pensar que a vertente liberal em Koseritz não se apresentava somente no sentido político-partidário, mas muito mais, como bem lembra Guilhermino Cesar, à presença do racionalismo agressivo e contundente.²⁹⁶ A demonstração dessa heterogeneidade, marcada pela existência das diferentes correntes de pensamento, e que mobilizaram imigrantes e descendentes de uma maneira distinta, aponta para o reconhecimento das disputas travadas entre os grupos.

²⁹³ ROTERMUND apud GANS, Magda Roswita. *Presença Teuta em Porto Alegre no Século XIX (1850-1889)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 247.

²⁹⁴ DREHER, Martin Norberto Dreher (org.). *Hermann Gottlieb Dohms*. Textos escolhidos. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 8.

²⁹⁵ Hailke R. K. da Silva ainda se refere a outros critérios que podem ser utilizados para elencar lideranças. Para tanto, cita-se a afirmação de René Gertz, quanto à chamada “Geração de 48”, que teria trazido consigo uma experiência política e de guerra maior, além de pertencerem a níveis sociais e culturais mais privilegiados, se comparados aos primeiros emigrantes. Cf. SILVA, Haike R. K. da. A identidade teuto-brasileira pensada pelo intelectual Aloys Friederichs. *Anos Noventa*. v. 20/21. Jan.-dez, p. 295-330. 2005, p. 301; GERTZ, René Ernani. *O fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 34.

²⁹⁶ CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971, p. 252.

Nesse sentido, a presença de Koseritz nas discussões sobre a identidade teuto-brasileira confirma seu papel como intelectual, manifestação que se revela, sobretudo, em seu engajamento público e político. Poder-se-ia, também, apontar para a construção daquilo que foi denominada por Oberacker²⁹⁷ como a ideologia teuto-brasileira, ao destacar a figura emblemática assumida por Koseritz ao ser um dos primeiros a discutir os elementos de uma identidade em construção, fossem eles políticos ou culturais. Seu pensamento, nessa perspectiva, encontra-se nas mais diferentes tarefas que desempenhou como político, redator da imprensa ou como advogado de causas públicas, na defesa de alemães e descendentes. Contudo, como observa Ana Elisete Motter, a imprensa pareceu constituir um significado maior para a construção da concepção teuto-brasileira, uma vez que, no espaço da tribuna na Assembleia Legislativa, o programa de Koseritz em muito pouco tratou da preservação da língua e da cultura germânicas entre teutos e teuto-brasileiros no país. Para Motter, essa cautela representava uma estratégia para que se evitassem “as prevenções de deputados luso-brasileiros em relação à diversidade étnica do elemento teuto”, presente na província.²⁹⁸ Nesse sentido, como lembra Motter, Koseritz proferiu apenas um discurso na Casa Legislativa no qual defendeu o direito aos teuto-brasileiros de utilizarem a língua alemã e de continuarem preservando os seus costumes, manifestação que se fez após as declarações do senador Barão de Cotegipe, em 1888, sobre os perigos daquilo que considerava ser a “germanização” de Santa Catarina, reforçando ainda sua postura contrária ao processo imigratório de alemães para o Brasil.²⁹⁹

Sendo assim, seus primeiros textos para o *Deutsche Zeitung*, em 1864, ainda como colaborador, revelavam sua preocupação com o elemento teuto na província.³⁰⁰ Para Koseritz, o elemento alemão, confiante em si mesmo, deveria fazer-se respeitar, como qualquer outro povo, cabendo-lhe a vantagem, segundo suas palavras, de carregar em seu interior o valor moral. Dessa maneira, acreditava que era de responsabilidade do elemento teuto destacar a nacionalidade, e honrá-la da maneira que fosse possível. Seria esse um belo empreendimento, que poderia

²⁹⁷ Cf. OBERACKER JR, Carlos H. *Carlos von Koseritz*. São Paulo: Anhambi, 1961.

²⁹⁸ MOTTER, Ana Elisete. *As relações entre as bancadas teuta e luso-brasileira na Assembleia Legislativa Provincial Rio-Grandense (1881-1889)*. São Leopoldo: Unisinos, 1998. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação e História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1998, p. 151.

²⁹⁹ Idem, p. 77.

³⁰⁰ *Deutsche Zeitung*, 14/5/1864.

render belos frutos, capaz de representar o “vértice e a base da pirâmide social da germanidade na província”. Dito isso, reforçava a postura que, insistentemente, veiculou na imprensa, ao longo dos anos seguintes, afirmando que os “interesses do Brasil são hoje os nossos, é nossa segunda, mas é dos nossos filhos a única pátria.” Tudo deveria interessar e despertar interesse ao elemento teuto: as relações públicas, os eventos políticos, o campo econômico. Nesse sentido, Koseritz entendia que a imprensa tinha um papel fundamental nesse processo. Para tanto, apresentava o *Deutsche Zeitung* como o único órgão capaz de dirigir todos os temas aos habitantes das regiões coloniais, explicando-os e esclarecendo-os aos leitores. Em contrapartida, os jornais brasileiros não eram acessíveis à maioria dos alemães e teuto-brasileiros, aliado ao fato de que muitos periódicos nacionais não compreendiam o real significado da germanidade no Brasil.

Ao refletir sobre as questões da identidade teuto-brasileira presentes no pensamento e na atuação de Koseritz, partimos de uma discussão peculiar que ocorreu no ano de 1869, na qual também ele acabou por se envolver. Embora se tratasse de um fato que abarcava questões de disputas familiares, o episódio revela importantes indícios, os quais se tornam propícios para discutir a questão étnica e identitária, em processo de construção e solidificação.

Sem deixar de polemizar o ocorrido, o que era, aliás, traço típico de qualquer posicionamento, Koseritz, como representante da *Sociedade Beneficência Alemã*³⁰¹, partiu em defesa, como advogado de Antônio Zweibrucker, que se tornara réu em um crime ocorrido na colônia de Maratá.³⁰² Embora o ocorrido pudesse restringir-se aos trâmites legais da época, fato é que a repercussão alcançaria outras dimensões, incluindo farpas e trocas de acusações.

Segundo as fontes e as versões veiculadas pela imprensa, no dia 24 de junho de 1869, o jornal *A Reforma* publicava em seção “A Pedido”, uma manifestação de Antônio Joaquim da Cruz, cujo genro, o Major José Appolinário Pereira de Moraes supostamente teria sido assassinado por Antônio Zweibrucker, em 4 de junho daquele ano. A reação por parte de Koseritz dar-se-ia logo em seguida, no dia 9 de julho de 1869, no mesmo jornal, dadas as especificidades com as quais Antônio Joaquim da Cruz se referira a Zweibrucker, em seu texto: não citava seu nome, mas

³⁰¹ Oberacker cita a Sociedade como Associação Teuta de Proteção Jurídica (*Deutscher Rechtsschutzverein*). OBERACKER, *Carlos von...*, op. cit., p. 61.

³⁰² Maratá pertencia, inicialmente, ao município de Triunfo, Rio Grande do Sul. A colonização alemã iniciou em 1857, às margens do arroio que deu nome ao povoado – Maratá.

o identificava como “alemão”. Pelo tom da manifestação apresentada por Koseritz, é possível identificar o incômodo e o desconforto que a palavra mencionada causara nele, aliada à sua percepção de que os fatos haviam sido adulterados.

Há dias apareceu nesta folha uma publicação do sr. Antônio da Cruz, tratando da desastrosa morte do seu genro o major José Appollinario de Moraes, e tentando lançar a culpa do ocorrido sobre o infeliz Antonio Zweibrucker, que hoje jaz na cadeia do Triumpho, e sua família.

[...].

No primeiro caso faltou à verdade, pública e escandalosamente, por ódio antigo e inveterado, e com o manifesto fim de reduzir à desgraça um homem inocente, laborioso, pai de família, no segundo caso foi leviano e inconsiderado em assunto de tamanha responsabilidade moral e legal.

O fato é que esse “alemão” cujo nome não foi citado pelo sr. Antônio da Cruz, há muito é vítima das injúrias e invectivas d’esse sr., que n’elle devia ter considerado o marido da irmã do seu genro, e um homem honesto, manso, ordeiro e sumariamente laborioso, bom pai e bom esposo, contra o qual jamais foram articuladas queixas de qualquer natureza.

Antônio Zweibrucker, que desde 1852 chegou ao Maratá, foi o primeiro colono alemão que ali se estabeleceu [...].

[...].

Mercê de Deus hoje já vai longe o tempo em que o pobre alemão na campanha ficava sujeito ao arbítrio de um ou de outro potentado da aldeia.

A lei e a justiça são uma para todos; perante elas não há nacionalidade nem estrangeiro, e o direito dos alemães desvalidos, tantas vezes menoscabados, encontrarão em mim, sempre que a justiça estiver de seu lado, um defensor extremo e dedicado, ao qual poderão faltar habilitações, mas nunca resolução e a energia necessárias para arrostar as iras de quem quer que seja, a fim de defender os direitos dos filhos da terra que me viu nascer.

Carlos de Koseritz
Porto Alegre, 7 de julho de 1869.³⁰³

O texto de Koseritz não é somente uma resposta às acusações que foram feitas a Antônio Zweibrucker. Ele revela, sobremaneira, um posicionamento étnico, que legitima a defesa que o coloca na linha de frente contra os acusadores. Koseritz compreendia o termo “alemão” empregado no texto de Antônio Joaquim da Cruz como algo pejorativo e depreciativo e deslocava a problemática provocada pelo crime para o âmbito da nacionalidade. O trecho apresentado não encerrava, no entanto, a discussão, que renderia algumas farpas e acusações recíprocas.

³⁰³ *A Reforma*, 9/7/1869.

Publicada no dia 29 de julho de 1869, a carta escrita por Antônio Joaquim da Cruz retomava novamente o caso, reagindo aos escritos de Koseritz, que havia tomado para si a defesa de Zweibrucker. Segundo ele, respeitava os indivíduos, qualquer que fosse sua nacionalidade, ou pelo merecimento próprio, e seria de mau gosto arrastar a discussão para o campo da nacionalidade, e “não foi para desfazer-se na nacionalidade alemã que usou-se da expressão – o alemão Antônio”.

Estou firmemente convencido do caráter ordeiro, da dedicação ao trabalho que possuem os alemães, que vem desenvolver a riqueza do nosso solo, mas nem por isso deixo também de reconhecer que, como todos os outros e nacionais, há entre eles alguns que deixam de cumprir com os seus deveres, que se atiram ao vício e também ao crime, como se deu com o de que se trata.³⁰⁴

Assim, Antônio Joaquim da Cruz tentava amenizar o fato de dirigir-se ao acusado como “alemão”, rechaçando qualquer interpretação que pudesse induzir a um preconceito étnico. Essa postura, no entanto, não diminuiu a disputa que se criara entre ele e Koseritz em torno do crime ocorrido em Maratá, dado que o defensor de Zweibrucker, em sua contestação anterior, acusava-o de ter faltado completamente à verdade, uma vez que não teria assistido ao acontecimento, além de responsabilizá-lo como causador dos primeiros passos do conflito final. Antônio Joaquim da Cruz terminava sua manifestação dizendo que, conquanto novas acusações, insultos e contestações pudessem ocorrer, nada mais publicaria a respeito do assunto.

Embora Antônio Joaquim da Cruz declarasse o seu silêncio a partir daquele momento diante da polêmica criada pela primeira publicação, sua filha e esposa do Major José Appolinário Pereira de Moraes, Severina Antônia da Cruz Moraes, teria publicada sua carta no dia 31 de julho de 1869, na seção “A Pedido” do jornal *A Reforma*, também como forma de contestação àquilo que Koseritz havia publicado, defendendo a memória de seu marido que, em sua opinião, havia sido completamente infamada.

Enquanto essa publicação intenta desfazer na honradez de um pai e finado marido, eleva pelo contrário o alemão Zweibrucker e o faz digno de estima de seus conterrâneos.

³⁰⁴ *A Reforma*, 29/7/1869.

[...].

As qualidades de meu marido [...] basta dizer que ele não deixou um só inimigo.

Acontecerá o mesmo a Antônio Zweibrucker? Pelo contrário, em vez de ser estimado, Antônio por suas qualidades pouco recomendadas é geralmente aborrecido. É mesmo uma injúria que se faz aos habitantes do Triunfo dizer-se que Antônio era estimado. Não, os habitantes d'este antigo município sabem bem distinguir o bom do mau, o desonesto do honesto.

[...].

Porto Alegre, 28 de julho de 1869
Severina Antônia da Cruz Moraes³⁰⁵

Além de expor questões sobre o dia da morte de seu esposo, contestando aquilo que Koseritz havia apresentado como evidências para a inocência de Zweibrucker, Severina Antônia da Cruz Moraes não aceitava a vitimização do suposto criminoso, e declarava que a compaixão a ele não deveria ser relacionada à pobreza, uma vez que tinha “dinheiro bastante para pagar a quem o defenda e não precisava da beneficência de seus compatriotas”.³⁰⁶

Sobre esse caso, a palavra final na imprensa foi dada por Koseritz. Um último texto seria publicado em 3 de agosto de 1869, no mesmo periódico no qual a discussão havia sido iniciada. Mencionava as duas últimas correspondências publicadas em acusação aberta a Zweibrucker, tomando, mais uma vez, uma postura em sua defesa, afirmando estar advogando pela verdade, tal como ela supostamente poderia ser encontrada na consciência do povo de Triunfo. Da mesma forma, estava disposto a provar que o seu constituinte não teria “dinheiro para sustentar polêmicas em gazetas”, e que estava, portanto, disposto a enfrentar o advogado defensor dos agressores de Zweibrucker no tribunal, “demonstrando a perfeita justificabilidade do crime cometido pelo [...] constituinte”.

Em resposta à declaração de Antônio Joaquim da Cruz, Koseritz manifestava o seu agradecimento pelo fato de esclarecer a utilização da expressão que havia considerada pejorativa – “o alemão Antônio”, e elogiava-o pela referência enaltecedora à nacionalidade alemã.

Agradeço ao Sr. Antônio Joaquim da Cruz a solene declaração que fez, de não haver usado a expressão – o alemão Antônio – para desfazer a nacionalidade alemã. E muito folgo que o Sr. Antônio da

³⁰⁵ *A Reforma*, 29/7/1869.

³⁰⁶ *Idem*, *ibidem*.

Cruz esteja firmemente convencido do caráter ordeiro e da dedicação ao trabalho que possuem os alemães.

Concordo perfeitamente com o Sr. Antônio da Cruz, em que há bons e ruins, tanto entre estrangeiros, como entre os nacionais, na certeza de que o meu constituinte permanece à primeira classe, isto é, aos bons, e não à segunda em que por equívoco o quis colocar o Sr. Cruz.

[...].

Antônio Zweibrucker é um homem honesto, laborioso, bom esposo e bom pai, que não é pobre, e cujo contato não desonra a ninguém.

[...].

Porto Alegre, 02 de agosto de 1869.
Carlos de Koseritz³⁰⁷

As discussões sobre o caso na imprensa foram encerradas pela declaração de Koseritz, publicada em 2 de agosto de 1869, enquanto o processo pela morte do Major José Appolinário Pereira de Moraes seguia os trâmites legais da instituição jurídica. As polarizações pela defesa de um e pela acusação de outro permaneceriam e continuariam a demonstrar um embate que não se restringia à resolução do caso em si, ou seja, das circunstâncias e das motivações que haviam gerado o crime, mas que alcançava aspectos étnicos e de nacionalidade, diante das questões que passaram a ser apontadas e discutidas, especialmente por Koseritz.

Koseritz retomava esse mesmo caso, citando-o em seus relatos das “Cartas da Corte”, de 1883, publicadas em seus jornais, e que, mais tarde, foram reunidas no livro *Bilder aus Brasilien*. Ao tratar sobre as questões étnicas, as especificidades da colônia alemã em detrimento daquela estabelecida no Rio de Janeiro, colocando-se em defesa do modelo de imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul, Koseritz destacava as dificuldades que foram encontradas pelas primeiras levas, bem como aos problemas sociais e políticos que se desenharam posteriormente. Dentro desse contexto, destacavam-se as seguintes palavras:

No interior do país eram os alemães maltratados, roubados e assassinados sem que nem fosse aberto corpo de delito, mas se um alemão, em defesa de sua vida, ferisse ou matasse um brasileiro estava certo de receber pena de prisão perpétua. Isto se dava ainda apenas há vinte anos e os brasileiros se encheram de espanto quando eu tomei no júri a defesa dos direitos dos alemães, no ruidoso caso de Zweibrucker e Carl Closs, e sofri duras consequências e violentos

³⁰⁷ *A Reforma*, 3/8/1869.

ataques quando iniciei a campanha de imprensa contra Bastos, em São Leopoldo, e outros sanguinários das colônias.³⁰⁸

Conforme Giralda Seyferth, a expressão teuto-brasileiro, embora não seja a única, existe desde a segunda metade do século XIX, para designar imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil, e se encontra frequentemente nos discursos da elite política e intelectual das “colônias alemãs”.³⁰⁹ Assim, a descrição da controvérsia apresentada em torno de Antônio Zweibrucker revela alguns indícios para compreender traços de uma identidade étnica em construção. Ao delimitá-la como caso de estudo, ela demonstra e caracteriza, entre outros aspectos, elementos primordiais que pertencem à consolidação da categoria *Deutschbrasilianer* – teuto-brasileiros.

Ao defender o acusado contra a suposta autoria do crime, Koseritz levantava especial reação contra a forma pejorativa pela qual Antônio Zweibrucker fora referenciado – “o alemão”. Tal situação revelava, aos seus olhos, uma sentença de culpa definida pela nacionalidade. Em contraposição, para defender seu constituinte, reforçava alguns atributos positivos, como “um homem honesto, manso, ordeiro e sumariamente laborioso, bom pai e bom esposo”, e os estendia a todos os alemães. Tal descrição é utilizada nas duas manifestações de Koseritz publicadas no jornal *A Reforma*, reforçando predicados de um personagem que pudesse ser descrito pela virtuosidade – “ordeiro e da dedicação ao trabalho”. Pelo ângulo que aqui mais nos interessa, parece conveniente demonstrar que as qualidades de um arquétipo como esse integra um dos sentidos que precisam ser apontados quando se pretende falar no princípio da germanidade – *Deutschtum*. Segundo Giralda Seyferth, a palavra *Deutschtum* apresenta dois sentidos, que atuam na configuração de uma etnicidade teuto-brasileira. Significa dizer que ela manifesta o sentimento de superioridade do “trabalho alemão”, remetendo ao progresso trazido pelos imigrantes à “selva” brasileira — e “define o pertencimento à etnia alemã, estabelecendo seus critérios — língua, raça, usos, costumes, instituições, cultura alemães”.³¹⁰ Dessa maneira, em defesa de Antônio Zweibrucker, encontramos expressos os padrões da comunidade

³⁰⁸ KOSERITZ, Carl von. *Imagens do Brasil*. São Paulo: Martins, Editora da USP, 1972, p. 95.

³⁰⁹ SEYFERTH, Giralda. Etnicidade e cultura: a constituição da identidade teuto-brasileira. In: ZARUR, G. de C. Leite (Org.). *Etnia e nação na América Latina*. v. II. Washington DC, 1997. p. 17-36. Disponível em: <http://www.educoas.org/Portal/bdigital/contenido/interamer/interamer_45/Zar45_Seyf.aspx?culture=en> Acesso em 23 de jul. de 2014.

³¹⁰ SEYFERTH, Giralda. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 61-88, 1999, p. 74.

étnica, imbricadas nas noções de raça, língua, cultura e espírito alemão³¹¹, bem como o simples pertencimento à comunidade étnica que expressa o *Deutschtum*. A identificação que podemos verificar neste caso definia o pertencimento à etnia e nação alemãs pelo *jus sanguinis*, estabelecendo uma germanidade, e que se materializava no cotidiano da “colônia alemã”. Ainda, nas palavras de Seyferth, a categoria que identifica o teuto-brasileiro, serve “para traduzir uma germanidade brasileira (*Deutschbrasilianertum*) — modo de afirmação da cidadania mediante a integração econômica, política e patriótica, ancorada no pressuposto de que não existe, propriamente, uma nação brasileira”.

Essa mesma definição, que percorreu as décadas seguintes, e do século XIX projetou-se para o século XX, ainda tem encontrado amparo nos mais diferentes discursos que enaltecem a identidade teuto-brasileira, especialmente quando se constituem modelos essencializados, baseados em traços característicos e peculiares, como a ética do trabalho, a religiosidade, a obediência às leis e à ordem, o desenvolvimento, entre outros.³¹² Nada tão distante das primeiras proposições dadas no Dezenove brasileiro sobre a identidade étnica alemã, assim como as encontramos em Koseritz, quando se posicionou como defensor de Antônio Zweibrucker, e, conseqüentemente, de sua nacionalidade. Como já mencionado, a aproximação de ambos era mediada pela *Sociedade Beneficência Alemã*, o que corrobora o reconhecimento étnico e identitário, e solidifica a relação de cumplicidade, diante das questões que eram postas naquele momento.

Não obstante, a mesma situação ainda pode revelar os antagonismos étnicos que se construíram na sociedade do século XIX, tendo em vista a crescente entrada de imigrantes europeus na província, antes marcada pela presença hegemônica do elemento luso-brasileiro. Koseritz, nesse intuito, procurou vencer resistências, além de eliminar no próprio colono, segundo suas palavras, o sentimento de inferioridade em relação a outras nacionalidades.³¹³ A perspectiva de vitimização do estrangeiro no Brasil, além de tornar-se um instrumento de denúncia, autorizava a elite intelectual, a exemplo de Koseritz, a apropriar-se de um discurso cujo cerne residia na necessidade de se empreender uma luta para reivindicar, reiteradamente, uma

³¹¹ Segundo Giralda Seyferth, decorre daí a utilização do termo “Heimat (pátria), derivada de *Heim* (lar), no seu sentido mais particularista a pátria deve coincidir com o lugar onde o indivíduo tem o seu lar”. Cf. SEYFERTH, Etnicidade, política e ascensão social..., op. cit., p. 74.

³¹² VOIGT, André Fabiano. *A invenção do teuto-brasileiro*. Florianópolis: UFSC, 2008. Tese (Doutorado em História), Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2008, p. 8.

³¹³ *Koseritz' Deusche Zeitung*, 25/3/1885.

legislação inclusiva aos estrangeiros e aos seus descendentes, além da crença em uma educação que pudesse garantir e efetivar uma participação desses elementos na vida política do país. Ao passo em que algumas conquistas se concretizaram, especialmente com a implantação da grande naturalização e das reformas no processo eleitoral do Império, a retórica oficial passou a lembrar a teutos e teuto-brasileiros que era possível, enfim, fazer do Brasil a sua pátria, comemorar e esquecer-se de um “tempo nebuloso”, de mais de trinta anos, em que o país os havia abrigado apenas em um “triste asilo”, enquanto nem direitos a eles eram plenamente garantidos, e a palavra “alemão” representava uma expressão de vergonha.³¹⁴ Mesmo naturalizados, encontravam-se protegidos, mas sem direito. Era necessário, portanto, reinventar o papel dos imigrantes no Brasil, pela via da integração política. Nesse processo, como declarava o *Deutsche Zeitung*, os *Brummer* tiveram papel importante na tarefa de fortalecer o elemento alemão e atribuir-lhe mais inteligência, como se fazia ver, por exemplo, na presença de uma classe de agricultores mais instruídos. Pelo engajamento dito espontâneo no campo dos direitos e na imprensa livre, homens como Koseritz pleiteavam pela igualdade de direitos entre os brasileiros católicos e os imigrantes.³¹⁵ De fato, como salienta José Fernando Carneiro³¹⁶, cabe lembrar a relação e o papel de dois *Brummer* no contexto da Assembleia Provincial. Junto com Frederico Haensel, Koseritz constituía um ponto de mediação entre a “colônia” alemã e o Brasil. Segundo Carneiro, ambos “não eram expressões coloniais autóctones, não haviam nascido e nem trabalhado nas picadas, mas muito naturalmente aceitos, tornaram-se os intérpretes daqueles pequenos agricultores e pequenos industriais, exercendo uma liderança autêntica [...]”.

As questões citadas permitem pensar sobre alguns dos condicionantes fundamentais para uma identidade étnica que se encontrava em construção, e que, ao longo do tempo, procurou consolidar determinados atributos políticos e culturais como referenciais identitários referentes às gerações descendentes das primeiras levadas de imigrantes. Certamente, não se trata de demonstrar que o fato acima é único e exclusivo para compreender a dinâmica de identidade teuto-brasileira em

³¹⁴ *Deutsche Zeitung*, 5/1/1881.

³¹⁵ Idem, *ibidem*.

³¹⁶ CARNEIRO, José Fernando. *Karl von Koseritz*. Porto Alegre: IEL, 1959, p. 47.

Koseritz. Mas possibilita referenciar as pequenas e grandes mobilizações que foram provocadas, entre outros fatores, pela via da identidade.

Visto dessa maneira, podemos afirmar que, assim como alguns estudiosos³¹⁷ já o fizeram, Karl von Koseritz é um proponente original para a constituição de uma ideologia teuto-brasileira. Seguindo considerações de Giralda Seyferth, os princípios distintivos dessa identidade foram calcados nas características sociais e culturais peculiares das colônias alemãs, bem como nos pressupostos do *jus sanguinis*, diferenciando-se dos “imperativos de assimilação ditados pelo nacionalismo brasileiro como condição de cidadania”.³¹⁸ Neste caso, a categoria teuto-brasileiro (*Deutschbrasilianer*) se concretiza pelo *jus sanguinis*³¹⁹ e pelo *jus soli*³²⁰, visualizando a combinação entre a origem alemã e a cidadania brasileira, como Koseritz também imaginava. Pelo laço de sangue, haveria a preservação dos traços culturais mais característicos, e como cidadãos nascidos em solo brasileiro ou naturalizados, os teuto-brasileiros fariam do Brasil a sua pátria, o que representava, além do mais, sua integração efetiva na política. Koseritz, um alemão naturalizado, fez dessas ideias uma de suas principais propostas, fazendo entender a noção de cidadania teuto-brasileira por meio dela. A concepção de etnicidade seria materializada na imprensa, especialmente em literatura produzida pelos teuto-brasileiros, como fizera Koseritz.³²¹

[...] a construção de uma nova identidade está atrelada a dois pertencimentos “pátrios” – algo absolutamente estranho para um nacionalismo assimilacionista – com destaque para a “índole” e o “espírito” germânico (próprios da percepção do *jus sanguinis*). Essa identidade, que logo as lideranças coloniais denominaram *teutobrasileira*, surgiu para marcar as distintividades étnicas da população de origem germânica num contexto social em que a maior parte dela não tinha direitos de cidadania [...].³²²

³¹⁷ É importante ressaltar que dentre os estudos realizados, Oberacker sinaliza o papel primordial desempenhado por Koseritz para a instituição de uma ideologia teuto-brasileira. Segundo ele, “ninguém melhor do que Koseritz, talvez manifestou de modo tão claro e categórico, a ideia de uma germanidade radicada no solo do País”. Cf. OBERACKER, *Carlos von...*, op. cit., p. 52.

³¹⁸ SEYFERTH, Giralda. *Etnicidade, política e ascensão social...*, op. cit., p. 88.

³¹⁹ A nacionalidade é definida a partir do território onde a pessoa nasce.

³²⁰ Atribui-se determinada nacionalidade a alguém, levando em consideração critérios consanguíneos de ancestralidade.

³²¹ Para Seyferth, “mais do que as diferenças concretas, caracterizáveis como étnicas, o discurso sobre *Deutschtum* e *Deutschbrasilianertum*, e a ênfase, principalmente da elite local, na identidade teuto-brasileira, deram margem a conflitos, principalmente para aqueles cuja trajetória de ascensão social ultrapassou os limites da comunidade local, e pelo fato de a etnicidade ser considerada pelos brasileiros como obstáculo à assimilação e risco para a unidade nacional. Cf. SEYFERTH, op. cit., p. 75.

³²² SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e questão racial no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 117-149, mar.-maio, 2002, p. 129.

O conjunto de ideias que caracteriza o pensamento sobre o teuto-brasileirismo pode ser encontrado em diferentes espaços ocupados por Koseritz, seja como intelectual, como redator da imprensa alemã ou brasileira, ou, também, pela sua atuação como político da província, ocupando, recorrentemente, a tribuna da Assembleia, para chamar a atenção das autoridades. A partir disso, podemos destacar uma premissa básica para um novo tipo de brasilidade, voltada às comunidades de origem teuta. Essa nova forma de identidade, que tanto fora perseguida por Koseritz, afastava-se da compreensão que era carregada pelo próprio Estado brasileiro, manifestada no uso da noção de que a língua, e, eventualmente, a religião pudessem constituir motivo de discriminação entre filhos do mesmo país, como diziam suas próprias palavras.³²³

Na prática, não poderia ser estranho ao país encontrar homens e mulheres de origem alemã, fiéis à sua origem étnica, ocupando-se com coisas brasileiras. Tal constatação permite inferir que Koseritz instituiu uma maneira singular ao comportamento do elemento teuto, a qual incluía a premissa fundamental de que os colonos de origem alemã e seus descendentes devessem ser absolutamente brasileiros, especialmente naquilo que dizia respeito à esfera política. Contudo, essa dimensão não excluía o elemento cultural. Ao contrário, Koseritz passou a ditar uma postura que harmonizava duas categorias diferentes, entre elas o pensamento político-estatal, e, por outro lado, os indicadores étnico-culturais da germanidade, sem romper com os laços culturais da terra natal de tantos imigrantes estabelecidos no Brasil. Entre tantos escritos, poderiam ser citadas algumas passagens de *Bilder aus Brasilien*³²⁴, onde Koseritz alertava para algumas questões de integração, sobretudo quando comparava as colônias alemãs ao sul com o núcleo alemão do Rio de Janeiro.

Se a ausência da miscigenação poderia trazer benefícios econômicos à Alemanha, por outro, tal projeto de imigração não elevaria o elemento teuto ao reconhecimento político, o que poderia resultar em uma integração mais consistente à pátria que o recebera. Assim, Koseritz enxergava a presença teuta, por exemplo, nos Estados Unidos e na Austrália ligada praticamente a interesses econômicos,

³²³ Koseritz' *Deutscher Volkskalender*, 1880, p. 169.

³²⁴ KOSERITZ, Karl. *Bilder aus Brasilien*. Leipzig/Berlin: Verlag von Wilhelm Friedrich – Königliche Hofbuchhandlung, 1885, p. 242.

sem que, de fato, essa população contribuísse de maneira efetivamente política com a terra que os acolhera. Fundamentado na perspectiva de que a participação política era importante, Koseritz reafirmava os laços com a antiga pátria, que se caracterizavam como culturais, seja pela utilização da língua vernácula ou pela prática de costumes e hábitos, mas colocando a política como artefato indispensável e insuperável de integração ao Brasil.

Nós não vivemos no Brasil sob a bandeira alemã, mas pela língua e pelos costumes fazemos parte da Alemanha; nós estamos ligados por todas as fibras do coração à velha pátria, politicamente, porém, somos plena e completamente cidadãos brasileiros [...].³²⁵

Como já ressaltado, ao analisar as categorias que compõem a questão identitária do teuto-brasileiro, e que estão presentes em Koseritz pelo viés da imprensa, percebemos que ele dimensiona conscientemente duas perspectivas diferentes, mas complementares: a esfera étnico-cultural e a esfera política. Traço original do seu pensamento, trouxe à tona uma necessidade que se mostrava fundamental, separando a face político-estatal da cultural. Compreender essa perspectiva, segundo Oberacker³²⁶, é diferenciar Koseritz de outros casos que, de alguma maneira, tiveram importância na definição teuto-brasileira. Johann Daniel Hillebrand, um dos diretores da Colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, referenciado por Koseritz como o “Patriarca de São Leopoldo”³²⁷, por exemplo, não teria contribuído para a construção teórica de uma concepção teuto-brasileira, uma vez que não compreendia a importância em separar a cidadania política do imigrante no Brasil da esfera cultural. Por outro lado, o traço original de Koseritz confirma-se pela criação de uma alternativa a correntes que detinham maior influência sobre as áreas de colonização alemã. Fez valer uma identidade teuto-brasileira que não se encontrava ligada à vertente religiosa, fosse ela católica ou protestante. Projetou uma via de participação política que manifestasse os interesses, os anseios e os direitos de uma população que reivindicava o seu espaço de cidadania. Era uma via independente e liberal.

³²⁵ KOSERITZ, *Bilder...*, op. cit., p. 241.

³²⁶ OBERACKER, *Carlos von...*, op. cit., p. 53.

³²⁷ *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, 1874.

Para André Fabiano Voigt³²⁸, ao propor um estudo sobre aquilo que denomina de “invenção do teuto-brasileiro”, algumas releituras realizadas a partir do papel de Koseritz no contexto da colonização alemã, em especial ao artigo apresentado por Arpad Szilvassy, no “I Colóquio de Estudos Teuto-brasileiros”³²⁹, em 1963, equivocaram-se, ao atribuir ao intelectual do século XIX a separação do político-estatal do cultural.

[...] logo após, afirma um enunciado-chave, repetido à exaustão pelos autores que se dedicam ao assunto: “Ele [Koseritz] conseguiu separar o elemento político-estatal do cultural” [...]. Szilvassy sustenta esta afirmação como se, na época do jornalista – no século XIX, o século das nacionalidades fundamentadas no conceito de *Kultur* – fosse possível haver clareza da separação destas esferas do mesmo modo que em meados do século XX. De acordo com a citação que faz de Koseritz, é questionável atribuir a ele a ideia de ter realizado uma separação abrupta entre as esferas da política e da cultura em pleno século XIX, mas sim, que tenha conclamado as populações de imigrantes alemães e descendentes no Brasil a participarem ativamente da vida política brasileira, sem que o reconhecimento ou não de sua identidade cultural se tornasse um óbice para a sua participação ativa. A afirmação de Koseritz destoa da concepção do autor do artigo, que nos parágrafos seguintes insiste em dizer que os colonos alemães e seus descendentes viviam não só fora da sociedade local, como os luso-brasileiros os tratavam com desprezo e, às vezes, até mesmo com hostilidade. [...] os descendentes dos alemães encontravam-se num grupo social profissional e etnicamente rejeitado [...]. Nota-se, mais uma vez, que a insistente necessidade de afirmar a rejeição do teuto-brasileiro no quadro nacional não se concilia com o que Koseritz pleiteava em seus escritos do século XIX. Szilvassy, no afã de reafirmar a construção de heróis teuto-brasileiros, acaba por trazer incongruências interpretativas, as quais acabam por estratificar saberes em favor da vitimização teuta, e não para incentivar a saída de seu imobilismo político. A fabricação da vítima é a territorialização da sua incapacidade como ser pensante e politicamente ativo.

Todavia, ao retomar a reflexão de Voigt, é importante pontuar que Koseritz propôs um novo conceito para a brasilidade, e que ela perpassava, de forma fundamental, a separação que ele propunha entre o viés político-cidadão e as questões culturais do imigrante alemão e de seus descendentes. Diante disso, reconhecer as categorias presentes na identidade teuto-brasileira não é promover

³²⁸ VOIGT. *A invenção do teuto-brasileiro...*, op. cit., p. 119-120.

³²⁹ O “I Colóquio de Estudos Teuto-brasileiros” foi realizado entre os dias 24 e 30 de julho de 1963, organizado pelo Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Intelectuais ligados aos estudos da imigração alemã no Brasil participaram do colóquio, como Emílio Willems, Artur Hehl Neiva, Egon Schaden, José Fernando Carneiro, além do convite feito a Gilberto Freyre para presidi-lo, embora não pudesse comparecer. Cf. Idem, p. 107.

um equívoco sobre os limites que a definição representou para o século XIX. Fato é que elas apresentam-se no pensamento de Koseritz de maneira muito clara, funcionam de forma separada, e constroem um perfil original para pensar o corpo teórico dessa ideologia. Como já destacamos, se elas se encontram separadas, não significa que se excluam ou que uma se sobreponha à outra. Oberacker lembra que as duas dimensões relacionam-se em harmonia, ao mesmo tempo em que se complementam – para Koseritz, “a atividade política também é uma atividade cultural da coletividade de cultura e língua alemãs”.³³⁰

Dentre as evidências que aqui podem ser utilizadas para corroborar esta concepção de identidade e de cidadania, faz-se referência ao momento em que Koseritz, em 1883, no Rio de Janeiro, fazia algumas considerações sobre os festejos à presença do príncipe alemão Henrique, na *Sociedade Germânia*, uma das principais entidades teutas da Capital do Império. Chamava atenção ao observador o fato de que apenas se usavam bandeiras da Alemanha, uma vez que no Rio Grande do Sul a bandeira brasileira nunca faltava ao lado da alemã, “pois a grande maioria dos homens de língua alemã de lá já é nascida no Brasil e uma grande porcentagem dos imigrantes é naturalizado”. Continuava dizendo que o

centro dos interesses está no Brasil, nós devemos participar da vida pública do país, no qual não vivemos temporariamente, mas onde nos estabelecemos e fundamos as nossas famílias, que ao Brasil dão o nome de pátria. Formamos hoje a sexta parte da população do Rio Grande, e no que respeita as contribuições fiscais, a metade talvez do que a província arrecada vem de mãos alemãs. Daqui provém a necessidade de ganhar influência sobre o governo, de criar posição política que garanta ao elemento alemão sua parte no governo do país. No Rio Grande e em Santa Catarina os alemães têm uma tarefa cultural a cumprir e são um fator político de peso. Ali nos envolvemos francamente na vida brasileira e empregamos todos os esforços para o desenvolvimento e o progresso do país, ao qual nos ligam os mais estreitos laços de vida e dos interesses. Mas nem por isto deixamos de guardar no coração um fiel amor pela velha terra, e sempre a ajudamos, que ela atravessa horas penosas. A língua e os costumes alemães, o amor ao trabalho, a fidelidade alemã são praticados por nós como talvez por ninguém no exterior, e nós mantemos os laços espirituais com a Alemanha tão firmemente quanto aderimos decididamente ao Brasil pelos laços políticos.³³¹

³³⁰ OBERACKER, *Carlos von...*, op. cit., p. 53.

³³¹ KOSERITZ, Carl von. *Imagens...*, op. cit., p. 165.

Sem deixar de aludir igualmente a outra importante ideia de Voigt, não se pode enxergar na proposta de inserção política no cenário brasileiro uma concepção de vitimização para com o imigrante alemão. Reconstruir a proposta de Koseritz requer compreender que se tratava de um engajamento propositivo, que pudesse efetivar mais ainda a participação e a contribuição ativa e dinâmica de um grupo étnico recém-chegado ao Brasil, e exercer sua cidadania no Brasil.

Sobre o teuto-brasileiro, não somente teorizou e propôs uma agenda de integração à política imperial, como se demonstrou um atento observador, especialmente sobre manifestações que fugiam do viés por ele proposto, e que despertavam declarações curiosas, como a que se registrava, por exemplo, no *Koseritz' Deutsche Zeitung*, de 25 de outubro de 1885.

É curioso o comportamento dos teuto-brasileiros em Porto Alegre. Deram-se o apelido de “filhos de Havana”. Ninguém sabe, ao certo, de onde tiraram este cognome. Há um “Clube de Havana” em Porto Alegre e seus membros são exclusivamente teuto-brasileiros. Alemães natos são excluídos. Os “Filhos de Havana” nada querem saber de “alemães do Reino”. “Eu sou cidadão brasileiro”, é o que dizem a toda hora. Muitos deles dizem abertamente: “*Tenho vergonha de ser de origem alemã*”.

O trecho pode sugerir que uma integração do elemento teuto estava condicionada não exclusivamente à resolução de problemas políticos. Ela, de certa forma, seguiu caminhos que projetavam distinções entre os membros de um mesmo grupo. A diferenciação entre alemães do Reino e teuto-brasileiros era uma construção que se dava em meio a população étnica de determinados locais, como se constata na passagem acima, para o caso de Porto Alegre. Não que se tratasse de um movimento de grande repercussão, mas permite pensar que a homogeneidade cultural não pode ser confirmada, muito menos radicalizada. A impressão, enfim, pode ser a mesma àquela que Koseritz tivera ao comparar os alemães do Rio Grande do Sul aos do Rio de Janeiro. No entanto, agora a questão encontrava-se muito mais próxima dele.

Da mesma forma, não é apenas o viés criado por Koseritz que permitiu discutir a integração do imigrante ao cenário público do Brasil. A historiografia tem demonstrado, como chama atenção Ryan de Sousa Oliveira, diferentes vestígios que atestam para o exercício da cidadania pelos teuto-brasileiros, que souberam

criar canais de negociação com o Estado provincial e imperial.³³² A análise dessas evidências possibilita relativizar, inclusive, as teses clássicas que insistiam em uma não-integração política e não-cidadã dos teuto-brasileiros, e ultrapassar a visão que vitimiza os colonos por meio de uma legislação excludente e no conceito de isolamento.

As demandas culturais, religiosas, econômicas e políticas dos teuto-brasileiros encontraram seus espaços na estrutura jurídica, burocrática e administrativa brasileira, de maneira que é possível constatar que cidadania não se constrói apenas com disposições constitucionais, mas a partir de pequenos conflitos e entendimentos entre poder público e sociedade, em que um simples requerimento pode assumir vital importância como participação cidadã.

Na busca por atender seus interesses, os teuto-brasileiros procuraram uma relação mais próxima com o Estado. Para defesa de seu direito de propriedade diante de litígios, recorriam ao judiciário requisitando mediação. Para pleitear assistência religiosa ou escolher o pastor titular da comunidade, lançaram mão de requerimentos dirigidos à Administração Pública.³³³

Koseritz compreendia que a participação mais ativa do elemento teuto na dinâmica sociopolítica do país poderia potencializar uma contribuição mais efetiva. Essa contribuição poderia manifestar-se, inclusive, pela presença imponente de predicados que eram atribuídos ao elemento alemão, destacando-se a mentalidade, o sentimento do dever e da fidelidade, bem como o amor pelas instituições. Presentes no contexto brasileiro, eram tratados por Koseritz como forças regeneradoras, e cumpriam uma missão, cujo escopo final seria o de engrandecer a nova pátria que os acolhera. Assim deixava registrado em seu mais importante almanaque: “O elemento alemão deve conquistar o lugar que lhe compete, e isso somente será conseguido por uma participação mais ativa na vida política da nação”.³³⁴

Enfim, é de grande importância reconhecer o programa político que Koseritz destinava à comunidade alemã no Brasil. Ele possibilitava, também, estabelecer parâmetros comparativos entre os núcleos distribuídos pelo país. Reconhecia diferenças visíveis entre as áreas de colonização no Rio Grande do Sul e as

³³² OLIVEIRA, Ryan de Sousa. *Colonização alemã e poder: a cidadania brasileira em construção e discussão* (Rio Grande do Sul, 1863-1889). Brasília: UNB, 2008. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, 2008, p. 80.

³³³ Idem, p. 83.

³³⁴ Koseritz' *Deutscher Volkskalender*, 1879.

situadas na região Sudeste, como as que visitou em 1883, citando o Rio de Janeiro e Petrópolis.³³⁵ Nestes locais, segundo Koseritz, os alemães eram apenas estrangeiros e faziam do Brasil nada mais que uma estação de passagem.

Há que se ressaltar que o incentivo à participação política no Brasil não representava uma via exclusiva para efetivar uma maior integração. Ao mesmo tempo em que reconhecia essa necessidade, exigia das autoridades provinciais e imperiais maior engajamento para promovê-la. Isso significava, entre outros pontos de reivindicação, um incentivo à naturalização dessa população.

A província do Rio Grande, cujo futuro depende da imigração, quer a grande naturalização facultativa e para poder tê-la, é mister que se reforme a constituição em mais pontos, do que permite a acanhada proposta do governo imperial.³³⁶

Embora insuficiente aos olhos de muitos agentes políticos favoráveis a uma integração mais abrangente, ao final da década de 1870, a grande naturalização, como foi chamada a concessão aos imigrantes que se estabeleceram no Brasil, mas ainda restringindo certos direitos políticos, tornava-se uma das primeiras e mais significativas conquistas no campo político do Império, após décadas de imigração. Ela foi aprovada após a formação do Gabinete Sinimbu, do qual também Gaspar Silveira Martins era integrante. Contudo, a crise que se instalou naquele gabinete liberal, em 1878, expôs as problemáticas levantadas por Silveira Martins, que chegou a desligar-se do governo por entender que era necessário executar uma reforma mais ampla, que chegasse a atender os não-católicos e naturalizados de sua província. A atitude de Silveira Martins foi elogiosamente noticiada em jornais de Porto Alegre, como o *Deutsche Zeitung*, tratada como “um gesto valoroso e abnegado com que surpreendeu a nação e todo o mundo civilizado quando, por questão de consciência, sacrificou a honrosa posição de ministro de Estado”.³³⁷

Contudo, a ideia de naturalização e de integração à realidade política brasileira não se demonstrou como uma opinião homogênea, e tornou-se ponto de discórdia entre algumas personalidades germânicas de destaque. Ao mesmo tempo, o debate deu força a um dos maiores adversários de Karl von Koseritz, incluindo

³³⁵ Sobre sua passagem no Rio de Janeiro e Petrópolis, Koseritz não consegue reconhecer os núcleos germânicos como semelhantes aos instalados nas regiões coloniais do Rio Grande do Sul. Para tanto, basta observar os registros que se encontram na obra *Bilder aus Brasilien*, de 1885. Cf. KOSERITZ, *Bilder...*, op. cit.

³³⁶ *Gazeta de Porto Alegre*, 10/3/1879.

³³⁷ *Deutsche Zeitung*, 21/2/1879.

uma ferrenha oposição ao seu pensamento. Nesse contexto de disputa, Wilhelm ter Brüggem³³⁸ refutava a noção de teuto-brasileiro, uma vez que acreditava na fidelidade e na relação que os imigrantes ainda deveriam manifestar ao império alemão. Ter Brüggem, assim como Koseritz, era um *Brummer*, e esteve vinculado ao cenário político como deputado provincial, na década de 1880, com destaque à atuação na comunidade germânica de Porto Alegre. Além disso, foi representante consular do *Reich* no Brasil, e, como tal, rejeitava a inclusão dos imigrantes alemães e de seus descendentes à política local. Essa constatação reforça, novamente, a condição que ter Brüggem projetava sobre os imigrantes alemães no Brasil, como súditos fiéis ao *Kaiser*.

Se Koseritz compreendeu que uma efetiva participação do elemento teuto-brasileiro poderia contribuir para a grandeza da nação, sem que isso representasse o abandono da sua germanidade, Silvio Romero, especialmente na primeira década do século XX, dirigiu duras críticas à imigração alemã ao Brasil, incluindo a própria figura de Koseritz. Calcado na ideia de que a mestiçagem estava atrelada à condição de desenvolvimento nacional, passou a condenar a “aglomeração” de europeus na região sul, bem como a imigração alemã e o pangermanismo, reconhecendo os imigrantes e seus descendentes como concorrentes e perigosos, sob o ponto de vista nacional. O pensamento de Romero³³⁹ pressupunha um imigrante que não só se deixa assimilar, “mas também se integra, pela mestiçagem, com os nacionais, cumprindo o desígnio do branqueamento. [...] Daí a conveniência da imigração lusitana, ou até mesmo da imigração italiana – segundo seus termos, menos perigosas por serem gentes latinas e mais assimiláveis”.³⁴⁰ Dessa forma, passava a denunciar o “alemanismo” no Sul, onde a língua portuguesa não era utilizada, e, conseqüentemente, abrindo possibilidade para um novo Estado. Pelas palavras de Seyferth, Romero

situa a etnicidade teuto-brasileira no extremo oposto da pretendida formação histórica, pela qual o Brasil tem a definição de país ibero-

³³⁸ Como já destacamos anteriormente, embora tenha ocorrido uma aproximação durante quinze anos, com a entrada de Koseritz como redator do jornal *Deutsche Zeitung*, sendo ter Brüggem um dos administradores do periódico, o rompimento definitivo ocorreu em 1881, tendo em vista as fortes divergências que se apresentaram entre eles, devido à *Exposição Brasileira-Alemã*.

³³⁹ Segundo Giralda Seyferth, é possível encontrar discursos xenofóbicos e panfletários em Silvio Romero, especialmente aqueles apresentados na Conferência no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, em 1902, bem como em texto datado em 1906. Cf. SEYFERTH, Colonização..., op. cit., p. 131.

³⁴⁰ SEYFERTH, Colonização..., op. cit., p. 131.

latino. O argumento que desqualifica os alemães tem, aparentemente, uma natureza política: é o discurso antiimperialista, condenatório do pangermanismo e baseado na doutrina Monroe, mencionada no opúsculo de 1906. Entretanto, o que importa é a “desnacionalização”, a diferenciação cultural, o fato simples da fronteira grupal e da construção da identidade étnica [...].³⁴¹

Mesmo expressando essas considerações, Romero não deixaria de perceber Koseritz como um importante ícone da imigração alemã, embora não poupasse críticas às pretensões que seriam geradas pela colonização no sul do Brasil. Alberto Luiz Schneider destacou que Romero, em texto publicado em 1904, fazia menção ao ilustrado e ativo alemão, imigrado desde 1851, seu amigo, ao qual atribuía a seguinte revelação:

Em 1885 requeri a Assembleia do Rio Grande do Sul a concessão de transportar da Alemanha trezentas mil famílias para elas povoar todo o território das Missões; a Assembleia indeferiu tal pretensão e foi pena; porque, como você facilmente avalia, seria o gérmen seguro do futuro Estado germânico em terras da Meridional América.³⁴²

Entre outros argumentos que se aliavam à percepção que Romero descrevera, é possível compreender a rejeição que ele propunha à presença teuta no sul do Brasil, o que não excluía uma depreciação da própria personalidade de Koseritz e de sua ideologia teuto-brasileira. Afinal, como era possível compreender uma identidade nacional sem que as dimensões culturais estivessem dissociadas, num primeiro plano, da atuação política? Certamente, essa incompreensão reforçara-se em outros planos com as crescentes tensões internacionais, incluindo a deflagração da Grande Guerra, em 1914, e a posterior tomada de posição do Brasil contra a Tríplice Aliança.

Para além das questões de ordem teórica, sua participação no âmbito das sociedades demonstrava seu interesse concreto em propor medidas em prol da imigração alemã para o Brasil, destacando-se a criação da *Sociedade Central de Imigração – Centralverein für Einwanderung*. Fundada em 1883, foi idealizada por três imigrantes alemães de grande influência regional entre as comunidades teuto e

³⁴¹ SEYFERTH, Colonização..., op. cit., p. 131.

³⁴² ROMERO apud SCHNEIDER, Luiz Alberto. *Sílvio Romero*. Hermeneuta do Brasil. São Paulo: Annablume, 2005, p. 150. O texto ao qual Alberto Luiz Schneider se refere, se intitula “O elemento português no Brasil”, no qual Romero condensa e aprofunda suas especulações sobre a herança ibero-lusitana na formação histórica e cultural do Brasil, considerando, entre outras coisas, a primazia dos portugueses na fundação da nacionalidade brasileira.

teuto-brasileiras, incluindo os nomes de Karl von Koseritz, Herrmann Blumenau e Hugo Gruber.³⁴³ O significado da criação da entidade está em um dos seus pronunciamentos na Assembleia, dois anos mais tarde, quando se lembrava de que havia tido o privilégio de explanar “perante um numeroso e seleta auditório, [...], no Rio de Janeiro, vendo coroada de tão feliz êxito a minha iniciativa, que então fundou a Sociedade Central de Imigração, que tantos e tão relevantes serviços já tem prestado à causa da imigração”.³⁴⁴

Além desses, alemães como o Barão de Thautphöus e Gustav Trinks faziam parte do movimento de criação, bem como outros nomes proeminentes ligados à comunidade luso-brasileira figuram como agentes importantes para a concretização da sociedade, e suas assinaturas encontram-se nos manifestos públicos, entre eles Henrique de Beaupaire-Rohan, Alfredo Escragnolle Taunay, Ennes de Souza, Barão de Irapuá e Barão de Tefé.³⁴⁵ De forma geral, os líderes da sociedade eram pessoas importantes, cujas ideias gozavam de grande notoriedade nos círculos políticos e intelectuais do século XIX. Nessa mesma perspectiva se compreende a tese de Michael Hall, ao sustentar que a associação foi dirigida por agentes da

nova classe média-alta urbana, sobretudo intelectuais, profissionais independentes com treinamento científico e técnico, altos funcionários públicos e negociantes envolvidos no comércio externo. Praticamente todos os líderes tinham filiação com a Europa, através de nascimento, família, educação ou negócios. Pela sua eloquência, autoconfiança e treinamento técnico, eles demonstraram ser uma nova força na vida brasileira: um grupo de classe média consciente de seus interesses próprios e donos de uma crítica coerente e cabal da sociedade tradicional brasileira.³⁴⁶

Koseritz expressava a opinião de que os “brasileiros nativos não tinham um conhecimento adequado das vantagens de uma imigração mais intensa para o Império. Daí terem convidado para uma reunião diversos ‘estadistas, jornalistas e

³⁴³ Herrmann Blumenau foi fundador da colônia de mesmo nome, em Santa Catarina. Hugo Gruber ocupou o cargo de diretor do jornal *Allgemeine Deutsche Zeitung*, do Rio de Janeiro.

³⁴⁴ *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1885, p. 23-24.

³⁴⁵ Seus nomes estão também nos manifestos, publicado em diferentes jornais, como o manifesto público ao povo brasileiro, no jornal *Koseritz' Deutsche Zeitung*, de 12 de novembro de 1883, bem como o segundo manifesto, impresso no mesmo jornal, em 18 de dezembro do mesmo ano.

³⁴⁶ HALL, Michael M. Reformadores de classe média no Império brasileiro: a Sociedade Central de imigração. *Revista de História*, São Paulo, n. 175, p. 147-171, 1976, p. 153.

capitalistas' e deliberarem sobre o assunto".³⁴⁷ Koseritz seria ainda mais incisivo ao dizer: "Nós declaramos guerra ao latifúndio", "nós queremos imigrantes para fazer deles pequenos proprietários, e desta maneira estabelecer a policultura".³⁴⁸ Sua pauta particular em muito se aproxima daquilo que foi proposto pela *Sociedade de Imigração*. Dito isso, Hall compreende esses enunciados como sendo o principal propósito da Sociedade, ou seja, o de criar uma classe média fortalecida, a partir de imigrantes europeus independentes, em contraponto ao sistema latifundiário vigente no Brasil desde o século XVI. Por outro lado, Egon Frederico Steyer considera que a criação da *Sociedade Central de Imigração* estava atrelada ao desinteresse do governo do Império pela imigração, acentuado na década de 1880, tendo em vista as questões políticas em pauta, o que acabou culminando na movimentação da iniciativa particular.³⁴⁹ Durante quase uma década, os seus líderes mobilizaram-se a favor da imigração europeia, aliada a um conjunto de reformas estruturais no Brasil.³⁵⁰ Angela Bernadete Lima vale-se da tese de que a Sociedade congregava os aspectos teóricos, pelos quais se debatiam os diversos tipos de problemas, com as questões práticas, mesmo que não contasse com departamentos específicos, tentava, por si ou pelas suas filiais, atender às necessidades dos colonos.³⁵¹

Cabe lembrar que, de certa maneira, a criação dessa entidade também poderia ser uma resposta à ineficiência atribuída à *Sociedade Protetora de Imigrantes*. No Rio Grande do Sul, ela foi criada, em Porto Alegre, no ano de 1882. Sua atuação, no entanto, logo recebeu críticas da imprensa local, sendo tratada de maneira hostil, também em textos noticiados no *Koseritz' Deutsche Zeitung*.

Que faz a Sociedade para amparar e proteger os imigrantes? Quem da cúpula, o tesoureiro, o presidente ou secretário se dá ao trabalho de receber os imigrantes que chegam [...]?

³⁴⁷ A perspectiva de Michael Hall sustenta uma análise baseada na formação de uma classe média, com o incentivo à pequena propriedade, em detrimento do latifúndio, tarefa que passava a ser sistematicamente defendida pela *Sociedade Central de Imigração*. O seu estudo busca compreender as características e limitações do liberalismo da classe média do Brasil do século, a partir análise da organização, das atividades e do programa da sociedade. Cf. Idem, p. 148.

³⁴⁸ KOSERITZ, Carl von. *Imagens...*, op. cit., p. 206-209.

³⁴⁹ STEYER, Egon Frederico. *Aspirações da população de origem alemã, no Rio Grande do Sul, segundo a imprensa teuto-brasileira*. Porto Alegre: PUCRS, 1979. Dissertação (Mestrado em História da Cultura), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1979, p. 23.

³⁵⁰ A *Sociedade Central de Imigração* manteve as suas atividades até cerca de 1891.

³⁵¹ LIMA, Angela Bernadete. Políticas imigratórias do final do séc. XIX: a Sociedade Central de Imigração e a busca pela democratização do espaço rural brasileiro. In: II Congresso Internacional de História Regional, 2013, Passo Fundo. *Anais*. Disponível em <http://www.upf.br/historiaregional/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=110> Acesso em 29 de dez. de 2014, p. 10.

[...].

Por que os membros da Sociedade não comparecem ao embarque dos imigrantes? Muitos destes sentem-se perdidos e desamparados. Desconhecem a terra, o idioma, os costumes e as particularidades da região. Muito facilmente são enganados por qualquer marginal ou aproveitador. A presença da cúpula da Sociedade e respectivos membros seria utilíssimas nessas oportunidades.³⁵²

A constituição da sociedade pode ser acompanhada pelos registros presentes na imprensa. Koseritz foi, seguramente, quem mais contribuiu para que os seus jornais divulgassem ao público as movimentações em prol de uma organização que se ocupasse com questões voltadas à imigração, ainda que a própria Sociedade tivesse o seu periódico mensal, conhecido como *A Imigração*, espaço no qual também foram publicadas as principais declarações e normativas da sociedade, como os manifestos e os estatutos. Até mesmo Koseritz comemorava a publicação da primeira circular na imprensa do Rio de Janeiro, assinada por Blumenau, Gruber e ele, citando o jornal *Diário do Brasil*, o que, para ele, demonstrava adesão à causa levantada.³⁵³ É nesse propósito que, como destaca Gustavo Barreto, a imprensa passou a ser um dos alvos da entidade, buscando influências pelas relações e posições dos seus membros, com o objetivo de “serem decretadas todas as reformas necessárias para que o estrangeiro ache uma verdadeira patria no Brazil”.³⁵⁴ Barreto lança a observação de que a condição para participar da entidade estava vinculada a contribuições monetárias, o que leva a entender que “quanto maior, maior a importância dentro da Sociedade”.³⁵⁵

O primeiro manifesto já exaltava a ponderação de alguns meios da imprensa que “desinteressadamente” já ofereciam espaço à Sociedade. Dentro desse contexto, por exemplo, era possível encontrar as notícias veiculadas também pela imprensa em língua alemã, como o *Koseritz' Deutsche Zeitung*, divulgando os passos que deram origem à fundação da entidade.³⁵⁶

³⁵² *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 8/11/1883.

³⁵³ KOSERITZ, *Imagens...*, op. cit., p. 205.

³⁵⁴ BARRETO, Gustavo. *Sociedade Central de Imigração*: Em defesa do eurocentrismo e contra a ‘ameaça’ do ‘elemento chinês’, cujo ‘ódio à raça branca é innato’. Disponível em <<http://midiacidada.org/sociedade-central-de-immigracao-em-defesa-do-eurocentrismo-e-contra-a-ameaca-do-elemento-chinez-cujo-odio-a-raca-branca-e-innato/>> Acesso em 27 de dez. de 2014.

³⁵⁵ Na *Sociedade Central de Imigração de Porto Alegre*, os sócios podiam ser todas as pessoas que se registrassem em lista e que pagassem, previamente, a contribuição anual de 6\$000 réis. *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 8/10/1884.

³⁵⁶ BARRETO, *Sociedade Central de Imigração...*, op. cit., loc. cit.

No dia 5 de outubro de 1883 os três líderes publicaram um manifesto às classes dirigentes do país nos seguintes termos:

- A crise de desemprego que atinge o país, convence-nos de que é chegada a hora de dar primazia de atendimento à pequena propriedade em detrimento do latifúndio. Só pela pequena propriedade se consegue extrair da terra toda a sua riqueza. Somos forçados a olhar para a América do Norte que, em situação idêntica, chamou para seu território grandes massas de imigrantes, pois lá imperava a convicção de que só com elas seria possível levar o país ao desenvolvimento, o que realmente aconteceu.

O mesmo programa poderá ser executado no Império, desde que sejam removidos alguns obstáculos que ora impedem sua concretização, quais sejam, os entraves para a grande naturalização, para o casamento civil, para a igualdade civil e a regularização dos direitos eleitorais dos naturalizados.

A iniciativa privada deve intervir na imigração de europeus, notadamente na capital do Império, e a colaboração dos jornalistas, capitalistas, deputados e estatísticos é indispensável.³⁵⁷

Com a presença de um grande número de pessoas, em 14 de outubro daquele ano, realizava-se a primeira reunião organizatória. Essa assembleia determinou que a política imigratória de grupos europeus deveria ter continuidade, sustentado por propagandas internas e externas. Os presentes também se manifestaram contrários à imigração chinesa, considerando-a perigosa a todos os povos ditos civilizados. Nascia assim, mais tarde, em 28 de novembro de 1883, a *Sociedade Central de Imigração*, agregando objetivos que incluíam o debate sobre a imigração europeia ao Brasil, a criação de representações provinciais da sociedade, as condições dos colonos, a nomeação de representantes para cada colônia, a elaboração de planos para criação de colônias em áreas devolutas, até a equiparação do preço de passagens – Hamburgo a Nova York e Hamburgo a Porto Alegre.³⁵⁸ Em 5 de outubro de 1884, passado um ano da criação da entidade no Rio de Janeiro, surgiu, de acordo com os estatutos, a *Sociedade Central de Imigração de Porto Alegre*, passando a ter obrigações que passavam a priorizar as demandas imigratórias provinciais, da qual também Koseritz passava a ter importante atuação.³⁵⁹

Como já mencionado, a imprensa tornou-se importante agente de propaganda. Koseritz promovia a entidade, convidando novos sócios para que se

³⁵⁷ Koseritz' *Deutsche Zeitung*, 8/11/1883. Tradução de Steyer. Cf. STEYER, *Aspirações da população de origem alemã...*, op. cit., p. 23-24.

³⁵⁸ Idem, p. 24.

³⁵⁹ Encontra-se dias depois, no jornal de língua alemã, o projeto de estatuto da entidade, com sede na capital da província. Cf. Koseritz' *Deutsche Zeitung*, 8/10/1884.

associassem, especialmente aquelas pessoas que demonstravam “interesse pelo futuro da imigração”, dirigindo-se, para tanto, ao escritório da redação de seu jornal.³⁶⁰ Além disso, noticiava os avanços da entidade, sobre o “florescente desenvolvimento” no qual ela se encontrava, da repercussão que o primeiro Manifesto atingiu ao ser publicado em todos os grandes jornais do Rio de Janeiro, dos folhetos impressos distribuídos em todo o país e do importante apoio de Taunay. Lembrava ainda da solenidade de instalação da Sociedade, no Liceu de Artes e Ofícios do Rio, ocorrida no dia 17 de novembro de 1883, com as falas do presidente Henrique de Beaurepaire-Rohan e de Taunay, além da presença de D. Pedro II. A mesma notícia destacava a simpatia do Imperador pela iniciativa e, segundo a afirmação do *Koseritz’ Deutsche Zeitung*³⁶¹, o monarca estava disposto a valer-se de suas forças para animar as aspirações da Sociedade, e, como era conhecimento de todos, sua postura era contrária à imigração de cules chineses, dando preferência aos povos europeus. Ainda, o anúncio fazia alusão ao grande número de novos sócios, afirmando que “já hoje a elite de toda sociedade do Rio já pertence à jovem associação”, e que a *Sociedade Central de Berlim* encontraria um grande apoio na *Sociedade Central de Imigração* do Rio de Janeiro.³⁶² De maneira geral, foram frequentes as referências e os textos que dão conta dos fatos sobre a Sociedade, reproduzidos do *Allgemeine Deutsche Zeitung* no jornal de Koseritz, em Porto Alegre.³⁶³

A questão de imigrantes chineses no Brasil, que se transformou em uma das pautas mais importantes da *Sociedade Central de Imigração*, dividiu opiniões entre políticos do Império. Em cartas aos seus jornais³⁶⁴, Koseritz chegou a citar o grande entusiasmo dos barões do café durante a presença do embaixador chinês no Rio de Janeiro, em 1883, e o grande apoio desses cafeicultores ao projeto da “imigração amarela”, como forma de preservar a “vida vagabunda”, e substituir os escravos negros. O que estava em jogo, segundo sua impressão, era o egoísmo dos

³⁶⁰ *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, 29/11/2014.

³⁶¹ *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, 27/11/2014.

³⁶² A notícia termina com a reprodução do breve artigo de Ferdinand Schmid para o jornal *Allgemeine Deutsche Zeitung*, no qual fala sobre a realização do evento descrito por Koseritz. Cf. *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, 27/11/2014.

³⁶³ Cf. *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, 13/12/1883; 5/3/1884.

³⁶⁴ KOSERITZ, Carl von. *Imagens...*, op. cit., p. 208. Há uma descrição sobre a visita de Koseritz ao Imperador, acompanhado de sua filha, e durante a sua saída do palácio imperial, observou a presença do embaixador chinês para também realizar sua audiência com D. Pedro II.

fazendeiros, mesmo que houvesse uma expressiva opinião pública contrária aos “filhos do Celeste Império”.

Como destaca Egon Frederico Steyer, a ideia de trazer do Extremo Oriente os cules chineses era muito popular entre latifundiários e políticos.³⁶⁵ O barão de Cotegeipe era um de seus defensores, e sua ideia reforçou-se, segundo o exposto pelo *Koseritz' Deutsche Zeitung*³⁶⁶, após conhecer pessoalmente as colônias de Santa Catarina, e convencer-se da existência de uma “ameaça alemã”. Nesse contexto, proferiu discursos no Senado favoráveis à imigração de chineses – que seria mais segura, e ocorreria de maneira paralela à europeia, o que resultou na aprovação da verba para a imigração, sendo utilizada igualmente para promover a vinda de chineses ao país. Na outra ponta, a *Sociedade de Imigração* passou a fazer campanha sistemática contra a vinda de orientais para o Brasil, argumentando que o incentivo à imigração europeia seria o elemento diferencial para a solução do país. A isso ainda se somavam discursos preconceituosos dirigidos aos cules chineses, considerados desclassificados e preguiçosos, que somente produziram bem se fossem submetidos a castigos. A argumentação ainda usaria o caso dos Estados Unidos, onde a experiência havia sido decepcionante. Bastava lembrar, enfim, que esses imigrantes “procuravam enriquecer de qualquer forma no exterior, mas nada faziam para enriquecer o país que os hospedava. Nem mesmo o cadáver entregavam à pátria adotiva, pois, por contrato, garantiam a remessa dele para o ‘Celeste Império’”.³⁶⁷ Destarte, é possível concordar com Michael M. Hall, quando fala que “a Sociedade exprimiu vigorosamente o seu racismo”, opondo-se aos trabalhadores chineses, sendo difamados em várias ocasiões, como pelas expressões “pestilento fluido emanado da podre civilização da China”, “uma raça atrofiada e corrupta”, “bastardizada e depravada”, ou, simplesmente, como “detestável”.³⁶⁸

Se as pautas da associação reuniam um grande número de pessoas em propósitos comuns, como a negação à importação de trabalhadores orientais, bem como o otimismo que tomou conta das expectativas que se fizeram sentir inicialmente, não tardaram, porém, as críticas que se projetaram sobre a *Sociedade*

³⁶⁵ STEYER, *Aspirações da população de origem alemã...*, op. cit., p. 28.

³⁶⁶ *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 8/11/1883.

³⁶⁷ *Koseritz' Deutsche Zeitung*, apud STEYER, op. cit., p. 28.

³⁶⁸ Segundo Hall, até mesmo “Taunay, normalmente um homem refinado e compassivo, apressou-se a informar ao público brasileiro” impressões preconceituosas para com os chineses. HALL, Michael M. *Reformadores de classe média...*, op. cit, p. 160.

de *Imigração*. Dentre os primeiros conflitos, em 24 de novembro de 1883³⁶⁹, em espaço reservado a breves notícias, Koseritz trazia ao público aquilo que chamou de “tipicamente brasileiro”, lembrando-se de um fato editado no jornal *Allgemeine Deutsche Zeitung*, que tratava sobre as rivalidades que a *Sociedade Central de Imigração* já possuía antes mesmo de iniciar suas atividades, em referência à reação do Inspetor Geral para Terras Públicas e Colonização do Ministério da Agricultura, o engenheiro Manuel Maria de Carvalho. Koseritz retrucaria dizendo que este era mais um ato de bravura do sistema governamental desse país, e que o chefe da Inspetoria de Terras fora convidado a propósito da criação da Sociedade, mas viu-se ameaçado pelas ações privadas da futura entidade, especialmente no que dizia respeito à fiscalização feita por ela sobre o tratamento dirigido aos imigrantes pela mesma Inspetoria, resolvendo fazer concorrência à Sociedade. Para Koseritz, essa concorrência não era perigosa, e se todos os procedimentos em seus pormenores não fossem característicos do burocratismo local, isso poderia alegrar a todos, percebendo que o nascimento da Sociedade havia “despertado do sono” as instituições governamentais, para que cumprissem o seu papel. Nessas desavenças, talvez seja importante ressaltar aquilo que não foi mencionado pelas partes envolvidas, como a divulgação do *Guia do Imigrante*, pela Inspetoria de Terras e Colonização, que originou críticas à publicação, oriundas da *Sociedade Central de Imigração*, a qual também externou descaso sobre os registros do cônsul italiano sobre as colônias italianas. Por outro lado, a referência exclusiva da *Sociedade Central de Imigração* ao “manual” dirigido aos emigrantes alemães, julgado pela entidade como excelente, gerou posturas radicalizadas, contra e a favor da obra de Koseritz. Tais questões serão analisadas a seguir.

Se algumas previsões parecem demonstrar-se previsíveis, outras se deslocam por caminhos totalmente inesperados. É assim que, ao final do ano de 1884, desenhava-se uma disputa, que culminaria com a saída de Koseritz da *Sociedade Central de Imigração de Porto Alegre*. A polêmica, noticiada naquele mês no *Koseritz' Deutsche Zeitung*³⁷⁰, rendeu um artigo sob o título “Um conflito”, no qual expôs as divergências causadas pela publicação de *Ratschläger für Auswanderer nach Südbrasilien*³⁷¹, divulgado na Alemanha, em 1880. Além da exposição sobre as

³⁶⁹ Cf. *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 24/11/1883.

³⁷⁰ O texto original tem o título “Ein Konflikt”. *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 31/12/1884.

³⁷¹ *Conselhos aos emigrantes para o sul do Brasil*.

desavenças, Koseritz reproduziu a carta que enviara a José Joaquim Dias, presidente da associação, na qual ressaltava não poder permanecer na Sociedade em função das críticas noticiadas no “primeiro número do ‘Jornal Oficial’ da Sociedade” contra ele, autor de *Ratschläger für Auswanderer*, valendo-se dessa situação para solicitar que seu nome como sócio honorário fosse riscado dos quadros da entidade. Além do ofício de desligamento da entidade, que foi publicado primeiramente no jornal *A Reforma*, segundo as referências do texto, Koseritz compartilhou a sequência de fatos que culminaram na discórdia originada pelos comentários depreciativos de Gaspar Rechsteiner à obra destinada aos emigrantes da Alemanha, além de publicar o texto de seu opositor, referente às denúncias que o envolviam.

Para resgatar essa situação, que foi polemizada na imprensa, é preciso voltar ao ano de 1879, quando Koseritz ainda era o redator-chefe do jornal *Deutsche Zeitung*. Nesse periódico, investiu em uma série de artigos que, no ano seguinte, completados pelos alemães Albrecht Wilhelm Sellin e Ottokar Dörffel, foram reunidos em livro em Berlim para que fosse reproduzido e distribuído depois de impresso. Um exemplar do pequeno livro foi entregue pelo autor a Rechsteiner. Mais tarde, os dois voltaram a encontrar-se, e Koseritz teria comentado que uma segunda edição estava sendo planejada, ao que Rechsteiner observou que o julgamento sobre as colônias do Estado era injusto, e via-se forçado a protestar sobre essa passagem presente no livro. Segundo Koseritz, ele teria respondido que isso seria desnecessário, tendo em vista que na próxima edição, tal capítulo seria retrabalhado, diante das condições dessas colônias, que eram efetivamente outras se comparadas a 1879. Diante da troca de acusações, Koseritz insistia na existência da interlocução que descrevera, embora o seu oponente a negasse, constatando que a questão estaria resolvida se Rechsteiner não tivesse a intenção de acertar um golpe no elemento alemão, além de insistir em colocar a *Sociedade Central de Imigração* numa postura hostil à imigração alemã.

Em sua nota informativa, a qual gerou a reação de Koseritz, Rechsteiner destacou a obra *Ratschläger für Auswanderer*, segundo a qual fora redigida pelo núcleo porto-alegrese da *Sociedade Central Geográfica Comercial*³⁷², que teria empreendido uma descrição assustadora, valendo-se de palavras duras para citar

³⁷² A *Central Verein für Handelsgeographie* tinha sede em Berlim, incluindo representações em algumas cidades brasileiras, como Porto Alegre.

os diretores e a população das colônias de Caxias, Dona Isabel, Conde d'Eu e Silveira Martins, enquanto as colônias provinciais e particulares eram enaltecidas, bem como os seus habitantes. Denunciava ainda a forma como se mencionava os alemães instalados naquela região, os quais haviam sido forçados a assentar-se em suas terras, deixando incontável sofrimento, que fora imposto por colonos de outras nacionalidades e por agentes do governo. Referia-se igualmente a passagens nas quais as terras não teriam valor, que poloneses, franceses, tirolezes, tchecos em grande parte eram vagabundos, péssimos vizinhos, bem como diretores brasileiros – engenheiros e muito jovens, que viviam uma vida devassa e indisciplinada. Em contraposição àquilo que teria sido escrito, Rechsteiner deu destaque àquilo que o cônsul da Itália, Pasquale Corte, deixara registrado sobre as colônias italianas, segundo o qual surgira a afirmação de que em nenhum lugar do mundo teria ele encontrado tamanha satisfação, prosperidade e progresso quanto entre os colonos italianos do Rio Grande do Sul. Proporia ainda outro contraponto, a partir das informações das tabelas tornadas públicas na mesma edição do jornal aos escritos enaltecidos feitos por Koseritz na *Gazeta de Porto Alegre*, que certamente colocavam em dúvida a situação de algumas colônias alemãs. Para Rechsteiner não restava dúvida: uma das maiores necessidades para a qual a *Sociedade Central de Imigração* poderia contribuir seria a criação de uma agência na Europa, que pudesse divulgar informações corretas e precisas. Entre as últimas palavras, destacava dizendo que “cai sobre nós uma grande diferença entre a brochura do núcleo de Porto Alegre (*Sociedade Alemã*) e a brochura do cônsul italiano. Esta demonstra, e não cobre o que está mal, em outras palavras, ela não nos ofende”.³⁷³

Nota semelhante também foi divulgada no jornal da capital do Império. O jornal republicano *O Paiz*, na data de 25 de novembro de 1884³⁷⁴, publicou artigo no qual se fizeram duras ressalvas ao folheto de Koseritz, e elogios ao “manual” aos emigrantes europeus, redigido pelo cônsul italiano. Segundo as palavras do artigo, assinado por Flávio³⁷⁵, o autor Koseritz teria feito declarações inconvenientes, como a de propor aos emigrantes que evitassem os agentes ou cônsules brasileiros, e pagassem a sua própria passagem, para não se comprometerem, e verem-se

³⁷³ Koseritz' *Deutsche Zeitung*, 31/12/1884.

³⁷⁴ O jornal vinha noticiando artigos sobre as “*florescentes colônias*” da província do Rio Grande do Sul, a partir dos escritos do cônsul italiano – sendo o título “As nossas colônias julgadas por um estrangeiro imparcial”. O texto em questão era o quinto de uma mesma série. Cf. *O Paiz*, 25/11/1884.

³⁷⁵ Não foi possível identificar quem foi “Flávio”.

forçados a dirigir-se a uma colônia do Estado, onde imperava a necessidade e a miséria, bem como a pior forma de sociedade.³⁷⁶

Muito desejaríamos aconselhar o mesmo proceder em relação à Alemanha, aproveitando-se para isso o folheto, publicado também recentemente, em língua alemã, pelo Sr. Koseritz, membro proeminente e um dos diretores da Sociedade Central de Imigração; mas absolutamente não o fazemos porque, além de conter ele apreciações errôneas sobre o Brasil, está cheio de inexatidões, que muito nos comprometem e vão até o ponto de contrariar as informações dadas pelo próprio Governo na sua publicação oficial.

Este fato é gravíssimo e exige imediata intervenção do Governo no sentido de evitar a distribuição do folheto do Sr. Koseritz, que só servirá para afugentar do Império o emigrante que tiver a infelicidade de o ler.

[...].

Bem contra a nossa vontade desviamos-nos do caminho traçado para o artigo de hoje; mas, estamos convencidos de que não perdemos o tempo, porque foi ele empregado em debelar um mal, que muito pernicioso será para o nosso país se lograr desenvolver-se.

Flávio.

22 de novembro de 1884.

Em resposta às acusações de calúnia ao Brasil e aos italianos, e ao fato de Rechsteiner considerar a sua obra um perigo público, Koseritz investiu em desconstruir as supostas e falsas informações sobre a criação de uma agência da Sociedade na Europa – a partir das quais sugeriu que o próprio opositor talvez quisesse ocupar a vaga. Em consequência a esses embates, o membro honorário da Sociedade decidiu por desligar-se da entidade, dizendo que dessa atitude ficavam de fora as provocações pessoais que a ele foram dirigidas. No mesmo artigo da folha alemã em que Koseritz faz essa declaração, destacam-se observações que questionavam as reais intenções de Rechsteiner, quando, por exemplo, teria feito menção à autoria do livro, atribuindo-a diretamente à *Sociedade Central Geográfica Comercial*, enquanto Koseritz reforçava que seu nome encontrava-se logo abaixo do título, e que, portanto, era ele o autor, e somente a ele deveriam ser feitas as críticas. Nessa questão, Koseritz valia-se da hipótese de que o oponente tinha pretensões em atingir a entidade, envolvida também em programas de imigração e de comércio entre o Brasil e a Alemanha. Da mesma forma, Koseritz terminava a declaração trazendo considerações pontuais do seu ponto de vista sobre a

³⁷⁶ Essa referência feita pelo jornal *O Paiz* aos escritos de Koseritz encontra-se em citação direta – “mais ou menor por este trecho e com pequenas variantes para pior está calcado o trabalho do Sr. Koseritz”. Cf. *O Paiz*, 25/11/1884.

controvérsia que se criou entre eles, dizendo que Rechsteiner estava somente há poucos anos na província, não conhecia, pessoalmente, ele mesmo uma única colônia e de todo o caso fazia pouco tempo que ele havia se ocupado com o assunto da colonização. Da mesma forma, acrescentava dizendo que, se não fosse sua autoestima sem limites, Rechsteiner deveria ter hesitado ao lançar ataques a alguém que se encontrava há mais de um quarto de século como defensor do Brasil na imprensa europeia, especialmente na alemã, onde travou lutas árduas durante muito tempo, anedotas e outras adversidades para com o Brasil, tempo no qual “o Dr. Rechsteiner certamente ainda estava preparando-se ao frequentar a escola secundária”. Ao sugerir a inexperiência de seu opositor, acrescentava que se não fosse o seu “autoconhecimento ilimitado”, ele poderia ter estudado e buscado informações com aqueles que envelheceram acompanhando a emigração para o Brasil, e a colonização dessa terra. O último parágrafo lembrava que o texto original fora escrito em 1879, quando expôs julgamentos severos sobre algumas regiões coloniais, e essa “assustadora descrição” demonstrava as condições infelizes nas quais se encontravam as colônias do Estado na província. Comprometia-se a tornar público o capítulo sobre essas colônias, traduzindo-o para o mesmo jornal, para que o público pudesse analisar as palavras e seus sentidos, que ele julgava como verdadeiros. Do que havia escrito anteriormente, assumiria palavra por palavra, e não voltaria atrás para nenhuma delas. Se mais tarde as circunstâncias mudassem, os diretores se moralizassem, grandes e excelentes estradas fossem construídas, se as colônias italianas avançassem, como de fato havia ocorrido, não se sustentaria mais aquilo que escrevera antes, nem mesmo de manter afastado os imigrantes alemães das colônias do Estado. Finalizou o texto afirmando que *Ratschläger für Auswanderer* não foi escrito no propósito de fazer propaganda incondicional. Ao recomendar aos emigrantes alemães, e aconselhá-los a dar preferência ao Brasil, Koseritz via-se assumindo uma responsabilidade sobre o futuro dessas pessoas, e era, portanto, um dever dizer-lhes a verdade, e falar sobre tudo, sem obscurecer imagens que a eles eram apresentadas. Uma propaganda puramente enaltecadora, como fizera Joseph Hörmeyer³⁷⁷ em serviço ao governo brasileiro, somente traria

³⁷⁷ Depois de viver anos no Brasil, Joseph Hörmeyer (1824-1866) dedicou-se a atividades literárias na Alemanha. Chegou ao Rio de Janeiro como Capitão de Infantaria, em 1851, e foi destacado para o Rio Grande do Sul, assumindo uma tropa, na guerra contra o argentino Rosas. Após o conflito, viveu algum tempo nas colônias alemãs de Santa Catarina. Retornou, posteriormente, à Alemanha, e publicou, em 1854, *Beschreibung der Provinz Rio Grande do Sul in Südbrasilien mit besonderer Rücksicht auf deren Kolonisation* (Descrição da

prejuízos e desencorajaria o colono, enganado pelas falsas esperanças. A partir dessa mesma impressão, Koseritz condenaria a ação da *Sociedade de Imigração* pelos prejuízos que poderiam ser causados, caso ela criasse uma agência para esse mesmo propósito.³⁷⁸

Anos mais tarde, voltava a abordar, em artigo específico, a questão da imigração italiana. Koseritz ressaltava semelhanças e diferenças entre os grupos étnicos, mas colocando em vantagens os colonos alemães.

Os dois grupos étnicos assemelham-se em muitos aspectos. Sua formação política foi idêntica e simultânea e, em parte, aconteceu uma em função da outra. Ambas as etnias, tendo condições favoráveis, são assimiladas rapidamente. Assim, por exemplo, os italianos desta província já na primeira geração começam a ser assimilados, enquanto que os alemães só na segunda. O inverso ocorre nos E.U.A.. Ao que tudo indica, ambas as etnias foram talhadas para enfrentar as matas da Província e ficar. Ambos os grupos sentem um preconceito moderado contra elementos de pele escura (negros e mestiços). Há que se fazer diferença entre italianos vindos do Norte e Sul da península Itálica. Os do Norte são bons agricultores, mas muitos do Sul (napolitanos) preferem radicar-se em cidades.³⁷⁹

Ao mesmo tempo em que os imigrantes italianos são enaltecidos pelo seu discurso, chamando-os de “ótimos colonos”, também seriam criticados pelo fato de radicarem-se majoritariamente em grandes propriedades de São Paulo, tornando-se agregados, o que demonstraria falta de um espírito progressista e incompetência para administrar a própria terra. Destacava que esse comportamento não representava um bom serviço ao Brasil e que a salvação da pátria “está na democratização da lavoura e na divisão da grande propriedade improdutivo. Pois, se a salvação do país dependesse da substituição de escravos por trabalhadores assalariados, então seria até razoável importar os cules chineses”. Os italianos

Província do Rio Grande do Sul, com especial atenção à sua colonização), pelo qual recebeu uma boa crítica no *Allgemeine Auswanderungs Zeitung*, um dos mais importantes jornais sobre a imigração alemã nesse período. Como destaca Gerson Norberto Neumann, a produção de Joseph Hörmeyer é propagandística, ao tentar desviar a intensa emigração alemã dos EUA para o Brasil. “Nesse período Hörmeyer também entra em conflito com J. J. Sturz, antigo cônsul brasileiro em Hamburg, que fazia propaganda contra a emigração alemã para o Brasil com textos agressivos em jornais e revistas alemães”. O governo brasileiro o nomeou como agente de imigração em Viena. É de sua autoria a obra literária *Was Georg seinen deutschen Landsleuten über Brasilien zu erzählen weiss*, reescrita em nova versão para o título *Georg, der Auswanderer. Oder: Ansiedlerleben in Süd-Brasilien*. Cf. NEUMANN, Gerson Norberto. A temática da emigração alemã para o Brasil em obras de três autores da literatura alemã do século XIX: Amalia Schoppe, Friedrich Gerstäcker e Joseph Hörmeyer. *MÉTIS: história & cultura*, Caxias do Sul, v. 4, n. 8, p. 37-60, jul.-dez, 2005, p. 50-52.

³⁷⁸ Koseritz' *Deutsche Zeitung*, 31/12/1884.

³⁷⁹ Koseritz' *Deutsche Zeitung*, 15/1/1887. Tradução de STEYER, *Aspirações da população de origem alemã...*, op. cit., p. 30.

apresentavam boas qualidades como colonos, por serem aplicados, persistentes, terem espírito de poupança e espírito caseiro. Todavia, nas palavras de Koseritz, alguns deles chegavam a abandonar a lavoura para procurar trabalho em outro lugar, fazendo forte concorrência aos luso-brasileiros, já que eram vistos como eficientes e trabalhadores. Sem valer-se de uma afirmação mais direta sobre a comparação entre alemães e italianos, fica evidente compreender que Koseritz enxergava uma contribuição muito maior por parte dos teuto-brasileiros, fosse pela organização em pequenas propriedades policultoras, fosse pelo cuidado ao trabalho na lavoura colonial.

3.2 O engajamento político

*As nossas palavras nesta casa também penetram na imprensa, a província nos julgará.*³⁸⁰

Compreender a trajetória política de Karl von Koseritz é compreender que ela não se desfaz dos demais engajamentos aos quais esteve vinculado. Significa dizer, em outras palavras, que seu percurso político apresenta-se estritamente voltado à sua história na imprensa, bem como à sua atuação como representante das áreas de colonização alemã na Assembleia Legislativa da província do Rio Grande do Sul.

Outro espaço privilegiado para o estudo da cidadania política constitui a imprensa em língua alemã. Esta favoreceu a formação de cidadãos conscientes da vida pública brasileira, que, por sua vez, contaram com um veículo de manifestação política e instrumento de defesa de seus interesses. Nesse sentido, os almanaques (*Kalender*) revelam sua importância. Tal veículo de informação, dentre outras funções, contribuía para a divulgação da “tradução das principais leis, principalmente da área civil, referentes, entre outras, a casamentos, falecimentos, ao direito de herança, ao registro de imóveis e à aquisição de terras”.³⁸¹

Como já demonstramos anteriormente, ao tratar sobre as questões étnicas, Koseritz construiu para seus contemporâneos um programa político que incluía, sobretudo, uma maior participação pública, a qual reforçaria os laços de cidadania com instituições brasileiras. Entre os argumentos que eram utilizados para defender

³⁸⁰ *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1883, p. 264.

³⁸¹ OLIVEIRA, *Colonização alemã e poder...*, op. cit., p. 84.

uma igualdade política do elemento imigrante, destacava-se a capacidade econômica e tributária das áreas de colonização. Não obstante, as propostas de Koseritz, veiculadas nos periódicos e presentes nas discussões acaloradas da Assembleia Provincial, reivindicavam uma equidade política à altura das capacidades econômicas geradas por essa população.

[...] infelizmente é tão pouco equitativa a distribuição dos nossos impostos, que a maior força deles vem a pesar justamente sobre a pequena lavoura, e sobre a pequena indústria rural, a ela anexa; V. Ex. sabe, que ao passo que a grande propriedade rural, que explora a indústria bovina, a criação do gado, ao passo que o próprio capital folga em relação aos impostos, a laboriosa população que se entrega à pequena lavoura e às suas indústrias anexas, aguenta com um peso imenso dos impostos. O mísero colono paga de cada saco de fruta que exposta, o imposto de tantos vinténs a sua câmara municipal, paga ainda pelo próprio instrumento de trabalho, porque o carro em que conduz a sua colheita da roça ao celeiro e deste à casa de negócio da mesma picada em que habita, este mesmo carro, que é propriamente instrumento de trabalho, como o é a enxada, como é a pá, é ainda tributado.³⁸²

Portanto, assim como a imprensa, o palanque da Assembleia Provincial tornava-se um local de grande importância para negociar e exigir benefícios aos teuto-brasileiros. Entre os primeiros deputados eleitos, que proferiram discursos de representação da comunidade imigrante, foram Karl von Koseritz, Frederico Haensel e Frederico Guilherme Bartholomay. A eles somaram-se os nomes de Karl Hermann Johann Adam Woldmar (Barão von Kahlden) e Wilhelm ter Brügggen.³⁸³ Como demonstra René Gertz, em sua maioria, os cinco deputados eram ligados à religião protestante, o que demonstra ter sido o tema da cidadania aos não-católicos um tema muito importante. Além disso, não é possível acenar para uma unanimidade ideológica entre esses nomes. Entre eles, por exemplo, ter Brügggen foi eleito pelo Partido Conservador e os demais pelo Partido Liberal.³⁸⁴ Mas não foram apenas

³⁸² *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1883, p. 103-104.

³⁸³ Frederico Guilherme Bartholomay, eleito pelo Partido Liberal para a legislatura de 1881 a 1882; Karl Hermann Johann Adam Woldmar (Barão von Kahlden), eleito pelo Partido Liberal para a legislatura de 1889 a 1890; Wilhelm ter Brügggen, eleito pelo Partido Conservador para a legislatura de 1887 a 1888; Frederico Hänsel, eleito pelo Partido Liberal para as legislaturas de 1881 a 1889; Karl von Koseritz, eleito pelo Partido Liberal para as legislaturas de 1883 a 1890. Cf. OLIVEIRA, *Colonização alemã e poder*..., op. cit., p. 90.

³⁸⁴ Segundo Gertz, a atuação de Gaspar Silveira Martins, como senador e defensor de direitos políticos aos acatólicos, pode ter ocasionado alguns dividendos, como a presença do único conservador na bancada teuto-brasileira. GERTZ, René E. A República no Rio Grande do Sul: política, etnia e religião. *História Unisinos*, v. 14, n. 1, p. 38-48, jan.-abr., 2010, p. 40.

diferenças partidárias que configuraram algumas rixas e oposições, como foi a situação conflituosa entre Koseritz e ter Brügggen.

De qualquer forma, a década de 1880 é o momento em que ocorreram mudanças no ordenamento jurídico, e propiciaram a entrada de brasileiros naturalizados e de acatólicos no contexto político do Segundo Reinado. Antes disso, a Carta de 1824³⁸⁵ institucionalizava a separação entre católicos e não-católicos, garantindo somente aos primeiros, por exemplo, a elegibilidade, ao mesmo tempo em que se restringia o acesso aos estrangeiros naturalizados. Mas cabe ressaltar que, embora houvesse esses obstáculos, não se pode afirmar, como fizeram alguns historiadores, que elas desencadearam a ideia de isolamento e marginalização. Conforme Oliveira, as limitações que foram impostas atuaram como

[...] um fomento à participação política da população teuto-brasileira, na forma de luta pela igualdade de direitos com os outros brasileiros. Entretanto, o fato de os teuto-brasileiros terem conquistado seu espaço político não significa que esse processo foi fácil e imediato, pelo contrário. Se consideramos a participação política em seu exercício tradicional, por meio da capacidade de votar e de ser votado, percebemos que o processo de integração política dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul foi moroso e repleto de entraves, como em todos os rincões do Brasil. Afinal, era uma cidadania brasileira em construção, e a inclusão política dos teuto-brasileiros situava-se num contexto mais amplo, em que a maioria da população brasileira estava fora dos nobres palcos da política.³⁸⁶

Com a reforma eleitoral de 1881, pela *Lei Saraiva*³⁸⁷, a participação do elemento teuto-brasileiro, incluindo os protestantes alemães, pôde consolidar-se nos espaços oficiais da política da província e do Império, garantindo a elegibilidade de seus primeiros representantes. Destarte, foi a partir da promulgação da nova lei que a Assembleia Provincial do Rio Grande do Sul passou a contar com um grupo de cinco deputados teuto-brasileiros.

³⁸⁵ A Constituição de 1824, em seu art. 5º, assim definia: “A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior do Templo”. Da mesma forma, encontra-se no art. 95º da mesma Carta o seguinte texto: “Todos os que podem ser Eleitores, hábeis para serem nomeados Deputados. Exceptuam-se: I. Os que não tiverem quatrocentos mil réis de renda líquida, na forma dos Arts. 92 e 94; II. Os Estrangeiros naturalizados; III. Os que não professarem a Religião do Estado”.

³⁸⁶ OLIVEIRA, *Colonização alemã e poder*..., op. cit., p. 89.

³⁸⁷ Decreto n. 3.029, de 9 de Janeiro de 1881.

[...] os deputados teuto-brasileiros concordavam com a necessidade de intensificar a integração da população de origem alemã à vida provincial e nacional. E, principalmente, enfatizavam a operosidade, a capacidade de trabalho do elemento teuto, como meio de atribuir uma característica positiva, capaz de arrefecer, em parte, as prevenções mantidas por alguns segmentos da Assembleia em relação aos imigrantes alemães e seus descendentes. O discurso de valorização do trabalho do colono alemão foi amplamente utilizado pelos deputados teuto-brasileiros, principalmente por Koseritz, para justificar projetos que objetivavam melhorias para a região colonial da província.³⁸⁸

O engajamento político de Koseritz, assim como o de outros deputados provinciais teuto-brasileiros, contribuiu para aproximar as populações coloniais aos debates públicos da realidade brasileira. Embora muitos problemas tenham continuado, insistiu em alternativas que pudessem promover a integração das regiões pouco privilegiadas pelas autoridades governamentais.

Já em 1881, Koseritz tentou eleger-se pelo Partido Liberal como deputado do Parlamento Nacional, o que, contudo, não foi concretizado. Oberacker destaca que o insucesso deveu-se à falta de unidade daqueles que integravam as colônias de origem teuta e à reação dos alemães católicos, contrários às duras críticas de Koseritz às religiões.³⁸⁹ Soma-se a isso a campanha de ter Brüggem contra a candidatura do representante germânico, que ocorreu de maneira mais intensa no momento em que Koseritz deixava a redação do *Deutsche Zeitung*.

Mesmo sem alcançar o objetivo, teria sido esta a primeira demonstração de interesse em fazer-se uma representação étnica. Em grande parte, seu esforço para fazer-se representante de um grupo étnico mobilizava diferentes canais de comunicação, especialmente os seus jornais. A chamada para as eleições de 1884 ao cargo de deputado provincial era publicada, por exemplo, no *Koseritz' Deutsche Zeitung*, pela qual o candidato solicitava votos aos amigos e companheiros de partido, declarando que antes mesmo da eleição visitaria cada localidade do distrito e faria uma consulta aos eleitores.³⁹⁰

Passados dois anos, Koseritz seria eleito como deputado provincial, com 754 votos.³⁹¹ Pelos registros encontrados nos anais da Assembleia Legislativa da

³⁸⁸ MOTTER, Ana Elisete. *As relações entre as bancadas teuta e luso-brasileira na Assembleia Legislativa Provincial Rio-Grandense (1881-1889)*. São Leopoldo: Unisinos, 1998. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação e História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1998, p. 107.

³⁸⁹ OBERACKER, *Carlos von...*, op. cit., p. 63.

³⁹⁰ *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 22/10/1884.

³⁹¹ No 1º Distrito, contabilizavam-se 1.137 eleitores.

província de São Pedro do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1883 a 1889, é possível afirmar que Koseritz foi um dos deputados mais assíduos da Casa. Faz-se encontrar, por exemplo, em diferentes grupos e comissões de trabalho, e o registro dos seus pronunciamentos é uma constante em quase todas as sessões que incluíam os debates, inclusive os mais polêmicos e acirrados.

A entrada de Koseritz na Assembleia foi marcada por contestações. Mesmo que a comissão de poderes, ao analisar os diplomas e a autenticidade de documentos, indicasse parecer favorável à posse dos nomes listados na sessão, uma das primeiras polêmicas envolveria uma disputa entre os membros do Partido Liberal e do Partido Conservador. Seria a batalha pelo reconhecimento do diploma, expedido pelas juntas apuradoras.³⁹² Ao considerar as tratativas injustas e tendenciosas, o deputado conservador Domingo dos Santos manifestava irregularidades à diplomação de Gaspar Silveira Martins e de Koseritz.³⁹³ No caso deste, solicitava-se que seus votos fossem anulados, devido aos contratos existentes entre o eleito e o governo da província, tendo recebido dinheiro dos cofres públicos.³⁹⁴ Segundo pronunciamento do deputado conservador Francisco da Silva Tavares, Koseritz havia recebido auxílio ou recurso pecuniário de trinta contos de réis para a *Exposição Brasileira-Alemã*, como comissionado e/ou representante da *Sociedade Central de Geografia Comercial* de Berlim. Na ocasião, o deputado José Batista Pereira usaria um tom bastante agressivo, dizendo

VV. EE. não quiseram impugnar o meu diploma, não lhes agradeço, declino de vossa justiça desde que atiraram à assembleia provincial um Carlos von Koseritz e atiraram para fora do seu lugar o Dr. Severino Monteiro, verdadeiro eleito! (apoiados da oposição). Tal justiça rejeito completamente! (grandes aplausos nas galerias. O Sr. Presidente reclama silêncio).³⁹⁵

³⁹² Os liberais, embora tivessem o papel preponderante sobre a reforma eleitoral, bem como o controle do poder imperial e provincial, não conseguiram instituir uma maioria absoluta na Assembleia, tendo em vista que o Partido Conservador conseguiu eleger oito deputados para a legislatura de 1883/1884. Como destaca Sérgio da Costa Franco, “o complicado procedimento adotado para o pleito e a verificação de poderes processada pela própria Assembleia ensejaram ardentes discussões durante todo o ano de 1883 e a desqualificação de vários representantes (dizia-se “degola”), entre eles o dissidente liberal Fernando Osório e o conservador Severino Ribeiro Carneiro Monteiro”. FRANCO, Sérgio da Costa. *A Assembleia Legislativa Provincial do Rio Grande do Sul (1835-1889)*: crônica histórica. Porto Alegre: CORAG, 2004, p. 70.

³⁹³ Domingos dos Santos alegava que o liberal Gaspar Silveira Martins não possuía domicílio na província. Cf. *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1883, p. 15.

³⁹⁴ Cf. *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1883, p. 18. Discurso do deputado Batista Pereira.

³⁹⁵ Idem, *ibidem*.

O deputado Egydio Barbosa Oliveira Itaquy ainda complementaria com as seguintes palavras: “Parece, à primeira vista, que as alegações feitas contra a eleição do Sr. Koseritz é matéria muito mais trabalhosa, mais complicada que as alegações feitas contra a eleição do meu ilustre amigo, Sr. Dr. Severino”.³⁹⁶ Como é possível perceber, num primeiro momento, a receptividade ao nome de Koseritz não foi nada amistosa, seja pela bancada da oposição, ou até mesmo por outros liberais. O deputado Tavares, na discussão em curso, tratou a Koseritz como “belo ornamento do partido liberal”, situação que o levou a justificar a expressão que, ao seu ver, havia sido deturpada ao considerar Koseritz um “verdadeiro monumento do partido liberal”, diante da repercussão que tal fato tivera na imprensa de Porto Alegre.³⁹⁷ Os ânimos não se acalmaram na sessão do dia seguinte, quando, novamente outro deputado conservador, Antônio Caetano Seve Navarro, destacou a necessidade de impugnação dos diplomas de Koseritz e Silveira Martins.³⁹⁸ Em votação, definia-se a lista oficial. Primeiramente, na data de 28 de fevereiro de 1883³⁹⁹, alterada posteriormente em 1º de março de 1883⁴⁰⁰, em sessão preparatória. Eram reconhecidos imediatamente os seguintes membros para a 21ª Legislatura da Assembleia da Província⁴⁰¹:

Pelo 1º Distrito⁴⁰²

Israel Rodrigues Barcellos
 Carlos von Koseritz
 Antonio Eleutherio de Camargo
 Paulino Rodrigues Fernandes Chaves
 Antonio Lara da Fontoura Palmeiro

Pelo 2º Distrito

³⁹⁶ *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1883, p. 19.

³⁹⁷ Sem citar o jornal, o deputado Tavares fazia menção a uma suposta inverdade veiculada na imprensa, por ter usado a expressão “ornamento do partido liberal” para referir-se a Koseritz. *Idem*, p. 23.

³⁹⁸ *Idem*, p. 31-32.

³⁹⁹ *Idem*, p. 12.

⁴⁰⁰ *Idem*, p. 39.

⁴⁰¹ Apenas seis nomes reelegeram-se da legislatura anterior.

⁴⁰² Segundo Sérgio da Costa Franco, as províncias eram divididas em distritos eleitorais, sendo o Rio Grande do Sul repartido em 6 distritos, cada um dos quais elegeria um deputado geral e cinco provinciais. O 1º distrito compreendia os municípios de Porto Alegre, São Leopoldo, São Sebastião do Caí e Montenegro; o 2º, tendo por cabeça a cidade de Cruz Alta, englobava os municípios do Planalto e os do litoral norte (Torres, Conceição do Arroio e Santo Antônio da Patrulha); o 3º reunia Alegrete, São Gabriel, Rosário, Uruguaiana, Quaraí, Itaqui, São Borja e Santo Ângelo; o 4º distrito, encabeçado por Pelotas, compreendia Santana do Livramento, Dom Pedrito, Bagé, Piratini, Cacimbinhas e Canguçu; o 5º, com delimitação pouco inteligível, tinha por cabeça a cidade de Rio Grande, mas englobava os municípios de Caçapava, Encruzilhada, São João de Camaquã e Dolores de Camaquã, Arroio Grande, Herval, Jaguarão, São José do Norte e Santa Vitória do Palmar; o 6º, centralizado em Rio Pardo, reunia os municípios do centro da Província e vale do Jacuí, desde São Sepé e Santa Maria até São Jerônimo e Triunfo. Cf. FRANCO, *A Assembleia Legislativa...*, op. cit., p. 69.

Antonio Antunes Ribas
 Evaristo Teixeira do Amaral
 Arsenio Gonçalves Marques

Pelo 3º Distrito

Egydio Barbosa de Oliveira Itaquy
 Francisco Antonio de Souza
 José Baptista Pereira

Pelo 4º Distrito

Francisco Antunes Maciel
 Francisco da Silva Tavares
 João Chaves Campello
 Antonio Caetano Seve Navarro

Pelo 5º Distrito

João de Miranda Ribeiro Sobrinho
 Rodrigo de Azambuja Villa Nova
 Thomaz Affonso da Silva
 Arthur Luiz Cadaval
 José Francisco Diana

Pelo 6º Distrito

Gaspar Silveira Martins
 Joaquim Pedroso Soares
 Albino Pereira Pinto

Em sua primeira legislatura, Koseritz encontrou a Assembleia em grande agitação.⁴⁰³ Entre as tarefas que assumiu, podemos destacar sua indicação para as Câmaras de Orçamento e Fazenda, Comércio e Estradas, bem como para Negócios Eclesiásticos (redator). No entanto, no ano de 1883, os trabalhos seriam improdutivos, tendo em vista as polêmicas e os tumultos que se arrastaram até o final daquele ano, além de muitas sessões não ocorrerem por falta de número legal de deputados para realizá-las.

Se o ingresso de Koseritz não se fez em um momento de tranquilidade política, essa situação não o afastou da atuação pública. Novamente, em 1884, apresentava-se como candidato à deputação provincial do 1º Distrito pelo Partido Liberal, como anunciava o jornal *A Reforma*, em 21 de novembro daquele ano. Concluído o pleito eleitoral, oficializavam-se os seguintes resultados: Koseritz

⁴⁰³ A sessão de instalação deveria ocorrer no dia 2 de março, o que não foi possível pela ausência de um número mínimo de deputados. Somente no dia 12 de março de 1883 houve quórum para iniciar os trabalhos da Assembleia. Antônio Eleutério de Camargo foi eleito presidente com 12 votos, havendo cinco sufrágios em branco, provavelmente dos conservadores. Em 17 de março, após várias sessões tumultuadas, a Mesa apelou para força militar, que policiou as galerias e impediu a entrada de manifestantes ligados à oposição conservadora. O fato deu margem a enérgicos discursos de protesto dos deputados Batista Pereira e Francisco da Silva Tavares, sendo a Mesa defendida pelo liberal Lara Palmeiro. Cf. FRANCO, *A Assembleia Legislativa...*, op. cit., p. 70.

recebeu, por exemplo, 73 votos em Montenegro, em S. Salvador 26 votos, em S. J. Hortêncio 27 votos, em Bom Jardim 68 votos, em S. Sebastião 91 votos e no Rio dos Sinos 46 votos. Já o cômputo final expressava o total de 756 votos, contra 770 de Camargo e 682 de Barcellos⁴⁰⁴, os quais também eram candidatos à Assembleia pelo mesmo círculo. Convém aqui destacar que a expressão significativa de votos atribuídos a Koseritz reflete o engajamento que assumiu, o que se torna ainda mais claro em sua atuação na defesa dos interesses de uma população teuto-brasileira crescente na província do Rio Grande do Sul. Há que se ressaltar, como pontua René Gertz, diferentemente de outras etnias, parte da população teuto-brasileira já estava envolvida, há bastante tempo, na administração pública, chegando a representar um oitavo da população provincial em 1889.⁴⁰⁵

Se já apontamos o discurso em prol do elemento teuto-brasileiro na província, questões relativas a esse objetivo também repercutiram no âmbito da Assembleia. Nesse espaço, sua atuação foi conduzida pela busca de direitos aos teuto-brasileiros, valendo-se da ideia “da capacidade de trabalho do elemento teuto, assim como da contribuição deste para o progresso da província”.⁴⁰⁶ Além da defesa dos direitos de cidadania, sua pauta incluía aspectos de interesse econômico, o que consequentemente levantava uma série de demandas, incluindo reforma tributária e melhorias para o transporte, por exemplo. Ao mesmo tempo em que propunha projetos e melhorias para as áreas coloniais, tornava-se porta-voz dos colonos.

Quando eu e o meu nobre amigo Sr. Haensel, apresentamos as duas emendas que foram lidas, fizemo-lo no pleno uso e gozo da liberdade que todos têm na decretação anual dos impostos e da aplicação do seu produto; é terreno neutro, este, porque aqui, mormente hoje, com o atual sistema eleitoral, representamos interesses de localidades, temos uma certa procuração especial de uma certo e determinado número de cidadãos da província, aos quais temos de dar contas do nosso procedimento nesta casa, e o nosso silêncio, ainda mesmo que em face de um plano imponente e justo, seria mal interpretado; temos pois forçosamente de cumprir o nosso dever nessa ocasião.⁴⁰⁷

⁴⁰⁴ A *Reforma*, 5/12/1884.

⁴⁰⁵ René Gertz destaca que as colonizações italiana e polonesa, por exemplo, ainda eram recentes na província, diante da presença de alemães desde 1824, contando com uma organização bastante estruturada. Lembra, entre outras coisas, que a Câmara de São Leopoldo, em 1849, já contava com homens cujos sobrenomes eram de origem alemã. Santa Cruz elegeu a primeira Câmara, todas as pessoas de sobrenome teuto. Cf. GERTZ, A República no Rio Grande do Sul..., op. cit., p. 39.

⁴⁰⁶ MOTTER, *As relações entre as bancadas teuta e luso-brasileira...*, op. cit., p. 151.

⁴⁰⁷ *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1883, p. 220.

Assim o fizera, por exemplo, ao divulgar um abaixo-assinado dos moradores das freguesias de São Miguel dos Dois Irmãos (3º Distrito de São Leopoldo) na sessão de 19 de novembro de 1883, cujas queixas concentravam-se nos prejuízos causados pelo pagamento de diferentes impostos recolhidos pela coletoria geral do município. Koseritz usava a situação para, mais uma vez, pontuar os fatores contraproducentes que existiam ao desejo de criar a pequena propriedade e a pequena indústria a ela anexa, baseada no trabalho dos membros da família rural e que obrigavam os colonos a fechar as portas de seus pequenos empreendimentos. Diante da situação dos moradores de São Miguel dos Dois Irmãos, Koseritz estendia o mesmo ponto a outras reclamações que surgiam em municípios, incluindo São João do Monte Negro e São Sebastião do Cai. Não obstante, em 11 de novembro de 1885, o pronunciamento demonstrava igualmente as necessidades da colônia de Nova Petrópolis, segundo Koseritz a mais descuidada de quantas possuía a província, fundada em 1858 e até a presente data não apresentava ainda uma estrada interna ou externa, o que dificultava o seu desenvolvimento, dificultando, entre outras coisas, a ocupação dos lotes por falta de comunicação⁴⁰⁸, o que levava Koseritz a ironizar – seria mais fácil chegar à China do que ir à colônia Nova Petrópolis. Aliás, a questão sobre as péssimas condições das estradas e da necessidade de mais verbas para a sua manutenção seria novamente pautada em sessão do dia 22 de dezembro de 1887. Vinha o discurso marcando as desvantagens em relação a outras províncias, especialmente a de São Paulo, onde “tem instituições de crédito real, dispõe de uma viação aperfeiçoada e magnífica, seu território é cortado por vias férreas; o lavrador aí encontra constantemente condução para os seus produtos”.⁴⁰⁹

Os ataques à grande propriedade, não deixavam de reconhecer toda riqueza até então gerada por ela, sua persistência, no entanto, consistia em um dos entraves à continuidade do desenvolvimento econômico da província. Em seus discursos, Koseritz argumentava que seria inevitável a subdivisão dessas áreas de terras, diante daquilo que denominava como “transição inerente à substituição natural da indústria pastoril pela agrícola”⁴¹⁰, época de transição necessária, infalível, pela qual haviam passado todos os povos, fazendo vingar a pequena propriedade rural. Seria

⁴⁰⁸ *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1885, p. 90.

⁴⁰⁹ *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1885, p. 326-332. Trata-se de um longo discurso de Koseritz, que analisa os problemas econômicos da província.

⁴¹⁰ *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1883, p. 260.

o trabalho do lavrador responsável por “encher de ouro o erário público, é ele que fornece os alimentos a todos, é ele ainda, [...], quem levanta o nosso comércio e dá-lhe vida e existência”.⁴¹¹ Nesse mesmo caminho, levou à tribuna propostas de reforma estruturais, que incluíam, entre outras questões, a reformulação do sistema de impostos municipais, ligada à criação de um imposto territorial e à supressão dos impostos de exportação, os quais não pertenciam ao município, e não deveriam pertencer à província, tão quanto ao Estado, ao ver de Koseritz. Argumentava, para tanto, citando três princípios: a generalidade do imposto, a igualdade de ônus para todas as classes, não devendo haver classes privilegiadas, e, por fim, a distribuição proporcional entre a riqueza e a pobreza. Não é de estranhar que a proposta acabou encontrando resistência na comissão da qual Koseritz fazia parte, sendo rejeitada, inclusive, pelos deputados da Assembleia, especialmente pelos impactos econômicos que seriam gerados à elite rural, proprietária de grandes lotes de terras.

As questões sobre colonização constituíam um tema de muita importância dentro de seu programa. Koseritz mantinha uma perspectiva histórica para o processo, composta por três fases: a primeira colonização havia sido concretizada pelo Império, com a criação dos núcleos coloniais existentes no 1º Distrito. A segunda, efetivava-se sob responsabilidade da província, o que deu origem a núcleos como o de Santa Cruz, Santo Ângelo, Nova Petrópolis e Monte Alverne. E havia uma terceira fase, cuja ação se dera por conta da iniciativa particular. Sendo assim, Koseritz valia-se de discursos inflamados para dar cabo a uma quarta etapa, que julgava que seria a mais propícia fase de colonização, concretizada pela utilização de capital estrangeiro para comprar terras e nelas fundar colônias. Ao olhar para todo o processo de colonização das décadas anteriores, compreendia que importantes entidades haviam contribuído para que a imigração alemã alcançasse os bons resultados que até a década de 1880 ela atingia. Lembrava-se de tempos difíceis para a colonização, quando propagandas contra o Brasil circulavam na Alemanha ou quando um decreto oficial prussiano restringia a emigração para o Brasil, em 1859.⁴¹² Para ele, merecia destaque a *Sociedade*

⁴¹¹ *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1885, p. 90.

⁴¹² O decreto prussiano de Heydt, de 1859, estendido a outros estados alemães posteriormente, proibiu a imigração de cidadãos prussianos, a partir daquele ano para o Brasil, depois da repercussão que tivera o relato de Thomas Davatz, em 1858, sobre a revolta dos colonos da fazenda de Ibiacaba. A medida foi revogada apenas para as três províncias do sul. Cf. SEYFERTH, Giralda. *Identidade étnica, assimilação e cidadania. A imigração alemã e o Estado brasileiro*. Disponível em <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm> Acesso em 25 de out. de 2012.

Central de Geografia Comercial de Berlim, responsável por criar o seu órgão impresso, o *Export*, pelo qual se lançava uma forte divulgação do Brasil na Europa, além de organizar exposições internacionais inter-brasileiras e alemãs, permitindo uma aproximação entre os dois países. Koseritz entendia que seu trabalho de divulgação também antecipava esse mesmo rumo, fato que incluía o trabalho que desenvolvia em seus próprios jornais. No entanto, se optou em dispensar elogios à Sociedade de Berlim, não se valeria das mesmas palavras para voltar a referir-se à *Sociedade Central de Imigração*, da qual também foi um dos fundadores. Para ele, “a índole especial dessa Sociedade torna a sua propaganda meramente doutrinária; essa exclui do seu programa toda a tentativa direta de colonização por conta própria”.⁴¹³ Em contraste a ela, Koseritz fazia menção às atividades da sociedade *Deutscher Kolonialverein – Sociedade Colonial Alemã*, que paralelamente à Sociedade de Berlim, desenvolvera-se, chegando, conforme suas palavras, ao número de mais de quinze mil sócios, além de

[...] capitais de muitos milhões de *Reichsmark* e que tem a sua frente um dos mais considerados membros do *Reichstag* alemão e da casa alta do parlamento alemão, o príncipe de Hohenlohe Langenburg, esta associação digo, entendeu que não bastava tratar diretamente das questões de colonização, que era também necessário promover de forma prática a colonização em terras estrangeiras, enviando então os seus emissários a visitar diferentes países.⁴¹⁴

Dentre as considerações elogiosas ao contexto da imigração alemã para as províncias ao sul do Império, Koseritz valia-se das conclusões favoráveis das visitas ao Rio Grande do Sul e a Santa Catarina do comissário da *Deutscher Kolonialverein*, o Dr. Spielberg, enviado a diferentes regiões do mundo, incluindo o Brasil, a África, o Canadá, o Paraguai e a Argentina. Diante disso, propagandeava em favor de uma colonização que previsse uma participação de capitais estrangeiros, o que, certamente, fez com que a *Sociedade Colonial* viesse a investir em uma colônia, também com indicações de Hermann von Ihering⁴¹⁵, em uma região abandonada que já havia recebido tentativas fracassadas, como a pretendida por Carvalho de Moraes, que fez um ensaio com franceses, e, depois a colonização Imperial, que

⁴¹³ *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1885, p. 23-24.

⁴¹⁴ *Idem*, *ibidem*.

⁴¹⁵ Koseritz citava a Hermann von Ihering como amigo, um ilustre naturalista, que há tempos já vivia no Rio Grande do Sul, e que publicou na Europa uma importante obra sobre esta mesma província

também acabou abandonando a área. Tratava-se da colônia de São Feliciano e de suas terras adjacentes, a “mais conveniente para o estabelecimento colonial”. Pelo otimismo de Koseritz, em 1885, ela tornar-se-ia uma região produtiva, onde até então pouco se produzia, além de transformá-la em um espaço onde novas fontes de receita pudessem desenvolver-se. Para a visão de Koseritz, era fundamental que o projeto pudesse vingar, para que outras colônias fossem criadas pelo capital estrangeiro.

Fato é que a colônia de São Feliciano abriu uma grande discórdia no processo de colonização. Na imprensa de língua alemã em Porto Alegre, os procedimentos de Koseritz pela colonização da área de São Feliciano, manifestada pela proposta de aquisição da colônia provincial pela *Sociedade Hermann*, ligada a *Sociedade Colonial* de Berlim, e da qual Koseritz era representante no Rio Grande do Sul, despertaram oposições ferrenhas do *Deutsche Zeitung*, inclusive com repercussões que se estenderam ao outro lado do oceano. Dessa forma, alguns jornais alemães endossaram as críticas, e passaram a veicular alguns artigos que condenavam o empreendimento.

Um desses textos, em especial, despertou um desconforto maior a Koseritz, que preferiu recorrer às instâncias judiciais na Alemanha para defender-se de acusações que considerava soarem como ofensas pessoais. Tratava-se de um texto republicado do *Deutsche Zeitung* no *Hamburger Fremdenblatt*⁴¹⁶, pelo editor Friedrich Wilhelm Menck, cujo conteúdo teria ofendido moralmente a Koseritz. Impresso inicialmente no Rio Grande do Sul, o texto fora redigido por Hans Franckenberg, redator do *Deutsche Zeitung*, no qual foram abordados supostos benefícios à sociedade *Hermann*, que teria adquirido a área por “poucas moedas”, bem como ataques à figura de Koseritz em seu engajamento pela criação daquela área colonial. Em sua defesa, levantavam-se considerações realizadas por Hermann von Ihering e Hermann Soyaux, tidos como homens de confiança, os quais teriam confirmado confiabilidade para o empreendimento. Além disso, à *Sociedade Colonial* parecia evidente que a postura do *Deutsche Zeitung* era contrária à aquisição de São Feliciano somente pelo fato de que Koseritz pronunciava-se favorável ao negócio. Por outro lado, a declaração de que Koseritz havia sido subornado pela empresa era visto como uma grave difamação, afirmando que ele nunca recebera da

⁴¹⁶ Não foi possível ter acesso ao jornal *Hamburger Fremdenblatt*, mas as fontes primárias citam o exemplar de número 168.

sociedade *Hermann* nem “poucas moedas” e muito menos um pagamento para obter os benefícios de compra. Afirmava-se que o deputado provincial apenas representava os interesses das entidades envolvidas e, para tanto, não recebia qualquer pagamento.

Para tanto, uma audiência foi realizada em Hamburgo, no ano de 1887. Menck defendeu-se dizendo que a colonização em São Feliciano parecia-lhe, desde o princípio, um tanto quanto “vertiginosa”, e que pretendia apenas alertar os cidadãos emigrantes sobre as questões que acompanhavam a existência daquela colônia. Ainda destacava que duas testemunhas, que viveram longo tempo no Brasil, teriam declarado a ele que circulavam conversas desagradáveis acerca de Koseritz. Em sua defesa, ainda fez referência ao fato de que seu trabalho não deveria ocupar-se com as fofocas diárias, mas sim lidar com os interesses de seu público, que condizem a assuntos importantes para o qual também a emigração pertencia. Para o defensor e representante de Koseritz, tratava-se de ofensas graves, que somente seriam compensadas pela perda da liberdade, exigindo que o redator do *Hamburger Fremdenblatt* permanecesse preso por três semanas. No entanto, a pena aplicada resumiu-se ao pagamento de vinte e cinco marcos, o que não eximiu o redator de sua culpa.

Koseritz chegou a reconhecer as intrigas que surgiram a partir do projeto de colonização que chegou a levar à Assembleia. Segundo ele, elas somente poderiam ter sido evitadas se toda a província tivesse sido comprada pela *Sociedade Colonial*, e, mesmo assim, elas ainda poderiam persistir.⁴¹⁷ Lamentava igualmente o fato de que a primeira empresa alemã, especializada na colonização, caísse tão cedo em um jogo de intrigas. “É de conhecimento do público que eu não tenho relações de qualquer natureza com a Sociedade Colonial Alemã”, afirmaria Koseritz, para ressaltar, inclusive, que teria no passado assumido posturas negativas em relação a essa sociedade e aos seus membros, e que somente chegou a conhecer alguns deles tempos depois, e com eles mantido contato por correspondência, entre eles o comissário Spielberg. Argumentava também que desconhecia a intenção de compra de São Feliciano pela sociedade, o que teria vindo a saber mais tarde, em telegrama enviado pelo amigo Hermann von Ihering, que o deixara a par dos benefícios que o empreendimento poderia trazer àquela região e à província. Koseritz, a partir dessa

⁴¹⁷ Koseritz' *Deutsche Zeitung*, 20/3/1886. O artigo apresenta a publicação de uma carta de Hermann von Ihering, em torno das questões sobre São Feliciano.

mensagem, conforme sua narrativa, é que teria dado cabo ao projeto, para levá-lo à discussão, afirmando que em nenhum momento teria tido ele influência sobre a sua aprovação, e que sempre considerou os aspectos locais para entender que seria possível a colonização de São Feliciano, incluindo as terras que, embora, não fossem escuras e densas como outras áreas, eram semelhantes às de São Lourenço, adequadas, portanto, ao cultivo de batata, tabaco e outros gêneros agrícolas. Hermann von Ihering valeu-se também do jornal de Koseritz para que suas cartas fossem divulgadas aos leitores, permitindo lançar alguns contrapontos às acusações que envolviam seu nome.⁴¹⁸

Após a resolução do conflito pelas vias judiciais, Koseritz ainda compilaria uma série de declarações documentadas para reafirmar sua idoneidade moral. Elas podem sugerir que ele as tenha utilizado para reafirmar o seu compromisso em relação à imigração alemã para o Brasil, bem como garantir o seu prestígio junto à comunidade teuto-brasileira e a empresários locais, provavelmente abalados pelas circunstâncias de São Feliciano. De outro modo, o fato de que o empreendimento não fora concretizado pode reforçar a ideia sobre o impacto que tais divergências tiveram para Koseritz e para a sociedade *Hermann*. Diante desse contexto, em uma espécie de livro, reuniria uma série de atestados de honorabilidade⁴¹⁹, juntamente com as reportagens tratando sobre o julgamento do caso em jornais alemães, como o *Hamburger Fremdenblatt*, o *Berliner Tagesblatt* e o *Deutsche Kolonial Zeitung*, e ainda uma manifestação aberta da *Sociedade Central de Geografia Comercial*, que organizava o protesto em defesa de Koseritz, e remeteu o ofício a todos os membros da entidade. Em relação aos periódicos, as primeiras folhas aparecem documentadas para reprodução da notícia sobre a audiência do julgamento, ambas pelo parecer final favorável ao reclamante. Já o artigo do *Deutsche Kolonial Zeitung*, órgão oficial da *Sociedade Colonial*, em seu número 16, publicou nota de esclarecimento acerca do caso de Koseritz, rejeitando as considerações divulgadas no *Deutsche Zeitung*. Por sua vez, o documento da *Sociedade Central de Geografia Comercial*, anexado à compilação, engajava-se pela obtenção de assinaturas de homens ligados às atividades comerciais e industriais da Alemanha para que, por meio delas, se manifestasse o protesto contra os opositores de Koseritz, bem como

⁴¹⁸ Koseritz' *Deutsche Zeitung*, 16/7/1887.

⁴¹⁹ A fonte primária encontra-se no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. O livro com os atestados de honorabilidade, conforme indicação anexada ao volume, teriam sido fornecidos pelos herdeiros de Karl von Koseritz, por intermédio de Athos Damasceno Ferreira.

reafirmasse o reconhecimento ao seu trabalho junto aos interesses dos alemães no Rio Grande do Sul, expressado também pela sua presença como deputado provincial. Como indicava o texto, tais documentos deveriam ser assinados e enviados ao endereço indicado, ao que consta ser a sede da *Sociedade Central* em Berlim.

As assinaturas indicavam a concordância com o conteúdo do atestado. De maneira geral, o ofício ocupava-se em enaltecer Karl von Koseritz, em respeito às atividades e à luta pelos interesses do elemento alemão na província do Rio Grande do Sul. Confirmava-se o testemunho do “inabalável reconhecimento e estima em suas atividades públicas”, especialmente diante das acusações que se faziam circular também na Alemanha. Nessa coletânea de formulários, constavam nomes de diversos sócios e sociedades colonizadoras da Alemanha, situados nas mais diferentes cidades. Encontravam-se nomes de comerciantes, moleiros, fabricantes, redatores de periódicos, engenheiros, entre outros, provenientes de locais como Berlim, Limbach in Sachsen, Mülhausen, Bielefeld, Stuttgart, Hamburg, Halle, Leipzig, Frankfurt, Kassel, Heidelberg, etc. A maneira como os atestados de honorabilidade foram utilizados por Koseritz é desconhecida, mas esse material demonstra que sua influência não ficou circunscrita ao Brasil. Ao contrário, seu alcance se faz perceber pela grande quantidade de ofícios para certificar sua moralidade, o que nos faz pensar que, de fato, também era uma figura bastante conhecida na Alemanha.

Seria um equívoco pensar que a não concretização do projeto de São Feliciano tenha afastado Koseritz do seu interesse pela imigração. As polêmicas sempre se fizeram presentes, mas não por causa delas que ele chegou a abandonar radicalmente os seus projetos. Nos anos seguintes, novas frentes de atuação passariam a tomar atenção nas atividades de Koseritz, como se fazia no relato de Evaristo Affonso de Castro, em 1887, sobre a região missioneira.

Temos fundadas esperanças de que a colonização do Uruguai se realizará num futuro próximo; porque a Sociedade de Geografia Comercial de Berlim tem tomado interesse em que a ideia se traduza num fato. O incansável propugnador de nossos interesses e progresso, o Sr. Carlos von Koseritz, não se descuida um só momento de ativar os meios de que podem trazer-nos os melhoramentos materiais e intelectuais, e em Berlim, onde atualmente se acha, impulsiona e procura conseguir os meios para que a colonização

alemã se estenda pelas margens do Uruguai e muito tem já conseguido para este fim.⁴²⁰

Em outro momento, em 7 de dezembro de 1887, Koseritz também tentou apresentar um projeto de lei que limitava a 48,4 hectares qualquer venda de terras devolutas, somente a colonos nacionais ou estrangeiros, enquanto questionava a venda de uma extensa área devoluta pela província. Sua preocupação residia no fato de que poderia haver uma insuficiência de terras que pudessem ser destinadas à colonização, dificultando o empreendimento ao qual costumeiramente atribuía bons frutos em um futuro próximo, para o país. Koseritz insistia, enfim, em uma presença crescente de colonos alemães, como fez na sessão de 14 de dezembro de 1888, insistindo na introdução ainda mais ampla do elemento germânico, que fosse “por conta da verba de 1000 contos de réis destinada a este fim, seja contemplado o elemento germânico na proporção de 50 por cento”.⁴²¹ Em sua visão, além de proporcionar o progresso da província, ela estaria pagando parte da dívida de gratidão com o elemento alemão, “como um dos grandes fatores do seu progresso e da sua civilização”.⁴²²

Em outra ponta do seu programa político, insistiu na criação de aulas públicas⁴²³, assim como no projeto de reforma da instrução, permitindo a contratação de professores sem formação pela Escola Normal. Expunha o problema da deficiência da instrução pública, provocado pela carência de escolas e de professores. Previa que, diante da reforma eleitoral que excluía do direito do voto quem não soubesse ler e escrever, o “primeiro dever é criar aulas, aulas e sempre aulas”. Sustentava, de maneira otimista, avanços educacionais, dizendo que “o tempo, como progresso que lhe é inerente, desenvolverá também a instituição de ensino público, e em um futuro longínquo a província terá ensino elementar primário dirigido por um professorado perfeitamente preparado”.

Além disso, percebia na instrução pública uma maneira de aproximar ainda mais o elemento teuto-brasileiro como futuro membro nacional. Relatava, citando o relatório de Graciano Cidade, que 298 crianças da colônia de Nova Petrópolis

⁴²⁰ CASTRO apud SPONCHIADO, Breno Antônio. *Projetos de colonização no Norte do Rio Grande do Sul – Século XIX*. Disponível em <<http://cdn.fee.tche.br/jornadas/1/s5a1.pdf>>. Acesso em 13 de jan. de 2015.

⁴²¹ *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1888, p. 112.

⁴²² Idem, *Ibidem*.

⁴²³ Na sessão da Assembleia de 22 de outubro de 1885, Koseritz apresentou projeto para criação de 12 aulas públicas, sendo a maioria delas para áreas coloniais, especialmente as que se localizavam no 1º Distrito. *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1885, p. 13.

permaneciam sem instrução, tornando-as analfabetas, ou forçava-se um positivo inconveniente, ensinando-as a ler e a escrever em língua alemã. Todavia, a mais perigosa consequência dessa situação era, nas palavras de Koseritz, a “segregação destes núcleos pela ignorância absoluta do idioma do país”.⁴²⁴ Enquanto alguns deputados o apoiavam na exigência, outros tantos colocavam entraves, com apartes enérgicos, alegando que tais projetos tinham por resultado sobrecarregar as forças orçamentárias da província.⁴²⁵

É interessante identificar que alguns duelos na Assembleia podiam externar outras problemáticas, que estariam ligadas não somente à polarização entre conservadores e liberais ou à aprovação de projetos, mas somadas também às divergências étnicas levantadas por lados distintos. Assim, encontramos presente no debate que se fez entre José Bernardino da Cunha Bittencourt, Koseritz, Haensel e outros deputados, em sessão do dia 25 de abril de 1884, iniciada a respeito do pronunciamento em favor da petição enviada por Bittencourt em benefícios aos habitantes de Passo Fundo, observando que parte da província ocupada por “brasileiros”, especialmente localizados na Serra, era mal servida de vias de comunicação. O contrário, segundo ele, podia ser observado nas colônias alemãs, onde os governos imperial e provincial demandavam maior atenção.

Srs., não há quem seja na província mais amigo da colonização do que eu. Ela tem-nos coadjuvado na prosperidade de nossa província, promovendo o seu engrandecimento, a nossa produção é muito maior depois que temos colonização, e a riqueza pública cresce na mesma proporção. Devemos-lhe, portanto, toda a proteção, todo o auxílio, é preciso, porém, é justo que esse auxílio, essa proteção não sejam maiores do que aqueles que devemos aos nossos compatriotas. As colônias, como ia dizendo, têm tido estradas, têm tido pontes, têm tido tudo enfim; ao passo que as nossas localidades do interior e mais especialmente as da serra acima nada têm tido, e, se algum de nós conseguir com grande esforço fazer passar nesta casa um projeto de construção de ponte, ou a construção ou conserto de uma estrada só o conseguimos, vencendo as maiores dificuldades que muito mais se aumentam na execução.⁴²⁶

⁴²⁴ *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1885, p. 90. Koseritz apresentava o Projeto de Lei N. 83, pelo qual se propunha criar três escolas de meninos na colônia Nova Petrópolis, sendo uma na Linha Olinda, outra na junção da Linha Araripe com a Linha Brasil e outra na Linha Riachuelo, junto ao arroio Pirajá.

⁴²⁵ Na sessão de 11 de novembro de 1885, Koseritz destacava a censura realizada pelo deputado Coronel Joaquim Pedro, levando em consideração o ônus da proposta aos cofres da província.

⁴²⁶ *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1884, p. 117-119.

O pronunciamento de Bittencourt ainda apontou outras demandas, que no seu entender, eram problemas a serem resolvidos pelo governo da província, ao falar, por exemplo, da falta de instrução, bem como a negação por parte dos colonos, em falar a língua vernácula em áreas de colonização alemã, ou ainda pela defesa da pronta e imediata naturalização, no momento da chegada do imigrante, para que fosse, de fato, um brasileiro. O tema daquela sessão seguiu para as páginas do jornal *Koseritz' Deutsche Zeitung*, pelo qual o seu redator desprezava a alegação de Bittencourt, dizendo que tratava ser ele “o mais forçado adversário da colonização na Assembleia e o mais convicto nativista”.

Não é verdade que os filhos dos colonos não querem ser brasileiros. Todos os filhos dos colonos se consideram filhos da terra e a amam. Principalmente nos últimos anos esse patriotismo se vem fortalecendo. Antigamente, claro, era diferente, mas a culpa recaía sobre o “sistema” e não sobre os filhos dos colonos. Os “brasileiros” consideravam os descendentes dos imigrantes como filhos enjeitados, afastando-os de todo os cargos públicos e ignorando-os.⁴²⁷

A disputa entre Bittencourt e Koseritz também traduz uma reivindicação por espaços políticos na Assembleia Legislativa, ao passo que cada um deles representava uma composição do extrato social da província. Por outro lado, se considerarmos que alguma antipatia entre ambos ainda podia remontar aos tempos da redação do jornal conservador *Rio Grandense*, não seria estranho, portanto, que seus posicionamentos e engajamentos também pudessem seguir direções diferentes e conflitantes, como se percebe na passagem acima. Além do mais, o fato permite indicar as diferentes visões entre a elite política da província acerca das relações entre teuto-brasileiros e luso-brasileiros, bem como a percepção que uns construíram sobre os outros. Ao apresentar diferenças, os representantes legislativos reforçavam os limites que os separavam, fossem por questões de investimento, como ressaltava Bittencourt, ou por temas que envolviam a representação acerca da cidadania brasileira. Como afirma Ana Elisete Motter, alguns grupos presentes na Assembleia Legislativa da última década do século XIX apresentavam forte sentimento nativista em relação a teutos e teuto-brasileiros, derivado da ascensão econômica das regiões coloniais, constituindo-se como

⁴²⁷ *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 14/5/1884.

instrumento de legitimação de disputa por recursos públicos, que também eram destinados a regiões de latifúndio pastoril.⁴²⁸

Da mesma maneira que havia interesse em defender os interesses dos colonos, há outras manifestações de Koseritz que dizem respeito ao desenvolvimento de projetos de impacto para a província, e que expressam suas visões, também, filosóficas. Neste sentido, em 1884, advogando pelos princípios do liberalismo, demonstrava-se contrário ao fechamento das atividades comerciais em Porto Alegre aos domingos. Compreendia que a medida sacrificava o princípio básico de livre comércio, e que, conseqüentemente, prejudicava os negócios dos caixeiros do município.⁴²⁹ Neste caso, embora o seu posicionamento encontrasse apoio expresso do deputado Frederico Haensel, Koseritz permaneceu isolado, e a controvérsia desapareceu quando o chefe dos liberais, Silveira Martins, apresentou, em 29 de março de 1884, a emenda que dizia que as “casas comerciais desta cidade conservarão suas portas fechadas nos domingos, e as fábricas e oficinas, que não proverem as necessidades diárias, não poderão funcionar nesse dia”.⁴³⁰

Ademais, ainda encontramos Koseritz discutindo importantes projetos, e engajando-se por melhorias na província, como a construção de ferrovias, melhorias materiais a municípios, fiscalização de serviços públicos, análise e fixação de contratos, aprovação de apólices municipais para execução de obras públicas, concessão de loterias⁴³¹ em favor de diversas igrejas na província, discussão sobre a desigualdade de remuneração de funcionários que exerciam o mesmo ofício e trabalho na ordem da instrução pública, melhorias do calçamento, das ruas e dos esgotos pluviais em Porto Alegre, entre outros. Esteve à frente daquela que é considerada a primeira investigação externa, semelhante à moderna comissão parlamentar de inquérito, quando se abriu uma sindicância para averiguar as acusações que surgiram em relação à Casa de Correção de Porto Alegre, em 1889. Indicado como relator da comissão especial, ao lado de Frederico Haensel e Joaquim Pedro Soares, Koseritz usou a tribuna, no dia 11 de março de 1889, para apresentar alguns resultados das diligências a que procedeu no desempenho de

⁴²⁸ MOTTER, Ana Elisete. *As relações entre as bancadas teuta e luso-brasileira...*, op. cit., p. 150-151.

⁴²⁹ Caixeiros é o termo utilizado para referir-se às pessoas que se dedicavam à atividade comercial.

⁴³⁰ Cf. FRANCO, *A Assembleia Legislativa...*, op. cit., p. 73.

⁴³¹ Assis Brasil estreou na tribuna, em 1885, com um projeto de abolição das loterias provinciais, que considerava uma espécie de imposto irregular e imoral, a explorar a paixão do jogo. Tal posicionamento não logrou sucesso, pois o lucro das loterias socorria o deficitário orçamento da província. Cf. Idem, p. 75.

averiguar as condições dos presos daquela instituição. Em seu extenso relatório, apresentou as precárias condições da estrutura física, que absolutamente era insuficiente para a capacidade de pessoas que abrigava, além de averiguar as acusações de violência contra alguns presos, praticadas pelo carcereiro e pelos seus homens de confiança. A partir de sua exposição, Koseritz apresentava algumas propostas que deveriam ser levadas ao chefe de polícia para que a situação pudesse ser resolvida, e novos casos fossem evitados.⁴³²

O debate em torno dos mais variados assuntos também traz à tona as divergência partidárias que se davam entre o Partido Liberal e o Partido Conservador. Diante da polarização partidária, Koseritz manifestava suas queixas em pronunciamentos, alegando que, às vésperas de uma eleição, pequenas resoluções se agigantavam pelas polêmicas que em torno delas se criavam.

Segundo Helga Picollo, no Rio Grande do Sul, os conservadores passaram a encontrar grandes dificuldades para alcançar suas pretensões políticas.⁴³³ Na década de 1870, encontravam-se enfraquecidos pela cisão gerada pela aprovação da Lei do Ventre Livre⁴³⁴, permitindo o avanço liberal na construção da hegemonia, em pleno domínio do Partido Conservador, que se estendeu até o fim do Império. Essa prevalência do Partido Liberal originou situações de antinomia na província: “presidentes de província conservadores x Assembleia Legislativa majoritariamente liberal”.⁴³⁵

Dentre as estratégias do Partido Liberal para assumir incondicionalmente as rédeas da política provincial, criou-se, em 1876, a Comissão Provincial permanente, dando poderes para que a Assembleia, que fora sempre de maioria liberal, interferisse na administração provincial.⁴³⁶ Tal situação, por exemplo, fez com que o clima político no Rio Grande do Sul, em 1886, se tornasse conflituoso, uma vez que

⁴³² *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1889, p. 19-23. Além da fala de Koseritz, constam nos Anais as entrevistas que se fizeram nas celas dos presos, indicando maus tratos que eram praticados pelo carcereiro da Casa de Correção de Porto Alegre.

⁴³³ PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. *Vida Política no Século 19*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1992, p. 59-60.

⁴³⁴ Segundo Picollo, foi o gabinete conservador responsável pela aprovação da Lei do Ventre Livre, no intuito de manter-se no poder, mesmo que muitos conservadores gaúchos fossem radicalmente contrários à medida. Idem, p. 59.

⁴³⁵ Idem, *ibidem*.

⁴³⁶ A Comissão Provincial era responsável em consultar sobre os negócios de interesse geral que pelo governo lhe fossem submetidos; deliberar sobre os interesses da administração diária regidos por leis provinciais, ainda mesmo sobre a nomeação e a demissão de empregados da província; fiscalizar a execução das leis e a aplicação dos dinheiros da fazenda provincial, representar a província em juízo, exercer as funções de tribunal de contas. A Comissão era dirigida pelo presidente da província, que tinha voto deliberativo. Idem, p. 60.

os conservadores dominavam o governo, na Corte e na província, e a maioria liberal, a Assembleia. O presidente provincial, o conservador Henrique Pereira Lucena, naquele mesmo ano, considerou vários projetos da Assembleia como inconstitucionais. Em reação, deputados liberais percebiam que nas atitudes do presidente Lucena encontrava-se abuso de poder, e promulgaram as leis tais como haviam sido aprovadas.⁴³⁷ Nesta cena, aparece novamente Koseritz, juntamente com o liberal Severino Prestes, atacando o presidente da província com veemência, enquanto os deputados conservadores Domingos dos Santos e Israel Barcellos o defendiam. Se encontramos uma grande agitação para esse momento, a legislatura para o ano de 1887 reuniu os partidos em relativa conciliação. Como destaca Sérgio da Costa Franco, as provas do entendimento encontram nos Anais da Assembleia, e fazem referência, também, a Koseritz.⁴³⁸

Do clima conciliador de 1887 ficaram provas nos Anais da Assembleia. No discurso em que von Koseritz (em 15/nov.) fazia críticas a determinados funcionários do governo provincial, apresentou escusas por talvez “introduzir uma nota dissonante no concerto do trabalho comum que tanto tem elevado e enobrecido a presente reunião da Assembleia”.

Como mencionado, Koseritz elegeu-se deputado provincial pelo Partido Liberal. No entanto, sua trajetória política está associada às relações que mantivera com os partidos, o que curiosamente o colocou, em momentos distintos, tanto no Partido Liberal quanto no Partido Conservador.⁴³⁹ Oberacker chama a atenção para o fato de que essa característica levou Koseritz a receber duras críticas, acusado, entre outras coisas, de volubilidade, e até de falta de caráter.⁴⁴⁰ A inconsistência de Koseritz, novamente pelas palavras de Oberacker, não deve ser analisada pelo viés da política pessoal, mas sim da política objetiva, na medida em que sacrificava antagonismos pessoais aos princípios ideológicos e aos objetivos políticos.⁴⁴¹ Oliveira também afirma ser correto dizer que a ligação partidária com o grupo dos

⁴³⁷ “Em reação à atitude do Presidente Lucena, a Comissão de Justiça opinou no sentido de que ele violara claramente o Ato Adicional, praticando ação contrária à norma expressa, o que seria ‘um verdadeiro crime’. E, em razão disso, propunha fosse ele denunciado ao Supremo Tribunal de Justiça (8/abr.)” Cf. FRANCO, *A Assembleia Legislativa...*, op. cit., p. 76.

⁴³⁸ FRANCO, *A Assembleia Legislativa...*, op. cit., p. 69, p. 78.

⁴³⁹ Nota-se, também, que Koseritz foi redator dos periódicos Liberal e Conservador.

⁴⁴⁰ OBERACKER, *Carlos von...*, op. cit., p. 57.

⁴⁴¹ Oberacker faz referência à oposição que Koseritz fizera ao ministro João Lustosa da Cunha – o Gabinete Paranaguá (1882-1883), e de como passara a admirá-lo, pela aplicação de medidas liberais de descentralização e maior autonomia local, como questões que incentivavam a abolição. Cf. OBERACKER, *Carlos von...*, op. cit., p. 57; KOSERITZ, *Bilder...*, op. cit., p. 66-68.

liberais influenciou seu comportamento político, embora “não parece ter sido decisiva a ponto de implicar uma subordinação incondicionada aos interesses do partido”.⁴⁴² Sua ligação com o Partido Liberal deve ser compreendida pelo programa público desse grupo, levando em consideração as medidas que versavam sobre a liberdade religiosa, reforma eleitoral, eleição de não-católicos e separação entre Estado e Igreja.

Em toda e qualquer questão [...], a disciplina partidária é rigor; e eu, de alto e bom som o declaro, nunca a ela serei refratário; mas quando se trata da aplicação das rendas da província, quando se trata dos interesses dos meus constituintes, eu me reservo a liberdade de quebrar por eles as lanças que puder, e fazendo-o, cumpro simplesmente o meu poder.⁴⁴³

Além disso, podemos considerar a entrada de Koseritz nos quadros do Partido Liberal diante da própria estratégia e dos interesses assumidos pela facção⁴⁴⁴, na medida em que buscou ampliar as suas bases políticas, arregimentando imigrantes e colonos alemães, “majoritariamente protestantes e que seriam beneficiados com o fim de uma religião oficial no Brasil. Corolário desta tomada de posição, foi a defesa, que o Partido Liberal fez, do voto aos acatólicos naturalizados brasileiros”.⁴⁴⁵ A maior prova seria, justamente, a consagração da Lei Saraiva, em 1881, quando eram os liberais os situacionistas, atuando na Assembleia Geral de acordo com o seu projeto partidário. De qualquer maneira, Koseritz tinha consciência das acusações que a ele eram dirigidas, como fez ao ser acusado de incoerência e versatilidade, por Júlio de Castilhos. Para tanto, usaria tais palavras: “O critério que me tem guiado em minha longa vida pública, tem sido um só: o amor à terra em que nasci e ao país que adotei como pátria. Meu juiz é a província que há longos anos me conhece [...]”.⁴⁴⁶

Como membro do Partido Liberal, fez-se presente em diferentes áreas coloniais para unificar a estrutura partidária local, ou para obter o apoio dos teuto-brasileiros nas eleições que elegiam os deputados provinciais. Nesse sentido,

⁴⁴² OLIVEIRA, *Colonização alemã e poder...*, op. cit., p. 90.

⁴⁴³ *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1883, p. 220.

⁴⁴⁴ É importante salientar a posição favorável assumida pelo Partido Liberal pela separação entre Estado e Igreja.

⁴⁴⁵ PICOLLO, *Vida Política...*, op. cit., p. 61-62.

⁴⁴⁶ *A Reforma*, 15/1/1885. Júlio de Castilhos procurou fazer algumas acusações a Koseritz, resgatando evidências de um republicanismo em alguns momentos de sua trajetória política, bem como a mudança de partido político que fizera.

podemos destacar a presença de Koseritz como representante do diretório liberal da província, em 27 de março de 1885, quando se reuniram os liberais de São João de Montenegro, na residência de Antônio Fernandes Chaves Sobrinho. Segundo o texto publicado no jornal *A Reforma*, de 31 de março de 1885, além das lideranças daquela localidade, faziam-se presentes políticos liberais da Costa da Serra, Maratá, Forromeco, Harmonia e Salvador, com o objetivo de discutir a antiga dissidência do partido, e reafirmar a união de todos os membros. Pelo registro do encontro, parece ter sido fundamental a presença de Koseritz para proclamar e brindar a coesão do grupo.

Ponderou mais o orador [Koseritz], que os liberais outrora dissidentes, haviam na eleição geral e provincial, assim como na última municipal, lealmente votado nos candidatos do partido e que portanto estava de fato feita a união da família liberal de S. João do Monte Negro, faltando somente proclamá-la de forma pública e solene. Concluiu, dizendo que ai findava sua missão, porque a eleição do futuro diretório assim como a designação de candidato para a próxima eleição municipal, eram negócios íntimos do partido, que deviam ser tratados em reunião posterior. Tendo o nosso companheiro em seguida pedido que opusesse suas razões, quem não concordasse com a unificação do partido, não houve quem pedisse a palavra, e portanto, proclamou C. von Koseritz a união dos liberais de S. João do Monte Negro, com adesão expressa de todos os assistentes.

[...].

Terminando S.S., propôs o nosso companheiro C. v. Koseritz um brinde ao distinto chefe liberal tenente-coronel Antônio Ignácio, que foi acompanhado com entusiasmo, encerrando-se em seguida os trabalhos da reunião.⁴⁴⁷

Outra movimentação local, em relação ao aspecto político de Koseritz, refere-se às iniciativas das quais tomou parte pela emancipação de Taquara do Mundo Novo, até então pertencente a Santa Cristina do Pinhal. Embora entrasse em conflito com elementos do Partido Liberal da região, como Chico dos Santos, Koseritz acreditava que a independência da localidade poderia possibilitar a ascensão do elemento teuto à administração do novo município.⁴⁴⁸ O apoio incondicional do político teuto-brasileiro foi importante para que Taquara alcançasse a autonomia, elevada à categoria de vila em 17 de abril de 1886. Theodor Bischoff, além de

⁴⁴⁷ *A Reforma*, 31/3/1885.

⁴⁴⁸ MOSSMANN SOBRINHO, Paulo Gilberto. Os deutsch-brasilianer na constituição política sul-riograndense, no final do século XIX: uma ameaça ao PRR no Alto Vale dos Sinos. In: RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio (orgs.). *A história da imigração e sua(s) escrita(s)*. São Leopoldo: Oikos, 2012, p. 1067.

colaborar com escritas sobre pesquisas ligadas às ciências naturais, encaminhou as notícias em torno das eleições provinciais, bem como os apoios dos teutos-brasileiros locais ao proprietário do *Koseritz' Deutsche Zeitung*.⁴⁴⁹

Para as eleições de deputado provincial, realizadas no dia 15 de dezembro de 1886, Koseritz expressaria a necessidade de apoio dos eleitores do 1º Distrito, fazendo-se valer da imprensa. Conforme o registro de suas palavras no jornal *Koseritz' Deutsche Zeitung*, estaria deixando o destino de sua candidatura para os seus amigos e eleitores.⁴⁵⁰ Igualmente, argumentava que, nos quatro anos em esteve na Assembleia, desempenhou sua obrigação, e foi um verdadeiro representante dos interesses da Colônia. Assim, conclamava: ninguém deveria permanecer em casa, para satisfação do governo da província, que pretendia impedir a vitórias dos candidatos liberais. Se todos fossem à urna, sua eleição estaria garantida.

Agradecimento: - O nosso companheiro C. v. Koseritz pede-nos a publicação das seguintes linhas:

AGRADECIMENTO

O abaixo-assinado faltaria ao seu dever se publicamente não agradecesse o benevolento acolhimento e as inúmeras manifestações de adesão e estima que por ocasião de sua viagem eleitoral lhe fizeram os dignos eleitores liberais de S. Leopoldo, Lomba Grande, Morro Pelado, Santa Cristina, Taquara, Santa Maria do Mundo Novo, Campo dos Pinheiros, Picada Solitário, Conceição da Palmeira, padre Eterno, S. Miguel dos Dois Irmãos, Hamburgerberg, Novo Hamburgo, Costa da Serra, Estância Velha, S. Pedro do Bom Jardim, Picada dos 48, 14 Colônias, S. José do Hortêncio, Linha Nova, S. Sebastião do Cai, Harmonia, S. Benedito, S. Salvador, Linha Bonita, Conde d'Eu, D. Isabel, Forromeco, Linha Feliz, Bom Princípio, Bom Fim, Passo do Cai, Maratá, S. João do Montenegro, Costa da Serra [sic], Morro do Generoso, Catharinenberg, Sant'Anna do Rio dos Sinos, Portão e Campo de São Leopoldo.

A todos e a cada um por si ofereço os meus sinceros agradecimentos e espero suas ordens para conscienciosamente cumpri-las.

Porto Alegre, 16 de novembro de 1884.

C. v. Koseritz⁴⁵¹

Para a compreensão dos quadros mais gerais da política, é importante destacar que o Partido Liberal, além de retardar as pretensões da ala conservadora,

⁴⁴⁹ *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 3/3/1886; 13/3/1886.

⁴⁵⁰ *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 20/11/1886.

⁴⁵¹ *A Reforma*, 18/11/1884.

ainda impediu que na década de 1870 se fundasse no Rio Grande do Sul, alinhado com a publicação do Manifesto, o Partido Republicano Rio-grandense. Este surgiu na província no ano de 1882, diante da expressão “conservadora” dos liberais. Ao final do período imperial, uma das polarizações mais significativas que se dariam na província, quando se fala na oposição entre liberais e republicanos. Nesse contexto, Koseritz encontraria outros oponentes políticos, como o deputado Joaquim Francisco de Assis Brasil e o redator do jornal *A Federação*, Júlio Prates de Castilhos.

A historiografia clássica, de maneira geral, tem apontado desvantagens para a colônia alemã com o advento da República, que até então, pela atuação do Partido Liberal, citando especialmente a figura do senador Silveira Martins, havia efetivado conquistas políticas aos habitantes dessa área.⁴⁵² Seria, portanto, um novo momento no qual os teuto-brasileiros acabariam por ser marginalizados. Tal percepção também é encontrada na opinião pública da época, ou seja, da aproximação entre liberais e pessoas de origem germânica. No entanto, como assevera René Gertz, algumas questões devem ser observadas para que essa impressão possa ser relativizada.⁴⁵³ Cita, por exemplo, a ligação de republicanos históricos a sobrenome alemão, como é o caso do primeiro deputado federal, o santa-cruzense Germano Hasslocher, bem como o papel da maçonaria como ponto de contato entre os republicanos e teuto-brasileiros. Por outro lado, constata-se que a visão de alguns membros do Partido Republicano sobre as colônias alemãs realmente expressava ressalvas.

No jornal *A Federação*, podiam ser lidos – no decorrer da década de 1880 – conteúdos daquilo que se costumava chamar de manifestações “nativistas” ou de alerta contra o “perigo alemão”, isto é, declarações no sentido de que a população de origem alemã da província faria parte – ou poderia vir a fazer – de um projeto de expansão imperialista da Alemanha.⁴⁵⁴

⁴⁵² René Gertz cita o estudo de Héglio Trindade, que destaca uma ruptura entre as colônias alemãs e a República implantada no Brasil. Cf. GERTZ, A República no Rio Grande do Sul..., op. cit., p. 41.

⁴⁵³ Idem, p. 40-41.

⁴⁵⁴ Essa mesma impressão pode ser encontrada em alguns membros do Partido Conservador. De acordo com Gertz, o jornal *O Conservador* manifestou a necessidade de imigração que não estivesse preocupada com o bem estar-pessoal, em referência à imigração alemã. Continuando, Gertz ainda destaca outra passagem do periódico, ao tratar como vergonha nacional a eleição de pessoas de sobrenome alemão para a Assembleia Provincial. Cf. GERTZ, A República no Rio Grande do Sul..., op. cit., p. 40.

No panorama da década de 1880, muitas polêmicas estabeleceram-se entre Koseritz e membros do Partido Republicano. As questões envolviam disputas políticas de diferentes naturezas, pautando reflexões a respeito dos mais diferentes cenários do país, e alimentavam uma crescente oposição entre os seus principais personagens.

Em 1885, alimentava-se uma interessante polêmica entre o jornal *A Reforma* e *A Federação*, colocando em lados opostos Koseritz e Júlio de Castilhos. O fato que motivou exaltadas manifestações de ambos os lados originara-se com a visita oficial da Corte Brasileira em Porto Alegre, representada pela presença do Conde d'Eu e da Princesa Isabel, acompanhados pelos filhos.⁴⁵⁵ A viagem havia sido planejada pelo Conde d'Eu em 1884, e teve passagens pelas províncias de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande Sul.⁴⁵⁶ Segundo Maria Luiza de Carvalho Mesquita, a excursão representava uma estratégia política, no intuito de aumentar o prestígio do casal imperial, que à época sofria duras críticas, aliado aos problemas de saúdes de D. Pedro II.⁴⁵⁷ Meses antes da chegada da Corte a Porto Alegre, os jornais locais já anunciavam a vinda ao Rio Grande do Sul, como se pode encontrar no *Koseritz' Deutsche Zeitung* do dia 25 de outubro de 1884. Noticiava-se “a nobre visita” que se daria em terras da província, reforçando a postura esperada do elemento alemão, através da expressão amistosa pelo espírito monárquico do seu povo e pelo amor à “Altíssima casa imperial”. Lembrava-se aos leitores que pela permissão da Casa Imperial é que os imigrantes alemães puderam colonizar esta terra.⁴⁵⁸ Ainda, as referências à princesa e ao conde, por parte de Koseritz, valer-se-iam das seguintes palavras:

As louvadas virtudes de seus distintos pais, quais sejam, bondade, caridade, fidelidade e amor pela terra e um profundo sentimento familiar, foram absorvidas plenamente pelos príncipes. É uma filha exemplar, esposa e mãe, um exemplo de virtudes caseiras. Tem um coração bondoso como só uma mulher nobre pode ter. Possui uma simplicidade marcante em suas aparições em público. Ama sua Pátria de todo o coração e é filha obediente, sempre que se trata do bem da

⁴⁵⁵ Em publicação de artigo, Francine Castoldi Medeiros faz uma análise desse episódio, destacando a questão de gênero na imprensa da época, bem como a representação feita pela princesa Isabel sobre o gaúcho. Cf. MEDEIROS, Francine Castoldi. A viagem da Princesa Isabel a Porto Alegre em 1885: a questão de gênero na imprensa escrita e a representação do gaúcho sob o olhar da princesa. *Textura*, Canoas, n. 18, p. 40-55, 2008.

⁴⁵⁶ A viagem tinha caráter oficial, e foi acompanhada por correspondentes de vários jornais da Corte.

⁴⁵⁷ MESQUITA, Maria Luiza de Carvalho. *O “Terceiro Reinado”*..., op. cit., p. 78.

⁴⁵⁸ *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 25/10/1884.

Pátria. É devota e tem fortes tendências para Roma – o que não agrada grande parte do povo brasileiro.

[...].

Seu esposo, Gastão D'Orléans, que pela segunda vez vem à Província, veio pela primeira vez em 1865 com o Imperador. Não fez então boa figura: jovem estrangeiro inexperiente, não soube captar a simpatia do povo.

Mas os tempos mudaram. Nas guerras do Sul, soube mostrar seu valor. É inteligente, culto e sabe ocupar com honra seu lugar no Conselho de Estado e na liderança das Forças Armadas. [...].

No Paraguai, mostrou seus talentos como comandante genial e sua atuação foi decisiva na parte final da guerra. [...].

Sempre se preocupou pelo progresso econômico e social sobretudo pela colonização e imigração. [...]. Segundo informações recentes, é a favor da colonização alemã e prefere mesmo esta a outras. Infelizmente ele tem boas relações com os jesuítas de cuja atuação muito espera.

O príncipe considera o Rio Grande do Sul a região mais aprazível de todo o mundo. É, também, admirador dos rio-grandenses e prefere seus soldados para o exército.⁴⁵⁹

Antes mesmo de trazer o debate para análise, voltaremos à data de 2 de janeiro de 1885, data de desembarque no cais da cidade de Porto Alegre e considerar algumas repercussões da presença imperial no Rio Grande do Sul. Nos meses de janeiro a fevereiro de 1885, encontravam-se as Altezas na Capital da província, permanecendo hospedadas na sede do governo local.⁴⁶⁰ O episódio passou a ter uma grande cobertura jornalística, destacando-se o *Jornal do Comércio*, que o tratava de maneira honrosa, e *A Federação*, cujo discurso centrava-se na direta oposição ideológica aos representantes da monarquia.⁴⁶¹

[...] as coberturas das festas feitas para homenagear os príncipes são relatadas de três modos diferentes. As mesmas manifestações que foram organizadas pelas sociedades de imigrantes alemães e italianos, realizadas na praça em frente ao palácio do governo nos dias 05 e 06 de janeiro, são descritas no *Jornal do Comércio* como um grande sucesso, com uma verdadeira multidão recepcionando os visitantes ilustres (JORNAL DO COMMERCIO, 07/01/1885). N'A *Federação*, ocorreu o relato da notícia das manifestações (bem mais

⁴⁵⁹ Koseritz' *Deutsche Zeitung*, 25/10/1884. Tradução de STEYER, *Aspirações da população de origem alemã...*, op. cit., p. 95-96.

⁴⁶⁰ A princesa Isabel fez-se presente em diferentes locais na capital da província, como a antiga Catedral, a Santa Casa, o Teatro São Pedro, o Mercado Público, a Escola Militar e o Hospital de Alienados São Pedro. Ainda, fez excursões a fábricas e a cidades próximas de Porto Alegre. Após Porto Alegre, seguiu a Pelotas, de onde retornou à Corte no início de março. Como destaca Medeiros, de sua viagem à região sul do Brasil também resultou um diário escrito por Dona Isabel, baseado em cartas endereçadas aos seus pais. Cf. MEDEIROS, *A viagem da Princesa Isabel...*, op. cit., p. 41.

⁴⁶¹ Em 3 de janeiro de 1885, o jornal *A Federação* publicava um artigo questionando os reais motivos da visita do Conde d'Eu e da princesa Isabel, e a pouca adesão à causa imperial.

sucinto), mas também há um artigo sobre o fracasso das mesmas, com poucas pessoas, praticamente nenhum entusiasmo e ainda com manifestantes dando “vivas” à república (A FEDERAÇÃO, 07/01/1885). Já em seu diário, a Princesa Isabel descreveu a impressionante quantidade de pessoas seu entusiasmo com a Monarquia, com a figura do Imperador e a linda festa organizada. Até comentou um pequeno “vivinha” à república que, segundo ela, logo foi abafado pela multidão.⁴⁶²

Em meio às várias expressões de honra às autoridades reais, ocorreu, na noite do dia 5 de janeiro, uma manifestação das sociedades teutas, com a intenção de reunir alemães e seus descendentes brasileiros, e prestar as devidas homenagens ao casal imperial. Tomaram parte daquele momento as sociedades de *Atiradores Alemães*, de canto *Frohsinn, Eintracht, Deutscher Verein, Orpheus, Porto-Alegrense* e *Leopoldina*, bem como membros das entidades *Germânia, Concórdia* e a sociedade italiana de Porto Alegre. A comitiva que se formava foi conduzida por duas bandas, pela Rua dos Andradas, passando pela Silva Tavares e a Duque de Caxias, chegando à praça do Palácio, enquanto as pessoas carregavam fogos de bengala, faixas e lampiões coloridos, bandeiras e os estandartes das sociedades. Diante da residência provisória, a população foi recebida publicamente pelo Conde d’Eu e pela princesa Isabel. Mais tarde, para um encontro particular no grande Salão do Palácio com os membros imperiais, formou-se uma comissão de honra, composta por Karl von Koseritz, como orador, A. H. Gundlach, Frederico Molz⁴⁶³ e João Poisl. Diante dos membros da realeza, Koseritz faria uma alocução, a qual seria relatada no jornal *A Reforma*.⁴⁶⁴

As 8 sociedades alemãs e brasileiras-alemãs, aqui representadas por sua comissão de honra, incumbiram-me de apresentar à VV. AA. II. as seguranças do seu profundo respeito e do sincero amor que votam à Imperial casa brasileira, por cuja prosperidade formulam ardentes votos.

É com verdadeiro e imenso júbilo que a leal população de origem germânica, existente nesta província, vê em sua Excelsa Herdeira do Trono Brasileiro, o seu Augusto Esposo e os seus gentis príncipes, preciosos penhores da monarquia no Brasil.

Excelsa princesa! Augusto príncipe!

Não podem ser postos em dúvida o amor que a grande maioria dos alemães e seus descendentes neste império dedicam à S. M. o Imperador e à sua Augusta casa, a fidelidade com que aderem ao

⁴⁶² MEDEIROS, A viagem da Princesa Isabel..., op. cit., p. 45.

⁴⁶³ Era presidente da *Sociedade de Atiradores Alemães* de Porto Alegre.

⁴⁶⁴ *A Reforma*, 8/1/1885.

princípio monárquico na qual enxergam a melhor garantia de um grandioso e brilhante futuro para este vasto e abençoado país.

[...].

Os manifestantes julgam-se neste momento fiéis interpretes da grande, da imensa maioria desses 100.000 alemães e descendentes de alemães que vivem em terras do Rio Grande e amam o império como uma verdadeira pátria.

Recebei, pois, em nome dessa grande população de origem germânica, que pensa como nós, os mais ardentes votos por vossa felicidade, que é ao mesmo tempo o futuro deste grande império.

Ao findar o encontro, segundo a descrição, a comissão voltou ao préstito. Em seu retorno, Koseritz teria levantado vivas à “nação brasileira, à S. M. o Imperador e à sua Casa Augusta, à Sereníssima Princesa Imperial e à S. A. o Príncipe Conde d’Eu, que foram entusiasticamente correspondidos pela imensa multidão ai reunida”.⁴⁶⁵ Em seguida, pronunciando-se em língua alemã, o conde agradeceu a expressão de fidelidade, e ressaltaria a importância da imigração germânica para o Brasil, saudando também vivas à nação e à colônia alemã, estendendo o ato aos teuto-brasileiros e à província.⁴⁶⁶ Koseritz daria vivas novamente à Corte, enquanto aplausos e cantorias finalizavam a grande cena. O jornal *A Reforma* ainda faria menção especial à manifestação, felicitando “os nossos hóspedes e compatriotas de origem germânica pelo brilhante êxito de sua manifestação e, sobretudo, como já dissemos, pela ordem e seriedade com que correu sua brilhante manifestação”.⁴⁶⁷

Como se percebe, registrava-se um engajamento por parte de alguns setores étnicos da sociedade gaúcha em prol da monarquia, por ocasião da presença da Casa Imperial na província. Nessas manifestações, encontravam-se sociedades germânicas, assim como demonstrado anteriormente, confirmando a intenção em reafirmar laços de fidelidade com o Império, impulsionados pelo papel de lideranças teuto-brasileiras, como aquela exercida por Koseritz. A constatação pode ser reforçada pelos movimentos que ocorreram posteriormente, como a visita dos príncipes à *Sociedade de Ginástica* e a *Sociedade de Atiradores Alemães*, no dia 6 de janeiro, com a participação de Frederico Molz e Koseritz.⁴⁶⁸ Mais uma vez, no dia 7 de janeiro, em torno das 20 horas, reuniu-se considerável público na Praça da Alfândega, incluindo as diferentes sociedades germânicas da capital – *Germânia*,

⁴⁶⁵ *A Reforma*, 8/1/1885.

⁴⁶⁶ Conde d’Eu era filho de Viktoria Franziska Antonia Juliane Luise von Sachsen-Coburg und Gotha, o que lhe propiciou contato com a língua alemã.

⁴⁶⁷ *A Reforma* 8/1/1885.

⁴⁶⁸ A realeza também teria visitado a casa de João Carlos Dreher, para conhecer a sua coleção de ágatas e outras raridades.

Leopoldina, Orpheus, Atiradores, Concórdia, Gymnástica, Frohsinn, Gemeinnützig, Deutscher Verein, Emancipadora Rio Branco e Eintracht –, especialmente convidadas para a “manifestação puramente popular”, como anunciava, no dia seguinte, o jornal *A Reforma*.⁴⁶⁹ A elas ainda somava-se a presença da sociedade italiana *Mutuo Socorro*. As representações traziam consigo as suas respectivas bandeiras, e seguiram em préstito, conduzidos por uma banda de música e pela bandeira do Brasil, ao lado de representantes, incluindo oficiais militares, funcionários públicos, homens do comércio, deputados gerais e provinciais, vereadores da Câmara. A procissão chegou diante da sede do governo, recepcionada, mais uma vez, pelo conde e pela princesa, que dirigiram à multidão palavras de exaltação à província.

O redator de *A Federação* não perdeu tempo em dirigir suas considerações, não poupando críticas sobre a presença dos príncipes do Império, nem mesmo a Koseritz. Uma seção permanente foi criada para noticiar a visita imperial durante as semanas seguintes, o que resultou na publicação de artigos, na primeira página do jornal, sob o título “Aos príncipes”. Nesse espaço, seria travado um grande embate, com acusações, defesas e respostas entre Júlio de Castilhos e Koseritz.

Dessa forma, a disputa teve início com o protesto do redator de *A Federação*, em 9 de janeiro de 1885. Castilhos, ao afirmar que Koseritz havia garantido o seu entusiasmo ao princípio monárquico e a um Terceiro Reinado, tentava denunciar o posicionamento contraditório de seu oponente. Para tanto, lembrava-se do texto publicado por Koseritz em 1883, no qual avaliava a *Exposição Pedagógica* no Rio de Janeiro, reproduzindo:

“Dizem que foi s. m. quem concebeu o projeto da Exposição Pedagógica, e eu piamente o creio; s. m. pensou bem que facilitar ao professor brasileiro o estudo dos métodos didáticos estrangeiros seria adiantar a causa da instrução.

Mas o sr. Conde d’Eu, ao qual foi confiada a direção da Exposição, tem *interesses muito diversos*, ele representa o futuro terceiro reinado (*quod Deus bene avertat*) e trata desde já de preparar a sua aliança com a *Companhia de Jesus*.

[...].

Estamos ameaçados de uma invasão jesuítica, mas o povo não a suportará, e há soberana imprudência na ostensiva que o 3º reinado concede àquela perigosa gente.

⁴⁶⁹ *A Reforma* 8/1/1885.

Enfim, *quos Deus vult perdere, prius dementat...*⁴⁷⁰.

Essas palavras de Koseritz foram ironizadas por Júlio de Castilhos, pondo em dúvida a fidelidade que dias antes havia publicamente pronunciado aos príncipes. Dizia Castilhos que o conde e a princesa não deveriam iludir-se por palavras que saíam da boca de muitos todos os dias, mas que estivessem atentos a quem “fala a verdade”, ao revelar “que a província do Rio Grande não é e não será uma convertida!”⁴⁷¹.

As reações que se fizeram logo a seguir evidenciavam o tom das divergências entre esses personagens políticos. Além disso, outras questões afloraram e serviam como munição para o ataque. Para tanto, é possível vislumbrar a discussão que se arrastara durante um mês na imprensa de Porto Alegre. De imediato, a reação de Koseritz foi publicar uma autodefesa, primeiramente no *Koseritz' Deutsche Zeitung*⁴⁷², cujo editorial foi traduzido para o português e publicado, a pedido de seu autor, no jornal *A Reforma*.⁴⁷³ Ao dar a primeira de muitas respostas ao seu opositor republicano, Koseritz acusava o jornal de acentuar a guerra à monarquia, o que, em sua concepção, aumentaria igualmente a energia em defesa das instituições e da dinastia imperial. Fazia questão de argumentar sobre os seus escritos de 1883, dizendo que não existia embaraço algum quanto aos seus pronunciamentos anteriores, não renegando a opinião anteriormente emitida, explicando ao público a sua atual atitude.

Tenho hábito de responder por minhas opiniões, e se em 1883, na Corte, julgava mais desabridamente os fatos e usava de frase mais rude, acentuando menos as minhas convicções monárquicas, foi porque então a propaganda republicana não passava na província para o terreno da agitação prática.⁴⁷⁴

A troca de acusações renderia uma seção ao longo das semanas seguintes. Koseritz, no jornal *A Reforma*, chegou a publicar suas opiniões, acusações e respostas sob o título “Convicções Monárquicas”, que se estenderiam do dia 11 de

⁴⁷⁰ Tratava-se de uma seção chamada de “Cartas da Corte”, espaço no qual Koseritz registrava as suas impressões sobre a visita à região sudeste, especialmente ao Rio de Janeiro. As cartas foram, mais tarde, reunidas, e deram origem ao livro *Bilder aus Brasilien*.

⁴⁷¹ *A Federação*, 9/2/1885.

⁴⁷² *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 10/1/1885.

⁴⁷³ *A Reforma*, 11/1/1885.

⁴⁷⁴ *A Reforma*, 11/1/1885.

janeiro a 6 de fevereiro de 1885.⁴⁷⁵ O mesmo título seria utilizado por Júlio de Castilhos, em sua tentativa de apontar as “grandes contradições e pasmosas incoerências” do representante liberal, que feriam os princípios da lógica e da moral, bem como de sua suposta habilidade em justificar, aos seus olhos, as suas contínuas mudanças do seu adversário, falando da postura republicana no jornal *Brado do Sul*, seu rompimento com Silveira Martins, em 1870, e posterior reaproximação, e as suas críticas ao Partido Liberal por meio do jornal conservador *Rio-Grandense*.

Em contrapartida, Koseritz valia-se de uma postura pragmática para justificar as incoerências delatadas por seus opositores. Reconhecia, enfim, a posição de adversário, mas na condição vigente diria: “Eu o sou e com orgulho e confesso, porque ser hoje apologista de Silveira Martins, é ser patriota no Rio Grande. Hostilidade é hoje trair a província”.⁴⁷⁶ Rebatia, igualmente, a denúncia sobre o sentido republicano em sua trajetória política, afirmando que sua bandeira, em alguns momentos, esteve ligada à defesa das franquias provinciais ou, até mesmo, na defesa das exigências dos ex-republicanos em face do Tratado de Poncho Verde, cujas estipulações não eram cumpridas. Além disso, quando se referiu a um sistema federativo, que privilegiasse uma descentralização que garantia mais autonomia aos municípios e ao Rio Grande do Sul, insistia sempre na federação monárquica: “desejo que as províncias sejam verdadeiros estados pela sua autonomia, mas ao mesmo tempo sustento a necessidade de ser mantido um poder central forte e homogêneo, cuja chave deve ser o Monarca, não dependendo da eleição popular”.⁴⁷⁷ Finalmente, em seus textos, acentuava-se seu posicionamento monarquista, considerando D. Pedro II a melhor garantia de paz e de progresso para o Brasil, incluindo votos de que a sua vida fosse longa, e de que um Terceiro Reinado fosse acontecer.

Considero e sempre considerarei a monarquia como única forma de governo compatível com o estado do país, haja ou não haja propaganda republicana.

Somente, quando não há esta propaganda ou melhor, quando ela não passa para o terreno da agitação prática, não há necessidade de

⁴⁷⁵ Koseritz chegou a publicar “Convicções Monárquicas” do I ao XIX, o que corresponde de maneira semelhante à quantidade de artigos produzidos por Júlio de Castilhos.

⁴⁷⁶ *A Reforma*, 11/1/1885.

⁴⁷⁷ *A Reforma*, 20/1/1885.

acentuar a atitude monárquica e é lícito usar-se de crítica mais severa para com o governo e para a própria coroa.⁴⁷⁸

As farpas partiam de ambos os lados. Para defender-se, Koseritz afirmava que o seu opositor valia-se de recursos enganosos, o que incluía a exclusão de palavras em citações apresentadas na *A Federação*, o que determinava a construção de outro sentido.⁴⁷⁹ Por outro, Júlio de Castilhos insistia na versatilidade de Koseritz, retomando diferentes excertos de alguns periódicos, em diferentes tempos, nos quais se poderiam identificar antigas críticas dirigidas a Gaspar Silveira Martins.⁴⁸⁰

[...] a nossa insistência resulta do propósito de deixarmos bem patente que o partido liberal na província, para rebater a nossa crítica e arremeter contra nós, serve-se da pena do mesmo homem que foi, não há muito tempo, o seu mais injusto e violento adversário (*A Federação*, 20/1/1885).

Mas o meu talentoso contendor não indaga do sentido dos argumentos, não abraça simpaticamente a questão, mas sujeita-a a uma análise casuística, procurando contradições da confrontação de palavras destacadas (*A Reforma*, 20/1/1885).

Estou realmente em dúvida se não será conveniente mudar a epígrafe destes artigos para outra, como por exemplo – incidente pessoal –, porque o meu ilustrado contendor, levado quiçá por alguma oculta simpatia, não obstante nossa divergência de crenças, parece exclusivamente empenhado em por em relevo a minha pequena e insignificante individualidade, discutindo-a de preferência a ideias, princípios e convicções (*A Reforma*, 23/1/1885).

Quem não sabe que para ele [Koseritz] regula o princípio – passado... passado, o presente é tudo?

Os seus leitores bem estão vendo diariamente como ele explica, de modo cabal aos seus olhos, a sua versatilidade política, as pasmosas contradições e as fenomenais incongruências do seu passado jornalístico (*A Federação*, 29/1/1885).

⁴⁷⁸ *A Reforma*, 16/1/1885.

⁴⁷⁹ Em uma de outras tantas discussões em *Convicções Monárquicas*, Júlio de Castilhos destacava a expressão pejorativa *planta exótica na América* utilizada por Koseritz em um de seus textos, para apontar uma de suas contradições, diante da defesa casa imperial brasileira. Em resposta, Koseritz atribuiu a expressão a outro contexto e significado, ao contrário das insinuações de Castilhos, dizendo que somente à sombra de uma planta dessas é que se poderia o país conservar-se unido e forte, poderia progredir e desenvolver-se o vasto império que forma os domínios do povo brasileiro. *A Reforma*, 17/1/1885.

⁴⁸⁰ Dos escritos de Koseritz sobre Silveira Martins, cita-se o jornal *Rio Grandense*, de 14 de janeiro de 1873, no qual se encontrariam as críticas proferidas ao chefe do Partido Liberal.

Em certo ponto, Koseritz chegou a reconhecer as mudanças pelas quais havia passado, buscando relativizar a rispidez da palavra versatilidade. Para tanto, diria que a “mocidade tem disso”, uma vez que aos “24 anos nos julgamos uns Catões, chamados a sentenciar os outros com toda a ferocidade da intolerância juvenil”.⁴⁸¹ Da mesma forma, refutando os argumentos do seu oponente republicano, que estaria limitado a discutir somente questões de sua individualidade, registrava uma leitura sobre a personalidade Júlio de Castilhos. Considerava ser de conhecimento de todos a figura de “bom moço, caráter honesto, espírito culto, talento apreciável e advogado que muito promete para o futuro por sua realmente extraordinária habilidade em fazer meadas e desfiá-las depois”.⁴⁸² Essa apreciação tornar-se-ia, mais adiante, refutável, tendo em vista o tom do debate e das agressões públicas que se alcançariam.

Durante a longa polêmica, Koseritz chegou a reconhecer suas hostilidades dirigidas ao Partido Liberal e ao próprio jornal *A Reforma*. Como membro do Partido Conservador, justificou que tal atitude lhe caberia como direito seu. Além disso, argumentava dizendo que, desde 1874, algumas coisas haviam se alterado, reconhecendo que a política da Coroa Imperial tornara-se constitucional e o Partido Liberal, chamado ao governo em 1878, apresentava-se, igualmente, constitucional. Tudo isso, na visão de Koseritz, constituía um jogo normal dos poderes públicos, que não havia mais causa para reação. Dizia, enfim, que “as reformas têm sido decretadas ou estão em elaboração; a eventualidade da revolução desapareceu e o partido liberal histórico é hoje francamente constitucional”.⁴⁸³ Para defender-se, o redator de *A Reforma* acusou Castilhos de fazer uso de um sistema de discussão miúda, pela qual, não achando outra base para as suas contestações, apegava-se à questão de palavras.⁴⁸⁴ Em torno do tema principal, saiu em defesa dos príncipes, fazendo menção ao interesse imperial em conhecer a realidade local, citando a visita que o casal realizara em São Leopoldo, em especial à Igreja Católica, o que, conforme Koseritz, teria despertado interesse, também, em conhecer o templo protestante. Diria, concluindo, que fatos como esse “são próprios para fazer conceber as melhores esperanças e confesso francamente, que a visita de SS. AA.

⁴⁸¹ *A Reforma*, 22/1/1885.

⁴⁸² *A Reforma*, 23/1/1883.

⁴⁸³ *A Reforma*, 28/1/1885.

⁴⁸⁴ Koseritz faria uso da palavra em alemão *Splitterrichter*, em referência à estratégia de Júlio de Castilhos de reproduzir palavras e fragmentos de textos presentes em escritos antigos, como nos jornais *Brado do Sul*, *Gazeta de Porto Alegre* e *Rio Grandense*. Cf. *A Reforma*, 29/1/1885.

II. à província, fez desvanecer a maior parte dos preconceitos que, individualmente, conservava contra SS. AA. [...]”⁴⁸⁵

Júlio de Castilhos, diante das declarações do oponente, considerou os protestos deploráveis. Um escritor, segundo ele, não deveria ser “forçado a abandonar a cada passo os seus princípios, ostentar volubilidade de opiniões, tornar-se versátil”.⁴⁸⁶ Insistia, entre outras questões, em demonstrar as lutas que Koseritz havia sustentado na província a favor da República, e contra a monarquia. Atacava dizendo que a presença dos príncipes na província encontrava-se sintonizada com o posicionamento oportuno do redator teuto-brasileiro, justamente para redimir-se das inúmeras referências hostis que dirigira no passado à Casa Imperial. Quando se encerraram as discussões, ainda tínhamos a seguinte reclamação por parte do representante republicano:

Ele começou sustentando certas ideias que foi negando no decurso da polêmica; em cada artigo que escreveu sempre teve uma retificação para o artigo anterior; nunca chegou a afirmar uma opinião definitiva; finalmente, revelou mais uma vez a habilidade e a astúcia de que tem dado tantas provas, mas não revelou, nem lógica, sem segurança de objetivo, nem orientação mental.⁴⁸⁷

A última declaração de Koseritz encontra-se no jornal *A Reforma* do dia 6 de fevereiro de 1885, um dia depois da despedida da princesa Isabel da visita que fizera a Porto Alegre. Foi o primeiro a retirar-se da polêmica, que se arrastou por quase um mês. Entre os motivos apresentados, mostrava-se ofendido por uma publicação do jornal *A Federação*, “em estilo chulo e chocarreiro, em outra seção da folha”⁴⁸⁸, assinada pelo pseudônimo “Hallevan”. O teor do texto girava em torno de uma sátira, e, embora não citasse nome algum, é possível identificar que se tratava de Koseritz. A escrita gira em torno de uma manifestação de defesa às alusões ofensivas à individualidade de alguém, versando sobre incoerência e versatilidade.⁴⁸⁹ Pelo que já descrevemos até aqui, é possível afirmar que o tema,

⁴⁸⁵ *A Reforma*, 27/1/1885.

⁴⁸⁶ *A Federação*, 23/1/1885.

⁴⁸⁷ *A Federação*, 7/2/1885.

⁴⁸⁸ *A Reforma*, 6/2/1885.

⁴⁸⁹ O texto é escrito em primeira pessoa, e sua retórica versa em defesa de alguém ofendido por “sujeitinhos de ontem, que nada valem, sem um passado, sujeitinhos que não pesam mais de 60 a 70 kilos, quando eu peso 95 antes do almoço”. É possível compreender que a defesa feita por Koseritz é posta de forma irônica, como mostram os trechos: “De um homem como eu não se tem o direito de exigir que seja coerente ao sabor de toda a gente; pode-se unicamente exigir que tenha bom peito, e, neste ponto, apesar de reconhecida modéstia...”; “Um homem, que, como eu, tem por si o latim, Büchner, São Vicente de Paula, Littré, todos os sábios desde os

em muito, relaciona-se à polêmica apresentada em 1885. Dias depois, *A Federação* faria seus últimos apontamentos em uma espécie de resumo da controvérsia, exposta no exemplar de 9 de fevereiro daquele ano.

Como se pode constatar, a presença dos príncipes imperiais em Porto Alegre rendeu um dos mais emblemáticos confrontos entre o representante liberal e o representante republicano. Júlio de Castilhos procurou apontar as contradições presentes em Koseritz: ora teria condenado o ultramontanismo da princesa e do conde, criticando a monarquia, que se encontrava vacilante, não inspirando entusiasmo, muito menos provocando adesões, ameaçada, portanto, de ruína, ora em defesa da instituição imperial, representada pela figura de D. Pedro II e de seus princípios de hereditariedade; ora contrário ao movimento liberal e ao seu representante Gaspar Silveira Martins; ora engajado em exaltar as proeminentes qualidades dessa figura política, bem como membro ativo do partido que, em outras circunstâncias, condenava; ora defendendo o sistema republicano, ora afirmando ser a monarquia a forma de governo mais adequada para o país. Sem renegar o seu posicionamento do passado, Koseritz defendia-se dizendo que as mudanças correspondiam aos seus diferentes momentos como homem da imprensa, além de destacar que seu pensamento liberal nunca esteve distante de qualquer atuação sua, mesmo enquanto membro do Partido Conservador. Reconhecia, num quadro evolutivo, aquilo que considerava ser inadiável – o advento da república. Porém, naquele momento, a monarquia ainda demonstrava-se como forma de governo mais adequada para o Brasil.

A polêmica gerada com a visita da Corte a Porto Alegre não se encerrou naquele momento. No Parlamento gaúcho, o assunto tornar-se-ia pauta de discussão, a pedido do jovem deputado republicano Assis Brasil.⁴⁹⁰ Na sessão de 10 de novembro de 1885, questionava-se o presidente da província sobre os gastos gerados pela permanência dos príncipes imperiais na Capital, e se o governo imperial havia indenizado a província pelos custos de sua permanência. “Gastou-se uma avultada quantia da província em consertar o palácio do governo, mobiliá-lo,

católicos até Renan e Strauss, todos os grandes vultos da ciência naquilo que eles têm de bom, não precisa da justiça de meia dúzia de invejosos obscuros e ineptos.” e “Eu sou um homem necessário, indispensável, vejo-me hoje festejado, procurado, abraçado, por aqueles mesmos que, ainda ontem, diziam de mim as mais feias coisas.” Cf. *A Federação*, 4/2/1885.

⁴⁹⁰ Conforme Franco, na qualidade de único representante do partido republicano, “aliada à sólida cultura, à juventude e a uma certa arrogância que sempre o acompanhou, faziam do novel deputado uma figura destacada nos debates do plenário”. Cf. FRANCO, *A Assembleia Legislativa...*, op. cit., p. 75.

embelezá-lo com o fim expresso de receber Suas Altezas”.⁴⁹¹ Tratava-se, para Assis Brasil, de uma calamidade pública. Koseritz e outros deputados da Assembleia saíram em defesa.

O que demonstramos, até aqui, faz parte das disputas que o político teuto-brasileiro travou com a ala republicana da província. Embora Koseritz não defendesse a instalação imediata do modelo republicano, porque ainda enxergava na organização monárquica a mais eficiente forma de governo para o Brasil, prontamente passou a respeitar o advento da República no Brasil, depois do dia 15 de novembro de 1889. Estava, contudo, errada sua previsão, em 1885, quando desejou que os seus opositores republicanos de *A Federação* não fossem protagonistas deste momento.

Quanto ao futuro, não posso provar que a maioria agente jamais será republicana; é possível que algum dia o seja, porque já disse e repito, que a evolução dos tempos conduzirá a este resultado, não só no Brasil, como em todo o universo; estou, porém, convencido, que quando realizar-se esta nova fase da evolução política, a maioria agente não será da república da *Federação*.⁴⁹²

À época da proclamação da República, Koseritz era membro do partido Liberal. Não se tornou, todavia, republicano, mantendo o seu apoio à organização monárquica, embora respeitasse o advento do novo regime institucional.

Entre outras questões, há que se ressaltar que a percepção do redator do periódico oficial do Partido Liberal não pode ser entendida como uma categoria para indicar o posicionamento de toda a “colônia alemã” no Rio Grande do Sul. Parte da historiografia tentou sustentar essa caracterização, colocado à margem do processo a população de origem alemã. A partir dela, surgiram considerações para dizer que o elemento teuto não teria participado da causa republicana, e os que atuavam na política, integravam o quadro dos partidos tradicionais.⁴⁹³ Certamente, faltam estudos para compreender a complexidade sobre a dinâmica política desse grupo étnico ao final do Império. Contudo, já seria suficiente para redimensionar a

⁴⁹¹ *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1885, p. 79-82.

⁴⁹² *A Reforma*, 21/1/1885.

⁴⁹³ Egon Frederico Steyer reforça esse ponto de vista, afirmando que pouca atuação tiveram os teuto-brasileiros no movimento republicano. Considera que não foram poucas as tentativas em arregimentar esse grupo étnico para o movimento, mas os resultados foram mínimos. Argumenta dizendo que o Imperador podia ter os seus defeitos, mas era visto como um bom patriota e garantiria a paz, segurança e tranquilidade. Cf. STEYER, *Aspirações da população de origem alemã...*, op. cit., p. 96-97.

problemática a partir de nomes como Germano Hasslocher – natural da colônia de Santa Cruz e vereador em Porto Alegre, Luís Englert – militante católico na Igreja São José de Porto Alegre, e Carlos Huber, destacado homem entre os alemães de Porto Alegre, também maçom e amigo de Júlio de Castilhos, todos eles importantes figuras ligadas à mobilização republicana, e que tiveram uma grande atuação junto às colônias alemãs.⁴⁹⁴ Como bem destaca Gertz, cabe lembrar que existiam grande diferenças entre as elites e as “bases” dentro das “colônias”.⁴⁹⁵ Koseritz pertence a uma elite política, ligada a uma comunidade teuta em contexto específico, que pode diferenciar-se de outros espaços que compartilhavam a mesma origem étnica. Nesse sentido, como lembra o historiador citado, os editoriais refletiam as posições de uma elite, o que não revela, igualmente, os setores mais amplos da população.

Se olharmos para aquilo que disseram os principais jornais logo depois da proclamação da República, vamos ver que o jornal da mais destacada liderança “colonial” do momento, Koseritz, manifestou sua contrariedade à nova forma de governo. Já o jornal do conservador ter Brügger escreveu que “como qualquer outra forma de Estado, também a republicana necessita de um partido sustentador, isto é, conservador, pelo simples fato de que, no decorrer do tempo, necessariamente surgirá alguma tendência radical”.⁴⁹⁶

A posição de Koseritz, às vésperas da Proclamação, acentuava sua antipatia ao modelo republicano, reforçando a afinidade com a Casa Imperial. Dentre as poucas imagens publicadas por jornais, estampava-se uma generosa imagem do Imperador, em comemoração à passagem do aniversário, no final de 1888.⁴⁹⁷

Figura 4: Imagem do Imperador D. Pedro II, no *Koseritz' Deutsche Zeitung*, de 1º de dezembro de 1888.

⁴⁹⁴ Como destaca René Gertz, permitir uma única categoria aos teuto-brasileiros, todos eles favoráveis ao governo monarquista, é corroborar uma impressão genérica, simplista, falsa e sem complexidade. Essa constatação indica a necessidade de aprofundar-se a questão. GERTZ, A República no Rio Grande do Sul..., op. cit., p. 41.

⁴⁹⁵ Ainda há outros exemplos de indivíduos indicados por Gertz. Cf. Idem, p. 42.

⁴⁹⁶ Idem, ibidem.

⁴⁹⁷ *Koseritz Deutsche Zeitung*, 1/12/1888.



Fonte: Imagem do autor.

Além disso, basta observar outros dois textos, um deles publicado em 20 de julho, e o outro em 28 de agosto, ambos em 1889, no *Koseritz' Deutsche Zeitung*. Segundo suas palavras, seria o fim da liberdade, da calma e da ordem se os republicanos viessem a assumir o poder, iniciando-se um período de guerras, revoluções e violência, como estaria ocorrendo nas repúblicas sul-americanas. Em sua visão, era necessário lembrar que os republicanos eram pouco simpáticos, de maneira geral, aos estrangeiros, mais ainda aos alemães. Até mesmo a esperança estaria comprometida para as pessoas de origem alemã. Tais conclusões saltavam aos olhos de Koseritz a partir das páginas do jornal *A Federação*, órgão oficial do Partido Republicano. Fazia alusão às palavras de Quintino Bocaiúva publicadas no jornal *O Paiz*, no qual dissera que os estrangeiros seriam “hóspedes privilegiados”, devendo comportar-se na política apenas como espectadores. Faz-se entender a pronta reação de Koseritz, pois suas considerações e seus projetos para os estrangeiros previam uma integração política, capaz de entendê-los como legítimos cidadãos brasileiros.⁴⁹⁸ Consumada a Proclamação da República, Koseritz ainda fez suas ponderações sobre as expectativas para com o novo governo. Em dezembro do mesmo ano, diria que a situação econômica e social em nada havia mudado,

⁴⁹⁸ Cf. *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 28/8/1889.

continuando os problemas do país sendo os mesmos, fato que causava grande expectativa na opinião pública. Se tudo ocorresse de maneira correta, a revolução seria legitimada.⁴⁹⁹ A simpatia em relação ao novo regime também crescia, e fazia sentir-se em passagens de seus jornais, na medida em que se passou a elogiar a atuação do governo provisório de Deodoro da Fonseca, cumprindo com as promessas levantadas pelo movimento, mas fazendo ressalvas à necessidade de voltar ao Estado de direito.⁵⁰⁰

As rixas partidárias e ideológicas aprofundaram o isolamento de Koseritz, logo após a Proclamação da República. A isso se soma a própria situação do falecimento repentino, no final de maio de 1890, depois de permanecer confinado em Pedras Brancas, na chácara de José da Silva Teles. Seria o preço das disputas que se pontuaram durante a década de 1880, e a sentença final, dada pelos seus oponentes.

Nos quadros da política, compreende-se que Koseritz se faz presente em diferentes espaços sociais, o que supõe a presença de uma pauta de negociação. A sociabilidade, entre outras questões, possibilitou arrematar apoio para as mais diversas causas. O alcance da dimensão política, assim como o engajamento intelectual, científico e liberal, dependeu dos esquemas relacionais que foram mobilizados e que permitiram uma representatividade importante para sua atuação e para a história política da província.

Assim o vemos, por exemplo, na relação de encontros e divergências que se estabeleceu com a liderança do Partido Liberal, Gaspar Silveira Martins. Essa figura política é entendida como uma das mais emblemáticas lideranças liberais das décadas de 1870 e 1880 no espaço regional e nacional da política do Império. Em relação a ele, temos a declaração pronunciada por Koseritz, em 1885.

Fui adversário do meu atual chefe em época [...]; no dia, porém, em que Silveira Martins realizou as reformas que prometeu, em que dotou a província com grandes melhoramentos, em que abriu as portas do parlamento aos acatólicos e naturalizados e conquistou ao Rio Grande uma influência política que nunca antes tivera, nesse dia, digo, quebrei minha pena de opositorista, como honrada e patrioticamente devia fazê-lo.

⁴⁹⁹ Koseritz' *Deutsche Zeitung*, 4/12/1889.

⁵⁰⁰ STEYER, *Aspirações da população de origem alemã...*, op. cit., p. 99.

Estou hoje inteiramente identificado com a política rio-grandense do conselheiro Martins, reconheço-o incondicionalmente como chefe e sou seu fervoroso apologista.⁵⁰¹

No entanto, as relações deram-se de maneira diferente ao longo do tempo, a lembrar, por exemplo, da aproximação que ocorreu com o projeto que dava origem ao órgão da imprensa liberal, e o posterior afastamento entre ambos, por motivo das guerras Franco-Prussianas, em 1870 e 1871. Nesse momento, desenhava-se uma profunda ruptura, que passou a incluir questões pessoais, com ofensas a Koseritz, o que mais tarde passou a ser superado pela admiração da postura de Silveira Martins em defesa da grande naturalização, da inclusão de não-católicos no sistema eleitoral e da instituição da liberdade religiosa. Vale ressaltar o episódio que encontrou ampla repercussão nos quadros políticos e nas regiões coloniais ao demitir-se do cargo de Ministro das Finanças no Gabinete Imperial, em 1879. As relações seriam reatadas, definitivamente, com o retorno de Koseritz ao Partido Liberal, no início da década de 1880. As gentilezas tornaram-se elementos obrigatórios da retórica de ambas as partes, seja vista, por exemplo, pela biografia honrosa publicada no *Koseritz' Deutscher Volkskalender* de 1881, ou pelo discurso entusiasmado em defesa do representante teuto-brasileiro na Assembleia da província, em 1883. Além disso, em 1887, Silveira Martins tornar-se-ia novamente o centro das atenções, quando levou ao Parlamento do Império uma petição reivindicando a liberdade religiosa, desencadeando homenagens a sua pessoa, ao retornar a Porto Alegre. Naquela ocasião, Silveira Martins pronunciou discursos enaltecendo o elemento teuto-brasileiro, ao passo que “aceitava com muita honra o título de chefe dos teuto-brasileiros e que não havia outro título que o honrava mais”.⁵⁰² Segundo suas palavras, a admiração que tinha pelo povo alemão também se fazia valer para o campo político, pois a exercia com “método, espírito crítico, buscando a verdade e objetivos ideais”. Superadas as variações de relação, do ponto de vista de Oberacker⁵⁰³, Koseritz soube utilizar a figura de Silveira Martins, para que este se tornasse um dos políticos de maior prestígio e influência, também entre os teuto-brasileiros.

As saudações a Silveira Martins expressavam o entusiasmo frente às conquistas no campo político. Grande exaltação à sua figura era estampada no

⁵⁰¹ *A Reforma*, 11/1/1885.

⁵⁰² STEYER, *Aspirações da população de origem* alemã..., op. cit., p. 93-94.

⁵⁰³ OBERACKER, *Carlos von*..., op. cit., p. 60.

*Deutsche Zeitung*⁵⁰⁴, pela aprovação da elegibilidade aplicada a não-católicos e naturalizados. Sob o título “Triunfo de uma ideia”, seguiam-se aclamações ao conselheiro de Estado Silveira Martins, ao gabinete Saraiva e à honra de todos os senadores que haviam votado pela aprovação da medida, no dia 28 de dezembro de 1880. Os nomes de Germano Hasslocher, Karl von Koseritz, Frederico Haensel, F. Breyer e João Bastian encontravam-se subscritos para a convocação transmitida a teutos e teuto-brasileiros para a consulta que previa a organização de uma comemoração, logo depois das recentes notícias provindas da capital do Império. Diante da conquista, Silveira Martins era reverenciado na imprensa de língua alemã como “apóstolo dos alemães”⁵⁰⁵, o que dava destaque à ideia de que a sua participação havia sido fundamental para ajudar os alemães a fazer do Brasil, de uma vez por todas, a sua segunda pátria.

Se algumas das mais importantes conquistas políticas foram defendidas por nomes proeminentes do Partido Liberal, Koseritz entendeu em outras ocasiões que era possível fazer da existência de um partido colonial a força necessária para alavancar os interesses da germanidade no Rio Grande do Sul.⁵⁰⁶ Compreendia, ao mesmo tempo, que a criação de uma organização política tal como imaginava dependeria de uma imigração em massa de alemães, para proteger os interesses e sustentar as reivindicações dos teuto-brasileiros com eficácia. A sugestão parece não ter surgido de maneira isolada, como demonstra a referência de Koseritz à proposta do jornal *Landwirtschaftliche Zeitung – Jornal Agrícola*, quando acenava positivamente a favor da realização de um Congresso Colonial e pela criação de um Partido da Colônia. Em artigo, defendia quatro grandes questões que tocavam profundamente a vida e o futuro da colônia e, conseqüentemente, deveriam nortear o programa do Congresso, com destaque para a ampliação da instrução agropecuária e de novas culturas, por meio de associações, para acordos sobre procedimentos relativos ao trânsito e ao transporte de mercadorias para a colônia, para a questão das escolas e para a proposta de alteração no sistema de impostos.⁵⁰⁷ Essas bandeiras deveriam ser levantadas, segundo Koseritz, sem orientações e tendências partidárias, e passou a apontar para uma imprensa que, segundo ele, advogava por esse caminho, como o jornal *Deutsche Presse* de

⁵⁰⁴ *Deutsche Zeitung*, 1/1/1881.

⁵⁰⁵ *Deutsche Zeitung*, 5/1/1881.

⁵⁰⁶ OBERACKER, *Carlos von*..., op. cit., p. 59.

⁵⁰⁷ Koseritz' *Deutsche Zeitung*, 20/5/1882.

Pelotas, *Germania* de São Paulo e *Blumenauer Zeitung* de Blumenau. Por outro lado, apresentava algumas conjecturas para o campo político, naquilo que dizia respeito a um Partido da Colônia, e não um Partido Teuto-Brasileiro, como afirmava. Por meio dele, se reuniriam não somente alemães, mas todo elemento nativo diretamente ligado aos mesmos interesses, incluindo imigrantes de outras nacionalidades. Mas era realista nesse ponto: entendia que a estrutura de um Partido da Colônia só seria possível pela substituição dos partidos históricos por um novo agrupamento, e, mesmo assim, estaria condicionado à ampliação das conquistas no campo dos direitos civis. Pelos seus cálculos sobre o número de eleitores, a viabilidade da proposta dificilmente alcançaria um espaço mais expressivo. Ao levantar essas problematizações, chegou à conclusão de que a realização do Congresso deveria ocupar-se somente com as necessidades mais imediatas da colônia, e afastar-se das questões em torno da criação de um Partido da Colônia.

3.3 Leituras do Brasil

A terra que o acolheu em 1851 tornou-se para Koseritz sua “segunda terra natal”. Aos seus olhos, compreendia as potencialidades e apontava os entraves para o desenvolvimento de sua província e do seu país. Suas percepções movem-se por diferentes espaços, desde as áreas coloniais aos mais amplos recortes geográficos, incluindo o Rio Grande do Sul, o Brasil e a Europa. Suas impressões e interpretações sobre os lugares e as pessoas originavam constatações, desafiavam autoridades, suscitavam polêmicas e mobilizavam ações. A tudo isso, acrescentava-se a força das suas palavras, materializadas nas páginas dos mais diversos jornais. Sua leitura sobre a realidade do Brasil fez-se apoiada em concepções ideológicas que recentemente ganhavam força nos quadros do século XIX, em diálogo com diferentes vanguardas brasileiras e europeias, permitindo a constituição de interfaces com movimentos de grande repercussão intelectual. É assim, por exemplo, que se encontra em Koseritz um pensamento voltado para o liberalismo, mesmo com limitações, para o papel da imprensa, para o significado da liberdade política e religiosa e, igualmente, para o dinamismo de uma economia mais apropriada às circunstâncias do capitalismo. Seus escritos, enfim, despontavam em

meio às teorias baseadas em noções de liberdade e progresso, herdeiras ainda do movimento iluminista do século XVIII, bem como dispostas a romper com a racionalidade e a filosofia metafísicas, tão questionadas pela cientificidade naturalista.

Nesse aspecto, a análise do contexto econômico do país no século XIX permite reforçar a originalidade do pensamento de Koseritz, em especial pela sua capacidade em avaliar e discutir aspectos fundamentais de sua realidade e de seu contexto. Dessa maneira, a obra *Resumo de economia nacional, especialmente aplicado às circunstâncias atuais do país* apresentava uma discussão técnica para o campo econômico, valendo-se, para tanto, dos clássicos contemporâneos do liberalismo para empreender uma leitura crítica para as regras da economia nacional. Renato Saul tratou a produção como uma das mais importantes tentativas brasileiras, daquele século, em aplicar alguns conceitos liberais – incluindo propriedade alienada e trabalho assalariado – aplicados à realidade do país.⁵⁰⁸ A obra, lançada em 1870, foi dedicada a Thimoteo Pereira da Rosa, que, entre outras funções – advogado e juiz –, dedicou-se aos trabalhos da Assembleia Provincial, presidindo-a em 1862 e 1877.⁵⁰⁹ Tratava-se de uma compilação de textos, que por ele eram chamados de “meros ensaios”, e que anteriormente haviam sido redigidos em diferentes épocas para alguns periódicos de Porto Alegre. Era, portanto, resultado de suas produções na imprensa local. No ano em que foi lançado, é possível encontrá-lo anunciado em diferentes jornais da época, como na *Gazeta de Porto Alegre*, que apresentava propaganda de venda da obra, disponível na Livraria Americana, com lojas em Pelotas e Porto Alegre.⁵¹⁰

Quando esteve na Corte Imperial, no ano de 1883, conforme registro em *Bilder aus Brasilien*, Koseritz chegou a entregar a D. Pedro II, em audiência pública, um exemplar de seu livro. O presente para o Imperador demonstrava a importância que ele mesmo atribuía à obra, digna de ser apreciada pelo monarca brasileiro.

Finalmente pedi-lhe permissão para lhe oferecer um exemplar da minha “Economia Nacional”, ao que ele gentilmente acedeu. Ele ainda não conhecia o livro, colocou-se sob um bico de gás e folheou-o, e

⁵⁰⁸ SAUL apud GERTZ, René (org.). *Karl von Koseritz. Seleção de Textos*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999, p. 15.

⁵⁰⁹ Cf. PORTO-ALEGRE, Achylles. *Homens Ilustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1917.

⁵¹⁰ A questão demonstra que os livros de Koseritz não eram comercializados exclusivamente por uma livraria, em especial a *Gundlach & Comp.*. Cf. *Gazeta de Porto Alegre*, 15/5/1880.

quando eu lhe disse que o livro tinha aparecido em 1870 e era o primeiro manual de economia nacional no Brasil, objetou-me que um marquês de Soundso [fulano de tal] já antes disso tinha publicado estudos sobre o mesmo assunto. Observei então que esta obra me era desconhecida, mas que eu tinha lido um antigo trabalho sobre economia nacional, as “Memórias ecônomo-políticas” de Antônio José Gonçalves Chaves, que sua Majestade talvez não conhecesse.

[...].

Depois de uma demorada conversa sobre o assunto disse-me Sua Majestade que lia o meu livro, e despediu-se com um longo aperto de mão, desejando-me boa viagem.⁵¹¹

Seu compromisso era pretencioso: fazer uma leitura do Brasil, e contribuir para o progresso econômico do país, bem como preencher a lacuna na literatura nacional sobre tal assunto. Observava que a oferta, segundo suas palavras dirigidas aos leitores, “era pequena, deficiente sem dúvida, mas é filha dos melhores desejos e por isso espero que seja aceita com indulgência”.⁵¹² A obra *Resumo de economia nacional* configurava-se como um exemplo explícito da orientação de viés liberal. Por meio dela, expressava uma releitura de alguns clássicos para o estudo da economia de mercado, demonstrando a apropriação teórica que fazia aos estudos de escolas europeias sobre o tema. Vale lembrar que, naquele momento, eram poucas as produções que se ocuparam em discutir a temática para o Brasil. Koseritz reivindicava para os seus escritos, inclusive, o status de estudo avançado para a sua época, embora tais ideias não compusessem um ineditismo universal. Considerava o seu livro como sendo o primeiro manual de economia nacional no Brasil. Previa que seu projeto inicial poderia ser ampliado, caso a recepção ao primeiro volume o animasse à continuação do trabalho, fazendo “imprimir um segundo, que tratará da aplicação das teorias econômicas à vida dos Estados, e com especialidade das partes dela, que se referem às finanças e aos sistemas de impostos, assim como à economia rural, industrial e comercial”.⁵¹³ Um segundo volume, no entanto, nunca foi apresentado.

Além disso, a referência a obras consagradas sobre considerações econômicas, incluindo estudiosos europeus, revela a circularidade de ideias que passa a encontrar terreno cada vez maior no Brasil, especialmente quando se fala em século XIX. Não obstante, Koseritz procurou expor as concepções da ciência

⁵¹¹ KOSERITZ, *Imagens...*, op. cit., p. 92.

⁵¹² KOSERITZ, Karl von. *Resumo de economia nacional, especialmente aplicado às circunstâncias atuais do país*. Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, 1870, p. 5.

⁵¹³ KOSERITZ, *Resumo de economia nacional...*, op. cit., p. 6.

econômica liberal, fazendo uso da própria realidade, que implicasse numa análise única e crítica do país. Construía-se um ponto de aproximação, entre a escola europeia e a intelectualidade brasileira. Em suma, o liberalismo se fazia compreender no Brasil pela experiência e pela argumentação de Koseritz.

Não se sabe qual foi a tiragem da obra, e qual o público que de fato ela atingiu. Da mesma forma, não é possível mensurar o impacto que ela provocou nas discussões sobre o liberalismo na economia do Brasil, as apropriações que o público leitor fez a partir da sua leitura, os espaços sociais em que ela se fez presente, ou se suas ideias foram acolhidas pelas autoridades do governo.

A principal referência que orientou a organização do livro – o que pressupõe uma relação muito próxima entre a análise e as proposições de Koseritz com o as escolas europeias –, provinha do economista Max Wirth⁵¹⁴, tido como o mestre e guia principal para o tema em questão, e por ele chamado de “o grande publicista”, e “um dos faraós da ciência”. É visível, ainda, uma semelhança entre a organização que Wirth fizera em sua obra *Grundzüge der Nationalökonomie*, dividida em 3 capítulos – *Geschichte der Volkswirtschaft*, *Grundbegriffe der Volkswirtschaft* e *Die Wirtschaftliche Bewegung* –, e aquela que foi apresentada por Koseritz e que pode ser considerada uma tradução literal: *História da Ciência*, *As ideias Fundamentais da Ciência* e *O movimento econômico*. As semelhanças encontram-se, inclusive, na organização e distribuição dos subtítulos de cada um dos capítulos.

É notável a presença dos preceitos liberais que Koseritz apresentou em seu estudo econômico, orientação que também reconhecia já de início, citando autores como Adam Smith, Bastiat, Carey, Boscher, J. B. Say e Stuart Mill. Em nota introdutória, retoma os princípios do liberalismo, e coloca a noção de trabalho como fundamento da condição da vida humana. Seu discurso dualiza a questão do trabalho e do gozo, encontrando razões históricas para compreender o peso que ambas têm para a sociedade. Nesse sentido, por exemplo, retomava-se a concepção de trabalho vinculado ao contexto do Império Romano e da Idade Média, o que explicaria o fim de suas sociedades, bem como a ideia de escravidão presente em todos os tempos. Reconhece as extremidades de cada ponta – trabalho e gozo –

⁵¹⁴ Nascido em Breslau, é conhecido como Max Wirth, um importante jornalista e economista do século XIX. Teve passagem no curso de direito da Universidade de Heidelberg, na Alemanha, e seguiu a carreira como redator de jornal. Para o campo econômico, citam-se obras como *Grundzüge der Nationalökonomie* (1855), *Geschichte der Handelskrisen* (1858), *Die deutsche Nationaleinheit in ihrer volkswirtschaftlichen, geistigen und politischen Entwicklung* (1859), *Deutsche Geschichte im Zeitalter der germanischen Staatenbildung* (1862), *Die Hebung der arbeitenden Classen durch Genossenschaften und Volksbanken* (1865), entre outros.

, afirmando “que trabalho sem o gozo destrói as faculdades físicas e morais, desmoraliza e aniquila”. Segundo o autor, seria a escravidão a “maldição de todas as épocas”.⁵¹⁵ Não obstante, percebe-se que já na década de 1870 Koseritz valia-se de uma leitura liberal, calcada diretamente nas reflexões do “evangelho do mundo material” de Adam Smith sobre a *lei do trabalho*, para tratar sobre a temática escravagista.

Os problemas que dificultavam o progresso das nações, segundo Koseritz, residia na ignorância, no desprezo e na errônea apreciação das leis naturais, do caráter do capital e das leis da economia política. O erro do sistema mercantil, portanto, ainda se fazia sentir no Brasil, e era a causa para explicar a decadência de outros países. Portanto, o maior empenho da imprensa deveria ser o de esclarecer os povos sobre os “dogmas desta ciência, que é quase uma religião”, na tentativa de fazer com que os princípios fundamentais dessa ciência encontrasse culto entre os habitantes do Brasil, além de aplicar as recentes conquistas desse campo do conhecimento “ao estado atual do país”, repelindo às “trevas” os tantos empecilhos que dificultavam o progresso da nação.⁵¹⁶

Como destacado, *Resumo de economia nacional* apresentava-se estruturalmente organizado em três partes. O primeiro capítulo trazia uma síntese histórica, através dos séculos dos principais fatos da economia política, análise que é calcada nos princípios da racionalidade iluminista de progresso e de evolução. Por outro lado, Koseritz fazia menção ao fato de que os historiadores deveriam recorrer às leis regulamentares da economia política para encontrar as razões suficientes dos sucessos na vida das nações, “porque as formas de governo dos povos se acham sempre em proporção exata com as condições econômicas do respectivo país”.⁵¹⁷ Os fatos históricos poderiam ser compreendidos quando fossem reduzidos aos princípios econômicos, o que levava o autor a dizer que a economia política era a irmã primogênita da história. A partir dessa percepção, Koseritz detém-se a esclarecer elementos sobre a economia, como capital, trabalho e comércio, ligados aos períodos da Antiguidade Clássica, da Idade Média e do Sistema Colonial e Mercantil. Discorreu sobre a origem dos bancos e os abusos presentes no sistema bancário e o sistema de crédito, bem como as sucessivas crises comerciais

⁵¹⁵ KOSERITZ, *Resumo de economia nacional*..., op. cit., p. 9.

⁵¹⁶ Idem, p. 11.

⁵¹⁷ KOSERITZ, *Resumo de economia nacional*..., op. cit., p. 17.

enfrentadas pelo mundo capitalista. Para finalizar a primeira parte, contemplavam-se, ainda, aspectos sobre a construção da nova ciência econômica, desde o economista escocês John Law até os fisiocratas franceses e as teorias do rei Frederico II da Prússia, passando pelas mudanças econômicas oriundas do contexto revolucionário francês até os nomes mais imponentes da nova ciência econômica, em especial, Adam Smith.

Na segunda parte da obra, sua abordagem ainda passa por reflexões teóricas, escolhendo princípios fundamentais da dinâmica da ciência econômica, analisando-os de maneira independente, tais como a produção, o trabalho, o capital, o valor, o preço, o dinheiro, o salário do trabalho, o lucro, a renda territorial e a propriedade. No terceiro e último capítulo, a proposta segue no sentido de recompor o movimento econômico, reforçando mais uma vez as concepções liberais. Nessa parte, encontram-se subtítulos como a lei do progresso humano, instrumentos e máquinas, o espírito econômico, a renda, a distribuição da fortuna, o consumo, a concorrência e a rotina, a permutação, o comércio, mercado, a lei do aumento da população, escolha das profissões, o crédito, a letra, os bancos e suas transações e, finalmente, o estado e a economia nacional.

Sem desprezar a riqueza do texto, que se manifesta pela habilidade de Koseritz em dialogar com a historicidade do tema, e pela apropriação que faz dos preceitos teóricos do liberalismo econômico europeu do final do século XVIII e início do XIX, a intenção aqui é a de apresentar algumas reflexões a partir dos elementos que são levantados pelo autor, que são indícios para compreender suas concepções acerca da temática, e que revelam uma leitura crítica sobre o Brasil, especialmente na segunda metade do Dezenove. Não se trata de elementos exclusivos para a análise sobre a economia. A percepção de Koseritz é mais ampla, também nesta obra, e traz noções fundamentais de um pensamento mais vasto sobre a realidade. Ao mesmo tempo, tais elementos condizem com as reflexões realizadas em outros espaços, como se pode constatar em artigos publicados na imprensa. Todavia, é interessante constatar a transcrição do modelo liberal empreendida pelo autor para os quadros econômicos da nação imperial, com adequações ou também limitações.

Em vários momentos, Koseritz aponta para uma verdadeira pujança para o país, diante das suas riquezas naturais e das possibilidades produtivas. Faz menção ao potencial, dizendo que “forças gratuitas da natureza cooperam em imensa escala para o bom êxito dessas indústrias naturais e facultam ao Brasil vantagens, que o

habilitam a concorrer, não obstante possuir menos capital, em identidade de condições com outros países produtores do mesmo gênero”.⁵¹⁸ O Brasil, segundo suas palavras, possuía vasta extensão, de ubérrimas terras, rica em matas, ótimos sistemas hidrográficos, abundantes jazidas minerais e um considerável número de agentes naturais, que aguardariam o momento para serem explorados. Assim, oferecendo “o aumento da população o trabalho que ainda falta e o capital, que sempre o acompanha, oferecerá o Brasil o mesmo espetáculo ao mundo, que lhe foi oferecido pela grande União do Norte”.⁵¹⁹

A presença de mais pessoas aptas ao trabalho, associado à livre circulação de diferentes mercadorias, a divisão do trabalho, que era considerada o mais poderoso instrumento do progresso e da civilização, bem como o incentivo temporário do Estado brasileiro às indústrias de base nascentes deveriam colocar-se como um contraponto ao “pesadelo protecionista”, inclusive aquele aplicado às importações. Koseritz, ao reconhecer as capacidades de desenvolvimento da nação, percebia no Estado a responsabilidade em contribuir para seu desenvolvimento econômico, assumindo, inicialmente, determinadas tarefas que logo pudessem ser tomadas pela iniciativa particular. Somava a isso a necessidade de construir mais estradas, canais e vias férreas, que facilitassem o transporte e a exportação, uma das principais circunstâncias que influenciavam o comércio.

O nosso maior mal, o maior impedimento para a nossa produção e para o nosso comércio, é a falta de boas vias de comunicação. Venham elas: abramos as portas, tracemos estradas de ferro, rasguemos canais onde forem necessários, - e nenhum país do mundo poderá rivalizar com o Brasil em riqueza e importância comercial, porque nenhum outro dispõe de tanta matéria-prima e em nenhum são tantos os agentes naturais que gratuitamente podem ser postos ao serviço da produção.⁵²⁰

Ao fazer referência ao passado colonial, julgava-o ineficiente, até mesmo para Portugal. Sua constatação partia do fato de que a exportação de Portugal para o Brasil havia triplicado desde a Independência, o que se estendia também ao mercado dos Estados Unidos e da Inglaterra, quinze vezes maior, se comparado aos tempos coloniais. Portanto, o Brasil exigiu “muito trabalho e dinheiro a Portugal enquanto colônia, chegado à idade viril, separou-se da mãe-pátria, desenvolveu-se

⁵¹⁸ KOSERITZ, *Resumo de economia nacional*...., op. cit., p. 334.

⁵¹⁹ Idem, p. 351.

⁵²⁰ Idem, p. 331.

livre e independentemente e é hoje o melhor freguês, o mais forte arrimo da antiga metrópole”.⁵²¹

Assim como desvelou julgamentos ao modelo protecionista, criticava a desigualdade na distribuição da fortuna. Referia-se a uma distribuição dos bens consideravelmente desigual, embora a verdadeira pobreza fosse desconhecida, em virtude da relativa diminuta população do Brasil e da generosa natureza do país. Alertava, para tanto, que os estadistas do império deveriam “pensar seriamente no futuro e não negligenciar coisa alguma para impedirem que mais tarde se deem males idênticos aos que afligem muitos países da Europa”.⁵²²

Em relação à noção de trabalho, a argumentação de Koseritz faz uso de alguns nomes do liberalismo, entre eles, Adam Smith. Como já mencionado, atribuía-se à divisão do trabalho o instrumento mais eficaz do progresso e da civilização, indissolavelmente ligado ao comércio. A concepção de progresso, tão cara ao movimento iluminista, encontrava forma em sua obra, e tornava-se uma referência constante, na tentativa de apontar as falhas, encontrar e aprimorar as potencialidades do país, e superar, portanto, os mais problemáticos empecilhos. O progresso, conforme Koseritz, “é o caminho que nos conduz ao conhecimento da verdade, ele é a senda que das trevas da ignorância conduz à compreensão das leis da natureza, e todos os males que afligem o gênero humano, não são mais que o justo castigo do desprezo dessas sábias e imutáveis leis”.⁵²³ Não obstante, quando Koseritz escreveu que “os povos estão sujeitos à lei do desenvolvimento orgânico, como os homens e todos os seres animados da criação”⁵²⁴, verifica-se que essa perspectiva de progresso era muito próxima daquela que em outras áreas da ciência encontravam-se em voga.

Em relação ao Estado, Koseritz compreendia que sua competência nos assuntos econômicos poderia ser muito diversa, tanto em quantidade quanto em qualidade, e expressaria o grau de progresso e de civilização de um determinado povo, percebido igualmente pelas condições dos homens em relação ao saber, à educação e à civilização. Prosseguindo, justificava serem as questões militares competência do Estado, ampla por natureza, bem como a educação do povo e a instrução pública. A afirmação também foi retomada em outros textos, como artigo

⁵²¹ KOSERITZ, *Resumo de economia nacional*..., op. cit., p. 48.

⁵²² Idem, p. 288-289.

⁵²³ Idem, p. 265.

⁵²⁴ Idem, p. 15.

publicado no *Deutsche Zeitung* no qual escreve que a escola, a seu ver, seria a principal instituição onde se educaria uma nação. Exemplificaria lembrando-se de que era justo reconhecer que a derrota da França, em 1870, em grande parte poderia ser atribuída ao mestre-escola da Alemanha. A vitória, para alguns, poderia ser atribuída a questões raciais, para outros valeriam as considerações religiosas. No entanto, para Koseritz, o maior e mais formidável motivo estava ligado à educação do povo alemão.⁵²⁵ Nesse mesmo propósito, articulava um ensino liberal quando assumia a tribuna da Assembleia Legislativa, baseado na capacidade de ler, escrever e fazer contas. “Ensinar o a, b, c é formar a alma da criança. Ai está a grande questão e a maior responsabilidade cabe aos professores dos primeiros anos, cabe àqueles que ensinam os primeiros rudimentos do saber humano”.⁵²⁶

Partilhamos esta opinião; ensino público gratuito e obrigatório, é a melhor garantia do progresso, logo que a par dele haja absoluta liberdade para o ensino particular. Foi à combinação desses dois princípios que a Prússia deveu em grande parte os seus enormes sucessos nos últimos dois séculos.

A competência do Estado para intervir na instrução pública é, pois, inegável e necessária, porque a indolência das classes inferiores da sociedade faria com que não enviasse à escola os seus filhos, se o Estado não intervisse.⁵²⁷

No Brasil, tal princípio já poderia ser encontrado em algumas províncias, como no Rio Grande do Sul. Mas Koseritz insistia que ele seria ineficaz até o momento em que fosse criada uma lei geral que instituísse como obrigatório o ensino público em todo o Império, impondo multas aos pais que não conduzissem os filhos à escola. Acrescentava, também, o compromisso do Estado em estabelecer academias, museus, bibliotecas, explorações científicas, e garantir a propriedade intelectual dos autores.

Se, por um lado, assinalava o compromisso do Estado, como aqui se demonstra para a educação e cultura, Koseritz ratificaria que tal opinião não era uma incoerência com as ideias liberais. Julgava que esse tipo de intervenção era aceita pelas mais adiantadas escolas econômicas da época. Ainda assim, reconheceria que a atuação do Estado deveria ser controlada, evitando problemas como os que eram encontrados na França e na Rússia, onde a intervenção do Estado era

⁵²⁵ *Deutsche Zeitung*, 13/9/1871.

⁵²⁶ *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1885, p. 200.

⁵²⁷ KOSERITZ, *Resumo de economia nacional*..., op. cit., p. 406.

demasiadamente longa. Sua ideia, neste ponto, se traduz no excerto de J. B. Say: “O melhor governo é aquele que nada ou pouco governa”.⁵²⁸ Reclamava apontando o problema para o Brasil: o Estado intervinha em muitas coisas que não eram de sua competência, prejudicando a marcha progressiva da nação com um imensidade de regulamentos, os quais deveriam ser desprezados. Era intuitivo que a missão do governo seria tanto melhor executada se fosse limitado o círculo de sua atividade. Na visão do autor, a tutela governamental era fator responsável pela força produtiva de uma nação, na mesma medida em que monopólios e privilégios em larga escala concedidos pelo Estado brasileiro prejudicavam o progresso da produção e atrasavam o desenvolvimento favorável da nação. Faltava ao Brasil uma reta e pronta administração da justiça pública, assim como se via, com exceção, na Inglaterra.

Mesmo que fossem indicadas restrições à atuação do governo imperial no país, Koseritz também reconhecia que algumas ações deveriam ser assumidas pelo Estado com cautela, tais como a exploração das minas, as quais pudessem oferecer grandes e seguras fortunas no futuro, bem como a construção de vias férreas e de canais, ainda mais em países novos, cujos povos não haviam atingido um grau de progresso em que se desenvolvesse a iniciativa particular para tal efeito; cumpridos os compromissos, a atividade particular passaria a assumir a tarefa, produzindo mais barato e melhor que o Estado. Tal pensamento deveria estar presente no setor bancário, e em alguns setores da atividade industrial, incluindo a fabricação dos meios de defesa – pólvora e armas. Enfim, a proposta previa que um bom funcionamento da economia estava condicionado a um equilíbrio, o *juste milieu*, ao se pensar sobre a presença do Estado.

O princípio absoluto da liberdade degenera com demasiada facilidade em arbítrio e nada prejudica tanto a produção, como o reinado do arbítrio. O receio de males ou perigos incógnitos, que possam sobrevir de momento a momento (como impostos cujo lançamento depende do arbítrio de empregados etc.) paralisa a produção e o espírito econômico, como por exemplo em tempos de discórdia civil, em que a vida e a propriedade não gozam de segurança ou em épocas em que grassam doenças epidêmicas, cessando totalmente a produção e subindo o consumo a um grau extraordinário.

Reprimindo o Estado tudo quanto é arbítrio e firmando a ordem e a garantia de boa justiça em bases tão sólidas, que a confiança geral se torne completa, – proporciona ele ao povo o maior benefício ao seu

⁵²⁸ KOSERITZ, *Resumo de economia nacional*..., op. cit., p. 407.

alcance. Numa situação como esta, progredirá o país, porque a confiança favorece o crédito, o crédito conduz à acumulação de capital, o capital faz aumentar a produção; a produção finalmente satisfaz as necessidades dos entes humanos e os torna felizes.⁵²⁹

Como se pode perceber, Koseritz entendia que a presença do Estado deveria existir de maneira ponderada, para garantir a solidez da ordem e da justiça presentes no país. Assim também o via na relação com a divisão do trabalho, devendo o Estado dar ao povo o exemplo de sua organização, da qual se originaria uma economia de serviços e de custo da produção.

Nessa mesma perspectiva, ao tratar sobre o tema do trabalho, buscava desconstruir a ideia depreciativa que se tinha sobre ele, e confirmava, entre outras coisas, a opinião de que as profissões manuais não fossem renegadas, fato “que não tem justificação, embora lhe sirvam de desculpa, o ser fruto da escravidão”.⁵³⁰ Além disso, para que o Brasil pudesse progredir, era necessário que algumas classes sociais compreendessem que o trabalho não constituía desonra para quem quer que fosse, e menos ainda para quem fosse pobre. Sem perder de vista a noção liberal para a compreensão que Koseritz fazia sobre esse aspecto, a importância do trabalho também se reforçava pelo viés étnico, ao carregar consigo as conotações de enobrecimento humano, pujança e progresso – “Nem dinheiro e nem título, nenhum troféu e nenhum posto honram tanto quanto o trabalho que traz ao homem lucro e propriedade, à nação riqueza e progresso”, proclamava Koseritz na *Volksfest* de São Leopoldo, em 6 de fevereiro de 1870.⁵³¹

Sua visão para o trabalho buscava também inserir a mulher em diferentes ocupações, já que, até então, ela se encontrava condenada às lides domésticas. Poderia ela investir em profissões que não exigissem grande força, e que não fossem de “natureza repugnante”, como a fotografia, a encadernação, a padaria, a tinturaria, trabalhos de armador, de seringueiro, de escultura e muitas outras artes e profissões. Ainda outras tarefas rendosas, que em nada desdourariam a mulher poderiam ser exercidas pelo “sexo fraco”, entre elas, o comércio, a arte tipográfica e a revisão de textos. Que notassem os leitores, segundo Koseritz, que sua proposição nem chegava próxima à realidade inglesa e norte-americana, onde mulheres faziam carreiras de médico, de advogado, de juiz, de engenheiro e de

⁵²⁹ KOSERITZ, *Resumo de economia nacional*...., op. cit., p. 414.

⁵³⁰ Idem, p. 356-357.

⁵³¹ *Deutsche Zeitung*, 12/2/1870.

teólogo. Não se sentia à vontade para propô-las, pois havia “nessas profissões incompatibilidade invencível com as qualidades essenciais da mulher; as outras, porém, lhe deviam ser acessíveis, e evitar-se-ia com isso muita miséria e muita vergonha”.⁵³² Por esse mesmo horizonte, Koseritz chegou a considerar que na instrução pública, somente professores do sexo masculino devessem assumir a tarefa. Diria que incomum “seria a senhora, com respeito aos seus atributos de sexo fraco e gentil, que pudesse concorrer com professores distintíssimos”, formados pela Escola Normal. Era algo natural: uma senhora não teria a energia ao estudo de que pode servir o sexo viril.⁵³³

No entanto, é a partir do tema sobre o trabalho que Koseritz faria observações a um dos pontos nevrálgicos do Império – a escravidão. Nesse ponto, é possível enxergar as postulações que mais uma vez se ligam ao viés liberal. O maior prejuízo, insistiria ele em algumas passagens, vinculava-se à existência de escravos. Para o autor, a escravidão deveria ser vencida, melhorando, conseqüentemente, a sociedade e garantindo o progresso do país.

A maldição mais pesada que o gênero humano lhe deve lançar e que mais particularmente afeta ao Brasil, é porque ele fez ressuscitar no novo mundo a *escravidão*, que justamente acaba de desaparecer no velho continente.

Sim, é devido a esse príncipe [Carlos V, da Espanha] ambicioso, que a escravidão, esse cancro social da América, conseguiu criar raízes em nossa parte do mundo.

Maldição sobre ele, que com a escravatura aniquilou o trabalho livre, e portanto a produção, a riqueza, o bem-estar, a moralidade das nações da América.

[...].

Milhões de criaturas humanas foram no nosso continente vítimas desse abominável prejuízo, e a África ainda hoje paga, em virtude do mesmo, o seu tributo de sangue e lágrimas.

Nós ainda sofremos hoje desse mal, que tem impedido o progresso do nosso rico e ubérrimo país e nos reserva ainda sérias complicações para o futuro.⁵³⁴

Sobre a escravidão, é possível localizar a opinião de Koseritz em outros textos publicados nos anos finais da década de 1860, bem como nas décadas de 1870, e, especialmente, de 1880, em jornais e almanaques onde foi redator ou

⁵³² KOSERITZ, *Resumo de economia nacional*..., op. cit., p. 359-360.

⁵³³ *Anais da Assembleia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, 1885, p. 150. O posicionamento de Koseritz foi contestado por alguns membros da Assembleia, como os deputados Assis Brasil e Antero Ferreira d'Ávila.

⁵³⁴ KOSERITZ, op. cit., p. 356-357.

colaborador. Em 1869, já tratava do aspecto servil no Brasil, em artigos publicados em *A Reforma*. Naquele momento, reforçava que “substituir conveniente, no trabalho, o elementos servil pelo livre, eis as bases aceitas por todos para a realização de um princípio da igualdade humana”.⁵³⁵ O fim do trabalho escravo e a implantação do trabalho livre, dentre as alternativas propostas por ele, vinculava-se ao projeto que se contrapunha à grande propriedade, somado ao fluxo migratório que traria colonos ao país. Como já pontuado, demonstrou-se radicalmente contrário à imigração chinesa, aos que denominava cules, como pretendiam alguns fazendeiros de São Paulo, em 1883. Reconhecia a escravidão como instituição histórica, mas de ultraje à natureza humana. Segundo Koseritz,

as ideias abolicionistas infiltraram-se por todos os poros no seio da sociedade brasileira. Apregoadas com energia do sentimento filantrópico, circulam, como uma centelha elétrica, por todos os membros do organismo social. Praza aos céus, que o poder público resolva, antes que o movimento social venha sancionar e firmar o seu triunfo.⁵³⁶

No âmbito dos movimentos organizados por segmentos da sociedade imperial, podemos encontrá-lo presente no movimento abolicionista da província, também ao lado de sua filha Carolina von Koseritz. Ambos envolveram-se na defesa da libertação dos escravos, como se constata nas atividades promovidas pelo Centro Abolicionista⁵³⁷, juntando fundos para a libertação de cativos, por meio da promoção de quermesses.

A partir de agosto de 1884, em seção do periódico *A Reforma*, chamada *Livro Áureo*, passaram a ser publicados diariamente os nomes de pessoas que haviam concedido a liberdade a seus escravos em Porto Alegre, informando a quantidade de cativos alforriados por cada um. Nestas listagens encontra-se o nome de Koseritz, que teria concedido liberdade a quatro escravos.⁵³⁸

⁵³⁵ *A Reforma*, 11/7/1869. Destacam-se textos redigidos sob o título “Elemento Servil”, em diferentes números desse periódico.

⁵³⁶ *A Reforma*, 14/7/1869.

⁵³⁷ O Centro Abolicionista foi fundado em 1883, em Porto Alegre. A Joaquim de Salles Torres Homem e Júlio César Leal são designados como os mentores principais da entidade. O Centro reunia membros de todas as tendências políticas, também conservadores dissidentes. KROB, Bruna Emerim. *Libertos sob cláusulas de prestação de serviços*. Os contratos de trabalho estabelecidos a partir das cartas de alforria registradas nos cartórios de Porto Alegre em 1884. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011, p. 24.

⁵³⁸ *A Reforma* 15/8/1884.

No mês de setembro de 1884, o jornal *A Reforma* publicava anúncios e textos alusivos às comemorações abolicionistas. Neles, também se encontram registros do engajamento da família von Koseritz pela libertação de escravos. Notas foram divulgadas em nome de Carolina von Koseritz, para arrecadar donativos de flores e buquês para a sua tenda montada para a Festa Abolicionista, em Porto Alegre, marcada para o dia 7 de setembro, na Praça Pedro II.⁵³⁹ Karl von Koseritz integrava a comissão que deveria levar a efeito a quermesse⁵⁴⁰, responsável em arrecadar fundos para causa abolicionista. Antecipava-se que na noite do dia 28 de setembro, daquele mesmo ano, data em que era lembrada a assinatura da Lei do Ventre Livre, seriam entregues 26 cartas de alforria. Além disso, encontram-se listadas as doações à filha de Koseritz, e os respectivos colaboradores, o que possibilita enxergar parte da dimensão social simpática ou engajada pela causa abolicionista, tanto quanto aquela ligada à família von Koseritz. O inventário não se limita a demonstrar um círculo restrito a famílias de origem teuto-brasileiras, mas também incluía sobrenomes luso-brasileiros.

4ª lista de donativos para a Quermesse, recebidos pela infraescrita:
 Exm. Sr. Conselheiro José Julio de A. Barros, um rico toucador de guarnições douradas com espelho e vidros de cristal.
 Ilmos. Srs:
 Coronel Julio Anacleto F. da Frota, 1 rico porte-flacons de veludo carmezin com tampa de cristal lapidado e guarnições douradas.
 Edmundo H. Bastian, 1 caixa com uma dúzia de lenços de seda finíssima.
 Achylles Porto Alegre, um exemplar de “Iluminuras” encadernado em veludo.
 Cristiano Reuter, 1 riquíssimo serviço de *dessert* de Christoffel legítimo com aparelho de cristal e um serviço completo para aparador, de vidro azul com finos dourados e flores esmaltadas.
 [...].

⁵³⁹ Os festejos, marcados para o dia 7 de setembro, eram antecedidos pelas manifestações que anunciavam a Festa Abolicionista em Porto Alegre. O propósito era reunir um grande número de pessoas, que partiriam em cortejo da Praça da Alfândega, percorrendo diversas ruas da cidade, além de incluir a participação de bandas musicais, e reunir-se-iam em frente à Câmara Municipal para entoar o hino nacional. No dia 7, reuniram-se pela manhã as principais autoridades do Centro Abolicionista com as municipalidades da Câmara, e à tarde foi celebrada um solene *Te-Deum* pelo bispo D. Sebastião Laranjeira, em ação de graças pela extinção do cativo de homens “já redimidos pelo catolicismo”. Às 5 horas da tarde, dava-se início à quermesse, animada pela música de bandas convidadas. A feira contava com tendas organizadas para expor e vender objetos, e duraria três dias (7, 8 e 9 de setembro). Aos habitantes da capital foram distribuídos convites, aos quais também se solicitava a iluminação das moradias, assim como se fizera com os prédios públicos da praça. *A Reforma* 30/8/1884; 6/9/1884.

⁵⁴⁰ Para a comissão, foram designados os nomes de Coronel Joaquim Pedro Salgado, Coronel Júlio Anacleto Falcão da Frota, Coronel José Simião de Oliveira, Achylles Porto Alegre, Capitão Augusto César Fernandes Eiras, Dr. Jayme d’Almeida Couto, Dr. Guilherme Ahrons, Dr. Álvaro Nunes Pereira, Carlos Koseritz, Oreste Coliva, João Antônio da Rosa Junior, Virgílio de Abreu. *A Reforma* 8/8/1884.

Mathias José Bins, meia dúzia de garrafas de puro vinho do Reno.
 Amaro Candido de Souza, 2 originais guardanapos com rendas e bordados em relevo.
 Joaquim Felizardo, 1 bolsa de couro da Rússia, com guarnições de metal e aparelho de costura.
 Augusto Stoekel (S. Leopoldo), 1 álbum com fotografias da colônia, 1 dito com ditas de S. Leopoldo e 1 rico quadro com vista fotográfica.
 Exmas. Sras. DD.:
 Leocádia Brum Telles de Menezes, 1 lindo pote dourado com pós de arroz.
 D. Bertha Kopp, 1 grande caixa de cetim com fina pintura, contendo sabonete, lindos perfumes e outros preparos de toucador.
 D. Luiza de Mattos, 1 linda almofada de seda, bordada à seda frouxa em relevo com enfeites de prata.
 Comendador Francisco José de Almeida, 1 bonito aparelho de pau setim, para charutos, com cinzeiro, etc.
 Alferes Jacques Cezimbra, 1 bonito porta-jóias com um ramo de flores artificiais de delicado trabalho.
 [...].
 Cristiano Kraemer, 1 âncora de veludo azul com guarnições de níquel contendo preparos para costura, de prata finamente dourada, peça de muito gosto.
 [...].
 Adolfo Voigt, 55 lindas caixinhas com 17 dúzias de finos e superiores sabonetes de sua fábrica.
 Roland Carrasco, uma bonita cestinha de vime, forrada de setim com preparos para costura.

Porto Alegre, 5 de Setembro de 1884.
 Carolina von Koseritz.⁵⁴¹

Em edições seguintes, publicava-se o saldo final de suas atividades. Ao prestar contas da banca *Rio Grande*, Carolina lamentava não ter arrecadado valor maior durante a quermesse realizada no mês de setembro de 1884. Avisava ainda que a soma final seria remetida ao coronel Joaquim Pedro Salgado, presidente do Centro Abolicionista, o que correspondia à quantidade de 524\$000 réis obtidos pela venda de produtos na tômbola, e a devolução de outros 131 artigos ainda à disposição da entidade.⁵⁴²

Esse mesmo engajamento se fazia perceber em comissões da entidade, nomeadas para promover a libertação de escravos nos diversos distritos da capital. Assim, por exemplo, decidia-se em reunião do dia 6 de agosto de 1884, que Carolina von Koseritz integraria um grupo de senhoras, ao lado de Sophia Velloso, Mathilde Hasslocher, Julia Keller, Afonsina dos Reis, Leopoldina Chaves e Elisa Camargo, para mobilizar o 2º distrito de Porto Alegre em prol da abolição. Somava-

⁵⁴¹ *A Reforma*, 6/9/1884.

⁵⁴² *A Reforma*, 6/9/1884.

se às damas um grupo de cavalheiros designados a cumprir a tarefa, entre eles Vicente José de Barcellos Junior, Dr. Edmundo da Cunha, João Alves Canteiro, Felicíssimo Manoel de Azevedo, Tenente-Coronel Manoel Ignácio da Silva Neco, Capitão Justino Alves da Rocha e Tenente Bernardo Figueira.

Há que se ressaltar, como aponta Paulo Moreira⁵⁴³, que esses documentos que versam sobre a campanha abolicionista em Porto Alegre, sejam eles encontrados nos livros de atas, no Livro Áureo da Abolição ou nas páginas dos jornais, materializaram a versão oficial que se procurou construir para o tema da escravidão, tratando de enaltecer figuras de destaque político e social, além de elogiar a emancipação gradual que se construía na cidade. Mesmo que o ano de 1884 tenha sido emblemático e aclamado como histórico para a libertação de escravos na província, não se deve esquecer dos condicionantes aos quais esteve ligada a liberdade plena, o que relativiza tamanha importância à data.

Nesse sentido, percebe-se na edição de 15 de agosto de 1884 de *A Reforma* um incentivo incondicional à emancipação dos escravos em Porto Alegre, dada como uma revolução social lançada tanto por liberais quanto por conservadores e republicanos. Para tanto, o texto sob o título “Avante Porto Alegre” incentivava seus habitantes a procederem à prática da alforria, condicionando-a a cláusulas de prestação de serviço, obrigando o antigo escravo a cumprir uma prestação de serviços por mais alguns anos. Percebe-se uma política conciliatória de liberdade, respeitando o direito de propriedade e de indenização, prevendo até mesmo a ociosidade do liberto.

Há nisto dupla vantagem.

O trabalho doméstico e a pequena indústria não ficam desorganizados e os ex-escravos se preparam, num interstício de trabalho, para o gozo pleno dessa liberdade, que há tanto tempo anhelavam.

As liberdades concedidas com a condição de 2 ou 3 anos de serviços, que devem ser prestados ao ex-senhor, são em benefício para os próprios libertados.

Não há necessidade de contrato para tais serviços [...].

É garantia dada pela lei e portanto não precisam recear os alforriantes, que venham a ser vítimas da má fé por parte dos alforriados.

A *Reforma* não hesita um só momento em proclamar a conveniência desse recurso, porque, sem ele, impossível se tornaria a libertação total de Porto Alegre.

⁵⁴³ MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. *Os cativos e os homens de bem*: experiências negras no espaço urbano. Porto Alegre – 1858-1888. Porto Alegre: EST Edições, 2003, p. 170-171.

O serviço doméstico não pode ser desorganizado de um momento a outro; é necessário que haja uma época de transição em que se preparem as coisas para o novo regime.

Essa perspectiva talvez aponte para algumas questões conflituosas até mesmo para o caso de Koseritz. Guiado por pressupostos liberais, como bem assinalamos na análise da sua obra de estudo econômico da década de 1870, quando já defendia o fim da escravidão, a implantação do trabalho assalariado e a divisão do trabalho, por que, somente em 1884, Koseritz daria a liberdade aos seus quatro escravos? Foi essa liberdade também condicionada a um tempo de prestação de serviços que se arrastaria por mais alguns anos? Enquanto essas questões ainda permanecem abertas, é evidente que o tom abolicionista aparece destacado quando analisamos o seu engajamento político. No entanto, como destaca Magda Gans, as ideias de Koseritz, no contexto em que a manutenção da escravidão já se mostrava inviabilizada, chegou a demonstrar uma postura mais conservadora, sem abandonar os pressupostos liberais, fazendo oposição às propostas republicanas que previam uma imediata abolição, pois a considerava uma atitude que poderia arruinar inúmeras famílias, e levar à bancarrota pública.⁵⁴⁴ Todavia, às vésperas das grandes mobilizações na província, recomendou que os teutos que tivessem escravos, os libertassem.

Sua imprensa em língua alemã tornava-se também porta-voz de um discurso que pleiteava a libertação dos escravos. Assim, o percebemos quando o jornal *Koseritz' Deutsche Zeitung* foi mencionado pela *Reforma* como periódico que “acompanha a abolição com toda lealdade e franco entusiasmo”.⁵⁴⁵ A manifestação se originara em contraponto às polêmicas que se sucederam com a declaração do redator do jornal *Deutsche Zeitung*, João Maurício, questionando a maneira como estaria se constituindo a abolição no Rio Grande do Sul. A reação surgiu primeiramente na *Federação*, pelas palavras de Ramiro Barcellos⁵⁴⁶, que reproduziu trechos do artigo publicado, e questionando se tal opinião era partilhada pela colônia alemã.⁵⁴⁷ A resposta se daria em um terceiro diário, alegando que a “*Reforma* pode garantir aos ilustres colegas da *Federação* que a colônia alemã não acompanha a

⁵⁴⁴ GANS, *Presença Teuta em Porto Alegre...*, op. cit., p. 207.

⁵⁴⁵ *A Reforma*, 2/10/1884.

⁵⁴⁶ Na ocasião, Júlio de Castilhos era substituído provisoriamente por Ramiro Barcellos, como redator principal. *A Federação*, 30/9/1884.

⁵⁴⁷ A discussão sobre o mesmo assunto continuava em artigos publicados em *A Federação*, nas datas de 30 de setembro, 6 e 13 de outubro.

opinião daquela folha e para prová-lo basta recordar a parta proeminente que a tomou na libertação da capital e dos distritos coloniais”.⁵⁴⁸

Não consta que nesta capital um só membro da colônia alemã pusesse a menor dúvida em libertar os escravos que por ventura possuísse e por toda a região colonial se tem operado rapidamente o movimento libertador, à frente do qual se tem achado cavalheiros distintíssimos como os nossos presados amigos tenente-coronel João Schmitt, Jacob Knieriem e outros.

A folha alemã em questão não representa, neste assunto, como em muitos ataques que tem dirigido ao país, prejudicando a nossa causa na Alemanha, a opinião da colônia alemã, sendo de notar que, segundo nos informam, é nula a sua circulação na região propriamente colonial.⁵⁴⁹

É evidente, como demonstra a historiografia mais recente, que a prática da escravidão existia entre teuto-brasileiros, como os casos que se podem destacar em Porto Alegre. Magda Gans demonstra que existiam teutos que trabalhavam em ofícios que antes eram exercidos por escravos, ou até mesmo ao lado destes, bem como outra parcela considerável que se tornou proprietária de escravos, o que demarca uma heterogeneidade social entre essa população.⁵⁵⁰ Da mesma forma, casos de teutos que possuíam escravos em Porto Alegre demonstram que a prática não era isolada e restrita, mas encontrava-se amplamente difundida, e era tolerada entre os membros desta comunidade étnica.

Não obstante, como já referenciado anteriormente, Koseritz também integrava o grupo teuto de proprietários de escravos na cidade. Em 22 de novembro de 1879, o jornal *O Mercantil* fazia nota da fuga de uma escrava sua, chamada pelo nome de Joaquina. Em comunicado publicado em *A Federação*, na seção das “Ocorrências policiais”, publicava-se o seguinte comunicado: “Foram ontem recolhidos à cadeia por ordem do dr. Chefe de polícia: a crioula de nome Joanna, contratada de Carlos von Koseritz, por vagabunda [...]”.⁵⁵¹ Antes disso, ainda tínhamos o artigo “Uma infeliz”, também de *A Federação*, expondo a situação da contratada Joana, que sofria maus tratos de sua senhora, esposa de Koseritz.

⁵⁴⁸ *A Reforma*, 2/10/1884.

⁵⁴⁹ *A Reforma*, 2/10/1884.

⁵⁵⁰ GANS, *Presença Teuta em Porto Alegre...*, op. cit., p. 98.

⁵⁵¹ *A Federação*, 20/4/1888.

Hoje pela manhã veio ao nosso escritório a preta Joana, contratada do Sr. Carlos von Koseritz, e disse-nos que não podendo mais suportar os maus tratos que lhe eram infligidos não pelo Sr. Koseritz, mas sim por sua senhora, que há poucos dias quase esmagou-lhe a cabeça contra a parede da casa, sem que para isso tivesse a paciente contribuído nem por obras, nem por palavras. Joana disse-nos que a sua filha de 14 para 15 anos sofre os mesmos maus tratos, a ponto de estar um pouco apatetada. Joana está também nestas condições. O terror que lhe inspiram os maus tratos que tem sofrido a torna amedrontada, que qualquer gesto ou barulho a sobressalta. A infeliz desconhece qualquer rua da cidade, porque, diz ela, muito poucas vezes tem saído de casa, vivendo assim quase que enclausurada. Joana disse-nos, também, que por mais de uma vez tem concebido a ideia de suicidar-se, não levando a efeito seu pensamento com lembrança de que sua filha venha a sofrer muito mais com o ato de desespero que ela praticar. Sendo Joana contratada, não sabemos em que lei se fundam os seus ex-senhores para procederem contra ela com tanto rigor, infligindo castigo à pessoa livre, fato este que encontra punição no Código Criminal. A infeliz vítima encontra-se ao abrigo do Sr. Dr. Juiz de Órfãos e para esta autoridade apelamos a fim de tomar providências, livrando a desgraçada vítima do azorrague, do poder de quem desconhecendo as leis humanas zomba da própria autoridade. Voltaremos ao assunto se for preciso.⁵⁵²

Além de confirmar, mais uma vez, um indício da presença da escravidão, por outro lado, podemos perceber a maneira como os opositores utilizaram a notícia, divulgando-a em um dos jornais que mais enfrentara a figura de Koseritz, quando se toma como registro a década de 1880. A atitude pode ser entendida, no mínimo, como provocativa. Certamente, ela objetivava tornar evidente, como fez com outros aspectos, a contradição entre o pensamento público e a vida cotidiana e privada, entre a concepção sobre o trabalho moderno e livre e a presença de escravos no interior da estrutura familiar. Contudo, é preciso lembrar-se de que a queixa isentava, de forma expressa, o próprio Koseritz, enquanto sua esposa era responsabilizada pelos maus tratos.

De fato, sua postura em relação à população negra é divergente e contraditória. Se em seus escritos mais antigos foi contundente e radical em algumas afirmações, quando mais tarde questionado, procurou relativizar certos posicionamento. Enfim, passou a considerar a escravidão uma instituição inconcebível para a sociedade brasileira, conciliando um discurso abolicionista que deveria aplicar-se paulatinamente, associado a vínculos que estabeleciam prestações de serviços condicionados à liberdade, assim como à própria presença

⁵⁵² A Federação apud GANS, *Presença Teuta em Porto Alegre...*, op. cit., p. 208-209.

de escravos no contexto privado. Tal atitude não pode ser vista como restrita ou exclusiva a esse caso, mas largamente encontrada no seio da sociedade da capital, entre espaços lusos e teutos, inclusive.

Em 19 de maio de 1888, no *Koseritz' Deutsche Zeitung*, seu redator apresentava na capa do jornal o artigo intitulado *A emancipação dos escravos*, aclamando que desde o dia 13 de maio daquele ano, somente existiam pessoas livres no país.⁵⁵³ Era, portanto, nas palavras de Koseritz, uma colossal transformação social que se dera no Brasil, da maneira como em nenhum outro ocorrera, ou seja, de forma rápida, e sem produzir uma guerra sangrenta. Sua visão sobre o momento da abolição representa um olhar pacífico e ordeiro, pelo qual se substituíram as históricas situações em que sangue fora derramado em guerra civil, por “pétalas de flores” jogadas sobre os principais representantes parlamentares. Segundo suas palavras, o distinto sacrifício constituía atributo de distinção de um povo nobre, que fora conquistado de maneira espontânea, sem pressão externa, sem o uso da força em seu interior, em sinal de sacrifício. De maneira otimista, indicava a superação das dificuldades do período de transição, o que permitiria o país a desenvolver-se vastamente.

Considerava que ao longo dos últimos cinco anos, o movimento abolicionista pudera desenvolver-se e alargar os seus resultados, como se percebia nas províncias do Ceará, Amazonas e Rio Grande do Sul. Chegava-se ao momento histórico, no qual todas as pessoas da nação eram livres e nunca mais alguém seria obrigado a trabalhar sem salário. Comemorava ao dizer que a crise não envolvera vítimas do lado do governo imperial, nem mesmo lutas sangrentas. Não havia um segundo exemplo igual na história, uma nação pobre em dinheiro que, voluntariamente, sob aplausos, renunciava aos valores reais de propriedade, ao conforto, ao comodismo e à tradição do país. Diferenciava-se, portanto, de outros locais, como a Inglaterra, que compensara os senhores com indenizações pela libertação dos cativos, e os Estados Unidos, onde havia se dado um conflito civil.

Sob hinos de júbilo e chuva de flores o Brasil tem levado a vítima colossal ao altar da humanidade e isso é um esplêndido acontecimento, o que comprova que o nosso povo possui coração e generosidade e que é possível se inspirar por uma ideia e sacrificar seus bens, fortuna e costumes conaturais. Uma nação assim tem o

⁵⁵³ Título original: “Die Befreiung der Sklaven”.

que é preciso para um grandioso, formidável futuro; um povo que muda dessa maneira, não está perdido, como pretendem dizer os pessimistas.

Mesmo que o fim da escravidão fosse comemorado, sua constatação não deixaria de mencionar os efeitos negativos da conquista. A falta de mão de obra nas grandes fazendas acarretaria a diminuição violenta da produção de café, e a queda de bilhões seria um ponto alto para a questão econômica. Segundo ele, a repentina liberdade concedida aos escravos ainda causaria dor de cabeça, quando se passaria a tratar das questões sociais e políticas sobre o assunto. A manifestação do entusiasmo inicial, encontrada em muitos daqueles que defenderam a abolição, poderia ser substituída, mais tarde, por um momento de ansiedade, marcada pela desilusão, e muitos falariam em falta de perspicácia. Segundo Koseritz, era o preço que se pegava por reformas sociais dessa envergadura. O regime de transição para outro seria uma tarefa difícil, deixando para uma geração “duros sacrifícios”, compensado pela compleição de uma consciência de que o melhor fora realizado para a pátria, e que os mesmos teriam legado aos seus filhos uma condição melhor e mais digna. Finalizava dizendo que o Brasil deveria tomar os procedimentos sob olhar do entusiasmo, no ímpeto de um movimento grandioso e ético, ao qual até se poderia atribuir falta de perspicácia. Mas seria uma falta de astúcia sublime e “ela poderia ser celebrada somente por povos que ainda possuem instintos nobres e por isso deixam a eles o futuro aberto”.⁵⁵⁴

Aliás, a discussão que Koseritz fez sobre a questão da escravidão encontra-se aliada aos diferentes espaços sociais. Como já se pode perceber, fez parte do Centro Abolicionista de Porto Alegre, participando de maneira destacada dos quadros de organização da entidade. Da mesma forma, a *Sociedade Central de Imigração*, também se fez posicionar pelo fim da escravidão, numa tentativa progressista de implementar a mão de obra livre no Brasil, inclusive aquela reforçada pelo contingente imigrante. Os intelectuais e as figuras públicas da capital da província também se reuniram em outras associações, como é o caso do *Partenon Literário*. Nesse espaço de debate e de fomento às Letras, Koseritz também se engajou em trazer a questão para as pautas das sessões, e participar dos eventos que pela entidade eram promovidos.

⁵⁵⁴ Koseritz' *Deutsche Zeitung*, 19/5/1888.

Até este momento, pode-se distinguir a imagem de um intelectual que de maneira muito precisa soube compreender questões de sua realidade, embora viesse a divergir com outros homens de seu tempo, e dessas visões contrárias nascessem grandes polêmicas. Com o passar do tempo, a realidade social, política e econômica, aos olhos de Koseritz, não era mais compreendida pelas concepções de um recém-chegado imigrante, mas de alguém que soube compreender as especificidades da terra, também em transformação, que o acolhera – um cidadão brasileiro.

A escrita sobre o país deu origem a inúmeros textos, incluindo igualmente alguns que foram publicados na imprensa estrangeira. Assim, encontram-se na revista *Globus*⁵⁵⁵ artigos que versavam, entre outros temas, sobre o exotismo, a natureza, as cidades e os habitantes nativos de regiões brasileiras. Em 1864, no jornal *Allgemeine Auswandererzeitung*⁵⁵⁶, Koseritz discorreu sobre o Rio Grande do Sul, trazendo informações geográficas, humanas e econômicas da província. Para o mesmo periódico, enviou relatórios que passaram a ser publicados sistematicamente no jornal, dando conta dos acontecimentos nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul. Segundo Abeillard Barreto, estes textos podem ter sido a grande chave para a entrada na grande imprensa alemã no Brasil.⁵⁵⁷ Em atividade oficial, como agente intérprete da colonização da Administração Central das Colônias na Província, Koseritz produziu um extenso relatório, datado de 1867, composto por dados concernentes à colonização no Rio Grande do Sul. Em tempos difíceis, em meio à Guerra do Paraguai, o relator fazia a afirmação de que o vácuo nas finanças do país só poderia ser solucionado com o aumento da produção, “que por sua vez só é possível em virtude de uma imigração em grande escala, que nos traga o duplo capital do trabalho e da inteligência”.⁵⁵⁸ Embora reconhecesse que o curto tempo dedicado à tarefa de produzir um relatório não tenha sido suficiente para apresentar um trabalho melhor do que aquele, sua escrita permite reconhecer um olhar atento às condições de muitos colonos, e das necessidades mais urgentes para promover o seu desenvolvimento. Tal conhecimento permitia que fosse incisivo

⁵⁵⁵ Cf. *Globus*, 1863, 1864, 1866.

⁵⁵⁶ Segundo Abeillard Barreto, a partir desses artigos, Koseritz foi contestado por Sturz. De modo geral, esses textos apresentam uma descrição muito rica sobre a província, e na Alemanha resultou na publicação de um livro. BARRETO, Abeillard. *Bibliografia Sul-Riograndense*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1976, p. 766.

⁵⁵⁷ BARRETO, *Bibliografia Sul-Riograndense...* op. cit., p. 766.

⁵⁵⁸ KOSERITZ, Carlos de. *Relatório da Administração Central das Colônias da Província*. Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, 1867, p. 3.

como foi em suas considerações, tanto na imprensa quanto na tribuna legislativa da província.

Dentro desse universo de importantes escritas, as impressões mais ricas sobre o Brasil apresentam-se na obra *Bilder aus Brasilien*, mais tarde traduzida e prefaciada para o português por Afonso Arinos de Melo Franco, com o título de *Imagens do Brasil*. Já mencionada em outras passagens dessa tese, foi apresentada ao público no ano de 1885 e reunia as cartas que foram publicadas no jornal *Koseritz' Deutsche Zeitung* e na *Gazeta de Porto Alegre*, compilando os relatos das vivências e experiências que teve ao conhecer uma das regiões mais importantes do Império, incluindo as províncias do Rio de Janeiro, do Paraná e de São Paulo. Sua leitura permite conhecer, pelo olhar de Koseritz, as peculiaridades da visita que fez à sede imperial. Sem dúvida, transparecem suas visões de admiração, de estranhamento, de pertencimento e não pertencimento, diante das mais diferentes situações que viveu no ano de 1883. Segundo Franco,

diremos apenas que em nenhum outro livro, de nosso conhecimento e referente ao mesmo período, as informações são mais copiosas, as críticas mais oportunas e as reflexões mais justas. Os atores e as cenas do grande palco imperial vão desfilar à nossa vista, em todo o vigor da realidade. Deixemos, pois, que o pano se levante.⁵⁵⁹

As mesmas impressões Alfred Wilhelm Sellin deixou registradas, em nota de apresentação do primeiro lançamento como livro, afirmando que a obra de Koseritz deveria “seguir pelo mundo, a fim de conquistar o destacado lugar, pelas suas próprias qualidades, entre os trabalhos literários do gênero e a fim de colocar no seu, com justa honra, aquele belo país, tão ricamente dotado pela natureza”.⁵⁶⁰ Sem dúvida, esta obra apresenta-se como uma fonte documental valiosa para a compreensão do pensamento de Koseritz, bem como as representações construídas a partir das suas experiências sobre o Brasil. Tão importante é lembrar novamente que, antes de tornar-se livro, circulou com importante apreço na imprensa local, o que, certamente, permitiu que os escritos fossem bem avaliados e compilados para dar origem a uma de suas mais significativas produções.

⁵⁵⁹ KOSERITZ, *Imagens...*, op. cit., p. XVI.

⁵⁶⁰ Idem, p. XVIII.

O resultado de sua obra resultava da viagem noticiada oficialmente aos leitores em 5 de abril de 1883. Uma nota no *Koseritz' Deutsche Zeitung* anunciava a ida de seu editor-chefe e proprietário ao Rio de Janeiro, para tratar de negócios importantes. Enquanto isso, em outro anúncio da capa trazia a informação de que o jornal teria o senhor H. von Holleben à frente da editoração do periódico. Koseritz, no entanto, comprometia-se com seus leitores a enviar da Capital do Império grande parte dos editoriais do jornal a Porto Alegre, ocasião em que esperava que seus representantes preenchessem de maneira satisfatória o seu lugar, sob a crítica do público leitor. As cartas que seriam endereçadas a Koseritz seriam recebidas por C. Deppermann, durante o tempo em que, de alguma forma, sua estada no Rio de Janeiro pudesse ser proveitosa. No exemplar seguinte, von Holleben faria o seu primeiro editorial, citando a partida de Koseritz na embarcação *Itapuã*, em Porto Alegre, na qual estiveram presentes muitos amigos, dentre eles brasileiros e alemães.⁵⁶¹ Holleben, que, pelo texto, permite compreender que também se encontrava na despedida daquele que o incumbira de dar continuidade às tarefas periodistas, descreve certo olhar claramente pesado de Koseritz em deixar a província e voltar a lugares há tempos não visitados. Para Holleben, em tom de enaltecimento, aquele homem demonstrava dedicação a inesgotáveis atividades, buscando garantir o desenvolvimento do Rio Grande do Sul e do seu povo, abrindo mão dos seus interesses privados e da sua própria saúde. Aos amigos que Koseritz deixara para trás e a todos aqueles que apoiavam os seus objetivos, permanecia o desejo em reencontrá-lo novamente, em pouco tempo, pois se tratava de um líder e de um amigo para todos eles. Enfim, à frente do jornal, Holleben comprometia-se com a tarefa, buscando apoio nos correspondentes e colaboradores. Ainda assim, pediria paciência aos leitores para com os seus serviços.

Pelo que se pode constatar, Koseritz permaneceu grande parte do tempo no Rio de Janeiro, mas esteve em viagens a diferentes cidades, entre elas Petrópolis, Santos, Paranaguá, Antonina, Desterro e São Paulo. Desses lugares, também remeteu suas cartas, tornando público o seu itinerário pela região, centro político-administrativo e econômico do país. Durante sua estada na região Sudeste, retornou brevemente ao final de junho de 1883 a Porto Alegre. Em 3 de julho de 1883, no *Koseritz' Deutsche Zeitung*, uma breve nota foi publicada e assinada por Koseritz,

⁵⁶¹ *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 7/4/1883.

pedindo desculpas por não poder ter recebido as “honrosas visitas” no seu breve retorno à capital de sua província, pois não havia sido possível. O trecho ainda trazia a informação de que estaria retornando definitivamente ao final de setembro, o que certamente não se concretizou, já que seu regresso ocorreu somente dois meses mais tarde. Os relatos de Koseritz dão conta de que tenha levado sua família ao Rio de Janeiro, em sua segunda viagem, incluindo alusões a visitas ao casal imperial e a algumas atividades culturais da capital do Brasil, em presença das filhas e da esposa.

Por sua vez, a análise e a compreensão dos seus registros de viagem permitem assinalar duas percepções iniciais importantes, que interagem e se complementam. Como destaca Maria de Simone Ferreira, de um lado, o registro é dirigido a um leitor que pode orientar-se e formar as suas próprias imagens dos locais descritos pelo autor, bem como de si mesmo, “em um jogo de reconhecimento e distinção na comparação que se pode estabelecer quanto aos costumes e aos povos desses outros lugares”.⁵⁶² Por outro, trata-se de uma escrita de si, o que pode pressupor uma representação autobiográfica daquele que redigiu os relatos, materializando sua identidade, bem como a do próprio texto. Nessa mesma perspectiva, Ângela de Castro Gomes compreende que essa escrita auto-referencial permite a construção simultânea entre a identidade que se faz presente e aquela que permite compreender quem é o autor.⁵⁶³ Dessa maneira, entendemos ser também essa a possibilidade para considerar a obra *Imagens do Brasil*.

As práticas de escrita de si podem evidenciar, assim, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho etc. E esse indivíduo, que postula uma identidade para si e busca registrar sua vida, não é mais apenas o “grande” homem, isto é, o homem público, o herói, a que se autorizava deixar sua memória pela excepcionalidade de seus feitos.⁵⁶⁴

⁵⁶² FERREIRA, Maria de Simone. *Da viagem aos museus e seus relatos*: Imagens do Brasil na narrativa de Carl von Koseritz (1883-1885). Rio de Janeiro: PUCRJ, 2009. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009, p. 50.

⁵⁶³ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escritas de si*. Rio de Janeiro: FVG, 2004, p. 7-24.

⁵⁶⁴ GOMES, Escrita de si..., op. cit., p. 13.

Assim, diante das expectativas em compreender as narrativas do autor dos relatos, bem como o personagem histórico ao qual este trabalho se refere, é preciso apontar que, sem dúvida, a década de 1880 é um momento de grande produção intelectual para Koseritz, o auge das discussões que se projetaram para diferentes direções, pertencentes a uma atmosfera política, social e cultural interdependente, encontrando acolhimento em campos como o da literatura, da ciência, da política, da imigração, entre outros. Dentro desse universo de produção e engajamento político e público, *Imagens do Brasil* destaca-se por ser uma das principais obras-primas.⁵⁶⁵ Alfred Wilhelm Sellin reforçou esse propósito, quando lançou o livro, em prefácio à edição alemã.

Assim, estas “Imagens do Brasil” deverão permanecer tanto mais importantes, quanto foram escritas por um emigrante alemão, que tem agido indiferentemente, durante uma estada de 33 anos no país, como literato, político e deputado e cujo exato conhecimento das coisas brasileiras é reconhecido pelos seus mais rudes adversários políticos. Elas não foram destinadas inicialmente ao grande público e apareceram, em forma de diário de viagem, na folha, editada pelo Autor, em Porto Alegre, “Koseritz’ Deutsche Zeitung”. Por esta razão, têm elas frequentemente uma cor local que não é, entretanto, bastante forte para comprometer o seu conteúdo. Ao contrário, tal conteúdo – como se verifica com uma inspeção no índice, – é tão variado e tão importante para o conhecimento do país, que o seu aparecimento, em forma de livro, é especialmente oportuno, especialmente se se tiver em vista o vivo interesse que se começa a manifestar, na Alemanha, pelo Império sul-americano.

Parece evidente que a impressão de Sellin, contemporâneo a Koseritz, seja mais coerente se comparada ao prefácio para a edição em português, de Afonso Arinos de Melo Franco, quando este, muitos anos depois, escreve ressaltando os “defeitos” relativos à sua feitura jornalística.⁵⁶⁶ A isso, parece acrescentar-se um equívoco ao pensar que Koseritz analisou a Corte com os olhos de um estrangeiro, embora Franco minimize a questão, uma vez que esse mesmo estrangeiro não fosse alheio às coisas do país, e, portanto, ainda diferente de um viajante europeu.

⁵⁶⁵ Para Maria de Simone Ferreira, os relatos de Koseritz estão mais próximos do gênero literário da crônica do que um relato de viagem encomendado por um Estado Nacional europeu, o qual privilegiava aspectos que traduziam uma tentativa de garantir objetividade e cientificidade. Além disso, “a crônica e as cartas da Corte de von Koseritz caracterizam-se como tal e apresentam-se como um texto liberto de parâmetros cerceadores, já que a crônica pressupõe um alto grau de liberdade para quem a escreve; os princípios norteadores de seu escritor são sua vontade pessoal de narrar este ou aquele acontecimento, mas, ainda assim, a crônica guarda sua marca central no fator tempo que, uma vez vivenciado, será aprendido e transcrito para as linhas do cronista”. FERREIRA, *Da viagem aos museus e seus relatos...*, op. cit. p. 42.

⁵⁶⁶ KOSERITZ, *Imagens...*, op. cit., p. XVI.

Partir desse ponto de vista é problemático, pois é dele que se pressupõe uma perspectiva linear para a trajetória de Koseritz no Brasil, sem levar em conta as adaptações, os conflitos, as tensões, as mudanças e as permanências que esse personagem carrega consigo ao longo de mais de três décadas no país. Com isso, pretende-se dizer que Koseritz não pode ser considerado um intelectual estrangeiro. É coerente, por isso, entender que sua visão é marcada por experiências que se relacionam ao Velho Mundo, mas suas proposições já alcançavam patamares de um grande conhecedor da realidade brasileira, dos seus limites, dos seus desafios e de suas potencialidades. Para tanto, voltamos a Franco, ao reconhecer que “as informações são as mais copiosas, as críticas mais oportunas e as reflexões mais justas”. Afinal, só sabe empreender essa tarefa quem de fato conhece sua realidade, e não a observa, de sobremaneira, como um estrangeiro.

Por outro lado, as imperfeições jornalísticas, se elas de fato existem, pouco interferem naquilo que diz respeito à compreensão das especificidades históricas da década final do Império. Elas próprias devem ser vistas como marcas desse passado. Enfim, não se pode resumir, contrariando o dizer de Franco, “os atores e as cenas do grande palco imperial” a partir das *Imagens do Brasil*. O espaço não se faz entender por essa perspectiva simplória. A obra apresenta indícios e vestígios para resgatar a complexidade cultural, social, econômica e política do final do século XIX. É esse o sentido que revela toda a riqueza dos relatos.

É dessa forma, portanto, que a obra mencionada permite, por exemplo, conhecer parte do Rio de Janeiro do século XIX, trazendo descrições da cidade, das dinâmicas sociais, das tensões e dos problemas enfrentados pela sociedade local – fossem elas questões sanitárias, como o caso da febre amarela, ou fossem assuntos sobre o comportamento político daqueles que viviam na capital do império brasileiro. A primeira impressão de Koseritz não foi positiva, como ele mesmo destacou em relato do dia 26 de abril de 1883.

A primeira impressão do Rio não me foi nada favorável. A prevenção contra a febre reinante, o calor quase insuportável, numa época em que já gozamos, no Rio Grande do Sul, de uma temperatura fresca, as ondas de carros e “bondes” [...]; o trânsito, multidões de pedestres, o grito insuportável dos pequenos vendedores de jornais, tudo contribui para confirmar as vantagens das pequenas cidades. E não é sem razão que o Rio pode ser interessante, mas não agradável. É certo que sentimos aqui pulsar a vida do Império – aqui nos encontramos mais no ponto central e mais importante dele [...]–, mas o caráter geral

da sociedade local é muito especial e quase que eu diria frívolo. O Rio de Janeiro é o Brasil, e a rua do Ouvidor é o Rio de Janeiro, – eis uma sentença cheia de verdade.⁵⁶⁷

O testemunho ocular permitiu que Koseritz recriasse suas impressões pela materialização da escrita e sua posterior reprodução, em larga escala, a fim de que os leitores de seu jornal pudessem apropriar-se de um mundo desconhecido certamente pela maioria deles. Em meio a tantas descrições, o autor de *Imagens do Brasil* refaz alguns espaços por onde circulou, trazendo aspectos do cotidiano e de suas particularidades. Dentre eles, faz alusão aos espaços comerciais do Rio de Janeiro, com referências aos pequenos comerciantes das ruas, às livrarias e casas de objetos de arte, às casas de frutas, às lojas de varejo e seus produtos luxuosos, incluindo aí conhecidos estabelecimentos de moda, aos hotéis e até mesmo às confeitarias mais populares, como a dos *Castelões*, onde era servida a famosa cerveja alemã *Culmbacher*, como destacou Koseritz. Ainda, fez questão de realizar observações a respeito dos meios de transporte e da grande quantidade de pessoas e do barulho das ruas, sem esquecer do estilo de vida europeu presente no comportamento social de grande parte dos seus habitantes.

Ao mesmo tempo em que esteve atento a todas às especificidades e à paisagem urbana, construiu igualmente relatos que registraram sua passagem por teatros, pela Biblioteca Nacional e o Arquivo Nacional, suscitando comentários impressionados sobre seus respectivos acervos. Teve acesso ainda à Faculdade de Medicina, à Santa Casa, à Casa da Moeda, ao Jardim Botânico, entre outros. Diante de alguns deles, Koseritz manifestou surpresa quanto à existência de um patrimônio único no Brasil, como se pode perceber no registro de 7 de agosto de 1883, após a visita realizada à Biblioteca Nacional, fato que se estendia ao Museu Imperial e Nacional, onde encontrou, por exemplo, coleções de múmias e moedas romanas. A partir do patrimônio histórico, produziu relevantes descrições, mesmo que seu interesse primasse por questões técnicas, voltadas à tradição iluminista, uma vez que as coleções europeias do Museu Imperial e Nacional podiam ser menos atraentes aos seus olhos; “as coleções arqueológicas, em contrapartida, atraíam sua atenção, já que ele próprio era colecionador de artefatos arqueológicos,

⁵⁶⁷ KOSERITZ, *Imagens...*, op. cit., p. 17.

além de ter sido, também, organizador da *Exposição Brasileira-Alemã*, realizada em 1882 em Porto Alegre”.⁵⁶⁸

Atento aos diferentes acontecimentos, Koseritz fez apontamentos sobre a Exposição Pedagógica, aberta em 29 de julho de 1883, e idealizada pelo Imperador. À ocasião, reuniam-se diversas nações – Bélgica, Alemanha, França, Estados Unidos, Holanda, Portugal, Uruguai, Espanha, Inglaterra, para que apresentassem mostruários e instrumentos de ensino utilizados em seus países. Koseritz a visitou, e destacou ter encontrado coisas convenientes que poderiam ser observadas e estudadas. Teve uma impressão satisfatória da exposição, esperando que ela de fato exercesse uma influência positiva sobre o ensino. Não obstante, reconhecia que, mesmo com o seu sucesso, os resultados práticos seriam os maiores desafios, cuja solução encontrava-se ainda aberta. Como ressalta Ferreira, levando em consideração os visitantes do evento, Koseritz demonstra desconfiança quanto aos objetivos da Política de Instrução Pública, quando citou o desinteresse dos visitantes pela exposição, cuja intenção era “formar os cidadãos brasileiros de maneira a garantir a continuidade do projeto de construção do Estado imperial no futuro por meio de uma elite orientada pelos ideais de civilização e de manutenção da ordem e da unidade do Império”.⁵⁶⁹

Somado a isso, há explanações consideráveis sobre a visita aos palácios imperiais e os encontros que tivera com o soberano brasileiro, como aquela registrada para os leitores do seus jornais sobre a visita ao Imperador e à Imperatriz, em São Cristóvão, no Rio de Janeiro.⁵⁷⁰

Quando chegou a minha vez recebeu-me em atitude cerimoniosa, o que fez com que eu começasse a minha apresentação meio desconcertado; mas apenas a tinha começado que ele me interrompeu: “Ah! o senhor é o senhor Koseritz, do Rio Grande do Sul, não o tinha reconhecido, há muito tempo que não o via. Por favor, venha aqui senhor Koseritz...”. E enquanto me apertava a mão o soberano levou-me até uma janela distante, onde logo principiou a conversa: “O senhor chegou em 1851, com os soldados engajados por Sebastião do Rego Barros?”.

[...].

Expremi minha admiração sobre um tão curioso encontro, e, em seguida disse ao imperador: “Vim hoje a São Cristóvão para apresentar a Vossa Majestade os devidos respeitos, mas espero a

⁵⁶⁸ FERREIRA, Maria de Simone. *Um olhar alemão sobre o Império do Brasil*: A viagem de Carl von Koseritz. Disponível em <<http://historiahoje.com/?p=2588>>. Acesso em 20 de dez. de 2014.

⁵⁶⁹ Idem, loc. cit.

⁵⁷⁰ KOSERITZ, *Imagens...*, op. cit., p. 34-38.

honra de poder obter uma audiência particular mais longa, em Petrópolis, no correr desta semana, se Vossa Majestade recebesse bem esta ousada pretensão”.

“Pois não, senhor Koseritz, com muito prazer, venha a Petrópolis; eu mesmo já disse ao Ministro Ávila que desejaria ter uma longa conversa consigo. O senhor fez muito pela colonização, imigração e a indústria. Grandes coisa, que me interessam muito”.

Deslocou-se a Petrópolis, em 9 de maio daquele ano, para encontrar-se com D. Pedro II, em nova audiência. Em sua companhia, encontrava-se o velho amigo Carlos Jansen. Ambos estiveram juntos igualmente em tantos outros locais do Rio de Janeiro, o que se percebe em diferentes passagens do texto.⁵⁷¹ Chegando ao local de destino, demonstrava entusiasmo especial em relação àquilo que encontrava naquela cidade, no alto da serra, sentindo-se em casa, pensando consigo mesmo que aqueles moradores eram os seus “bravos camponeses do Rio Grande”. Essas impressões de Koseritz traduzem-se em elogiosas referências às pessoas da localidade, que em muito lembravam os habitantes das comunidades teuto-brasileiras de sua província, as casas palaciais, os jardins organizados e as ruas largas. Era, aos seus olhos, uma cidade verdadeiramente aristocrática, cujo povo tratava com mais respeito o Imperador e sua família, se comparado à maneira como eram tratados no Rio.

Petrópolis e, assim, uma deliciosa cidadezinha, um pedaço da grande vida europeia transplantado para o Brasil, uma visão quase fabulosa nas atuais circunstâncias. Aqueles pobres colonos, que para aqui foram enviados em 1828, a fim de derrubarem as florestas e arrancarem do chão pedregoso parques ganhos, mercê de esforçados trabalhos, nunca poderiam sonhar que, neste local, havia de florescer, um dia, uma cidade senhorial...⁵⁷²

As conversas com D. Pedro II revelam que o monarca brasileiro ocupava-se com a leitura dos dois jornais editados sob direção de Koseritz em Porto Alegre, os quais recebia regularmente na capital do Império.⁵⁷³ Confessou, inclusive, que havia

⁵⁷¹ Além de Carlos Jansen, Koseritz cita outros amigos com os quais se encontrava, como Franz Grauert, Rahen, além do senhor Backheuser, que conheceu no Rio de Janeiro. Além disso, impressionava-se com o conhecido barão de Tautphaeus – José Hermann de Tautphaeus, fundador de um conhecido colégio no Rio, tido como um homem muito sábio, chamado por Koseritz de conselheiro dos mestres. KOSERITZ, op. cit., p. 56-57.

⁵⁷² KOSERITZ, *Imagens...*, op. cit., p. 51.

⁵⁷³ No relato de 31 de agosto de 1883, Koseritz lembrava-se da noite anterior no Liceu de Artes e Ofícios, onde levava sua família para assistir a uma noite de conferências. Nessa ocasião, Koseritz tivera uma breve conversa com D. Pedro II, momento no qual diz ser leitor de seus periódicos. Também podemos citar a passagem datada em 10 de junho, que corrobora a mesma questão.

lido todas as “Cartas da Corte” e que lhe pareciam muito boas, publicadas no jornal *Gazeta de Porto Alegre*, periódico pelo qual podia ainda seguir o movimento do Rio Grande do Sul. A *Gazeta* era para D. Pedro II, conforme as palavras de Koseritz, “um bom jornal que se ocupava muito com os interesses materiais da província, a sua indústria, etc”.⁵⁷⁴ Koseritz tinha a impressão de que o Imperador atribuía a maior atenção ao seu jornal, mostrando-se sensível ao julgamento sobre a sua pessoa – “honra que ele confere a poucos jornalistas”.⁵⁷⁵

Ao preocupar-se com a forma pela qual a tipografia brasileira apresentava-se ao público leitor, Koseritz chegou a manifestar a D. Pedro II a ideia de fazer com que uma nova associação de escritores pudesse ser “uma espécie de tribunal de honra e exercesse uma influência moralizadora sobre a imprensa, afastando principalmente o baixo tom que reina, em quase todos os jornais daqui”.⁵⁷⁶ Chegou a escrever sobre a ausência de engajamento político dos periódicos, e o excesso de comercialização nas páginas dos jornais. Entendia, enfim, que tal situação da imprensa não poderia permanecer, uma vez que a própria família imperial era frequentemente tema de chacotas políticas. Diante dessa constatação, o Imperador argumentaria que a imprensa era “o melhor corretivo para a imprensa, e que a reação finalmente viria dela própria”.⁵⁷⁷

Ao longo das suas cartas, fez questão de lembrar a promessa deixada ao seu público, “de dar aos leitores algumas notícias sobre a atual situação política”.⁵⁷⁸ Foi o que fez ao anunciar, de antemão, a derrota e a dissolução do ministério Paranaguá, e a situação embrulhada da política, naquele momento. Em 19 de junho de 1883, em seu jornal de língua alemã, é possível encontrar a publicação do vigésimo terceiro artigo proveniente da Corte, datado em 24 de maio do mesmo ano, que registrava, em especial, os bastidores e o anúncio da formação de um novo Ministério Imperial, bem como a aclamação e a manifestação popular após o anúncio do gabinete liberal presidido por Lafayette Rodrigues Pereira.⁵⁷⁹ Deixaria registrado que o trabalho para os seus dois jornais – *Gazeta de Porto Alegre* e *Koseritz’ Deutsche Zeitung* – sempre o levavam cedo da tarde para casa. Confessava que havia sempre muito a fazer. No restante do dia, ocupava-se com

⁵⁷⁴ KOSERITZ, *Imagens...*, op. cit., p. 92.

⁵⁷⁵ Idem, p. 93.

⁵⁷⁶ Idem, p. 167.

⁵⁷⁷ Idem, p. 167.

⁵⁷⁸ Idem, p. 44.

⁵⁷⁹ *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, 19/6/1883.

tarefas no Ministério e no Senado.⁵⁸⁰ Seu volume de trabalho no Rio de Janeiro era maior do que em Porto Alegre, exigindo que estivesse constantemente em contato com o público de sua província.

Entre as figuras emblemáticas da política imperial que conheceu, fez registros sobre a audiência com o presidente do Conselho, visconde de Paranaguá, e sobre as conversas e os contatos pessoais com o ministro da Agricultura, Henrique Francisco de Ávila, e o presidente do Senado, Barão de Cotegipe. Koseritz demonstrava certa comoção em conhecê-los, visto as descrições elogiosas sobre muitos deles. Por outro lado, sua proximidade a ministros, deputados e senadores, não amenizou o peso de sua pena em suas “Cartas da Corte”, valendo-se de palavras duras, em alguns momentos, para descrever o cenário político da época. Assim o fez ao voltar-se à questão da centralização do poder no Rio de Janeiro, dizendo que o país padecia pela convergência político-administrativa da capital, de onde eram “dissipadas colossais massas de dinheiro enquanto, nas províncias, cada vintém [...] é posto na balança e virado centenas de vezes, antes que alguém se decida a largá-lo”.⁵⁸¹

Além disso, ao abordar os assuntos da política nacional, fez suas descrições sobre o governo de D. Pedro II, dirigindo também críticas à maneira de conduzir os assuntos e interesses públicos, dizendo que “D. Pedro II cometeu muitos erros políticos, – e eu me inscrevi por vezes, entre seus maiores adversários, – mas como pai do seu povo, que procura o interesse e o progresso do mesmo, devemos respeitá-lo como se faz com poucos príncipes”.⁵⁸² Koseritz deixa transparecer que sua oposição ao monarca já havia sido muito maior, incluindo um tempo em que ele mesmo considerava ser “persona ingrata” junto a D. Pedro II. A permanência no Rio de Janeiro aproximou-o da Corte e suas considerações políticas à realeza por meio dos jornais passaram a ser menos agressivas. Koseritz chegou até mesmo a reconhecer sua falha, quando D. Pedro II o questionou sobre a Carta 14, achando-se injustiçado pela frase que teria publicado, pela qual dizia-se que o Imperador lia Darwin, e que acreditava, no entanto, em Adão e Eva feitos de barro. Se observarmos a primeira impressão sobre o monarca desde a sua chegada ao Rio de Janeiro, veremos que ela não se alterou com a longa permanência na Corte,

⁵⁸⁰ KOSERITZ, *Imagens...*, op. cit., p. 56.

⁵⁸¹ Idem, p. 29.

⁵⁸² Idem, p. 38.

traduzida na frase que registrou após o seu primeiro contato – “O monarca sabe ser amável, e o seu acolhimento produz, sobre todos que dele se aproximam, a melhor impressão”.⁵⁸³

Aliás, seus encontros com o Imperador também foram descritos para o seu público leitor, o que parece ter dado, concomitantemente, grande prestígio aos seus jornais. Neles, expressou grande respeito à sua figura, ao trato com que, por ele, foi recebido em todas as suas audiências. Koseritz chegou a levar sua família ao encontro com os monarcas, sua esposa e suas filhas, e seus registros dão conta da maneira como todos foram recebidos, outra vez pela expressão de amabilidade do soberano. Segundo Koseritz, D. Pedro II era “realmente sedutor, com as suas maneiras, e a grande amabilidade que sempre demonstra para comigo não deixa de me impressionar, ainda que eu seja contrário à sua atitude no caso da imigração alemã”.⁵⁸⁴ Era este último um dos assuntos pelos quais o Koseritz muitas vezes insistiu na tentativa de dialogar com o Imperador, e expor a ele as suas considerações sobre a imigração alemã para o Brasil. Já em outros momentos, tentou trazer preocupações específicas, como a apresentação do memorial sobre a população de Pelotas, em referência ao ponto da alfândega local.⁵⁸⁵ Sobre a figura do monarca brasileiro, fez restrições, contudo, à atitude da imprensa em valer-se frequentemente de boatos e escândalos para tratar das personalidades imperiais – “o Imperador é um homem honrado, como há muito poucos no Brasil; tem cometido muitos erros políticos, mas é um modelar chefe de família, e semelhantes boatos são simplesmente infames. [...] o Imperador D. Pedro é um homem honrado”.⁵⁸⁶

Suas ponderações também se deram em relação aos príncipes imperiais, por fim, menos elogiosas. Dirigindo-se aos leitores, Koseritz compartilhava a impressão sobre o conde d’Eu, que não lhe era uma figura simpática, dizendo que sofria de impopularidade e que seu nome “tem se tornado odioso muitas vezes nos últimos tempos, e a parte da imprensa que vive da exploração do escândalo procurou bater moeda com a situação financeira do Príncipe”.⁵⁸⁷ Já na princesa Isabel não lhe agradava seu caráter ultramontano. Em relação a essas questões, Koseritz preferiu

⁵⁸³ KOSERITZ, *Imagens...*, op. cit., p. 137.

⁵⁸⁴ Idem, p. 193.

⁵⁸⁵ Idem, p. 148.

⁵⁸⁶ Para criticar o sensacionalismo dos jornais do Rio de Janeiro, Koseritz queixava-se da maneira pela qual o Imperador era retratado, em paródias e pela “imprensa pornográfica”, sobre as supostas ligações amorosas com uma dama da “highlife” do Rio de Janeiro. “É uma calúnia da mais alta torpe e mais baixa qualidade”, escrevia. Idem, p. 66.

⁵⁸⁷ Idem, p. 119.

fazer ressalvas, anos mais tarde, como já foi discutido anteriormente, especialmente quando os príncipes estiveram em visita a Porto Alegre, em 1885.

Além dos traços políticos que revelam as leituras de Koseritz, é possível compreender muitos outros aspectos, embora não se tenha intenção e condições de analisá-los e esgotá-los totalmente por meio desse estudo. Mas vale a consideração, mais uma vez, para o olhar de Koseritz atento às pessoas, à paisagem natural e urbana e à dinâmica da vida social do Rio de Janeiro, em contraponto ao ambiente e ao contexto de sua província e de sua cidade. Essas percepções dialogam com as suas experiências e vivências, sua postura moral, que, de alguma forma, originam categorias que estão atreladas aos julgamentos que projetou sobre um mundo social diferente do seu. Nesse sentido, os registros nostálgicos do Rio Grande do Sul aparecem como resposta aos estranhamentos e às diferenças que Koseritz encontrou pelos lugares por onde passou e, onde, por algum tempo permaneceu.

Dois meses apenas, e já me pesa a saudade da província, para a qual eu quisera voltar o mais rapidamente possível. Isto por aqui é bonito, e eu não me posso queixar do acolhimento que tive, mas o Rio Grande é o Rio Grande e somente lá me sinto bem no Brasil. [...]. Que eu não me sinta bem com os hábitos daqui, em tudo diferentes dos nossos é natural.⁵⁸⁸

Essa reação encontra-se ainda em outros manifestos do autor, ao colocar em diferentes circunstâncias os “alemães estrangeiros” do Rio e os alemães das colônias de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Para Koseritz, os alemães da Corte consideravam o Brasil como uma estação de passagem, uma vez que seus interesses centrais ainda continuavam na Alemanha. Já aqueles que se estabeleceram nas províncias ao sul do Brasil – Koseritz incluía-se nesse grupo – constituíam um povo colonial,

[...] que permanece na terra funda bens de raiz e constitui família; o ponto central dos nossos interesses está no Brasil; fazemo-nos naturalizar e compreendemos que devemos ganhar participação e influência na vida política do país, a fim de que possamos nos fazer respeitar. A diferença é tão colossal que parece finalmente muito natural que entre as duas partes não exista nenhum ponto de contato e que o assunto da conversa entre os representantes dos dois grupos

⁵⁸⁸ KOSERITZ, *Imagens...*, op. cit., p. 93-94.

se mantenha justamente durante o tempo de se tomar um ou dois copos de Culmbacher.⁵⁸⁹

Considerações semelhantes a esta se encontram nos trechos que tratam sobre a questão da imigração e da oposição que membros da sociedade local faziam aos projetos que com tanto empenho eram defendidos por Koseritz. Percebia a pouca atenção para temas de sua pauta, que lhe eram tão caros, como deixava transparecer em conversas que tivera com alguns expoentes locais, como o presidente da Sociedade Beneficente Alemã e representante da empresa alemã Krupp⁵⁹⁰, J. Georg Repsold, o vice-cônsul E. Weber e o barão de Tautphaeus. Chegou à conclusão, sem surpreender-se de posicionamentos como o de Ferdinand Schmid, a quem muito admirava, que o julgamento e a atitude dessas pessoas não poderia, de fato, ser diferente, quando uma grande parte de alemães imigrantes do Rio era transformada em mendigos e vagabundos.⁵⁹¹

Suas constatações não provinham de contatos esporádicos, uma vez que Koseritz ocupou-se em conhecer o mundo teuto da capital do Império, conhecendo pessoas desse círculo, discutindo ideias com pessoas proeminentes, e frequentando importantes espaços de sociabilidade ligados a esse meio étnico. O primeiro contato com a Sociedade Germânia, do Rio de Janeiro, “o mais antigo estabelecimento alemão do Rio estreitamente ligado ao desenvolvimento do germanismo”, deixou impressões positivas no visitante.⁵⁹² Durante a realização de um sarau, Koseritz conversara com diferentes senhores do círculo germânico da cidade, deixando-se impressionar pelos belos espaços da sede, em especial, pelo ambiente da biblioteca. Também assistiu aos bastidores e à organização da Exposição Brasileira de Berlim, como na descrição datada em 2 de setembro de 1883.⁵⁹³

Da mesma forma, suas publicações davam conta da proximidade com o cônsul alemão Koser e do representante dos Negócios da Alemanha, von Mutzenbecher. Ainda, acompanhou a chegada do príncipe alemão Albert Wilhelm Heinrich von Preussen⁵⁹⁴, neto do Imperador Guilherme I e irmão mais novo de

⁵⁸⁹ KOSERITZ, *Imagens...*, op. cit., p. 94.

⁵⁹⁰ Fundada em 1811, hoje conhecida como Thyssen Krupp AG.

⁵⁹¹ Idem, p. 95.

⁵⁹² A descrição aponta para a localização da entidade, cuja sede, considerada grandiosa, situava-se na Rua da Alfândega. KOSERITZ, op. cit., p. 79.

⁵⁹³ Idem, p. 169.

⁵⁹⁴ “Pertencendo assim aos mais altos círculos da Alemanha, estava destinado a desempenhar considerável papel na história da marinha alemã, da história diplomática e da história de uma cultura do mar, dos esportes e da

Guilherme II. A partir desse acontecimento, redigiu para os leitores dos jornais alguns momentos significativos da presença do príncipe no Rio de Janeiro e das repercussões importantes e significativas que a sua presença trouxeram para as relações entre o Brasil e a Alemanha.

O relato de von Koseritz representa a voz patriótica de um imigrante que, apesar de tantos anos no Brasil, continuava unido emocional e culturalmente com a sua antiga terra. Representa, portanto, não apenas uma fonte de dados, mas sim e sobretudo um documento significativo para estudos da história das relações Alemanha-Brasil a partir da perspectiva de um imigrado. Assim, significativamente, publica um discurso que gostaria de ter lido e no qual fala em representação de colonos do Sul:

"Alteza Real! Eu represento os alemães do Rio-Grande há mais de um quarto de século na imprensa, e os represento também como deputado na Assembleia Provincial (...).

Alteza Real! A maior parte dos homens em cujo nome eu falo está separada da pátria há 30, 40, 50 e mais anos: muitos, muitíssimos dentre eles pertencem à nação alemã somente pela língua e os costumes, pois são nascidos no Brasil em primeira, segunda ou terceira geração; muitos outros, como eu próprio, alcançaram a cidadania brasileira a-fim-de participarem da vida pública da nova pátria, e contribuirão para o futuro desta soberba terra, tão ricamente aquinhoadada pela natureza, na qual os seus filhos viram a luz; – mas todos conservam, no coração, amor fiel pela velha pátria, falam a linda língua da Alemanha, vivem em constante intercâmbio mental com ela e conservam, ainda, as virtudes alemãs do sentimento do dever, da vontade de trabalhar, dos costumes austeros!"⁵⁹⁵

Enfim, lamentava Koseritz frente aos seus leitores que o príncipe não conheceria as províncias de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, onde mais as colônias alemãs floresciam no país. Mais uma vez, destacou diferenças tão visíveis aos seus olhos. Suas comparações, no entanto, estendiam-se para sua cidade. Quando comparada ao Rio de Janeiro, o visitante manifestava o seu apreço por Porto Alegre, fosse pelas suas ruas mais largas e mais regulares ou por dimensão menor e pela sua dinâmica cotidiana menos agitada. Diria que existia no Rio uma espécie de “maçonaria entre a gente do Rio-Grande”, sendo comum encontrar conterrâneos da província – “parece-me sempre que tenho diante de mim um

técnica. Casar-se-ia em 1888 com a sua prima, Princesa Irene de Hessen-Darmstadt, uma irmã da czarina Alexandra de Rússia”. Conforme consta, o príncipe realizou escalas a bordo da corveta “Olga”, em alguns portos brasileiros, tendo passagens por Recife, Rio de Janeiro e Santos. Cf. ACADEMIA Brasil-Europa. *Economia – História Colonial – Alegoria*. Ciclo de estudos com especial consideração da esfera hanseática e da história das marinhas. Revista da Organização de estudos culturais em contextos internacionais. v. 6, n. 91, 2004. Disponível em: <<http://www.revista.akademie-brasil-europa.org/Internet-Corres3/CM92-05.htm>>. Acesso em 21 de dez. de 2014.

⁵⁹⁵ ACADEMIA Brasil-Europa. *Economia – História Colonial – Alegoria*..., op. cit., loc. cit.

cantinho de Porto Alegre”.⁵⁹⁶ Aliás, o Rio de Janeiro não havia lhe agradado, impressão que se lê em algumas passagens, tanto na chegada quanto como em sua partida. Porém, no registro de despedida à cidade, reconhecia ter se habituado ao grande centro, e ter despertado gosto por ele, mesmo diante do desagrado publicamente declarado em sua chegada, em abril de 1883, sem deixar de assinalar considerações negativas sobre o local – a febre amarela, a corrupção, a “advocacia administrativa”, que alimentava a imprensa ávida por escândalos, a falta de interesse e de seriedade no trato da coisa pública, o desinteresse, a indiferença do povo, entre outras particularidades. Vale destacar que Koseritz compreendia o significado de sua estada no Rio de Janeiro, das novas relações que construiu ao longo de sua permanência, e da maneira como se estruturavam as questões da máquina governativa. A partir dessa visão, passava a compreender de forma diferente os problemas da vida no Rio Grande do Sul, bem como as carências das suas pequenas cidades. “Realmente sério só o Imperador, a quem nunca falta o amor da pátria, e eu creio firmemente que ele é o único que trabalha a sério. Pelo menos sabe decidir em todos os campos [...]”⁵⁹⁷, declarava Koseritz aos leitores, ao mesmo tempo em que afirmava ter o povo do Rio um caráter pacífico, pois mesmo com a insuficiência da polícia era possível acessar lugares isolados e a qualquer hora do dia.

No conjuntura em que os textos de Koseritz foram redigidos, a imprensa desempenhou um papel fundamental, pois além de colocá-lo em contato com o público leitor, o qual muito prezava, os jornais tornaram-se os instrumentos de divulgação de ideias, de uma mentalidade, embora fossem apresentados em forma de relato. Ainda em 1883, e ao longo dos primeiros meses de 1884, seriam publicados os textos de Koseritz, produzidos fora da província, no jornal *Gazeta de Porto Alegre* e no *Koseritz’ Deutsche Zeitung*. Sob títulos – “Cartas da Corte” e “Auf der Reise”, – em referência a sua viagem, passou a compartilhar suas mais diferentes experiências, que, tal como se apresentam no livro posteriormente lançado, organizava em uma espécie de diário, pelo qual certos dias se apresentavam breves, ou extensas descrições dos acontecimentos e das observações que realizava por onde teve passagem. Por meio desses registros, conforme Ana Maria Mauad, Koseritz não apenas figura um Brasil, mas ensina a

⁵⁹⁶ KOSERITZ, *Imagens...*, op. cit., p. 22.

⁵⁹⁷ Idem, p. 234.

figurá-lo e descrevê-lo.⁵⁹⁸ Em outras palavras, significa dizer que, como observador externo e atento aos aspectos de interação social que não despertam atenção aos membros do grupo local, Koseritz passou a enquadrar com clareza quase classificatória tipos, costumes, hábitos e normas de comportamento. A experiência cotidiana, depois de certo tempo, fez com que ele próprio se misturasse ao ambiente visitado, aproximando-se dos habitantes locais, familiarizando-se com as rotinas e os problemas da cidade. Seus escritos quase diários acabam sendo um roteiro claro, que o inclui como habitante da cidade, transmitindo “informações preciosas sobre a cultura material e as maneiras de resolver problemas práticos, indicativos de vivências e de hábitos que declaram a sua intimidade e familiaridade para com o lugar”.⁵⁹⁹ Ao todo, totalizaram-se noventa e quatro textos, sendo o último datado por Koseritz em 11 de novembro de 1883, em São Paulo, quando se preparava para dar início à etapa final de sua viagem de retorno ao Rio Grande do Sul.

Em 17 de novembro de 1883, o jornal *Koseritz' Deutsche Zeitung* anunciava, para o dia seguinte, o regresso do seu ilustre redator, que estava acompanhado de sua família. O anúncio, realizado também pelo jornal *Gazeta de Porto Alegre*, convidava amigos para recepcioná-lo, organizados a partir das 6h30min do dia 18 de novembro, a bordo do *Maratá*, rumo à ilha das Pedras Brancas.⁶⁰⁰ Dias depois, um texto foi publicado no mesmo jornal, para descrever a festividade pelo retorno de Koseritz ao Rio Grande do Sul.⁶⁰¹ Como uma “viva imagem de um oceano” no Guaíba, pela presença de diferentes embarcações à espera do *Itapuã*, Koseritz e sua família foram recebidos por uma comissão. Segundo as palavras do periódico, seguiu-se rumo a Porto Alegre, em meio a uma grande festa. Friedrich Haensel, redator temporário da *Gazeta de Porto Alegre*, em substituição a Koseritz, fez as honras oficiais ao retorno do seu ilustre amigo, dirigindo a ele um discurso, que também se encontrava estampado no jornal. Haensel desejou boas vindas, e mencionou que a presença de Koseritz em meio aos presentes alegrava a todos, após um período de ausência, para cumprir com obrigações de interesse para a província. Ressaltou ainda o orador a confiança dos amigos ali presentes em relação a Koseritz, fato que permitia a todos saberem que ele fazia tudo aquilo que estava

⁵⁹⁸ MAUAD, Ana Maria. *Entre retratos e paisagens: modos de ver e representar no Brasil oitocentista*. Disponível em <<http://www.studium.iar.unicamp.br/15/01.html>>. Acesso em 20 de junho de 2012.

⁵⁹⁹ Idem, loc. cit.

⁶⁰⁰ *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 17/11/1883.

⁶⁰¹ *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 20/11/1883.

ao seu alcance, e tudo poderá fazer. “Muitos inimigos, muita honra”, continuou Haensel, lembrando-se das aspirações e da “pureza das causas”, sem esquecer jamais o desenvolvimento da germanidade, não somente na província, mas em todo o Império, que deveria ser atribuído ao talento e à força de trabalho de Koseritz. “Seu nome pertence à história do desenvolvimento desta terra, de ter feito um serviço maior do que qualquer um”, ao olhar para as conquistas que resultavam da aproximação que favorecia tanto o Brasil quanto a Alemanha. Orgulhosamente Koseritz deveria olhar para o seu trabalho realizado. Para finalizar o discurso, Haensel ainda destacou a fundação da *Sociedade Central de Imigração*, no Rio de Janeiro, sendo Koseritz um de seus precursores, sem esquecer-se dos grandes serviços prestados para a realização da *Exposição Brasileira-Alemã*. Koseritz respondeu ao discurso por meio de palavras de agradecimento, prosseguindo com a apresentação aos presentes sobre alguns detalhes do desenvolvimento de suas atividades em prol da germanidade no Brasil. O texto do jornal indicou ainda a presença e o pronunciamento de Antônio Joaquim Dias⁶⁰², proprietário e redator do jornal pelotense *Correio Mercantil*, de Tibúrcio Junior, o qual estaria representando os brasileiros presentes, bem como de Anton Collor⁶⁰³, que era mencionado como representante dos amigos de Koseritz de toda a colônia. A comemoração pelo retorno foi finalizada com um brinde pelos resultados da eleição realizada na província, a qual havia colocado Koseritz, pela primeira vez, na bancada da Assembleia Provincial. Às 9 horas, a embarcação chegou à doca, em Porto Alegre, e, juntamente com a família, Koseritz voltava à sua residência, localizada na Rua da Olaria. “Nós desejamos, novamente, ao redator-chefe dessa folha e à sua família, boas-vindas à terra natal, à província Rio Grande do Sul”.

O conjunto de cartas que deu origem à obra oitocentista *Bilder aus Brasilien* – traduzida para *Imagens do Brasil* – reuniu em quase 400 páginas as experiências e as descrições de sua permanência, em especial, no Rio de Janeiro. No mês de fevereiro de 1885, os exemplares estavam à disposição do público para compra, na livraria *Gundlach & Comp.*, em Porto Alegre.⁶⁰⁴ Lançada em 1885 pela editora alemã

⁶⁰² Koseritz conservou ligações com a imprensa de Pelotas, onde iniciou sua trajetória ligada à tipografia. Em nota publicada no *Koseritz' Deutsche Zeitung*, divulgou o brilhante êxito de Antonieta Dias nos seus estudos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, filha de Antônio Joaquim Dias. Foi a terceira mulher a se formar como médica no Brasil. Cf. *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 12/11/1184; SCHUMAHER, Schuma. *Dicionário mulheres do Brasil*: de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 83.

⁶⁰³ Anton Johann Collor era proprietário da linha de navegação do rio Caí.

⁶⁰⁴ *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 28/2/1885.

de Wilhelm Friedrich – *Königliche Hofbuchhandlung*, com representações nas cidades de Leipzig e Berlim –, ela tornou-se fonte fundamental de informações, e ganhou destaque pela maneira expressiva, quase pictórica, como a realidade foi descrita por Koseritz. Seu diário, organizado de maneira epistolar, ressalta a dimensão visual a partir dos detalhes presentes na narrativa, “corroborando em certa medida a ideia [...] de que o importante era dar a ver”.⁶⁰⁵ Os avisos para a vendagem do livro também passaram a ocupar o espaço dos anúncios de seus jornais, noticiados como exímias novidades, como demonstra a imagem a seguir.⁶⁰⁶

Figura 5: Anúncio de propaganda do livro *Bilder aus Brasilien*.



Legenda: Novidade! Novidade! / Chegou recentemente na *Gundlach & Comp.*/ Imagens do Brasil/ de Karl von Koseritz/ Com um prefácio de A. W. Sellin (com 19 ilustrações de gravações originais/ Uma forte, elegante equipada banda de 379 páginas, que contém as “Cartas de viagem” do autor (do Rio e São Paulo)./ Preço 9\$000 réis.

Fonte: Imagem do autor.

A edição em alemão contava com 19 ilustrações, o que configurava, segundo Ana Maria Mauad, uma espécie de diálogo entre o texto e as fotografias de paisagem, uma tendência já consolidada no final do século XIX.⁶⁰⁷ A partir das gravações originais sobre alguns locais da cidade, encontram-se representados locais que incluíam o Porto do Rio de Janeiro, a entrada da Baía de Guanabara, o Botafogo, o Morro da Glória (visto do Jardim Público), Praia de Icarai, o Palácio Imperial de São Cristóvão, a Tipografia Nacional, Jardim Botânico, Hotel Vista Alegre, o Mercado, o Corcovado (visto do campo dos Leões), o Ministério da

⁶⁰⁵ MAUAD, *Entre retratos e paisagens*..., op. cit, loc. cit.

⁶⁰⁶ Koseritz' *Deutsche Zeitung*, 21/3/1883.

⁶⁰⁷ MAUAD, op. cit, loc. cit.

Agricultura, além da Igreja do Rosário, da Rua São Bento e da Rua da Imperatriz, da vista da Várzea do Carmo com o Mercado e o Braz, a Faculdade de Direito em São Paulo. Da versão traduzida para a língua portuguesa, algumas imagens foram subtraídas, incluindo ilustrações que remetem, por exemplo, a peças do Museu Nacional, como a imagem sobre mumificação de cabeças, as vestimentas de guerra e instrumento musical dos Mundurucus⁶⁰⁸, o desenho de um dos crânios encontrados no sambaqui de Lagoa Santa, Minas Gerais, e a imagem de uma índia preparando um arco. Há que se ressaltar que, na edição de 1885, as imagens foram dispostas seguindo a organização cronológica dos locais frequentados, aproximando o relato descritivo à representação imagética. Ambas não deixam de ser maneiras específicas de definir a realidade e conduzir os leitores a uma compreensão pelo olhar de seu autor, ao mesmo tempo em que a seleção das ilustrações atende aos interesses daqueles que conceberam a obra, a fim de que o leitor pudesse tê-las como referência e como informação.

Dentre as produções de Koseritz para a imprensa, não somente as “Cartas da Corte”, do Rio de Janeiro, são exemplos de leitura que ele empreendeu sobre os espaços pelos quais percorreu. Tratou-se de um estilo de escrita peculiar, que se tornou recorrente para todo registro de viagem, procurando dar conta de suas mais diferentes experiências. O resultado condiz com um tipo de composição cheia de detalhes e aspectos minuciosos. Como já destacamos, essa variedade de escrita agregou textos relacionados aos relatos produzidos a partir de sua ida à Europa, em 1886, e que, mais tarde, transformaram-se em dois livros distintos, *Reisebriefe* e *Impressões d'Itália*.

Essa mesma estrutura de redação se faria ler, pela última vez, nos relatos de Koseritz em sua temporada em Cidreira, no litoral do Rio Grande do Sul, no ano de 1888, com a publicação de sete textos, entre os meses de fevereiro e março. Mais uma vez, as descrições ricas e pormenorizadas de Koseritz demonstravam um estilo próprio, atento aos detalhes de um cotidiano compartilhado com outras pessoas, que tinha início desde a saída de Porto Alegre, até a chegada em Cidreira. Dentre os aspectos citados, fazia-se menção à caravana composta por oito carretas, que se deslocava pelo trajeto ao mar, intercalando horas de viagem aos momentos de

⁶⁰⁸ Ao visitar a sala dos Mundurucus, Koseritz impressionou-se com os objetos expostos, os quais considerava serem os mais belos objetos indígenas. Os Mundurucus são originários da região de fronteiras entre os atuais estados do Pará, Amazonas e Mato Grosso. KOSERITZ, *Bilder...*, op. cit., p. 113-114; 224-226.

descanso aos pernoites em diferentes propriedades, durante quase cinco dias. Chegando ao litoral, Koseritz procura descrever em seus artigos “Aus dem Seebade”, o ambiente natural, formado por dunas, vegetação rasteira e escassa, onde se situava a pequena localidade provisória de Cidreira. Segundo a descrição, ela era composta por sessenta cabanas de palha, quase todas elas identificadas com desenhos ou inscrições em bandeiras, nas quais podiam ser lidas palavras como liberdade, independência, progresso, ordem, entre outras. Além da Praça São João e a Rua São Carlos, encontravam-se duas lojas comerciais, uma padaria, e os serviços de um barbeiro. Como destacou Koseritz, mesmo pela paisagem rústica e o pequeno conforto das cabanas, próximo ao mar era possível viver feliz e livre, respirando o ar saudável, que vinha do oceano para a costa.⁶⁰⁹ Nesse espaço, as relações sociais se constituíam dentro de uma rotina diária, que iniciava com banhos de mar no princípio da manhã, quando homens e mulheres encontravam-se em seus trajes de banho da última moda, prosseguindo com passeios à beira-mar, ao posterior café da manhã, aos almoços, aos jogos de loto e de carta, às sextas, a um novo banho no final da tarde, às conversas. À noite, em torno das nove horas, as famílias recolhiam-se a suas moradas, para repetir as atividades no dia seguintes. Além de teuto-brasileiros provindos de diferentes municípios, encontrava-se um número expressivo de luso-brasileiros, e Koseritz registrou que no dia 6 de fevereiro já podiam ser contadas trezentas e dezoito habitantes, sem esquecer que em Tramandaí⁶¹⁰ encontravam-se outras tantas pessoas da colônia alemã, onde o pasto aos animais era melhor, bem como as casas que ali se encontravam.⁶¹¹ Koseritz chegou a citar diversos, nomeado famílias como Christoffel, Barcellos, Lopes, Diehl, Hasslocher, Machado, Wallau, assim como os nomes de Antero Henrique da Silva, Peter Weingärtner, Carlos Daudt, Luiz Bastian, Jean Diehl, August Volkmer, Adolf Mabilde, Francisco Mariante, Pedro Porto, Carl Eltz, José Gonçalves. Entre políticos, homens de negócio e industriais da província, a formação da sociedade local sugere conservar os ambientes que se fizeram valer em outros espaços, como é o caso de Porto Alegre. Como sugere Marcos Witt, as vias de acesso e suas sustentações, de que alemães e teuto-brasileiros fizeram uso para conquistar o espaço político, em seu sentido abrangente, “só podem ser compreendidos a partir do estudo do

⁶⁰⁹ “Do banho de mar”, *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, 11/2/1888.

⁶¹⁰ Encontravam-se em Tramandaí Carl Pohlmann, Otto Bostellmann, João Gomes, a filha do Dr. Moura, de São Leopoldo, que se dirigiram em visita aos moradores de Cidreira. Cf. *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, 3/3/1888.

⁶¹¹ *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, 15/2/1888.

cotidiano. Compor a rede de relações estabelecidas entre imigrantes e descendentes com seus pares”⁶¹².

Sem isolar-se completamente dos acontecimentos da província, a localidade recebia, quatro vezes ao mês, o correio que vinha de Conceição do Arroio [Osório]. A diversão ficou por conta dos jogos de carta e à chegada do Circo Paulistano. Além disso, Koseritz fez alusão à realização do carnaval e a festa do entrudo, bem como aos recitais que ocorriam em frente à cabana onde estava acomodado, ao som da gaita da senhora Barcellos e das vozes das jovens moças.

As descrições de Koseritz, como se faz notar neste último caso, surpreendem pela sua habilidade em observar e redigir, bem como pelas riquezas social, política e cultural, recriadas a partir de imagens sobre os diferentes momentos e espaços. Pela imprensa, a província e o império abriram possibilidades para que o narrador pudesse explorar o seu talento, e aproximar-se do público, fazendo-se um dos críticos mais importantes da realidade brasileira. De maneira geral, soube trazer leituras pertinentes ao contexto do elemento teuto-brasileiro, ao mesmo tempo em que articulou suas impressões em jornais de língua portuguesa, discutindo os problemas mais profundos do país. Foi esse, igualmente, o papel de Koseritz nos diferentes periódicos, revelando aos leitores as múltiplas facetas desse país. Não se tratava de um pensador europeu no Brasil, mas de alguém que carregava a lucidez e o conhecimento suficientes para analisar a terra que o acolheu. De fato, suas leituras sobre o país permitem enxergá-lo como cidadão teuto-brasileiro, postura política que tanto esperava de seu grupo étnico, como de todos os outros brasileiros.

⁶¹² WITT, Marcos Antônio. *Em busca de um lugar ao sol. Estratégias políticas, imigração alemã, Rio Grande do Sul, século XIX*. São Leopoldo: Oikos, 2008, p. 22.

4 PENSAMENTO CRÍTICO E ORIGINAL

O traço peculiar de Karl von Koseritz na imprensa do Rio Grande do Sul permite tecer considerações sobre sua visão de mundo, fundamentada, em grande parte, por pressupostos de renovação ideológica, que tiveram alcance em diferentes esferas. Por meio das atividades tipográficas, pôde materializar suas considerações, e atingir um expressivo número de pessoas, constituindo círculos de leitores específicos, alguns mais abrangentes do que outros.

Fosse uma imprensa partidária, científico-literária, noticiosa, maçônica ou étnica, seu objetivo era permitir que os jornais levassem aos diferentes públicos as informações que atendiam aos interesses e às necessidades mais importantes, incluindo orientações que claramente carregavam um viés doutrinário para evidenciar vertentes de um pensamento liberal, ou combater grupos e manifestações sociais vistas por Koseritz como retrógradas e reacionárias. Dessa forma, como livre-pensador foi responsável por difundir um pensamento crítico e, sem dúvida, original.

4.1 Por uma cultura livre: maçonaria, anticlericalismo e *Kulturkampf*

A relação de Koseritz com a maçonaria, neste ponto, parece constituir uma de suas vertentes mais expressivas, incluindo a produção escrita que, em todo caso, permite que se possam enxergar as especificidades do seu pensamento. Além disso, a relação constituída entre as partes deve ser compreendida a partir de uma perspectiva recíproca, uma vez que a maçonaria reforçou em Koseritz grande parte do conjunto de ideias liberais que já estavam presentes em seu discurso, bem como grande parte dos vínculos e das redes sociais que o aproximaram de personalidades políticas e culturais influentes, especialmente em Porto Alegre. Por outro lado, frente às considerações de Eliane Lucia Colussi⁶¹³ de que a maçonaria, a partir de 1870, em sua terceira fase no Rio Grande do Sul, adquiriu identidade própria – liberal e anticlerical –, tomamos nota de que isso se deve, em parte, à atuação de Koseritz nos quadros da entidade. Cabe ainda destacar que as fontes primárias consultadas,

⁶¹³ COLUSSI, Elaine Lúcia. *Plantando ramas de acácia*: a maçonaria gaúcha na segunda metade do século XIX. Porto Alegre: Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, 1998. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1998, p. 197. Cf. COLUSSI, Elaine Lúcia. *A maçonaria gaúcha no século XIX*. Passo Fundo: UPF, 2011.

especialmente os jornais *Deutsche Zeitung* e *A Acácia*, indicam que houve uma série de textos que tratavam direta ou indiretamente sobre as questões da maçonaria, sobretudo durante a década de 1870, o que permite concluir que este seja o momento em que o debate guiado pela orientação maçônica tenha atingido mais força nos prelos cuja responsabilidade correspondia a Koseritz.

A presença da maçonaria no Rio Grande do Sul consolidou-se de forma sistemática e regular a partir da década de 1830, motivada pela existência de sociedades secretas ligadas ao viés político, iluminista e liberal, e à multiplicação dos órgãos de imprensa. Além do mais, as primeiras lojas maçônicas buscariam reverter o distanciamento presente entre as elites locais e as regiões centrais do Brasil, reforçando a frágil integração com a elite política nacional.⁶¹⁴ Para Colussi, após a consolidação, encontram-se quatro momentos distintos para a história da maçonaria, no século XIX.⁶¹⁵ A primeira correspondeu ao período entre 1830 e o final da Guerra dos Farrapos, em 1845; a segunda da pacificação até 1857, quando as lojas maçônicas do Rio Grande do Sul foram anexadas ao *Grande Oriente do Brasil*; a terceira, a fase de consolidação e expansão, durou até 1893, ano em que foi fundado o *Grande Oriente do Rio Grande do Sul*. Finalmente, a quarta, esteve relacionada aos anos finais daquele século e ao surgimento de novas forças maçônicas. Sem desconsiderar a historicidade da maçonaria, o destaque que neste momento nos interessa estará focado ao período de consolidação da maçonaria, tempo no qual Koseritz demonstrou grande participação, tornando-se agente importante para que a maçonaria exercesse um papel de destaque no campo da política e da cultura, além de fazer com que a imprensa e a literatura fossem colocadas em evidência, como instrumento de vulgarização dos preceitos maçônicos para o chamado “mundo profano”.

Na segunda metade do século XIX, a maçonaria no Rio Grande do Sul encontrava-se em expansão, e distribuída pelas mais diversas áreas e pelos mais variados municípios.⁶¹⁶ Acredita-se que Koseritz, após sua chegada ao sul da

⁶¹⁴ A presença de estudantes na Universidade de Coimbra, que representava um elemento unificador para a elite política do Brasil, constituía um índice muito baixo. Para Eliane L. Colussi, a questão permite compreender as dificuldades encontradas para a formação intelectual no Rio Grande do Sul, bem como o certo atraso para a consolidação do pensamento europeu na província. Cf. COLUSSI, *Plantando Ramas de Acácia...*, op. cit., p. 173.

⁶¹⁵ Idem, p. 175.

⁶¹⁶ Para o tema da maçonaria no Rio Grande do Sul, consultar o texto de Carlos Dienstbach, bem como a tese de Eliane L. Colussi, que aborda o desenvolvimento da maçonaria gaúcha na segunda metade do século XIX, incluindo as fases, lojas maçônicas, os membros e a relação com a Igreja Católica na província. DIENSTBACH,

província, nos anos iniciais da década de 1850, possa ter tido seus primeiros contatos com a maçonaria de Pelotas. Sua proximidade a Telêmaco Bouliech, personalidade local ligada à imprensa, e dirigente da loja *Honra e Humanidade*, desde 1855, pode sugerir essa hipótese.⁶¹⁷ Mas foi somente em Porto Alegre, depois da sua instalação definitiva em Porto Alegre, em 1864, que a participação de Koseritz nos quadros da entidade passou a dar-lhe certa visibilidade e destaque frente aos demais membros. Na Capital da província, acredita-se que tenha se tornado membro da maçonaria somente após 1870, tendo em vista que a sua chegada coincidiu com a eclosão da Guerra do Paraguai, momento no qual houve uma diminuição considerável de lojas maçônicas.⁶¹⁸

Na década de 1870, a criação de várias lojas em diferentes municípios do Rio Grande do Sul confirmava um rápido crescimento da maçonaria, com predomínio de uma tendência mais radical, denominada de *Beneditinos*.⁶¹⁹ Somado a isso, tratou-se de um período no qual aumentaram as tensões entre a maçonaria e a Igreja Católica, naquilo que diz respeito à questão religiosa.

O embate se deu entre duas correntes de pensamento das quais as duas instituições foram seus melhores representantes: o pensamento liberal e cientificista e o pensamento católico-conservador, movido pela política papal da romanização. Identificada com o primeiro, a maçonaria nacional ofereceu aos liberais e cientificistas alguns dos principais intelectuais e políticos defensores da laicização da sociedade.⁶²⁰

Além disso, a expansão da maçonaria na província esteve vinculada à consolidação e à hegemonia do Partido Liberal, assim como à ascensão de importantes figuras políticas. Essa relação é reforçada quando se observa que a maioria dos maçons pertencia ao Partido Liberal. Era o partido cujo programa estava associado, em parte, às posturas do liberalismo clássico.⁶²¹ Isso significava, em termos práticos, que os liberais maçons podiam defender certas reformas liberais

Carlos. *A maçonaria gaúcha*. História da maçonaria e das lojas do Rio Grande do Sul. Londrina: A Trolha, 1993; COLUSSI, *Plantando Ramas de Acácia...*, op. cit.

⁶¹⁷ Idem, p. 319-320.

⁶¹⁸ Eliane L. Colussi destaca que em sua pesquisa sobre a maçonaria gaúcha, o nome de Koseritz não aparece antes de 1875. Idem, p. 175.

⁶¹⁹ Após 1863 ocorreu um cisma maçônico, polarizando duas tendências. Uma delas, o Grande Oriente do Brasil, encontrava-se dividido em duas outras vertentes – o Grande Oriente do Lavradio e o Grande Oriente dos Beneditinos. O grupo mais disseminado e mais politizado era o dos Beneditinos.

⁶²⁰ Idem, ibidem.

⁶²¹ Idem, p. 210.

sem, contudo, tocar profundamente em questões como a escravidão.⁶²² No poder, nem sempre as ações práticas do Partido Liberal corresponderam às expectativas de sua pauta, uma vez que as questões e os interesses pessoais tinham um peso maior sobre a orientação liberal ou, inclusive, maçônica.

No ano de 1873, o Rio Grande do Sul contava com dezessete lojas maçônicas, perdendo em número somente para o município do Rio de Janeiro.⁶²³ Nos dois anos seguintes, outras vinte e duas foram criadas, incluindo a instalação da loja *Zur Eintracht*, em 16 de dezembro de 1875, para a qual Koseritz fora escolhido como venerável, juntamente com o venerável adjunto Emilio Wiedemann, o 1º vigilante Carl Pohlmann, o 2º vigilante Laurentino Ebbesen, orador Menno Mundt, secretário Martin Theodoro Raetze e tesoureiro Carl Johannes Schroeder. O quadro de obreiros da loja, para o ano de 1875, contava setenta e uma assinaturas, todos os nomes de família eram teutos.⁶²⁴ Seria a primeira oficina maçônica a realizar suas atividades em língua alemã, filiada à *Grande Loja Simbólica da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*. Seu templo foi anunciado em 13 de fevereiro de 1876, com o lançamento da pedra fundamental. A ocasião foi noticiada nos jornais *Deutsche Zeitung*, *A Acácia* e no *Boletim do Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil*.

Lançamento da Pedra Fundamental da Loja “Zur Eintracht”

Está lançada a pedra fundamental do primeiro templo maçônico que vai possuir a nossa florescente cidade de Porto Alegre!

É um fato de duplo alcance, já pela razão acima, já pelo fato de ter tido lugar a referida cerimônia à luz do dia em todas as formalidades prescritas pelo respectivo rito.

Não só se construiu um primeiro templo, mas também pela vez primeira desfilou pelas ruas da cidade um préstito maçônico.⁶²⁵

O momento contou com a participação de pessoas da loja *Zur Eintracht* e de outros círculos maçônicos, com destaque para as lojas *Progresso da*

⁶²² A orientação liberal, desde a década de 1860, sustentava um programa para o Partido Liberal, que reivindicava, sobretudo, mudanças por meio de reforma eleitoral, de reforma da polícia, de alistamento militar facultativo e de liberdade imediata aos filhos de escravos. Em 26 de maio de 1869, o *Deutsche Zeitung* publicava um artigo em defesa desse programa.

⁶²³ COLUSSI, *Plantando Ramas de Acácia...*, op. cit., p. 210.

⁶²⁴ O quadro de obreiros da loja *Zur Eintracht* encontra-se no arquivo maçônico do Grande Oriente do Rio Grande do Sul.

⁶²⁵ A notícia de fundação incluiu, também, a ata de fundação, que foi assinada durante a solenidade. *A Acácia*, 17/2/1876.

*Humanidade*⁶²⁶, *Luz e Ordem* e *Tolerância*, bem como a presença do venerável da loja Provincial, Luiz da Silva Flores Filho [Dr. Flores]. Após a execução dos rituais próprios para a ocasião, a ata de lançamento, redigida em português, alemão e latim, foi assinada pelos membros proeminentes da maçonaria, e depositada em uma cápsula de chumbo, a par de outros documentos, incluindo uma litografia de Porto Alegre, moedas de prata e cobre, um exemplar do almanaque *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, dos jornais *A Acácia*, *Deutsche Zeitung*, *Der Bote* e *Deutsches Volksblatt*, e outras quatro folhas diárias da Capital. Seguiu-se com um préstito pelas ruas Ladeira, dos Andradas e Senhor dos Passos, até o local da futura edificação, onde seguiram os rituais e os discursos. À noite, maçons alemães e brasileiros reuniram-se novamente no jardim do senhor Walmrath, em meio a brindes e novos discursos. Koseritz finalizou a sua descrição, enaltecendo o acontecimento.

O autor destas linhas e redator da *Acácia*, é suspeito tratando da festa na qual funcionou como venerável da Loja *Zur Eintracht*; entretanto diremos que a Loja alemã, que, organizada há poucos meses já constroi um templo seu, o primeiro em Porto Alegre, prestou com sua pública solenidade não pequeno serviço à maçonaria, porque rompendo por velhos preceitos e arrostando a condenação de espíritos acanhados, cumpriu a risco a prescrição do ritual para a cerimônia em questão [...].

[...].

Honra, dez vezes honra a esses distintos Ilr.:; honra a todos quantos contribuirão para o esplendor dessa primeira festa pública da maçonaria rio-grandense; honra também ao povo de Porto Alegre que cercou de tanto respeito e profundo acatamento esta pública manifestação dos campeões da humanidade e apóstolos da verdadeira luz!⁶²⁷

Como observa Maria Amélia Schmidt Dickie⁶²⁸, as falas inaugurais se preocuparam em enfatizar a ordem maçônica sobre qualquer interesse que externasse prioritariamente a nacionalidade ou o credo. Por outro lado, como demonstram algumas passagens do texto, entre as variantes que se encontravam no interior da estrutura maçônica da província, a loja *Zur Eintracht* seguia o “ritual de

⁶²⁶ Germano Hasslocher assumiu, na época, o posto de venerável da loja *Progresso da Humanidade*.

⁶²⁷ *A Acácia*, 17/2/1876.

⁶²⁸ DICKIE, Maria Amélia Schmidt. Dos “Senhores do Sul aos Brummer”: a trajetória da construção social do trabalho. (R.S.: 1824 -1880). In: XIII Encontro Anual da ANPOCS, 1989, Caxambu. *Anais*. p. 1-20. Disponível em

<http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=6718&Itemid=368>

Acesso em 16 de jan. de 2015.

Schröder”.⁶²⁹ Entre os maçons do Brasil e do Rio Grande do Sul prevaleciam as orientações da franco-maçonaria. Como destaca Martin N. Dreher, Koseritz defendia a maçonaria alemã “joanina”, considerada de moral “pura” e “límpida”, em consonância com o “filósofo Cristo”.⁶³⁰ A respeito disso, pode-se concluir que existiam limites à unidade maçônica, à medida que Koseritz e os outros membros valeram-se de procedimentos ritualísticos de origem germânica. Contudo, não se tratava de uma postura isolada, visto que no campo cultural havia uma preocupação em combater a influência francesa e fortalecer a tradição alemã, como veremos mais adiante. Além disso, é pertinente considerar que ainda pudessem existir repercussões das guerras franco-prussianas entre os alemães e teuto-brasileiros, o que poderia motivá-los a se aproximarem de usos e costumes que ressaltassem o germanismo.

A localização do templo, erguido ao lado da Igreja Luterana de Porto Alegre, ainda em 1876, demonstrava a proximidade entre as instituições, tendo em vista a quantidade expressiva de maçons protestantes entre os obreiros daquela loja. *Zur Eintrach* manteve suas atividades até 1887, e sua sede tornou-se, então, propriedade da *Sociedade Filantrópica Alemã*.⁶³¹ Para tanto, é preciso considerar as questões que dizem respeito ao enfraquecimento da maçonaria como um todo. Para a década de 1880, poucas lojas haviam sido fundadas. A expansão de ideias acerca do republicanismo e do abolicionismo podem ter afetado a criação de novos núcleos, pois estes movimentos foram recebidos de maneira distinta pelos maçons gaúchos. Conseqüentemente, alguns membros procuraram delimitar novas posturas, o que implicou em antagonismos ideológicos e a reorganização de algumas lojas. Enquanto uns aderiram à causa, outros permaneceram adeptos ao monarquismo brasileiro. Diferente daquilo que ocorreu em outras províncias, no Rio Grande do Sul a maçonaria não constituiu uma relação mais direta com a Proclamação da República. A heterogeneidade, neste caso, levou a uma divisão entre os maçons, e

⁶²⁹ O “ritual Schröder”, baseado na maçonaria inglesa, foi sistematizado através dos escritos do maçom von Gräfe, com auxílio de Friedrich Ludwig Schröder. Este último instituiu o ritual pela primeira vez em 29 de junho de 1801, na Assembleia Geral dos Veneráveis Mestres da Grande Loja Provincial da Baixa Saxônia e Hamburgo.

⁶³⁰ DREHER, Martin Norberto. *Wilhelm Rotermund*. Seu tempo – Suas obras. São Leopoldo: Oikos, 2014, p. 150.

⁶³¹ PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. Religião e participação política. In: RAMBO, Arthur Blásio, FÉLIX, Loiva Otero (orgs.). *Revolução Federalista e os teuto-brasileiros*. São Leopoldo: Ed. Unisinos; Porto Alegre: Editora da Universidade/Ufrgs, 1995, p. 57-68.

a luta política entrou nas lojas maçônicas, o que provavelmente enfraqueceu o movimento como um todo.⁶³²

Especialmente na década de 1870, o vínculo de Koseritz com a maçonaria ampliou-se para além dos quadros de sua loja. Uma quantidade considerável de registros pode ser encontrada em seus jornais, que tratavam de assuntos de outras irmandades, desde atividades e ações beneficentes a notas de falecimentos.

São Leopoldo [...] o saimento do Sr. Carlos Erdmann, em Neustadt [...], comparecendo a loja maçônica Estrela do Oriente (de que era o venerável o finado), uma comissão de 5 membros da loja Zur Eintracht [...].

A oração fúnebre foi proferida pelo Revd. Dr. Rotermond e junto a sepultura falaram os Srs. Ernesto Mutzell, Epifanio Fogaça, Franklin de Vasconcellos e C. von Koseritz.⁶³³

Nesse universo, essa relação se dava com lojas maçônicas cujos membros poderiam ser majoritariamente luso-brasileiros, como com grupos maçônicos de regiões coloniais, onde havia a predominância do elemento étnico, como a loja *União e Fraternidade* situada em São Leopoldo, da qual se acredita que Hillebrand, diretor da colônia⁶³⁴, era membro. Além disso, é possível encontrar alguns anúncios no *Deutsche Zeitung* e no *Koseritz' Deutsche Zeitung*, que convidavam os membros para os encontros realizados na loja alemã *Zur Eintracht*.

Além da divulgação e da reafirmação de ideias liberais, pode-se perceber que a maçonaria tornou-se, para Koseritz, um espaço de construção de vínculos sociais, naquilo que diz respeito a homens ligados à elite da comunidade alemã e teuto-brasileira, bem como a personalidades políticas e culturais de toda a província. De certo modo, levando-se em consideração alguns nomes da maçonaria gaúcha para o período, ela abrigou sob o seu teto pessoas de diferentes orientações políticas, permitindo a convivência de abolicionista, republicanos e liberais monarquistas, embora essas circunstâncias também tivessem um preço para a própria entidade.

De maneira geral, os maçons pertenciam a uma elite local, fossem ligados à economia ou à esfera cultural e política. A maior parte dos dirigentes das irmandades pertencia ao setor terciário, destacando-se capitalistas, proprietários e empresários, comerciantes, funcionários públicos e profissionais liberais –

⁶³² Aliado a isso, ainda consta a crise na maçonaria da província instalada em 1883, quando ocorreu uma unificação da maçonaria nacional.

⁶³³ *Gazeta de Porto Alegre*, 9/1/1879.

⁶³⁴ COLUSSI, *Plantando Ramas de Acácia...*, op. cit., p. 183.

advogados, médicos, engenheiros e jornalistas. Nesse conjunto, havia um número expressivo de comerciantes, informação que, num primeiro momento, pode levar a presumir, com equívocos, que a maçonaria não teve um padrão intelectualizado. Para tanto, basta propor que se observe que os dirigentes maçons gaúchos de maior importância e influência eram profissionais liberais, como atestam os casos de Koseritz, Silveira Martins, Germano Hasslocher, Caldas Junior, entre tantos outros. De qualquer forma, a consideração de José Murilo de Carvalho soa pertinente quando afirma que esses profissionais tinham uma aproximação maior à elite intelectual do Brasil do século XIX, se comparado a outros grupos.⁶³⁵

De todo modo, a maçonaria demonstrou grande influência em relação à imprensa da província. Eliane L. Colussi salienta que essa presença é marcante tanto para periódicos de língua portuguesa quanto para de língua alemã. Segundo ela, “intelectuais e letrados, integrantes da elite regional, os maçons ocuparam espaço privilegiado num dos poucos meios de comunicação disponíveis na época”.⁶³⁶ A imprensa maçônica tinha um cunho anticlerical e secular.

Nesse contexto, Koseritz tem um papel importante à frente da imprensa. Como redator, colaborador e intelectual, foi o mais destacado dirigente maçom, exercendo, também, influência junto à intelectualidade local.⁶³⁷ Seu engajamento expõe as questões que movimentaram a maçonaria em seus quadros mais gerais, especialmente naquilo que diz respeito à secularização e ao anticlericalismo. Na imprensa oficial, encontramos destaque para o jornal *A Acácia*, que em substituição à folha *Maçon*, transformou-se no órgão oficial da maçonaria gaúcha. Tinha como objetivo servir de instrumento de doutrinação para os pedreiros-livres, restringindo-se aos círculos maçônicos. Apesar disso, travou embates mais sistemáticos com os jornais católicos *O Apóstolo*, do Rio de Janeiro, e *Deutsches Volksblatt*, de São Leopoldo. O bissetimário dos jesuítas na província foi criado, inclusive, com o propósito do então provincial dos jesuítas, padre Wilhelm Feldhaus, de fazer frente aos ataques de Koseritz, encontrando-se em circulação a partir de 10 de março de 1871. O responsável pela redação, composição e impressão do jornal foi o professor primário Jacob Dillenburg, auxiliado pelo *Brummer* von Reisswitz. A partir de 1876,

⁶³⁵ CARVALHO, José Murilo. *A construção da ordem*: a elite política imperial. Teatro de Sombras: a política imperial. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, Relume-Dumará, 1996, p. 88-89.

⁶³⁶ COLUSSI, *Plantando Ramas de Acácia...*, op. cit., p. 312.

⁶³⁷ Idem, p. 324.

com a venda da tipografia para os padres jesuítas, *Deutsches Volksblatt* teve o padre Mathias Müsch no posto de redator da folha.⁶³⁸

Além desses, Koseritz, embora construísse uma ligação mais próxima com a Igreja Luterana durante a década de 1880, também polemizou com jornais de orientação protestante, o que incluiu, especialmente, a figura do pastor Wilhelm Rotermund, como *Der Bote* e *Deutsche Post*.⁶³⁹ Ainda podemos incluir, nesse conjunto, o jornal *Deutsche Zeitung*, que endossou premissas maçônicas em suas folhas, durante a permanência de Koseritz como chefe-redator, não encontrando nesse espaço oposição ou ressalvas quando à postura anticlerical, por exemplo, tendo em vista que membros do conselho administrativo dessa folha alemã também eram maçons. Ademais, torna-se necessário destacar que Koseritz construiu, por meio desse jornal, uma primeira grande aproximação entre o ideário maçônico e a população alemã e teuto-brasileira. No entanto, não se pode presumir, por meio dessa afirmação, que o círculo de leitores fosse ou viesse a se tornar exclusivamente maçom. Oposições às ideias de Koseritz sempre existiram, também no interior da própria maçonaria.

Publicados no *Deutsche Zeitung*, alguns textos já se ocupavam com matérias acerca de pressupostos liberais nos primeiros anos em que Koseritz era o chefe-redator. Em abril e maio de 1866, por exemplo, foram divulgados textos que abordavam “A liberdade religiosa no Brasil”.⁶⁴⁰ Tratava-se de apreciações sobre um estudo constitucional do advogado brasileiro Macedo Soares, que, entre outras coisas, descreveu as mudanças que haviam ocorrido em países europeus, diante de tal finalidade liberal. Não obstante, o exame demonstrou grande simpatia para com as considerações do jurista brasileiro, e indicavam a necessidade de mudanças, para que o Brasil pudesse adequar-se às novas ideias do século XIX. Contudo, o mesmo estudo passou pelo controle dos membros da Cúria de Porto Alegre,

⁶³⁸ BECKER, Klaus. “Deutsches Volksblatt”. In: BECKER, Klaus (org.) *O Rio Grande Antigo*. Enciclopédia Rio-Grandense. Canoas: Editora Regional Ltda., 1956, p. 45-46. Em 1891, a folha foi transferida de São Leopoldo para Porto Alegre, a fim de aumentar o número de assinantes.

⁶³⁹ Koseritz e *Deutsche Post* aproximavam-se quando as críticas envolviam a atuação dos jesuítas, em referência direta ao *Deutsches Volksblatt*. Assim o vemos, por exemplo, nas críticas do *Deutsche Post* ao jornal *Apóstolo*, do Rio de Janeiro, em torno da morte de Martin Luther. Além disso, o jornal de Rotermund ainda chegou a apresentar artigos nos quais se abordavam temas como o fanatismo religioso católico. Cf. *Deutsche Post*, 5/1/1884; 9/4/1884. Importante não esquecer a aproximação crescente entre Rotermund e Koseritz, durante a década de 1880, como veremos mais adiante.

⁶⁴⁰ Cf. *Deutsche Zeitung*, 2/5/1866. Nesta edição, tratava-se do III e último artigo sobre a questão da liberdade religiosa.

exigindo que seus fiéis não fizessem a leitura desse material, pelas doutrinas perigosas veiculadas pelo Dr. Macedo Soares.⁶⁴¹

Em grande parte, os escritos podem ser atribuídos a Koseritz. Embora não fosse o autor de todos os textos, já que havia colaboradores que redigiam para o jornal, devemos reconhecer que a Koseritz era atribuído o papel de redator, o que representava conhecimento e responsabilidade pelo conteúdo divulgado nas páginas do jornal.

Por outro lado, entende-se que, desde 1864, algumas escritas sobre os jesuítas e a liberdade religiosa, por exemplo, já podiam ser encontradas no *Deutsche Zeitung*. Na década seguinte, quando Koseritz consolidou sua atuação junto à maçonaria, o discurso liberal e anticlerical, ao lado do pensamento filosófico-racional e cientificista, intensificou-se, e passou a sustentar as pautas mais importantes do jornal, que renderam, inclusive, amplos debates.

Além disso, como já destacamos em outros momentos, a posição de Koseritz, pautada em princípios liberais e cientificistas, permitiu que uma via não confessional pudesse colocar-se como contraponto ao predomínio de vertentes religiosas, cujos impactos sobre a sociedade, aos olhos de Koseritz e outros maçon, eram negativos, na medida em que preservavam e reproduziam os estigmas da ignorância e do fanatismo. Nesse sentido, Eliane Colussi afirma que

do ponto de vista cultural, a luta pela secularização da sociedade e o combate ao jesuitismo revelaram uma geração de intelectuais que contribuíram para que se constituísse uma tradição cultural calcada nos fundamentos do liberalismo e cientificismo no Rio Grande do Sul. [...]. A imprensa, a educação e a caridade foram os caminhos escolhidos pela maçonaria gaúcha como baluartes do combate ao pensamento conservador-católico.⁶⁴²

Assim, os textos de Koseritz dialogavam com a retórica que foi assumida pela maçonaria, ditando posturas, inclusive, radicais, pela rejeição completa de muitos dogmas religiosos. Acerca das questões maçônicas e do teor das críticas que Koseritz empreendeu na imprensa, destacavam-se as suas observações sobre o clero, em especial aos jesuítas, bem como ao ultramontanismo católico. Como destaca Colussi, as questões anticlericais não condenavam diretamente a religião

⁶⁴¹ COLUSSI, *Plantando Ramas de Acácia...*, op. cit., p. 363.

⁶⁴² Idem, p. 222.

em si, mas tinham como alvo a Igreja institucionalizada e hierarquizada, especialmente ao papado, bem como a presença da Companhia de Jesus.⁶⁴³

Em outro artigo, de janeiro de 1870, no *Deutsche Zeitung*, Koseritz traria para a capa do jornal um assunto que discutia a infalibilidade papal romana e as verdades sustentadas pelo viés católico.⁶⁴⁴ Questionava-se, entre outras coisas, a razão pela qual muitos livros romanos sustentavam as certezas da Igreja dirigidas aos assuntos ligados à fé, bem como a procedência e a justificativa para a infalibilidade – viria ela da realização de um concílio ou do Papa? Da mesma forma, em resposta ao jornal *Deutsches Volksblatt*, que havia tratado em suas páginas sobre o não reconhecimento da infalibilidade pontifícia⁶⁴⁵ pelo governo prussiano, o jornal alemão de Porto Alegre tratou de comentar o posicionamento do órgão oficial dos jesuítas, acusando os padres da *Companhia de Jesus* de atuarem contra o patriotismo alemão, assim como já haviam sufocado, até então, o entusiasmo patriótico nas comunidades católicas alemães da província. Para o *Deutsche Zeitung*, tanto os jesuítas quanto Roma traziam em suas mãos os “interesses da raça latina”, e toda a sua estratégia residia nas suas “aspirações contra o germanismo, o portador do progresso e do esclarecimento”.⁶⁴⁶ Diante das ofensas do *Deutsches Volksblatt*, que teriam sido dirigidas a um dos melhores homens alemães, exaltava-se a postura de Bismarck, chanceler do Império alemão, que não reconhecera o dogma instituído pela Igreja Católica. “Esforço inútil”, continuaria o texto, “com o triunfo do germanismo sobre a romanidade, a escravidão está no passado. A Alemanha sabe que Roma sempre foi o seu mais perigoso inimigo, o aliado e o sustentáculo da França em campo contra a germanidade”.⁶⁴⁷

Como se pode constatar, a polêmica sustentada na imprensa com os jesuítas não diz respeito somente às questões do materialismo científico, como em muitos estudos históricos se tem tentado convencionar. Ela levanta indícios de que a presença da *Companhia de Jesus* nas regiões coloniais era vista como um perigo à existência e à preservação da germanidade. Contudo, essa é uma consideração que

⁶⁴³ COLUSSI, *Plantando Ramas de Acácia...*, op. cit., p. 307.

⁶⁴⁴ *Deutsche Zeitung*, 5/1/1870.

⁶⁴⁵ Em 18 de julho de 1870, o Concílio Vaticano I oficializava a criação do dogma de infalibilidade pontifícia. Por ele, o clero católico passava a considerar como verdadeiras e irrevogáveis as interpretações do soberano católico. Cf. WERLE, André Carlos. *A revista de tropas do exército católico alemão*. Congressos Católicos na Alemanha e no Sul do Brasil. Florianópolis: UFSC, 2006. Tese (Doutorado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, p. 61.

⁶⁴⁶ *Deutsche Zeitung*, 13/9/1871.

⁶⁴⁷ *Deutsche Zeitung*, 13/9/1871.

se torna válida somente para a imprensa de língua alemã, voltada à atuação do jornal de Koseritz, uma vez que seus escritos não apresentavam uma abordagem antijesuítica semelhante àquela que estava presente na imprensa de língua portuguesa, incluindo, também, os órgãos oficiais da maçonaria. A ideia se confirma em diferentes textos publicados no *Deutsche Zeitung*, incluindo o artigo “Germanismo e Romanismo”, da edição de 7 de outubro de 1871, no qual se abordaram as perspectivas já mencionadas e reforçaram-se as denúncias de Koseritz, ao tentar demonstrar que os jesuítas da província, bem como sua imprensa, estavam mancomunados com as preocupações de Roma. Diferentemente dos ultramontanos da Alemanha, que haviam “abandonado as máscaras e declarado a superioridade de Roma sobre a Alemanha”, os jesuítas da província continuavam a valer-se de máscaras, como demonstravam os textos do *Deutsches Volksblatt*. E para diferenciar o germanismo do romanismo, Koseritz notava que o contraste entre ambos não era o mesmo que se dava nos binômios liberdade e autoridade, protestantismo e catolicismo ou subjetivismo e objetivismo. Era, principalmente, uma diferença demonstrada pela interioridade do germanismo e a exterioridade românica. A polêmica se desdobrou até o dia 8 de novembro de 1871, quando o *Deutsche Zeitung* declarou “A última palavra”. O tom utilizado foi mais agressivo, queixando-se o redator da arrogância que seus opositores haviam demonstrado em texto anterior, ao defenderem os resultados do Concílio Vaticano I. Koseritz retrucou dizendo: “os jesuítas são julgados pela história; eles são carregados com a maldição de todas as gerações dos três últimos séculos e não existe para cada homem honrado ofensa pior do que ser chamado de ‘jesuíta’”. Enfim, para distanciar-se da situação, o autor argumentou que a polêmica demonstrava-se factualmente impossível, pela distorção e deturpação dos acontecimentos promovidos pelos responsáveis da folha jesuítica.

De qualquer forma, cabe considerar que a questão de Koseritz com os jesuítas também refletia as reviravoltas que envolviam a Igreja Católica na Alemanha. Após a unificação, que se consolidou definitivamente em 1871, a chancelaria alemã, representada por Bismarck, buscava implementar algumas medidas que cerceavam a atuação romana no país recentemente formado, bem como restringindo a atuação dos jesuítas. A denominação *Kulturkampf*, segundo André Carlos Werle, traduz o conflito em torno da cultura, usada para definir o conflito entre o governo de Otto von Bismarck, com apoio do governo liberal, e a

Igreja Católica, num período compreendido entre 1871 a 1887.⁶⁴⁸ O auge dessa política anticlerical deu-se entre 1873 e 1878, quando diferentes leis foram instituídas, a fim de restringir a atuação da instituição romana. Como destaca Werle,

O conflito tem como pano de fundo as reações da Igreja católica diante do pluralismo confessional e cultural da modernidade, que acima de tudo foram de condenação do novo espírito de época. A concepção liberal moderna de Estado, que vê a fonte de poder e base de legitimação sobretudo na ideia de contrato social e não num poder divino, assim como a filosofia moderna, que entende a razão como o único instrumento de compreensão de mundo, são os alvos principais contra os quais a Igreja direciona suas atenções. O auge desta reação ou crítica é a publicação da encíclica de Pio IX, “Quanta Cura” e de sua agregada “Syllabus Errorum”, publicada em 1864. Trata-se de pronunciamentos críticos e condenatórios em relação às concepções de mundo e a ideias modernas. Em 80 sentenças o Syllabus nomeia o que a Igreja entende como os principais equívocos de sua época, entre os quais encontram-se o panteísmo, naturalismo, racionalismo, indiferentismo, socialismo comunismo e também as principais concepções e representações do liberalismo. Este é apresentado como heresias e inimigas absolutas da cura de almas e da Igreja. Sobretudo pelo tom em que foram redigidas as condenações, tinha-se a impressão de se tratar de uma declaração de guerra formal ao mundo moderno.⁶⁴⁹

Essa declaração de guerra na Alemanha previa garantir o desenvolvimento do Estado moderno no país. Por um lado, agradava os liberais do governo, em contraposição a tendências mais conservadoras, como o Partido do Centro, de orientação católica. Acrescentava-se a isso a discussão em torno do dogma da infalibilidade papal, que, de modo geral, como argumenta Werle⁶⁵⁰, não foi recebida consensualmente pelos liberais, nem mesmo pelos próprios fiéis católicos alemães. As primeiras medidas, tomadas pelo Parlamento, extinguíram a divisão católica no Ministério da Educação e instituíram penas a sacerdotes que pudessem representar “ameaça à paz”. Mais tarde, o sistema escolar oficializou medidas seculares, como o direito de inspeção escolar a funcionários do Estado e aulas de ensino religioso lecionadas por professores definidos e inspecionados pelo Império. O casamento civil na Prússia tornava-se o principal instrumento para a consolidação do matrimônio. Nos meses de junho e julho de 1872, os parlamentares do *Reichstag*

⁶⁴⁸ WERLE, *A revista de tropas do exército católico alemão*..., op. cit., p. 60.

⁶⁴⁹ Idem, *ibidem*.

⁶⁵⁰ Segundo Werle, havia considerações históricas e teológicas para que grupos católicos na Alemanha aceitassem no novo dogma católico. Além disso, os bispos tinham conhecimento da situação difícil na qual a Igreja Católica encontrava-se no país, o que também provocou certas resistências. Idem, p. 61.

fizeram valer a lei que exilava as ordens religiosas presentes na Alemanha, como a Companhia de Jesus, os Redentoristas, os Lazaristas, Padres do Espírito Santo, Trapistas. Aos jesuítas, acrescentava também o desligamento de cargos nas igrejas e nas escolas. Diante das declarações do Papa Pio IX a Bismarck, as relações diplomáticas foram encerradas com o Vaticano meses mais tarde. Consta que durante o *Kulturkampf*, alguns jesuítas emigraram para o sul do Império brasileiro e passaram a atuar em atividades e instituições inspiradas no catolicismo escolástico, criando estabelecimentos de acordo com os princípios pedagógicos do *Ratio Studiorum* dos ginásios alemães.⁶⁵¹

A tentativa em submeter a Igreja ao Estado e diminuir o poder da Igreja Católica na Alemanha encontrou ecos no Brasil. Não por menos, Koseritz tomou para si a tarefa de questionar e de desconstruir as práticas institucionalizadas do catolicismo. Chegou a dizer que a “missão da Igreja é educar religiosamente e eticamente as pessoas, mas não aspirar pela dominação tirânica do mundo”.⁶⁵² Passou a tratar sistematicamente as novidades que vinham da Alemanha, apoiando as medidas religiosas e culturais que o Império colocava em prática. A problemática, mais uma vez, não estava relacionada à confissão religiosa, mas às estruturas de atuação, de hierarquia e de poder da Igreja. Ademais, chegou a defender os posicionamentos de veterocatólicos⁶⁵³, que discordavam das premissas que haviam sido lançadas pelo dogma da infalibilidade⁶⁵⁴, e, em discussão com *Deutsches Volksblatt*, polemizou sobre a opinião dos jesuítas de São Leopoldo frente ao Congresso de Colônia, realizado pelos membros da Velha Igreja Católica.⁶⁵⁵

Adaptado à realidade do Rio Grande do Sul, o *Kulturkampf* colocou a cultura no centro dos debates, e alcançou repercussões significativas em meio à comunidade étnica alemã.⁶⁵⁶ Nesse contexto, os jesuítas tornaram-se alvo principal de Koseritz, atribuindo a eles a responsabilidade pela ignorância em que se encontravam muitos católicos das regiões coloniais. Suas afirmações diziam respeito

⁶⁵¹ MONTEIRO, Lorena Madruga. A Companhia de Jesus e a formação das elites católicas no sul do Brasil. *PLURA*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 136-152, 2011, p. 143.

⁶⁵² *Deutsche Zeitung*, 16/9/1871.

⁶⁵³ Intelectuais, sacerdotes, bispos católicos não reconheceram as determinações do Concílio do Vaticano I, liderados por von Döllinger, um dos principais expoentes dos veterocatólicos, expressão para definir os membros desse movimento.

⁶⁵⁴ DREHER, Martin Norberto. *Wilhelm Rotermund*. Seu tempo – Suas obras. São Leopoldo: Oikos, 2014, p. 21.

⁶⁵⁵ *Deutsche Zeitung*, 27/11/1872.

⁶⁵⁶ O *Kulturkampf* no Rio Grande do Sul não se baseou no debate sobre soberania de Estado e soberania da Igreja, como se fizera na Alemanha. Cf. DREHER, *Wilhelm Rotermund*, op. cit., p. 22.

à presença da *Companhia de Jesus* no Rio Grande do Sul, intensificada a partir da década de 1850, quando um número expressivo de jesuítas estabeleceu-se na província, e deu início a um processo de restauração católica nessa região do Brasil.⁶⁵⁷ Na década de 1870, já eram identificados como ultramontanos⁶⁵⁸, e era significativa sua presença em regiões coloniais, como a de São Leopoldo. Somado a isso, Werle lembra que em consequência da expulsão da *Companhia de Jesus* da Alemanha, motivada pelo *Kulturkampf*, o número de jesuítas alemães em atividade no Rio Grande do Sul cresceu significativamente, de modo que em 1875 seu número já se encontrava na casa dos 39. A chegada de novos padres reforçaria, especialmente, a assistência religiosa católica em comunidades teutas.⁶⁵⁹

A materialização do embate entre Koseritz e os jesuítas deu-se especialmente nos jornais e em almanaques, bem como em obras de época. Ao órgão oficial dos loyolistas, eram dirigidas as palavras do *Deutsche Zeitung*: “Não, o *Deusches Volksblatt* não é uma folha alemã, ela é romana, e não devemos nos impressionar em ver como ela dedica palavras de entusiasmo para a sua ‘Terra Natal’”.⁶⁶⁰ Em extensos artigos ou em breves notas, a discussão entre Koseritz e o jornal católico de São Leopoldo baseava-se em acusações recíprocas, e trazia à tona diferentes problemáticas. De um lado, o *Deusches Volksblatt* sustentava a ideia de que o *Kulturkampf*, de um lado, “reforçaria de maneira assustadora o catolicismo”, e, de outro, “enfraqueceria o protestantismo”.⁶⁶¹ Em resposta, o *Deutsche Zeitung* voltava a discutir o papel dos jesuítas, questionando o “talento para a colonização” dos padres que se encontravam a serviço da *Companhia* nas regiões coloniais.⁶⁶²

Sem dúvida, o episódio *Mucker*, no morro Ferrabraz, colocou em pauta algumas dessas questões, bem como seu anticlericalismo, de modo geral. O fato revelava, entre outras coisas, a oposição formada a partir de valores liberais, como escola, política, comércio e cultura.⁶⁶³ Para Koseritz, o movimento representava o

⁶⁵⁷ DICKIE, Maria Amélia Schmidt. Dos “Senhores do Sul aos Brummer”: a trajetória da construção social do trabalho. (R.S.: 1824 -1880). *XIII Encontro Anual da ANPOCS*. GT Sociologia da Cultura Brasileira, 1989, Caxambu/MG, p. 8.

⁶⁵⁸ DICKE, 1989, p. 8.

⁶⁵⁹ WERLE, *A revista de tropas do exército católico alemão...*, op. cit., p. 113; DREHER, *Wilhelm Rotermund*, op. cit., p. 23.

⁶⁶⁰ *Deutsche Zeitung*, 16/9/1871.

⁶⁶¹ *Deutsche Zeitung*, 17/3/1875.

⁶⁶² *Deutsche Zeitung*, 17/3/1875.

⁶⁶³ KUNZ, Marinês Andrea Kunz; WEBER, Roswithia Weber. O Movimento Mucker e suas relações com a igreja católica e a protestante. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, São Leopoldo, v. 4, n. 8, dez., p. 136, p. 150, 2012, p. 147.

fanatismo e o retorno ao medievalismo. Para ele, não havia dúvidas da responsabilidade que pastores luteranos e padres católicos tinham em relação ao episódio trágico do Ferrabraz. Textos de *Der Bote* eram transcritos para o *Deutsche Zeitung*, com o acréscimo de observações de Koseritz em torno dos *Mucker*.⁶⁶⁴ Os ataques desferidos pelos impressos não tardaram a surtir efeito, podendo ser atribuída a Koseritz a imagem depreciativa aos seguidores de Jacobina Maurer. Após dois anos, os adeptos daquele messianismo eram vistos como figuras ridículas, “ameaças à ordem legal do Estado, resíduos de primitivismo sobrevivendo boca a boca, destruidores de famílias e comunidades, perigosos ‘negros brancos’ a serem deportados ou tratados como selvagens”.⁶⁶⁵ Ao mesmo tempo em que se colocava como ferrenho opositor aos *Mucker*, Koseritz chegou a propor soluções radicais para a situação, como a deportação dos integrantes, além de instigar os colonos a atacarem com armas.⁶⁶⁶

Este bando deve ser caçado como cachorros e mortos no fogo e na espada, para que não reste nenhum rastro dele. Nenhuma compaixão com estes canibais. Esta é a opinião de toda a população. Cortar a cabeça de todos eles, sem exceção... Num período de tempo tão curto tudo mudou... pela vontade de alguns poucos fanáticos assassinos, que queria reformar o mundo de hoje de acordo com suas contemplações, ainda que todo o bando mal soubesse ler e escrever o seu nome... Se a pena de morte não existisse, existe algum parágrafo sobre deportação? Fora com todos para a Patagônia ou para a Terra do Fogo, ou qualquer ilha no grande oceano, para que possam, então, repensar seus crimes e estudar de novo sua Bíblia... se vão conseguir no futuro reformar toda a humanidade com envenenamento, morte, fogo e comunismo.⁶⁶⁷

Conforme Daniel L. Gevehr, as narrativas construídas por Koseritz diziam respeito a suas interpretações, colocadas como verdades para os leitores, valendo-se de palavras que pudessem desprestigiar os “fanáticos”. Assim procedeu com Jacobina Mentz Maurer, descrevendo-a como líder espiritual que “acorrentava as

⁶⁶⁴ Segundo João Guilherme Biehl, Koseritz utilizou a palavras *Mucker* pela primeira vez na edição de 10 de dezembro de 1873. Cf. BIEHL, João Guilherme. *Jammerthal*. O vale da lamentação. Crítica à construção do messianismo Mucker. Santa Maria. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Maria, 1991, p. 183.

⁶⁶⁵ BIEHL, João Guilherme. A guerra dos imigrantes: o espírito alemão e o estranho Mucker no sul do Brasil. In: *Psicanálise e colonização*: leituras do sintoma social no Brasil. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999, p. 160.

⁶⁶⁶ SCHULZ, Adilson. Descrição Cronológica do episódio Mucker. *Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia*, São Leopoldo, v. 2, jan.-dez, p. 8-15, 2003, p. 13.

⁶⁶⁷ *Deutsche Zeitung*, 1/8/1874. A transcrição traduzida por BIEHL, op. cit., p. 148-149.

peças através da leitura e interpretação da Bíblia”.⁶⁶⁸ Era a compreensão de que a “Bíblia era ‘o livro mais pernicioso do mundo’”.⁶⁶⁹ Essa ideia, que foi sustentada em artigo no *Koseritz’ Deutscher Volkskalender*, sob o título “A fraude Mucker na colônia alemã. Uma contribuição para a história da cultura do germanismo local”⁶⁷⁰, reforçava a imagem pejorativa sobre as pessoas e os líderes ligados ao movimento. Tratados como “fanáticos” e “avessos à ciência”, eram descritos como colonos distantes dos valores da “verdadeira germanidade”. Sem perder a oportunidade, Koseritz “aproveita para atacar de forma direta a ação da Companhia de Jesus, por ele denominada de ‘agourenta Ordem de Jesus’”. Koseritz chegou a registrar preocupação pelo caso – “estes fatos lançam luz terrível sobre nosso progresso e que são motivo das mais sérias preocupações para o futuro”.⁶⁷¹

Sabemos de sobejo que com a publicação desta nossa opinião, baseada na mais íntima convicção, haveremos de chocar novamente os mais amplos círculos. O agourento “S.v.K.” será novamente o alvo da baba piedosa que espirra do alto dos púlpitos de ambas as confissões; hão de trovejar contra o almanaque popular e proibir a aquisição do mesmo, - isso, contudo, pouco importa, pois cumprimos nosso dever, dizemos a verdade e esclarecemos os leitores a respeito das verdadeiras causas da fraude *Mucker* nas colônias.

Koseritz fez com que a imprensa se tornasse um importante instrumento para empreender sua campanha sistemática para o fim do movimento messiânico. Para tanto, valeu-se de “artifícios literários, literatura apocalíptica e categorias de história natural para desconstruir aquele mundo”.⁶⁷² Significou, inclusive, uma participação direta para o desfecho violento do caso, em 1874. Como destaca João Guilherme Biehl, a atuação do maçom e redator do *Deutsche Zeitung*, somada à articulação da elite de ascendência alemã, foi importante para que uma intervenção militar fosse

⁶⁶⁸ GEVEHR, Daniel Luciano. “Se o padre fala mal dela é verdade”: Representações da líder do movimento Mucker na perspectiva jesuítica do século. In: III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, Londrina. *Anais*. Londrina: UEL, 2014, p. 03.

⁶⁶⁹ Dreher coloca em questão três grupos que, a sua maneira, interpretaram o caso Mucker. Koseritz e outros contemporâneos integravam uma corrente adversária à Igreja: o episódio era uma advertência anti-Mucker, pietistas, pastores e Bíblia. Cf. DREHER, *Wilhelm Rotermund...*, op. cit., p. 81.

⁶⁷⁰ *Koseritz’ Deutscher Volkskalender*, 1875.

⁶⁷¹ Em artigo, Daniel L. Gevehr propõe-se a analisar as representações em relação à líder Jacobina, no contexto do episódio dos *Mucker*. Para tanto, vale-se das descrições de Koseritz e do padre jesuíta Ambrósio Schupp. As traduções utilizadas nesta tese são apresentadas por Gevehr. Cf. GEVEHR, Daniel Luciano. “A mulherzinha doída e histórica que pregava na colônia”: Jacobina Mentz Maurer no imaginário religioso do século XIX. In: BOBSIN, Oneide; SCHAPER, Valério Guilherme; REBLIN, Iuri Andréas (orgs.). *Cartografias do sagrado e do profano*: religião, espaço e fronteira. São Leopoldo: EST, 2014, p. 325.

⁶⁷² BIEHL, A guerra dos imigrantes..., op. cit., p. 163.

concretizada.⁶⁷³ A crítica implacável, enfim, havia surtido efeito, e a influência de Koseritz fez-se sentir de forma consistente.

Se é possível considerar o caso *Mucker* um importante indício para destacar aspectos da retórica de Koseritz para a questão colonial e religiosa dos anos de 1870, ela admite, também, iniciar alguns apontamentos em torno das relações que ele teve com a Igreja Luterana. Mesmo que ambos tivessem um juízo semelhante sobre os seguidores de Jacobina, as censuras ao protestantismo inseriam-se igualmente nas estratégias utilizadas para desconstruir o clericalismo presente no meio social. Neste ponto, a figura do pastor Rotermund despontava como opositor aos escritos do *Deutsche Zeitung*.

Como destaca Martin Norberto Dreher, o *Kulturkampf* de Koseritz não se dirigiu aos luteranos da província. Seu alvo, sobretudo, era os jesuítas.⁶⁷⁴ No entanto, uma relação pouco amistosa fez-se presente, incluindo os atritos com Wilhelm Rotermund, chegado à colônia de São Leopoldo no final de 1874, meses após o desfecho do caso *Mucker*. As polêmicas com a Igreja Luterana teriam iniciado com a carta do pastor de São Lourenço à redação do *Deutsche Zeitung* questionando seu responsável sobre “a existência de uma fé na revelação”. A resposta de Koseritz ao tema, sustentada pela autoridade filosófica de Feuerbach, retrucava: “devo negar com veemência [...]. Não creio em Criação, mas considero todos os acontecimentos no mundo como um único e grandioso processo de evolução [...]. Creio tão pouco no seu Deus pessoal quanto na vida individual após a morte”.⁶⁷⁵

Dessa maneira, *Der Bote* e *Deutsche Post* também figuravam como tipografias de oposição aos posicionamentos de Koseritz, levando às páginas do jornal discussões em volta do caráter filosófico-materialista, até mesmo sobre polêmicas relacionadas ao mundo teuto da província. Ao dar destaque à visão maçônica sobre a secularização da sociedade, a atividade de pastores era condenada por ele, vendo-os como responsáveis pela ignorância e a condição servil dos seus fiéis. Nesses diálogos, as críticas de natureza anticlerical, por exemplo, demonstravam um tom irônico, folclórico e desmoralizante, assim como se percebe em todos os jornais em que as polêmicas ganhavam fôlego. Entretanto, não seria

⁶⁷³ BIEHL, A guerra dos imigrantes..., op. cit., p. 148.

⁶⁷⁴ DREHER, *Wilhelm Rotermund*, op. cit., p. 150.

⁶⁷⁵ Koseritz apud DREHER, *Wilhelm Rotermund*, op. cit., p. 28-29.

um recurso exclusivo utilizado por Koseritz. Insultos foram rebatidos com outras ofensas – “lavação de roupa suja, escárnio, deboche. Na maioria das vezes não há argumentação objetiva. O que há de mais sagrado para o adversário é atacado, implacavelmente”.⁶⁷⁶

No tocante à relação entre Koseritz e Rotermund, por meio da imprensa, deve-se notar que as diferenças delineavam-se a partir das discussões sobre religião. Antes mesmo da chegada do pastor alemão, Rotermund já teria escutado observações sobre o redator do *Deutsche Zeitung*, de que se valia de repreensões a pastores e padres, ao mesmo tempo em que se empenhava em divulgar o pensamento racionalista do século XIX. Quando se estabeleceu em São Leopoldo, deparou-se com as versões do caso *Mucker*, e, a partir delas, tratou de fazer suas ressalvas sobre o movimento. Ao lado das considerações do pastor Schmierer, surgiram explicações que versavam desde a ignorância e o abandono dos colonos, e a piedade evangélica, até a atuação de maçons e políticos sem religião.⁶⁷⁷ Assim, se considerarmos, novamente, os destaques dados por Koseritz acerca das razões que motivaram o evento, será possível compreender a natureza da disputa em que se lançou por vários anos. Ainda assim, o contraponto de Rotermund a Koseritz incluía uma defesa da postura evangélica em relação à ciência natural, como podem atestar alguns textos de *Der Bote*, em 1875, sobre “A ciência natural e ciência das religiões evangélicas”.

Ciência natural e ciência das religiões evangélicas são duas ciências positivas. No mundo evangélico luterano, a pessoa se baseia em dados positivos, na experiência, no exame, autônomo em relação a pretensas “autoridades”. Não há guerra entre o cristianismo evangélico e pesquisa científica. Depois escreverá [Rotermund] que a ciência natural não foi possibilitada por cosmovisão materialista. O Materialismo projeta suas concepções nas ciências naturais e se baseia nelas, pois também não consegue viver sem convicção, “fé”. Essa “fé” dos materialistas, contudo, é bem mais primitiva e irracional que a fé dos cristãos.⁶⁷⁸

As grandes diferenças entre dois importantes líderes da comunidade alemã e teuto-brasileira, que somente se atenuavam quando o assunto era a *Companhia de*

⁶⁷⁶ DREHER, *Wilhelm Rotermund*, op. cit., p. 26;77.

⁶⁷⁷ DREHER, Martin Norberto. O movimento Mucker na visão de dois pastores evangélicos. In: DREHER, Martin N. *Peregrinação*: estudos em homenagem a Joachim Herbert Fischer pela passagem de seu 60º aniversário. São Leopoldo: Sinodal, 1990, p.102-112.

⁶⁷⁸ DREHER, op. cit., p. 149.

Jesus, foram se desfazendo com o passar do tempo. O silêncio de Rotermund, no período compreendido entre sua saída de *Der Bote* até o lançamento do *Deutsche Post*, podem ter contribuído. Durante os anos de 1880, construiu-se uma aproximação maior entre as partes, fosse através das boas-vindas ao novo jornal de Rotermund, em 1880, ou ao seu apoio a Koseritz na *Exposição Brasileira-Alemã*, de 1881 a 1882. Em relação à abertura dos trabalhos da Assembleia Legislativa, em 1884, os leitores do *Deutsche Post* encontrariam apontamentos elogiosos à atuação de Koseritz. Citado como aquele que frequentemente ocupava a tribuna pelos interesses coloniais, fazia-se conhecedor, mais do que qualquer outro, das necessidades da colônia.⁶⁷⁹ Em 1887, enquanto preparava-se para viajar à Europa, o pastor de São Leopoldo optou em oficializar sua naturalização. O ato animou Koseritz a escrever a declaração: “O Senhor Rotermund, cujo jornal, a *Deutsche Post*, prestou tão estimados serviços à causa da germanidade, quer parar de fazer política platônica e deixou-se naturalizar. Ao amigo um afetuoso aperto de mão”.⁶⁸⁰ No seu retorno da viagem à Europa, dedicou-se um espaço na capa do *Koseritz’ Deutsche Zeitung* para anunciar o retorno, e confirmar seu trabalho em prol da germanidade e da comunidade luterana.⁶⁸¹ Além disso, chegou a apoiar que as comunidades luteranas aderissem à criação do Sínodo, em 1887.⁶⁸² Como destaca Dreher, o trabalho conjunto entre Rotermund e Koseritz no campo político e na defesa da germanidade chegou a gerar desconfiança. Os boatos que circulavam até mesmo na Alemanha insinuavam que o pastor havia aderido à causa maçônica, o que, ao contrário, nunca se confirmou. De qualquer forma, ele também deixaria registrada sua admiração pelo político e defensor dos interesses da colônia alemã na província.⁶⁸³

Contudo, a reconciliação que encontramos com o protestantismo não foi possível com os jesuítas, e muito menos com a Igreja Católica. Koseritz levou às últimas consequências sua postura anticlerical, externada pela mobilização em nome do *Kulturkampf* e dos preceitos liberais, cientificistas e maçônicos – “Com confiança podemos olhar para o fim da luta (contra os jesuítas e contra o papado)

⁶⁷⁹ *Deutsche Post*, 12/1/1884.

⁶⁸⁰ GERTZ, René Ernaini. *O aviador e o carroceiro*: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920. Porto Alegre: Edipucrs, 2002, p. 35-36.

⁶⁸¹ *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, 18/1/1888.

⁶⁸² O *Deutsche Post* fez uma transcrição do texto publicado no jornal *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, em referência à necessidade da criação do Sínodo. Cf. *Deutsche Post*, 19/03/1887.

⁶⁸³ DREHER, *Wilhelm Rotermund*, op. cit., p. 123; 151-152.

que aqui é travada, especialmente pela maçonaria”.⁶⁸⁴ Nesse sentido, a publicação *Roma Perante o Século*, lançado em 1871, colaborou para que as hostilidades que se configuraram no campo religioso entre Koseritz e a Igreja Católica da província aumentassem gradativamente, nos anos seguintes. Além disso, René Gertz sugere que o obra pretendia alcançar, também, a elite de ascendência lusa na província, satisfazendo a necessidade do autor em dirigir-se a esse grupo social, desprovido de uma linguagem intelectual mais contemporânea⁶⁸⁵, sem esquecer, ainda, que os escritos originalmente haviam sido publicados no *Jornal do Comércio* em diferentes épocas, sendo compilados para que circulassem novamente entre o público leitor.

Numerosos pedidos para que fosse preparada uma edição especial dos três estudos que em diferentes épocas publiquei na parte editoria do *Jornal do Comércio* sobre os jesuítas, o dogma da infalibilidade e os papas, levaram-me a arrancar as presentes páginas ao esquecimento que aguarda todas as publicações feitas nas efêmeras folhas da imprensa diária, aumentando-as com um quarto estudo inédito sobre o celibato, que pela natureza de sua matéria não é próprio para ser publicado nas colunas de um jornal que é lido pessoas de ambos os sexos e de todas as idades.

Se anui aos pedidos a que acima me referi, foi por reconhecer a oportunidade desta publicação no momento em que todas as vistas se fixam sobre Roma e a sua cúria, que sob o influxo funesto da ordem de Jesus jogaram *và-banque*, dobrando um *paroli* ao espírito esclarecido do século e aos progresso filosófico.

[...].

Meu fim, ao publicar estes estudos, foi arrancar a venda aos olhos do povo, que vive iludido pelo clero e permite-lhe lançar um olhar perscrutador para dentro daquela oficina em que há milênios se forjavam as cadeias de superstição, do prejuízo, do obscurantismo e do atraso intelectual.

[...].

É sem dúvida obra meritória, contribuir-se para a demolição desse artefato da falsificação, mostrando o Vaticano e os jesuítas sem os atavios da mentira e da hipocrisia, com que conseguiram iludir os crentes.⁶⁸⁶

A partir daquilo que é destacado no prefácio, pode-se perceber parte dos comportamentos de leitura do público leitor de jornais e livros da época. Koseritz advertia os leitores que o livro era próprio somente aos “homens pensadores”. Não

⁶⁸⁴ Koseritz apud DREHER, *Wilhelm Rotermund*, op. cit., p. 27.

⁶⁸⁵ A partir dos textos publicados no *Jornal do Comércio* também nasceu o livro de Koseritz, *Resumo de Economia Nacional*. GERTZ, René (org). *Karl von Koseritz*. Seleção de Textos. Porto Alegre: Edipucrs, 1999, 12-13.

⁶⁸⁶ KOSERITZ, Karl von. Prefácio. In: *Roma perante o século*. Porto Alegre: Livraria Americana, 1871, p. V-VIII.

se tratava de uma obra de *boudoir* de uma senhora, mas de um livro que fosse ao encontro “do homem que estuda os males da sociedade e que se acha disposto a acompanhar-me nessa peregrinação”. Dividido em quatro partes, a primeira deteve-se a caracterizar os jesuítas e prevenir o público de seus “princípios nefandos”, bem como analisar a “proteção sem limites” de D. Sebastião Dias Laranjeira à *Companhia de Jesus*. A segunda parte, escrita após o Concílio Vaticano I, dedicava-se a empreender uma análise sobre as resoluções papais, questionando-as em suas concepções mais amplas, relativizando a ideia de ecumenismo e de liberdade de deliberação. Na terceira, encontrava-se o estudo baseado em um resumo sobre os fatos históricos da Igreja, para problematizar a questão da infalibilidade papal, a fim de demonstrar que ela não poderia ser um dote natural atribuído aos sucessores de São Pedro. Finalmente, na última seção voltava-se a considerar a questão do celibato, o que, para Koseritz, representava ser uma disciplina clerical de “disposição imoral e absurda”.

Como se pode perceber, o conteúdo de *Roma perante o século* reunia uma série de julgamentos para sustentar uma radicalização contra tudo aquilo que o mundo clerical representava aos olhos de Koseritz. O discurso de sua obra estabelecia uma ligação direta para as manifestações maçônicas do mesmo período. Como destaca Eliane Colussi, os maçons ocuparam-se em denunciar

o papado [que] se movia exclusivamente pelos interesses materiais, econômicos e políticos; a hierarquia católica discriminava e usava os fiéis para benefícios financeiros; os clérigos eram amorais, seduziam, tinham filhos ilegítimos, eram viciados em jogos, alcoólatras, etc.; os jesuítas, enfim, eram porta-vozes do conservadorismo, do fanatismo e ultramontanismo do papado, tendo, por isso, sido eleitos como os maiores inimigos da ordem.⁶⁸⁷

Após divulgados nos meios impressos da capital⁶⁸⁸, os textos de Koseritz alcançaram importante notoriedade em meio aos leitores. Por outro lado, a reação e a atitude de D. Sebastião Dias Laranjeira demonstrou a que ponto as hostilidades haviam chegado. Sua atitude condiz com a postura que assumiu como bispo de

⁶⁸⁷ COLUSSI, *Plantando Ramas de Acácia...*, op. cit., p. 308.

⁶⁸⁸ Entre as diferentes propagandas que podemos encontrar sobre o livro *Roma perante o século*, encontrava-se divulgado no jornal *Deutsche Zeitung*, na edição de 25 de outubro de 1871.

Porto Alegre, a partir de 1861.⁶⁸⁹ Chegou à Capital da província em 1861, ainda jovem, mas intelectualmente dinâmico e atento à aplicação das determinações romanas, fazendo com que sua atuação estivesse voltada ao combate do liberalismo e da maçonaria na província.⁶⁹⁰ Em uma carta pastoral⁶⁹¹, o bispo de Porto Alegre redigiu um contra-ataque às considerações de Koseritz, prevendo punições aos maçons. As penas aplicadas aos pedreiros-livres incluíam a proibição do casamento eclesiástico e a negação à encomendação e à sepultura aos homens que não renegassem a maçonaria.⁶⁹² Com tudo isso, acrescentava-se a sentença final: as heresias contidas em *Roma perante o século* tornaram-se motivo pelo qual Koseritz foi excomungado da Igreja Católica. A carta pastoral da excomunhão, pela determinação de D. Laranjeira, deveria ser lida nas missas de toda a província. Foi um dos poucos casos de excomunhão da qual se tem conhecimento e comprovação no Rio Grande do Sul.⁶⁹³

Curiosamente, após a notoriedade alcançada pela versão em língua portuguesa, o texto ainda foi traduzido para atender os interesses de “muitos católicos de fala alemã [que] teriam ficado curiosos. O autor inclusive esperava que os jesuítas fariam muita propaganda do livro, já que não cansariam de condená-lo”.⁶⁹⁴ Da mesma forma, Koseritz não se sentiu intimidado. Prosseguiu com provocações, lançando um folheto próprio para opor-se, novamente, a D. Sebastião Laranjeira, naquilo que dizia respeito à carta pastoral. Sob o pseudônimo “Philóchrestos”, escrevia Koseritz:

Assim pois: Roma falou também entre nós, e os maçons, que recebemos em cheio as ofensas que se nos atira e a ameaça que nos jogam, estamos no imperioso dever de repelir com tanta dignidade quanta energia as insinuações que nos dirige o orgulhoso prelado, representante do Vice-Deus que reside no Vaticano (...). Não, – entre nós não encontrará o Sr. Bispo um só traidor; os que haviam, eram membros da Igreja de S. Ex^a. Revma. e a muito renegaram do seu

⁶⁸⁹ Em 7 de dezembro de 1848, o Imperador D. Pedro II conferiu o beneplácito a Porto Alegre para a instalação da diocese. Somente em 1853, o bispo D. Feliciano José Rodrigues Prates assumiria o posto, permanecendo no cargo até 1858, quando veio a falecer. Cf. COLUSSI, *Plantando Ramas de Acácia...*, op. cit., p. 350-351.

⁶⁹⁰ Entre outros personagens, contava com o apoio do católico fervoroso José Bernardino da Cunha Bittencourt, deputado conservador da Assembleia Legislativa.

⁶⁹¹ Conforme René Gertz, a carta pastoral está datada em 17 de fevereiro de 1872. Cf. GERTZ, René (org). *Karl von Koseritz*. Seleção de Textos. Porto Alegre: Edipucrs, 1999, 13.

⁶⁹² COLUSSI, op. cit., p. 371-373.

⁶⁹³ Ainda sem confirmação, há indicações de uma segunda excomunhão, à época de Koseritz, do padre maçom Guilherme Dias, de Pelotas. Cita-se, também, o nome Alexandre Bernardino de Moura, homem próximo a Koseritz, que atuava na imprensa, era advogado e membro do Partenon Literário. Cf. Idem, p. 372-373.

⁶⁹⁴ GERTZ, René (org). *Karl von Koseritz...*, op. cit., p. 13.

‘pecaminoso’ passado maçônico, seguindo o exemplo que lhes dera o papa Pio IX, Giovanni Mastai Ferreti.⁶⁹⁵

A revelação sobre a autoria do folheto, Koseritz relatou na folha *A Acácia*, em 1876, quando voltou a retomar o caso da carta pastoral – “Num folheto que então publicamos com o pseudônimo de ‘Philóchrestos’, analisando a pastoral, dissemos a S. Exma. Rvma. ‘que na província de Rio Grande não havia um só maçom disposto a abjurar’”. Tão provocativas, ainda, podem ser consideradas as transcrições das cartas do padre Guilherme Dias, ao bispo de Porto Alegre, para o *Deutsche Zeitung*. Nessas correspondências, o padre maçom de Pelotas fez sua defesa em relação ao texto que havia publicado na imprensa, tratando em criticar o dogma da infalibilidade e que provocou seu afastamento da paróquia local.⁶⁹⁶

Não distantes das observações que até aqui fizemos, conservaram-se, também, outros inúmeros registros de Koseritz na imprensa, encontrados no jornal *A Acácia* e no almanaque *Koseritz’ Deutscher Volkskalender*. Além dos temas mais recorrentes e de importante relevância para o estudo do seu pensamento, associaram-se outros elementos que davam particularidade e especificidades a essas fontes. Assim, por exemplo, a folha maçônica de Koseritz, em circulação entre os anos de 1876 e 1879, endossou a tarefa primeira de doutrinar os membros das lojas maçônicas. O discurso oficial maçônico, como assevera Colussi, buscava reforçar “adjetivos sociais como caráter ético, humanista e filantrópico”.⁶⁹⁷ Além de instruir, demonstrava atenção às críticas do jornal católico de São Leopoldo, tratando dos embates por meio da seção “Nós e Eles”. Nela, evidenciavam-se os comentários acerca de discussões e de polêmicas que envolviam opiniões e ideologias distintas e controversas. Muitos excertos de textos de *A Acácia* eram transcritos no *Boletim do Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil*, órgão oficial da maçonaria da época, o que demonstra a circularidade das informações produzidas por Koseritz. Normalmente, as reproduções no *Boletim* do Rio de Janeiro dedicavam espaços aos desentendimentos com autoridades locais, incluindo as desavenças com o *Deutsches Volksblatt* e com o bispo D. Sebastião Laranjeira.

⁶⁹⁵ Koseritz (Pseudônimo “Philóchrestos”) apud COLUSSI, *Plantando Ramas de Acácia...*, op. cit., p. 370-371. O folheto apareceu com o título “A maçonaria e a Igreja – Reflexões sobre a Pastoral do Exmo. Rvmo. Sr. D. Sebastião Dias Laranjeira – Bispo desta Diocese”. Era indicada a tipografia do *Deutsche Zeitung*, para o ano de 1873.

⁶⁹⁶ COLUSSI, *Plantando Ramas de Acácia...*, op. cit., p. 359.

⁶⁹⁷ Idem, p. 307.

Considerar o vínculo liberal, cientificista e maçônico de Koseritz possibilita compreender a escolha de temas que deram feição aos sumários do *Koseritz' Deutscher Volkskalender*. Se por um lado já destacamos textos acerca do *muckerismo*, a questão jesuíta apresentar-se-ia de outras maneiras, também pelo uso do estilo de uma linguagem literária. Alguns contos publicados em seu almanaque dimensionavam, de forma distinta, a questão que a Koseritz demonstrava-se tão importante a ser discutida e divulgada aos leitores. Assim vale a impressão para o texto publicado em 1874, sob o título “Ad majorem Dei gloriam. Eine Erzählung aus der Colonie”⁶⁹⁸, história ficcional que trazia questões sobre a atuação dos padres jesuítas no Rio Grande do Sul. Na mesma linha, o conto “Der Jesuit. Eine Erzählung aus der Colonie”⁶⁹⁹ constrói uma narrativa na qual o personagem jesuíta se torna seu personagem central. A trama aborda, de maneira anedótica e pitoresca, as vivências dos membros de uma comunidade alemã, das quais também participam as autoridades religiosas locais. Vale a pena uma breve descrição do conto para certificar o que pretendemos dizer.

De forma resumida, a história trata de dois jovens órfãos da região do rio Mosel, Heinrich – o mais velho – e Wilhelm König, cujo pai fora morto pelas baionetas francesas por recusar-se a entregar o dinheiro que possuía, e a mãe, mais tarde, morrera de tristeza. Wilhelm tornou-se professor e acabou apaixonando-se por uma de suas pupilas de 14 anos, Emma, fato que gerou a sua expulsão da casa do senhor de grandes posses, que o havia contratado. Nesse mesmo período, apareceu o Major Schäffer, que estava a arrebanhar emigrantes com destino ao Brasil. Heinrich resolveu aderir à causa, e Wilhelm também o fez, porém, não sozinho, estaria acompanhado de Emma, o que exigiu do jovem professor a execução de um plano arriscado. Durante a viagem ao Brasil, Heinrich também havia encontrado uma companheira. O início da vida no Brasil, no meio da floresta, foi muito duro, mas não faltaram a Emma e Wilhelm coragem e persistência. Mais tarde, nasceria a primeira filha do casal, também chamada de Emma. A mãe, debilitada, morreu logo quando a criança havia completado um ano. A tristeza

⁶⁹⁸ *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, 1874, p. 37-99. “Para glória máxima de Deus. Um conto da colônia”. Transcrição integral do texto, realizada por Thomas Keil e disponível em <<http://www.martiusstaden.org.br/files/conteudos/0000001-0000500/97/7f6a1135ef8cd4aba30ae1b492e3511f.pdf>> Acesso em 25 de abr. de 2014.

⁶⁹⁹ *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, 1876, p. 33-69. “O jesuíta. Um conto da colônia”. Tradução Disponível em <<http://www.martiusstaden.org.br/files/conteudos/0000001-0000500/97/107fd5ab8f8ed6303a31ca82411b0e91.pdf>> Acesso em 25 de abr. de 2014.

assolou Wilhelm, que se culpou pela morte da esposa, entregando a criança ao irmão. Alistou-se nas tropas imperiais, sendo morto pelos farrapos, na batalha de Taquari. Enquanto isso, Emma, uma filha da floresta, crescera, tornara-se a menina mais bonita da redondeza, e era muito religiosa, cortejada pelos rapazes da colônia. Chegou aos 20 anos, quando foi conquistada pelo amor do jovem protestante Conrad. No entanto, o padre vigário era um religioso fanático, e não permitiu que eles se casassem. O tio Heinrich König lamentou o fato de Conrad ser protestante.⁷⁰⁰ A situação tornar-se-ia ainda mais dura, com a chegada de um novo vigário, um padre jesuíta. O novo representante do clero passou a visitar todas as famílias católicas, exigindo delas o ritual da confissão, ao mesmo tempo em declarava que todos os pecadores receberiam os castigos merecidos. Para a jovem Emma, declarou o padre que, caso ela contraísse matrimônio com o herege Conrad, sua salvação estaria perdida. Neste ponto, Emma compreendia não poder trair a sua própria fé. Com apoio do padre, que também convencera Heinrich, introduziram-se as confissões e as orações diárias pela manhã e pela noite. O padre era influente, e conseguiu penetrar na consciência de cada católico da região. Bailes acabaram sendo proibidos aos sábados e aos domingos, o jogo de cartas foi desaparecendo gradativamente, assim como o consumo de vinho e de cachaça. Quem comprasse artigos religiosos recebia indulgências. Já pela confissão, o padre poderia saber de tudo e de todos. Enfim, rezava-se mais do que se trabalhava. A narrativa segue com os infortúnios que acometem a família König. A esposa de Heirich, após longa agonia, acaba por falecer. O padre mostrava-se solícito e solidário à situação da família, embora estivesse tramando algo. O tio de Emma mostrava-se cada vez mais fora de juízo, situação que o levaria ao enforcamento. Acompanhada pelo padre e por Conrad, a sobrinha o encontrou pendurado à cama. A tristeza fez com que a jovem adoecesse, mas podia contar com o apoio de Conrad, que, por sua vez, ficara muito comovido e convencido pela expressão de solidariedade do padre. Com o passar do tempo, Conrad reassumiu suas atividades. Tinha uma embarcação que transportava mercadorias para e de Porto Alegre. Como estava com os serviços atrasados, resolveu contratar um ajudante para sua venda e outro para acompanhá-lo à capital da província. Juca era um mulato que sabia navegar e parecia confiável.

⁷⁰⁰ Com o *Kulturkampf* na Alemanha, alguns padres jesuítas foram destacados para que atuassem no Brasil. O aumento de sua presença deu-se, também, nas áreas de colonização alemã, no Rio Grande do Sul. A partir disso, intensificaram-se algumas restrições por eles impostas, como os impedimentos aos casamentos mistos entre católicos e protestantes.

Conrad passou a ficar alerta e pensativo depois que viu alguém sair a galope da casa do padre, muito parecido com o mulato que havia contratado. Durante a viagem a Porto Alegre, para levar um jovem rapaz àquela cidade a pedido do padre, Juca desferiu, com um pedaço de madeira, um golpe violento em Conrad, que acabou caindo no rio. Certamente, alguém muito esperto havia planejado sua morte, tendo em vista a fala do homicida: “as dez onças estão salvas!” Para desfazer qualquer desconfiança, o assassino ainda gritaria: “Conrad caiu no rio!”. No dia seguinte, Juca e o jovem rapaz chegaram a Porto Alegre. O corpo de Conrad foi encontrado no Guaíba, e os policiais classificaram o fato como um acidente. A notícia foi levada à colônia. Novamente, o padre ali se encontrava para prestar sua solidariedade. Ao visitar Emma, o padre fazia uma advertência à jovem, dizendo que Deus punia aos filhos e netos pelos pecados que os pais e os avós haviam cometido. A mãe de Emma havia pecado, e por esse motivo também Emma seria punida. Diante da sua fala, estendeu o convite para que a moça se reclusasse em um mosteiro em Porto Alegre, para que ainda pudesse merecer o céu. Ao ver o aceite da jovem, o padre ainda lhe reivindicou uma boa ação, para que Emma passasse seus bens a que tinha direito por herança à Ordem dos Jesuítas. Feito isso, os padres jesuítas rezariam cinquenta missas por ano pelas almas dos seus queridos falecidos. Assim, o padre levou Emma ao tabelião em Porto Alegre, onde tudo foi escriturado para os jesuítas, passando os seus bens do Brasil e da Alemanha à Ordem. Depois de três anos, Emma veio a falecer no mosteiro. Na Alemanha, uma parente muito pobre foi morar no casarão de sua família, juntamente com os seus dez filhos, que mais tarde teve de deixar a casa pelas cobranças de aluguel atrasado, sendo o imóvel vendido pela Ordem por um milhão de onças. O padre que havia planejado toda a trama foi transferido para o leste da Índia, sob o comentário do padre geral dos jesuítas: “Este padre é muito útil, muito inteligente, mas por isso muito perigoso! Ele é ideal para observar e muito difícil para controlar. Não deverá jamais voltar à Europa”. Para finalizar o conto, Koseritz faz uso da frase: “Sim, os jesuítas são pessoas espertas!”.

Não é o conto uma criação totalmente livre e isenta de qualquer relação com a realidade. Como é possível perceber pela descrição apresentada, perpassam pela narrativa diversos elementos que revelam desde vestígios do cotidiano colonial até aos mais contundentes posicionamentos de seu autor, que também eram lançados de outras maneiras à sociedade da época, em especial aos polêmicos artigos

editoriais de seus jornais. A dimensão moralista toma frente, e se apresenta igualmente aos leitores, que devem compreender o conto a partir da sua própria realidade, confiando em pessoas que pudessem garantir segurança e desconfiança aos que se encontravam nas colônias, para promover, por exemplo, o fanatismo religioso e o ultramontanismo desnecessários. Sem esgotar esta dimensão, que está muito presente nas escritas de Koseritz, uma vez que será analisada mais adiante, é assim que se deve analisar a crítica de Koseritz sobre os jesuítas, e a impressão negativa que sua visão passou a defender sobre essa ordem religiosa. Ao tomar a história “Der Jesuit. Eine Erzählung aus der Colonie” como exemplo, passa-se a compreender que o viés literário também se tornou espaço para difundir e afirmar seu ideário, atento de maneira especial ao público leitor do *Koseritz’ Deutscher Volkskalender*.

A importância do pensamento de Koseritz em relação à imprensa não se demonstrou exclusivamente pelos meios impressos, entre periódicos, folhetos e almanaques. A associação da maçonaria a intelectuais ligados à tipografia foi decisiva para que as reivindicações atingissem repercussões mais amplas. Neste ponto, redatores e colaboradores de diferentes jornais valeram-se das oficinas de imprensa para impulsionar a ruptura cultural que acreditavam ser necessária. De outro modo, a maçonaria também se fez presente na dinâmica política da província. Os políticos maçons da segunda metade do século XIX também consolidaram uma presença marcante na vida cultural, intelectual e da beneficência. Para alguns deles, se observava a ligação estreita entre a atividade periodista e a política. Muitos deles haviam participado da Guerra do Paraguai, e outros ainda da instituição do sistema republicano, momento em que muitos se tornaram “republicanos de última hora”.⁷⁰¹ Não era esse o caso de Koseritz, mas, de todo modo, ele também teve um papel relevante na posição de deputado provincial, imbuído em pautas que expressavam o pensamento da maçonaria gaúcha. Pelas suas características, os pedreiros-livres do Rio Grande do Sul preservaram certa neutralidade sobre o tema político-partidário no interior da organização. Significa dizer que a maçonaria não se alinhou ao Partido Liberal nem ao Partido Conservador. Fato é que, na Assembleia, encontravam-se maçons conservadores e maçons liberais. Já a adesão ao republicanismo por maçons gaúchos foi mais restrita do que em outras províncias.

⁷⁰¹ COLUSSI, *Plantando Ramas de Acácia...*, op. cit., p. 291.

Semelhante àquilo que ocorria nos prelos da imprensa da província, no âmbito da Assembleia Legislativa, a secularização da sociedade encontrava-se igualmente na pauta de reivindicações, e colocava-se como elemento unificador entre os maçons da Casa Parlamentar. No entanto, aliado a esse tema, encontravam-se os frequentes ataques ao clero. Era o único assunto que podia dividi-los de maneira político-partidária. No tocante à oposição frente à maçonaria, José Bernardino da Cunha Bittencourt foi o opositor mais representativo que os deputados provinciais tiveram. Rejeitou propostas que apresentavam ligações com o pensamento da maçonaria, e dificultou candidaturas dentro do Partido Conservador, como fizera com Koseritz e Alexandre Bernardino de Moura. Em relação a Bittencourt, Koseritz assim escreveria em *A Acácia*:

Enquanto os partidos políticos perante a urna pleiteavam a eleição primária, que é propriamente política, nos abstivemos de tratar da única candidatura ultramontana que aparece nesta província.

Era natural, porque a maçonaria está acima das lutas partidárias e da política propriamente dita.

Por isso não devia o seu órgão na província intervir em questão que podia influir no pleito em favor deste ou daquele partido.

Hoje, porém, que as urnas proferirão a sua sentença e que chegou a vez dos eleitores desempenharem o seu mandato, mudou de figura o caso.

Hoje estamos em nosso pleno direito, dizendo aos eleitores que pertencem à nossa Sublime Ordem, que como maçons não podem nem devem votar no Dr. José Bernardino da Cunha Bittencourt, amigo e defensor dos jesuítas, comendador do papa, congratulante dos bispos de Olinda e do Pará e inimigo acérrimo de nossa Ordem, como prova uma carta há pouco publicada pela folha liberal desta capital.⁷⁰²

Assim, observamos que o discurso da maçonaria expressava certa unidade, à medida que é possível constatar as semelhanças entre os registros deixados pela imprensa e os discursos e os debates promovidos na Assembleia. Dessa forma, conclui-se que, em ambos os casos, havia a presença dos pressupostos liberais e cientificistas que explicam as discussões sobre a institucionalização do ensino laico, da separação entre Estado e Igreja, da liberdade religiosa aos brasileiros, aspectos que se estendiam aos teuto-brasileiros não-católicos, a promoção da cultura científica, entre outras considerações. Ainda, nessa perspectiva, Koseritz redigiu quatro artigos para o jornal *Gazeta de Porto Alegre*, pelos quais discutiu algumas problemáticas em relação à liberdade de consciência. Dizia que essa liberdade era

⁷⁰² *A Acácia*, 22/10/1876.

um “direito do indivíduo de pensar e sentir livremente sobre assuntos religiosos, faculdade essa que acha expressão prática na liberdade confessional, da qual se deduz como última consequência, a liberdade dos cultos”.⁷⁰³ Para ele, não havia liberdade de consciência enquanto o Estado não fosse competente em garantir uma esfera em que a vontade individual pudesse manifestar-se independente do poder civil. O problema parecia ser de ordem prática, como diz Koseritz, uma vez que muitos imigrantes não escolheriam o Brasil por causa da falta de liberdade de consciência.⁷⁰⁴

Com que direito fala-se no Brasil em instituições liberais, se o Estado faz imposição à consciência do cidadão, se penetra com sua ação no foro íntimo do peito e se exclui o homem [...] dos mais importantes direitos políticos?

Uma nação que assim procede, poderá aspirar a figurar no número dos povos civilizados numa época em que o *Kulturkampf* agita o mundo de um polo ao outro e em que o direito de pensar e crer livremente, é outorgado aos próprios habitantes da terra de Mafoma?⁷⁰⁵

Assim como os maçons participavam dos círculos políticos e das relações de poder, entende-se que a imprensa não se configurava como um espaço social voltado exclusivamente à doutrinação e à divulgação do ideário maçônico, mas permitiu igualmente estender e fortalecer uma rede de relações que se concretizava por outros condicionantes. A maçonaria demonstrava-se como mais um elemento aglutinador, fosse para o apoio ou para a oposição, ao lado de movimentos políticos, econômicos e culturais. Não se trata, portanto, de apontar a maçonaria como o viés mais importante que definiu a participação dos agentes sociais nos diferentes ambientes do século XIX. É, antes de tudo, compreender que há perspectivas que se cruzavam e que comportavam o diálogo liberal e cientificista entre si. Existia uma série de questões que circulavam entre os diferentes grupos e algumas poderiam sugerir afinidades para além dos próprios quadros. Finalmente, se considerarmos o peso de certos vínculos sociais pela dimensão da maçonaria, colocaremos em evidência alguns nomes que estavam associados a outras atividades do mesmo modo importantes, como Emilio Wiedemann ao *Deutsche Zeitung*, Carlos Jansen ao movimento literário, Frederico Haensel ao trabalho com deputado provincial,

⁷⁰³ *Gazeta de Porto Alegre*, 25/6/1879.

⁷⁰⁴ *Gazeta de Porto Alegre*, 28/6/1879.

⁷⁰⁵ *Gazeta de Porto Alegre*, 27/6/1879.

Germano Hasslocher e Ramiro Barcellos ao republicanismo, Silveira Martins ao Partido Liberal e Francisco Antônio Vieira Caldas Junior⁷⁰⁶ à imprensa. Em relação a este último, podemos considerar a notícia de 1926, dada acerca de homenagem a Koseritz, ao considerar que o “Correio do Povo o faz com a maior satisfação, porque o fundador deste jornal, o saudoso Caldas Junior, foi discípulo de Carlos von Koseritz nas lidas da imprensa”.⁷⁰⁷

A respeito de seu posicionamento tido por muitos como herético, Koseritz afirmava que essa postura era puramente de responsabilidade individual, isentando qualquer peso que a maçonaria pudesse ter sobre seus dizeres. Em conferências realizadas na loja *Zur Eintracht*, Koseritz chegava afirmar para os membros da entidade que não o enxergassem como maçom, mas como livre-pensador “que, despido de todas as peias, e ainda mesmo das inerentes à instituição maçônica, que sabiamente exclui toda a discussão que entenda como política ou religião, é o livre-pensador”⁷⁰⁸, o que lhe permitia o direito à propaganda científica. Propunha-se a ouvir e a submeter à crítica objetiva e severa os argumentos dos opositores. Tinha consciência de que suas convicções poderiam desafiar as crenças dos seus adversários, mas exigia que diante de tais desacordos, o respeito à opinião dissidente deveria nortear toda e qualquer postura. Pronunciou isso também no templo maçônico onde foi dirigente, fato que demonstra que os membros da irmandade nem sempre concordavam com todas as suas afirmações, e podem até tê-lo desafiado.

Se querem discutir, aqui está a tribuna das conferências, ali a da imprensa: em ambas me encontrarão, adversário leal sempre, sempre pronto a jogar as polidas armas do raciocínio, sem ofensa à pessoa. Nas augustas lutas e da intuição filosófica, desaparece o indivíduo e só resta em campo a ideia.⁷⁰⁹

As manifestações de Koseritz na imprensa, como se destacou até aqui, podiam exaltar os ânimos de grupos opositores presentes na província. Da mesma forma, opiniões de leitores demonstraram-se insatisfeitos pelos posicionamentos

⁷⁰⁶ Antes de fundar o jornal *Correio do Povo*, em 1895, teve passagens pelos periódicos *A Reforma* e *Jornal do Comércio*, onde também atuou Koseritz. Era casado com a filha de Aquiles Porto Alegre, também ligado à imprensa da capital da província e membro do Partenon Literário.

⁷⁰⁷ *Correio do Povo*, 30/1/1926.

⁷⁰⁸ KOSERITZ, Karl von. A Terra e o Homem à luz da moderna ciência. In: GERTZ, René Ernaini (org.). *Karl von Koseritz*. Seleção de Textos. Porto Alegre: Edipucrs, 1999, p. 21.

⁷⁰⁹ Idem, ibidem.

radicais que muitas vezes assumia ao redigir jocosamente alguns de seus textos. Nesse sentido, no jornal católico *O Apóstolo*, do Rio de Janeiro, encontrava-se, na seção de colaboração, o texto atribuído às C. W., de Quixadá, no Ceará. A redação inicia com uma frase atribuída a Silveira Martins, retirada do *Diário do Parlamento* – “O homem tem o direito natural de adorar o Criador, como bem lhe parece”.

Quando o Sr. Silveira Martins estiver reunido com os amigos seus ou da sua pândega, e com eles se achar em presença de uma mesa lautamente servida de variadas e apetitosas iguarias, exclame, muito embora:

- Amigos, nada de cerimônias, *plena liberdade!* Temos o *direito natural* de escolha, comamos *do que bem nos parece*.

Item. – Quando S. Ex. estiver na *Germania*, com aquele companheiro perdido, capitão Carlos von Koseritz, inimigo fidalgo do Papado, e tão descarado em vomitar seu fel e blasfêmias contra o catolicismo, que foi excomungado (caso virgem no Brasil) pelo aliás discreto e prudentíssimo Prelado rio-grandense, de saudosa memória, quando, repito, S. Ex. estiver em companhia deste monumental devoto de Baccho (conselheiro *fidélissimo* do legislador brasileiro!) e passar uma revista pelas numerosíssimas marcas de cerveja que importa para o Rio Grande o comércio alemão, brade em voz alta:

- Koseritz, grande é a tua Alemanha, que exporta tanta cerveja, tudo é bom, bebamos *do que bem nos parece*.

Mas, quando trata do sublime culto religioso que a criatura deve prestar ao seu Criador, quando quiser estabelecer direitos naturais em matérias de religião, lembre-se que estes direitos não podem destoar do rigorosíssimo dever que todo o homem tem de reconhecer o supremo, o absoluto, o inalienável direito de propriedade do Criador sobre as suas criaturas.⁷¹⁰

É certo, portanto, que as escritas de Koseritz nem sempre despertavam a exaltação, somente, de religiosos ou políticos. Elas também fizeram com que alguns leitores dos jornais se sentissem atacados pelas ofensas que eram dirigidas àquilo que era tido como sagrado. Da mesma maneira, a defesa da religião nem sempre partiu de desconhecidos ou opositores. Carlos Jansen foi um exemplo. Entre ele e Koseritz havia semelhanças. Ambos eram *Brummer*, e tiveram seus nomes ligados à imprensa, à literatura e à maçonaria. No entanto, havia grandes incompatibilidades. Além de dirigir o periódico *O Guayba* (1856-1858), de feição conservadora, e dedicar artigos antimaterialistas para as páginas da folha *Álbum de Domingo*, em Porto Alegre, Jansen demonstrou-se defensor religioso, contrário à campanha antipapista, em combate contra os ideais científicos e materialistas, no Rio Grande do Sul. No

⁷¹⁰ *O Apóstolo*, 28/11/1888.

entanto, é um tanto curioso enxergá-lo como membro da loja *Zur Eintracht*. Embora não chegasse a ter a representatividade como a que foi alcançada por Koseritz, ele não deixa de ser um exemplo para o “perfil de atuação de dirigentes maçons, pois a liberdade religiosa e política permitiam tal posicionamento”.⁷¹¹ Oposições maiores, talvez, tenham sido evitadas pela ida de Carlos Jansen ao Rio de Janeiro, em 1878.

Além disso, basta considerar que a receptividade às ideias anticlericais encontrou resistência, também, nos movimentos de vanguarda, na Capital da província. Nos anos iniciais do *Partenon Literário*, haveria uma oposição entre os membros em torno da postura anticlerical. Mesmo que fosse um espaço marcado pela aglutinação da intelectualidade gaúcha, marcado por certo ecletismo, a sociedade assistiu à saída de alguns membros dissidentes, motivada pelos posicionamentos divergentes e conflitantes em relação à pauta religiosa.

As contribuições de Koseritz para o campo intelectual chegaram ao fim no ano de 1890. Nesse momento, algumas pautas já se encontravam em outras circunstâncias, marcadas pelo enfraquecimento do discurso anticlerical, ou pela aproximação ao movimento protestante, como demonstramos anteriormente. A conturbada cena política da década final do século XIX provocou repercussões mais sérias a Koseritz. Com isso, Ernesto Reinhold Ludwig, também maçom, assumiu a redação do jornal *Koseritz' Deutsche Zeitung*. Dessa maneira, o legado de Koseritz na imprensa chegava ao fim.

4.2 Movimento literário no Rio Grande do Sul

Para Guilhermino Cesar, compreender o contexto peculiar da literatura do século XIX deve poder apontar, sobretudo, as intenções renovadoras que fazem parte do período.⁷¹² Dentro desse universo de mudanças na literatura, encontra-se Koseritz, uma importante figura que despertou repercussões relacionadas à defesa do naturalismo filosófico. Ligado ao mundo das letras, sua produção surpreende pela quantidade de escritas, que podem ser reunidas desde a sua chegada ao Brasil, em 1851, até o ano de sua morte, em 1890. A imprensa, nesse sentido, teve um papel importante. Ela promoveu a literatura, permitindo que ela alcançasse o público leitor de uma forma cotidiana, fosse pela publicação de folhetins, pela socialização de

⁷¹¹ COLUSSI, *Plantando Ramas de Acácia...*, op. cit., p. 318-319.

⁷¹² CESAR, Guilhermino. Koseritz e o Naturalismo. Porto Alegre: UFRGS. *Organon*, n. 12, 1968, p. 90.

textos críticos de apreciação literária, pelas possibilidades de escrita a outros literatos, pela impressão de poesias, ou pela divulgação de propagandas que anunciavam o lançamento de novas obras.

Da mesma forma como articulou uma base de relações políticas, que se manifestou pela constituição das redes sociais, que colocaram em jogo outras figuras públicas, também na literatura é possível enxergar a extensa dimensão que sua presença assumiu como intelectual. Nesse sentido, basta observarmos os diferentes nomes contemporâneos ao seu, proeminentes figuras intelectuais, com os quais manteve contato e constituiu redes de saber e de cultura, que marcaram época. Os laços com a intelectualidade literária não se restringiram a personagens brasileiros, mas se fizeram presentes nas relações com escritores europeus. Mais uma vez, é notável a riqueza, a dinâmica e complexidade que se apresenta em relação àquilo que fez e produziu.

Dito isso, é oportuno vislumbrar que Koseritz também se tornou responsável em colocar Porto Alegre no centro dos movimentos de vanguarda, imbuído pelo desejo de superar visões por ele consideradas arcaicas e passadistas, por outra, de caráter racional e científico. Não obstante, essa concepção, em muito, se relacionava ao contexto de mudanças e renovações, pronunciadas nas discussões que iam desde as ciências naturais até a crítica literária mais profunda. Mais uma vez, tal movimento não se encontrava restrito ao espaço regional, mas, em certa medida, passou a estabelecer diálogos com outras escolas, incluindo o movimento do Nordeste. Eram, portanto, novos tempos para a literatura, e Koseritz tornou-se um importante protagonista naquilo que diz respeito à concretização e expansão do Realismo.⁷¹³

Antes de instalar-se em Porto Alegre, Koseritz já apresentava uma trajetória ligada às artes, dedicando-se à produção de peças teatrais e a textos literários, em Pelotas e Rio Grande. Sua proximidade com os círculos eruditos pode ser encontrada, por exemplo, a partir de seu envolvimento com a *Sociedade Literária* de Pelotas. A constatação não diz respeito, somente, ao fato de que era um membro

⁷¹³ Gilhermino Cesar destaca que o contexto em questão era marcado por um movimento editorial bastante forte, voltado à tradução e publicação de obras realistas e naturalistas, especialmente nas maiores cidades da província na época. CÉSAR, Koseritz e o Naturalismo....., op. cit., p. 91.

daquela entidade. A escolha da diretoria, realizada em 11 de janeiro de 1857, nomeava Koseritz como segundo secretário.⁷¹⁴

Para Alfredo Varela, Koseritz fundou um movimento literário ao publicar *As quatro épocas do Rio Grande do Sul*, obra que por ele mesmo foi classificada como *Kultur-historiker*.⁷¹⁵ Além disso, citam-se, para esse período inicial, porém sem exemplares conhecidos atualmente, as peças produzidas para o teatro local, “Inês”, “Nini”⁷¹⁶ e, uma terceira, intitulada “Clara”. Podemos aqui destacar, também, as prosas “A donzela de Veneza”, de 1859, obra considerada como “romance individualista”⁷¹⁷, e “A véspera da batalha”, ambas publicadas em 1858. Segundo Artur Emilio Alarcon Vaz, essas novelas de Koseritz apresentam uma ligação com o ambiente europeu, e sua qualidade técnica revela “uma experiência inicial do imigrante alemão, que se destacaria no Rio Grande do Sul ao longo das décadas seguintes pela prosa ficcional e pelos artigos jornalísticos”.⁷¹⁸ Nesse universo de produção literária, para os anos seguintes, podem ser destacados os textos “Um drama no mar”, datado de 1862, bem como “Laura, também um perfil de mulher”. Esta última obra foi lançada ao público em 1875, e foi reeditada em 1887.⁷¹⁹

Em recente estudo, Juliane Cardozo de Mello⁷²⁰ realizou uma análise sobre algumas obras de Koseritz – mencionadas por estudos da crítica literária e por biografias, mas que por muito tempo encontraram-se desaparecidas –, e revela alguns traços característicos do autor, apontando, inicialmente, para as vertentes românticas, também nacionalistas, como ocorria com autores clássicos do romantismo brasileiro. Mello destaca que, em grande parte de suas novelas, Koseritz preferiu apresentar-se como autor por meio de pseudônimos, o que poderia ser justificado pela forte oposição que sofria por parte de alguns membros das

⁷¹⁴ MÜLLER, Dalila. “*Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza*”: Espaços de Sociabilidade em Pelotas (1840-1870). São Leopoldo: Unisinos. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2010, p. 126.

⁷¹⁵ VARELA, Alfredo. *Ensaio e críticas*. Formação do Rio Grande. Marcha para o oeste. Rio de Janeiro: Instituto América, 1948, p. 93.

⁷¹⁶ Juliane Cardozo de Mello destaca que a peça *Nini* foi apresentada em Pelotas. Os amigos de Koseritz apreciaram a peça, enquanto seus opositores a utilizaram para ridicularizar o autor, jogando panfletos das galerias durante a apresentação, nos quais constavam uma poesia que comprovaria a imitação que Koseritz teria feito dos escritos do dramaturgo alemão Theodor Körner. Cf. VAZ, Artur Emilio; MELLO, Juliane Cardozo de. *Carlos von Koseritz*. Novelas. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/CORAG, 2013, p. 17-25.

⁷¹⁷ Expressão utilizada por Guilhermino Cesar e Artur Emilio Alarcon Vaz. Cf. CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971, p. 308; VAZ, *Carlos von Koseritz*..., op. cit., p. 12.

⁷¹⁸ VAZ, *Carlos von Koseritz*..., op. cit., p. 17-25.

⁷¹⁹ Acredita-se que Koseritz tenha utilizado o pseudônimo J. S., o que pode ser encontrado, por exemplo, na publicação da 2ª edição da novela *Laura*.

⁷²⁰ Idem, ibidem.

sociedades de Pelotas e de Rio Grande, sobretudo entre os anos de 1860 e 1864.⁷²¹ É importante ressaltar que, mesmo com a ida de Koseritz a Porto Alegre, em 1864, ele manteve relações com alguns nomes da literatura local, especialmente quando são lembrados os nomes dos escritores Lobo da Costa e Bernardo Taveira Junior.

Em Porto Alegre, dentre os espaços intelectuais de que Koseritz passaria a participar, deve ser citado o *Partenon Literário*.⁷²² A importância dessa sociedade comporta a ideia da efervescência cultural na Capital da província, mobilizando, para tanto, diferentes personagens, que passaram a dedicar-se à literatura. Conforme Carlos Alexandre Baumgarten⁷²³, a Sociedade *Partenon Literário* foi fundada em 18 de junho de 1868, reunindo um grupo de intelectuais, como José Antônio do Vale Caldre e Fião, Apolinário Porto Alegre⁷²⁴, Múcio Teixeira, Lobo da Costa, Aquiles Porto Alegre, Eudoro Berlink, Apeles Porto Alegre, José Bernardino dos Santos, Carlos von Koseritz, entre outros.⁷²⁵ Pela sua importância, Maria Eunice Moreira considera que a sociedade representa um papel muito importante para a história da literatura no Rio Grande do Sul, inclusive, de conotação mítica.⁷²⁶

A criação da Sociedade Partenon Literário, em 18 de junho de 1868, é um marco no desenvolvimento das Letras no Rio Grande do Sul. Com a finalidade de fomentar tanto as Artes, como a instrução pública e o debate político e cultural na Província, a Sociedade congregou diversas figuras de destaque no cenário gaúcho. Centrada na Capital, Porto Alegre, contava com colaboradores em toda a Província, promovendo, assim, um intercâmbio cultural capaz de impulsionar a intelectualidade sul-riograndense.⁷²⁷

Muitos membros da sociedade foram os principais agentes na divulgação de textos literários nos periódicos de Porto Alegre, participando de empreendimentos tipográficos, fundando folhas que, de alguma maneira, ligavam-se aos objetivos da

⁷²¹ VAZ, *Carlos von Koseritz...*, op. cit., p. 24.

⁷²² PIVA, Mairim Linck. A Sociedade Partenon Literário e sua Revista. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Narradores do Partenon Literário*. Porto Alegre: IEL/Corag, 2002, p. 21.

⁷²³ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul: do romantismo ao modernismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, p. 70.

⁷²⁴ Era um dos mais destacados membros do *Partenon*, defensor ferrenho dos ideais republicanos, embora tenha entrado em conflito com Castilhos, após a proclamação da República. Teve participação expressiva em jornais locais, como *A Reforma*, *Gazeta de Porto Alegre* e *A Imprensa*. BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e Crítica na Imprensa do Rio Grande do Sul (1868-1880)*. Porto Alegre: ESTSLB, 1982, p. 42.

⁷²⁵ No jornal *A Reforma*, de 18 de junho de 1869, era divulgado anúncio especial em comemoração ao primeiro ano de existência da entidade: “Esta associação literária que tão brilhante progresso tem tido pela dedicação e perseverança da inteligente mocidade que a fundou, celebra o seu primeiro aniversário com uma sessão magna que terá lugar no salão Soirré Porto-Alegrense às 8 horas da noite de 19 do corrente”.

⁷²⁶ MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Narradores do Partenon Literário*. Porto Alegre: IEL/Corag, 2002, p. 9.

⁷²⁷ PIVA, A Sociedade Partenon Literário..., op. cit., p. 17.

entidade, que implicavam em movimentos que reforçavam os laços da sociedade com a literatura. Seria comum ver que em determinados jornais, todos os nomes de redatores e colaboradores estivessem imediatamente ligados aos quadros do *Partenon Literário*.

Como se pode notar, as ações da entidade, de alguma forma, cruzavam-se com outras atividades da vida social da província. Algumas bandeiras relacionavam-se às transformações e à ebulição de novas ideias, como era o caso da campanha abolicionista. A imprensa, novamente, seria um instrumento fundamental. Prova disso é a movimentação em prol da libertação dos escravos, que recebeu vozes firmes e de forte combate, como se registrava na “Crônica Diária” do jornal *A Reforma*, de 21 de agosto de 1869. No intuito de dar vida à causa, por exemplo, o *Partenon* foi responsável por organizar diferentes promoções, como encenação de peças teatrais ou quermesses, as quais reuniam fundos para alforriar escravos. Entre as proposições da entidade, seus agentes mobilizavam mecanismos que pudessem efetivar alguns de seus propósitos.

Por outro lado, havia o objetivo literário que, enfim, pretendia arrebatrar um crescente público, fosse este da Capital ou de regiões interioranas. Frequentemente, divulgavam-se autores e obras, realizavam-se saraus e promoviam-se as chamadas reuniões públicas, em torno das quais se agrupavam os membros da entidade e pessoas da comunidade local. Nessas ocasiões, problematizavam-se e discutiam-se algumas teses⁷²⁸, as quais abordavam diferentes temas – a influência jesuíta no ensino, o casamento nas condições do catolicismo e a lei natural⁷²⁹, a instrução pública, o progresso científico, assuntos religiosos, entre outros. Além disso, ocorriam leituras de poemas e audições musicais. Destacavam-se, igualmente, as iniciativas que corroboravam os objetivos do *Partenon*, como a criação de cursos noturnos de aritmética, desenho e língua portuguesa, e a constituição de uma biblioteca, que chegou a abrigar em torno de seis mil volumes.⁷³⁰ Já a *Revista*

⁷²⁸ Tratava-se de assuntos que poderiam demonstrar divergências. As temáticas, em sua maioria, eram assuntos que demandavam um tempo de alocação dos participantes. No dia 2 de abril de 1872, a discussão versaria sobre a tese, assinada pelos membros Caldre e Fião, Ulrich e Aquiles: “Qual o meio a empregar-se a fim de impedir e derrocar a influência exercida pela Com^a de Jesus sobre o ensino?” In: Actas das Sessões do Parthenon Litterário de Janeiro 1872 a Dezembro 1872, folha 12. Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

⁷²⁹ Em ata do dia 22 de abril de 1872, a tese lançada por Victorino e Porto Alegre a ser discutida correspondia a questão: “o casamento nas condições do catolicismo funda-se na lei natural? A indissolubilidade dos laços é útil ou prejudicial aos interesses sociais?”. In: Actas das Sessões do Parthenon Litterário de Janeiro 1872 a Dezembro 1872, folha 12. Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

⁷³⁰ Indicador apresentado por alguns estudiosos, como Lothar Hessel apud BAUMGARTEN, *A crítica literária no Rio Grande do Sul*, op. cit., p. 70.

Mensal do Partenon Literário, que foi publicada entre os anos de 1869 e 1879, tornou-se a maior contribuição da sociedade para a literatura do Rio Grande do Sul. Ela trazia textos biográficos de vultos literários e políticos da província e do país, assim como peças teatrais, contos, novelas, romances, as próprias teses discutidas nas sessões que reuniam os membros ligados ao *Partenon*, e textos poéticos. A essa variedade de escrita, somava-se a tradicional crônica redigida pelo editor responsável para cada exemplar mensal.⁷³¹ Das ideias iniciais até a objetivação do material impresso, percebe-se que a revista reafirma a condição que a atividade do *Partenon* assumia, mobilizando e articulando diferentes figuras socialmente reconhecidas, como também os espaços sociais por onde estes mesmos personagens circulavam. Vale considerar, a título de reflexão, o primeiro número da 4ª série de publicações do *Partenon*. O exemplar foi produzido pelos prelos da *Deutsche Zeitung*, organizado pelo redator José Bernardino dos Santos, com contribuições de Daymã, Alfredo Gonzaga, Damasceno Vieira, entre outros.⁷³²

Alguns dos membros do *Partenon Literário* articularam-se com Koseritz em outros espaços sociais, como é o caso de Apolinário Porto Alegre. Ele também foi colaborador em diferentes periódicos da província, como *Murmúrios do Guaíba*, *A Reforma*, *O Rio-Grandense*, *Gazeta de Porto Alegre*, *Jornal do Comércio*. Em todas essas folhas, registra-se a atuação, igualmente, de Koseritz. Conforme Baumgarten⁷³³, *A Reforma*, em especial, contribuiu significativamente para fortalecer o movimento literário na província do Rio Grande do Sul, sendo que três dos seus principais redatores, ao longo do tempo – Karl von Koseritz, Apolinário Porto Alegre e Apeles Porto Alegre –, foram membros destacados do *Partenon*. Os registros demonstram que por meio da imprensa, puderam-se divulgar as atividades desenvolvidas pela sociedade literária. Além disso, publicavam nesse jornal produções literárias, somadas às apreciações de natureza crítica sobre autores e obras contemporâneas. O mesmo propósito encontrava-se no *Jornal do Comércio*, com colaborações de Aurélio Bittencourt, Aquiles Porto Alegre e Koseritz. Nesse periódico eram publicados escritos poéticos e observações críticas sobre obras literárias.

⁷³¹ Segundo Maria Eunice Moreira, a publicação mensal da revista auxiliou no fomento e no incentivo para a produção literária, com destaque à poesia e à prosa de ficção, oferecendo os modelos literários para o Rio Grande do Sul (modelando o tipo gaúcho e valorizando as peculiaridades da região). MOREIRA, *Narradores do Partenon Literário*..., op. cit., p. 10.

⁷³² *A Reforma*, 31/5/1879.

⁷³³ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul*..., op. cit., p. 74.

A análise da presença dos membros do *Partenon* em outros espaços demonstra a dinâmica social dos seus agentes. Seu engajamento esteve relacionado aos quadros do movimento intelectual do século XIX, articulando o pensamento original em relação a outras formas de manifestação, como se pode destacar a partir da imprensa. Em estudo sobre os periódicos literários do século XIX, Carla Renata Antunes de Souza Gomes⁷³⁴ demonstra a relação de personalidades, entre elas Koseritz, Carlos Jansen, Caldre e Fião, Miguel Pereira de Oliveira Meyrelles, Félix da Cunha, entre outros, chamadas de “segunda geração de letrados e guerreiros”⁷³⁵, aos quadros do *Partenon* e à imprensa local. Dessas informações é possível inferir que a maioria absoluta dos nomes apresentados por Carla Gomes tem uma participação com as revistas ou com os jornais da segunda metade do século XIX, dado que corrobora a dimensão da circularidade das proposições literárias que se fez para aquele momento e a sua relação direta com a imprensa.

A atuação de Koseritz também se registra ao longo da existência do *Partenon*. Participava das atividades que eram articuladas pela entidade, sendo membro de comissões internas, como a de crítica literária. Em ata da sessão do dia 21 de julho de 1873, fazia-se menção a Koseritz, pela leitura de sua justificativa pela ausência nas sessões organizadas pelos seus membros.

Expediente

Ofícios: do Sr. Carlos de Koseritz acusando o ofício de 14 do corrente e aceitando a nomeação de membro da comissão de crítica literária, excusando-se não poder ser assíduo a esta sociedade por morar fora da cidade, aproveita a ocasião para oferecer alguns volumes de suas produções.⁷³⁶

Além disso, sua relação com o *Partenon* era bastante próxima, uma vez que é possível enxergá-lo engajado pelos ideais mais relevantes para aquela vanguarda literária. Entretanto, é importante ressaltar que, como demonstram as fontes e os estudos de historiadores e críticos da literatura, houve uma presença diversificada

⁷³⁴ GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. *Entre tinteiros e bagadus*: memórias feitas de sangue e tinta. A escrita da história em periódicos literários porto-alegrenses do século XIX (1856-1879). Porto Alegre: UFRGS, 2012. Tese (Doutorado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012, p. 332.

⁷³⁵ Gomes faz menção a três gerações, interligando-as a partir da filiação ao *Partenon* e à contribuição em revistas e periódicos. GOMES, op. cit., p. 330-334.

⁷³⁶ Actas das Sessões do Parthenon Litterário de Janeiro 1873 a Dezembro 1873. Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

de correntes no interior da entidade, o que descarta qualquer possibilidade de considerar uma homogeneidade ideológica para a questão. Como bem lembra Maria Eunice Moreira⁷³⁷, grande parte dos membros da sociedade reuniam-se em torno de ideias e de princípios comuns, entre eles a república e a abolição da escravidão. Sem cair na premissa da totalidade apresentada por Moreira, cabe considerar que existiram aproximações e distanciamentos entre os membros, provocados pelas divergências sobre questões políticas, ou, como já observamos em outro momento, até mesmo por temas religiosos. No entanto, as diferenças atenuavam-se em certas circunstâncias, como se constata a partir do engajamento da entidade pela libertação dos escravos da província. Tratava-se de um objetivo, particularmente, comum a todos os membros. A partir disso, pode-se, inclusive, inferir que o *Partenon Literário* configurava-se como um espaço suprapartidário. Por outro lado, não parece ser prudente ou conciso estender a causa republicana a todos os integrantes da sociedade, fato que pode ajudar a compreender a ligação de Koseritz a Apolinário Porto Alegre, um dos membros mais proeminente do movimento republicano. E vale mais uma vez lembrar, como já destacamos a partir de Guilhermino Cesar, que havia correntes diferentes no interior dessa sociedade, o que desencadeava algumas disputas.

Além do viés político, é preciso destacar o contexto cultural para este campo. Para a literatura das décadas de 1870 e 1880, percebe-se o investimento e a mobilização por novas estéticas, em contraposição a modelos instituídos. Tal perspectiva alinhava-se às mudanças teóricas experimentadas pelo mundo das ciências naturais, incluindo as concepções evolucionistas, as ideias de Spencer, Jean Baptiste Lamarck, também as de Darwin e Haeckel. Surgiram, entre os críticos da literatura, maneiras de apropriação do campo científico, introduzindo noções que diziam respeito à ideia de transformação, hereditariedade e transformismo biológico. Portanto, alguns nomes engajavam-se na tarefa de aplicar os métodos das ciências naturais à literatura. Assim o percebemos em Koseritz, quando seus escritos contemplam uma vertente mais crítica, que era devedora, em especial, do determinismo tainiano⁷³⁸, ao evolucionismo de Darwin e o monismo de Haeckel.

⁷³⁷ MOREIRA, *Narradores do Partenon Literário*..., p. 9.

⁷³⁸ O “determinismo tainiano” é uma expressão que provém das concepções do naturalismo darwiniano e é utilizada para referir-se à ideia de que o ser humano é fruto do seu meio. A expressão deve ainda ser lembrada a partir do pensamento do francês Hippolyte Adolphe Taine, pelo qual se analisa o homem pelas definições de meio, raça e momento histórico – ideia presente no movimento artístico do Realismo.

Essa visão de Koseritz para a literatura não ocorreu de maneira linear. Como se pode identificar, como autor de textos literários, escreveu novelas que podem ser colocadas no universo do romantismo. Foi nas décadas de 1870 e 1880 que Koseritz passou a demonstrar uma adesão ao movimento naturalista, publicando ensaios críticos, como o prefácio redigido para as composições literárias “D. João de Colomea”, traduzidas do escritor austríaco Leopold Ritter von Sacher-Masoch, em 1882 e em 1886, “*Alfredo d’Escragnolle Taunay*”. Este último, fundamentava-se em um estudo voltado para a biografia do autor de *Inocência*, registrando, entre outras coisas, as características conservadoras e reacionárias do visconde presentes na polêmica com Barreto e Romero, bem como suas discordâncias em relação ao movimento naturalista. Em relação a Taunay, Koseritz reconhecia-o como romancista e escritor, mas pelos seus *Estudos Críticos*, fazia ressalvas dizendo que “francamente, não posso compreender como pessoa tão perspicaz, cabeça tão esclarecida possa desconhecer o objetivo do grande Zola, talvez contra convicção íntima, para prestar homenagem à corrente que domina em certos círculos”.⁷³⁹

O que se nota no estudo de Koseritz é uma análise rigorosa das ideias do autor de *Inocência*, mas as observações de cunho estético já se insinuam aqui e ali, deixando de lado a preocupação lovaminheira. Assim, examinando de um lado a obra do ficcionista, Koseritz sublinha o que lhe pareceu demasiado conservador e reacionário na polêmica em que se bateu o Visconde “com os meus amigos Barreto e Silvio Romero”. Confessa que, admirando o romancista e historiador, admira menos o autor dos *Estudos Críticos*.⁷⁴⁰

Esse novo ponto de vista não era único, pois no Rio Grande do Sul e em outras partes do Império, já era possível vislumbrar as rupturas que se procederam em prol de uma nova concepção para a literatura. Era possível reconhecer um número considerável de adeptos do Realismo-Naturalismo, o que justificaria o motivo pelo qual Koseritz erigira-se como uma autoridade autorizada a criticar um dos grandes nomes do romantismo brasileiro. Dentro desse panorama de controvérsias que se colocava a partir dos diferentes posicionamentos, aquilo que Guilhermino César chama de “guerra cultural coordenada”⁷⁴¹, as próprias referências contidas na tradução de “D. João de Colomea” revelam indicadores interessantes

⁷³⁹ Koseritz apud CESAR, Koseritz e o Naturalismo..., op. cit., p. 93.

⁷⁴⁰ CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*..., op. cit., p. 355.

⁷⁴¹ CESAR, Koseritz e o Naturalismo..., op. cit., p. 97.

para conhecer as estratégias utilizadas para colocar a obra em destaque. Basta dizer que a obra traduzida por Koseritz, que não chegou a ser publicada como livro independente, apareceu ao fim de um volume, com as indicações em sua folha de rosto: *J. F. Elslander / O Cadáver / (Estudo Naturalista) / Tradução G. H. Guilhermino César* coloca em evidência as impressões que poderiam surgir com os dados impressos na primeira folha, valendo-se de um apelo que pudesse atender ao gosto dominante dos leitores. Desse modo, Elslander foi um autor belga ultranaturalista, conhecido pela sua crueza, e que causara revolta pública ao Visconde de Taunay, ao ler o texto de sua autoria “O Cadáver”. Por outro lado, as letras G. H. revelavam as iniciais de um personagem polêmico,

[...] desabusado, boêmio, irreverente, aquele que se escondia sob essa iniciais não era senão Germano Hasslocher. E esse “colonão” de Santa Cruz, deputado ao Congresso Nacional, polemista e orador destemido, gostava principalmente de escandalizar o próximo. Força é reconhecer, tinha uma coragem intelectual que não recuava diante de nada.⁷⁴²

Destarte, a indicação de Germano Hasslocher tornava-se um bom chamarisco para atrair o público à leitura do texto. Ao final do texto, estariam indicadas as referências: D. João de Colomea, por Sacher Masoch, vertido para o português, com autorização do autor, por Carlos von Koseritz.

Encontramos, ainda, o prefácio escrito por Koseritz para a publicação *Poesias Alemãs. Vertidas do Original*, de Bernardo Taveira Júnior.⁷⁴³ Esta obra teve duas edições, 1873 e 1884, sendo a última pela *Gundlach & Cia.*, e era composta pela tradução de poesias para a língua nacional. Taveira Júnior também era sócio, embora membro pouco ativo, do *Partenon Literário*. Era republicano e abolicionista. Koseritz teceu comentários elogiosos ao amigo, dizendo que a apreciação da tradução dava a impressão de que se estaria lendo os originais, pois teria conseguido compreender o espírito da poesia alemã. De acordo com o estudo de Mariana Couto Gonçalves⁷⁴⁴, Koseritz registrava sua impressão sobre esse autor também no *Jornal do Comércio*, do dia 2 de maio de 1875,

⁷⁴² CESAR, Koseritz e o Naturalismo..., op. cit., p. 97.

⁷⁴³ Nasceu em Rio Grande, tendo passagens por São Gabriel, Pelotas e Rio Grande, com participação na imprensa nas duas últimas. Teve expressiva participação no jornal *Arcádia*, onde publicou a maior parte de sua obra. BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e Crítica na Imprensa...*, op. cit., p. 52.

⁷⁴⁴ GONÇALVES, Mariana Couto. *Se é muito o que aspiro, aos leitores, desde já, peço mil perdões por tal aspiração*”: Pelotas (re)vista a partir dos folhetins e crônicas de Bernardo Taveira Junior (1836-1892). Porto

Tenho consciência de que ninguém melhor que Bernardo Taveira Junior soube penetrar no espírito da poesia alemã [...] Eis como é Taveira: alma d'elite, grande coração, poeta às deveras e, como poucos, senhor da forma, mas de uma modéstia e de um acanhamento, que o fazem retrair-se, qual sensitiva, do mundo externo. [...] o modesto professor da mocidade pelotense, atirou-se com a tenaz vontade que o caracteriza, ao estudo da língua alemã e tornando-se senhor dela.

Carlos Alexandre Baumgarten trata Koseritz, ao lado de Damasceno Vieira, como um dos precursores de textos pioneiros do gênero, na província.⁷⁴⁵ Segundo ele, a crítica literária praticada por eles “não só mostra a completa integração cultural do Rio Grande no contexto maior da Nação, como confere ao ensaio literário sulino maior disciplina e orientação mais segura”, valendo-se de uma postura sustentada em concepções científicas, antirromânticas, anti-idealistas, introduzindo um novo conceito para a literatura, uma vez que ela representava um espelho que reproduzia a parcela da realidade focalizada. Além disso, o papel de Koseritz associou-se ao trabalho em difundir o cientificismo, sendo o movimento uma manifestação do progresso na literatura, assim como ocorria nas ciências naturais. Segundo Guilhermino Cesar, Koseritz teria emigrado da Europa quando traços do realismo encontrar-se-iam de forma tímida. No Brasil, seriam aprofundados, concomitantemente aos trabalhos desenvolvidos por Tobias Barreto.⁷⁴⁶ Para Cesar, Koseritz contribuiu para que se formasse uma linha de ataque, no campo das ideias, contra o idealismo romântico.⁷⁴⁷ Esta era a aproximação mais fecunda entre o sergipano e Koseritz, mesmo que algumas diferenças em relação ao pensamento teórico pudessem ser levantadas entre os dois.

Como já destacamos, na imprensa, podemos vislumbrar as relações que Koseritz manteve com a literatura. As novelas e os contos publicados em seus periódicos demonstravam o tipo de literatura ao qual se dedicou. Vale lembrar que, nesta época, os jornais eram os concorrentes diretos dos livreiros editores, uma vez que os romances-folhetim, em rodapé, apresentavam-se como verdadeiros atrativos para o consumo desses periódicos.

Alegre: PUCRS, 2014. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014, p. 80-81.

⁷⁴⁵ BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul*, op. cit., p. 117.

⁷⁴⁶ CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul...*, op. cit., p. 251-252.

⁷⁴⁷ Idem, p. 272.

Por outro lado, também ficam evidentes as influências e os diálogos que podem ser mapeados, quando se analisam seus textos críticos ou aqueles voltados exclusivamente a nomes específicos, de importante representação cultural, e ligados à literatura. Assim o percebemos, por exemplo, na publicação da obra, em capítulos diários, de *D. João de Colomea*, de Sacher-Masoch, em versão para o jornal *Gazeta de Porto Alegre*, a partir do mês de junho de 1879. Mais tarde, o texto seria compilado e apresentado em uma única obra, prefaciada por Koseritz. Não chegava a ser um livro autônomo, pois se encontrava ao final de outro volume. A obra foi impressa na tipografia *Pinto & Cia.*, pertencente ao editor Carlos Pinto, fundador da Livraria Americana⁷⁴⁸, e adepto ao movimento do Realismo.

Para todo esse caso, Guilhermino César⁷⁴⁹ já evidenciara uma estreita relação entre o escritor austríaco Sacher-Masoch e Koseritz, o que se comprovaria, também, por meio de troca de correspondências, nas quais se encontrariam o pedido de autorização para tradução de algumas das suas novelas. Certamente, pelo teor das histórias⁷⁵⁰, Koseritz sabia dos riscos pelos quais poderia passar. Vale lembrar que ao lado da tarefa de traduzir alguns dos textos de Sacher-Masoch, como “Noite de Luar”, “Vênus de Peles” e “D. João de Colomea”, escritos desconhecidos em língua portuguesa, Koseritz teria feito circular, de maneira clandestina, as “Memórias de uma Cantora”, um romance com descrições obscenas para a época, cujas características correspondiam ao movimento naturalista. Em tese, como destaca Guilhermino Cesar, o escritor naturalista, em Porto Alegre, seguia os caminhos do movimento literário alemão, o que é conhecido como

⁷⁴⁸ A primeira grande editora do Rio Grande do Sul encontrava-se estabelecida em Porto Alegre, fundada em 1871. No ano de 1879, abriu uma filial na cidade de Porto Alegre, e, finalmente, em 1885, inaugurou a segunda filial, agora em Rio Grande. Cf. ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar. *Editoras e tipografias no Rio Grande do Sul: publicação e circulação de livros didáticos*. Disponível em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/res/trab_652.htm>. Acesso em 4 de set. de 2013.

⁷⁴⁹ CESAR, Guilhermino. Koseritz e o Naturalismo..., op. cit., p. 94.

⁷⁵⁰ O termo “masoquismo” provém dos escritos do literato austríaco, especialmente para referenciar o erotismo patológico.

*Galizische Geschichten*⁷⁵¹ de Sacher-Masoch, com destaque para enredos que tratavam, por exemplo, sobre o amor doentio.⁷⁵²

Para a literatura do Rio Grande do Sul, encontramos contribuições significativas para os estudos sobre a poesia popular rio-grandense. Koseritz foi o primeiro a identificar, colher e redigir na província, o poema romanceado “Nau Cantareira”, formado por poesias que recontavam, pela tradição oral, a viagem do navio Santo Antônio, de Olinda a Lisboa, em 1565. Sem dúvida, um estudo literário, frente às conclusões sobre os versos portugueses. Segundo suas palavras, a versão gaúcha era

muito menos completa do que as versões de Lisboa, de Almeida Garrett, do Algarve, da ilha de S. Jorge e do Ribatejo. Examinando, porém, com muito cuidado essas diferentes versões, chega-se à conclusão que o romance foi importado na província pelos ilhéus aqui estabelecidos no século passado, porque é evidente uma corrupção das versões da ilha S. Jorge (Rosais), que apresenta Teófilo Braga nos cantos Populares do Arquipélago dos Açores.⁷⁵³

O material coletado por Koseritz foi publicado entre os dias 23 de janeiro e 12 de março de 1880, no jornal *Gazeta de Porto Alegre*, reproduzido, posteriormente, por Silvio Romero, no livro *Cantos Populares do Brasil*, sob o título “Silva de quadrinhas coligidas no Rio Grande do Sul”.⁷⁵⁴ Mais tarde, seriam utilizadas por Simões Lopes Neto para a composição de *Cancioneiro Guasca*. Como destaca Guilhermino Cesar, o interesse de Koseritz pelo cancionário rio-grandense casa com o tempo e o lugar com o de Apolinário Porto Alegre pela filologia e pelo folclore, o que seria uma demonstração da boa convivência do elemento teuto com os homens

⁷⁵¹ *Histórias Galícias*. Sacher-Masoch nasceu em Limberg (hoje Lvov, Ucrânia), localidade situada na região da Galícia – província ao sul da Polônia, que já pertencera ao Império Austro-Húngaro. Pertencia à aristocracia austríaca, dominava a língua francesa e alemã. Escrevia em alemão, pela justificativa de que por essa língua ele podia expressar aquilo que pensava e o que sentia. Cf. FRANÇA, Cassandra Pereira; MACHADO, Júlia de Sena. Afinal, quem foi Sacher-Masoch? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 419-434, junho, 2012, p. 421.

⁷⁵² Segundo Cassandra Pereira França e Júlia de Sena Machado, Sacher-Masoch foi um autor que procurou captar as forças do romantismo alemão, enlaçando a condição humana ao erotismo, pautando-se em questões históricas, culturais, místicas e políticas. Além disso, seus escritos destacam problemas ligados às minorias, como nacionalismos e aos movimentos revolucionários do Império Austro-Húngaro. A riqueza da obra de Sacher-Masoch revela-se pela possibilidade de explorar elementos psicológicos e artísticos, adotada como referência em distintos campos do saber. Idem, ibidem.

⁷⁵³ MEYER, Augusto. *Guia do Folclore Gaúcho*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora, 1951, p. 115.

⁷⁵⁴ DINIZ, Carlos Francisco Sica. *João Simões Lopes Neto*: uma biografia. Pelotas: UCPEL/AGE, 2003, p. 178.

letrados da província, incentivando-os a conhecer melhor as coisas que caracterizavam o regionalismo gaúcho.⁷⁵⁵

Concomitantemente, os diálogos de Koseritz com outros movimentos, como demonstravam as aproximações a Tobias Barreto, revelam parte da dimensão e da circularidade de um movimento que se posicionava contra os excessos do Romantismo, instituindo uma influência do pensamento germânico, em detrimento da influência francesa. Nessa linha, é interessante destacar que, em tempos da publicação de *Ensaio e Estudos de Filosofia Crítica*, obra importante e de autoria do sergipano, foi apresentada ao público em 1875, Koseritz já possuía um círculo de leitores, com os quais compartilhava ideias semelhantes às aquelas publicadas por Barreto⁷⁵⁶, por meio dos seus periódicos, no intuito de criticar o movimento romântico, e defender um posicionamento calcado nos pressupostos cientificistas. Como já assinalado, tal característica é fundamental para compreender Koseritz dentro de uma definição liberal, que não se restringia às questões políticas, mas que se concretiza pelo viés da racionalidade típica do século XIX, fosse ela projetada para o campo da ciência ou para o campo da literatura.

Em outras frentes de manifestação literária, a imprensa de língua alemã também se tornou espaço para o fomento da literatura, contemplando diferentes formas de expressão e de registro. Nos periódicos de língua alemã que contavam com a participação de Koseritz, encontravam-se reportagens que se ocupavam em exaltar alguns vultos ligados à literatura alemã e brasileira, incluindo poetas e escritores, dando destaque à publicação de obras, ou publicando artigos que se detiveram a realizar apreciações críticas.

Dentre os exemplos da literatura periodista, no jornal *Koseritz' Deutsche Zeitung* encontram-se diversas novelas que foram publicadas nos moldes do romance-folhetim. A cada número um novo capítulo da história era apresentado aos leitores, sendo que grande parte das novelas correspondia a importantes nomes da literatura nacional e estrangeira. Como já destacamos anteriormente, as motivações para uma literatura naturalista e realista trouxeram, para as páginas de jornais, o renomado escritor austríaco Leopold Sacher-Masoch. Nas folhas de língua alemã,

⁷⁵⁵ CESAR, *História da Literatura do Rio Grande do Sul...*, op. cit., p. 251.

⁷⁵⁶ Embora ambos defendessem posicionamento contrário ao idealismo romântico, Cesar chama a atenção para o fato de que eles divergiam entre si, como em algumas questões de natureza filosófica. Assim também agiu com Silvio Romero e Teófilo Braga, sem conter-se perante as divergências que se apresentavam entre eles. CESAR, *História da Literatura do Rio Grande do Sul...*, op. cit., p. 252.

suas histórias apareciam publicadas com frequência. Um de seus textos mais conhecido, e que despertava opiniões diferentes, “D. João de Colomea” foi, mais tarde, traduzido para uma versão adaptada para o jornal *Gazeta de Porto Alegre*. Porém, o ponto-alto da relação entre Koseritz e Sacher-Masoch ocorreu anos mais tarde, em agosto de 1887, quando “D. João de Colomea”, foi prefaciada por Koseritz.

Segundo indicações de Guilhermino Cesar⁷⁵⁷, Koseritz mantinha diálogos com o escritor por meio da escrita de correspondências, pelas quais solicitava a autorização para divulgação de suas histórias no Brasil. Havia, certamente, um significado importante para essa relação com Sacher-Masoch. Eram histórias fortes e chocantes, muito distantes daquelas produzidas pelos autores do romantismo. Não sabemos até que ponto Koseritz sentiu-se encorajado em levar aos leitores a tradução e a publicação de obras, a cujo autor se atribui a origem do termo “masoquismo” – o prazer íntimo, motivado pela dor e pelo sofrimento. Mas se o fez, foi por ter a intenção de “escandalizar” homens e mulheres do seu tempo, sem saber ao certo quais as reações e as implicações desse ato. Narrativas naturalistas, como destaca Lilia Schwarcz, faziam-se presentes em várias histórias, a fim de garantir uma “objetividade literária”. De certo modo, “a moda cientificista entra no país por meio da literatura e não da ciência mais direta”, e personagens passaram a ser “condicionados pelas máximas deterministas, os enredos terão seu conteúdo determinado por Darwin e Spencer...”⁷⁵⁸

Entre os primeiros textos de Sacher-Masoch, encontrados nos jornais de Koseritz, cita-se “Os jesuítas em Viena”, publicado a partir de 23 de fevereiro de 1878. A história, que ocupava o espaço do *feuilleton* do *Deutsche Zeitung*, era bastante apropriada para os embates que se presenciavam durante aquela década, em meio aos ataques de Koseritz à *Companhia de Jesus*. Sobretudo, levando-se em consideração que certos enredos arrastavam-se por meses, até a apresentação do capítulo de desfecho. Outro exemplo, que evidencia essa apropriação do naturalismo europeu, encontra-se a partir das edições de junho de 1882, do *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, quando a história “Der Judenraphael”, passou a ser publicada nas páginas do jornal.

⁷⁵⁷ Cf. CESAR, Koseritz e o Naturalismo..., op. cit.

⁷⁵⁸ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. Ciências instituições e questão racial no Brasil (1970-1930). São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p. 32

Outras novelas de autores alemães também circularam nas páginas dos periódicos. No momento da guerra franco-prussiana, entre 1870 e 1871, quando Koseritz passou a noticiar, quase em todas as edições, as crônicas do conflito e as novidades em torno das ações do Parlamento e de Otto von Bismarck, o jornal *Deutsche Zeitung* inseriu em suas páginas um romance-folhetim relacionado ao contexto – “Der Tambour von Wörth. Historischer Roman aus dem deutsch-französichen Krieg von 1870”, de Karl Tornow. O romance histórico ocupou por vários meses as páginas da folha alemã, propósito convergente aos ânimos, certamente, exaltados da germanidade, também no Rio Grande do Sul. Após aparecer como folhetim, é possível encontrar os anúncios da obra como livro, no ano de 1873.⁷⁵⁹ Além desse exemplo para a literatura de língua alemã, citam-se outras obras, como “Herr und Frau Bewer”, do conhecido escritor, jornalista e crítico teatral Paul Lindau (1839-1919), publicada a partir do primeiro número do *Koseritz’ Deutsche Zeitung*. Da mesma forma, podemos arrolar “Die Fahrt ins Philisterium”, encontrada como folhetim, especialmente no mês de maio de 1882, de autoria de Gustav Schmidt.

Artigos específicos, voltados ao mundo da literatura, também foram divulgados. Em 13 de maio de 1885, Koseritz iniciou um estudo voltado para as manifestações literárias alemãs, com o texto editorial “Brasilien = Litteratur I”, que contemplava uma apreciação de *Lose Blätter aus Brasilien*, da autora Luise Schenck, considerada uma das notáveis escritoras do século XIX. A obra, publicada em Hamburgo, em 1885, era apresentada de maneira analítica e elogiosa, reforçando a impressão de que se tratava de uma obra considerada como uma mescla de *feuilleton* e romance, cujo resultado estava associado ao talento e ao “estilo brilhante” de sua autora, que vertera também poemas brasileiros para o alemão.⁷⁶⁰ Segundo o texto, Schenck viu e observou, em curto espaço de tempo, muito mais aspectos da realidade brasileira do que outros, que já moravam no país por alguns anos. O leitor sentir-se-ia, inclusive, surpreendido ao conhecer as páginas da obra, especialmente a primeira parte, sob o título “Oceana”, que versava sobre a viagem oceânica da autora, na qual se faziam referências à cidade de

⁷⁵⁹ *Deutsche Zeitung*, 19/4/1873.

⁷⁶⁰ Cf. HOHLFELDT, Antonio. O Brasil nas diferentes leituras alemãs. In: VOLKMER, José Albano; ROCHA, Manoel André da; GERTZ, René Ernaini; RHODEN, Valério (orgs.). *Retratos de cooperação científica do Instituto Cultural Brasileiro-Alemão*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999, p. 33. Em 1887, foi lançado o livro *Brasilianische Novellen*.

Lisboa, às impressões sobre Portugal e os portugueses, das aventuras a bordo da embarcação e da sua chegada ao Brasil. O artigo apresenta transcrições do texto original, explorando ainda os outros capítulos – “Palmeiras”, “Coitado” e “Jesuína”. Enfim, como se mencionava ao final das observações de Koseritz, tratava-se de um dever chamar a atenção do público para uma dama tão talentosa quanto Luise Schenck.⁷⁶¹

Ao dar sequência à seção de literatura, no dia 20 de maio de 1885 era redigida “Brasilien = Litteratur II”, analisando o texto *Rio Grande do Sul*, de Hermann von Ihering. Koseritz analisou a obra daquele que classificava como amigo, citando-a como fundamentalmente importante para o contexto da imigração da província. Para tanto, ressaltavam-se as primeiras passagens contidas na “brilhante introdução” do livro, cujas palavras assinalavam o valor do Rio Grande do Sul para o movimento migratório do Velho para o Novo Mundo. De maneira geral, foram destacados os tópicos temáticos da obra, como a topografia, o clima, a flora, a fauna, a população, criação de animais, agricultura, meios de transporte, indústria, comércio, finanças, custo de vida, história. Além disso, apontava-se a passagem da obra de von Ihering que atribuíam um destaque especial ao elemento alemão na província. Essa presença resultava em pujança e em um futuro promissor para a região sul do Império – sem esquecer que essa informação, em muito, se aproximava às próprias considerações de Koseritz. Além disso, existiam outras semelhanças quanto à percepção do elemento teuto no Brasil, quando ambos parecem concordar com a ideia de que as pessoas da província, ligadas à germanidade, eram, sobretudo, cidadãs brasileiras, e que, pelo espírito, pela cultura e pelo comércio, continuavam ligadas à Alemanha. Além de explorar outros pontos, Koseritz finaliza sua apreciação dizendo que em pouco tempo o livro de Hermann von Ihering estaria em mãos de todos os imigrantes alemães.

Nas edições seguintes do mesmo periódico ainda teríamos outros quatro artigos, os quais dariam destaque às publicações de Wilhelm Breitenbach, “Die Provinz Rio Grande do Sul”, “Brasilien und die Deutsche Auswanderung dahin”, bem como de Albrecht Wilhelm Sellin, “Das Kaiserreich Brasilien”, de August von Eye, “Der Auswanderer” e de Henry Lange, “Südbrasilien”.⁷⁶² Todos esses exemplares

⁷⁶¹ Koseritz’ *Deutsche Zeitung*, 13/5/1885.

⁷⁶² Em relação às edições do jornal *Koseritz’ Deutsche Zeitung* e das obras destacadas, citam-se as datas de 23/5/1885, 30/5/1885; 6/6/1885 e 1/7/1885, respectivamente.

correspondiam a uma literatura pela qual se forjavam visões sobre o Brasil e sobre o Rio Grande do Sul. Entre as possibilidades, Koseritz os trouxe às páginas do seu jornal para reforçar impressões positivas de todo o processo de colonização, alinhadas à crescente presença de alemães no país. Embora o primeiro artigo apreciasse uma obra com viés criativo-literário – mas nem por isso deixava de falar sobre o Brasil –, a tentativa de construção da realidade local era um ponto em comum a todas as produções.

Assim como as obras literárias de ordem mais técnica foram anunciadas pelo seu jornal, Koseritz também divulgava composições literárias voltadas às manifestações artísticas. Assim o fez em 11 de fevereiro de 1885, ao publicar os versos em alemão de “Dias e Noites”, a consolidação da produção poética de Tobias Barreto, traduzidos e enviados por Dr. Th. Boltzenthal, nome que substituiu Koseritz na redação do jornal durante sua viagem à Europa, no ano seguinte.

Koseritz lamentava, em 28 de abril de 1888, a morte do escritor lírico Ferdinand Schmid, conhecido pelo pseudônimo “Dranmor”. Em artigo que tomava quase toda a primeira página, diria que a notícia da morte do amigo sacudira-o fortemente e que um dos espíritos mais nobres e estimáveis fora separado do seu já pequeno círculo de amigos. Interessante observar que na descrição de Koseritz há alusão a uma carta de dez páginas, que ele recebeu fazia pouco mais de um mês, de Ferninand von Schmid, pela qual já suspeitava que uma tragédia poderia suceder-se, dado a presença de um “grito de dor”, palavras utilizadas pelo poeta. Koseritz considerava que esta correspondência, escrita em Bern e datada em 9 de fevereiro de 1888, poderia ter sido um dos últimos escritos do amigo, e sentia-se privilegiado pelo fato de que somente aos mais próximos “Dranmor” fazia confidências mais profundas dos seus sentimentos e, também, sofrimentos. Nesse mesmo texto, Koseritz apresentaria algumas linhas da carta que recebeu do poeta, sobretudo aquelas passagens que seriam próprias a se tornarem públicas e acessíveis aos leitores do seu jornal. As demais, pela natureza e pela discricção do seu longo registro, continuariam confidenciais. No entanto, Koseritz fez uma transcrição generosa de trechos dessa correspondência, que se apresenta em duas colunas de seu artigo para a capa do jornal.

Bern, 9 de fevereiro de 1888.
Meu muito estimado amigo von Koseritz!

“Eu carrego a morte no coração.” – Muito, por muito foi a minha resistência contra uma confissão, que violentamente pretendia libertar-se e que disso tenho me envergonhado. Algumas cartas ao seu estimado endereço foram iniciadas; eu não tive o ânimo para concluí-las e também hoje eu preciso reunir todo o resto da minha força, e satisfazê-lo em relação a um dever sagrado, que anteriormente na mais alta loucura das tristes palavras acima, pode encontrar uma maneira de desculpar-se: “Eu carrego a morte no coração”. Simplesmente escute-me, na velha amizade e no amor.⁷⁶³

Antes de conhecer pessoalmente o poeta “Dranmor”, no Rio de Janeiro, Koseritz já havia se familiarizado com o nome de Ferdinand Schmid, através de reportagens e textos que circulavam na imprensa do Império. A amizade, como mencionava a carta, era resultado da aproximação que, provavelmente, ocorreu em 1883, ano em que Koseritz se encontrava na Capital do Império. Conheceu-o logo na sua chegada, o redator do jornal *Allgemeine Deutsche Zeitung*, que havia ganhado notoriedade europeia, e uma das mais destacadas posições entre os líricos alemães, a partir da publicação de suas poesias. Koseritz fez referência em suas “Cartas” que foram publicadas em Porto Alegre durante a sua viagem ao Rio de Janeiro. Confidenciou que nem sempre as ideias entre ambos conviviam de maneira harmônica, fazendo com que Koseritz se afastasse das folhas do jornal de Ferdinand Schmid. A admiração pela pessoa amável e interessante sempre o encantava muito mais.

O divórcio entre o comerciante e o lírico, que ressalta em toda a vida do poeta marca também profundamente a sua posição diante das questões do momento; e as suas rugas da sua frente nos mostram os seus sofrimentos e desilusões. Como a vida deste homem deve ter sido rica de dores e de alegrias, dele, que pode escrever “Valsa do Demônio” e um “Requiem”! [...]. Ele tornou-se um pessimista; uma profunda melancolia fala nas suas produções da idade madura e hoje o velho Dranmor pode ser considerado um morto.⁷⁶⁴

[...] aproveitei a oportunidade para visitar o nosso grande poeta Dranmor (Ferdinand Schmid), que não estava em casa, mas no seu escritório da rua da Alfândega 58, onde também se acha a oficina do jornal alemão onde já o visitei. É uma verdadeira casa de poeta, aquela em que vive o sr. Schmidt com sua esposa francesa... Uma bonita casa, com magníficos jardins, quase encoberta sob as grandes palmeiras, com soberba vista para todos os lados. Ali é a casa de

⁷⁶³ Koseritz' *Deutsche Zeitung*, 28/4/1888.

⁷⁶⁴ KOSERITZ, Carl von. *Imagens do Brasil*. São Paulo: Martins, Editora da USP, 1972, p. 20.

Dranmor, que nela consome as horas do dia não destinadas ao trabalho material.⁷⁶⁵

Ferdinand Schmid (1823-1888)⁷⁶⁶ chegou ao Brasil para representar a Áustria e atuar no processo de colonização de terras do país sul-americano. Assumiu, primeiramente, o posto de Diplomata no Brasil e, mais tarde, também atuou na imprensa local, no *Allgemeine Deutsche Zeitung*.⁷⁶⁷ Defendia, entre outras coisas, o intercâmbio cultural e o processo de colonização europeia em solo brasileiro, assuntos que o colocavam em algumas divergências com Koseritz. Também investiu na criação de jornais, como o *Deutsch-Brasilianische Warte* e *Kosmos Litteraria*, embora não tivessem alcançado êxito.⁷⁶⁸ Apresentava um temperamento pessimista, de profunda tristeza e melancolia, o que não impediu que tivesse admiradores entusiasmados. Sua permanência no Brasil findou em 1887, tendo fracassado em seu objetivo principal, retornando a sua terra natal, Berna, onde veio a falecer um ano depois. Dentre seus últimos escritos, destaca-se a obra publicada no Rio de Janeiro, em 1886, *Pensées recueillies par Dranmor*, a qual foi dedicada ao amigo Koseritz. Na imprensa suíça é possível identificar alguns textos desse autor, dentre eles, alguns versavam sobre a colonização no Brasil.

O apreço de Koseritz pelo colega de imprensa fez-se em vários registros das “Cartas da Corte”⁷⁶⁹, de 1883. Por meio deles, julgava ser “um presente do destino” encontrá-lo no Rio de Janeiro, e estabelecer com ele uma relação de amizade. Chegou a publicar parte dos “admiráveis versos” de Ferdinand Schmid para descrever a cidade e referir-se à bela natureza do Rio e ao horror da febre amarela.⁷⁷⁰ Dizia ainda que o poeta, com sua maneira delicada, tranquila e amistosa, havia produzido uma “impressão extraordinariamente simpática”.

⁷⁶⁵ Idem, p. 97.

⁷⁶⁶ A figura histórica do poeta e diplomata suíço Ferdinand Schmid, conhecido sob o pseudônimo Dranmor, permaneceu por muito tempo esquecida. Em obra de Hartmut Abendschein (2012), busca-se recuperar o trabalho do escritor ao longo de sua trajetória. Na literatura, Dranmor é descrito como um “homem de transição” ou como um “homem estranho”, impulsionado por um grande desejo de literatura e de alvos distantes. Nascido em Berna, ele viveu por algum tempo na Áustria, mais tarde no Brasil e no final de sua vida, retornou a Berna, onde morreu em circunstâncias misteriosas. É possível encontrar alguns projetos de pesquisa na Suíça, os quais se ocupam em reconstruir a importância de Ferdinand Schmid para a literatura local. Disponível em: <http://www.athena-verlag.de/controller.php?cmd=detail&titelnummer=491> Acesso em: 14 de maio de 2014.

⁷⁶⁷ TERRA, Eloy. *As ruas de Porto Alegre*. Volume 2. Porto Alegre: AGE, 2002, p. 74.

⁷⁶⁸ KOSERITZ, *Imagens...*, op. cit., p. 207.

⁷⁶⁹ Idem, p. 21.

⁷⁷⁰ Idem, p. 217.

Dranmor... com que encantamento este nome deve ter sido pronunciado por muitos, que esforços devem ter sido feitos, para esclarecer o mistério do pseudônimo! Eu já exprimi antigamente a minha opinião sobre as admiráveis poesias de Ferdinand Schmid; vejo nele um dos maiores líricos de todos os tempos e a sua “Valsa do Demônio” continua inigualável. De que tumultos deve ela ter saído... Porque assim canta somente quem tudo conheceu. Cada verso foi escrito com o sangue do coração do poeta... Realmente não se percebe que tais paixões tenham revolvido o peito deste senhor idoso, levemente curvado, que se assenta diante de mim, e que guarda tão acolhedor expressão nos traços e nos olhos compreensivos”.⁷⁷¹

Da mesma maneira, a admiração de Koseritz pelo escritor lírico reproduziu-se em sua filha, Carolina von Koseritz, que no ano de 1883 publicava a tradução do poema mais famoso de autoria de “Dranmor”, datado de 1869 – “Requiem”, um hino à morte, com prólogo de Silvio Romero e impresso pela editora *Gundlach & Comp.*⁷⁷² Essa obra também foi entregue aos monarcas, pelas mãos de Carolina e Koseritz, em 13 de outubro de 1883, durante estada da família no Rio de Janeiro.⁷⁷³ Muitos contemporâneos brasileiros reivindicavam uma maior valorização ao nome do poeta. Como literato destacado, encontrava-se anônimo entre tantas pessoas e lugares por onde passou. Silvio Romero chegou a dizer que era uma “vergonha o completo desconhecimento em que vivia, entre nós, o ilustre poeta, dado a conhecer sob o pseudônimo que adotou – *Dranmor* e cujo nome civil era já muito familiar aos brasileiros, pela merecida estima que sempre gozou”.⁷⁷⁴

A simpatia alimentada pelo poeta suíço demonstrou-se recíproca. Assim o constatamos pela publicação que Ferdinand Schmid realizou em torno de um artigo específico para falar de “Carl von Koseritz”.⁷⁷⁵ Dizia que não era comum compartilhar informações sobre seus amigos, mas, no caso de Koseritz, tratava-se de um caso diferente. Na sua longa exposição, Ferdinand Schmid fez menções sobre a atuação do teuto-brasileiro, relatando aos leitores as suas frentes de ação a favor da literatura, das ciências naturais e da política do Império, bem como os desdobramentos em relação à *Sociedade Central de Imigração*. O texto é marcado pela exaltação da figura de Koseritz, colocando-o ao lado de figuras consideras, por

⁷⁷¹ KOSERITZ, *Imagens...*, op. cit., p. 21.

⁷⁷² A divulgação da obra encontra-se, por exemplo, no jornal *Koseritz' Deutsche Zeitung*, de 29 de novembro de 1883.

⁷⁷³ KOSERITZ, *Imagens...*, op. cit., p. 207.

⁷⁷⁴ *O Paiz*, 11/3/1885.

⁷⁷⁵ *Deutsch-Brasilianische Warte*, 4/4/1885. O *Deutsch-Brasilianische Warte* substituiu o nome do jornal *Allgemeine Deutsche Zeitung*.

ele, brilhantes, como Silvio Romero, Quintino Bocaiúva, Bernardo Taveira Junior, Tobias Barreto de Menezes e Charles Morel.

Na edição de 28 de julho de 1888 do jornal *Koseritz' Deutsche Zeitung*, após alguns meses da morte de Ferdinand Schmid, encontrava-se novamente uma breve homenagem, sob o título “Uma pedra memorial para Dranmor”⁷⁷⁶, enaltecendo o talento daquele escritor. Como Ferdinand von Schmid não deixara fortunas, Koseritz descrevia a situação lastimável da sua sepultura no cemitério de Berna, na Suíça, sombreada apenas por um pinheiro. Convocava a todos os alemães e teuto-brasileiros a lançar-se à tarefa de decorar o túmulo com uma pedra que tivesse a seguinte inscrição: “Die Deutschen Brasiliens dem Dichter Dranmor” – Dos alemães do Brasil ao poeta Dranmor. Koseritz reconhecia o poeta de Berna como o espírito mais expressivo e importante de todos aqueles que pertenciam à descendência alemã e que vivessem no Brasil – “Nós honramos a nós mesmo, enquanto honrarmos a lembrança desse homem, cujo grande talento deve ser colocado por nós no primeiro escalão”.⁷⁷⁷ A campanha lançada pelo editor do jornal objetivava arrecadar fundos para a construção da sepultura, e propunha-se a visitar gentilmente os colegas de imprensa alemã, para que a ação tivesse sucesso. O valor recolhido seria enviado à senhora Maria Schmid, irmã do ilustre poeta, a quem Koseritz demonstrava grande admiração e reconhecimento.⁷⁷⁸

Tais perspectivas, mais uma vez, são capazes de reforçar a presença da interface que se construiu entre os diferentes espaços e personagens ilustrados. Em muitos casos, os pontos de contato foram mediados pela imprensa, que proporcionava a circularidade da produção literária. A circularidade das ideias entre os pensadores e intelectuais do século XIX, não somente contemplou o viés cientificista, mas também se expressava pela dedicação de muitos à arte literária. Alguns expoentes da literatura europeia, dentre eles Sacher-Masoch e Ferdinand von Schmid, tiveram em Koseritz um agente de recepção para as suas obras, que passaram a ser publicadas, especialmente, em jornais e almanaques da província. Da mesma forma, embora não se possam localizar as correspondências trocadas entre esses agentes, a existência delas pode ser comprovada pelos indícios

⁷⁷⁶ “Ein Gedenkstein für Dranmor”, *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 28/7/1888.

⁷⁷⁷ *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 28/7/1888.

⁷⁷⁸ Atualmente, sem localização precisa da sepultura, há indicações de que Dranmor tenha sido enterrado no cemitério de Schosshaldenfriedhof, em Berna. Cf. Disponível em <http://www.abendschein.ch/site/weblog/C4/P32/>. Acesso em: 07 de dez. de 2014.

deixados por Koseritz. Tal constatação é prova da efervescência cultural daquele período, visto que ela demonstra os canais de comunicação e o fluxo de influências que se abriu entre os diferentes espaços. Além disso, essa consideração permite compreender que foram criadas possibilidades de trocas culturais, e não somente relações que se resumiram na recepção e na releitura de importantes obras.

Além de críticas literárias, apresentação de autores, publicação de romances-folhetins, a produção de Koseritz ainda incluía a composição de contos, dirigidos ao seu público leitor, tanto em periódicos de língua alemã quanto em língua portuguesa. A exemplo desse tipo de escrita, encontram-se contos publicados no almanaque *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, incluindo aspectos da própria colonização alemã no Rio Grande do Sul. Celeste Ribeiro de Sousa, em resumo comentado, analisa o conto “Die Sühne”⁷⁷⁹, no almanaque de 1875, dizendo que

a narrativa A expiação (*Die Sühne*), de 1875, já anuncia em seu subtítulo tratar-se de “um conto da colônia” (“eine Erzählung aus der Colonie). Em meio a rocambolescas histórias de amor e tragédias supremas, e alguns traços autobiográficos, que, em paralelo, espelham a atmosfera doméstica de imigrantes, emergem cenas, referentes a três fatos históricos brasileiros: a vinda de colonos alemães para povoamento e substituição da mão de obra escrava no Brasil, o recrutamento de mercenários na Alemanha (os *Brummer*) para a Guerra do Paraguai no chamado “ano especial” (*tolles Jahr*) e a resistência de imigrantes alemães a entregar seus filhos ao exército do imperador, durante a Guerra dos “Farrapos” (20 de setembro de 1835 a 1 de março de 1845).

O conto apresenta-se dividido em quatro partes – quatro períodos temporais – , é narrado por um narrador onisciente e começa *in medias res*. Depois de vinte anos de Brasil, o protagonista já se encontra estabelecido na colônia e já é senhor de muitos bens, no início dos anos 40 do século XIX.⁷⁸⁰

Muitas narrativas apresentadas ao público leitor do almanaque tratavam de aspectos relacionados ao universo das colônias. Nessa perspectiva, Walter Koch⁷⁸¹ analisou a escrita de textos, coerentes com o propósito do almanaque de Koseritz, dentre eles ensaios sobre personalidades e fatos do seu tempo, além de histórias cujos enredos e personagens fictícios estabeleciam relações com a realidade das regiões coloniais de imigração alemã. Aos contos podem-se atribuir diferentes

⁷⁷⁹ Koseritz' *Deutscher Volkskalender für die Provinz Rio Grande do Sul*, 1875, p. 33-63.

⁷⁸⁰ SOUSA, Celeste Ribeiro de. *Karl von Koseritz (1830 – 1890). Resumos Comentados*. Disponível em <<http://www.martiusstaden.org.br/files/conteudos/0000001-0000500/97/2641d489eb790655253dcb37d16f2c3b.pdf>> Acesso em 25 de abr. de 2014.

⁷⁸¹ KOCH, Walter. O Brasil, sua terra e sua gente, nos contos do *Koseritz's Deutscher Volkskalender für die Provinz Rio Grande do Sul* (1874-1890). In: I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, 1963, Porto Alegre. *Anais*. Porto Alegre: UFRGS, 1963, p. 203 – 216.

autorias, uma vez que o almanaque recebia contribuições de colaboradores, entre eles Emil Schlabitz, Carlos Jansen e Michel Meerich. Dentre esses, Emil Schlabitz foi quem certamente redigiu mais textos, sendo possível encontrar seu nome em diferentes edições do almanaque, assim como artigos em exemplares do jornal *Koseritz' Deutsche Zeitung* – certamente, um dos principais colaboradores de Koseritz, ainda no tempo em que redigia para o *Deustche Zeitung*.

Procedente da região da Silésia, Emil Schlabitz chegou ao Brasil em 1872, juntamente com seu irmão Paul Schlabitz⁷⁸², e estabeleceu-se, definitivamente, em Lajeado. Seu nome, segundo Valburga Huber⁷⁸³, aparece destacado na literatura teuto-brasileira da primeira geração, grupo heterogêneo composto por todos aqueles nascidos na Alemanha.⁷⁸⁴ Para essa geração ainda podem ser considerados Karl von Koseritz e Wilhelm Rotermund, como editores e referências importantes para a vida cultural dos alemães e seus descendentes no Brasil. Esse grupo “expressa o encantamento do imigrante alemão ante a natureza brasileira, paraíso natural, e o canto de louvor ao paraíso construído, a colônia alemã”.⁷⁸⁵

Entre os títulos de histórias escritas por Schlabitz, cita-se “Eine schauerliche Nacht” (1881), “In Gefahr” (1882), “Der Preger Niekel” (1884), “Wie’s dem Adam Hech mit seinem Landen gegangen ist” (1885), “Im Hafen” (1886), “Ein Jahr im Urwalde dieser Provinz” (1887), “Schicksale” (1889) e “Wie’s der Formiga Pikade mit ihrem Lehrer gegangen ist” (1890). Os contos apresentam particularidades do universo colonial teuto-brasileiro.

Enquanto os ensaios, como Koseritz o queria, procuravam apanhar a realidade objetivamente, os contos e as narrativas nasciam na

⁷⁸² Emil e Paul Schlabitz, antes de chegar ao Brasil, tiveram passagem nos Estados Unidos, Uruguai e Argentina. Estiveram em Rio Grande, Pelotas e São Lourenço. Retornaram aos Estados Unidos novamente, onde permaneceram por três anos, retornando à Alemanha no início dos anos de 1872, e partindo definitivamente para o Brasil. Desembarcaram em Rio Grande, deslocando-se a Porto Alegre e, finalmente, subiram pelo rio Taquari, comprando terras no vale do rio Forqueta (hoje localidades de Forqueta e Forqueta Baixa, município de Arroio do Meio), onde se estabeleceram. Paul viveu até a sua morte nessa região, e Emil foi morar no interior de Cachoeira, onde montou um armazém e um restaurante. Retornou a Forqueta e comprou um armazém. Pelo que consta, Emil teria terminado seus dias em Lajeado, onde morava já havia alguns anos. In: *Serra-Post Kalender*. Brasilianisches Jahrbuch, Ijuí: Verlag Ulrich Löw, 1972; WEIZENMANN, João Nélio. *Emil und Paul Schlabitz*. Manuscrito, [s.l.: s.n].

⁷⁸³ HUBER, Valburga. Os imigrantes alemães e sua literatura. *Educação em Linha*, Rio de Janeiro, n. 15, jan.-mar, p. 8-10, 2011, p. 8-10.

⁷⁸⁴ Incluem-se nomes para essa primeira geração Wilhelm Ahrons, Theodor Amstad, Rudolf Damm, Franz Donat, Mathias Ganzweidt, Karl Kleine, Georg Knoll e Ida Knoll, Otto Meyer, Karl Friedrich Niederhut, Arno Philipp, Emil Schlabitz, Mathias Schmitz, Ambros Schupp, Wilhelm Süffert, Alfred Wiedemann, Wilhelm Wustrow, Viktor Schleiff, Clara Sauer, Helmut Cullmann e Wolfgang Ammon.

⁷⁸⁵ HUBER, op. cit., p. 9.

subjetividade de seus autores. Todas eles se caracterizavam pela abundância de descrições de cunho romântico, de personagens-tipos que sempre se repetem, bem como de generalizações constantes e a falta quase que absoluta de meias luzes, o que vem comprovar o quanto o fator emotivo havia influenciado os pensamentos ali expostos. Justamente este fato, porém, torna esses contos – cujo valor literário não propomos discutir aqui – uma valiosíssima fonte de informações sobre os sentimentos que o contato com nosso país e a sua gente despertava nos imigrantes recém-chegados e em seus filhos. Sua análise talvez leve a compreender melhor muitas das atitudes dos colonos face à situação em que se viam jogados e, sobretudo, em face dos naturais desta terra.⁷⁸⁶

A perspectiva levantada por Walter Koch, que se propôs a analisar os primeiros dezesseis volumes da coleção, tem interesse em compreender os contos publicados no almanaque a partir de dois eixos – *a terra* e *a gente*. Ao valer-se dessa referência, e definir as duas categorias, Koch reafirma as impressões que vertem dessa literatura narrativa, e que possibilitam encontrar elementos significativos sobre questões ligadas à terra e à nova pátria, destacando elementos naturais (flora e fauna). Esses princípios procuravam reforçar certa visão romantizada – a qual também é endossada pelo próprio Koch – que se faz presente nos escritos sobre a imigração para o Brasil: o céu azul, o colorido da vegetação, o ar puro, o brilho intenso das estrelas, que encantavam o “europeu central, embriagam-no e fazem com que seu peito se arqueie numa inexpressível sensação de liberdade”.⁷⁸⁷ Ao mesmo tempo em que se destacam subsídios para uma visão positiva das terras colonizadas, os contos expressavam algumas dificuldades encontradas pelo imigrante, tais como a presença do calor, da areia e do barro, aspectos que de alguma maneira atrapalhavam o trabalho do colono, e, também, o seu deslocamento, já que grande parte das estradas era lamacenta. Sob o subtítulo “A gente”, Walter Koch ainda assinala algumas questões que tratam sobre as impressões do imigrante em relação ao Brasil, dando importante destaque a passagens e trechos dos contos que revelam peculiaridades da visão europeia sobre a população local, como por exemplo, negra e mestiça. Sobre os primeiros, encontram-se referências positivas, embora nas narrativas que trouxessem a figura do mulato pouca simpatia a ele fosse atribuída. Conforme Koch, Koseritz e seus colaboradores apresentavam contos que, de maneira geral, fizeram concessão a uma suposta opinião generalizada e comum entre os colonos, especialmente

⁷⁸⁶ KOCH, Walter. *O Brasil, sua terra e sua gente...*, op. cit, p. 205.

⁷⁸⁷ Idem, ibidem.

preconceituosa, quando se faziam referências às populações mestiças. Igualmente, as passagens de alguns textos podem evidenciar a ressalva e a desconfiança frente aos representantes do governo, o que pode estar ligado às dificuldades de comunicação enfrentadas pela língua ou até pela morosidade de um processo judicial, pois “este arrastava-se pelos tribunais durante uma década, custando aos litigantes muitas vezes mais do que valia o objeto de litígio”.⁷⁸⁸ Mas nem sempre é possível fazer generalizações a partir dessas escritas. Como lembra Koch, alguns personagens foram descritos de forma amistosa, como no texto de Emil Schlabititz – “Wie’s dem Adam Hecht mit seinem Lande gegangen ist” (1885), no qual se fazia alusão ao delegado pelas seguintes palavras:

O delegado era gentil e prestativo, sempre pronto a oferecer seu auxílio quando alguém tinha uma queixa por menor que fosse. [...]. Sua fisionomia tomava o mesmo aspecto que a de um médico ao qual se mostrava um dente careado... compaixão com o pobre doente misturava-se com o pensamento que este caso promete ser rendoso.⁷⁸⁹

Se estas são algumas das notas que se depreendem da leitura das narrativas do almanaque, outras questões podem tornar-se também interessantes. Assim, as composições literárias pressupõem a dimensão ficcional, todavia ligadas ao contexto dos imigrantes e de seus descendentes em regiões coloniais do Rio Grande do Sul. É nesse universo que se podem resgatar ainda as relações dessas comunidades com a população luso-brasileira, referente a diferentes pontos, como a língua local, as simpatias, a admiração pelas qualidades físicas, morais e intelectuais.

Koseritz não cansa em elogiar as qualidades da gente que conheceu nas fazendas e cujo modo de vida descreve detalhadamente em “Dias difíceis” [1887]. Apresenta-nos ele a figura simpática de Dona Dorotéia, “tão gentil”, “uma dama elegante, de fina educação e grande sensibilidade”, que possui “uma das mais belas qualidades do brasileiro, a de respeitar a educação, mesmo que seu portador momentaneamente se encontre na maior miséria”.

[...].

Também a gentileza e a boa educação constantemente chamaram a atenção dos imigrantes. Encontravam-se em todas as camadas sociais, como mostra a seguinte passagem: “... o homem: uma figura baixa e atarracada, com barba preta e cabelo despenteado, uma figura que não inspira muita confiança. Ele iniciou a conversa comigo de

⁷⁸⁸ KOCH, Walter. *O Brasil, sua terra e sua gente...*, op. cit., p. 209.

⁷⁸⁹ Tradução de KOCH, op. cit., p. 210.

maneira gentil com que brasileiros de pouca educação frequentemente costumam falar ao estrangeiro...⁷⁹⁰

Enfim, como se pode atestar e afirmar até então, as escritas literárias e o engajamento de Koseritz pelas narrativas ficcionais ocuparam um espaço significativo dentro de um conjunto mais amplo e complexo de criações. Elas apresentaram-se de maneiras distintas, voltadas a momentos específicos de cada uma das décadas da segunda metade do século XIX. Se por um lado encontramos uma literatura doutrinária, disposta a romper com padrões culturais da época, por outro, encontraremos Koseritz engajado em trazer produções que correspondiam a esse novo ideário estético. Da mesma forma, se observarmos as narrativas de seus contos, entenderemos que essa produção literária, que se encontrava na imprensa de língua alemã, pode determinar alguns aspectos da realidade das regiões coloniais, em suas diferentes dimensões.

Destarte, a imprensa tornou-se elemento imprescindível para a divulgação de suas ideias e de suas escritas para esse campo. É, sem dúvida, a partir dessa fonte que se pode, hoje, voltar ao tempo de Koseritz e constatar a riqueza que seu pensamento apresenta. No entanto, se é viável conhecer e compreender de maneira particular o viés literário pelo recorte temático, a importância dessa dimensão só assume sentido original se o olhar da pesquisa não se esquecer de reconhecer o homem multifacetado que Koseritz foi ao longo de sua trajetória, articulando questões políticas, científicas, filosóficas, étnicas e literárias. Tal perspectiva permite, afinal, colocá-lo como um dos personagens históricos mais influentes do Dezenove brasileiro. Portanto, merecedor de reconhecimento como intelectual do seu tempo.

4.3 A cientificidade no século XIX

Sobre as interpretações maliciosas frente à minha postura no *Deutsche Zeitung*, eu esclareço:

- 1) que eu tenho plena liberdade no que diz respeito à redação da folha;
- 2) que a tendência da mesma, de acordo com a resolução da última reunião geral dos proprietários titulares, foi fixada pelo conselho administrativo e que esta, que por mim ganha forma no jornal,

⁷⁹⁰ A descrição apontada por Koch, também responsável pela tradução, está presente em texto de Koseritz, publicado em 1887, sob o título “In schweren Tagen”. Cf. KOCH, *O Brasil, sua terra e sua gente...*, op. cit, p. 211.

ocorreu em concordância comigo na reunião do conselho no dia 21 de outubro [de 1878].

[...].

Quem me conhece, sabe que eu não me deixaria impor a substituir uma opinião, que não correspondesse às minhas.⁷⁹¹

As expressões de autonomia e de liberdade correspondiam à figura de Koseritz como livre-pensador. A postura independente e combativa caracterizou seus discursos na imprensa, e, quando contestado, insistiu, rigorosa e sistematicamente, em defesa do seu ponto de vista. Os exemplos que até aqui analisamos permitem considerar que suas ideias, embora pertencessem a movimentos de renovação cultural, causavam grande perturbação intelectual. No entanto, na maioria dos casos, Koseritz pareceu irredutível diante de suas convicções liberais e cientificistas, por exemplo.

Nem toda sua divulgação consistiu em grandes polêmicas. Fez campanhas anticlericais, que acenderam polêmicas agitações sociais. Por outro lado, houve, certamente, uma recepção considerável sobre seus escritos. Se assim o considerarmos, basta observar a pauta voltada às discussões das ciências naturais, que por Koseritz foram levadas para as páginas de seus jornais, por quase duas décadas. A longevidade do tema pode sugerir, também, que sua escrita sobre o assunto tenha encontrado espaços de recepção. Sem dúvida, havia condições para que ele alcançasse o *status* intelectual, que o fazia ser respeitado, mesmo diante de muitas divergências. Contemporâneo, Silvio Romero escreveu, em 1888, lembrando que

não podemos calar o nome do distinto escritor alemão-brasileiro Carlos de Koseritz, o ilustre jornalista que tem posto a sua província em contato com as grandes ideias do seu tempo. De fato, as principais questões da nossa época, científica, filosóficas, literárias, econômicas, religiosas, políticas, todas têm sido discutidas em Porto Alegre por este infatigável trabalhador.⁷⁹²

Dentre as questões intelectuais que estão presentes nos quadros das discussões promovidas por Karl von Koseritz, podemos delimitar outro campo no qual sua participação foi significativa – sua importante atuação no desenvolvimento do pensamento cientificista. Cabe, assim, citar que Koseritz estabeleceu um contato

⁷⁹¹ *Deutsche Zeitung*, 23/2/1878.

⁷⁹² ROMERO apud CARNEIRO, José Fernando. *Karl von Koseritz*. Porto Alegre: IEL, 1959. p. 16-17.

próximo com as ideias europeias sobre o evolucionismo, e, sobretudo, o monismo, influenciado por pensadores como Buechner, Moleschot, Darwin e, principalmente, o naturalista alemão Ernst Haeckel.⁷⁹³ Todos eles influenciaram o modo pelo qual Koseritz compreendia a vida, o planeta e as coisas.

De modo geral, como afirma Lilia Moritz Schwarcz, a ciência que chegava ao Brasil no último quartel do século XIX não se caracterizou por ser experimental, baseando-se, sobretudo, em modelos evolucionistas e social-darwinistas. A estabilidade econômica, especialmente após 1870, criava condições favoráveis para que o Império brasileiro se aproximasse dos padrões europeus, aspecto que se refletia nos jornais, na literatura, nos institutos, nas grandes exposições – “era como uma sociedade científica e moderna que o Brasil de finais de século pretendia se auto-representar”.⁷⁹⁴ No entanto, essa representação caracterizava-se primeiramente como “moda”, para mais tarde voltar-se para a prática e a produção. Significa dizer que aquela ciência estava muito mais voltada para uma ética científica do que, propriamente, para um desenvolvimento da ciência por meio de investigações empíricas.

A cientificidade difusa e dispersa era, portanto, a característica do novo ideário, transplantado para o Brasil. A partir dela, formaram-se núcleos profissionalmente especializados, associados a instituições. Em diferentes regiões, especialmente em áreas onde se encontrava mais prosperidade econômica, constituíram alguns centros irradiadores de uma nova ilustração. São Paulo, por exemplo, mostrou-se adepto aos princípios liberais; Recife, aos preceitos da escola de Haeckel e Spencer, e o Rio de Janeiro, aos estudos e às pesquisas que previam a sanitização da cidade.

Com força, os anos de 1870 seriam marcados por “um bando de ideias novas”, parafraseando Silvio Romero. Após a Guerra do Paraguai, o país passou a experimentar mudanças no campo político, com a organização do grupo republicano, no campo social, com o aumento da manifestação abolicionista, na economia, com a prosperidade produtiva e financeira da região cafeeira do

⁷⁹³ Julga-se importante diferenciar os movimentos darwinista e monista. O primeiro está ligado ao pensamento do inglês Charles Darwin, enquanto o segundo centra-se na figura do alemão Ernst Haeckel. Embora possam existir semelhanças e aproximações entre eles, há que se ressaltar que se trata de movimentos das ciências naturais com características distintas.

⁷⁹⁴ SCHWARCZ, *O espetáculo das raças...*, op. cit., p. 30.

Sudeste. É no interior desse processo que novas ideias puderam encontrar espaço, em uma sociedade em transformação.⁷⁹⁵

Nesse movimento, personalidades de diferentes locais demonstraram-se empenhadas em reformular as antigas concepções e passaram a engajar-se pela circulação de novos pensamentos. Constituíam-se em um movimento particularmente urbano, embora seja difícil, como destaca Schwarcz, definir um grupo social homogêneo para todos eles. É, portanto, necessário definir as particularidades de cada personagem, para que se estabeleçam as características de cada intelectual.

Koseritz pode representar parte da intelectualidade no Rio Grande do Sul. Nesse meio, certamente, foi uma das figuras mais importantes. Atuou, principalmente, no centro urbano de Porto Alegre, cidade que também se encontrava em um processo de transformação, motivado pela intensificação econômica, proporcionada pela ligação com as regiões adjacentes, em grande parte pela produção das colônias – era crescente a produção industrial, o fluxo de mercadorias agrícolas, de pessoas – “o que Porto Alegre é hoje, deve-se às colônias; sem elas não se exportariam 2.500 contos de réis, sem elas não seria a capital da província”.⁷⁹⁶ Mas seu alcance estendeu-se para além dessas cercanias, fazendo-se ouvir em regiões distantes, interioranas, através dos seus jornais e do almanaque. Ligado à elite nativa por meio da política, maçonaria e imprensa, seus vínculos alcançavam, igualmente, boas relações com a alta-roda germânica da província. Seu público incluía círculos leitores luso-brasileiros, bem como alemães e teuto-brasileiros. Nesse universo, sua voz não se fez solitária. Ao lado de outras personalidades, ligadas ao movimento maçônico ou ao *Partenon Literário*, contribuiu para que houvesse uma dinâmica cultural entusiasmante.

Ao considerar a autoridade de Koseritz para o período, o estudo sobre a imprensa caricata no Rio Grande do Sul, de Athos Damasceno Ferreira, dedica um espaço respeitável para sua atuação. Chega a considerá-lo como o mais “atuante jornalista” do século XIX, uma vez que soube reconhecer a importância da imprensa na função social, “como ativo, eficiente e poderoso veículo de cultura”.⁷⁹⁷ Prosseguindo, Ferreira reconhece o papel que Koseritz exerceu ao dedicar-se à tarefa de difundir as ideias mais avançadas da época. É por essa constatação que

⁷⁹⁵ SCHWARCZ, *O espetáculo das raças...*, op. cit, p. 24-28.

⁷⁹⁶ *Deutsche Zeitung*, 28/6/1866.

⁷⁹⁷ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962, p. 46.

nos leva a observar o cabeçalho do álbum humorístico *A Lanterna*, de propriedade de Koseritz. Os elementos da imagem que o compõem em muito dizem respeito às ideias que inspiravam o seu redator: uma lanterna ao centro, um homem robusto em oferenda, carregando uma coroa e uma pena, um gentio, um viaduto sobre qual se locomove um trem, um homem e um jesuíta fogem da luz irradiada pela lanterna rumo a um castelo feudal.⁷⁹⁸

Figura 6: Cabeçalho da folha humorística *A Lanterna*.



Fonte: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

A compreensão das representações segue imediatamente: a lanterna sugere a representação do papel social e cultural incorporado pelo periódico, que irradia as luzes da ciência. A mesma luz desvanece os jesuítas e os representantes da estrutura arcaica, que se dirigem à fortaleza medieval – a representação do fanatismo e do obscurantismo. Ao lado oposto, o homem que segura a pena e a coroa contempla majestosamente a força das luzes, referenciando o papel da imprensa em sua relação com o Esclarecimento, o ideal da liberdade de pensamento. O guerreiro gentio empunhando uma bandeira, disposto à margem, mas sem desviar-se da luz, pode sugerir a perspectiva de brasilidade, aproximada aos ideais racionalistas. À locomotiva, associam-se noções como progresso e desenvolvimento da técnica. Embora fosse uma folha humorística, dedicando-se à

⁷⁹⁸ FERREIRA, *Imprensa caricata...*, op. cit., p. 60-61.

imprensa caricata de Porto Alegre, as informações da imagem permitem reforçar o espírito publicista de Koseritz pelas ideias liberais.

Embora reconhecesse que não se tratava de princípios inéditos, buscando-os em intelectuais europeus, fez com que esse pensamento se tornasse original em meio a uma elite desprovida de orientações filosófico-rationais, que, com grande força, atuavam no Velho Continente. Se não é pela originalidade, a importância, certamente, estará no papel que Koseritz desempenhou ao divulgá-las entre os diferentes espaços sociais, como fez durante suas preleções na loja *Zur Eintracht*, sob o título de “A Terra e o Homem à luz da Moderna Ciência”.

A teoria evolutiva ou progenética parte do princípio [de] que em toda a natureza opera-se um grande, uniforme e não interrompido processo de evolução e que todos os fenômenos naturais, sem exceção, desde o movimento dos astros e a queda da pedra que rola, até o crescer dos vegetais e a consciência intelectual do homem, são feitos da mesma grande lei causal e que em última análise reduzem-se todos à mecânica dos átomos. Essa teoria, quando filosoficamente encarada, chamamos monismo ou sistema mecânico.⁷⁹⁹

O trecho aponta para uma visão e direção diferentes para a ciência do século XIX. Para tanto, o monismo constituía a grande sistematização do materialismo científico, instituindo o dogma fundamental pelo qual uma substância única – a matéria – era capaz de modificar-se, e pela modificação era possível explicar todos os fenômenos, “desde a queda de uma pedra à formação da sociedade”.⁸⁰⁰ Ele expressa as características de um mundo visto pelo desenvolvimento da ciência natural, marcada pela plasticidade e pela infinita divergência. A palavra evolução demonstrava ser a chave para resolver os enigmas sobre a produção dos vários fenômenos. Para Haeckel, a visão monista não era um simples sistema filosófico, mas uma religião, a religião do futuro. Essas características, propagandeadas, também por Koseritz através dos impressos, eram sustentadas por novas concepções, acerca de estudos que recentemente ocorriam na Europa, colocando em evidência uma natureza que se deslocava do homogêneo para o heterogêneo, do indefinido para o definido, da incoerência para a coerência. Não seriam mais as leis da metafísica, mas ideias voltadas à aplicação de conceitos como razão, esclarecimento, progresso, ciência e evolução. Koseritz tornou-se adepto da nova

⁷⁹⁹ KOSERITZ, Karl von. A Terra e o Homem à luz da Moderna Ciência. In: GERTZ, René Ernaini (org.). *Karl von Koseritz*. Seleção de Textos. Porto Alegre: Edipucrs, 1999, p. 55.

⁸⁰⁰ FRANCA, Leonel. *Noções de história da filosofia*. Rio de Janeiro: Agir, 1987, p. 294.

ciência, o que justificava a referência tão recorrente aos intelectuais europeus, como ao filósofo do evolucionismo, Herbert Spencer.⁸⁰¹

Na Europa, a ideia de evolução infiltrou-se e dominou o pensamento europeu, especialmente após 1859, ano da publicação da obra-prima de Charles Darwin, *A origem das espécies*, provocando impactos irreversíveis para o entendimento de Deus, da Natureza, do Homem, da Sociedade e da História.⁸⁰² Mesmo que a ideia de evolução não fosse nova, uma vez que já estava presente em obras de Buffon, Herder, Schelling, Hegel e Spencer⁸⁰³, o tema, a partir de Darwin, recebia um novo fôlego para discutir as questões ditas científicas. Abria-se um novo quadro sobre a natureza, entendida dentro de um “processo cósmico”, não estático, mas eternamente dinâmico, pois a noção evolutiva colocava todas as coisas sob o Sol em fluxo perpétuo. Da mesma forma, passava-se a compreender o homem de uma maneira diferente, buscando encontrar no ser humano, nas palavras de Baumer, “uma natureza fixa ou maleável, tal como cera ou barro, condicionado mesmo, positivamente, pelo seu ambiente”.⁸⁰⁴

Neste contexto, Darwin apresentou dois novos aspectos para compreender a natureza: o fator tempo e o elemento luta.⁸⁰⁵ Essas noções encontram-se, também, nos textos de Koseritz, ao destacar o cunho histórico da natureza a partir de uma nova concepção temporal, refutando a cronologia cristã-tradicional e alargando ainda mais o tempo para milhões de anos. Dentro dessa ordem, as mudanças na natureza não eram provocadas por catástrofes repentinas, senão por causas naturais que operavam lentamente e que podiam ser observáveis, também, no presente, como descrito por Koseritz.

Busquemos agora, senhores, acompanhar a lenta e gradual transformação por que passou a crosta da terra a época em que começou o frio atmosférico a reagir sobre os gases inflamados que formam o nosso astro.

Imaginemos esse globo ardente, cercado de uma atmosfera não menos ardente, rolando no espaço infinito, cuja gélida temperatura regula de 50 a 100 graus célsio, segundo estipula a Astronomia: é claro que a reação, embora em milhões de anos, devia dar-se,

⁸⁰¹ A premissa spenceriana de que a evolução era construtiva foi reforçada por Darwin e seus seguidores.

⁸⁰² Em sua análise sobre o pensamento europeu, os diferentes movimentos que caracterizam a modernidade respondem de modos distintos às perguntas que o autor denomina de “questões perenes”, que apresentam em cinco eixos diferentes: Deus, Natureza, Homem, Sociedade e História.

⁸⁰³ BAUMER, Franklin Le Van. *O pensamento Europeu Moderno*. Volumes II – Séculos XIX e XX. Lisboa: Edições 70, 1977, p. 98.

⁸⁰⁴ Idem, p. 30.

⁸⁰⁵ Idem, p. 103.

começando a solidificar-se as matérias à medida que esfriavam. E, pois, começou a formar-se uma leve crosta, na qual apresentavam as substâncias conforme o seu peso e o seu estado relativo de fluidez”.⁸⁰⁶

O elemento luta, já evidente em Engels, que utilizou a expressão “luta pela vida”, reapareceu em Darwin. A apropriação do termo pelo evolucionista se fez necessário para substituir a argumentação das teorias opositoras, que versavam sobre a harmonia da natureza. Sendo assim, o autor de *A origem das espécies* destacava, em sua obra magna, conceitos e definições que corroboravam o significado dessa concepção de luta permanente, presentes, por exemplo, em “guerra da natureza” e “grande batalha pela vida”, que, em princípio, deviam muito à teoria de Malthus, quando afirmava que a população promovia uma luta pela sua subsistência, pela sua sobrevivência.⁸⁰⁷ Diferente de Engels e ao contrário de Malthus, Darwin considerava esta luta não restritiva, mas criativa e geradora de novas espécies. Certamente, estas noções provocavam um quadro de “grande destruição”, e geravam sentimentos ambíguos sobre o “processo cósmico”. Se, por um lado, não era um quadro agradável, por outro, apresentava-se uma dualidade entre natureza e homem, criando um novo abismo entre Deus e a natureza.⁸⁰⁸ O biólogo britânico Huxley, por exemplo, comparava o mundo animal da seleção natural ao nível do espetáculo de gladiadores. Convicto dessas ideias, Koseritz também destacou a “luta pela existência” em seus escritos, ao afirmar que

esse *bellum omnium contra omnes*, é um fato inegável: não é só o animal carnívoro que luta contra os ruminadores e roedores, que por sua vez por maior reprodução, agilidade e astúcia procuram manter o equilíbrio; também o lento progresso de qualquer planta é uma luta de obstáculos naturais, e a vitória é conseguida pelo aniquilamento de outros vegetais.⁸⁰⁹

É igualmente observável que as afirmações feitas pelos homens da ciência, tanto em Darwin quanto em Koseritz, recorriam a descobertas da própria ciência, ligadas à revolução geológica e à revolução biológica do século XIX⁸¹⁰, que forneciam argumentos concretos para suas ideias. Nesse propósito, Koseritz foi, por

⁸⁰⁶ KOSERITZ, A Terra e o Homem..., op. cit., p. 43

⁸⁰⁷ BAUMER, *O pensamento Europeu*, op. cit., p. 104.

⁸⁰⁸ Idem, p. 104.

⁸⁰⁹ KOSERITZ, op. cit., p. 62.

⁸¹⁰ BAUMER, op. cit., p. 100.

exemplo, instigado a fazer estudos próprios, de caráter arqueológico e etnográfico, reunindo materiais que se tornaram referência para a criação de um dos primeiros acervos sobre o tema.

Mas ainda aí não é feliz a argumentação, porque ao mito bíblico e às suas argumentações opõe a Geologia o seu veto. Ela demonstra passo por passo a formação da crosta da terra e prova com argumentos irrespondíveis as transformações ou fases que essa atravessou. Quem conhece as leis da morfologia orgânica (ciência das formas), quem acompanha as conquistas da Embriologia e da Ontogenia, que definem as origens dos organismos, que lê no livro de Paleontologia sabe perfeitamente que não só os corpos anorgânicos, mas os próprios corpos orgânicos dever o ser em sua atual forma à evolução da matéria, mas não a repetidos atos de criação por parte de um ente supremo.⁸¹¹

De maneira geral, como se pode perceber até então, os critérios da cientificidade, desenvolvidos pelos grandes nomes da ciência moderna europeia, passaram a ser apropriados por Koseritz, que os reproduzia em seus mais diferentes escritos, como expressão máxima da renovação científico-filosófica a que se dedicava. No entanto, não se tratava de uma adaptação original, pois a releitura desses princípios não se adequava, em muitos casos, à realidade e às circunstâncias do país. Em muitos casos, as afirmações que podemos encontrar foram resultados das simplificações que se faziam das obras originais.

Nesse ponto, Athos Damasceno Ferreira e Guilhermino César parecem concordar em questionar o tratamento dado a Koseritz, e propuseram-se a desconstruir a imagem de “sábio” do século XIX, opinião que alguns contemporâneos e outros admiradores posteriores vieram a externar. Para Ferreira, por exemplo, Koseritz leu Darwin, assimilou suas ideias gerais e as divulgou entre seus leitores e seguidores, sem criar algo de novo. Não mereceria, portanto, o título de “sábio” que lhe dava Alcides Maya, na década de 1890, um jovem entusiasmado pela filosofia de Spencer – “jamais olvidemos o nome glorioso do primeiro sábio que doutrinou o Darwinismo em terras do Rio Grande!”.⁸¹² Contestações semelhantes surgiam também em meados do século XX, quando Carlos Maximiliano chegou a perguntar a razão pela qual o nome de Graciano Azambuja era esquecido, um

⁸¹¹ KOSERITZ, A Terra e o Homem..., op. cit., p. 26.

⁸¹² MAYA apud FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962, p. 49. Alcides Maya recusaria mais tarde sua vertente evolucionista, uma vez que se tornava adepto do positivismo gaúcho.

“cientista” que não tivera discípulos e imitadores, enquanto Koseritz, grande jornalista, mais diletante que filósofo, era lembrado. Alegam que a inesgotável curiosidade de sua inteligência fez com que acumulasse conhecimento e recebesse o título de “sábio”. Por outro lado, Guilhermino César procurou revelar certas contradições presentes em Koseritz. Para isso, destacou que a admiração do público baseava-se muito mais no brilho das ideias, no duelo de antíteses, do que no espírito cientificista em si. Tal aspecto, segundo Guilhermino Cesar, teria seduzido a muitos na província, por longos anos. Acrescentou lembrando, também, que o meio social era bastante favorável para que sua figura alcançasse popularidade, já que a elite local era, de certa forma, desprivilegiada, não havendo faculdades ou instituições que assumissem a tarefa de ordenar razoavelmente os conhecimentos científicos e filosóficos. Para Cesar, o temperamento de Koseritz é menos importante do que o senso crítico vigilante, para compreendermos a instabilidade do seu pensamento, o que justificaria sua postura em reexaminar suas colocações, retificando ou alterando suas posições na esfera da cultura. Ferreira sugere a palavra versatilidade. Essa expressão jamais seria aceita por Koseritz, assim como já apontamos para outro caso.⁸¹³

Ferreira, em particular, vê em Koseritz um expoente sem precedentes para imprensa na história do século XIX. Mas para o campo das ideias, seria um mero apreciador e entusiasta, e não um pensador, um filósofo, e que nunca teria tido a pretensão de ser tido e havido como sábio. “Estudioso compenetrado das ciências e da filosofia, vulgarizador incansável do avanço dessas ciências e das novidades dessa filosofia e, em tudo, jornalista erudito, talentoso, versátil e atuante”⁸¹⁴, Koseritz não teria escapado da condição eclética, de cunho duvidoso, provocado pela “autodidatismo domiciliário”, de apresentar-se mais informado do que formado. As impressões de José Fernando Carneiro não se distanciam dessas observações feitas por Ferreira, especialmente quando afirmava que os livros de filosofia, de história e de economia política eram bem menos úteis que os “ensinamentos práticos de agronomia e horticultura que procurou ministrar aos colonos”.⁸¹⁵

Contudo, as restrições a Koseritz para o campo do conhecimento devem ser analisadas com cautela, para que não se incorra em um equívoco que desmereça

⁸¹³ Cf. FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata...*, op. cit., p. 49-53; CESAR, *História da literatura do Rio Grande do Sul...*, op. cit., p. 252-253.

⁸¹⁴ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata...*, op. cit., p. 52.

⁸¹⁵ CARNEIRO, *Karl von...*, op. cit., p. 16.

uma produção muito importante para a ciência do século XIX, especialmente no Rio Grande do Sul. Para tanto, é preciso destacar as observações de Lilia Schwarcz, quando avaliou a dinâmica da ciência no Brasil oitocentista. Segundo ela, percebe-se que aquele momento não se definiu pela primazia de novas descobertas, pelo desenvolvimento de pesquisas ou pela ampliação de aportes conceituais. Tal perspectiva somente ocorreria no final do século, aparecendo de maneira consolidada nas primeiras décadas do XX. Segundo Schwarcz, é preciso estar atento às transformações do período e olhar para as condições que favoreceram a formação de espaços intelectualizados. De todo modo, essa ciência ocupava-se em reproduzir os modelos que despontavam na Europa, e, portanto, como já mencionamos, fazia-se uma ciência difusa e indiscriminada. Nesse contexto, uma certa ética científica facilitava, por exemplo, que o interesse das leituras estivesse muito mais dirigido aos manuais e aos livros, se comparados a obras ou relatórios originais de Darwin, Spencer, Hartmann ou Haeckel.⁸¹⁶ Se percebermos a ciência brasileira dessa forma, compreender-se-á o papel de Koseritz, como uma figura intelectual própria do seu tempo.

Athos Damasceno Ferreira e tantos outros não estavam equivocados quando se referiram a Koseritz e o colocaram como a expressão mais significativa da imprensa do século XIX.⁸¹⁷ No entanto, separam-na do seu conjunto, sem entender que ele só assume essa importância ao associar-se a um movimento de renovação cultural no Rio Grande do Sul, tudo isso somado à postura combativa, persistente e incisiva. Seria prudente não entender que ele “sempre procedeu com empenho de um simples estudioso”, mesmo que tenha escrito suas obras e realizado pesquisas. Se assim fosse, a validade da afirmação de Rodolfo Brasil, que se casara com Carolina von Koseritz, sobre Silvio Romero poderia estar, igualmente, correta, quando apresentou Romero como literato, mas a quem não atribuía competência para criticar a obra de Haeckel, pois nunca havia manuseado um microscópio, não havia feito experimentação qualquer em nenhum laboratório.⁸¹⁸ Ainda, aos olhos de Rodolfo Brasil, a propaganda científica do evolucionismo estaria ligada a Koseritz, mesmo antes de Romero.

⁸¹⁶ SCHWARCZ, *O espetáculo das raças...*, op. cit., p. 30-35.

⁸¹⁷ Ferreira faz menção de que o próprio Koseritz queria se fazer ver como jornalista.

⁸¹⁸ FERREIRA, *Imprensa literária...*, op. cit., p. 203.

Destarte, a compreensão de Koseritz passa, necessariamente, pelas condições intelectuais do período, e para as forças que o colocaram como protagonista pela circulação de ideias entre o Brasil e a Europa. O entendimento desse período se faz também pelas palavras de Romero, remetidas à década de 1870.

De repente um movimento subterrâneo que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se mostrou e o sofrismo do Império aparece com toda nitidez... Na política é um mundo inteiro que vacila. Nas regiões do pensamento teórico o travamento da peleja foi ainda mais formidável, porque o atraso era horroroso. Um bando de ideias novas esvoaçava sobre nós de todos os pontos do horizonte...⁸¹⁹

A passagem de Silvio Romero contextualiza o tempo no qual se intensificaram as mudanças no campo do liberalismo e da ciência, no Brasil. Se no Rio Grande do Sul as obras magnas de autores europeus não chegaram a circular com intensidade, as obras de Koseritz – *Resumo de Economia Nacional, A Terra e o Homem à luz da Moderna Ciência, Bosquejos etnológicos* – tornaram-se importantes referências para divulgação de novos ideários. Se faz enxergar, novamente, pelas palavras de Schwarcz, o comportamento de uma elite intelectual – e uma população teuto-brasileira, em sua grande maioria, alfabetizada –, interessada pelo consumo de obras, manuais e demais produções que a aproximasse das novas vanguardas culturais. Em meio ao “atraso horroroso”, a propaganda, a panfletagem cientificista, sistematizada ou não em sociedades científicas ou escolas superiores, foi a primeira estratégia para incutir um novo pensamento, uma nova realidade. É no interior desse processo que jornais e livros de Koseritz ganharam notoriedade, sem esquecer-se da ação como publicista de nomes estrangeiros e, igualmente, nacionais, como Tobias Barreto e Silvio Romero. Há certo ineditismo, a partir do ponto de vista que preferimos utilizar. É essa, enfim, a expressão de grande parte da intelectualidade brasileira, que tão bem cabe a Koseritz.

A partir dessa consideração, é importante reconhecer as influências que Koseritz carregou ao longo de várias décadas, e que se associaram a diferentes nomes, com menos ou mais força em alguns períodos, como bem exemplifica o caso da *Escola do Recife*. Alguns estudiosos têm recorrido à parte de uma declaração de Koseritz – “darwinista convencido” – para depreender a máxima de que seu nome,

⁸¹⁹ ROMERO apud SCHWARCZ, *O espetáculo das raças...*, op. cit., p. 27.

no Rio Grande do Sul, está diretamente associado a Charles Darwin. Contudo, não se deve menosprezar ou diminuir a importância de outro movimento das ciências, em desenvolvimento na Alemanha. Pelo contrário, a análise das fontes primárias da imprensa indica, sobretudo, para uma preponderância da influência do movimento monista, representado pelo alemão Ernst Haeckel. Essa vertente, entre outras coisas, permitiu a construção da ponte para interligar o movimento encabeçado por Barreto e Romero ao de Porto Alegre. Logo, é ainda mais significativa a continuidade da declaração de Koseritz, dizendo-se “franco adepto da escola de Jena, materialista científico”.

Dessa forma, para o contexto brasileiro e para as discussões que se engajaram em trazer a cientificidade moderna para o país, o monismo de Ernst Haeckel tornou-se um importante expoente para a composição do ideário de uma nova ciência, presente nos filósofos da *Escola do Recife*, quanto em Porto Alegre, que defenderam enfática e decididamente os pressupostos de uma visão de mundo, que remetem às noções darwinianas e ao monismo alemão de Haeckel. Neste caso, seja possível entender que, para essa intelectualidade brasileira, não havia ainda uma definição clara sobre os limites de cada movimento, o que poderia levar Koseritz, por exemplo, a autonegar-se “darwinista convencido, franco adepto da escola de Jena, materialista científico”. Além disso, a categoria intelectual definida para Haeckel reivindicava uma equiparação a outros nomes, como fez Koseritz ao exigí-lo, em protesto às considerações de Silvio Romero.

[...] fala o nosso crítico [Silvio Romero] no triunvirato do século XIX, composto por Strauss, Comte e Darwin. Não concordamos a limitação: onde está Darwin, devem estar Lamarck e Haeckel. Strauss, Comte e Spencer formam para nós grupo a parte.⁸²⁰

Da mesma forma, é interessante construir a análise a partir do destaque dado por Marçal de Menezes Paredes, ao afirmar que os movimentos filosóficos do final do século XIX não se restringiam a escalas regionais e nacionais, “mas abrangiam linhas de contato e interfaces em diversas direções, estabelecendo relações em escalas transnacionais”.⁸²¹ Portanto, ao tomar os postulados monistas presentes em Koseritz, é fundamental atentar para as diferentes possibilidades e pontos de

⁸²⁰ *Gazeta de Porto Alegre*, 19/2/1879.

⁸²¹ PAREDES, O cientificismo no Rio Grande do Sul..., op. cit., p. 253.

encontro (e de divergência) que se constituíram entre o teuto-gaúcho e outros movimentos cientificistas/filosóficos, articulando trocas culturais com outras regiões do Brasil (*Escola do Recife*), bem como internacionais (Ernst Haeckel). Diante disso, as correspondências construía pontes de aproximação entre os intelectuais, e permitiam o fluxo e a troca de ideias. Koseritz, em carta a Tobias Barreto, mencionava a divulgação que fazia a respeito do movimento do Nordeste, colocando em pauta os múltiplos pontos que os interligavam.

O público alemão já vos conhece e sabe apreciar-vos. Há dias recebi carta de Ernesto Haeckel, com que me correspondo há longos anos e me diz textualmente: [...]: Até onde posso compreender (pois não sou nenhum herói em português), muito interessou o pequeno livro do Dr. Silvio Romero (era *A Filosofia no Brasil*) principalmente na parte que trata de Tobias B. de Menezes, o qual me parece pertencer à raça dos grandes pensadores e dos incansáveis trabalhadores.⁸²²

Baumer identificou Ernst Haeckel como o “bulldog de Darwin”, sendo um dos representantes mais importantes da filosofia monística, que esteve perto de ser um genuíno materialista filosófico.⁸²³ Ao pensar nas questões que o mundo evolucionário buscava responder e compreender, Haeckel afirmava que todas as coisas no cosmos derivavam da “matéria” numa sucessão evolucionária ascendente, sendo a matéria dotada de consciência elementar. Baumer destaca que tal movimento na Europa pode ser considerado como uma extensão do Neoiluminismo – ao considerá-lo como um alargamento do espírito, mas não da doutrina, do Iluminismo do século XVIII, incluindo nesse rol, positivistas, hegelianos e realistas – ampliado pela presença da ideia de evolução.⁸²⁴

Olaf Breidbach surpreende-se diante do fato de que, muito cedo, Haeckel assumiu uma figura sagrada e estilizada no campo da ciência, ao construir uma posição contrária à tradicional estrutura organizacional.⁸²⁵ Em diferentes cantos da Europa, Haeckel servia a uma cultura científica que buscava se posicionar contra

⁸²² A carta, enviada por Kosetiz em 1879, é citada por Tobias Barreto. Cf. MENEZES, Tobias Barreto de. *Estudos Alemães*. Aracaju: Estado do Sergipe, 1926, p. 511-512.

⁸²³ BAUMER, *O pensamento Europeu...*, op. cit., p. 102.

⁸²⁴ BREIDBACH, Olaf. Haeckel-Rezeption um 1900. In: JOHN, Jürgen; ULBRICHT, Justus H.. *Jena*. Ein nationaler Erinnerungsort? Köln: Böhlau Verlag Köln Weimer Wien, 2007, p. 431-444, p. 433. Breidbach destaca que, somente após o lançamento das obras de 1899 (*Die Welträthsel*) e 1904 (*Die Lebenswunder*), é que Ernst Haeckel firmou-se no mundo científico. Segundo o estudioso, sua figura não é revolucionária, uma vez que unia a visão clássica da Natureza, com centralidade nas pessoas, ao conjunto das ideias de Charles Darwin. Cf. BAUMER, op. cit., p. 102.

⁸²⁵ BREIDBACH, Haeckel-Rezeption..., op. cit., p. 431.

uma cultura teológica/filosófica. Assim, por exemplo, a recepção das ideias do monista alemão na Itália, com destaque para a biologia evolutiva, associou-se muito menos ao campo da biologia, e muito mais como arma argumentativa contra o poder clerical. Além disso, passou a ser considerado uma autoridade, com enorme ressonância entre os positivistas italianos. Também na Áustria, onde Haeckel tinha uma significativa influência no campo da ciência natural, essa visão de mundo anticlerical fazia-se valer, tornando-o referência e componente obrigatório para as discussões que alimentavam as disputas sobre a legitimação de uma nova visão de mundo.

Ao trazer algumas considerações sobre a recepção do movimento monista no Brasil, Breidbach destaca duas fases, a primeira delas ligada à atuação de Karl von Koseritz na divulgação das ideias no país, especialmente entre os imigrantes alemães. No entanto, é preciso destacar que a aproximação entre as concepções monistas e Koseritz não se deu de maneira direta, mas pela influência exercida pela *Escola do Recife*, movimento filosófico brasileiro que se propôs a dialogar com os referenciais europeus, instituindo padrões de ruptura no pensamento brasileiro no contexto do século XIX, de forma singular ao combate da metafísica. Embora já dialogasse com teorias liberais, científicas e filosóficas antes de se aproximar do movimento de Recife, na década de 1870, a associação com Tobias Barreto e Silvio Romero fez com que Koseritz se apropriasse do monismo, cuja premissa principal baseava-se na intenção de construir uma nova visão de mundo sobre a ciência da Natureza, ao mesmo tempo em que alguns de seus elementos eram utilizados em composições literárias e discursos anticlericais. Assim como na Europa, as ideias de Haeckel contribuíram para reforçar seu pensamento anticlerical. Nessa mesma linha, Marçal de Menezes Paredes⁸²⁶ reconhece a significativa atuação de Koseritz na divulgação de ideias científicas e evolucionistas no Rio Grande do Sul, propondo críticas ao teologismo e à metafísica, as quais estavam inspiradas nos exemplos vindos de Pernambuco.

Desde 1876, ao menos, Koseritz propagava o nome de seus companheiros do nordeste brasileiro, no manifesto de lançamento de seu jornal *Echo do Ultramar*, editado em Porto Alegre. Conforme vemos na nota de abertura da publicação, afirmava que “muitas vezes

⁸²⁶ PAREDES, Marçal de Menezes. O cientificismo no Rio Grande do Sul e sua interface em Portugal: um estudo de recepção e troca cultural no final do século XIX. *Ciência & Letras*, Porto Alegre, n. 41, p. 241-254, jan./jun, 2007, p. 244.

fomos levados a refletir no fato de que a grande maioria dos nossos compatriotas [estão completamente] isolados do movimento literário e científico das outras nações, [mostrando-se] indiferentes pelo que neste sentido vai aparecendo entre nós, ainda que em modesta escala.

[...].

Foi no Brasil e por influência pernambucana, que Koseritz teria as linhas gerais de seu pensamento, aliás, inclusive, a influência de Ernst Haeckel. Em termos gerais, pode-se dizer que tanto Koseritz quanto Tobias Barreto, um dos líderes da *Escola do Recife*, possuíam o mesmo objetivo: a substituição do idealismo romântico e a divulgação do criticismo cientificista.⁸²⁷

Em cartas, Koseritz deixava claro o seu posicionamento favorável à figura de Haeckel, a quem admirava, colocando-se como seu defensor incontestável. Assim o fez em correspondência⁸²⁸ escrita ao português Teófilo Braga⁸²⁹, redigida em Porto Alegre, em dezembro de 1884, colocando-se como um “darwinista convencido”, “franco adepto da escola de Jena, materialista científico”, divulgando com coragem as ideias defendidas pelo espírito da moderna ciência “numa terra essencialmente metafísica pela educação oficial”.⁸³⁰

Em outros, Koseritz reafirmava, reiteradamente, as ideias de Haeckel, o que comprova a influência e o diálogo estabelecido entre dois espaços que se aproximavam pela defesa dos mesmos ideais. Além disso, a redação e a troca de correspondências com Haeckel tornava-se um importante meio para estreitar o debate científico entre dois pontos geográficos distantes, como destaca o trecho da carta de Koseritz a Haeckel.

Há muitos anos tenho acompanhado no D. Z. [Deutsche Zeitung] a luta pelo desenvolvimento do ensino e tenho alcançado êxito, que de longe poderíamos considerar como incrível: sete oitavos do povo alemão daqui (cerca de 60.000 almas) está comigo na luta pelo Senhor, resp. Darwin contra os jesuítas, estes que aqui dirigem as comunidades católicas [...] Sobre a sua história da criação foram vendidos aqui mais de 50 exemplares, sobre a Antropogenia serão solicitados mais ainda. Nós o veneramos aqui, Senhor Professor, como o messias de um novo Esclarecimento e o seu nome está na boca de todos.

⁸²⁷ PAREDES, O cientificismo no Rio Grande do Sul..., op. cit., p. 244-245.

⁸²⁸ A carta escrita por Koseritz era uma manifestação de agradecimento a Teófilo Braga pela apreciação sobre o seu livro *Bosquejos etmológicos*. Para mais detalhes. Cf. Idem, p. 249.

⁸²⁹ Cf. O artigo de Marçal de Menezes Paredes, no qual o autor dedica uma análise sobre a interface portuguesa do cientificismo gaúcho. Dentre nomes destacados, apresentam-se Karl von Koseritz, o chefe do positivismo português Teófilo Braga, Julio de Mattos, entre outros. Idem, loc. cit.

⁸³⁰ Idem, p. 249.

10 de março de 1875.⁸³¹

O fragmento demonstra uma pequena ponta da figura que Koseritz assumiu como agente da ciência moderna no Novo Mundo, e sua articulação com o movimento europeu. O texto da carta continua com o pedido para que Haeckel enviasse alguns escritos e livros, que pudessem ajudá-lo a alimentar a reputação e o conteúdo pelo qual demonstrava um grande engajamento. Acrescentava dizendo: “Nós o veneramos aqui, Senhor Professor, como o messias de um novo Esclarecimento e o seu nome está na boca de todos”.

Em artigo publicado no almanaque *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, em 1876, intitulado “O triunfo da ciência da natureza sobre religião e filosofia”, Koseritz comemorava as intenções alcançadas pelos ensaios publicados na edição anterior do almanaque, ao escrever que esses escritos “iluminaram de forma completa e satisfatória a nossa opinião e a melhor concepção sobre a nossa Terra, que não foi ‘criada’, porém ela ‘tornou-se’”.⁸³² Ao prosseguir, o autor discutiu as questões teológicas ligadas ao mito da criação, os embates travados com os jesuítas e o aparecimento da teoria do desenvolvimento como substituta da teoria criacionista. Ao citar Huxley, Darwin, Lyell e outros pesquisadores ingleses, deslocava sua análise, finalmente, para Ernst Haeckel, cujo trabalho, em sua opinião, levava as últimas consequências para que a ciência da natureza triunfasse sobre a religião e a filosofia. Neste mesmo texto, Koseritz refere-se a Haeckel como “estrela de primeira grandeza”, “incansável pensador” e “verdadeiro criador da nova ciência da natureza”, percebendo-o na “ponta do movimento”, assim como as suas obras *História da Criação* e *Antropogenia*, considerados por Koseritz como monumentos daquele século. Sua admiração pelo movimento evolucionista transparece pela afirmação de que “quando algumas coisas ainda serão lembradas de forma remota, ainda então, Darwin e Haeckel serão admirados pelos seus grandes espíritos, que trouxeram novos rumos ao espírito humano, libertando-o das algemas da escuridão, ignorância e superstição”.⁸³³

Certamente, a importância de Haeckel para o pensamento de Koseritz também foi identificada pelos opositores, que passaram a atacá-lo em seus

⁸³¹ A carta encontra-se no Museu Ernst-Haeckel-Haus, da Universidade de Jena, Alemanha. O trecho da carta aqui transcrito é mencionado em texto de Olaf Breidbach. Cf. BREIDBACH, Haeckel-Rezeption..., op. cit., p. 431-444.

⁸³² Koseritz' *Deutscher Volkskalender*, 1876, p. 70.

⁸³³ Koseritz' *Deutscher Volkskalender*, 1876, p. 72.

postulados sobre a ciência. Neste caso, mais uma vez, o jornal *Deutsches Volksblatt* parece ter compreendido algumas estratégias, e passou a digladiar com o representante do monismo alemão, no Rio Grande do Sul. Para defender-se das teorias da nova ciência, o jornal jesuíta passou a publicar artigos nos quais passava a dedicar “hinos de elogios” à postura do professor Rudolf Virchow, que havia negado a teoria de Haeckel, exigindo que o Estado alemão tomasse uma postura intervencionista sobre a liberdade de ensino no campo das ciências. De fato, Rudolf Virchow foi um fervoroso antievolucionista, mas sua atuação e notoriedade na medicina, por exemplo, o tornavam uma autoridade importante na Alemanha. A situação ainda podia parecer mais constrangedora, uma vez que Haeckel havia sido aluno e assistente de Virchow, e por ele fora repreendido, ao fazer publicar o seu discurso sobre “A liberdade da ciência no Estado Moderno”.⁸³⁴ Em reação às visíveis hostilidades, o *Deutsche Zeitung* publicou um artigo editorial sobre “Livre ciência e liberdade de ensino”, como resposta às provocações. Koseritz posicionou-se a favor de Haeckel, lamentando a situação pela qual o mestre havia se colocado contra o seu antigo aluno. Além disso, o texto ressaltava que a situação era ainda mais difícil, pelo fato de ter colocado sob suspeita, aos olhos do Estado, a livre pesquisa científica. Contudo, era o preço que Haeckel deveria assumir ao “marchar na ponta” do movimento pela pesquisa científica.⁸³⁵ O texto seguiu com a publicação de manifesto aberto de Ernst Haeckel sobre o caso, datado de 24 de junho de 1878, pelo qual expôs os argumentos para defender-se das acusações de Virchow, e que a ele eram dirigidas, bem como sua opinião sobre a liberdade aplicada às pesquisas da ciência.

A partir do caso exposto, é possível identificar as questões do liberalismo, aplicadas ao campo da docência e da cientificidade do século XIX. Constituíam premissas importantes para a constituição daquilo que se acreditava ser um Estado Moderno. Para a época, tais proposições, assim como tantas outras, geravam grandes embates com as alas conservadoras, especialmente quando o tema envolvia questões religiosas ou clericais, como as que já citamos, por exemplo, entre Karl von Koseritz e José Bernardino da Cunha Bittencourt. Se, como afirma Marçal

⁸³⁴ A partir da leitura do artigo, encontram-se mais detalhes sobre o início dos embates entre Virchow e Haeckel, especialmente em torno da 50ª Reunião dos naturalistas e médicos alemães, realizada em 22 de setembro de 1878.

⁸³⁵ *Deutsche Zeitung*, 25/9/1878

Paredes⁸³⁶, “a polêmica é a marca que distingue o relacionamento entre os intelectuais luso-brasileiros do final do século XIX”, diferente não foi a relação que Koseritz estabeleceu com alguns setores sociais. Discussões, expressões marcadas pela utilização de uma crítica explosiva, “dá-se tal qual um duelo, de onde não sai ileso um dos dois (ou mais) argumentos em disputa”.⁸³⁷

Koseritz, em grande proporção, aliou o conjunto de concepções evolucionistas e monistas aos argumentos anticlericais, assim como outros movimentos europeus o fizeram. Dessa forma, admirava os pensadores que rompiam com o ideário teológico, como fez ao mencionar os nomes de Lamarck, Geoffron de Sain Hilaire e Eduard von Hartmann. Em relação ao alemão Hartmann, defendia o seu posicionamento ao reconhecer no filósofo a utilização dos “preceitos da moderna ciência, instituindo um método puramente indutivo, sem entrar no campo da especulação”⁸³⁸, referindo-se, então, à metafísica. Previa-se, segundo Koseritz, uma moderna ciência, que se colocasse sobre as ruínas da teoria da criação, do teísmo e do dualismo, em direção ao “campo da verdade, e única”.⁸³⁹ Enfim, reconhecia-se que o momento era grandioso, marcado por mudanças irreversíveis e importantes, presentes não somente nas ciências, mas nos âmbitos religioso, social e político da civilização.

As ciências naturais ganhando diariamente mais terreno pela análise espectral, pela morfologia, pelas pesquisas da ontologia, da biologia, da morfologia, foi vencendo todos os obstáculos, derrotando todos os óbices, derrubando todas as trincheiras do prejuízo e da cega crença. E esta luta vai longe em suas consequências: Não se limita ao campo da ciência nem ao da fé; a própria questão social e política não pode escapar a sua ação.

[...].

A teoria evolutiva, geralmente aceita hoje pela ciência em todas as suas ramificações, dispensa todas as velhas e gratuitas hipóteses em que se baseia a nossa moral social e política.

A revolução é completa:

Darwin, Haeckel, Herbert Spencer, Moleschot, Vogt, Büchner e outros são os iniciadores do novo movimento que opõe à acrobática espiritual da filosofia abstrata, as conquistas do empirismo científico.

[...].

⁸³⁶ PAREDES, Marçal de Menezes. A Querela dos Originais: notas sobre a polêmica entre Sílvio Romero e Teófilo Braga. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, Edição Especial, n. 2, p.103-119, 2006, p. 103.

⁸³⁷ PAREDES, A Querela dos Originais..., op. cit., p. 103.

⁸³⁸ Koseritz' *Deutscher Volkskalender*, 1876, p. 73.

⁸³⁹ Koseritz' *Deutscher Volkskalender*, 1876, p. 73.

Hoje são dois grandes princípios que se entrecrocaram; são dois contrastes que se atiram um ao outro, sem mediação possível.⁸⁴⁰

Em particular, a presença do monismo, estimulava, em Koseritz, um pensamento inovador e combativo, o que nem sempre era agradável para seus contemporâneos, pois perspectivas tradicionais rompiam-se, particularmente, naquilo que dizia respeito aos seres humanos, sobre a natureza do homem e o comportamento dos grupos sociais. As noções exploradas por Koseritz reportavam-se ao quadro mais amplo de ideias que floresciam na Europa, gerando uma série de dilemas e embates para dentro da sociedade. A história da Criação contrapôs-se ao movimento de fluxo sobre as coisas, a “luta da natureza” e a sua criatividade.⁸⁴¹ Mesmo que as divulgações de Koseritz, por meio da imprensa, corroessem as bases do mundo tradicional, o otimismo também poderia prevalecer, visto que a natureza possuía a capacidade de produzir formas superiores. As dúvidas recaíam também sobre o lugar do homem na natureza, se a evolução se aplicava ao homem, e se, por natureza, ele era mais como um macaco ou como um anjo. Da mesma forma, o darwinismo e o monismo destruíam a convicção da unidade essencial da humanidade, já que existiam diferenças entre os homens, e que elas eram determinadas por questões biológicas, passando a ênfase, assim, da educação à natureza, ao fatalismo – palavra-chave do pensamento iluminista.⁸⁴² A compreensão dessa nova dinâmica se fazia presente nas publicações de artigos, como os que publicou na *Gazeta de Porto Alegre*, na década de 1880, tratando sobre seus estudos etnológicos.

Por outro lado, porém, confirma o estudo do crânio de Cidreira também minha opinião, já anteriormente citada, sobre a inferioridade intelectual e maior bestialidade das raças pré-históricas do sul em comparação às do norte do Brasil, porque nela estão mais pronunciadas as qualidades bestiais do que nos crânios achados nos sambaquis de Santa Catarina e do Paraná.⁸⁴³

Como em outros casos, estudos voltados para o campo da ciência, produzidos por Koseritz, resultaram em preleções na loja *Zur Eintracht*, ou transformaram-se em artigos publicados na imprensa local. A qualidade e o teor de

⁸⁴⁰ *Gazeta de Porto Alegre*, 16/6/1879.

⁸⁴¹ BAUMER, *O pensamento Europeu...*, op. cit., p. 19.

⁸⁴² *Idem*, p. 108-109.

⁸⁴³ KOSERITZ, Karl von. Bosquejos etnológicos. In: GERTZ, René Ernaini (org.). *Karl von Koseritz*. Seleção de Textos. Porto Alegre: Edipucrs, 1999, p. 102.

alguns textos fez com que fossem republicados, fazendo-se circular pela confecção de livros, incentivando o consumo de uma literatura voltada à instrução científica. Na tarefa de produção e confecção, a tipografia *Gundlach & Comp.* desempenhou um papel importante, naquilo que dizia respeito à promoção e à circulação das novas ideias. Tais empreendimentos deram origem a importantes obras, como o texto *Bosquejos Etnológicos* (1884), resultado da análise empreendida por Koseritz a partir de uma coleção arqueológica e etnográfica⁸⁴⁴, reunindo objetos de grupos indígenas. Essa obra permite considerar a aproximação que Koseritz fez com a biologia evolutiva, o biologismo e a própria estética natural. Do jornal para o livro, algumas reescritas se fizeram a partir das considerações de leitores, o que demonstra que existiam interlocuções com o público. *A Terra e o Homem à luz da Moderna Ciência* (1884) foi resultado de suas exposições de caráter mais filosófico, na loja maçônica, o que faz pensar que fossem escritas, primeiramente, na língua alemã. Encontrava-se dividida em dois subtítulos – “A terra (o erro geocêntrico)” e “O homem (o erro antropocêntrico)”. As duas obras, articuladas ao movimento local e a outras regiões do país, seriam dedicadas, segundo René Gertz, aos “seus companheiros e amigos brasileiros Tobias Barreto, Silvio Romero, Graciano de Azambuja e Argimiro Galvão”.⁸⁴⁵

Mesmo que as ideias monistas, por exemplo, surgissem a partir da década de 1870, foi na década seguinte que elas atuariam com mais amplitude, como bem demonstram as obras que Koseritz publicou nesse período, acompanhando, dessa forma, o movimento europeu, já que a temática na Europa também se disseminou com mais força, entre os cientistas, após 1880.⁸⁴⁶ Por outro lado, nas biografias e nos estudos que se apresentaram até hoje sobre Koseritz, colocam-se certas dúvidas, até mesmo uma disputa, para resolver se há pioneirismo em Koseritz ou em Tobias Barreto, quando se fala nas correntes germanistas no Brasil, e qual seria, enfim, o momento em que essas ideias surgiram em seus escritos. Sem poder apresentar uma resposta definitiva, algumas hipóteses podem ser levantadas.

Guilhermino César preferiu considerar que Koseritz tenha sido pioneiro, ao divulgar as ideias darwinistas, fazendo menção, inclusive, que essa tarefa já se

⁸⁴⁴ A coleção arqueológica e etnográfica de Koseritz foi exposta durante a Exposição *Brasileira-Alemã*, realizada em Porto Alegre, realizada entre outubro de 1881 e fevereiro de 1882, da qual trataremos mais adiante. Um grande incêndio destruiu o Palácio das Exposições, incluindo os objetos coletados por Koseritz.

⁸⁴⁵ GERTZ, René (org). *Karl von Koseritz*. Seleção de Textos. Porto Alegre: Edipucrs, 1999, p. 13-14.

⁸⁴⁶ BAUMER, *O pensamento Europeu...*, op. cit., p. 98.

encontrava na imprensa de Pelotas. Por outro lado, Silvio Romero, que redigiu suas considerações muito antes de Cesar, atribui a Tobias Barreto a primazia sobre a disseminação das primeiras concepções no Brasil, tendo em vista que Koseritz, no período entre 1852 a 1874, dedicou-se, sobretudo, à imprensa política. Se observarmos, novamente, o exame de Rodolfo Brasil, que conviveu com a filha de Koseritz, voltaremos ao Rio Grande do Sul. Certamente, existe uma resposta para a questão, porém, difícil de ser respondida em meio à ausência de outras fontes. Porém, no nosso entendimento, esse jogo parece improdutivo, uma vez que não possibilita compreender o que de mais importante há para a perspectiva intelectual, ou seja, o fluxo, a recepção, a circularidade e as interfaces relativas à difusão das novas ideias e sua relação com a imprensa.

Não se pode, todavia, considerar que Koseritz, pela experiência anterior à chegada ao Brasil, em 1851, pelas lutas liberais na Europa, ou como um dos “revolucionários gorados de 48”⁸⁴⁷, prontamente reproduziu uma nova visão de mundo, rompendo radicalmente os valores religiosos, arraigados na sociedade da província. Ao contrário disso, como demonstra Juliane Cardozo de Mello, se utilizarmos como referência a publicação de seu primeiro livro, *Resumo de História Universal*, de 1856, veremos coisas muito distintas do intelectual anticlerical, contrários aos preceitos da metafísica, e agnóstico.

O resumo, em comparação aos textos escritos posteriormente, mostra uma visão que é contrastante ao ateísmo do autor, no qual diz que “os progenitores do gênero humano [são] Adão e Eva. Seus filhos são Caim e Abel” (KOSERITZ, 1856, p. 6). Porém, ao longo do livro há apenas referências sucintas aos mitos bíblicos e à Igreja Católica como, por exemplo, a menção ao nascimento de Jesus Cristo (KOSERITZ, 1856, p. 15), o que evidencia que talvez o autor já nesse período não acreditasse nos preceitos cristãos e que as alusões a eles servissem apenas para estabelecer uma relação de concordância com as crenças da sociedade em geral.⁸⁴⁸

Há indicações para dizer que Koseritz já se dedicava a temas liberais e filosóficos, por exemplo, antes de estreitar sua atuação junto a outros movimentos. Assim, é possível visualizar questões sobre o clericalismo, a liberdade religiosa, a

⁸⁴⁷ Expressão utilizada por Jean Roche, para referir-se aos *Brummer*. Cf. ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 708.

⁸⁴⁸ MELLO, Juliane Cardozo. *Carlos de Koseritz*: reiluminando sua biografia e suas obras românticas esquecidas. Rio Grande: Furg, 2013. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande, 2013, p. 29-30.

separação entre Estado e Igreja e o estudo sobre princípios liberais econômicos, antes mesmo de 1870. Em 1872, Koseritz noticiou, no *Deutsche Zeitung*, a recente chegada de uma obra filosófica da Alemanha. Sobre o livro de Karl Robert Eduard von Hartmann *Filosofia do Inconsciente* fazia uma apreciação ao público, mesmo que esses escritos fossem de entendimento somente para “leitores mais instruídos”. Além desse comentário, ainda registrava que, depois da leitura, não lhe permaneciam dúvidas de que Hartmann havia colocado a pedra fundamental para uma grande mudança no campo da filosofia.⁸⁴⁹ Como se pode constatar, se Koseritz recebeu a obra filosófica nos primeiros anos da década de 1870, talvez pudesse ter recebido outras. E sua referência à obra de Hartmann pode indicar que já tivesse alguns conhecimentos filosóficos, para expressar-se dessa maneira. Outra referência pode reforçar essa lógica, ao considerar as discussões intelectuais por meio de correspondências entre Koseritz e o geógrafo e cartógrafo alemão Henry Lange, que iniciaram em meados da década de 1860, e estenderam-se até os anos de 1880.⁸⁵⁰ Dessas constatações surgem algumas hipóteses. Silvio Romero afirmou que Tobias Barreto já se dedicava aos estudos alemães antes mesmo de conhecer Koseritz. Da mesma forma, a validade está para Koseritz, que já fazia estudos de teorias liberais e filosóficas antes de estreitar suas relações com a *Escola do Recife*. A partir dessas considerações, pode-se entender que, antes de 1874, ocorriam movimentos simultâneos e semelhantes em duas regiões distintas do país, mas sem um diálogo efetivo entre eles.

Tobias Barreto correspondeu a um dos principais nomes na composição do movimento intelectual de Recife. Sua ascensão se fez de maneira curiosa: nasceu em Campos, na região do sertão da província de Sergipe. Mulato, aprendeu latim ainda muito jovem, dedicou-se a ensinar gramática latina e aos estudos de filosofia, antes de ingressar na Faculdade de Direito de Pernambuco, em 1862, onde se destacou, primeiramente, como exímio poeta. Depois de formado, buscou exercer sua profissão. Escreveu artigos para jornais locais, além de dedicar-se ao periódico

⁸⁴⁹ *Deutsche Zeitung*, 6/3/1872.

⁸⁵⁰ Ricardo GauliaBorrmann localizou, no mês de março de 2015, cartas manuscritas de Koseritz a Henry Lange, na *Staatsbibliothek* de Berlim, e que foram compartilhadas com o autor da presente tese. Não foi possível desenvolver considerações a respeito dessa relação intelectual, o que abre perspectivas para analisar a questão em um estudo posterior. A carta mais antiga, encontrada no arquivo, foi redigida em 1868, e a última, em 1880. Conforme Ricardo Borrmann, Lange esteve ligado à institucionalização das ciências geográficas na Alemanha, chegando a mencionar, com entusiasmo, publicações no estrangeiro, como o jornal *Deutsche Zeitung*. Na carta de 1868, é possível identificar a marca simbólica personalizada de Koseritz – sob uma coroa, estão as iniciais “C. v. K.”.

O Americano. Em 1870, iniciou os primeiros embates religiosos com *O Católico*. No ano seguinte, as dificuldades financeiras o levaram a deixar o Recife, instalando-se em Escada, na mata Sul pernambucana. Nessa cidade, atuou como advogado e juiz, fazendo-se notável pela oratória e pelas consagradas audiências. *Um Signal dos Tempos* foi seu primeiro jornal, pelo qual a intelectualidade germânica era analisada e apresentada aos leitores. Além de livros, dedicou-se a estudar e aprender, como autodidata, a língua alemã, chegando a lançar o jornal *Deutscher Kämpfer*, em língua alemã, em 1º de julho de 1875, um “periódico literário e acidentalmente político, destinado à expansão do germanismo no norte do País”, propondo-se a “ajudar à nossa pátria entrar na grande e livre corrente do movimento intelectual alemão”.⁸⁵¹

Já o jornal *Deutscher Kämpfer* – de que se preservou apenas o manuscrito da apresentação, traduzido por Vamireh Chacon e incluída na edição antes mencionada de *Monografias em alemão* –, que editou durante o ano de 1875 e do qual chegaram a circular cinco números, tinha outro propósito bem diverso, qual seja o de despertar e estimular, entre a intelectualidade pernambucana, em particular as novas gerações, o gosto pela cultura alemã, notadamente filosófica, o que dificilmente se poderia alcançar sem o conhecimento da língua.

Tomando-se não o periódico de existência efêmera, em si mesmo, mas o conjunto da obra e da ação de Tobias Barreto, somos levados a reconhecer que a posteridade justificou plenamente esse seu esforço; grande número de intelectuais pernambucanos seus contemporâneos aprenderam alemão e travaram conhecimento com os autores na própria fonte. Por isto mesmo foram capazes de acompanhar de perto o debate que naquele período se tratava em torno de várias questões, sem o imperativo da espera de traduções francesas.

No *Deutscher Kämpfer* apareceu um ensaio de grande importância na evolução intelectual de Tobias Barreto, que denominou de “Deve a metafísica ser considerada morta?”⁸⁵²

Para Luiz Antonio Barreto, o legado do intelectual sergipano pode ser analisado a partir de dois sentidos.⁸⁵³ Um deles, refere-se a sua produção crítica, definindo novos esquemas de atualização do pensamento brasileiro. Por outro lado, enxergam-se os seguidores, que levaram adiante a renovação da cultura no país, como se poderia pensar para o caso de Silvio Romero. Em meio a disputas locais,

⁸⁵¹ CENTRO de Documentação do Pensamento Brasileiro. *Tobias Barreto (1839-1889)*. Bibliografia e Estudos críticos, p. 4. Disponível em http://www.cdpb.org.br/tobias_barreto.pdf> Acesso em 11 de out. de 2011.

⁸⁵² PAIM, Antônio. *A Escola do Recife*. Londrina: UEL, 1997, p. 111.

⁸⁵³ BARRETO, Luiz Antonio. Tobias Barreto: uma bio-bibliografia. In: CENTRO de Documentação do Pensamento Brasileiro. *Tobias Barreto (1839-1889)*. Bibliografia e Estudos críticos, p. 6. Disponível em http://www.cdpb.org.br/tobias_barreto.pdf> Acesso em 11 de out. de 2011.

Tobias Barreto acabou retornando a Recife, dando continuidade à construção do seu legado, fosse pela publicação da série *Estudos Alemães*, ou ocupando a docência na Faculdade de Direito de Recife. Cabe ressaltar que seu alcance se ampliou devido aos mais diferentes contatos, mantendo correspondência com intelectuais brasileiros e alemães, iniciada na década de 1870 – “E aqui importa observar que eu, no meu isolamento, nunca tomei a iniciativa dessas correspondências, ela tem partido de lá”.⁸⁵⁴ Além de correspondências, artigos e ensaios reproduzidos em jornais da Alemanha⁸⁵⁵, encontravam-se textos publicados em diferentes periódicos nacionais, inclusive folhas de língua alemã editadas no Brasil, como o jornal *Germânia*, de São Paulo, o *Deutsche Zeitung* e o *Koseritz' Deutsche Zeitung*, de Porto Alegre.

Os primeiros contatos entre Koseritz e Tobias Barreto constituíram-se por meio da imprensa. Por meio dela, abriram-se as possibilidades para que a campanha intelectual germanista obtivesse força, e se tornasse um movimento de alcance nacional, interligando pessoas e ideias de diferentes espaços. Essa perspectiva passou a consolidar-se em meados de 1870. Tobias Barreto, em 1874, escreveu uma carta ao redator Richard Mathes, do jornal *Allgemeine Deutsche Zeitung*, do Rio de Janeiro. A partir disso, Mathes passou a publicar alguns escritos do sergipano, que, no mesmo ano, foram transcritas do Rio de Janeiro para os jornais de Koseritz, no Rio Grande do Sul, o qual, prontamente, passou a endossar as posições de Barreto. A partir desses episódios, considera-se o princípio das relações entre a *Escola do Recife* e os intelectuais de Porto Alegre. A partir desse contexto, podemos supor que Koseritz tenha tido, efetivamente, o primeiro contato com os pressupostos da teoria monista de Haeckel, e que se tornaria sua principal orientação doutrinária para o campo das ciências. No entanto, essa consideração não desarticula o envolvimento com a corrente germânica, pelo estudo que Koseritz

⁸⁵⁴ Trecho da carta de Tobias Barreto a Carvalho Lima Júnior, de 6 de agosto de 1880. CENTRO de Documentação do Pensamento Brasileiro. *Tobias Barreto...*, op. cit., p. 80.

⁸⁵⁵ Três importantes textos em língua alemã, *Brasilien wie es ist in literarischer Hinsicht betrachtet* (1876), *Ein offener Brief an die deutsche Presse* (1878), e o estudo sobre o ensino de direito no Brasil, *Rechtsleben und Rechtstudium in Brasilien* (1880), foram redigidos por Tobias Barreto para o público na Alemanha, mas tornaram-se, igualmente, conhecidos no Brasil. Cf. Mercadante, Paulo. *Tobias Barreto na Cultura Brasileira*. Uma reavaliação. São Paulo: Grijalbo/USP, 1972, p. 39.

Em carta de 13 de setembro de 1880, Tobias Barreto mencionava alguns contatos que mantinha com periódicos e personalidades na Alemanha, como Wilhelm A. Sellin, de Leipzig, o botânico de Berlim Dr. Karl Keck, Alfredo Wadler, de Leipzig, a publicação *Export*, de Berlim, e o *Magazin für Literatur*, de Leipzig, que levaram o retrato e a biografia às suas páginas. O *Kölnische Zeitung* ofereceu a Tobias Barreto um exemplar de sua edição semanal, e publicou a sua resposta, de forma elogiosa. Cf. CENTRO de Documentação do Pensamento Brasileiro. *Tobias Barreto...*, op. cit., p. 82.

já vinha realizando, antes mesmo de conhecer Tobias Barreto. É possível, nesse sentido, pensar sobre a ideia de que os escritos de Koseritz não tinham a pretensão de introduzir uma corrente de opinião, e que, antes do contato com o intelectual sergipano, os textos apresentavam ideias mais amplas e gerais relacionados aos movimentos culturais da Europa. Naturalizado brasileiro, fez tudo para “conhecer a literatura, estudar os costumes e as tradições locais. Interessou-se e, divulgar por em periódicos alemães a nossa desordem tropical, o exotismo e o pitoresco da sociedade em que passara a viver e constituir família”.⁸⁵⁶ Somente a partir do contato com Barreto, e pelas notícias que registravam as vitórias das campanhas prussiana em 1870, Koseritz teria, com isso, recebido um alento especial, que o teria, enfim, levado a empreendimentos culturais mais doutrinários, manifestando-os de maneira sistemática, concomitantemente ao que se fazia no Nordeste, na *Escola do Recife*. Se assim compreendemos, faz sentido a observação de Ferdinand Schröder, quando disse que “deduzo com segurança [...] que não havia na primeira década após as fundações influência do materialismo teórico”.⁸⁵⁷

Contudo, há ressalvas que devem ser feitas a esse ponto. Não se pode perceber os escritos de Koseritz, especialmente aqueles produzidos nos anos de 1860, momento em que ele chegava a Porto Alegre, como ensaios pouco articulados a uma proposta mais doutrinária. Para tanto, basta observar a compilação feita por Koseritz para compor sua obra *Resumo de economia nacional*, publicada em 1870, reunindo textos escritos na imprensa local. Tal exemplo é suficiente para reforçar que suas ideias seguiam pressupostos basilares do pensamento econômico liberal e europeu, para instruir, ensinar e ler a realidade econômica nacional. Esta afirmação não anula, contudo, o engajamento crescente e em processo de consolidação, em constante e atualizado diálogo com as ideias de vanguarda que se fortaleciam no Velho Continente. Além do exemplo anterior, basta lembrar, também, a partir dos estudos de Juliane Cardozo de Mello⁸⁵⁸, o romance de Koseritz “A donzela de Veneza”, de 1859, que em seu enredo explora críticas ao clero, embora em proporções menores se comparadas àquelas que encontramos posteriormente,

⁸⁵⁶ CESAR, *História da Literatura do Rio Grande do Sul*..., op. cit., p. 253.

⁸⁵⁷ Schröder contrasta o período à chegada de pastores alemães, a partir de 1880, quando “os Brummer provocam cisões na comunidade com serrazina impiedosa e ideias liberais”. Cf. SCHRÖDER, Ferdinand. *A imigração alemã para o Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Unisinos/Edipucrs, 2ª edição, 2003, p. 163.

⁸⁵⁸ VAZ, *Carlos von Koseritz. Novelas*..., op. cit., p. 25.

quando o intelectual passou a dirigir censuras à atuação da ideologia religiosa em seus textos e em suas preleções nas lojas maçônicas.

Não menos importante é destacar, como fez Guilhermino Cesar, em contraposição aos dizeres de Silvio Romero, que Koseritz não somente ocupou-se com a imprensa político-partidária nas décadas iniciais no Brasil, mas demonstrava-se um jornalista de combate, coexistindo um personagem que demonstrava interesse pelo progresso da ciência natural e “abeberou-se fartamente nos autores alemães, cujas opiniões e doutrinas ele, Koseritz, ‘darwinista convencido’, foi com certeza o primeiro a divulgar, cotidianamente, neste país, desde quando ingressou no jornalismo, ainda na cidade de Pelotas”.⁸⁵⁹ Para Cesar, o ano de 1874 seria, portanto, um divisor, na medida em que se instituiu um novo momento. Koseritz e Barreto passaram a ser aliados, engajados pelo mesmo combate, bem como amigos, segundo a descrição feita por Silvio Romero. Também, Tobias Barreto configurava-se como um apoio e um suporte para Koseritz, no sentido de garantir a ele uma imparcialidade, e que sua adesão aos princípios germanistas não fossem apenas entendidos como um fervor natural pela sua terra natal. Além disso, ao sergipano ainda se pode atribuir a tarefa de ter estruturado, pela primeira vez, uma campanha sistemática pelas ideias germanistas no país. Tal aspecto só encontraríamos em Koseritz depois de seu contato com os pensadores do Nordeste.

O reconhecimento aos intelectuais da *Escola do Recife* deve levar em consideração as próprias observações de Koseritz, para esclarecer alguns pontos sobre o pioneirismo em questão. Em muito admirava a produção de Silvio Romero, especialmente no momento em que foi lançada a obra *A Filosofia no Brasil*. Em diferentes artigos espalhados na imprensa local, Koseritz referiu-se ao caso como “um verdadeiro acontecimento literário e científico”, dizendo que o “nome ontem ainda era tido por pseudônimo, tomou com ele lugar na primeira plana de nossa literatura crítica”.⁸⁶⁰

A pobreza de nossa literatura em livros de filosofia não seria milagre, quando mesmo tivéssemos (o que não temos) uma literatura científica do nível da insignificância; não seria milagre dizermos, porque um país que não possui faculdades filosóficas, que considera a filosofia como

⁸⁵⁹ CESAR, *História da Literatura do Rio Grande do Sul...*, op. cit., p. 253. A constatação de que Koseritz teria divulgado ideias de matizes germanistas em Pelotas precisa ser examinada a partir da consulta de fontes primárias locais, especialmente os periódicos pelos quais teve passagem.

⁸⁶⁰ *Gazeta de Porto Alegre*, 13/2/1879.

simples preparatório e cujos programas de instrução baseiam o saber legível em filosofia nos velhos compêndios escolares da França e Portugal, não pode razoavelmente aspirar ter uma literatura filosófica. E de fato partem as poucas obras analisadas pelo Dr. Silvio Romero, na maior parte, de pessoas formadas em alguma academia da Europa ou temporariamente residentes no velho mundo.

[...].

Silvio Romero é um dos raros apóstolos dessa escola crítica que incertos passos vai ensaiando no Brasil.

Um país sem crítica não pode intelectualmente progredir. E nós o temos sido na mais rigorosa acepção da palavra.

[...]

Sem crítica não há progresso político ou administrativo, não o há também literário e científico.⁸⁶¹

Além da obra filosófica, textos literários de autoria do “patriota entusiasta e convencido” foram apreciados em seções dos jornais, como *Cantos do fim do século*, que constituía “um audacioso tentamen de revolução literária, que devia fixar em alto grau a atenção do público, se tivéssemos crítica literária”.⁸⁶² Embora o incluísse, em outros tempos, como secretário de Comte, Silvio Romero teria deixado as concepções positivistas, “por amor a Spencer, a Darwin, a Haeckel, a Büchner, a Vogt, a Moleschot, a Huxley”. Afinal, o bacharel sergipano, formado pela *Escola do Recife*, havia sido adepto dos pressupostos comtianos, abandonando-os depois que passou a nomear Spencer, Darwin, Haeckel, Büchner, Vogt, Moleschott e Huxley como “os sete sábios modernos”. Permanecendo grande parte de sua vida no Rio de Janeiro, onde redigiu para jornais, escreveu livros, foi deputado, além de ministrar aulas no Colégio D. Pedro II, Romero “aplicou a sua multiforme operosidade à história, à etnologia, ao direito, à poesia e à crítica literária”.⁸⁶³ Demonstrava-se membro da nova escola crítica, para a qual se levantava, também, sua missão política – “a imprensa é nossa arena”.⁸⁶⁴ Para Koseritz, ele era, antes de tudo, um filósofo, em comparação a Tobias Barreto, a quem considerava ser o mais erudito e mais engenhoso entre aqueles que cultivavam a especialidade no país.

Fará ele escola?

[...].

⁸⁶¹ *Gazeta de Porto Alegre*, 13/2/1879.

⁸⁶² *Gazeta de Porto Alegre*, 14/2/1879.

⁸⁶³ Silvio Romero chegou a dizer que o positivismo deveria ser combatido pelos seguidores do naturalismo evolucionista, por considerá-lo como o neojesuítismo. Assim como abandonou Comte, afastou-se, gradativamente, dos “sete sábios”, restando apenas afinidades com Darwin e Spencer. FRANCA, *Noções...*, op. cit., p. 300-308.

⁸⁶⁴ *Gazeta de Porto Alegre*, 4/3/1879.

Todos os Messias, todos os que abrem novos horizontes à ideia humana, têm sido e são pobres diabos.
 Provam-no Giordano Bruno e Galilei, Spinoza e Feuerbach, Camões e Schiller.
 Nem Silvio Romero estranhará sua sorte.⁸⁶⁵

Porto outro lado, Tobias Barreto recebeu maior entusiasmo por parte do pensador teuto-brasileiro, a quem considerava como “maior jurista brasileiro”, e o “primeiro crítico brasileiro e chefe da nova escola crítica que agora se forma”. Para tanto, basta observar como foi mencionado, transcrito, elogiado e analisado, frequentemente, pela sua imprensa, engajado em romper com a influência gaulesa sobre a “ciência brasileira”. Era um daqueles homens, segundo Koseritz, de que dizia Alfred von Wolzogen – “Diese Individuen bilden die Centralpunkte der Entwicklung”.⁸⁶⁶ No início do ano de 1889, quando Tobias Barreto se encontrava em séria enfermidade, alguns médicos passaram a insistir que a única maneira de salvá-lo estava condicionada a tratamentos na Europa. O proprietário do *Koseritz’ Deutsche Zeitung* não ficou indiferente, e passou a organizar uma campanha para arrecadar fundos para a viagem de Tobias Barreto à Europa.⁸⁶⁷ A penúria e a pobreza em que se encontrava o amigo sergipano tornaram-se justificativas para Koseritz fazer o apelo em busca de auxílio. Era dirigido, especialmente, aos alemães e teuto-brasileiros, que deveriam reconhecer em Barreto o trabalho em prol da cultura germanista no Brasil – comparado a Hércules, esmagando os opositores da cultura alemã. Nesse sentido, os elogios a Barreto se acumulavam, ao citá-lo como “o mais significativo amigo dos alemães”, cujo trabalho demonstrava convicções de profunda lealdade para o “espírito alemão e conhecimento alemão”. Nesse texto, o próprio Koseritz atribuiu a Tobias Barreto o pioneirismo pela ciência e literatura alemã no Brasil, tratando-o como talento raro, responsável pelas “brilhantes conquistas da moderna literatura brasileira”. Ressaltava que o nome do expoente nordestino chegava à velha pátria, onde também era apreciado por Haeckel, Weiber e Paulina Moser⁸⁶⁸, que faziam os maiores elogios ao seu pensamento. Afinal, como diria Koseritz, Tobias Barreto foi o pioneiro a combater a influência francesa, e

⁸⁶⁵ *Gazeta de Porto Alegre*, 4/3/1879.

⁸⁶⁶ “Estes indivíduos constituem os pontos centrais do desenvolvimento”. *Gazeta de Porto Alegre*, 26/2/1879.

⁸⁶⁷ *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, 23/1/1889.

⁸⁶⁸ A poetisa Paulina Moser chegou a registrar os versos a Tobias Barreto: Du, Menezes, hast in dem Deuschtum geschaut / Den Genius, der dich zur Unsterblichkeit fuehrt. Cf. CENTRO de Documentação do Pensamento Brasileiro. *Tobias Barreto (1839-1889)*. Bibliografia e Estudos críticos, p. 46. Disponível em http://www.cdpb.org.br/tobias_barreto.pdf> Acesso em 11 de out. de 2011.

chegou a comprovar que somente a crítica e o conhecimento alemão podiam trazer salvação ao país. No entanto, a campanha entre a comunidade teuta da província não foi concretizada. Tobias Barreto veio a falecer meses mais tarde, no dia 26 de junho de 1889.

Como se percebe na descrição, além de Koseritz estar aliado a importantes pensadores brasileiros, que procuravam divulgar uma nova ciência e uma visão crítica sobre as coisas e o mundo, o movimento tomava, também, outra frente. Engajado em diminuir a influência francesa sobre a política, as artes e as ciências, Koseritz se propunha a difundir o pensamento alemão no Brasil, ao demonstrar a "preocupação de renovar os padrões dominantes, em matéria de arte e ciência, pelo combate ao predomínio do pensamento francês".⁸⁶⁹ Numa clara associação às repercussões que as Guerras Franco-Prussianas viriam a provocar na Europa, tal posicionamento já pode ser percebido em 1862, quando publicou um "estudo histórico" no jornal *Echo do Sul*⁸⁷⁰, em 16 de março, sob o título "O Jacobino", descrevendo de maneira crítica os jacobinos franceses, valendo-se de um posicionamento irônico, quando afirmava que essa raça seria "preciosa sem dúvida e mil vezes melhor que qualquer canina da Escócia e da Dinamarca, ou a germânica".⁸⁷¹ Esse propósito foi compartilhado, por exemplo, com grande engajamento, por Tobias Barreto, admirador incondicional da produção intelectual dos pensadores alemães. De fato, encontra-se uma ausência de redes intelectuais com escolas francesas. Koseritz, por exemplo, orientava-se pelas escolas alemãs para os seus estudos etnográficos e geológicos na América do Sul. Enquanto isso, nomes como o do argentino Florentino Ameghino⁸⁷² seguiam os passos de estudiosos franceses, e estabeleciam um vínculo maior com os movimentos culturais da França.

Se por um lado é perceptível a influência de um novo postulado cientificista, e um grupo nascente de intelectuais engajado por esse movimento oitocentista, da mesma forma, há uma motivação concreta que a promoveu, especialmente pela

⁸⁶⁹ CESAR, Guilhermino. Carlos von Koseritz. In: *Fundamentos da cultura Rio-Grandense*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1960, p. 180.

⁸⁷⁰ Cf. MELLO, Juliane Cardozo de. Carlos de Koseritz. In: *Dicionário de autores de Rio Grande do século XIX*. Disponível em

<http://www.fontes.furg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4&Itemid=2> Acesso em 17 de abr. de 2013.

⁸⁷¹ *Eco do Sul*, 16/3/1862.

⁸⁷² Florentino Ameghino foi o primeiro grande homem da ciência natural argentina. Recebeu, em 1889, a medalha de bronze na Exposição Universal de Paris, pelos seus estudos realizados na Argentina.

estreita ligação entre os defensores do materialismo no sul do Brasil e os intelectuais da *Escola do Recife*. O movimento no Nordeste foi o primeiro movimento a dialogar, sistematicamente, com as concepções monistas, apropriando-se dos estudos e das discussões de Ernst Haeckel, com destaque para Tobias Barreto e Sílvio Romero, estabelecendo aproximações com Koseritz. Para a *Escola do Recife*, Antônio Paim considera quatro momentos diferentes, que podem revelar, igualmente, uma relação com outros movimentos, entre eles, o caso de Porto Alegre.⁸⁷³ A primeira fase, dos anos finais da década de 1860 até 1875, correspondeu à atuação de participantes pela renovação no campo das ideias, rejeitando o ecletismo espiritualista através de diferentes correntes, entre o positivismo, o darwinismo e o materialismo. O segundo momento apresentou concepções mais radicais e disciplinadas, rompendo profundamente com o positivismo, quando Sílvio Romero e Tobias Barreto empreenderam estudos para desconstruir a metafísica, sendo as obras *A filosofia no Brasil* e *Deve a metafísica ser considerada morta?* as duas produções mais significativas da fase, que abrangeu em torno de dez anos. Além de buscar uma nova doutrina para o movimento, Tobias Barreto tornou-se o centro da Escola, fixando “as linhas gerais de uma posição autônoma no debate entre as correntes difundidas no país”.⁸⁷⁴ A partir de 1885, o terceiro período da *Escola do Recife*, o movimento chegou a alcançar uma posição de predomínio nos meios intelectuais do Nordeste, o que representou seu apogeu. Em oposição ao positivismo e ao espiritualismo, preservou alguns centros de influência no Sul do país, mesmo com a morte de Tobias Barreto no ano de 1889. Contudo, na ausência de uma investigação filosófica consolidada, a *Escola* conservou-se em volta do cientificismo. A última fase, localizada no século XX, correspondeu ao declínio do movimento. De maneira geral, como destaca Paim, os intelectuais da *Escola do Recife* desejavam provocar mudanças na ideologia tradicional. Não somente acabar com o ecletismo e afastar as velhas correntes doutrinárias das escolas jurídicas, mas por mudanças nos costumes políticos. De certa forma, é nesse campo que

a sua impotência se manifestaria desde logo. Tiveram mesmo que reduzir o seu raio de ação, refugiar-se, primeiro na filosofia e no direito, para acabar – os que sobreviveram até o período que se seguiu à primeira guerra mundial – circunscritos à esfera jurídica. Mas, o que realizaram no sentido de radicar no País um pensamento

⁸⁷³ PAIM, Antônio. *A Escola do Recife*. Londrina: UEL, 1997, p. 50-52.

⁸⁷⁴ PAIM, *A Escola do Recife*..., op. cit., p. 50-52.

filosófico e por dar base científica ao estudo da sociedade e das suas relações jurídicas basta para situá-los como um ponto alto no processo de evolução de nosso povo e da constituição de sua cultura.⁸⁷⁵

Paralelamente, podemos entender que as fases da *Escola do Recife*, em muito, aproximam-se das ideias de Koseritz. Dessa maneira, podemos propor, a partir dos seus escritos na imprensa, uma periodização que compreendeu tempos e características distintas. A primeira fase correspondeu ao seu ingresso na imprensa, em Pelotas e Rio Grande. A partir de 1864, momento de sua chegada a Porto Alegre, pode-se reconhecer um momento distinto daquele que se deu anteriormente, com destaque para temas que passaram a integrar seu programa, entre eles, o germanismo e o anticlericalismo. Além disso, é nesse período que se percebe sua entrada em círculos de influência política e cultural, com destaque para o *Partenon Literário*, a maçonaria e os partidos Liberal e Conservador. Em meados da década de 1870, o desenvolvimento das ideias científicas deu-se após o contato sistemático com a *Escola do Recife* e com as correntes de pensamento europeias. Nessa terceira fase, houve uma florescente participação de Koseritz nos empreendimentos de imprensa, reforçando seu discurso pela germanidade nos jornais de língua alemã, bem como a radicalização do discurso anticlerical e as vertentes intelectuais germânicas renovadoras para a literatura e a ciência natural, por exemplo. Foi a partir dessas circunstâncias que tratou em constituir uma via de pensamento independente das correntes tradicionais do momento. Sem tratar-se de uma ruptura com o período anterior, uma quarta fase pode ser indicada a partir do surgimento do *Koseritz' Deutsche Zeitung*. Neste jornal, assim como em outros de que fez parte, há uma renovação das questões políticas, em sintonia com sua entrada na Assembleia Provincial do Rio Grande do Sul, acentuando-se ainda mais uma vertente pelas ciências naturais e o engajamento pelo elemento teuto-brasileiro na província. Foi, sem dúvida, a fase em que sua imagem estabeleceu parâmetros mais sólidos para a realidade intelectual da província, fazendo-se respeitado em diferentes círculos, também entre seus opositores. Além disso, é nesse tempo que seu nome passou a dividir ainda mais as opiniões entre a elite alemã e teuto-brasileira, em especial, após os episódios da *Exposição Brasileira-Alemã*, e do seu desentendimento com o cônsul alemão em Porto Alegre, ter Brüggem. Não menos

⁸⁷⁵ PAIM, *A Escola do Recife...*, op. cit., p. 52.

importantes foram as oposições com os republicanos, que resultaram na sua exclusão da cena política, após a instalação da República.

Como se pode perceber, a periodização da imprensa, proposta para Koseritz, sugere aproximações àquilo que ocorria em outros locais. De maneira singular, as afinidades com o movimento do Nordeste possibilitaram um incremento mais sistemático e regular ao seu pensamento. É, portanto, no interior desse processo que se pode, também, reconhecer a circularidade alcançada pelos periódicos, por exemplo, através dos jornais editados no Brasil pela colônia alemã, vinculada à projeção do nome de Tobias Barreto, tornando-se conhecido pelo público da Alemanha. Além disso, seu nome tornou-se nacional, pois chegou com força ao Rio Grande do Sul. Koseritz publicou no *Deutsche Zeitung*, *Gazeta de Porto Alegre* e *Koseritz' Deutsche Zeitung*, artigos a propósito da obra do pensador sergipano e levou-a ao conhecimento de Haeckel e outros filósofos alemães com os quais se correspondeu.⁸⁷⁶ Portanto, parece interessante considerar que Koseritz tenha tido conhecimento do monismo alemão, no Brasil, através de Tobias Barreto, enquanto o nome do intelectual sergipano foi levado ao conhecimento de Haeckel por meio das correspondências de Koseritz. Essa peculiaridade permitiu que os dois registrassem impressões semelhantes de admiração, a respeito de Tobias Barreto. Segundo o jornal *Gazeta de Porto Alegre*, “Tobias Barreto é incontestavelmente o único autor brasileiro que, antes da publicação do trabalho [de Sílvio Romero, *Filosofia do Brasil*] que nos ocupa, merecia o título de filósofo”.⁸⁷⁷ Era não somente um patriota, mas alguém que demonstrava patriotismo.

Patriota sincero é Tobias Barreto de Menezes, fustigando sem cessar os nossos males sociais, políticos e literários, não o são porém aqueles que se afadigam a reproduzir velhas chapas sobre a nossa magnificência, precedência, saliência, excelência e tudo o mais que acaba em *encia*.

Patriota é quem se esforça por restabelecer consciência do dever no funcionalismo público, a honestidade nas relações comerciais, o progresso na instrução do povo.⁸⁷⁸

Além da receptividade ao trabalho de Tobias Barreto, Koseritz também demonstrou grande apreço ao trabalho de Sílvio Romero. Em muitas passagens,

⁸⁷⁶ PAIM, Antônio. *A Escola do Recife*. Londrina: UEL, 1997, p. 107.

⁸⁷⁷ *Gazeta de Porto Alegre*, 21/2/1879.

⁸⁷⁸ *Gazeta de Porto Alegre*, 7/4/1879.

suas considerações não deixaram de apontar entusiasmo frente ao jovem intelectual da *Escola do Recife*.

O livro do Dr. Sílvio Romero é um verdadeiro acontecimento literário e científico.

O moço, cujo nome ontem ainda era tido por pseudônimo, tomou com ele lugar na primeira plana de nossa literatura crítica [...].

Saudamos com grande prazer esse viril tentâmen de um escritor brasileiro, que arvorando a bandeira da crítica objetiva, citou perante o tribunal da opinião os poucos escritores que no Brasil têm tratado de questões filosóficas.⁸⁷⁹

O elogio à obra de Sílvio Romero indica a aproximação intelectual que se configura como espaço de circulação de saberes no Brasil. Koseritz tomou para si a tarefa de divulgar a obra *A filosofia no Brasil*. O anúncio publicado na *Gazeta de Porto Alegre*, de 18 de fevereiro de 1879 – “Saiu à luz e acha-se à venda em casa dos editores Ter Brügggen & Comp.” – evidencia o engajamento pela publicidade dos escritos e à figura de Romero. Não se tratava de casos isolados, pois chamadas tornaram-se recorrentes. Além do mais, poder-se-ia reconhecer um engajamento recíproco, embora, mais tarde, Romero tenha lançado duras críticas a Koseritz, especialmente quando tratava das populações imigrantes no sul do Brasil. Juntos estiveram em um projeto de divulgação científica, a publicação da revista *Estudos Livres*, a qual teria o interesse em reaproximar a aliança intelectual luso-brasileira, em um contexto de crise provocada pela mudança mental e política entre Portugal e Brasil.

A Revista de Estudos Livres visa à aplicação dos eternos princípios da liberdade intelectual, moral e política aos acontecimentos atuais, para os julgar e poder deduzir deles as condições do progresso. Todas as investigações nos interessam, contanto que elas conduzam para um ponto de vista social. Na crise de transformação mental e política em que vão entrando as duas nacionalidades portuguesa e brasileira, filhas da mesma tradição histórica, nas quais o regime católico-monárquico subsiste pela inércia, mas sem apoio nas consciências, é imensamente necessário um órgão crítico e especulativo que agremiasse os dois povos para a inteligência da sua tra[n]sição inevitável.

A Revista de Estudos Livres tornar-se-á benemérita no dia em que inicie esta convergência necessária, até hoje firmada apenas pelo nexos econômico e pela concorrência mercantil, formas espontâneas da síntese ativa. Entre Portugal e Brasil existem as bases profundas

⁸⁷⁹ *Gazeta de Porto Alegre*, 13/2/1879.

de uma síntese afetiva, como se verificou esplendidamente nas festas do Centenário de Camões, porém as publicações intituladas “luso-brasileiras”, não podendo elevar-se à compreensão da síntese especulativa, ou acordo mental, caíram diante da chateza da exploração do assinante, obstando pelo descrédito à influência de um pensamento tão fecundo.⁸⁸⁰

Conforme Marçal Menezes de Paredes⁸⁸¹, a revista tinha dupla diretoria literário-científica, a portuguesa, aos cuidados de Teófilo Braga⁸⁸² e Teixeira Bastos, e a brasileira, destacando-se os nomes de Américo Brasiliense de Almeida Melo, Silvío Romero e Karl von Koseritz. A revista era editada mensalmente, em Lisboa, pela Nova Livraria Internacional, de propriedade de José Carrilho Videira, que também era um de seus colaboradores.⁸⁸³ No jornal *Koseritz’ Deutsche Zeitung* é possível encontrar a seguinte nota sobre a publicação.

Revista de Estudos Livres é o título da revista liberal, que surge em língua portuguesa. Ela foi lançada por Carrilho Videira em Portugal e seus diretores científico-literários são: em Portugal Teófilo Braga e Teixeira Bastos (os dois filósofos mais importantes da atualidade portuguesa), e no Brasil Américo Brasiliense, C. v. Koseritz e Silvío Romero. Esta revista trata todas as questões científicas e filosóficas do tempo presente, que interessam aos dois povos, à luz da crítica moderna e é absolutamente o que de melhor e mais importante, na língua portuguesa, vem sendo realizado nesse campo. Assinaturas da mesma (estão disponíveis oito números) são aceitas por Carlos Pinto. No próximo número serão publicados trabalhos do redator desta folha sobre “Pessoas americanas no Brasil” e sobre a “Poesia popular na província do Rio Grande do Sul”.⁸⁸⁴

Como destaca Pedro Teixeira Mesquita, tratava-se de um “órgão científico ‘transatlântico’, propondo-se a congregar escritores portugueses e brasileiros, pelo que a direção literário-científica da revista era também composta por um núcleo luso-brasileiro”.⁸⁸⁵ A perspectiva científicista, interessada pelo estudo das histórias e

⁸⁸⁰ *Revista de Estudos Livres*, 1883, Editorial do 1º volume.

⁸⁸¹ PAREDES, A Querela dos Originais..., op. cit., p. 113.

⁸⁸² Em carta de 22 de dezembro de 1884, Koseritz agradeceu a apreciação feita por Teófilo Braga sobre os escritos de *Bosquejos Etnológicos*: “um juízo crítico de inestimável valor, a um pequeno e pouco importante trabalho, como os modestos *Bosquejos etnológicos*”. A carta é citada por Marçal de Menezes Paredes, e encontra-se em *Quarenta Anos de Vida Literária 1860-1900 – Cartas a Teófilo Braga*, com um prólogo “Autobiografia mental de um pensador isolado”. Cf. PAREDES, A Querela dos Originais..., op. cit., loc. cit..

⁸⁸³ Foi proprietário da revista entre fevereiro de 1883 e o primeiro bimestre de 1886. Nesse período foram editadas 33 edições. A impressão era feita pela Tipografia de A. J. da Silva Teixeira, da cidade do Porto. Cf. MESQUITA, Pedro Teixeira. *Revista de Estudos Livres*. Disponível em < <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/RevistadeEstudosLivres.pdf>> Acesso em 26 de dez. de 2014.

⁸⁸⁴ *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, 29/11/1883. Nas edições publicadas, não foi possível localizar os textos mencionados no jornal.

⁸⁸⁵ MESQUITA, *Revista de Estudos Livres*..., op. cit., loc. cit.

culturas nacionais, servia de ponto de contato entre espaços geograficamente distantes. Pela pesquisa aos índices dos números da revista, percebe-se uma participação interessante de diferentes nomes de referência, tanto em Portugal quanto no Brasil.⁸⁸⁶ Além disso, os temas também tratavam de assuntos diversos, o que correspondia ao desejo de fazer da revista um espaço aberto para o livre pensamento.

Publica-se mensalmente um fascículo de três a quatro folhas de impressão, em 8º grande, corpo 10, formando no fim do ano um volume de 600 a 700 páginas. Consta de artigos ou ensaios científicos, filosóficos e literários, com bibliografias críticas e documentos que interessem diretamente à história intelectual e política de Portugal e do Brasil.

A Revista de Estudos Livres será redigida por escritores portugueses e brasileiros, aceitando a franca cooperação de todos os pensadores, salvo as atividades retrógradas.⁸⁸⁷

Cada diretor responsabilizou-se por um eixo temático. Para o segundo ano de publicações, por exemplo, Koseritz organizaria o programa de matérias a partir do tópico “Estudos Biológicos”.⁸⁸⁸ Ainda, encontrava-se no fascículo de 1884-1885, texto de Koseritz sobre o “Budaísmo” e a apreciação crítica de *Bosquejos Etnológicos*, autoria atribuída a Teófilo Braga. No III Volume (1885-1886), há um exame analítico de *A terra e o homem à luz da moderna ciência*.

Embora em Portugal *Estudos Livres* estivesse ancorada a uma “orientação mais positivista, que nas últimas décadas do século XIX fazia o seu caminho em Portugal como esteio de um republicanismo em afirmação”⁸⁸⁹, viés que caracterizava, fortemente, os pensadores portugueses da revista⁸⁹⁰, os colaboradores brasileiro tinham suas restrições a essa doutrina, incluindo uma oposição aberta, que cresceu, em especial, durante a década de 1880, como fizera

⁸⁸⁶ Dentre os colaboradores com uma maior quantidade de artigos publicados, encontramos nomes como, pelo lado português, de Carlos de Melo, Filipe de Figueiredo, José Augusto Vieira, José Leite de Vasconcelos, Júlio Lourenço Pinto, Reis Dâmaso, Teixeira Bastos e Teófilo Braga, num grupo onde ainda se incluíam António José Teixeira. Dentre os brasileiros, destacam-se os nomes de Sílvio Romero, Koseritz, Argemiro Galvão, Clovis Bevilacqua, Isidoro Martins Júnior, Júnior de Sousa e Tobias Barreto (1839-1889). As “prometidas” colaborações do russo Grigorii Vyubov (ou, no afrancesamento corrente à época, Grégoire Wyrouboff), e do francês Émile Zola, previstas para o segundo volume, segundo Pedro Teixeira Mesquita, não chegaram a ser concretizadas.

⁸⁸⁷ *Revista de Estudos Livres*, 1883, Índice do 1º volume.

⁸⁸⁸ *Revista de Estudos Livres*, 1883-1884, p. 1.

⁸⁸⁹ MESQUITA, *Revista de Estudos Livres*..., op. cit., loc. cit.

⁸⁹⁰ Teófilo Braga, Teixeira Bastos, Júlio de Matos e José Carrilho Videira chegaram a formar o grupo do Centro Republicano Federal de Lisboa. Cf. MESQUITA, *Revista de Estudos Livres*..., op. cit., loc. cit.

Koseritz. Tratava-se de uma diferença considerável, mas que não chegou a tornar-se empecilho concreto para a publicação.

Da mesma forma, indicar o nome de Koseritz aponta para outra considerável diferença. Ao situá-lo no contexto político brasileiro do Império nos anos de 1880, posicionou-se favorável à Monarquia, sem, no entanto, desprezar o modelo republicano. Entre os principais nomes portugueses, há uma adesão consistente, por via do positivismo, à causa republicana no país ibérico.⁸⁹¹ Para José Fernando Carneiro, Koseritz repudiava não somente o catolicismo, mas, em esforço menor, o positivismo – “Darwin matará Comte”.⁸⁹² No Rio Grande do Sul, republicanos como Júlio de Castilhos e Assis Brasil tornaram-se ferrenhos opositores à influência de Koseritz. No entanto, sem extremar as restrições que este intelectual projetou sobre o positivismo, uma vez que suas posições, seus julgamentos e suas opiniões também se adaptavam a certas circunstâncias, na *Gazeta de Porto Alegre*, do dia 23 de abril de 1879, na seção de pequenas notícias, anunciava-se a maneira satisfatória como caminhava a filosofia positivista na “velha terra lusa”. Nesta passagem, atribuíam-se a Teófilo Braga o “maior merecimento no caso, e agora ainda acaba ele de dar um passo para a frente, publicando, com muito boa aceitação, uma revista intitulada – *O Positivismo*”. A nota ainda publicaria integralmente o programa da revista, cujas especificidades se resumiam na intenção de “vulgarizar, desenvolver e aplicar a todas as questões científicas” os princípios da filosofia positiva.⁸⁹³

Curiosamente, Koseritz foi motivo de discórdia e de provocações entre Teófilo Braga e Silvio Romero, uma vez que o positivista português acusava o filósofo sergipano de aproveitar-se das coletas arqueológicas e etnográficas realizadas por Koseritz. Romero defendia-se ao dizer que o intelectual era um amigo seu e que lhe fora permitido utilizar o material para realizar as análises que havia publicado. As referências de Koseritz a Teófilo Braga valeram-se de um mesmo tom de gentileza, apontando-o como proeminente filósofo português, e seguramente uma pessoa importante, que se encontrava no topo do movimento progressista em Portugal, com

⁸⁹¹ Para Almeida Catroga, o positivismo contribuiu grandemente para a coesão doutrinária do Partido Republicano em Portugal. CATROGA, Fernando de Almeida. *Os inícios do positivismo em Portugal*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1977, p. 36-37; RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. *O Positivismo em Portugal e no Brasil – semelhanças e diferenças*. Disponível em <http://www.ecsbdefesa.com.br/fts/PPBSD.pdf>. Acesso em 26 de dez. de 2014.

⁸⁹² CARNEIRO, *Karl von...*, op. cit., p. 21.

⁸⁹³ Cf. *Gazeta de Notícias*, 23/4/1879.

alcance também no Brasil, ao lado de Teixeira Bastos, ambos responsáveis em dar vida à *Estudos Livres*, o órgão responsável pelo esclarecimento científico em terras de fala portuguesa.⁸⁹⁴ De algumas rusgas, no entanto, Koseritz tomara parte, conclusão que pode ser retirada dos escritos em periódicos que dão conta da proximidade com o intelectual sergipano. Em 1883, quando do lançamento de *Lucros e perdas: crônica mensal dos acontecimentos*⁸⁹⁵, Teófilo Braga lançou um manifesto no Rio de Janeiro, criticando os escritos de Silvio Romero e da apropriação que este fazia dos pressupostos científicos da intelectualidade alemã, inclusive os ridicularizando, conforme palavras de Koseritz.⁸⁹⁶ Em defesa de Romero, argumentaria que ambos no Brasil estavam engajados pelo processo da cientificidade e da crítica alemãs, lembrando que eram de conhecimento do positivista português os referenciais pelos quais estavam engajados. Koseritz, inclusive, publicou artigo na folha *Gazeta de Porto Alegre* defendendo o posicionamento e a obra de Silvio Romero.⁸⁹⁷ Enfim, talvez possa o conteúdo de *Lucros e perdas* demonstrar as divergências entre os intelectuais, tendo em vista as menções pouco amistosas feitas ao pensamento positivista e aos seus principais ícones, como demonstra a passagem a seguir.

Littré estava por certo no direito de ir com o mestre até onde quisesse ou pudesse, o que não tinha era o direito de ridicularizá-lo. Eu não sou positivista; acho o comtismo um sistema atrasado e compressor, que faz uma figura apoucada ao lado do associonismo inglês e do naturalismo alemão. Se de Comte saíram Littré e Laffitte, de Darwin destacaram-se Spencer e Haeckel, e eu não vacilo na escolha, mas julgo que a seita dos ortodoxos é superior a dos outros.⁸⁹⁸

Textos, como os de Silvio Romero, não se restringiram aos espaços de construção do conhecimento oitocentista. Além disso, causavam disputas que se davam não somente entre os intelectuais do período. A postura combativa, como já demonstramos em outro momento, permitiu que as discussões de trato teórico chegassem aos mais diferentes grupos. Foi no interior desse processo que se

⁸⁹⁴ Koseritz' *Deutsche Zeitung*, 29/11/1883.

⁸⁹⁵ A obra versava sobre tópicos contemporâneos, entre eles “A situação liberal”, “A emancipação dos escravos”, “Obrigatoriedade e liberdade de ensino”, “Teorias históricas e escolas literárias no Brasil”, entre outros. ROMERO, Silvio. *Lucros e perdas: crônica mensal dos acontecimentos*. Rio de Janeiro: Livraria Contemporanea de Faro & Lino, 1883.

⁸⁹⁶ Koseritz' *Deutsche Zeitung*, 29/11/1883.

⁸⁹⁷ Silvio Romero também organizou prontamente um artigo para que pudesse ser publicado.

⁸⁹⁸ ROMERO, Silvio. *Lucros e perdas*..., op. cit., p. 38.

fizeram circular, por exemplo, as ideias renovadoras do campo científico. As consequências dessa agitação cultural fizeram mobilizar diferentes reações e manifestações. A partir da década de 1870, em especial, movimentos de renovação intelectual desequilibraram as perspectivas tradicionais, e passava-se a insistir, nas palavras de Romero, na “instabilidade de todas as coisas”. Dessa forma, não nos surpreendem os posicionamentos agnósticos de Koseritz, radicais para a época, ainda mais fortalecidos após o rompimento com a Igreja Católica. O materialismo monista tornava-se uma de suas principais orientações dogmáticas, no momento em que o abismo entre religião e ciência crescia de maneira irreversível, abrindo novas frentes de guerra entre os dois mundos, e agravando uma crise religiosa. Para o antropólogo evolucionista Frazer, a religião estava fora de moda, e seria substituída pela ciência, a chave de ouro que abriria o tesouro da natureza.⁸⁹⁹ Da mesma forma, os adeptos da nova ciência estavam convencidos de que o mundo podia fazer-se a si próprio, sem desígnio da natureza. Koseritz impulsionou tal debate no Rio Grande do Sul, valendo-se do apoio das lojas maçônicas para divulgar um discurso tenaz e radical contra o teologismo cristão, especialmente por meio de suas exposições orais e discursos animados na loja maçônica *Zur Eintracht*. A mesma postura se encontrava em diferentes periódicos, nos quais foi redator e colaborador.

Senhores! Não há hoje um homem pensador que não compreenda que a Bíblia é obra humana, porque a revelação não resiste à crítica da ciência.

A Bíblia é uma coleção de mitos religiosos de povos mais cultos, como o é de menos cultos o Zend-Avesta de Zoroastro, o Y-King de Confúcio, a Sutra do Budismo, que todos reclamam para si o caráter sagrado da revelação.

Pois bem, senhores! Essa coleção de mitos israelitas e cristãos, que chamamos Bíblia e que forma a base da religião em que fomos educados, que codifica os princípios e concreta as suas ideias, encerra tais heresias contra a ciência e contra a própria razão, que se torna absurda em muitas de suas partes e foi a consciência desta verdade que levou a cúria romana a proibir aos católicos a leitura dela.⁹⁰⁰

No *Koseritz' Deutscher Volkskalender* de 1877, sob o título “O triunfo da Ciência Natural sobre a Religião e a Filosofia II”, Koseritz demonstrou sua erudição sobre o tema, ao discutir de que maneira as bases da Igreja Católica haviam sido corroídas pelos movimentos da ciência natural. Sua análise e sua argumentação

⁸⁹⁹ BAUMER, *O pensamento Europeu...*, op. cit., p. 118.

⁹⁰⁰ KOSERITZ, *A Terra e o Homem à luz da moderna ciência...*, op. cit., p. 23.

passaram pelos nomes de Lutero, Jacob Böhme, Giordano Bruno, Espinosa, John Locke, Leibniz, Mendelsohn, Charles Bonnet, Hegel, Kant, Schopenhauer etc. Outros artigos também reforçaram a ação doutrinária do almanaque, reforçando os ideais cientificistas, e atacando, em especial, a Igreja Católica, os jesuítas e a religião. Criava-se, por meio da recorrência de alguns temas e problemas, molduras e categorias interpretativas, um esquema de conhecimento para dar sentido a aspectos da realidade dos leitores, em especial os teuto-brasileiros. Citam-se, a exemplo de constatação, os seguintes títulos: “A crença nas mãos dos Jesuítas” (1874), “O desenvolvimento do gênero humano” (1875), “O triunfo da Ciência Natural sobre a Religião e a Filosofia I” (1876), “Os jesuítas e sua moral” (1876), “O triunfo da Ciência Natural sobre a Religião e a Filosofia II” (1877), “Obras dos jesuítas” (1878), “O triunfo da Ciência Natural sobre a Religião e a Filosofia III” (1878).

Não admito, senhores, que o homem que não sabe compreender, nem acompanhou as grandes conquistas da ciência moderna, ataque em público crenças alheias, somente para singularizar-se [...]. Ninguém está autorizado a tirar ao próximo uma crença, se não tem como substituí-la pela eterna luz da verdade. Só devemos pregar aos outros doutrinas e ideias que temos concebido e que em nós já tomaram a rija força da convicção.⁹⁰¹

As posturas pela nova ciência, como se pode perceber, atingiram força a partir das publicações que se podem encontrar para o período. Koseritz valeu-se da imprensa do século XIX para divulgar seus princípios cientificistas. Um de seus mais importantes ofícios no Brasil foi dirigir e editar uma grande variedade de jornais, revistas e calendários anuais. Nesses espaços, apresentava suas ideias e seus valores aos leitores seus discursos e as posições filosóficas e cientificistas, assim como os temas políticos e econômicos que se propôs a discutir. Os empreendimentos vão além dos espaços tradicionais para os quais frequentemente é mencionado. Nesse sentido, havia uma série de propostas que resultaram na criação de diferentes jornais, embora fossem, muitas vezes, efêmeros.

O *Eco do Ultramar* pode ser um bom exemplo para exemplificar a atuação de Koseritz para além dos prelos mais conhecidos. Na companhia de Luiz Kraemer Walter e Argimiro Galvão, a folha inscrevia-se nos propósitos das discussões que pretendiam afastar a influência francesa, combinado ao interesse em divulgar, no Rio Grande do Sul, princípios filosóficos do monismo, do transformismo e das

⁹⁰¹ KOSERITZ, A Terra e o Homem à luz da moderna ciência..., op. cit., p. 19.

demais correntes naturalistas do cientificismo europeu. Por outro lado, exteriorizava-se a ligação com o movimento do Nordeste, com alusões a Silvio Romero e Tobias Barreto. Esse jornal surgiu em 1876, quando se completaria um segundo ciclo para a *Escola do Recife* (1868-1876), que foi considerada, por Romero, como a fase de maior decisão e substância do movimento.⁹⁰² Enquanto a *Escola do Recife* apresentava uma reação de base cultural, a Escola de Porto Alegre se fez, também, pela ascensão do imigrante alemão nos quadros políticos e sociais da província. Segundo Guilhermino Cesar⁹⁰³, “intelectuais nativos de certo porte, um Apolinário Porto Alegre⁹⁰⁴, um Damasceno Vieira⁹⁰⁵, um Taveira Júnior⁹⁰⁶, também aproveitaram a lição da cultura germânica, mas sem os choques e exageros registrados em outras partes do Brasil”.⁹⁰⁷

O jornal *O Combate*, que se anunciava para o ano de 1886, também representa a importância que a imprensa independente assumia para a divulgação das novas teorias. Nesse ponto, entende-se que a formação de certos pares possa demonstrar a aproximação e a afinidade por certos discursos. Assim, o nome de Argimiro Galvão pode ser mencionado para um jornal como *Eco do Ultramar*, somado à folha *O Combate*. Em todos eles, publicou-se produção escrita sobre filosofia e ciências naturais.⁹⁰⁸ Juntos, Koseritz e Galvão aspiravam por reforçar o “sentimento íntimo da Humanidade” por uma “consciência científica e histórica”, e chegar, portanto, “à solução dos mais sérios problemas sociológicos”. Ambos estavam convencidos do desenvolvimento e progresso da ciência, mas sentiam a necessidade de firmar “a unidade dinâmica das leis da física no universo, das leis antropológicas, etnográficas, psicológicas no homem e nos povos, das leis dos fenômenos sociais na sociedade, explicando as ações e reações da vida”. Dessa forma, poderia ser possível aos povos valer-se dos recursos do meio ambiente e das forças que nele se manifestavam. O primeiro editorial, assinado por Koseritz e

⁹⁰² FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa literária...*, op. cit., p. 95-96.

⁹⁰³ CESAR, *História da literatura do Rio Grande do Sul...*, op. cit., p. 255.

⁹⁰⁴ Apolinário Porto Alegre foi o primeiro presidente do Partenon Literário. Grande parte de sua produção literária está na *Revista da Sociedade do Partenon Literário* e no jornal literário *Murmúrios do Guaíba*. Colaborou em diversos jornais, como *Gazeta de Porto Alegre*, *Rio-Grandense*, *Imprensa*, *Federação*, *Jornal do Comércio*, *Democracia*, *A Reforma*.

⁹⁰⁵ João Damasceno Vieira Fernandes nasceu em Porto Alegre, e destacou-se como jornalista, poeta, dramaturgo e historiador.

⁹⁰⁶ Bernardo Taveira Júnior destacou-se como professor e escritor, nasceu em Pelotas.

⁹⁰⁷ CESAR, *História da literatura do Rio Grande do Sul...*, op. cit., p. 255.

⁹⁰⁸ Para Athos Damasceno Ferreira, Koseritz esteve mais inclinado para o nome de Tobias Barreto, enquanto Argimiro Galvão, para o de Silvio Romero. Cf. *Idem*, p. 149.

Argimiro Galvão, procurava estabelecer as orientações para compreender as mudanças daquele novo tempo, valendo-se da citação do jurista italiano Giuseppe Vadalà Papale, para dizer que “o momento histórico do pensamento humano preparou esta evolução”.

É impossível furtamo-nos às ideias do tempo em que vivemos.
 Por muitos séculos dominaram as doutrinas teológico-metafísicas, estamos hoje em pleno domínio crítico-realista.
 As entidades imateriais, os fantasmas impalpáveis e os raciocínios apriorísticos foram eliminados das especulações humanas.
 A razão, atualmente, medita sobre os dados fornecidos pela experiência.
 As ciências formaram-se, classificaram-se, ordenam fatos, desses fatos induzem leis e das leis de cada ciência engendra-se a verdadeira filosofia.
 Banidas do campo científico todas as tentativas de pura especulação, o espírito humano procura, apenas, conhecer as relações das coisas, apreendendo os fenômenos e concatenando-os.⁹⁰⁹

O *Combate* era impresso na tipografia *Gundlach & Cia.*, e seu título era impresso em cor vermelha. O primeiro número contava com textos dos seus diretores e de colaboradores, entre eles Rangel Pestana, Dias da Rocha, Maciel Monteiro, Graciano de Azambuja. Além desses, o nome de Silvio Romero, associado ao comentário sobre o trecho de uma poesia, pode indicar a intenção dos diretores do jornal em demonstrar, ou, no mínimo, sinalizar, a ligação com os distintos nomes da *Escola do Recife*. A contribuição de Koseritz deu-se pela publicação do texto “Subsídios etnológicos”, analisando a publicação do 6º volume do Museu Nacional, e de Argimiro Galvão, em sua crítica a José Maria Correa de Sá e Benevides, então professor da Faculdade de Direito de São Paulo, sob o título “Um Fóssil”.

De maneira geral, é possível afirmar que Koseritz reconhecia a influência que os seus escritos poderiam construir, nos quais materializou seu ideário científico e filosófico. Dentre outros exemplos, vale destacar a publicação anual, em língua alemã, a partir de 1874, do almanaque *Koseritz' Deutscher Volkskalender*. Tornava-se um importante porta-voz de seu idealizador, buscando encontrar eco e apoio para o seu pensamento. Havia, portanto, uma intencionalidade quanto aos assuntos apresentados ao leitor, os quais passaram a ser selecionados, ordenados, estruturados, sendo que a ênfase em certos temas, a linguagem, a natureza do

⁹⁰⁹ *O Combate*, 10/4/1886.

conteúdo tampouco se dissociaram do público que o impresso pretendeu atingir.⁹¹⁰ Os artigos de sua autoria exploravam temáticas comuns a outros periódicos nos quais foi editor e colaborador, como se percebe em relação ao tema da crítica científica e filosófica ou a divulgação e a reprodução de escritos da *Escola do Recife*, e seguiram um viés doutrinário e opinativo, comum à imprensa do século XIX. Seu tom enfático, marcante, e, tantas vezes, radical, recebia espaço nos jornais e, também, no almanaque. Assim o fez ao defender os pressupostos da ciência natural e do evolucionismo em oposição à religião. Numa concepção iluminista, Koseritz fazia valer a associação entre imprensa e progresso, entre as letras e as luzes.⁹¹¹

Como se pode constatar, a imprensa tornava-se um instrumento importante para dentro do movimento científico no Brasil. Ela concedia condições para a divulgação de ideias e de produções, materializando as influências que se faziam sentir entre os diferentes grupos. De todo modo, a imprensa também serviu para incrementar os vínculos de alguns nomes regionais, permitindo que as páginas dos jornais valorizassem alguns estudos localizados, fomentando a atmosfera científica. Dito isso, percebe-se que Koseritz, como editor-chefe do *Deutsche Zeitung*, e, mais tarde, redator do *Koseritz' Deutsche Zeitung*, contou com a participação de colaboradores, alguns deles nomeados como correspondentes. Para o conjunto de artigos que versavam sobre temas ligados às ciências, destacaram-se, em especial, três representantes, entre eles Wilhelm Breitenbach, Theodor Bischoff e Hermann von Ihering. A partir do levantamento das fontes primárias na imprensa, pode-se dizer que seus nomes estiveram relacionados à maioria dos textos publicados para a imprensa de língua alemã, naquilo que diz respeito às escritas para o campo da ciência natural. Por meio dessa identificação, é oportuno demonstrar que a intelectualidade, no Rio Grande do Sul, articulou-se a diferentes espaços. Se por um lado existiu uma riqueza nacional em torno das questões sobre a ciência, tão importante será considerar que o ambiente provincial também foi favorável para o desenvolvimento de estudos, de investigações e de descobertas. A presença desses nomes reforça, inclusive, a extensão do movimento na província, sem que se perca de vista a importância que, de fato, ela merece ter.

⁹¹⁰ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanesi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, p. 111-153, 2006, p. 140.

⁹¹¹ *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, 1874, p. 137.

Nesse sentido, Wilhelm Breitenbach, que chegou a Porto Alegre em 1880, dedicou-se ao ofício da imprensa e às atividades como professor.⁹¹² Adepto dos estudos sobre as ciências naturais, sua participação encontra-se em diferentes periódicos alemães. Na revista *Kosmos*, uma das mais renomadas publicações científicas europeias, do século XIX, fez aparecer o artigo que detalhava, minuciosamente, a exposição das peças etnográficas, organizada por Koseritz, em 1881 – “Eine ethnologische Sammlung aus der süd-brasilianischen Provinz Rio Grande do Sul”. Em outros, fez ricas descrições sobre a província. Além da farta produção de textos, Breitenbach teve seus apontamentos editados na imprensa na província, com incentivo especial de Koseritz. A leitura de seus textos, como “Der naturwissenschaftliche Unterricht an der höheren Bürgerschule von Porto Alegre”⁹¹³ e “Naturwissenschaftliche Streifzüge”⁹¹⁴ indicam a inserção do autor no movimento científicista, especialmente, na Capital da província.

A ideia de que a ciência no Brasil esteve mais ligada ao espaço urbano que rural⁹¹⁵, encontra limites na constatação dos nomes de Theodor Bischoff e Hermann von Ihering. Ambos se encontravam na região colonial de Taquara do Mundo Novo, e de lá iniciaram as contribuições sobre estudos e pesquisas pelas quais se engajaram. Theodor Bischoff chegou ao Brasil em 1846, e estabeleceu-se no Rio de Janeiro.⁹¹⁶ Em 1848, chegou ao Rio Grande do Sul, onde exerceu a atividade de caixeiro em Porto Alegre e São Leopoldo. Integrou a expedição do imigrante belga, Afonso Mabilde⁹¹⁷, o que teria despertado o interesse pelo estudo da natureza. Fixou-se na Picada Solitária, distante vinte quilômetros de Taquara do Mundo Novo, onde se dedicou ao exercício do magistério e à formação de coleções etnográficas e zoológicas.⁹¹⁸ Chegou a explorar alguns sambaquis da região litorânea do Rio Grande do Sul, o que resultou na escrita do seu estudo sobre os depósitos de Conceição do Arroio. Certamente, sua experiência o torna um dos mais significativos estudiosos da província, com destaque para os artigos que publicou para diferentes

⁹¹² Cf. BARRETO, Abeillard. *Bibliografia Sul-Riograndense*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1976, p. 198-203.

⁹¹³ Koseritz' *Deutscher Volkskalender*, 1882. “Uma coleção etnológica da província sul-brasileira Rio Grande do Sul”; “O ensino de ciências naturais na escola superior/públicas de Porto Alegre”.

⁹¹⁴ *Deutsche Zeitung*, 29/1/1881. “Incursões em temas de ciências da natureza”.

⁹¹⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças...*, op. cit., p. 24-34.

⁹¹⁶ Cf. BARRETO, *Bibliografia Sul-Riograndense...*, op. cit., p. 147-149.

⁹¹⁷ Tratou-se de um percurso exploratório entre São Leopoldo e Vacaria, entre 1849 e 1850, e Theodor Bischoff produziu o relatório da expedição.

⁹¹⁸ As coleções etnográficas e zoológicas de Bischoff também foram levadas à *Exposição Brasileira-Alemã* e, mais tarde, à *Exposição* em Berlim.

periódicos. Os interesses compartilhados entre Bischoff, Koseritz e Ihering, como se vê no estudo do “Crânio de Cidreira”, são indicativos para compreender as intersecções e os diálogos ligados à dinâmica cientificista da província. O “Crânio de Cidreira”, como foi mencionado, foi um artigo que Koseritz produziu, e que, mais adiante, integrou a obra *Bosquejos Etnológicos*. O achado arqueológico havia sido feito por Luiz Bauer, a quem Koseritz chamou de amigo, danificado pelo transporte, e reconstruído pelos estudiosos que se ocuparam em analisá-lo. Dessa forma, Koseritz traz indicações que colocavam em evidência as ponderações feitas por Bischoff, ao mobilizar-se na reconstrução do crânio, bem como na catalogação de dados acerca do artefato. A investigação empreendida por aqueles homens, ocupados em revelar a ciência em torno do artefato arqueológico, demonstra as possibilidades de leitura que se fizeram pela influência das vias do cientificismo racional, aplicado ao estudo da natureza humana. A tarefa aproximava-se às realizações dos renomados craniologistas do século XIX, Samuel George Morton e Paul Broca, em estudos quantitativos a partir da coleção de crânios de diferentes grupos, com o propósito de analisá-los e compará-los⁹¹⁹. Em seus estudos, Koseritz concluía, afirmando ter encontrado “inferioridade intelectual e maior bestialidade das raças pré-históricas do sul em comparação às do norte do Brasil”, sem esquecer que neles estavam “pronunciadas as qualidades bestiais do que nos crânios achados nos sambaquis de Santa Catarina e do Paraná”.⁹²⁰ Dito isso, é importante rever a ideia de que, na ausência de uma especulação e de uma produção científica, tenha existido, somente, um cientificismo retórico, difundido no senso comum da sociedade brasileira.⁹²¹ O crânio de Cidreira, estudado na década de 1880, é capaz de comprovar que Koseritz e os demais contemporâneos ligados ao mundo das ciências não foram, somente, panfletários.

O terceiro nome que representa uma participação importante para a imprensa é Hermann von Ihering.⁹²² Em 1880, ano de sua chegada ao Brasil, foi designado a assumir a direção da colônia de Taquara do Mundo Novo. A formação na Alemanha atestava o grau de ilustração do jovem imigrante – era formado em filosofia,

⁹¹⁹ Samuel George Morton (1799-1851) e Paul Broca (1824-1880) destacaram-se, entre outras realizações, por estudos que se dedicaram a analisar e a comparar crânios. A partir disso, podiam revelar, segundo as concepções da época, as diferentes raças humanas. A medida dos crânios permitia realizar conclusões acerca do tema. SCHWARCZ, *O espetáculo das raças...*, op. cit., p. 47-56.

⁹²⁰ KOSERITZ, *Bosquejos etnológicos...*, op. cit., p. 102.

⁹²¹ SCHWARCZ, op. cit., p. 34.

⁹²² Cf. BARRETO, *Bibliografia Sul-Riograndense*, op. cit., p. 686-694.

medicina, antropologia e história natural. Ao longo dos treze anos que permaneceu no Rio Grande do Sul, dedicou-se a observar, analisar, estudar e descrever os diferentes ambientes naturais da região, fato que resultou em uma lista extensa de produções acerca das ciências naturais. Além disso, promoveu excursões a locais como Porto Alegre, Pedras Brancas [localidade de Guaíba], Rio Grande, Pelotas, Jaguarão e São Lourenço, algumas delas relatadas para o jornal de Koseritz. Certamente, foi Ihering quem alcançou maior notoriedade entre os “sábios” que se faziam presentes na província, particularmente, quando se instalou em São Paulo e dirigiu o Museu Paulista. Sua presença nas páginas do jornal *Deutsche Zeitung* teve início como colaborador, sendo possível encontrar artigos que escreveu, antes mesmo de assumir o posto de redator-chefe, em substituição a Koseritz. Porém, sua permanência nesta atividade foi efêmera. Observando-se aquilo que já escrevemos anteriormente, tomou partido a favor de Koseritz, o que, visivelmente, manifestou-se ao longo da década de 1880. No *Koseritz’ Deutsche Zeitung* é possível encontrar a maior parte dos registros que estabelecem a ligação entre ambos. Além dos estudos publicados nas páginas do jornal, Koseritz fazia recorrentes alusões ao amigo, sobre suas pesquisas, suas atividades, até mesmo, a fatos cotidianos.

Valendo-se da autoridade que Koseritz, Bischoff e Ihering representaram para o desenvolvimento dos estudos no campo das ciências naturais no Rio Grande do Sul, bem como sua relação por meio da imprensa, é importante não deixar de observar a ação precursora que se liga a eles, seja nos estudos ou na coleta de objetos para a composição e coleções etnográficas. Como destaca Gilson Laone Pereira, os trabalhos de Theodor Bischoff e Karl von Koseritz foram pioneiros, dedicando-se à tarefa de localizar e estudar diversos sítios litorâneos.⁹²³ Como resultados desse pioneirismo, podem ser citadas as produções de Koseritz, por exemplo, *Bosquejos etnológicos e Sambaquis de Conceição do Arroio*.

Da mesma forma, a dedicação sistemática de Koseritz à tarefa de reunir objetos para compor sua coleção etnográfica vai ao encontro do processo de especialização e valorização das ciências naturais, quando surgem as áreas da geologia, da botânica e da zoologia. Durante quinze anos, como declarou Koseritz, havia reunido uma porção considerável de peças para a *Exposição Brasileira-Alemã*,

⁹²³ PEREIRA, Gilson Laone. *Ocupação pré-histórica do litoral norte gaúcho*: um olhar sobre o invisível. Porto Alegre: PUCRS, 2013. Dissertação (Mestrado em História), PUCRS, Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013, p. 39.

que, infelizmente, haviam se perdido com o incêndio. No entanto, sua tarefa não se interrompeu, e a década de 1880 tornou-se o momento mais significativo para tratar das questões que envolviam o viés da cientificidade. Tanto é que voltou a colecionar novos objetos, reunindo uma quantidade considerável de novas peças. Alguns jornais chegaram a noticiar os estudos de Koseritz sobre novas descobertas, como os comentários que se seguiram à publicação no *Jornal do Comércio* pelo *O Paiz*, do Rio de Janeiro, em torno de achados arqueológicos.⁹²⁴ Em 1886, aos leitores de uma das folhas científicas de Porto Alegre, Koseritz comentava que

desde que escrevi a primeira série de “Subsídios etnológicos” tive a fortuna de receber um grande número de objetos interessantíssimos, achados nesta província, a ponto tal, que muitas especialidades é minha coleção hoje mais rica do que a do “Museu Nacional”, ao qual nada tenho remetido, porque reservo tudo quanto possuo no gênero, para o Museu da província, quando for instituído.⁹²⁵

Talvez, o grande desejo de Koseritz para abrigar sua coleção etnográfica fosse a criação de um museu – o templo científico na província. A proposta não se desvinculava daquilo que vinha ocorrendo em outros locais, vendo nascer “uma série de museus etnográficos, profundamente vinculados aos parâmetros biológicos de investigação e a modelos evolucionistas de análise”.⁹²⁶ Nos primeiros anos de 1880, a ideia parecia ganhar força, embora nunca avançasse além das intenções de seus idealizadores. Como é possível identificar, uma nota do *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, de 1882, tratava sobre a fundação de um museu, que ficaria sob responsabilidade de Hermann von Ihering. Ventilava-se a possibilidade de que o político Silveira Martins pudesse interceder, além de mencionar que o *Jornal do Comércio* e a *Gazeta de Porto Alegre* já propagandeavam a proposta em suas folhas.

Embora a coleção de Koseritz não encontrasse um espaço no Rio Grande do Sul, seu legado parece existir até hoje. Uma parte, depois de exposta na Alemanha, na *Sociedade Central de Geografia Comercial*, foi recolhida ao museu de Berlim. Outra porção ficou em mãos de Koseritz até sua morte. Foi transferida, em 1902, para o Museu do Ipiranga, em São Paulo, quando Hermann von Ihering foi indicado para dirigi-lo. Em meio a sérias dificuldades financeiras, a família desfez-se do

⁹²⁴ *O Paiz*, 24/2/1886.

⁹²⁵ *O Combate*, 10/4/1886.

⁹²⁶ SCHWARCZ, *O espetáculo das raças...*, op. cit., p. 24-34.

legado de Koseritz, por meio de um valioso negócio, intermediado por João Paldaoff. As nove caixas em que foi acondicionado o material podem ser uma prova do trabalho ao qual Koseritz se dedicou por longos anos.

Diante disso, é indiscutível a importância que Karl von Koseritz assume como uma das mais importantes personalidades intelectuais do século XIX. Destaca-se, enfim, o importante papel que desempenhou, ocupando-se com o pensamento original, criativo e crítico da sociedade oitocentista. Por outro lado, como intelectual, refletiu a experiência de vida de grupos maiores e, por vezes mesmo, de uma sociedade inteira.⁹²⁷ Enfim, reconhecer a importância de Karl von Koseritz como intelectual brasileiro é apreender a maneira como se configurou, no século XIX, o trabalho científico, por exemplo. Seus principais escritos, como um intelectual que pensou e refletiu sobre as coisas do Brasil, ou que promoveu a inserção local no principal círculo de discussões que movimentavam grande parte da intelectualidade brasileira e internacional da segunda metade do século XIX, Koseritz produziu uma vasta obra intelectual, destacada, por exemplo, nas áreas literária, política e religiosa, mobilizando círculos sociais e redes de sociabilidade. Sua maneira de existir e de se projetar no mundo social associou-se ao seu modo de pensar e compreender o mundo. Essa articulação não é, no entanto, resumida a essa simples combinação. Pensar e existir remetem a uma trama complexa que, analisada a partir de Koseritz, demonstra, a cada elemento analisado ou a cada fonte consultada, “as intrigas de uma existência singular em suas redes e de uma obra em construção em seu processo de emergência”.⁹²⁸

4.4 A repercussão da morte de Koseritz na imprensa

*De fato, a individualidade de Carlos von Koseritz
representou a pujante aglomeração social
do Rio Grande, significada na legião heroica
de batalhadores da imprensa, na civilização transmitida
pela influência do elementos germânico e na inquebrantável
dedicação de todos ao brio,
à dignidade e ao amor à pátria.
Para ele, essa concepção afetiva
e social se resumia
no solo Rio Grandense.⁹²⁹*

⁹²⁷ BAUMER, *O pensamento Europeu...*, op. cit., p. 22-23.

⁹²⁸ DOSSE, François. *O desafio biográfico*. Escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 402.

⁹²⁹ Leopoldo de Freitas, *A Reforma*, 19/7/1890.

À época da proclamação da República, Koseritz era membro do partido Liberal. Não se tornou, todavia, republicano, mantendo o seu apoio à organização monárquica, embora respeitasse o advento do novo regime, fosse pelo pensamento evolutivo aplicado à política, ou pela naturalização em massa dos estrangeiros naquele momento. Foi isolado e perseguido pelos opositores. Escreveu Koseritz, antes de sua morte, em 29 de maio de 1890: “Só um grande rebelde, sentenciado à morte, ou algum malvado assassino, condenado à morte, podia ser guardado como eu fui no primeiro dia, por seis soldados de carabina Spencer em punho, [...] com a carabina apontada para mim”.⁹³⁰

Sua morte, em 1890, representou um duro golpe para a representação colonial na bancada legislativa no Rio Grande do Sul. A defesa dos interesses teuto-brasileiros perdera um dos seus maiores aliados e defensores. Os representantes⁹³¹ de origem teuta que o sucederam pouco fizeram a favor das populações coloniais no quadro político da República.

A sua maneira, Koseritz desenvolveu um discurso extremamente eficiente, propondo e insistindo na dualidade cidadania brasileira/nacionalidade alemã. Talvez justamente por ele ter proposto uma postura de maior adaptação pragmática ao contexto em que estavam inseridos os teutos no Brasil, de modo a estes obterem os benefícios da cidadania, tenha contribuído mais efetivamente para a constituição de uma identidade teuto-brasileira na qual a porção teuta, mesmo que metamorfoseada, persistisse por tanto tempo.⁹³²

As convicções e a postura política de Koseritz levaram-no a um isolamento por parte dos opositores, como bem se percebe às vésperas de sua morte, no final de maio de 1890. Chamado à delegacia, compreendeu que os novos detentores do poder valer-se-iam da censura para calar seus inimigos. Enquanto isso, a agitação política em Porto Alegre exaltava os ânimos de muitos, como o episódio de 13 de maio de 1890, quando a manifestação castilhistas, na Rua dos Andradas, resultou em

⁹³⁰ O relato de Koseritz, a respeito das restrições que a ele foram impostas, foram comentadas na escrita de uma carta, como veremos mais adiante. Cf. KOSERITZ, Carl von. *Imagens do Brasil*. São Paulo: Martins, Editora da USP, 1972, p. 267-280.

⁹³¹ CARNEIRO destaca os nomes de Lauro Müller (Primeira República) e Lindolfo Collor (Segunda República). Cf. CARNEIRO, José Fernando. *Karl von Koseritz*. Porto Alegre: IEL, 1959, p. 48.

⁹³² GANS, Magda Roswita. *Presença Teuta em Porto Alegre no Século XIX (1850-1889)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 96.

ferimento, provocado por arma de fogo, a João de Barros Cassal.⁹³³ Chefe de polícia, nomeado após o 15 de novembro, Barros Cassal era, também, diretor do jornal *A Federação*. Essa conjuntura problemática, certamente, contribuiu para que Koseritz sofresse as consequências do jogo político. Diante disso, abandonou, definitivamente, a redação do jornal *Koseritz' Deutsche Zeitung*, recolhendo-se à chácara de José Vicente da Silva Teles, em Pedras Brancas, defronte a Porto Alegre. Pretendia, também, retirar-se do Rio Grande do Sul, e buscar refúgio no Rio de Janeiro. Discutiu, inclusive, a possibilidade em retornar à Europa.

Carlos von Koseritz, partindo para o Rio de Janeiro, onde terá alguma demora, pede desculpa a todos os seus amigos por não poder despedir-se pessoalmente e lhes oferece seu diminuto préstimo na capital federal ou em qualquer outro lugar a que o destino o levar.⁹³⁴

No entanto, na chácara de Pedras Brancas, não ficou restrito à companhia de sua família. Foi mantido incomunicável, durante oito dias, naquela residência, por homens armados e enviados pela polícia, sob ordens do sub-delegado do 2º Distrito de Pedras Brancas, Bibiano Dias de Castro. Em uma longa carta, pôs-se a narrar os acontecimentos daqueles dias, que mais tarde foi publicada no jornal *Eco do Sul*, de 4 de junho de 1890. Nela, atribuiu sua situação aos redatores de *A Federação*.⁹³⁵

Resumamos os fatos:

Estive 8 dias constrangido em minha liberdade;

Nos primeiros dias fui guardado como um criminoso de morte, por sentinelas à vista e de carabinas apontadas para mim;

Fui preso por autoridade incompetente, à ordem de um governador que na ocasião não existia;

Não tive nota de culpa nem se me comunicou a natureza do crime, que me devia ser imputado, para sofrer tais rigores;

Nenhuma parte tive nos sucessos de 13 de maio, porque há mais de 20 dias não estivera na cidade e deles só soube pelo sub-delegado que me prendeu;

⁹³³ O episódio de 13 de maio de 1890 teve como pano de fundo a comemoração republicana pelo fim da escravidão no Brasil. Todavia, seus participantes também protestavam pela nomeação de Cândido Costa e Francisco da Silva Tavares, presidente e vice-presidente do Rio Grande do Sul, respectivamente. Júlio de Castilhos, antes da nomeação, ocupava o cargo de vice-presidente, articulando as alianças políticas que mais tarde o levariam ao poder. Até o dia 24 de maio de 1890, momento em que Castilhos retornou ao cargo, ocorreram alguns excessos por parte dos membros do Partido Republicano gaúcho, como torturas, prisões ilegais e assassinatos. Cf. AXT, Gunter. *Constitucionalidade em debate*: a polêmica Carta estadual de 1891. Disponível em <https://www.tjrs.jus.br/export/poder_judiciario/historia/memorial_do_poder_judiciario/memorial_judiciario_gaucha/revista_justica_e_historia/issn_1676-5834/v2n3/doc/13-Gunter_Axt.pdf> Acesso em 3 de fev. de 2015, p. 5-6.

⁹³⁴ *Mercantil* apud KAERCHER, Silvia Meirelles. *Carola*. Vera Cruz: Novitas, 2011, p. 112.

⁹³⁵ Cf. KOSERITZ, Carl von. *Imagens do Brasil*. São Paulo: Martins, Editora da USP, 1972, p. 267-280.

A autoridade tolerou que um particular de maus sentimentos oficiosamente interviesse no ato da prisão, maltratando minha família com ameaças;
 Por fim declarou-me o sub-delegado que me prendeu, que o fizera por sua alta recreação e sem ordem superior alguma!!

Durante a prisão, recebeu algumas visitas, mas somente aquelas que tiveram permissão policial para conversar com Koseritz, dentre elas, a de Eugênio Pasquier e sua família, o senhor Moraes e sua família, e o amigo e sócio Germano Gundlach. Diante da situação que se desenhava e pelos protestos de amigos, “pode afinal regressar a sua casa na Capital, à Rua Duque de Caxias, 209”.⁹³⁶

O retorno à residência foi bastante breve. Após a “excitação, tratamento indigno e fadigas anteriores excessivas, achava-se ele de tal modo esgotado que sucumbiu a um ataque cardíaco”.⁹³⁷ Na noite do dia 29 para o dia 30 de maio, após escrever uma carta de indignação pela forma como vinha sendo tratado, Koseritz acabou falecendo, criando grande comoção entre a coletividade de toda a província, mas de forma particular, em Porto Alegre. Os fatos que marcaram sua morte foram acompanhados de maneiras distintas pela imprensa.

Meses após a morte de Koseritz, era possível ler, no jornal *A Reforma*, alguns artigos que relembavam sua figura. Assim se fazia pela transcrição do texto da imprensa de Itaqui, mencionando alguns atributos intelectuais do “pensador, e pensador adiantado e firme”, que havia se expressado pela “força de estudo constante, de uma inteligência bem preparada, de uma força de vontade invencível.” A atuação de Koseritz na redação de *A Reforma*, pelas palavras do texto, distinguia-se pelo “talento superior”, como uma inteligência doutrinada na prática dos conhecimentos políticos, “e como um alemão, digno de aplausos dos rio-grandenses em geral”.

Koseritz merece hoje a nossa pungente saudade, por ter desaparecido dentre os vivos, sua vontade predominante e seu talento cheio de opulência, sem censura, e franco sem medir a quantidade, eram dignos de ser lembrado, de ser considerados por todos aqueles que sabem e compreendem que a verdadeira nobreza e seriedade do homem instruído e ilustrado está em convencer aos ignorantes daquilo que eles não pensam; está, em suma, em fornecer aqueles que não estudam o resultado benéfico de suas cogitações íntimas e

⁹³⁶ Cf. CARNEIRO, José Fernando. *Karl von Koseritz*. Porto Alegre: IEL, 1959, p. 50.

⁹³⁷ OBERACKER JR, Carlos H. *Carlos von Koseritz*. São Paulo: Anhambi, 1961, p. 67.

aprofundadas no limitado recinto, muitas vezes de um pobre gabinete de estudo.⁹³⁸

Leopoldo de Freitas teve seu texto publicado no mesmo jornal, em 19 de julho de 1890, valendo-se de uma descrição enaltecadora sobre a atuação nos periódicos gaúchos. Entre as lembranças do autor, constava a grande comemoração, no *Clube Germânia*, pelos trinta anos da entrada “triumfal” de Koseritz na imprensa, além de seu trabalho na *Reforma*, onde

intemeratamente combatia os abusos de poder, defendia o direito dos liberais participarem na obra da reconstrução política da pátria e ganhavam terreno na opinião, sempre impavidamente, guardando fidelidade ao chefe da Democracia Rio-Grandense, presentemente proscrito da terra natal e da pátria brasileira.⁹³⁹

Em novembro de 1890, uma manifestação da *Sociedade Central de Geografia Comercial*, da Alemanha, também foi publicada no órgão oficial do Partido Liberal. Assinada pelo presidente Robert Jannasch, e pelos demais membros da diretoria da entidade, homenageava-se o homem que por longos anos havia servido, com “dedicação sem igual”, à terra rio-grandense. O texto fazia referência à dedicatória providenciada a Koseritz, por meio de um quadro composto por uma “rica moldura de madeira preta, insculpida com folhas de carvalho e com finos ornatos dourados”, que, ainda, se encontrava “encimada por uma coroa de louros e todo envolta em crepes”.⁹⁴⁰

O jornal de língua alemã de São Paulo *Germania* noticiava de imediato, pelo telegrama enviado por Germano Wagner, a morte de Koseritz. Tratava o fato como uma “perda dolorosa”, não somente pelas circunstâncias do talento, mas, também, pela “dedicação ardente ao trabalho e uma firmeza que obrigava seus adversários a renderem-lhe admiração e respeito”. Enfim, Koseritz representava um papel importante para os alemães do Rio Grande do Sul, que jamais o esqueceriam.

Não sabemos se sua morte repentina tem relação com a sua prisão que acima noticiamos, e a esse respeito esperamos primeiro notícias exatas que participaremos aos nossos leitores.

⁹³⁸ *A Reforma*, 8/7/1890.

⁹³⁹ *A Reforma*, 19/7/1890.

⁹⁴⁰ *A Reforma*, 6/11/1890.

Por hoje nos limitamos a depor sobre o ataúde do nosso colega e decano da imprensa teuto-brasileira a nossa coroa de amizade e veneração.⁹⁴¹

Essas palavras do jornal *Germania* aproximavam-se das notícias que também se fizeram ler no *Deutsche Volkszeitung*, de Curitiba. Os responsáveis do jornal externavam sua solidariedade à “enlutada esposa e filhas do finado na justa dor que tão inesperadamente veio feri-las. Paz a sua cinza. Honra à sua memória!”⁹⁴²

Na outra ponta, encontravam-se os periódicos que haviam sustentado rivalidades com Koseritz, ao longo da última década. Durante os meses iniciais do ano de 1890, o órgão oficial do Partido Republicado continuava a rivalizar com o Partido Liberal, e com todas as suas principais figuras políticas. No poder, os republicanos encontravam-se em situação diferente daquela em que por muitos anos permaneceram, enquanto oposição aos grupos políticos tradicionais do período imperial. Com a proclamação da República, as mudanças políticas tornaram-se inevitáveis. Dessa forma, nos meses iniciais daquele ano, as páginas dos jornais *A Federação* e *A Reforma* digladiavam-se em meio às disputas que se desenhavam no campo político do novo regime. Koseritz sentiu o peso da censura aplicada em suas atividades na imprensa, ao passo que as acusações tornaram-se recíprocas, e as queixas levantavam reclamações contra supostas calúnias e perseguições. Chamado à delegacia em fins do mês de janeiro, um dos principais colaboradores do jornal *A Reforma* foi alertado sobre a maneira como vinha tratando as novas circunstâncias nas quais se encontrava o país. Da mesma forma, *A Federação* registrava seu ponto de vista para a situação:

Hoje nos acusam, o sr. Koseritz e os seus, de caluniadores. A nossa defesa está exatamente na publicação do nome do chefe dos homens que nos atacam. O desespero em que se acham pelo fato de terem perdido as posições que supunham ser propriedade exclusiva deles, os atordoa e desnorteia a ponto de perderem as mais rudimentares noções de justiça.⁹⁴³

O registro da morte e os atos fúnebres de um dos principais opositores ao Partido Republicano foram noticiados no dia 31 de maio. Sobre o “Saimento do sr. Koseritz”, falava-se na presença de muitos amigos, em sua maioria formada por

⁹⁴¹ *Germania*, 31/5/1890.

⁹⁴² *Deutsche Volkszeitung*, 31/5/1890.

⁹⁴³ *A Federação*, 9/1/1890.

peças de nacionalidade alemã. Já o cortejo foi “numerosíssimo”, fazendo-se representar a folha *A Federação* pelos nomes de Felisberto de Azevedo e Demétrio Ribeiro, para demonstrar publicamente “se é que os teve, quaisquer ressentimentos que mantivesse para com o falecido”.

O cadáver foi conduzido para o cemitério protestante, onde fizeram-se ouvir, em sentidas alocuções, o pastor evangélico encarregado da cerimônia e outros oradores.

Por determinação do cidadão chefe de polícia do Estado, o corpo ficou depositado na capela do cemitério, para ser hoje autopsiado.⁹⁴⁴

De fato, outros registros reforçam o grande cortejo que havia se formado no dia enterro de Koseritz.⁹⁴⁵ O caixão, acompanhado por bandeiras de sete associações e três jornais⁹⁴⁶, foi carregado primeiramente pelos liberais, mais adiante por pessoas ligadas à imprensa, e, por fim, pelos generais de divisão Augusto Cesar e Carlos Resin, pelo marechal Visconde de Pelotas, e por Demétrio Ribeiro. Alguns pronunciamentos seguiram-se, com falas de Germano Hasslocher, de Fernando Maximiliano Palmerio, o tenente-coronel Abreu e Lima, Damasceno Vieira e, ao final, Ernesto Reinhold Ludwig. Todos eles representavam um segmento social, lembrando os espaços de atuação de Koseritz, desde a imprensa e a maçonaria, até a política, o movimento intelectual e a colônia alemã do Rio Grande do Sul.

Além das informações noticiosas de *A Federação*, o republicano Assis Brasil redigiu o necrológio de Koseritz, no qual se encontrava uma breve exposição sobre sua vida na imprensa, seu comportamento “extremíssimo” como chefe de família, sua dedicação à intelectualidade, à política e aos mais diferentes negócios, enfim, sua demonstração de “sincero amor à terra rio-grandense, que hoje recebe os seus despojos”.⁹⁴⁷ No entanto, os parágrafos finais não deixaram de fazer as últimas ressalvas de Assis Brasil sobre o seu antigo opositor.

Quem desempenha agora o triste dever de traçar estas linhas foi, em tempos mais felizes e saudosos, distinguindo com a mais

⁹⁴⁴ *A Federação*, 31/5/1890.

⁹⁴⁵ CARNEIRO, José Fernando. *Karl von Koseritz*. Porto Alegre: IEL, 1959, p. 51-52.

⁹⁴⁶ Acompanharam o cortejo, portando suas bandeiras, Germania, Turn-Club, Turn Verein, Schützenverein, Musterreiter-Club, Gemeinnütziger Verein, Orpheus Porto-alegrense, e os jornais *A Reforma*, *Jornal do Comércio e Mercantil*.

⁹⁴⁷ *A Federação*, 30/5/1890.

desinteressada amizade do ilustre escritor, e não pequenos serviços deveu à sua generosidade e ao fervor com que procurava celebrar tudo o que contribuísse para a grandeza do Rio-Grande. Agora, que ele parecia inclinado a deixar o terreno ingrato em que por tantos anos inutilmente esterilizou a sua grande inteligência, a sua pátria adotiva muito tinha a esperar dele. É com verdadeira mágoa que o vemos desaparecer.

Como destaca José Fernando Carneiro, os registros de Assis Brasil não chegavam a mencionar argumentos de natureza nacionalista. O que se percebe, são as evidências de uma disputa política que se arrastou por muitos anos. De qualquer forma, a esse texto, publicado em *A Federação*, a filha de Koseritz redigiu sua resposta, publicada em jornais de língua portuguesa e alemã. Nesse protesto, posicionava-se em defesa da memória do pai, dirigindo-a, sobretudo, contra as palavras utilizadas por Assis Brasil para referir-se à morte de Koseritz – “É sabido que o senhor Koseritz sucumbiu a uma apoplexia. O seu temperamento, a sua constituição, a que se juntavam hábitos de intemperança bem conhecidos, predispunham o finado a esse termo fatal”.⁹⁴⁸

Só hoje, apesar das preocupações tomadas por minha família e pelos amigos de meu finado pai, consegui o número da Federação de 31 de maio, no qual o senhor Assis Brasil paga o cavalheirismo e a amizade com que sempre o distinguiu meu pai, lançando sobre seu cadáver a mais atroz e cruel das injúrias.

[...].

Pois bem. Eu, a companheira inseparável de meu falecido pai, eu que conhecia todos os seus pesares, porque não havia um único que ele não me confiasse, juro ante o seu túmulo, a coisa mais sagrada que para mim existe no mundo, que meu pai morreu das perseguições dos redatores da “Federação”, aos quais cabe toda a responsabilidade de sua morte e da sua desgraça e da orfandade em que jazem sua esposa e filhas.

E faço mais: já que meu falecido pai não deixou um herdeiro a quem coubesse a tarefa de defender seus restos mortais contra os perseguidores, sou eu, uma moça indefesa, que venho restituir ao Senhor Assis Brasil, lançando-lhe às faces a baixa insinuação e vil injúria que atirou à memória de meu amado pai.

Sou mulher, um ser fraco e sem prestígio, e por isso estou ao alcance das ofensa que caso me sejam dirigidas. Mas, seja qual for o resultado, estarei sempre, como hoje, pronta a repelir todas as palavras com que procurarem macular o nome de meu pai, a única e nobre herança que deixou às suas infelizes órfãs.

Carlina von Koseritz
Porto Alegre, 11 de junho de 1890.⁹⁴⁹

⁹⁴⁸ *A Federação*, 31/5/1890.

⁹⁴⁹ *A Reforma*, 12/6/1890. O texto encontra-se no jornal *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 14/6/1890.

Não houve manifestação posterior por parte de Assis Brasil. Seu silêncio representou a forma como muitos trataram a Koseritz depois do seu falecimento. Essa indiferença fez-se presente, também, no jornal em que Koseritz iniciou suas atividades tipográficas, em Porto Alegre. O *Deutsche Zeitung* liquidou a morte de Koseritz em poucas linhas, em breves espaços das páginas internas do jornal.⁹⁵⁰ “O senhor von Koseritz teve um festivo e pomposo enterro sob participação numerosa de membros de ambas nacionalidades”, foi a frase utilizada para iniciar a nota informativa do dia 3 de junho de 1890. As informações seguintes falavam da impossibilidade de finalização dos atos fúnebres, permanecendo o caixão na capela, para que fosse realizada a necropsia. Durante a noite, amigos fizeram vigília ao corpo. No dia seguinte, sábado, comparecerem ao local o chefe de polícia, o advogado de Estado e o secretário de polícia. Apresentavam-se o Dr. Jorge Fayet, o Dr. Leopoldo Masson, Victor de Brito, Pena e Saturnino de Aquino, para acompanhar o resultado que confirmaria a morte de Koseritz. O texto prosseguia com informações a respeito da autópsia realizada pelo Dr. Masson, que confirmou aos presentes o diagnóstico de infarto – “a aorta estava rompida”. “Dr. Victor de Brito pesou seu cérebro, ele tinha um peso de 1.500 gramas”. Na semana seguinte, publicava-se outra nota em defesa do *Deutsche Zeitung*, acusado de ter tratado a morte de Koseritz muito mais como uma ironia do que benevolência. Em resposta, o jornal questionaria a incoerência do *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, que logo abaixo do artigo de luto, havia publicado um texto de humor.⁹⁵¹ Parece evidente que as diferenças entre os jornais de língua alemã, após quase nove anos da saída de Koseritz da redação do *Deutsche Zeitung*, não haviam sido superadas. Nem mesmo sua morte permitiu uma aproximação.

Outro periódico de língua alemã da província, o jornal *Deutsche Post*, de São Leopoldo, também acompanhou alguns acontecimentos a respeito de Koseritz, às vésperas do dia 30 de maio. Na edição de 28 de maio de 1890, uma nota deste jornal tratava sobre as condições políticas nas quais se encontrava o proprietário do *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, forçado a abandonar a redação, e substituído por Ernesto Reinhold Ludwig. Segundo a reportagem, Koseritz ainda se encontrava em Pedras Brancas, com restrições de liberdade impostas a ele e a sua família. O

⁹⁵⁰ *Deutsche Zeitung*, 3/6/1890.

⁹⁵¹ *Deutsche Zeitung*, 10/6/1890.

Deutsche Post comprometia-se a compartilhar novas notícias, assim que elas fossem recebidas pelos seus redatores. Contudo, as informações que se seguiram foram as de falecimento. Com tarjas pretas, o pastor Rotermund veiculava a morte de Koseritz, fazendo referência à grande lacuna que por ele havia sido deixada.⁹⁵²

Seu estilo era fluente, sua pena era feroz, sua dialética era extremamente ágil. Apropriara-se de tal maneira da língua portuguesa que sabia manuseá-la à maneira clássica. Na política, tornou-se adversário temido e, no próprio partido, força intelectual significativa. Desde 15 de novembro do ano passado era de fato o chefe do Partido Liberal. Teve que vencer muitos ataques, pessoais e de causa; [...]. Seus conterrâneos alemães, em sua maioria, confiavam plenamente em sua liderança e, muitas vezes, lhe expressaram sua gratidão. E mesmo aqueles que o combatiam por causa de sua postura hostil à igreja e ao cristianismo tiveram que reconhecer que, dentre todos os políticos, foi o que maior compreensão teve para as necessidades do país e especialmente dos colonos.⁹⁵³

Embora algumas diferenças entre Koseritz e seus opositores não tenham sido superadas, a relação com o pastor luterano Wilhelm Rotermund encontrou uma aproximação crescente nos últimos anos, o que se manifestava, inclusive, pela forma inquieta como os últimos fatos políticos do Rio Grande do Sul foram tratados no *Deutsche Post*. Dito isso, é preciso destacar, ainda, que os rituais fúnebres a Koseritz foram dirigidos pelo pastor evangélico Schäfer, de Porto Alegre, e sua sepultura foi instalada no cemitério da mesma comunidade. Logo, como católico excomungado, notava-se a relação estreita que se fez levantar, nos anos de 1880, quando os discursos anticlericais de Koseritz perderam força, e a maçonaria tornou-se bastante próxima dos quadros da comunidade evangélica de Porto Alegre.

A maior lástima pelo falecimento do teuto-brasileiro encontrava-se no jornal *Koseritz' Deutsche Zeitung*. Além de noticiar, de maneira sistemática, os contratempos enfrentados pelo seu proprietário, a morte de Koseritz foi recebida como um duro golpe. Na edição de 31 de maio de 1890, o jornal publicou a última nota escrita por Koseritz, pela qual comunicava aos leitores sua ida repentina ao Rio de Janeiro, pedindo-lhes que toda demanda do jornal fosse encaminhada ao redator Ludwig, e que os interesses do Partido Liberar estariam sob os cuidados do coronel

⁹⁵² DREHER, Martin Norberto. *Wilhelm Rotermund*. Seu tempo – Suas obras. São Leopoldo: Oikos, 2014, p. 151.

⁹⁵³ *Deutsche Post*, 31/5/1890. Tradução de Martin Norberto Dreher. Cf. DREHER, *Wilhelm Rotermund*..., op. cit., p. 151.

Joaquim Pedro Salgado. “Essas são as últimas linhas, que o falecido escreveu para seu jornal”, era a frase que seguia para tratar da narração sobre a morte de Koseritz.⁹⁵⁴ Em sinal de luto, toda a página encontrava-se delimitada em um grande retângulo, formada por tarjas pretas. Voltava-se àquela noite, descrevendo o estado em que ele se encontrava, amparado pela filha mais velha, Carolina von Koseritz. “Eu me sinto muito fraco; eu acho que preciso morrer”, teriam sido as últimas palavras de Koseritz a sua filha, que ainda buscou ajuda para socorrer o pai. No dia do velório, retomavam-se os detalhes – o traje oficial vestido por Koseritz, a pedido da esposa, as pessoas presentes, as entidades, o cortejo, bem como as mais de trinta coroas e arranjos de flores dispostas sobre o caixão, nomeadas com homenagens de famílias e entidades. Na edição seguinte do mesmo jornal, no dia 4 de junho, repetindo as tarjas pretas, era publicada a carta deixada por Koseritz, sob o título “O martírio de Karl von Koseritz”, tratando sobre o episódio de Pedras Brancas. Além desse texto, encontravam-se manifestações diversas, incluindo uma poesia do imigrante alemão Otto Fenselau. Assim, seguiram as demais edições do *Koseritz’ Deutsche Zeitung* do mês de junho, transcrevendo várias demonstrações de solidariedade e de pesar à figura de seu antigo proprietário, provenientes de diferentes regiões coloniais teuto-brasileiras, como a manifestação da colônia de Estrela, assinada por membros da comunidade local.⁹⁵⁵ Em São Jerônimo, uma missa foi encomendada ao falecido, pela família de Henrique C. Barth.⁹⁵⁶ A imprensa alemã, de diferentes estados do Brasil, noticiou o fato que atingia a comunidade teuto-brasileira do país, a exemplo do *Germania* e *Freie Presse*, de São Paulo, *Beobachter*, *Pionier* e *Deutsche Volkszeitung*, de Curitiba, *Deutsche Post* e *Deutsches Volksblatt*, de São Leopoldo, *Immigrant* e *Blumenauer Zeitung*, de Blumenau.⁹⁵⁷ Para o elemento teuto-brasileiro, a memória e a imagem do líder deveriam permanecer como referência. Talvez fosse essa a intenção do atelier de Balduin Röhrig, ao colocar à disposição dos interessados algumas fotografias de Koseritz, e com essa venda, auxiliar a família que se encontrava em condições financeiras desfavoráveis.⁹⁵⁸

⁹⁵⁴ *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, 31/5/1890.

⁹⁵⁵ *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, 14/6/1890.

⁹⁵⁶ *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, 18/6/1890.

⁹⁵⁷ Os textos desses jornais foram transcritos para o *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, 25/6/1890; 2/7/1890.

⁹⁵⁸ Cf. *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, 18/6/1890.

Além da comoção que se criou em torno da morte de uma das figuras públicas mais conhecidas de Porto Alegre, uma campanha foi, imediatamente, iniciada para auxiliar a viúva e as filhas de Koseritz. Nas palavras de Oberacker, o teuto-brasileiro “morreu quase tão pobre como quando chegou ao Brasil; após a sua morte, os seus amigos até se obrigaram, por meio de donativos em sua memória, a socorrerem os seus familiares”.⁹⁵⁹ A partir disso, compôs-se um comitê, formado por João Aretz (presidente), Carl Pohlmann (tesoureiro), Ernesto Reinhold Ludwig (1º secretário), Robert Jacobi (2º secretário) e Theodoro Reinecken (3º secretário), além de apoiadores como Carl Daudt, Otto Drügg, Jorge Petersen, C. F. Schmidt, Hugo Lau, João Bastian, João Schröder, Carl Brenner, Guilherme Magnus, Balduin Röhrig, Eugênio Pasquier e Luiz Bastian. Ao longo de vários números do jornal *Koseritz’ Deutsche Zeitung*, fizeram-se chamadas pela campanha de arrecadação de valores, que seriam revertidos em benefício dos familiares. A partir do título “Apelo ao elemento alemão”, resgatava-se o trabalho que Koseritz havia desenvolvido durante muitos anos, pela honra do elemento teuto no Rio Grande do Sul, argumento pelo qual se sustentava o pedido de auxílio à família, que se encontrava em profunda miséria, uma vez que Koseritz não deixou quaisquer posses à viúva e às filhas. Na imprensa de língua portuguesa, encontrar-se-ia, também, a campanha pela arrecadação de fundos, e outra comissão foi formada por homens do Partido Liberal – coronel Joaquim Pedro Salgado, Joaquim Antônio Vasques, Leopoldo Masson, Tito Chaves de Barcellos, João Alves Canteiro, Emílio da Silva Ferreira. O jornal *Mercantil* organizava-se a partir dos nomes de Alfredo Freitas Chaves e Ernesto dos Santos Paiva.⁹⁶⁰ Em outras regiões, acrescentavam-se mobilizações, como a que foi empreendida pelo Visconde de Taunay, no Rio de Janeiro, a favor da viúva e das filhas de Koseritz.⁹⁶¹ As várias frentes que se formaram para socorrer os familiares ainda eram resquícios de sua atuação nos diferentes campos em que militou. O apelo ao elemento alemão, por exemplo, pode ser compreendido como uma reação da comunidade étnica em reconhecimento ao trabalho de Koseritz, em prol da germanidade. Afinal, tratava-se de um esforço coletivo, em honra ao nome do homem que, insistentemente, durante décadas, reivindicou garantias de cidadania

⁹⁵⁹ OBERACKER JR, Carlos H. *Carlos von Koseritz*. São Paulo: Anhambi, 1961, p. 67

⁹⁶⁰ *Mercantil*, 2/6/1890.

⁹⁶¹ *Mercantil*, 18/6/1890.

ao elemento teuto-brasileiro. Seria essa uma manifestação, como a que imaginou em muitas ocasiões.

A tarefa de seus opositores ainda se fez sentir, posteriormente, pela tentativa em diminuir ou apagar a sua presença como líder político e como personalidade erudita. Contudo, nas décadas seguintes, sua imagem permaneceu presente em diferentes círculos, fazendo-se lembrar pelas lembranças como intelectual, bem como liderança étnica para o elemento alemão no Rio Grande do Sul. Essa constatação pode ser verificada nas evidências deixadas pela construção e inauguração do monumento em homenagem a Koseritz. O *Correio do Povo* noticiava, no dia 30 de janeiro de 1926, a inauguração do marco, agendada para o dia 7 de fevereiro, no cemitério protestante de Porto Alegre. Segundo as informações do jornal, o ato era dirigido pelos elementos germânicos e brasileiros em memória do “grande jornalista e homem de ciência”. Era um tributo “imperecível, um preito de gratidão e de respeito”, assim como muitos desejavam fazer. O monumento foi pensado e planejado por Aloys Friederichs, contando com a colaboração de outras pessoas, que se fariam presentes na solenidade de inauguração.

Era desejo do executor que um maior número de contribuintes se cotizassem na obra de levantamento dessa memória; mas, tão bem e espontaneamente foi ela aceita, que o “quantum” teve imediata cobertura por parte de poucos. Isso não importa que, na generalidade, os admiradores de Carlos von Koseritz se associem espiritualmente a essa ideia e se façam representar no dia da solenidade. A inauguração do monumento, que é talhado em granito das colônias e contém símbolos brasileiros e alemães, representativos, sobretudo, da personalidade de Carlos von Koseritz, reverter-se-á de toda a solenidade, havendo discursos, com o comparecimento das escolas do “Turner-Bund” e da primitiva sociedade de escoteiros, fundada em Canoas, também sendo cantados hinos em grandes massas corais e figurando a velha e tradicional bandeira dos “Scouts”. No trato da terra, onde, por doação da colônia alemã aqui então domiciliada, repousam os restos mortais de Carlos von Koseritz, também foram sepultados sua esposa, Zeferina von Koseritz e sua deleta filha Carolina von Koseritz, às quais também serão representadas as relativas homenagens no monumento.

Depois de trinta e seis anos, a demonstração organizada pela comunidade de Porto Alegre revelava a importância que a memória de Koseritz continuava a exercer sobre o imaginário de novas lideranças teuto-brasileiras. Certamente, ele poderia ser a inspiração para uma geração de teuto-brasileiros, que precisava ressignificar sua

identidade, especialmente pelas repercussões mundiais e locais, provocadas pela Grande Guerra, findada em 1918.

Diante disso, vale voltarmos ao texto de Leopoldo de Freitas – “a pátria perdeu um eminente cidadão, a ciência perdeu um notável cultor”. Essas palavras reforçam aquilo que de mais significativo Koseritz representou para o contexto político, social e cultural, fazendo-se um dos expoentes intelectuais mais importantes de sua época. Além disso, ainda cabe a observação deixada por Oberacker, reforçada por René Gertz, quando aquele registrava que “ainda inexiste uma biografia circunstanciada do emigrante paladino”.⁹⁶² A lápide, acrescentada três décadas depois de sua morte, corroborava o significado de Koseritz para a história do Rio Grande do Sul e do Brasil: “Du warst des Deutschtums grosser Führer. Und Deiner neuen Heimat treuer Sohn”.⁹⁶³

Certamente, o valor de seu pensamento e de sua inteligência causavam admiração em pessoas contemporâneas à época, bem como em gerações seguintes, que se motivaram em destacá-lo pelo espírito erudito e culto que sua postura revelava. Talvez fosse essa a explicação para que em meio às notícias de sua morte, ocupasse as páginas dos jornais a seguinte passagem “procendendo-se a atópsia do distinto jornalista Carlos Koseritz, verificou-se que o encéfalo pesava 1.500 gramas”.⁹⁶⁴

⁹⁶² OBERACKER JR, Carlos H. *Carlos von Koseritz*. São Paulo: Anhambi, 1961, p.69.

⁹⁶³ “Foste da germanidade grande mentor e da nova pátria filho leal”. Trecho extraído da obra de Oberacker. Cf. Idem, *ibidem*.

⁹⁶⁴ *O Paiz*, 18/6/1890.

CONCLUSÃO

A história da imprensa gaúcha da segunda metade do século XIX passa, necessariamente, pela indicação do nome de Karl – ou Carlos – von Koseritz. Neste universo, marcado pela significativa e numerosa produção de diferentes gêneros tipográficos, sua atuação como redator e colaborador, em diversos periódicos de Porto Alegre, demonstra a importância que assumiu ao colocar-se como uma das pessoas mais influentes do seu tempo. Analisar essa dimensão é de fundamental importância, pois demonstra seu engajamento, permitindo compreendê-lo em sua originalidade e em sua especificidade, sem perder de vista o contexto mais amplo, resgatando a importância histórica de sua contribuição para os debates mais entusiasmados dos quais também participou.

Sua produção é vasta. O volume de materiais gerado a partir da escrita, desde a chegada a Porto Alegre, ao ano de seu falecimento, confirma e reforça a existência de um período, que por alguns estudiosos foi chamada de “Era Koseritz”, compreendida entre os anos de 1864 e 1890. Além de apresentar uma variedade ampla de textos para a imprensa de Porto Alegre, encontram-se, ainda, livros e prefácios produzidos ao longo de quase três décadas. Essas obras associavam-se diretamente ao contexto das tipografias, tendo em vista que grande parte delas nasceu, primeiramente, a partir dos escritos produzidos pelos prelos das oficinas.

Dessa forma, considerar o papel de Koseritz, entre os anos de 1864 e 1890, é assinalar as contribuições para os diferentes espaços da sociedade, onde sua presença foi registrada, incluindo os debates políticos, étnicos, literários e científicos, por exemplo. Isso confirma a existência, sobretudo, de um perfil multifacetado, de um personagem histórico que se posicionou de tal maneira a enxergar sua sociedade de forma ampla e abrangente. A postura como livre-pensador reproduziu-

se na imprensa do período, uma vez que sua pauta contemplou diversos temas, versando desde a inserção do elemento teuto no campo da cidadania brasileira, ao modelo filosófico-racional de autores europeus. Entre esses extremos encontravam-se outros tantos assuntos, que evidenciam a riqueza presente no pensamento de Koseritz.

De maneira conclusiva, considerando a trajetória de Koseritz na imprensa de Porto Alegre, podem-se visualizar momentos diferenciados para alguns de seus principais temas. Desde 1864, registraram-se artigos que versavam sobre aspectos do germanismo, como forma de dirigir-se à população alemã ou como expressão ideológica da identidade teuto-brasileira. Esse discurso sempre esteve presente ao longo dos anos seguintes, constituindo-se em pauta recorrente em jornais de língua alemã. Ao mesmo tempo, iniciavam-se escritas que abordavam pressupostos liberais e filosóficos, sem, contudo, assumir os contornos que passaria a defender tempos mais tarde. Durante toda a década de 1870, podemos perceber a intensificação de uma fala anticlerical, associada, de forma direta, ao movimento maçônico gaúcho, dirigida contra instituições e dogmas religiosos tradicionais, incluindo a atuação de jesuítas e pastores luteranos. Vinculado a esse movimento, em meados da mesma década, é possível identificar a crescente aproximação à *Escola do Recife* e ao monismo alemão de Ernst Haeckel, como reação à influência cultural francesa no país. Diversificou-se consideravelmente sua participação na imprensa, encontrando-se como redator ou colaborar em diferentes periódicos. Seu nome passou a ter uma projeção nacional e internacional. Para os anos de 1880, findada sua contribuição para o jornal *Deutsche Zeitung*, somado ao fechamento da *Gazeta de Porto Alegre*, Koseritz investiu na criação de seu próprio periódico de língua alemã, além de contribuir sistematicamente com as folhas *A Reforma* e *Jornal do Comércio*, e outras folhas independentes. Sua atuação na política teve efeitos imediatos para o programa de alguns jornais do período, pelos quais se apresentou como representante e candidato a eleições, valendo-se das páginas para registrar, também, sua pauta de reivindicações. Embora as exposições anticlericais tenham perdido espaço, permaneceram outras polêmicas, como as que construiu na sua tensa relação com os republicanos da província. Além de participar de movimentos de ruptura literária no Brasil, as concepções cientificistas passaram a assumir expressões mais bem definidas, a partir de estudos baseados na racionalidade moderna, incluindo reflexões para filosofia, etnologia, arqueologia e ciências

naturais. Portanto, consolidava-se a riqueza intelectual, que levou para as páginas dos seus principais periódicos.

Desse modo, periódicos tornaram-se instrumentos fundamentais para a divulgação ideológica, lembrando, ainda, que a doutrinação pela imprensa constituía-se em elemento basilar para convergir os interesses de grupos étnicos, religiosos, políticos e culturais da província. A partir dessa estreita relação que se estabeleceu entre jornais e a atuação de Koseritz, permitiu que seu nome atingisse um significativo alcance social e intelectual, tornando-se figura pública, nos mais diferentes círculos que frequentou.

A projeção de Koseritz, através da imprensa, concebeu-se a partir de um estilo próprio de escrita. Demonstrou-se, em muitos episódios, combativo, radical e irônico. Durante embates com opositores, fez da imprensa sua principal tribuna para atacar e defender-se. As escritas exaltadas e as acusações recíprocas tornavam-se chamariscos para os leitores, apreensivos pelos desdobramentos que se faziam a cada publicação de um novo artigo. Por outro lado, as disputas ideológicas faziam-se, principalmente, por meio das páginas dos jornais. Como meio de comunicação mais influente, a imprensa permitiu que se criassem diálogos abertos entre as diferentes tipografias, incluindo as oficinas em que se registrava a presença de Koseritz. Essa interlocução entre os jornais não foi marcada, somente, pela hostilidade, mas, igualmente, pela combinação de interesses comuns, formando frentes compartilhadas de atuação.

Além de um espaço privilegiado para estabelecer vínculos com os leitores, os jornais contribuíam para consolidar relações políticas, sociais, culturais e, até mesmo, econômicas. A publicação de anúncios comerciais e industriais, a exemplo do *Deutsche Zeitung* e do *Koseritz' Deutsche Zeitung*, demonstrava a ligação de Koseritz com a elite econômica teuto-brasileira. Se essas empresas tipográficas sempre dependeram, em parte, dos valores arrecadados através da venda de espaços para anúncios, por outro lado deve-se considerar que a escolha por esses jornais dependeu, também, da abrangência dessas folhas, da credibilidade que os periódicos sustentavam diante do seu público, além da proposta de imprensa que se apresentava aos leitores. Portanto, a divulgação de estabelecimentos comerciais, de indústrias de bens manufaturados, de lojas importadoras, de empresas de transporte fluvial, e de serviços em geral, permite visualizar as aproximações que se fizeram no

campo das relações estratégicas, proporcionando, ao mesmo tempo, apoio aos discursos que Koseritz empreendeu na imprensa.

Tendo em vista a importância e o papel dos periódicos, é fundamental entender que a imprensa oitocentista foi, igualmente, um espaço ocupado pela intelectualidade rio-grandense. Dito isso, a atuação de Koseritz como intelectual do Rio Grande do Sul faz-se compreender, obrigatoriamente, pelos seus registros materializados em almanaques e jornais, dos quais se pode apreender a complexidade do seu pensamento. Da mesma forma, por meio dos periódicos é que Koseritz estabeleceu as interfaces culturais com outros movimentos, como demonstramos ser o caso de sua relação com a *Escola do Recife*. Aliás, a circularidade da informação por meio dos impressos reforça a impressão sobre o crescente desenvolvimento da imprensa brasileira. Como foi possível demonstrar a partir de alguns casos, notícias a respeito de Koseritz podiam ser lidas em diferentes jornais do Império brasileiro, como em folhas estrangeiras. Em outros casos, os periódicos locais compartilhavam informações procedentes de outras regiões. Paralelamente a isso, os jornais não se restringiam a contornos geográficos próximos e limitados. Pelo contrário, as publicações produzidas por Koseritz, em Porto Alegre, chegaram às mãos do Imperador, ao mesmo tempo em que as folhas redigidas em língua alemã chegavam a circular na Europa. Publicações da Alemanha chegaram a circular em Porto Alegre, fato que permitiu que redatores de jornais locais pudessem tratar de episódios que ocorriam na Alemanha. Sintonizavam-se certas situações que ocorriam fora do país com as circunstâncias regionais. No interior desse movimento, por exemplo, as folhas *Kölnische Zeitung*, de Colônia, e *Germania*, de Berlim, apareciam mencionadas em breves notícias ou em artigos sobre o *Kulturkampf*. A agência de distribuição em Berlim, para o *Koseritz' Deutsche Zeitung*, bem como as repercussões do caso da colônia de São Feliciano, e a forma como Koseritz passou a conhecer o trabalho realizado pelo sergipano Tobias Barreto são demonstrações adicionais e suficientes para colocar em evidência os itinerários assumidos pela produção de informações e de notícias presentes no meio impresso.

Há que se ressaltar que, ao lado do viés cientificista e à tarefa de redator de periódicos, Karl von Koseritz destacou-se também como político. Seus discursos transitavam na imprensa e faziam-se ouvir na tribuna da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Colocou em pauta temas que denunciavam a falta de assistência

governamental, e propôs alternativas para resolvê-la. Defendeu os interesses de alemães e teuto-brasileiros, para os quais o germanismo seria a principal força unificadora. Ao mesmo tempo, dirigiu críticas severas ao governo provincial, destacando a falta de atenção do governo provincial e imperial à parcela da população originária da imigração alemã para o Rio Grande do Sul.

Seu papel como articulador intelectual e político, e como grande líder da população de origem alemã no Rio Grande do Sul, demonstra que Koseritz constituía uma via de pensamento alternativa, em contraponto às tradicionais forças presentes na província e, particularmente, nas regiões coloniais. Nesses espaços, predominavam orientações de cunho religioso, marcadas pela presença do catolicismo e do protestantismo. Durante longos anos, Koseritz travou importantes embates contra autoridades clericais, notadamente, por meio dos jornais. Seus pressupostos liberais, aliados à vertente maçônica, contribuíram para que fossem sistematizadas as frentes de ataque contra os *Mucker*, os jesuítas e os pastores luteranos. Na década de 1870, seu discurso ocupou-se em romper com os princípios filosófico-religiosos, assumindo uma postura radicalmente anticlerical. Nessa disputa, os jornais representavam, mais uma vez, as principais linhas de ataque e de defesa. As críticas anticlericais que estavam presentes em artigos, notícias e contos, dirigiram-se, principalmente, aos representantes da *Companhia de Jesus*. Embora os argumentos do materialismo científico constituíssem a principal bagagem para construir a oposição, ficava evidente, por meio de alguns textos redigidos por Koseritz, que as objeções aos jesuítas faziam-se, também, pela defesa do germanismo. Esse aspecto sugere que se devam enxergar as correlações com os eventos na Alemanha, como o *Kulturkampf*, o que explica o discurso antijesuítico que se vale tanto de elementos científicos quanto anticlericais e étnico-culturais.

Koseritz promoveu um amplo debate sobre a ciência, posicionando-se criticamente diante de um contexto que considerava retrógrado, arcaico, enclausurador, e marcado pela superstição. Porém, não significa restringi-lo ao papel panfletário de uma nova concepção, em meio às agitações culturais iniciadas a partir da década de 1870. De forma especial, preocupou-se em analisar e compreender, sob o olhar liberal e científico, algumas questões de caráter político, social, naturalista e literário. É neste sentido que Koseritz pode e deve ser considerado um intelectual, pois, além de colocar em trânsito as ideias de importantes expoentes do pensamento nacional e europeu, no Rio Grande do Sul e

no Brasil, soube também trazer um traço propriamente notável e inédito a todo este conjunto, reinterpretando algumas questões para o seu contexto, bem como para o debate intelectual realizado em diferentes partes do Brasil. A principal contribuição de Koseritz não se encontra restrita, somente, às atividades que exerceu como redator de jornais, como pretenderam alguns estudos, ao diminuir sua representação como “sábio” do século XIX. Ao contrário dessas observações, Koseritz teve uma participação importante no desenvolvimento de um pensamento liberal e filosófico-racional brasileiro. Ao produzir seus textos para a imprensa, colaborou para que as novas ideias fossem popularizadas, atingindo projeções significativas no meio social. Guardadas as especificidades da intelectualidade científica do período, Koseritz apresentou-se, através dos periódicos, como divulgador publicista de uma nova racionalidade – liberal e cientificista –, traço comum à função dos pensadores oitocentistas. Se as obras e os relatórios originais de estudos europeus não eram objetos recorrentes de leitura no Brasil, compreende-se que a divulgação dessas ideias deu-se pelo conjunto de escritas presentes em estudos econômicos, literários, filosóficos e etnológicos. Assim como as intersecções entre pensadores constituíram-se pelo papel desempenhado pela imprensa, a difusão dos valores e dos conceitos da nova ciência recebeu suporte das páginas das mais diferentes folhas, fossem elas voltadas ao cotidiano e aos interesses específicos de um grupo de leitores, como pela característica editorial que assumiam desde o momento em que eram lançadas ao público. Dessa forma, notícias e artigos escritos por Koseritz acerca desses temas encontravam-se generalizados em quase todos os empreendimentos tipográficos em que tomou parte como colaborador ou redator. Essa perspectiva criou condições para que seus contemporâneos o enxergassem como “homem das ciências”, reconhecido pela sua cultura e erudição.

Na tarefa de promover a discussão e a propagação das então recentes concepções que agitavam o contexto cultural, engajou-se por atividades que ultrapassavam a tarefa em reproduzir, exclusivamente, as ideias que ascendiam no campo científico europeu. Os escritos etnológicos de Koseritz são capazes de revelar, por exemplo, a preocupação em proceder de acordo com os propósitos da racionalidade em voga. Seus estudos voltavam-se às descobertas, à pesquisa, à descrição, à análise, ao diálogo com teorias e pensadores, e, finalmente, à elaboração de conclusões. Essa postura investigativa pode ser encontrada, com tais características, a partir da leitura de inúmeros textos impressos para os jornais,

como os estudos sobre o folclore gaúcho, as “Cartas da Corte” pelas quais descreveu suas impressões na Capital do Império, e os artigos que compuseram, mais tarde, sua primeira produção voltada a dialogar com os princípios do liberalismo, aplicados ao campo econômico brasileiro. Ao *Resumo de Economia Nacional*, Koseritz chegou a fazer ressalvas, considerando ser um estudo pequeno, com deficiência, certamente. Por outro lado, demonstrava que seu trabalho era precursor, diante da escassa produção literária sobre o tema no Brasil. Como intelectual, propôs aproximações a partir das ideias presentes nas ciências dos “grandes mestres europeus” e as circunstâncias do Brasil.

Além da obra econômica que resultou de uma série de artigos anteriormente publicados na imprensa, outros livros foram anunciados a partir dessa mesma lógica. Koseritz considerava que as páginas dos jornais eram efêmeras. As ideias e o conteúdo impressos nas páginas dos periódicos eram, a seu ver, passageiros, sujeitos ao esquecimento. Assim, algumas obras nasceram a partir do resgate de alguns escritos, compilados em torno de temas que correspondiam a questões centrais de seu pensamento e de sua atuação. Dedicados aos leitores, pode-se entender que esses mesmos volumes repetiam o público que os escritos tinham através dos jornais, tendo em vista o interesse manifestado por leitores, como destaca Koseritz, motivando-o a transcrever seus registros para outros formatos. Os livros não constituíam, para Koseritz, a materialidade passageira e perecível aplicada à imprensa. Nesses empreendimentos, cabe ressaltar a relação mantida com outras tipografias e livrarias da Capital da província, como foi o caso da *Livraria Americana* e de *Gundlach & Comp.*, fundamentais para ampliar e difundir o pensamento de Koseritz por meio de outros materiais.

Embora reivindicasse uma imprensa livre e isenta, como anunciou ao lançar a *Gazeta de Porto Alegre*, Koseritz acabou reproduzindo as características doutrinárias que eram seguidas por todos os jornais do século XIX. Seu discurso periodista permite encontrar os veios que o orientaram e o conduziram, sem esquecer-se das redes sociais, políticas e culturais que se fazem apreender pelas escritas. O *Jornal do Comércio*, de orientação liberal, a folha maçônica *A Acácia*, *A lanterna* e seus pressupostos voltados à inovação científica e literária, as referências à *Escola do Recife* em *O Combate*, as questões da germanidade, do anticlericalismo, das escolas filosóficas brasileiras e europeias, da literatura naturalista, da relação com o monismo de Ernst Haeckel, exploradas pelo *Deutsche*

Zeitung, *Koseritz' Deutscher Volkskalender* e *Koseritz' Deutsche Zeitung*, o programa político de *A Reforma*, todos são amostras do comportamento seguido por proprietários e editores, atribuindo padrões ideológicos à pauta de temas que eram abordados nos sucessivos números lançados ao público. Por outro lado, propor certa preponderância de um determinado esquema de pensamento sobre outros não contribui para compreender o significado intelectual da figura de Koseritz. Neste sentido, há sim uma orientação doutrinária, marcada pela presença do liberalismo, do germanismo e da cientificidade, que organiza e estrutura sua produção, mesmo com imperfeições, limites e contradições.

Das diversas orientações doutrinárias encontradas na imprensa de Porto Alegre, surgiram alguns dos embates presenciados tanto no interior das oficinas tipográficas, quanto pela oposição entre redatores e editores de jornais concorrentes. A saída de Koseritz, por exemplo, de um dos jornais de língua alemã mais tradicionais da província, foi ocasionada pelas diferenças com os sócios-proprietários do *Deutsche Zeitung*, motivando-o a fundar a sua própria folha, que logo alcançou prestígio entre os teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul. A esse contexto de disputas, cabe ressaltar as desavenças com os jesuítas, com o pastor Rotermund – vindo a reconciliar-se mais adiante –, com o líder conservador José Bernardino da Cunha Bittencourt, e com a ala republicana de *A Federação* – como bem expressa a relação de enfrentamento com Júlio de Castilhos. De maneira geral, a imprensa carregava consigo traços de combatividade permanente, suscitando intensas rivalidades, criando jogos discursivos, com acusações que desencadeavam novas respostas de defesa e de ataque, sucedidas por réplicas e tréplicas. Nesse processo, os jornais transformavam-se em arenas, onde a luta ideológica exigia habilidades eficientes dos envolvidos. Nesses casos, Koseritz demonstrou ser um redator bastante habilidoso. Com argumentação objetiva e eficiente, lançou-se contra os opositores, definindo estratégias para as afrontas que também recebeu, além de defender-se de acusações que o definiam como um personagem incoerente, volúvel e inconstante. Em relação às mudanças de opinião ao longo de sua trajetória, é possível identificar posicionamentos diferentes na imprensa, que se modificaram com o tempo, revelando sua forma pragmática de lidar com os cenários políticos, em especial. Como destacamos ao longo dessa tese, existem circunstâncias históricas para explicar as contradições e o pragmatismo de Koseritz: o afastamento e a aproximação com Gaspar Silveira Martins, o trabalho que

desenvolveu nos órgãos oficiais do Partido Conservador e do Partido Liberal, sua atuação no movimento abolicionista mesmo sendo proprietário de escravos, as críticas que desferiu contra os representantes da Casa Imperial, substituídas pela apologia ao sistema monárquico, durante a década de 1880. Para algumas questões reconheceu mudanças. Em outras, insistiu na coerência do seu pensamento.

Koseritz tornou-se importante ator cultural. Defendeu, entre outros aspectos, as mudanças literárias, a partir do movimento Naturalista/Realista. Além disso, foi um dos principais expoentes a questionar a validade do mundo religioso, valendo-se da postura racionalista e científica, para propor um novo conjunto ideológico. Diante de um contexto brasileiro marcado por profundas transformações, Koseritz assistiu aos episódios que libertaram, oficialmente, todos os escravos, em 1888, da mesma maneira em que presenciou as mudanças acionadas na política do país, a partir 15 de novembro de 1889. Atento à realidade de sua segunda pátria, promoveu leituras sobre as estruturas econômica, social e política do Brasil, sem perder de vista algumas alternativas para superar problemas e dificuldade que comprometiam o desenvolvido da nação. Assim, investiu em falas que exigiam do governo investimentos em ferrovias, construção de pontes e de portos, abertura de estradas que favorecessem o escoamento da produção, acesso ao ensino básico, incentivo maior aos empreendimentos imigratórios e ao processo de colonização, mudanças na estrutura fundiária, com prioridade para a pequena propriedade policultora, separação entre Estado e Igreja, garantia total de cidadania aos alemães e aos teuto-brasileiros, entre tantas outras coisas. O pensamento crítico, sustentado pelos princípios liberais, projetou-se sobre a realidade do Brasil, ao mesmo tempo em que o discurso contundente também prevaleceu na reivindicação de uma pauta política. Suas propostas ganhavam força na tribuna do parlamento gaúcho, mas foi através da imprensa que seu nome foi associado à figura de um líder, preocupado em defender os interesses e as necessidades das regiões coloniais da província.

Não menos importante é concluir que a riqueza e a complexidade em Karl von Koseritz está diretamente relacionada aos itinerários intelectuais ligados aos quadros da imprensa, mobilizando redes de interação que se davam desde os agentes de divulgação local, além de colaboradores e correspondentes, até os movimentos intelectuais europeus. Nesse sentido, vários exemplos podem ser citados, corroborando a visão que se tem para a segunda metade do século, como um momento de grande efervescência cultural – o colaborador Emil Schlabit, da

colônia de Forqueta, os naturalistas Theodor Bischoff e Hermann von Ihering, de Taquara do Mundo Novo, Ferdinand Schmid, do Rio de Janeiro e de Berna (Suíça), Tobias Barreto e Silvio Romero, do Recife, Ernst Haeckel, da Alemanha, Sacher-Masoch, da Áustria, Teófilo Braga, de Portugal. Como se pode perceber, a partir do nome de Koseritz definiram-se importantes interfaces com outros ambientes, cujo resultado se apreende pela definição de diálogos, de trocas e de influências recíprocas. Somado a isso, o engajado em questões políticas, econômicas, sociais, científicas, literárias e culturais no Rio Grande do Sul, mantém a mesma perspectiva para visualizar os cruzamentos e encontros intelectuais na província, na medida em que são explorados os espaços onde esteve demarcada a presença da elite erudita local. Deste modo, é possível ver as aproximações entre vários personagens, não somente por meio de partidos, sociedades e associações, como o *Partenon Literário*, a maçonaria gaúcha, a Assembleia Legislativa e o Partido Liberal, mas, inclusive, através de empreendimentos tipográficos. Os jornais permitiam a formação de pares – homens ligados pelo mesmo propósito, como fizeram Koseritz e Argemiro Galvão nos jornais *Eco do Ultramar* e *O Combate*, reencontrados, também, no *Partenon Literário*. Outros nomes podem servir de modelo para retratar alguns percursos compatíveis entre si, como o de Gaspar Silveira Martins, associando-o à Assembleia, à maçonaria, ao Partido Liberal, ao jornal *A Reforma*, ou de Emil Wiedemann, sócio-proprietário do *Deutsche Zeitung*, foi maçom, e um dos responsáveis pela contratação de Koseritz como redator-chefe, em 1864.

Finalmente, a apresentação dessa tese reforça a importância que Karl von Koseritz assume para a história do Rio Grande do Sul. Ele permanece como uma das principais referências para compreender a imprensa da segunda metade do século XIX. O estudo que aqui apresentamos demonstra as diferentes possibilidades criadas por Koseritz, através dos jornais, dos quais se apreendem, igualmente, seus entusiasmos, sua dedicação, suas controvérsias e seus engajamentos. Intelectual do seu tempo, fez dos seus periódicos os principais instrumentos de divulgação ideológica.

“Não importa: O futuro aí vem e a história fará justiça aos espíritos que se empenham pela regeneração do pensamento brasileiro”.⁹⁶⁵

⁹⁶⁵ *Gazeta de Porto Alegre*, 4/3/1879.

REFERÊNCIAS

ABENDSCHEIN, Hartmut. *Dranmor*. Oberhausen: ATHENA-Verlag, 2012.

ACADEMIA Brasil-Europa. *Economia – História Colonial – Alegoria*. Ciclo de estudos com especial consideração da esfera hanseática e da história das marinhas. Revista da Organização de estudos culturais em contextos internacionais. V. 6, n. 91, 2004. Disponível em: <<http://www.revista.akademie-brasil-europa.org/Internet-Corres3/CM92-05.htm>>. Acesso em 21 de dez. de 2014.

ALVES, Francisco das Neves. A imprensa. In: PICOLLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira. *Império*. História Geral do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Méritos, 2006. Volume 2.

ALVES, Francisco das Neves. O periodismo gaúcho no século XIX: breves impressões históricas. *Biblos*, Rio Grande, v. 23, n. 2, p. 137-166, 2009.

ALVES, Francisco das Neves. Fazendo História no Rio Grande do Sul à virada do século XIX: o trabalho de Alfredo Ferreira Rodrigues. *Historiæ*, Rio Grande, v. 2 n.1, p. 9-24, 2011, p. 16.

ARAÚJO, Rodrigo Cardoso Soares de. Laços de identidade numa leitura de Karl von Koseritz. *Revista de História UEG*, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 65-85, jan.-jun, 2012.

ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar. *Editoras e tipografias no Rio Grande do Sul*: publicação e circulação de livros didáticos. Disponível em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/res/trab_6_52.htm>. Acesso em 4 de set. de 2013.

AXT, Gunter. *Constitucionalidade em debate*: a polêmica Carta estadual de 1891. Disponível em <https://www.tjrs.jus.br/export/poder_judiciario/historia/memorial_do_poder_judiciario/memorial_judiciario_gaucha/revista_justica_e_historia/issn_1676-5834/v2n3/doc/13-Gunter_Axt.pdf> Acesso em 3 de fev. de 2015.

BARRETO, Abeillard. *Bibliografia Sul-Riograndense*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1976.

BARRETO, Gustavo. **Sociedade Central de Imigração**: Em defesa do eurocentrismo e contra a 'ameaça' do 'elemento chinês', cujo 'ódio à raça branca é innato'. Disponível em <<http://midiacidada.org/sociedade-central-de-immigracao-em-defesa-do-eurocentrismo-e-contra-a-ameaca-do-elemento-chinez-cujo-odio-a-raca-branca-e-innato/>> Acesso em 27 de dez. de 2014.

BARRETO, Luiz Antonio. Tobias Barreto: uma bio-bibliografia. In: CENTRO de Documentação do Pensamento Brasileiro. **Tobias Barreto (1839-1889)**. Bibliografia e Estudos críticos. Disponível em http://www.cdpb.org.br/tobias_barreto.pdf> Acesso em 11 de out. de 2011.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **Literatura e Crítica na Imprensa do Rio Grande do Sul (1868-1880)**. Porto Alegre: ESTSLB, 1982.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **A crítica literária no Rio Grande do Sul**: do romantismo ao modernismo. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 1997.

BECKER, Klaus (org.) **O Rio Grande Antigo**. Enciclopédia Rio-Grandense. Canoas: Editora Regional Ltda., 1956.

BECKER, Klaus. Imprensa em língua alemã (1852-1889). In: BECKER, Klaus (org.) **O Rio Grande Antigo**. Enciclopédia Rio-Grandense. Canoas: Editora Regional Ltda., 1956, p. 265-282.

BECKER, Klaus. **Alemães e descendentes do Rio Grande do Sul na Guerra do Paraguai**. Canoas: Hilgert PAH & Filhos Ltda, 1968.

BENTO, Cláudio Moreira. **Estrangeiros e descendentes na história militar do Rio Grande do Sul**: 1635 a 1870. Porto Alegre: A Nação, 1976.

BAUMER, Franklin Le Van. **O pensamento Europeu Moderno**. Volumes II – Séculos XIX e XX. Lisboa: Edições 70, 1977.

BIEHL, João Guilherme. **Jammerthal**. O vale da lamentação. Crítica à construção do messianismo Mucker. Santa Maria. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Maria, 1991.

BIEHL, João Guilherme. A guerra dos imigrantes: o espírito alemão e o estranho Mucker no sul do Brasil. In: **Psicanálise e colonização**: leituras do sintoma social no Brasil. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999, p. 148-168.

BIER, Augusto Franke. **Ítalo-gaúchos e teuto-gaúchos**: o desenho de humor no resgate da identidade. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/074dd46788525735a6a61e3011ca19d8.pdf>>. Acesso em 2 de jan. de 2015.

BRASIL. Constituição (1824) Constituição Política do Império do Brazil. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm>. Acesso em 24 out. 2014.

BRAUN, Felipe Kuhn. **O jornalismo de almanaque como fonte de conhecimento**: um retrato das colônias alemãs no começo do século XX. Novo Hamburgo: Feevale. Trabalho de Conclusão (Licenciatura em História), Universidade Feevale, 2010.

BREIDBACH, Olaf. Die Selbstinszenierungen von Ernst Haeckel. In: KIESOW, Rainer Maria; SCHMIDGEN, Henning. **Inszeniertes Wissen**: Formen und Medien der Repräsentation. Berlin: Akademie Verlag Paragrana, 2006.

BREIDBACH, Olaf. Haeckel-Rezeption um 1900. In: JOHN, Jürgen; ULBRICHT, Justus H.. **Jena**. Ein nationaler Erinnerungsort? Köln: Böhlau Verlag Köln Weimer Wien, 2007, p. 431-444.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Editora da USP, 1988.

CARATTI, Jônatas Marques. **O solo da liberdade**: as trajetórias da preta Faustina e do pardo Anacleto pela fronteira rio-grandense em tempos do processo abolicionista uruguaio (1842 – 1862). São Leopoldo: Unisinos, 2010. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2010.

CARNEIRO, José Fernando. **Karl von Koseritz**. Porto Alegre: IEL, 1959.

CARVALHO, José Murilo. **A construção da ordem**: a elite política imperial. Teatro de Sombras: a política imperial. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, Relume-Dumará, 1996.

CARVALHO, José Murilo. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topoi**, Rio de Janeiro, n. 1, pp. 123-152, 2000.

CATROGA, Fernando de Almeida. **Os inícios do positivismo em Portugal**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1977.

CENTRO de Documentação do Pensamento Brasileiro. **Tobias Barreto (1839-1889)**. Bibliografia e Estudos críticos. Disponível em http://www.cdpb.org.br/tobias_barreto.pdf> Acesso em 11 de out. de 2011.

CESAR, Guilhermino. Carlos von Koseritz. In: **Fundamentos da cultura Rio-Grandense**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1954-1960. 3 volumes.

CESAR, Guilhermino. Koseritz e o Naturalismo. Porto Alegre: UFRGS. **Organon**, n. 12, 1968.

CESAR, Guilhermino. **História da literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1971.

COLUSSI, Elaine Lúcia. **Plantando ramos de acácia**: a maçonaria gaúcha na segunda metade do século XIX. Porto Alegre: Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, 1998. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade

Católica do Rio Grande do Sul, 1998. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp000278.pdf>> Acesso em 20 de jun. de 2011.

COLUSSI, Elaine Lúcia. **A maçonaria gaúcha no século XIX**. Passo Fundo: UPF, 2011.

CONFORTO, Marília; VELHO, Michel Quadros. Ruas, praças, porto e casas. Breves considerações sobre o espaço urbano porto-alegrense no relato dos viajantes do século XIX. **Travessias**. Disponível em <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/2886/2283>> Acesso em 19 de set. de 2013.

CUNHA, Jorge Luiz. **Os colonos alemães de Santa Cruz e a Fumicultura**. Santa Cruz do Sul. Rio Grande do Sul (1849-1881). Curitiba: UFPR, 1988. Dissertação (Mestrado em História), Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, 1988.

DALMÁZ, Mateus. **A imagem do terceiro Reich na Revista do Globo (1939 – 1945)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

DICKIE, Maria Amélia Schmidt. Dos “Senhores do Sul aos Brummer”: a trajetória da construção social do trabalho. (R.S.: 1824 -1880). In: XIII Encontro Anual da ANPOCS, 1989, Caxambu. **Anais**. p. 1-20.

Disponível em

<http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=6718&Itemid=368> Acesso em 16 de jan. de 2015.

DICKIE, Maria Amélia Schmidt. **Afetos e circunstâncias**. Um estudo dos Mucker e de seu tempo. São Paulo: USP. Tese (Doutorado em Antropologia Social), FFLCH, Universidade de São Paulo, 1996.

DIENSTBACH, Carlos. **A maçonaria gaúcha**. História da maçonaria e das lojas do Rio Grande do Sul. Londrina: A Trolha, 1993.

DILLENBRUG. Sérgio Roberto. **Grandes nomes da comunicação**: Carlos von Koseritz. Porto Alegre: Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa/IEL/CORAG, 1998.

DINIZ, Carlos Francisco Sica. **João Simões Lopes Neto**: uma biografia. Pelotas: UCPEL/AGE, 2003.

DOSSE, François. **La marcha de las ideas**. Historia de los intelectuales, historia intelectual. Valência; PUV, 2007.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**. Escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2009.

DORS, Marinês. O Líder dos Imigrantes: por uma biografia a Karl von Koseritz (1834-1890). In: XVII Simpósio de História da Imigração e da Colonização, 2006,

São Leopoldo. **Anais**. Imigração e Relações Interétnicas. São Leopoldo : Oikos, 2008.

DRANMOR. Disponível em <<http://www.abendschein.ch/site/weblog/C4/P32/>>. Acesso em: 07 de dezembro de 2014.

DREHER, Luís H.. O “liberalismo” e a situação religiosa: notas a partir da vida e obra de Carl von Koseritz. **Estudos Leopoldenses**, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 87-102, 1999.

DREHER, Martin Norberto. O movimento Mucker na visão de dois pastores evangélicos. In: DREHER, Martin N. **Peregrinação**: estudos em homenagem a Joachim Herbert Fischer pela passagem de seu 60º aniversário. São Leopoldo: Sinodal, 1990, p.102-112.

DREHER, Martin Norberto Dreher (org.). **Hermann Gottlieb Dohms**. Textos escolhidos. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

DREHER, Martin Norberto. **Igreja e germanidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

DREHER, Martin Norberto; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo. **Imigração & Imprensa**. Porto Alegre: EST / São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004.

DREHER, Martin Norberto. **Wilhelm Rotermund**. Seu tempo – Suas obras. São Leopoldo: Oikos, 2014.

DUARTE, Luiz Antônio Farias. **Imprensa e poder no Brasil (1901-1915)**. Estudo da construção da personagem Pinheiro Machado pelos jornais Correio da Manhã (RJ) e A Federação (RS). Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

ELMIR, Cláudio Pereira. Armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos PPG em História da UFRGS**. Porto Alegre, n. 13, dez., p. 21-22, 1995.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da USP, 1994.

FERREIRA, Athos Damasceno. **Jornais críticos e humorísticos de Porto Alegre no século XIX**. Porto Alegre: Globo, 1944.

FERREIRA, Athos Damasceno. **Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX**. Porto Alegre: Globo, 1962.

FERREIRA, Athos Damasceno. **Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 1975.

FERREIRA, Maria de Simone. **Da viagem aos museus e seus relatos**: Imagens do Brasil na narrativa de Carl von Koseritz (1883-1885). Rio de Janeiro: PUCRJ, 2009.

Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

FERREIRA, Maria de Simone. **Um olhar alemão sobre o Império do Brasil**: A viagem de Carl von Koseritz. Disponível em <<http://historiahoje.com/?p=2588>>. Acesso em 20 de dez. de 2014.

FERTIG, André. Valentos vingadores: os guardas nacionais riograndenses como símbolo do Império do Brasil. **Escritas**, Araguaína, v. 2. 2010. Disponível em <<https://revistahistoriauft.files.wordpress.com/2012/04/valentes-vingadores-os-guardas-nacionais-riograndenses-como-sicc81mbolos-do-impecc81rio-do-brasil.pdf>> Acesso em 30 de abr. de 2012.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. Carolina von Koseritz. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 9, n. 1-2, p. 100-110, 1983.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. Prefácio. In: **Memórias de Brummer**. Porto Alegre: EST, 1997.

FRANCA, Leonel. **Noções de história da filosofia**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

FRANCO, Sérgio da Costa. **A Assembleia Legislativa Provincial do Rio Grande do Sul (1835-1889)**: crônica histórica. Porto Alegre: CORAG, 2004.

FRANÇA, Cassandra Pereira; MACHADO, Júlia de Sena. Afinal, quem foi Sacher-Masoch? **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 419-434, junho, 2012.

GANS, Magda Roswita. **Presença Teuta em Porto Alegre no Século XIX (1850-1889)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GEHSE, Hans. **Die Deutsche Presse in Brasilien von 1852 bis zur Gegenwart**. Münster in Westfalen: Aschendorfsche Verlagsbuchhandlung, 1931.

GERTZ, René Ernaini. **O fascismo no Sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 34.

GERTZ, René Ernaini. **O perigo alemão**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1991.

GERTZ, René Ernaini (org). **Karl von Koseritz**. Seleção de Textos. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

GERTZ, René Ernaini. **O aviador e o carroceiro**: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920. Porto Alegre: Edipucrs, 2002, p. 35-36.

GERTZ, René. Imprensa e imigração alemã. In: DREHER, Martin; RAMBO, Blásio; TRAMONTINI, Marcos. **Imigração & imprensa**. Porto Alegre: EST, 2004.

GERTZ, René E. A República no Rio Grande do Sul: política, etnia e religião. **História Unisinos**, v. 14, n. 1, p. 38-48, jan.-abr., 2010.

GEVEHR, Daniel Luciano. “Se o padre fala mal dela é verdade”: Representações da líder do movimento Mucker na perspectiva jesuítica do século. In: III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, Londrina. **Anais**. Londrina: UEL, 2014.

GEVEHR, Daniel Luciano. “A mulherzinha doida e histérica que pregava na colônia”: Jacobina Mentz Maurer no imaginário religioso do século XIX. In: BOBSIN, Oneide; SCHAPER, Valério Guilherme; REBLIN, Iuri Andréas (orgs.). **Cartografias do sagrado e do profano**: religião, espaço e fronteira. São Leopoldo: EST, 2014, p. 323-339.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força**: história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escritas de si**. Rio de Janeiro: FVG, 2004, p. 07-24.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. **Entre tinteiros e bagadus**: memórias feitas de sangue e tinta. A escrita da história em periódicos literários porto-alegrenses do século XIX (1856-1879). Porto Alegre: UFRGS, 2012. Tese (Doutorado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

GONÇALVES, Mariana Couto. **Se é muito o que aspiro, aos leitores, desde já, peço mil perdões por tal aspiração**”: Pelotas (re)vista a partir dos folhetins e crônicas de Bernardo Taveira Junior (1836-1892). Porto Alegre: PUCRS, 2014. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014.

GONÇALVES, Regina & Rosa, Regis L. A. **D. Pedro II e o jornalista Koseritz**. Rio de Janeiro: Viajante do Tempo, 2010.

GRÜTZMANN, Imgart. Almanques em língua alemã na América Latina (1895-1941): aproximações teórico-metodológicas ao tema. **Espaço Plural**, Toledo, n. 14, p. 14-17, 2006.

GRÜTZMANN, Imgart. Intelectuais de fala alemã no Brasil do século XIX: o caso Karl von Koseritz (1831-1890). **História Unisinos**, v. 11, n. 1, p. 123-133, janeiro/abril, 2007.

GRÜTZMANN, Imgart; DREHER, Martin Norberto; FELDENS, Jorge Augusto. **Imigração Alemã no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Oikos/Unisinos, 2008.

GRÜTZMANN, Imgart. Almanques em língua alemã na América Latina (1895-1941): aproximações teóricometodológicas ao tema. **Espaço Plural**, Unioeste, Ano VI, n. 14, p. 14-17.

HALL, Michael M. Reformadores de classe média no Império brasileiro: a Sociedade Central de imigração. **Revista de História**, São Paulo, n. 175, p. 147-171, 1976.

HOHLFELDT, Antonio. O Brasil nas diferentes leituras alemãs. In: VOLKMER, José Albano; ROCHA, Manoel André da; GERTZ, René Ernaini; RHODEN, Valério. **Retratos de cooperação científica do Instituto Cultural Brasileiro-Alemão**. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

HOHLFELDT, Antonio. A imprensa sul-riograndense entre 1870 e 1930. Dezembro, 2006. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Disponível em <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/118/117>>. Acesso em 17 de maio de 2012.

HOHLFELDT, Antonio; RAUSCH, Fábio Flores. **A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1937**: Discussão sobre critérios para uma periodização. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0431-1.pdf>>. Acesso em 02 de jan. de 2015.

HUBER, Valburga. Os imigrantes alemães e sua literatura. **Educação em Linha**, Rio de Janeiro, n. 15, jan.-mar, p. 08-10, 2011.

KAERCHER, Silvia Meirelles. **Carola**. Vera Cruz: Novitas, 2011.

KOCH, Walter. O Brasil, sua terra e sua gente, nos contos do *Koseritz's Deutscher Volkskalender für die Provinz Rio Grande do Sul* (1874-1890). In: I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, 1963, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: UFRGS, 1963.

KOEHNE, Reinhart. Die Aswirkung der Kulturkampfzeit auf das Deutschtum in Rio Grande do Sul. In: **Auslanddeutschtum und evangelische Kirche**. München: Cristhian Kaiser Verlag, 1936.

KOEHNE, Reinhart. **Karl von Koseritz und die Anfänge einer deutschbrasilianischen Politik**. Bochum, Pöppinhaus, 1937.

KOSERITZ, Carl von. **Imagens do Brasil**. São Paulo: Martins, Editora da USP, 1972.

KARL von Koseritz. Disponível em <<http://www.caiozip.com/koseritz.htm>>. Acesso em 9 de jan. de 2015.

KROB, Bruna Emerim. **Libertos sob cláusulas de prestação de serviços**. Os contratos de trabalho estabelecidos a partir das cartas de alforriaregistradas nos cartórios de Porto Alegre em 1884. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

KUNZ, Marinês Andrea Kunz; WEBER, Roswithia Weber. O Movimento Mucker e suas relações com a igreja católica e a protestante. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, São Leopoldo, v. 4, n. 8, dez., p. 136, p. 150, 2012.

KUNZLER, Evelise; GRÜTZMANN, Irmgart. Fora do cânone, dentro da cultura: relações transtextuais e a construção de identidades e diferenças na literatura de expressão alemã no Brasil em almanaques (1874-1941). In: XX Congresso de Iniciação Científica/ III Mostra Científica, 2011, Pelotas. *Anais*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2011.

LIMA, Angela Bernadete. Políticas imigratórias do final do séc. XIX: a Sociedade Central de imigração e a busca pela democratização do espaço rural brasileiro. In: II Congresso Internacional de História Regional, 2013, Passo Fundo. *Anais*. Disponível em <http://www.upf.br/historiaregional/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=110>. Acesso em 29 de dez. de 2014.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. “Não vos peço aplausos, a vós que pensais de maneira diversa”: uma breve introdução à trajetória do imigrante alemão Karl von Koseritz (1830 -1890). In: DREHER, Martin Norberto; TRAMONTINI, Marcos Justo (orgs.). Leituras e interpretações da imigração na América Latina: XVI Simpósio de História da Imigração e Colonização. *Anais*. São Leopoldo: OIKOS, 2007. p. 204-210.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanesi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, p. 111-153, 2006.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Pelotas Toda a Prosa*. Vol. 1 e 2. Pelotas: Armazém Literário, 2000,

MARQUES, Luiz Alberto de Souza. Memórias de um de um professor: a instigante história de vida do professor Frederico Michaelson - de imigrante contratado como soldado mercenário na guerra contra Rosas em 1851 (Argentina) a professor primário em colônia alemã do Rio Grande do Sul. *História da Educação*, Pelotas, v. 14, n. 30, p. 181-205, jan.-abr, 2010.

Disponível em: <<http://fae.ufpel.edu.br/asphe>> Acesso em 08 de agosto de 2013

MARTINO, Luiz C. Classificação e exame crítico da literatura sobre História da Comunicação. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael (org.) 15. *Comunicação e História: interfaces e novas abordagens*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p. 27-43.

MARTINS, Ana L. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. Contexto: São Paulo, 2011. p. 45-80.

MAUAD, Ana Maria. *Entre retratos e paisagens*: modos de ver e representar no Brasil oitocentista. Disponível em <<http://www.studium.iar.unicamp.br/15/01.html>>. Acesso em 20 de jun. de 2012.

MEDEIROS, Francine Castoldi. A viagem da Princesa Isabel a Porto Alegre em 1885: a questão de gênero na imprensa escrita e a representação do gaúcho sob o olhar da princesa. *Textura*, Canoas, n. 18, p. 40-55, 2008.

MELLO, Juliane Cardozo de. Novelas de Carlos de Koseritz: resgate e análise. In: II Seminário Interinstitucional de Pesquisa, 2012, Pelotas. *Anais*. Pelotas: UFPel/Centro de Letras e Comunicação/Grupo de Pesquisa ÍCARO, 2012.

MELLO, Juliane Cardozo. *Carlos de Koseritz*: reiluminando sua biografia e suas obras românticas esquecidas. Rio Grande: Furg, 2013. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande, 2013.

MELLO, Juliane Cardozo de. Carlos de Koseritz. In: *Dicionário de autores de Rio Grande do século XIX*. Disponível em <http://www.fontes.furg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4&Itemid=2> Acesso em 17 de abr. de 2013.

MENEZES, Tobias Barreto de. *Estudos Alemães*. Aracaju: Estado do Sergipe, 1926.

MANGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes/Ed. da UNICAMP, 1993.

MERCADANTE, Paulo. *Tobias Barreto na Cultura Brasileira*. Uma reavaliação. São Paulo: Grijalbo/USP, 1972.

MESQUITA, Maria Luiza de Carvalho. *O “Terceiro Reinado”*: Isabel de Bragança, a imperatriz que não foi. Vassouras: USS, 2009. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Severino Sombra, 2009.

MESQUITA, Pedro Teixeira. *Revista de Estudos Livres*. Disponível em <<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/RevistadeEstudosLivres.pdf>> Acesso em 26 de dez. de 2014.

MEYER, Augusto. *Guia do Folclore Gaúcho*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora, 1951.

MICHEL, B. *Sacher-Masoch (1836-1895)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre e suas escritas*: história e memórias da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MONTEIRO, Lorena Madruga. A Companhia de Jesus e a formação das elites católicas no sul do Brasil. *PLURA*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 136-152, 2011.

MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Narradores do Partenon Literário*. Porto Alegre: IEL: Corag, 2002.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. **Os cativos e os homens de bem**: experiências negras no espaço urbano. Porto Alegre – 1858-1888. Porto Alegre: EST Edições, 2003.

MORIN, Edagar. **A religião dos saberes**: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MOSSMANN SOBRINHO, Paulo Gilberto. Os deutsch-brasilianer na constituição política sul-riograndense, no final do século XIX: uma ameaça ao PRR no Alto Vale dos Sinos. In: RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio (orgs.). **A história da imigração e sua(s) escrita(s)**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

MOTTER, Ana Elisete. **As relações entre as bancadas teuta e luso-brasileira na Assembleia Legislativa Provincial Rio-Grandense (1881-1889)**. São Leopoldo: Unisinos, 1998. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação e História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1998.

MOTTER, Ana Elisete. As relações entre as bancadas teuta e luso-brasileira na Assembleia Legislativa Provincial Rio-Grandense (1881 – 1889). **Estudos Leopoldenses**: série história, v. 3, n. 2, p. 103-114, 1999.

MOURA, Reinaldo Araujo de. **O alvorecer do Naturalismo na prosa do Rio Grande do Sul**: Paulo Marques e Vênus ou o dinheiro (1881). Rio Grande: FURG, 2009. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande, 2009.

MÜLLER, Dalila. **“Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza”**: Espaços de Sociabilidade em Pelotas (1840-1870). São Leopoldo: Unisinos. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2010.

NEUMANN, Rosane Marcia. Correio Serrano: órgão dos interesses regionais. In: DREHER, Martin Norberto; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo. **Imigração & Imprensa**. Porto Alegre: EST / São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004, p. 190-209.

NEUMANN, Gerson Norberto. A temática da emigração alemã para o Brasil em obras de três autores da literatura alemã do século XIX: Amalia Schoppe, Friedrich Gerstäcker e Joseph Hörmeyer. **MÉTIS**: história & cultura, Caxias do Sul, v. 4, n. 8, p. 37-60, jul.-dez, 2005.

OBERACKER JR, Carlos H. **Carlos von Koseritz**. São Paulo: Anhambi, 1961.

OLIVEIRA, Ryan de Sousa. **Colonização alemã e poder**: a cidadania brasileira em construção e discussão (Rio Grande do Sul, 1863-1889). Brasília: UNB, 2008. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, 2008.

OLIVEIRA, Ryan de Sousa. Colonização alemã e cidadania: a participação política dos teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul (século XIX). **Textos de História**, Brasília, vol. 16, n. 2, p. 79-104, 2008.

PAIM, Antônio. **A Escola do Recife**. Londrina: UEL, 1997.

PAREDES, Marçal de Menezes. O cientificismo no Rio Grande do Sul e sua interface em Portugal: um estudo de recepção e troca cultural no final do século XIX. **Ciência & Letras**, Porto Alegre, n.41, p.241-254, jan./jun, 2007.

PAREDES, Marçal de Menezes. A Querela dos Originais: notas sobre a polêmica entre Sívio Romero e Teófilo Braga. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, Edição Especial, n. 2, p.103-119, 2006.

PEREIRA, Gilson Laone. **Ocupação pré-histórica do litoral norte gaúcho: um olhar sobre o invisível**. Porto Alegre: PUCRS, 2013. Dissertação (Mestrado em História), PUCRS, Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013.

PETRY, Leopoldo. **O episódio do Ferrabraz (Os Mucker)**. São Leopoldo: Rotermund, 1966.

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. **Vida Política no Século 19**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1992.

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. Religião e participação política. In: RAMBO, Arthur Blásio, FÉLIX, Loiva Otero (orgs.). **Revolução Federalista e os teuto-brasileiros**. São Leopoldo: Ed. Unisinos; Porto Alegre: Editora da Universidade/Ufrgs, 1995, p. 57-68.

PIVA, Mairim Linck. A Sociedade Partenon Literário e sua Revista. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). **Narradores do Partenon Literário**. Porto Alegre: IEL: Corag, 2002.

PORTO-ALEGRE, Achylles. **Homens Ilustres do Rio Grande do Sul**. Livraria Selbach, Porto Alegre, 1917.

RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio. **A história da imigração e sua(s) escrita(s)**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

RODRIGUES, Helenice. François Dosse. La Marche des Idées – Histoire des Intellectuels. Histoire Intellectuelle. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, n. 48, p. 355-358, 2004.

RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. **O Positivismo em Portugal e no Brasil – semelhanças e diferenças.** Disponível em <<http://www.ecsbdefesa.com.br/fts/PPBSD.pdf>>. Acesso em 26 de dez. de 2014.

ROMANCINI, Richard. História e Jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro. **Anais.** Disponível em <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/17413/1/R08631.pdf>> Acesso em 25 de abr. de 2012.

ROMERO, Silvio. **Lucros e perdas:** crônica mensal dos acontecimentos. Rio de Janeiro, Livraria Contemporanea de Faro & Lino, 1883.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo.** Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1993.

SEGA, Rafael Augustus. Getúlio Vargas e o Partido Republicano Rio-Grandense. **Fronteiras**, Dourados, v. 10, n. 18, jul.-dez., p. 195-210, 2008.

SCHMIDT, Benito. O Gênero Biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. **Anos 90.** Porto Alegre, v. 6, p.165-192, 1996.

SCHNEIDER, Luiz Alberto. **Sílvio Romero.** Hermeneuta do Brasil. São Paulo: Annablume, 2005.

SCHRÖDER, Ferdinand. **A imigração alemã para o Rio Grande do Sul.** São Leopoldo: Unisinos/Edipucrs, 2ª edição, 2003.

SCHULZ, Adilson. Descrição Cronológica do episódio Mucker. **Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia**, São Leopoldo, v. 2, jan.-dez, p. 8-15, 2003.

SCHUMAHER, Schuma. **Dicionário mulheres do Brasil:** de 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças.** Ciências instituições e questão racial no Brasil (1970-1930). São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

SERRA-Post Kalender. **Brasilianisches Jahrbuch**, Ijuí: Ulrich Löw, 1972.

SEYFERTH, Giralda. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 61-88, 1999.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e questão racial no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n.53, p. 117-149, mar.-maio, 2002.

SEYFERTH, Giralda. **Identidade étnica, assimilação e cidadania.** A imigração alemã e o Estado brasileiro. Disponível em

<http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm> Acesso em 25 de out. de 2012.

SEYFERTH, Giralda.. Etnicidade e cultura: a constituição da identidade teuto-brasileira. In: ZARUR, G. de C. Leite (Org.). **Etnia e nação na América Latina**. v. II. Washington DC, 1997. p. 17-36. Disponível em: <http://www.educoas.org/Portal/bdigital/contenido/interamer/interamer_45/Zar45_Seyf.asp?culture=en> Acesso em 23 de jul. de 2014.

SILVA, Haike R. K. da. A identidade teuto-brasileira pensada pelo intelectual Aloys Friederichs. **Anos Noventa**. v. 20/21. Jan.-dez., p. 295-330. 2005, p. 301.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996, p. 231-269.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: MAUAD, 1999.

SOUSA, Miguel. **Guia de tipos**. Disponível em <http://www.infoamerica.org/museo/pdf/guia_de_tipos05.pdf> Acesso em 16 de maio de 2012.

SOUSA, Celeste Ribeiro de. **Karl von Koseritz (1830 – 1890)**. Resumos Comentados. Disponível em <<http://www.martiusstaden.org.br/files/conteudos/0000001-0000500/97/2641d489eb790655253dcb37d16f2c3b.pdf>> Acesso em 25 de abr. de 2014.

SOUZA, Blau. **Uma no cravo, outra na ferradura**. Crônicas do Campo. Porto Alegre: AGE, 2004.

SPONCHIADO, Breno Antônio. **Projetos de colonização no Norte do Rio Grande do Sul – Século XIX**. Disponível em <<http://cdn.fee.tche.br/jornadas/1/s5a1.pdf>>. Acesso em 13 de jan. de 2015.

STAHL, Moisés. **O Solo e o Homem**: o problema da mão-de-obra no Império através dos escritos de Louis Couty. In: Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH - Associação Nacional de História, 2011. Disponível em <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308170767_ARQUIVO_GongressoAnpuh2011.pdf> Acesso em 27 de dezembro de 2014.

STEYER, Egon Frederico. **Aspirações da população de origem alemã, no Rio Grande do Sul, segundo a imprensa teuto-brasileira**. Porto Alegre: PUCRS, 1979. Dissertação (Mestrado em História da Cultura), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1979.

STRAUB, Ericson. **A tipografia gótica e sua identidade**. Disponível em <<http://abcdesign.com.br/por-assunto/teoria/a-tipografia-gotica-e-sua-identidade/>> Acesso em 27 de junho de 2012.

TERRA, Eloy. **As ruas de Porto Alegre**. Porto Alegre: Age, 2001

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995

TIBURSKI, João C. A litografia no Brasil e no Rio Grande do Sul. In: **Boletim Informativo do MARGS**, n. 24, jan/fev de 1985. Disponível em <http://www.margs.rs.gov.br/ndpa_sele_alitografia.php>. Acesso em 02 de jan. de 2015.

TSCHUDI, Johann Jacob. **Reisen durch Südamerika**. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1867. Volume 4.

VARELA, Alfredo. **Ensaios e críticas**. Formação do Rio Grande. Marcha para o oeste. Rio de Janeiro: Instituto América, 1948.

VAZ, Artur Emílio Alarcon; MELLO, Juliane Cardozo de. **Carlos von Koseritz**. Novelas. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Corag, 2013.

VOIGT, André Fabiano. **A invenção do teuto-brasileiro**. Florianópolis: UFSC, 2008. Tese (Doutorado em História), Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

WIRTH, Max. **Grundzüge der Nationalökonomie**. Köln: DuMont Schauberg, 1861.

WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol**. Estratégias políticas, imigração alemã, Rio Grande do Sul, século XIX. São Leopoldo: Oikos, 2008.

WEIZENMANN, João Nélio. **Emil und Paul Schlabit**. Manuscrito, [s.l.: s.n].

WERLE, André Carlos. **A revista de tropas do exército católico alemão**. Congressos Católicos na Alemanha e no Sul do Brasil. Florianópolis: UFSC, 2006. Tese (Doutorado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2006

WESCHENFELDER, Greicy. **A imprensa alemã no Rio Grande do Sul e o romance-folhetim**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

WOLF, Mauro. **A evolução da pesquisa sobre as comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FONTES DOCUMENTAIS

PUCRS: Delfos – Acervo Benno Mentz

<i>Deutsche Zeitung</i> : 1864, 1866, 1867, 1869, 1870, 1871, 1872, 1873, 1874, 1875, 1876, 1877, 1878, 1879, 1880, 1881, 1882, 1886, 1890.
<i>Koseritz' Deutscher Volkskalender</i> : 1874, 1875, 1876, 1877, 1878, 1879, 1880, 1881, 1883, 1884, 1885, 1887, 1888, 1890, 1891, 1892.
<i>Koseritz' Deutsche Zeitung</i> : 1881, 1882, 1883, 1884, 1885, 1886, 1887, 1888, 1889, 1890.

PUCRS: Acervo Júlio Heinzemann Petersen

KOSERITZ, Carlos von. <i>Reise Briefe</i> . Porto Alegre: Gundlach & Cia., 1887.
KOSERITZ, Carlos de. <i>Relatório da Administração Central das Colônias da Província</i> . Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, 1867.
Revistas do <i>Partenon Literário</i> : 1872, 1873, 1874
J. S. [Koseritz, Carlos von]. <i>Laura, também, Um perfil de mulher</i> . Porto Alegre: Livraria Americana, [s.d.].
KOSERITZ, Carlos de. <i>Resumo da Economia Nacional</i> . Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, 1870.
KOSERITZ, Carlos von. <i>Impressões d'Itália</i> . Porto Alegre: Gundlach & Cia., 1887.
KOSERITZ, Karl von. <i>Roma perante o século</i> . Porto Alegre: Livraria Americana, 1871.
KOSERITZ, Carlos von. <i>Bosquejos etnológicos</i> . Porto Alegre: Gundlach & Comp., 1884.
TAVEIRA JUNIOR, Bernardo. <i>Poesias Alemãs vertidas do original</i> . Porto Alegre: Tipografia do Deutsche Zeitung, 1875.

Museu de Comunicação Hipólito José da Costa

<i>Gazeta de Porto Alegre</i> : 9 de janeiro de 1879 a 30 de junho de 1879.
<i>O Combate</i> : 1886, n. 1
<i>Echo do Ultramar</i> : 1876, n. 1
<i>A sentinela do sul</i> : 1867 e 1868

Brado do Sul: novembro e dezembro de 1859; janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, novembro de 1860, agosto de 1861.

A Acácia : 1876

A Reforma: 1869, 1884, 1885, 1887

Biblioteca de Pelotas

Diário do Rio Grande (s.d.).

Brado do Sul: Sexta-feira, 30 de agosto de 1861, n. 41, Ano IV.

Noticiador: 16 de novembro de 1861, n. 798, Ano VIII

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Actas das sessões do Parthenon Literário, de Janeiro 1872 a Dezembro 1873

Atestados de honorabilidade de Karl von Koseritz

Memorial da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul

Anais da Assembleia Legislativa Provincial: 1883, 1884, 1885, 1886, 1887, 1888, 1889

Maçonaria Grande Oriente do Rio Grande do Sul

Ata do quadro de obreiros da loja *Zur Eintrach*

Mercantil: 1890

A Reforma: 1890

A Federação: 1890

Unisinos – Acervo documental e de pesquisa – Memorial Jesuíta

Deutsche Post: 1884, 1885, 1886, 1887, 1888, 1889, 1890.

Google Digital

Globus – 1863, 1865, 1866

KOSERITZ, Karl. ***Bilder aus Brasilien***. Leipzig/Berlin: Verlag von Wilhelm Friedrich – Königliche Hofbuchhandlung, 1885.

Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional

<http://hemerotecadigital.bn.br/>

O Paiz: 1886, 1887, 1890

A Federação: 1885, 1886, 1887, 1888, 1889, 1890.

O Apóstolo: 1888.

Deutsch-Brasilianische Warte: 1885.

O Globo: 1875, 1877, 1882, 1883.

Hemeroteca Municipal de Lisboa

[http://hemerotecadigital.cm-](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/RevistadeEstudosLivres/RevistadeEstudosLivres.htm)

[lisboa.pt/Periodicos/RevistadeEstudosLivres/RevistadeEstudosLivres.htm](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/RevistadeEstudosLivres/RevistadeEstudosLivres.htm)

Revista de Estudos Livres – 1883, 1884, 1885, 1886

A expiação. Um conto da colônia. **Koseritz' Deutscher Volkskalender für die Provinz Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 1874, p.37-99. Tradução de Alceu João Gregory e revisão de Celeste Ribeiro de Sousa.

Disponível em <http://www.martiusstaden.org.br/files/conteudos/0000001-0000500/97/3beec466d26f3bd04e0b3079094493e4.pdf>. Acesso em 25 de abr. de 2014.

Para glória máxima de Deus. Um conto da colônia. Koseritz' Deutscher Volkskalender für die Provinz Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1874, p.37-99. Transcrição integral do texto, realizada por Thomas Keil.

Disponível em <http://www.martiusstaden.org.br/files/conteudos/0000001-0000500/97/7f6a1135ef8cd4aba30ae1b492e3511f.pdf> Acesso em 25 de abr. de 2014.

O jesuíta. Um conto da colônia. Koseritz' Deutscher Volkskalender für die Provinz Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1874, p.37-99. Transcrição integral do texto, realizada por Thomas Keil.

Disponível em <http://www.martiusstaden.org.br/files/conteudos/0000001-0000500/97/107fd5ab8f8ed6303a31ca82411b0e91.pdf> Acesso em 25 de abr. de 2014.